

Carneiro Vilela

A emparedada  
da Rua Nova

Cepe  
EDITORA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Carneiro Vilela

# A emparedada da Rua Nova

5ª edição

**CEPE**  
EDITORA

[editora.cepe.com.br](http://editora.cepe.com.br)

## **Governo do Estado de Pernambuco**

*Governador do Estado*

Eduardo Henrique Accioly Campos

*Vice-Governador*

João Lyra Neto

*Secretário da Casa Civil*

Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

## **Companhia Editora de Pernambuco**

*Diretor Presidente - Interino*

Bráulio Mendonça Meneses

*Diretor de Produção e Edição*

Ricardo Melo

*Diretor Administrativo e Financeiro*

Bráulio Mendonça Meneses

## **Conselho Editorial**

*Presidente* - Everardo Norões

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

*Produção Editorial*

Marco Polo Guimarães

*Direção de Arte*

Luiz Arrais

© 2013 Carneiro Vilela  
Companhia Editora de Pernambuco

Direitos reservados à  
Companhia Editora de Pernambuco – Cepe  
[Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro](#)  
CEP 50100-140 – Recife – PE  
Fone: 81 3183.2700

V699e Vilela, Carneiro, 1846 - 1913  
A emparedada da Rua Nova / Carneiro Vilela ; apresentação  
Lucilo Varejão Filho. – 5. ed. – Recife : Cepe, 2013.  
518p. : il.  
1. Ficção Brasileira – Pernambuco. I. Varejão  
Filho, Lucilo, 1921-2010. II. Título.  
CDU 869.0(81)-3 CDD B869.3  
PeR – BPE 13-361  
ISBN 978-85-7858-174-9

# Sumário

Folha de Rosto

Ficha Catalográfica

Prefácio 5ª edição: Anco Márcio Tenório Vieira

Prefácio 5ª edição: Notas

Prefácio 4ª edição: Lucilo Varejão Filho

Prefácio 4ª edição: Notas

Primeira parte - O cadáver da Suaçuna

I Quem será?

II Esclarecimentos que nada esclarecem

III Um fio da meada

IV Informações necessárias

V A família do negociante

VI Complicam-se as coisas

VII Prenúncios de tempestade

VIII Um ponto de apoio

IX Revelações interrompidas

X À procura do segredo

XI O Jereba

XII Na pista

XIII Para velhaco, velhaco e meio

XIV Golpe inesperado

XV Catástrofe imprevista

XVI No carro

XVII Em Jaboação

XVIII À beira da cova

XIX Justiça da roça  
XX Perigo iminente  
XXI Indícios que foram desprezados  
XXII Imprudência  
XXIII Princípios de pândega  
XXIV Preparativos de um crime  
XXV Baile ou samba?  
XXVI O que tem de ser...  
XXVII Na hora do inquérito  
XXVIII Volta para o Recife  
XXIX Um final que promete muito mais  
Segunda parte - O segredo de família  
I Celeste  
II Aristocracia e dinheiro  
III Cavalcanti  
IV O amante  
V Leandro Dantas  
VI Últimos traços de um retrato  
VII Misérias humanas  
VIII Recordações da mocidade  
IX Muitas coisas em poucas palavras  
X Idílios na Passagem da Madalena  
XI Uma medida preventiva  
XII Conjunção de dois astros  
XIII Dois amores  
XIV Como se adquire um inimigo  
XV No Monteiro

XVII Depois da queda  
XVIII A descoberta da escrava  
XIX Consequências fatais  
XX Em família  
XXI Um bom negócio!  
XXII No dia seguinte...  
XXIII A bandeira do Poço  
XXIV Um encontro de Jaime  
XXV Indiscrições do acaso  
XXVI Tanto vai o cântaro à fonte...  
XXVII Entra em cena o Zanolho  
XXVIII Precipitam-se os acontecimentos  
XXIX As combinações do Zanolho  
XXX O Alabama  
XXXI A armadilha  
XXXII A vingança do marido  
Epílogo - As vítimas do amor  
I Recapitulação necessária  
II Como se descobrem as coisas  
III As ideias do Sr. Antônio  
IV Ou dente ou queixo  
V O único recurso  
VI Qual será o dever?  
VII Segredos da polícia  
VIII Novo estado de coisas  
IX Reaparece o Jereba  
X Atrás dos apedrejados correm as pedras

[XI Cartas na mesa e jogo franco!](#)

[XII Quero porque quero!](#)

[XIII Golpe mortal](#)

[XIV Cena terrível](#)

[XV Loucura e morte](#)

[XVI Último arranco](#)

[XVII Entre quatro paredes](#)

[XVIII Para a Europa](#)

[XIX Último capítulo](#)

[Notas](#)

[Cólofon](#)

# Mistérios e costumes em um romance-folhetim: *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela

Anco Márcio Tenório Vieira<sup>1</sup>

O veredito é de Sylvio Rabello: Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846-1913) “é um caso típico da glória de província”.<sup>2</sup> Se considerarmos que o romancista, dramaturgo, poeta, cronista, jornalista, tradutor, ilustrador e pintor recifense viveu, ao longo dos seus 67 anos, quase que somente dos frutos da sua produção intelectual, Sylvio Rabello está correto na sua afirmativa. No entanto, se considerarmos que só alguns dos seus livros tiveram reedições ao longo da sua vida, nada obstante serem quase ignorados pela crítica da época (José Veríssimo não os cita e Sílvio Romero, em sua *História da literatura brasileira*, refere-se ao seu nome seis vezes, em meio a outros autores, como mero exemplo deste ou daquele fenômeno literário ou social), o veredito de Rabello se revela um tanto que exagerado. Mas como toda regra tem exceção, aí está o romance *A emparedada da Rua Nova* para, em certa medida, dar crédito ao que escrevera Rabello.

Publicada em 1886, pela Typographia Central (Recife), *A emparedada* conhecerá, ao longo do século 20, três novas edições. A primeira, quando é desmembrada em capítulos e publicada no *Jornal Pequeno* (Recife), em formato folhetim, entre 3 de agosto de 1909 e 27 de janeiro de 1912.<sup>3</sup> A segunda, em 1936, pelas Edições Mozart, com prefácio do jornalista e historiador Mário Melo. A terceira, em 1984, pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, agora com introdução e notas do ensaísta Lucilo Varejão Filho, que será responsável, já neste século, por também republicar o romance na Coleção “Os velhos mestres do romance pernambucano” (Edição do Organizador, 2005). Por fim, neste ano de 2013, temos esta nova edição promovida pela Companhia

Editora de Pernambuco (Cepe), assinalando o primeiro centenário da morte do autor.

Mesmo sendo um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras (APL), seu primeiro presidente (entre 26 de janeiro e 6 de fevereiro de 1901), patrono da Cadeira nº 21, e uma presença constante na imprensa do seu tempo – seja escrevendo para os principais periódicos da época, seja como criador e editor de jornais e revistas, como *A América Ilustrada* (1871) e o *Jornal da Tarde* (1875) – o nome de Carneiro Vilela foi esquecido pelos contemporâneos e, de certa forma, pelos pósteros. Se não fossem as três reedições de *A emparedada da Rua Nova* nos últimos quase cem anos, seu nome teria caído em total ostracismo, e, hoje, seria apenas uma nomeada designando um busto no jardim da APL. Os motivos, certamente, encontram-se nas suas críticas ácidas e sem papas-na-língua que podem ser observadas no conjunto da sua obra. Críticas que não poupavam nem ele mesmo, quando assunto lhe faltava. Valendo-se da ironia, da paródia, da sátira e da galhofa ele, por meio das suas crônicas, artigos, contos, romances e peças dramáticas, manteve-se atento aos temas do seu tempo que, em certa medida, são também os do nosso tempo. Sem transigir com a sua liberdade de pensamento, e preservando a todo custo a sua individualidade,<sup>4</sup> o autor d'*A emparedada* advogava uma moral e uma ética que prescindisse da religião, ao tempo que também censurava na ciência (com suas “verdades” incontestáveis) o fato de, não raras vezes, querer substituir a religião nos campos da moral e da ética.

Suas críticas tinham dois alvos permanentes: os maus costumes da vida brasileira e os vícios da natureza humana. Daí as suas virulentas censuras ao capachismo intelectual dos homens de letras em relação aos poderosos; à suposta sapiência e integridade moral dos magistrados e dos políticos; às arbitrariedades dos governantes; à crença infantilizada nos mistérios da fé; à mentira como instituição nacional (“cada mentiroso é um ladrão”, afirmava ele); à “inveja e a presunção” dos homens e, por decorrência, à hipocrisia dos moralistas e à falsa-honradez das “grandes famílias

espirituais” da cidade. Não havia tema ou fenômeno humano ou transcendente que o seu olhar não alcançasse. Como já observamos em outro ensaio: “era um homem armado de uma metralhadora giratória, sempre engatilhada, apontada para o mundo e permanentemente abastecida de munição”.<sup>5</sup> Sua morte, em primeiro de julho de 1913, foi antes um fardo que a sociedade e os poderosos tiraram dos ombros do que algo sentido e lamentado. Recolher as suas crônicas e enfeixá-las em livro, assim como reeditar as suas obras de ficção, não estava no horizonte das prioridades muito menos entre os objetivos dos seus contemporâneos (incluam-se, aqui, os seus colegas da Academia). O destino de Carneiro Vilela fora traçado por ele mesmo a cada página que escrevera, e isso, de alguma maneira, só depõe a seu favor.

## II

Apesar de ter frequentado os bancos da Faculdade de Direito do Recife entre os anos de 1862 e 1866 (recebendo o título de bacharel aos 20 anos de idade), Carneiro Vilela encerra em sua obra o espírito intelectual da chamada Geração de 1870 que, entre outros feitos, foi responsável pela chamada Escola do Recife. Por meio dessa geração as ideias científicas (positivismo, evolucionismo social, determinismo, monismo) entraram na vida intelectual brasileira e, com elas, as poéticas do Realismo e do Naturalismo. Esse ânimo cientificista, responsável por calçar o anticlericalismo e o republicanismo entre os seus adeptos, alimentou, na República proclamada em 1899, a crença em uma ciência positivista como a cura para todos os males da Nação. Daí as elites políticas, econômicas e intelectuais brasileiras defenderem e convencerem os seus compatriotas de que se fazia necessário instituir um “governo científico”, uma “política científica”, uma “diplomacia científica” e até mesmo uma “religião científica”. Lembra-nos Gilberto Freyre, de maneira um tanto galhofa, que em 14 de julho de 1909, um mês depois de empossado como Presidente da República, Nilo Peçanha (1867-1924), ao se dirigir de automóvel ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, acompanhado dos

seus Ministros e de várias outras autoridades, inclusive o Prefeito da Cidade – Inocêncio Serzedelo Correa (1858-1932) –, ouve, ao descer do veículo, um grito vindo da voz de um popular: “Eita, Presidente científico”.<sup>6</sup> Essa era a imagem evocada e propalada pela República e pelos republicanos da Geração de 1870: o de estarem construindo, ou contribuindo para construir, um regime científico em contraposição ao velho regime deposto (tido como uma espécie de aberração em pleno século da ciência).

O peso do pensamento cientificista na Faculdade de Direito do Recife não só privilegiava a produção intelectual advinda do campo das Humanas, como subordinava ou domava a fantasia da ficção à “objetividade científica”. A preocupação em discutir e solucionar os problemas do Brasil (sejam eles sociais e econômicos, sejam eles políticos e culturais) levava os seus homens de letras, historiadores e tribunos (a exemplo de Sílvio Romero, Silva Jardim, Martins Júnior, Tobias Barreto...) a perseguirem, como poetas bissextos, uma poesia realista e, em alguns casos, se auto-intitularem de poetas científicos. Em uma época que se queria científica e que proclamara a morte da metafísica (segundo Sílvio Romero, vítima do “progresso” e da “civilização”, como defendeu em sua Tese de Doutorado, em 1875),<sup>7</sup> a poesia (essa filha da matéria ilusória e fantasiosa – o mito –, da mimésis e da ficção) frutificava como que pedindo desculpas por transitar em terreno que lhe parecia estranho. Daí que para se inscrever no seu século, submetia-se ou fazia uso das teses “científicas” como ferramentas de abordagem e interpretação da realidade empírica. Fantasia domada, a poesia parecia se reconhecer como uma forma secundária de conhecimento: antes apenas um espelho que refletia a realidade do que um modo de construir novas realidades; antes uma tentativa de “disfarçar a natureza socialmente relativa ou construída da linguagem” do que ser uma linguagem “que chama a atenção para a sua própria arbitrariedade”.<sup>8</sup> Parede – meia entre ciência e ficção, a poesia que saiu da pena dessa geração cientificista levou Machado de Assis, em célebre ensaio de 1879 – “A Nova Geração” – a sair em defesa da mimésis, da ficcionalidade e da matéria ilusória

e fantasiosa da literatura e afirmar, em tom acusativo, que “a realidade é boa, o realismo é que não presta para nada”, e que “a ciência é má vizinha” da literatura.<sup>9</sup>

Sendo uma poesia prisioneira de teses científicistas, não é de se espantar que ao tempo em que essas teses foram sendo emparedadas pela antropologia cultural, pela psicanálise, pelo marxismo e pela linguística moderna, essa produção literária também caísse em esquecimento. Afinal, todo um conjunto de “verdades” envelheceu com as novas teorias e metodologias de abordagem do real que nasceram e foram se firmando ao longo das primeiras décadas do século XX. Entre esse conjunto de verdades que se calçava no cientificismo estavam as explicações da psiquiatria para as histerias femininas e o furor uterino como causa das traições de alcova; o determinismo e o evolucionismo justificando o racismo e determinados procedimentos morais; ou mesmo o anticlericalismo panfletário e a certeza positivista sobre como deveríamos nos inscrever no concerto das nações civilizadas.

Mas, se o cientificismo caducou e, por extensão, os livros, artigos e ensaios que lhe deram sustentação, em contrapartida, como se fosse uma dessas ironias da vida, a literatura em prosa que se calçou em cima das suas teses, sobreviveu (mesmo que carregue o peso das ideias, das verdades e do espírito do seu tempo). A sua condição de ficcionalidade (o de ser uma criação fingida e, por extensão, o de estabelecer um pacto ficcional com o leitor) deu a essa literatura – a exemplo de *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela – uma liberdade fabulatória que a “ciência” que lhe subsidiou não pôde (e nem poderia) alcançar. Afinal, entre outras prerrogativas, é dado ao narrador onisciente do romance, do conto e da novela o que não pode ser dado ao autor da prosa científica: penetrar no pensamento dos personagens, ler psicologicamente seus desejos e angústias, desvelar os segredos de alcova; dar vida e ação ao que, até então, eram apenas teses, hipóteses, teorias e métodos nos artigos e ensaios dos seus contemporâneos.

### III

O sopro de vitalidade que, ainda hoje, *A emparedada da Rua Nova* promove naqueles que leem as suas páginas – o que a leva a ser reeditada e, a cada reedição, ter os seus volumes esgotados –, passa pelos ingredientes que a compõem: seja na sua forma, na sua estrutura narrativa e nos temas abordados; seja como fonte documental dos costumes e dos modos de ser daqueles que viviam no Brasil do Segundo Império, particularmente, no Recife. E quais são esses ingredientes formais, estruturais e temáticos? Primeiro, a forma do romance-folhetim; segundo, a estrutura do romance policial; terceiro, a figura de um sedutor compulsivo (Leandro Dantas), ao modo de Don Juan;<sup>10</sup> quarto: crimes, traições maritais e descrições minuciosas do cotidiano social, político, religioso, e dos preconceitos sociais, linguísticos e de raça do seu tempo.

Quanto ao primeiro ingrediente – a forma do romance-folhetim –, vamos também encontrar n'*A emparedada*, assim como nas obras daqueles que são os modelos literários de Carneiro Vilela (os escritores franceses Eugène Sue e Ponson du Terrail), o deslocamento constante entre o tempo, o lugar e a ação da narrativa. Tais deslocamentos levam o narrador a passar da ação de um personagem, ou de um episódio, para outro; de se transferir no tempo (avançando e recuando nos anos, voltando ao passado para explicar o personagem, a ação e o tempo presente da narrativa); de entrecruzar vários enredos, valendo-se de uma estrutura sinusoidal, que vai mudando a linearidade da ação. O resultado de todo esse deslocamento, leva o leitor a experimentar uma ansiedade (psicológica) quanto ao próximo capítulo da obra e, principalmente, quanto ao desenrolar daquela sinuosa narrativa, construída dentro de uma dialética entre a tensão e o desenlace.<sup>11</sup>

Apesar desses procedimentos formais e estruturais de *A emparedada da Rua Nova* serem os mesmos que vamos encontrar nas obras de Eugène Sue e Ponson du Terrail, a obra de Carneiro Vilela se distingue das dos seus mestres franceses em três pontos.

Primeiro, ele não faz uso da emoção para construir falsos reconhecimentos, criando peripécias que em nada resultam no desenvolvimento da ação, ou mesmo construindo os capítulos em

estrutura sinusoidal com o único propósito de apenas entreter o leitor. Apesar de cada capítulo de *A emparedada* ser estruturado dentro da dialética entre tensão e desenlace da ação, todos eles trazem informações que levam o leitor a desvelar os fios dos vários enredos que compõem a narrativa.

Segundo, se Eugène Sue e Ponson du Terrail, como bons românticos, ainda acreditavam nos bons sentimentos de alguns dos seus personagens e no final feliz que o destino lhes reservava, Carneiro Vilela não se deixa levar pelos reducionismos maniqueístas do bom e do mau, do mocinho e do bandido (todos os seus personagens têm desvios morais, por menor que sejam). Daí porque o romance tem início com um relato de um crime bárbaro e se conclui com a prática de outro não menos terrificante. Quanto à existência ou não de um final feliz, não irei tirar aqui a surpresa que o texto reserva ao leitor.

Terceiro ponto: se, como diz Umberto Eco, “o autor de um romance popular jamais encara problemas de criação em termos puramente estruturais (‘Como fazer uma obra narrativa?’) mas em termos de psicologia social (‘Que problemas é preciso resolver para construir uma obra narrativa destinada a um vasto público e visando a despertar o interesse das massas populares e a curiosidade das classes abastadas?’)”,<sup>12</sup> Carneiro Vilela, percorrendo um caminho inverso, não só subordina a psicologia social às questões estruturais da narrativa, como se vale desse recurso narrativo de se deslocar no tempo e no espaço, em um processo sinuoso que desarticula e rearticula o lugar e a ação do enredo, para construir o seu discurso e fazer as suas objeções aos maus costumes da vida brasileira e aos vícios da natureza humana.

Mas a forma do romance-folhetim n’*A emparedada* é perpassada também pela estrutura do romance policial. Paralelo às histórias de adultério, às conquistas de um Don Juan tropical, e às peripécias de um amor impossível, temos, em um segundo plano narrativo, um enredo que vai unir as duas pontas do romance: a história do misterioso cadáver, em avançado estado de putrefação, que é encontrado nas terras do Engenho Suaçuna (sic), na cidade

de Jaboatão. Esse mistério, que perpassará todo o romance, e que é construído em cima da estrutura clássica do romance policial (“o problema, a solução inicial, a complicação, o estágio de confusão, as primeiras luzes, a solução e a explicação”)<sup>13</sup>, não só fornece um dos fios condutores da obra, como é responsável por promover um mito que recai sobre o romance de Carneiro Vilela: a estória aqui narrada se baseia ou não em fatos verídicos? A dúvida não é retórica, pois ela é promovida pelo próprio narrador ao se valer de dois procedimentos formais. O primeiro deles, é que a estória do cadáver que aparece no Engenho Suaçuna não é fantasiosa, ela, de fato, ocorrera e fora noticiada pelo *Diário de Pernambuco* na data que encontramos no primeiro capítulo do romance: terça-feira, 23 de fevereiro, de 1864. Vamos ao texto do matutino:

Comunicam-nos o seguinte:

*Tendo aparecido a pairar sobre esta povoação de Jaboatão, na manhã de sábado (20), alguns urubus, sinal certo de carniça, descobriu-se ser um corpo morto que a isto dava lugar; e sendo chamada a Polícia para verificar, só apareceu às 5 da tarde, assim mesmo com receios de aproximar-se do cadáver que exalava mau cheiro, enviando em seu lugar um preto que declarou ser o cadáver de um homem branco, vestido decentemente, e tendo ao pé de si um canivete de moda com as armas prussianas e um revólver de 9 tiros. Rasgada a roupa, verificou-se ter ele uma grande facada do lado direito junto à ultima costela, que devia ter produzido a morte. Segundo informações de pessoas daqui do lugar, consta ter o homem comprado alguns dias antes uma garrafa de aguardente, e procurado saber o lugar do banho, que lhe foi ensinado, desaparecendo ao depois.*

*O que há de mais revoltante em tudo isto é que a Polícia fez enterrar o cadáver no mesmo lugar em que foi encontrado, sem proceder a todos os exames precisos.*

*Chamamos, portanto, a atenção do Sr. Dr. Chefe de Polícia para a sindicância deste fato, visto não dever ficar impune um crime desta*

*ordem, lançando-se sobre ele o véu do olvido, como o indica a informação acima.*<sup>14</sup>

No segundo procedimento, que lemos no penúltimo capítulo da obra, somos informados que a fonte da estória que nos é narrada vem de uma ex-escrava – Joana – que “no ano de 1884 foi, na Corte, criada do autor destas linhas”. Não só: “é às suas informações que se deve o conhecimento exato de parte das cenas íntimas e violentas da família Favais”. E, aqui, fato e ficção, mais uma vez, se confundem: Carneiro Vilela residiu no Rio de Janeiro entre os anos de 1879 e 1886. Assim como a notícia do crime ocorrido em fevereiro de 1864 é crível, também é crível que o autor da obra viveu e trabalhou na Corte no mesmo período em que os fatos, supostamente, foram-lhe contados. Desse modo, os limites, aqui, entre autor (“função social e extralinguística”) e narrador (“função puramente linguística”)<sup>15</sup> se dissipam, pois o narrador deixa de ser um personagem de ficção para assumir uma condição extralinguística: a do autor. E aqui temos dois pontos a salientar.

Primeiro, ao plantar indícios de que ele – Carneiro Vilela – seria o próprio autor da sua narrativa, somos levados a crer que a narrativa que estamos a ler é verdadeira por se apoiar em testemunhos documental e oral. Do mesmo modo que um texto não ficcional se firma em um referente, pois o fenômeno que lhe serve de objeto de análise e interpretação se plasma na realidade empírica, a narrativa de *A emparedada* também busca fontes documentais que lhe fundamentem. O romance de Vilela, dentro do espírito do cientificismo que pautou a Escola do Recife, parece submeter a sua ficcionalidade aos pressupostos científicos.

Segundo, ao afirmar que “é às suas informações [as da ex-escrava Joana] que se deve o conhecimento exato de parte das cenas íntimas e violentas da família Favais”, o narrador parece que quer se resguardar de qualquer acusação que venha a colocar em questão a veracidade ou não do seu relato. Ou seja, ao tempo que ele submete a ficcionalidade da sua obra aos parâmetros de veracidade do cientificismo (“o caso eu conto como o caso foi”), ele,

em contraposição, parece colocar em suspensão a própria veracidade da sua fonte (“o caso eu conto como me foi contado”). Se, por um lado, *A emparedada* parece diluir os limites entre autor/narrador, por outro, em contraposição, a estória que nos é contada parece recuperar o estatuto ficcional da narrativa ao atribuir a sua fonte a um narrador – Joana – que pode ou não ser uma fonte fidedigna, que pode ou não estar fantasiando sobre o passado. Mais: se é Carneiro Vilela que narra *A emparedada*, ele constrói essa narrativa a partir de uma outra narrativa, resgatada oralmente, por meio do recurso da memória, vinte anos depois dos fatos ocorridos. Logo, Carneiro Vilela, muito habilmente, desloca a relação autor/narrador para a relação de segundo narrador(Vilela)/primeiro narrador(Joana). Entre a sua narrativa e a narrativa primeira que foi resgatada da memória de Joana, dá-se uma tensão dialética entre linguagens (oral/documental), o que permite ao narrador construir, dentro do espaço romance, a fantasia, a matéria ilusória, a mimésis e a ficcionalidade. Ao leitor, cabe agora acatar o pacto que lhe é proposto pelo narrador: o de que n’*A emparedada*, apesar de ter sido “fiel” às informações de Joana para as “cenas íntimas e violentas da família Favais”, ele, o narrador, precisou recorrer à imaginação para compor os demais enredos que formam a estória do romance.

Mas não é apenas a forma do romance-folhetim e a estrutura do romance policial que retém a atenção do leitor. A exposição minuciosa do cotidiano social, político e religioso, e dos preconceitos sociais, linguísticos e de raça no Brasil e, particularmente, no Recife do Segundo Império, urdem e buscam dar “veracidade” ao que está sendo narrado. Dentro do que exigia a poética do realismo-naturalismo, o meio age sobre os homens e ambos explicam as causas, as ações e os resultados dos fatos a ser expostos.

É por meio de descrições e de comentários morais, por parte do narrador, sobre os maus costumes da vida brasileira e os vícios da natureza humana, que ficamos sabendo como alguns imigrantes, a exemplo de Jaime Favais, construíram a sua fortuna (“Havia este

descoberto uma nova aritmética que aplicava rigorosa e proporcionalmente a todos os trocos, e um novo sistema de pesos e medidas, o qual, se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha em compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria”.); como as elites desdenhavam o trabalho manual (“Nascera imbuída desses preconceitos aristocraticamente orgulhosos, que formam o fundo do nosso caráter e fazem com que julguemos certos meios de vida pouco dignos de nós – como que abaixo da nossa prosápia. Orgulhos tolos e afidalgados, oriundos ainda da célebre guerra dos Mascates, os quais produzem dois resultados esquisitos, mas reais: o de filhos da América, não parecermos e nem termos um povo americano, e o de vivermos sempre a suspirar pelo emprego público, como único recurso e honesto da vida”); e qual conceito os imigrantes portugueses tinham dos brasileiros (“– Aquilo é que é amigo! – exclamava agora o João Favais, cheio de satisfações e antevendo o resultado da excursão – aquilo é que é amigo! Não parece brasileiro!...”).

Pelas páginas de *A emparedada* as teorias científicas sobre as delineações físicas e mentais das raças e dos traços atávicos que os miscigenados herdavam das raças matrizes, explicam não apenas o tipo físico de Clotilde, como os seus humores: “produto de um cruzamento de raças, a mistura dos dois sangues, de que era oriunda, se lhe deu ao físico aquela perfeição material, deu-lhe ao espírito uma energia máscula e impetuosa, formou-lhe um coração capaz de todas as virtudes bem como de todos os vícios, conforme o lado para que o inclinasse a vontade ou para que levasse a inspiração do momento”. O mesmo procedimento o narrador lança mão na descrição de Leandro Dantas: “ao vê-lo, conhecia-se logo que girava em suas veias o sangue dessas três raças que nele se fundiam as três naturezas correspondentes. Devia ter a inteligência do europeu, a indolência do americano, e a impetuosidade dos filhos dos desertos da África”. É ainda por meio desse cientificismo e da moral por ele propagada que Carneiro Vilela combate o clero e a

Igreja. Talvez a passagem mais contundente de anticlericalismo, entre tantas outras que vamos observar no romance, encontra-se no Capítulo XXX, quando, ao descrever o que era, em meados do século XIX, a educação religiosa dada às moças de família, o narrador constrói um discurso de tribuna, e como todo discurso de tribuna, cede pelo panfletarismo: “sem um ensinamento útil para o coração e sadio para a consciência, mas eivada desses preconceitos piegas, cheia dessas crendices estultas, imbuída dessa fé falsificada e embrutecedora, vítima desses vícios, que se adquire ao pé dos confessionários ao ouvir a palavra insignificante, estúpida ou corruptora de um sacerdote sem ideias, sem princípios, sem moral, sem crenças, sem estudos, como são em geral os nossos padres ainda hoje e o eram ainda piores há vinte anos: sacerdotes que fazem da religião um fanatismo; da moral, um enigma; da verdade, um mito; da consciência, uma futilidade; da razão, um monstro; do coração, uma besta; de Cristo, um merecedor do templo; e de Deus, um capadócio!”.

Ainda dentro desse quadro de costumes, o romance é rico em narrar o cotidiano da cidade do Recife: o trajar dos ricos e dos pobres, das senhoras e das moças, dos velhos e dos rapazes; os bailes nos palacetes dos novos-ricos, as noites no Teatro de Santa Isabel, as relações entre senhores e escravos, os bairros pobres e marginais da cidade, como os Coelhos. Em uma das páginas mais sugestivas do romance, temos uma descrição da festa de N. S. da Saúde, no Poço da Panela, que, segundo o narrador, sempre terminava, como era corrente em quase todas as festas populares, registrando brigas, “algumas mortes e diversos ferimentos”. Enquanto duravam esses “distúrbios” – “provocados e promovidos, as mais das vezes, pela gente mais reles e mais ínfima da nossa sociedade” – não se respeitava “nem a posição, nem a classe, nem a idade, nem o sexo, terminando quase sempre, qualquer que tenha sido a sua origem, por tomar como objetivo os pobres e inocentes representantes da colônia portuguesa”. Outra particularidade observada pelo narrador é quando as luzes do Teatro de Santa Isabel se apagavam e o Palácio do Governo ficava

em silêncio: “vultos suspeitos e aos pares” surgiam na hoje Praça da República em busca de “dar expansão a seus colóquios inconfessáveis e à poesia naturalista de uns amores de contrabando”. Outro hábito cultivado por antigos moradores dos bairros de Santo Antônio e Boa Vista é registrado pelo narrador: sentavam eles nos bancos laterais da antiga ponte da Boa Vista, construída em madeira, e “tesouravam sem piedade a vida dos seus semelhantes e atassalhavam muito honestamente a honra das pobres famílias que tinham a desgraça de passar por ali de tais horas em diante”.

Por fim, *A emparedada* também registra os vários falares dos habitantes do Recife e dos seus arredores. Dos portugueses, lemos “fornaditas” (pessoa almoçada), “calisito do Porto”; do linguajar do povo ele registra “bost’ardes” (boa tarde), “oxente”, “s’outro dia”, “alamão”, “alumão” (alemão), “Rucife” (Recife), “inhor” (senhor), “aribús’ (urubus), “cumpade’ (compadre), “pru’qui” (porque), “sumana” (semana), “inté” (até), “leirenço” (Lourenço), “descurpe” (desculpe), “odepois” (depois), “muié” (mulher), “pru via” (por via), “percisa” (precisa), “arromba” (de espantar), “as bençam” (as bênçãos), “bejam” (vejam); do falar cotidiano, temos “pagode” (referindo-se a um encontro festivo), “samba onça” (dançar um sapateado), “mocidade doirada” (jovens ricos e bonitos), “gargalhada sonora e argentina” (risos altos e finos), e “dizem que é um peixão” (mulher vistosa).

#### IV

Se Carneiro Vilela consegue ser “um caso típico da glória de província”, como sentenciou Sylvio Rabello, ele deve tal posição ao seu romance *A emparedada da Rua Nova*. Esta obra perpetuou a sua memória e o fez contemporâneo dos nossos dias. E a perpetuou porque n’ *A emparedada* encontramos uma série de ingredientes que levam o leitor a não largar o livro até que chegue a sua derradeira página: a forma do romance-folhetim, a estrutura do romance policial e uma série de “iguarias” que faz o sucesso de qualquer obra desde o tempo de Homero: amor, traição marital,

conquista amorosa, crime, inveja, honra e corrupção. Tudo isso envolto em um pano diáfano: a da aparente moralidade das famílias, a da rigidez dos preceitos religiosos e a da incorruptibilidade dos homens. Com esses ingredientes, *A emparedada*, assim como o fôlego dos gatos, ainda sobreviverá durante muitas gerações e dará ao seu autor à glória que lhe é merecida: a de ter escrito o melhor romance-folhetim da literatura de língua portuguesa no século XIX.

## NOTAS

<sup>1</sup> Anco Márcio Tenório Vieira é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup> RABELLO, Sylvio. 1965. "Um novelista da província". In.: – *Caminhos da província*. Recife: Imprensa Universitária; Universidade do Recife, p. 61.

<sup>3</sup> Carneiro Vilela fora vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em 1908. Hemiplégico à direita, impossibilitado de escrever, valeu-se de um expediente de que já lançara mão em 1893: reeditar em jornais os textos publicados em livro. Naquele ano de 1893 ele publica no jornal *A Província* (Recife), *Noivados originais*, que trazia como subtítulo "Histórias históricas". Essa série de estórias em prosa e verso já tinha sido publicada, inicialmente, em 1871, na revista *América Ilustrada* (Recife) e, dois anos depois, em 1873, em livro, com o título *Fantasia: contos ao correr da pena – 1864-1973*. Ver NASCIMENTO. Luiz do. 1966. *História da imprensa de Pernambuco* (1821-1954). Recife: Imprensa Universitária; Universidade do Recife, p. 199. XIV v., v. II (Diários do Recife – 1829/1900).

<sup>4</sup> É interessante observar que quando estudante de Direito, Carneiro Vilela, José Higino, Domingos Pinto, Gonçalves Ferreira e Feliciano Pontual fundaram uma sociedade secreta, de rito maçônico, com veleidades cabalísticas, chamada Tugendbund, inspirada nas associações que os jovens alemães criaram durante as guerras napoleônicas. Para ser admitido na sociedade, o postulante, segundo Phaelante da Câmara, tinha que passar pela seguinte cerimônia: "O irmão Cangrófita recebe na sociedade um novo membro. – Cangrófita: 'Queres pertencer à Tugendbund?' – Neófito: 'Quero'. – Cangrófita: "Não temes?" – Neófito: 'Só se teme o mal e a Tugendbund é o bem'. – Todos (depois de três pancadas simbólicas na mesa): 'Alfa-ômega'. – Cangrófita: 'Sabes que ao entrares no

recinto deste augusto templo fazes tacitamente a renúncia de teu eu e da tua liberdade em nosso proveito e segurança?’ – Neófito: ‘Sei’. – Cangrófita: ‘Sabes a que te obriga?’ – Neófito: ‘Não’. – Cangrófita: ‘E tens a coragem de te entregar assim em nossas mãos, ignorando os nossos fins e os nossos meios?’ – Neófito: ‘Tenho!’” Apud VENANCIO FILHO, Alberto. 1982. *Das arcadas ao bacharelismo (150 anos de ensino jurídico no Brasil)*. São Paulo: Perspectiva, p. 150. Note-se que essa sociedade secreta, como parecem ser todas as sociedades, tentava dissipar qualquer veleidade de individualismo entre os seus membros. Atitude de juventude que contrasta com o Carneiro Vilela da maturidade, que lutou por todos os meios para defender a sua individualidade.

<sup>5</sup> VIEIRA, Anco Márcio Tenório. 2012. “Crônicas de um sem papas na língua: Carneiro Vilela”. In.: *VILELA, Carneiro. Cartas sem arte (crônicas)*. LIMA, Fátima Maria Batista (org., notas e apresentação). Recife: Editora Universitária/UFPE, p. 27.

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. 1990. *Ordem e progresso*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, p. 742-743.

<sup>7</sup> Ver VENANCIO FILHO, Alberto (Op. cit., p. 95-112).

<sup>8</sup> EAGLETON, Terry. 2001. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, p. 186-187.

<sup>9</sup> ASSIS, Machado de. 1955. “A Nova geração”. In.: –. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., p. 229-230.

<sup>10</sup> Sobre o mito de Don Juan n’A *emparedada*, ver MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. *O Don Juan da Rua Nova: um estudo-itinerário sobre A emparedada da Rua Nova, de Joaquim Maria Carneiro Vilela*. 2008. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras; Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação de

Mestrado. Orientação: Anco Márcio Tenório Vieira. 111 p. <http://www.pgletras.com.br/2008/dissertacoes/diss-helena-mendonca.pdf>.

<sup>11</sup> Ver ECO, Umberto. 1979. "Retórica e ideologia em *Os Mistérios de Paris* de Eugène Sue". In: – *Apocalípticos e integrados*. Trad. Peróla de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, p. 194-195.

<sup>12</sup> ECO, Umberto (Op. cit., p. 190).

<sup>13</sup> MANNDEL, Ernest. 1988. *Delícias do crime: história social do romance policial*. Trad.: Nilton Goldmann; revisão técnica de Carlos Antonio Machado. São Paulo: Busca Vida, p. 37.

<sup>14</sup> Apud MENDONÇA, Helena Maria Ramos (Op. cit., p. 51).

<sup>15</sup> COUTY, D. 1988. "Compreender". In.: BRUNEL, P.; MADELÉNAT, D.; GLIKSOHN, J.-M.; COUTY, D. *A Crítica literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, p. 94.

# Carneiro Vilela e seu famoso romance

*Lucilo Varejão Filho*

Prefácio à 4ª edição

A *emparedada da Rua Nova* é um livro mítico da literatura pernambucana. Sem ter alcançado uma repercussão propriamente nacional (Sílvio Rabelo diz que o seu autor “é um caso típico da glória da província”)<sup>1</sup>, o romance permaneceu vivo – talvez devido à dramaticidade dos fatos de que pretende ser a simples transposição literária – na lembrança de grande número de pernambucanos. Nem todos talvez sejam capazes de identificar o seu autor, mas o conhecimento da existência do romance pertence a essa massa comum de informes acumulados que constitui a cultura mediana do pernambucano.

Foi pela boca de uma velha senhora, de qualidades domésticas e sem nenhuma pretensão intelectual, mas cujas histórias sobre “o Recife de antigamente” deliciaram a minha adolescência, que me chegou a primeira referência, não, evidentemente, ao romance de Carneiro Vilela, mas ao fato pretendidamente real que teria servido de base ao livro, ou seja, o emparedamento, pelo seu pai desalmado, num sobradão da velhíssima Rua Nova, de uma jovem burguesa engravidada pelo namorado. Isto me leva, hoje, a perguntar com Mário Melo, a respeito do romance, “si a lenda que chegou aos meus dias foi ou não proveniente da divulgação por ele feita”<sup>2</sup>.

Na realidade parece ter sido bastante rica em crimes de toda espécie a história do Velho Recife. Mas eram via de regra dramas de *bas-fond*. Com o crime da emparedada, o clima é outro: o de um lar burguês onde se respirava até então a tranquilidade de uma vida abastada e, ao que tudo indica, feliz.

E é esta a porta larga por onde o romancista habilmente nos encaminha fazendo-nos entrar na intimidade remansosa da vida pequeno-burguesa de um sobrado recifense do século XIX, numa

espécie de preparação, pelo contraste, à tempestade que vai se aproximar, destruindo aquela pobre gente.

A leviandade de uma esposa abrirá a brecha por onde todo o mal penetrará naquele lar. Mas Josefina não será a única culpada e se o mal se instala e destrói aquelas existências é que ele recebe a inconsciente ajuda que lhe dão o ódio e o espírito de vingança de Jaime Favais, o marido enganado e o desamor filial de Clotilde, a que será emurada viva.

Quanto a Jaime Favais, o abastado comerciante da Rua Nova, realmente a figura central do romance, não deixa de ser curioso observar – numa época de tantas reivindicações feministas como a nossa e que parecem ter realmente quebrado a força daquilo que se convencionou chamar, com o tom de desprezo que a propaganda feminista conseguiu impor, de machismo – esse puro exemplar de marido *vieux temps*, mergulhado até os cabelos no código de honra de sua época e firmemente decidido a lavar com sangue a sua honra, conforme se exigia dos maridos traídos na velha sociedade recifense do século XIX e, mesmo, dos anos que, neste século, precederam a sensata instituição do divórcio entre nós.

Em meio à tragédia parece a princípio sobrepairar, numa nobreza olímpica e digna, a figura do velho Comendador Braga. E tudo indica que será ela a tábua de salvação do que resta daquela família, mas até ele mesmo será tragado pelo torvelinho. E a desgraça então será total.

Em torno a esse núcleo familiar e como que atraídos pela podridão moral que dele emana, volteiam figuras menores, mas nem por isso menos importantes, pois serão os instrumentos da tragédia, do *fatum*, da mão cega do Destino: Zanolho, Bigode de Arame, Jereba ou Zé Romão – simples comparsas, mas com definidas atribuições no encaminhamento e na precipitação dos acontecimentos.

Um pouco acima destas figuras menores e como que fazendo a ligação entre o submundo do crime e o lar burguês, move-se o personagem shakespeariano de Leandro. Agindo como uma espécie de detonador da explosão de paixões e vindo a ser, na sua

inconsciência viciosa, uma das maiores vítimas do drama, Leandro, apesar de sua juventude e do seu encanto pessoal, perde desde logo a solidariedade do leitor, que se enjoa com os seus cálculos interesseiros e com o jogo a que se entrega, no qual o sexo é o seu maior trunfo.

*A emparedada da Rua Nova* é romance que guarda aquele clima e aquele encaminhamento da ação de uma tragédia grega: cegos nas suas paixões, os personagens se encaminham todos para a sua destruição e nada os pode deter.

A observação dessa corrida desenfreada para a geral perdição nos leva à análise daquele elemento formal que, em tantas obras, se revela essencial como insuflador de dinamismo ao texto e que é a arquitetura do romance. Ora, é justamente neste terreno que Carneiro Vilela se mostra bastante exímio, sabendo, na esteira dos seus mestres franceses Dumas, Hugo, e sobretudo Eugênio Sue que parece haver abundantemente lido (*Os mistérios do Recife* e *Os mistérios da Rua da Aurora* parecem, até como títulos, adaptações tropicais dos *Mistérios de Paris* do velho Sue) utilizar aquela técnica de estruturação do romance que consiste – na palavra do crítico Marcos Santarrita<sup>3</sup> – em construir sua trama “com a habilidade e a precisão de um escritor de histórias policiais, deixando uma pista aqui para pegá-la 100 páginas adiante, amarrando tudo, não deixando nada ao acaso”. E nem poderia ser de outro modo considerando-se a forma de publicação do romance: em folhetins semanais de um jornal recifense.

Como folhetim editou, aliás, Carneiro Vilela toda a sua extensa obra de ficcionista que se inicia por volta de 1871 com a publicação na *América Ilustrada* (jornal que ajudara a fundar) de *Noivados originais – histórias históricas*, e termina em 1909 com a publicação justamente de *A emparedada da Rua Nova*, no *Jornal Pequeno*, entre agosto de 1909 e janeiro de 1912, durante cerca de dois anos e meio, portanto.

Luís do Nascimento, o admirável historiador da imprensa pernambucana, conseguiu, com a paciência e a pertinência que lhe eram familiares, levantar todo o roteiro jornalístico de Carneiro

Vilela<sup>4</sup>. E como jornalismo e literatura fazem como que uma só coisa nesse velho escritor, Luís do Nascimento nos deu também, automaticamente, todo o roteiro da carreira de ficcionista de Carneiro Vilela. Nesse rastreamento minucioso da vida literária do fundador da Academia Pernambucana de Letras, em que nos são dadas as indicações de todos os trabalhos deixados em gêneros literários os mais diversos como a poesia, o teatro, o conto, a crônica, o panfleto e, finalmente, o romance (toda uma extensa obra a exigir análise mais profunda e rigorosa, para que se salve o que deve realmente sobreviver) encontramos no gênero que aqui nos interessa mais de perto, referências, ainda, aos romances seguintes (todos publicados sob a forma de folhetim): *O amor, A mulher de gelo – perfil do século XIX, O esqueleto, Inah – histórias de três dias e A menina de luto* – divulgados na *América Ilustrada*, entre 1871 e 1875 (data em que o escritor se desligou do jornal); *Os mistérios do Recife*, de 1875, publicado no *Jornal da Tarde* que, fechado prematuramente, deixou inconcluso o folhetim que, assim, “jamais saiu – no dizer de Aderbal Jurema – dos limites do rodapé” (ao contrário, portanto, dos demais folhetins que foram depois enfeixados em livro)<sup>5</sup>; *Os mistérios da Rua da Aurora*, publicado a partir de abril de 1891 no jornal *A Província* (onde igualmente Carneiro Vilela torna a publicar vários títulos já saídos na *América Ilustrada*, mais de vinte anos atrás); *Noêmia*, saído igualmente na *A Província*, em 1885; *A gandaia* (1899), *Drama íntimo* (1900), *Quadros da vida* (1901), *Os filhos do governador* (1907) e *Os mistérios do Recife* (1907), publicados no *Jornal Pequeno*, quotidiano que surgira em 1899; *Eterno tema*, publicado no *Correio do Recife*, a partir de outubro de 1905 e, finalmente, *A emparedada da Rua Nova*, certamente a sua melhor obra, publicada, segundo Luís do Nascimento, no *Jornal Pequeno*, entre agosto de 1909 e janeiro de 1912<sup>6</sup>, quando o autor se repunha do derrame cerebral que o acometera um ano antes e cuja recidiva haveria de fulminá-lo a primeiro de julho de 1913.

Mas enquanto a Parca não chega, Carneiro Vilela, ao mesmo tempo que redige e publica toda esta extensa obra novelística,

escreve peças de teatro (que muitas vezes se encarrega ele próprio de encenar) e crônicas, tenta a poesia épica, comenta, como colunista, as atividades da Câmara e do Senado Estadual, funda a Academia Pernambucana de Letras, e briga – através das colunas d’ *A Província* – com o então jovem jornalista Aníbal Freire por causa de uma enquete que este realizava pelo *Diário de Pernambuco*, além de entrar em polêmica com Osório Duque Estrada, que viera ao Recife fazer conferências. É toda uma vida de dedicação ao jornalismo, às letras e às artes (pois também pinta, desenha e, mesmo, esculpe). Mas vida sempre de uma grande pobreza, pois a sua altivez e sua combatividade nunca lhe permitiram receber benesses dos poderosos do dia.

Aliás, a respeito do homem Carneiro Vilela, muito pouco se sabe. Alguns traços da sua personalidade e alguns dados esparsos da sua vida, que vêm sendo repetidos por todos aqueles que uma circunstância qualquer colocou diante da figura do escritor, é tudo que sobre ele sabemos. São dados e traços que podem ser rapidamente apresentados e, creio, ninguém o fez melhor que Luiz Delgado ao receber na Academia Pernambucana de Letras o ensaísta e também novelista Aderbal Jurema que ia ocupar a cadeira patrocinada pelo velho folhetinista.

“Era – diz Delgado – um homem versátil e andejo. Como juiz ou como funcionário, viajou pelo Estado do Rio, pelo Rio Grande do Norte, pelo Pará. De 1864 a 1913, escreveu, só Luís do Nascimento sabe em quantos diários ou periódicos, à maneira que iam eles nascendo neste nosso Recife. Poemas, romances, comédias, artigos e crônicas saíam num turbilhão de sua pena. E, ainda por cima, pintava quadros e fazia cenários teatrais. Através de tudo isso, era um poderoso agitador de ideias. Fundou também sociedades que deviam ser secretas e temíveis. Pode-se dizer que a nenhuma das polêmicas em que fomos férteis na segunda metade do século passado e no primeiro decênio deste, ficou ele alheio, indiferente, distante” <sup>7</sup>.

E isto é mesmo quase tudo que se sabe a respeito do escritor. Dos que por ele até hoje mais se interessaram – seja Mário Melo

que foi, ainda que num curto espaço de tempo, seu contemporâneo no jornalismo, ou Sílvio Rabelo que chegou à *Província* após a morte de Carneiro Vilela, mas ali sentiu ainda a sua presença; seja, ainda, entre os pesquisadores um pouco posteriores, Luís do Nascimento que se voltou mais particularmente para o que chamou a carreira jornalística do grande folhetinista – ninguém conseguiu informes mais minuciosos sobre a vida particular, a existência quotidiana do escritor, o que nos tira, talvez definitivamente, à medida que o tempo passa, sem que se descubram testemunhos mais eloquentes dos seus contemporâneos, a possibilidade de virmos a conhecê-la mais detalhadamente.

Apesar de tão extensa obra e de tão ativa vida jornalística e literária, Carneiro Vilela anda, na verdade, bastante esquecido pelos estudiosos da nossa literatura. Graças, apenas, à *Emparedada da Rua Nova* é que o seu nome não está inteiramente posto de lado em nossas letras<sup>8</sup>. E graças um pouco também – é preciso acrescentar – ao fato de, neste dinamismo que o caracterizava, ter fundado a Academia Pernambucana de Letras, tornando-se o seu primeiro presidente. As referências constantes em jornais e revistas a essa instituição – que se vem revelando tão ativa na sua prestação de serviços culturais à comunidade recifense nos últimos anos – como sendo a “Casa de Carneiro Vilela” é que tem contribuído para manter na lembrança do mundo social e intelectual pernambucano o nome do escritor.

Mas é praticamente, a isso só, que tudo se limita. Que haverá na obra do autor da *Emparedada* que a mantém longe das seduções dos nossos pesquisadores e dos nossos críticos?

Sempre tão voltados para os aspectos formais das obras literárias, será a linguagem vileliana o que causa repulsa a esses críticos e pesquisadores? Considerando a riqueza das tramas dos seus romances, há que indagar: não terá conseguido Carneiro Vilela alcançar aquele equilíbrio fundamental entre a criação das suas histórias e a linguagem de que se serviu, ou, se preferirem, entre o enredo (para empregar uma terminologia hoje considerada ultrapassada) e o estilo, considerado este como o tratamento

artístico da língua – equilíbrio que caracteriza as grandes obras literárias e que foi conseguido por tantos bons romancistas que, entretanto, desenvolveram, por vezes, temas francamente romanescos? Eis aí, cremos nós, um apaixonante tema de estudo e de pesquisa e que poderá talvez dar-nos a real dimensão do romancista.

Lucilo Varejão Filho

*Da Academia Pernambucana de Letras;*

*Titular aposentado do Departamento de Letras da UFPE.*

## NOTAS

<sup>1</sup> RABELO, S. *Um novelista da Província*, (pequeno ensaio). In: *Caminhos da Província*. Recife: Imprensa Universitária da Universidade do Recife, 1965.

<sup>2</sup> Prefácio à 2ª edição d'A emparedada da Rua Nova. Recife: Edições Mozart, 1936.

<sup>3</sup> SANTARRITA, Marcos. *Virtudes e vícios do gênio* (a propósito de *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo). *Jornal do Brasil*, 15.dez.1881.

<sup>4</sup> Luís do Nascimento – *Roteiro jornalístico de Carneiro Vilela*. *Jornal do Commercio*. Recife, 21.07.196.

<sup>5</sup> Luís do Nascimento em seu *Roteiro jornalístico de Carneiro Vilela* assinala, entretanto, que um editor recifense, que não foi possível identificar, fez divulgar, em fascículos, *Os mistérios do Recife*. A edição é de 1876 e o romance foi dividido em 5 partes: *O esqueleto do Quartel de Polícia*, *A vingança de um nobre*, *Misérias do povo*, *Os amores de uma fidalga* e o *Testamento do misantropo*. O aviso divulgado n'A Província, anunciando a edição, não esclarece se o folhetim fora, ou não, completado por Carneiro Vilela que, à época, se achava ausente do Recife.

<sup>6</sup> Ainda Luís do Nascimento, no seu *Roteiro jornalístico de Carneiro Vilela*, tantas vezes já aqui citado, assinala os anos de 1909 e de 1912, como sendo as datas do início e do término da publicação da *Emparedada* e acrescenta: "... foi, possivelmente logo depois, enfeixado em livro, do que, entretanto, não existem indícios". Ora, o exemplar d'A *emparedada* que se encontra na Biblioteca da Academia Pernambucana de Letras, por oferta do sebista recifense Brandão, traz a seguinte indicação na sua folha de rosto: "Recife. Typographia Central. Rua do Imperador, 73. 1886", o que, a ser

verdadeira a indicação deixada por Nascimento, comprovaria um estranho sistema: a publicação em livro, 23 anos antes da divulgação, em folhetins, nos jornais de 1909.

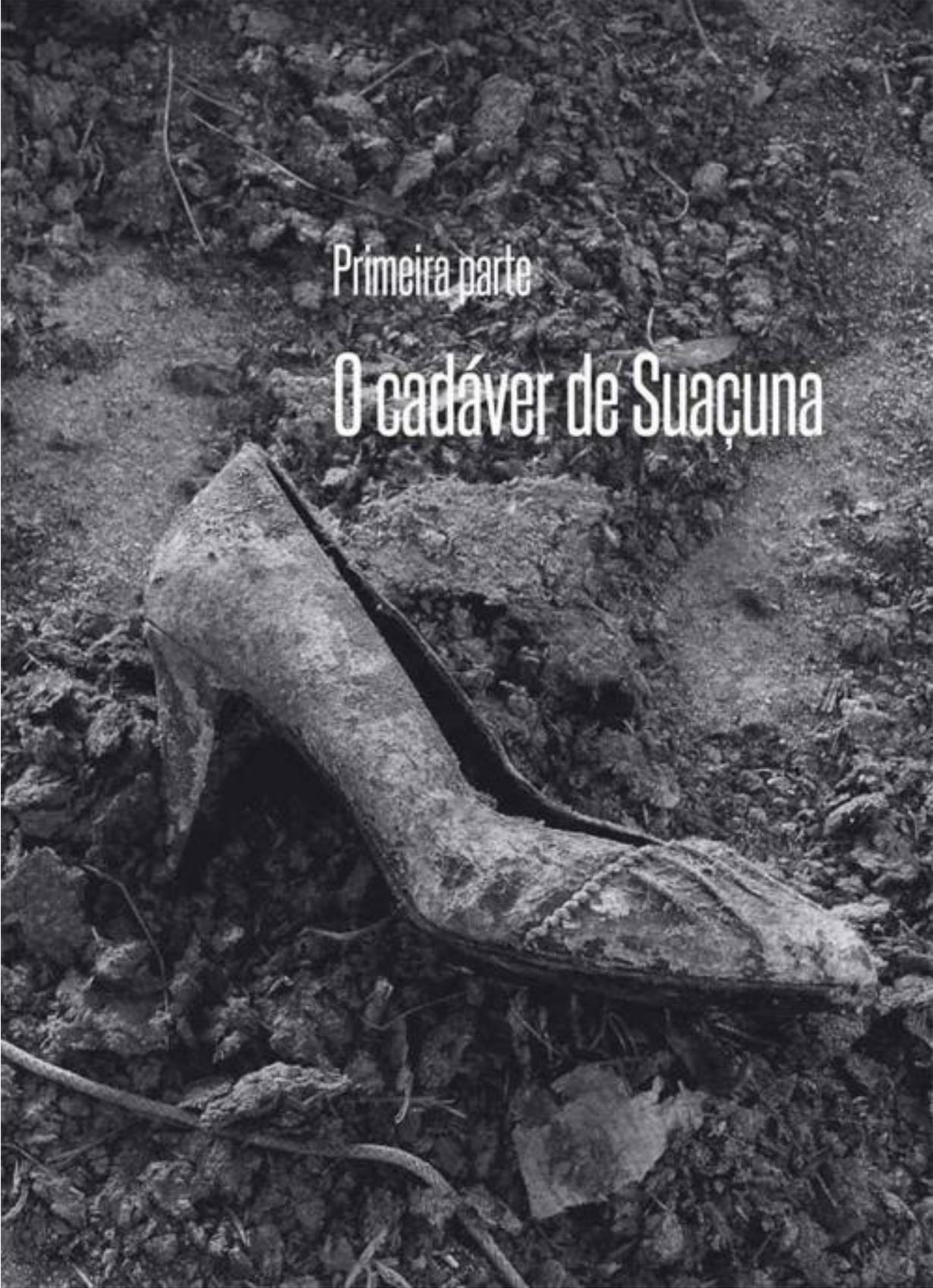
Uma hipótese seria a de ter-se equivocado o seguro Luís do Nascimento. E não é difícil que assim tenha sido, considerando a imensa massa de dados que teve de compulsar o ilustre escritor para escrever a sua monumental *História da imprensa de Pernambuco*, de cujas anotações de pesquisa tirou o *Roteiro jornalístico de Carneiro Vilela*. O que lhe pareceu ter sido a primeira publicação, em folhetim, da *Emparedada*, seria apenas uma retomada do texto. Suposição que não é de se desprezar, se considerarmos que Carneiro Vilela republicou n'A *Província* vários trabalhos já saídos à lume, vinte anos antes, na *América Ilustrada*.

Mas, então, resta a indagação: e a primeira publicação, em folhetim, da *Emparedada*, data de quando?

Aliás, frise-se, *A emparedada* parece-nos obra muito segura para ter sido escrita por alguém que acabara de sofrer um derrame cerebral.

<sup>7</sup> Discurso de recepção ao escritor Aderbal Jurema que se empossava na Cadeira 21, da Academia Pernambucana de Letras (*Revista da APL*, nº 17 – 1º semestre de 1967).

<sup>8</sup>Ver uma das raras referências a ele feitas: a que consta do capítulo que, sob o título *Ciclo nordestino*, escreveu Aderbal Jurema para a obra coletiva *A literatura no Brasil*, publicada, em 2ª edição, sob a direção de Afrânio Coutinho, pela Editorial Sul Americana S.A., Rio de Janeiro, 1969.



Primeira parte

# O cadáver de Suaçuna

## I Quem será?

Há fatos que, embora não afetem os interesses comuns de uma localidade nem os interesses imediatos do público, têm, contudo, o privilégio de despertar a atenção geral causando sensação e provocando comentários mais ou menos racionais, mais ou menos absurdos, segundo a classe a que pertencem os indivíduos entre os quais têm lugar.

Basta para isto que circunstâncias especiais, misteriosas, ou simplesmente fora do comum se agrupem ao redor desses fatos. Assim, tomam eles proporções extraordinárias na imaginação de todos e comovem, sem distinção de classe ou de pessoa, a uma população inteira, que há pouco, pacífica e ordinariamente apenas se preocupava com os labores de seu viver usual.

Era isto justamente o que se dava com a laboriosa e honesta população do Recife na manhã de terça-feira do dia 23 de fevereiro do ano de 1864. Despertara a atenção de todos uma notícia publicada pelas folhas diárias da cidade e não raro era o grupo em que se desse pouco ou menos<sup>1</sup> um diálogo idêntico a este:

– Já leu o *Jornal*? ou já leu o *Diario*?

– Já.

– E então, quem será?

– É verdade; quem será?

E esta pergunta misteriosa e enigmática, como a charada da esfinge, era pronunciada por todas as bocas e repercutia em todos os ouvidos, provocando os mais estúrdios e disparatados comentários, dando lugar às mais incongruentes dissertações e até às maiores invectivas e acusações contra as autoridades da província e do país inteiro, se o grupo ou indivíduo, que orava, pertencia à política adversa àquela que então empunhava as sebtas rédeas da já carcomida e estafada carroça do Estado.

E com efeito, não era para menos a curiosidade pública, e nunca uma sensação geral fora tão bem motivada e tão bem

justificada.

Eis aqui, pois, o que, no número daquele memorável dia 23 de fevereiro, publicava na sua Gazetilha o *Jornal do Recife*, então órgão oficial do Governo e por isso sempre bem informado:

*"QUEM SERÁ? – No dia 20 do corrente e dentro de umas capoeiras em terras do Engenho Suaçuna, distrito de Jaboatão, foi encontrado já em estado de putrefação o cadáver de um homem branco, tendo uma facada sobre o peito esquerdo.*

*Do corpo de delito a que procedeu a autoridade policial do lugar, não consta o reconhecimento da identidade do falecido, dizendo apenas alguns informantes ser um alemão, que, havia poucos dias, aparecera por aqueles lugares. De um morador dali sabemos mais os seguintes pormenores: que sobre o cadáver fora encontrada uma carta, um revólver de 6 tiros, tendo apenas 3 canos carregados, um canivete de mola, um par de punhos de camisa, tendo estes últimos objetos as iniciais do falecido, que na terça-feira da semana passada ele aparecera no povoado e comprara numa taberna uma garrafa de Genebra e uma quartinha, sendo esta e aquela achadas junto ao seu cadáver, que estava deitado de bruços tendo já a cabeça dilacerada pelas aves de rapina.*

*Segundo se supõe, o infeliz fora assassinado para ser roubado, visto que não se lhe encontrou dinheiro algum, e ele o tinha quando fora comprar estes últimos objetos. Sabemos que o Dr. Chefe de Polícia<sup>2</sup> Já ordenou a vinda do revólver, da carta, do canivete e botões, a fim de ver se pode ser reconhecida a identidade da pessoa a quem pertenceram, assim como deu terminantemente ordens ao Delegado do lugar para descobrir os autores de semelhante atentado".*

*Se esta notícia publicada pelo *Jornal do Recife* e também narrada, apenas com ligeira variante, pelo *Diario de Pernambuco* do mesmo dia, despertou a atenção e a curiosidade do público, aumentaram-nas ainda mais as outras que se seguiram, como tentando explicar o caso, mas na verdade complicando-o ainda mais e ainda mais entenebrecendo o mistério que o cercava.*

*Eis, portanto, o que se lia ainda no Jornal do Recife de sábado, 2 de fevereiro do mesmo ano:*

*"SUICÍDIO E MISTÉRIO – Na terça-feira noticiamos que dentro de umas capoeiras em terras do Engenho Suaçuna, distrito de Jaboatão, fora encontrado, no dia 20 deste mês, o cadáver, já em estado de putrefação, de um homem branco que se supunha ser alemão, mas cuja identidade não havia sido reconhecida, assim como que se julgava ter o infeliz sido assassinado para ser roubado, visto que constava do corpo de delito ter o cadáver uma facada sobre o peito esquerdo. Noticiamos igualmente, por nos haver dito um morador dali, que junto ao corpo se encontraram diversos objetos, os quais o Sr. Dr. Chefe de Polícia mandara buscar a fim de, por meio deles, ser reconhecida a identidade da pessoa. Esta notícia que causou alguma sensação e coincide com o desaparecimento de um moço estrangeiro há pouco vindo para esta província, cercado de uma espécie de mistério, despertou geral curiosidade, e começaram logo versões diferentes a tal respeito, querendo uns que fosse ele o desgraçado e que tivesse sido realmente assassinado, outros porém, que se houvesse suicidado.*

*Em virtude, pois, de semelhantes boatos, o senhor Dr. Chefe de Polícia ordenou logo ao Sr. Delegado do distrito de Jaboatão, a remessa dos objetos encontrados como então dissemos, e igualmente o corpo de delito feito e que lhe comunicasse também o que soubesse de todas as pesquisas a que procedesse.*

*Esperando o resultado das investigações policiais julgamos então prudente nada mais dizer a semelhante respeito; hoje, porém, que estas se acham terminadas, vamos inteirar os nossos leitores do resultado delas.*

*Logo que recebera o ofício do Sr. Chefe de Polícia, o Sr. Delegado de Jaboatão dirigiu-se ao lugar em que fora enterrado e mandando exumá-lo, procedeu ele mesmo e com grande risco da vida, sem o recurso de nenhum desinfetante, a exame minucioso em todo o cadáver, para o que lhe fez despir toda a roupa com a qual havia sido enterrado.*

*Consta deste exame, e também do primeiro corpo de delito, que as carnes da maxila se achavam dilaceradas, havendo no alto da cabeça um buraco perfeitamente redondo e de menos de meia polegada de diâmetro por onde entrou uma tenta desembaraçadamente até a parte inferior do queixo.*

*No colarinho da camisa e na parte superior do peito do paletó, que estava abotoado até o pescoço, havia indícios de sangue. Sobre o peito esquerdo parecia existir uma incisão, mas não havia sangue e nem ruptura alguma nos vestidos no lugar correspondente. Dentro da algibeira do colete foram encontradas algumas espoletas embrulhadas num pedaço de papel, assim como um bocado de pólvora e seis balas pequenas e uma cadeia de relógio no bolso interno do paletó.*

*Estes objetos e os outros foram encontrados junto ao cadáver, o lugar em que este se achou, assim como o ferimento existente no crânio, provam evidentemente, que o desgraçado não fora assassinado para ser roubado, pois que nada lhe tiraram, do que possuía, e sim que buscara aquele lugar para suicidar-se, empregando para isto a mortífera arma sobre a qual foi encontrado de bruços, tendo a mão direita sobre ela e o braço esquerdo estendido horizontalmente.*

*Não resta, pois, dúvida de que foi um suicídio e não um assassinato e quanto à identidade da pessoa, também não resta a menor dúvida de ser ele o estrangeiro a que acima nos referimos. Quem é, porém, e como se chama? Eis o que não podemos bem responder; no entretanto, o que consta a seu respeito é o seguinte:*

*No vapor inglês Magdalena chegara ele a esta província, procedente do Rio de Janeiro, sob o nome de Oscar Luiz Palet Roschklave, dizendo-se americano confederado e oficial do vapor Alabama, o qual vinha esperar aqui por ter ficado em terra em Santa Catarina, quando ali esteve ultimamente este navio.*

*Moço de uma educação esmerada, falando alemão, francês, inglês, espanhol e português, dotado de maneiras insinuantes, conseguiu em pouco relacionar-se bastante e ter entrada em diversas casas, onde se portou sempre do melhor modo. Havendo-se hospedado no*

*Hotel d'Europa, desapareceu dali, na manhã do dia 15 deste mês sendo ao escurecer encontrado pela polícia na povoação do Pérez, em caminho para Jaboatão, onde amanheceu no dia seguinte e comprou numa taberna uma quartinha e uma botija de genebra, e pedindo que lhe ensinassem o caminho do banho, seguiu a direção indicada. Quatro dias depois os corvos<sup>3</sup> denunciavam o lugar em que se achava o seu cadáver. Tendo sido reconhecida a sua identidade pelos objetos encontrados, a polícia mandou abrir o quarto em que ele se hospedara e procedeu a exame no seu espólio, visto não ter cônsul.*

*Ali, porém, com espanto de todos não se achou o menor indício sobre quem ele verdadeiramente era. Antes de partir tivera o cuidado de fazer desaparecer todos os papéis, e cortar a marca das suas camisas, e até de sete retratos em cartões de visita, cinco de senhoras e dois de homens, teve o cuidado de raspar das costas a marca do fotografa.*

*Apenas encontrou-se um lenço velho com as seguintes iniciais: L.D. – 12 e uma charuteira de couro da Rússia com uma firma tendo no centro um F e dois J.J. – em sentido contrário formando um H – e três cartões de visitas com os seguintes nomes – Mr. J. Leonard Moore – Dr. Balduino Atanásio do Nascimento, médico operador, Uruguaiana e – P. B. Cavalcanti de Albuquerque. Este último é o Dr. Pedro de Barros, filho do Sr. Pedro Alexandrino e Juiz municipal de uma das cidades do Rio Grande do Sul.*

*De tudo o que temos escrito, se vê que o infeliz não era quem se dizia e nem desembarcara do Alabama em Santa Catarina, pois já vem do Rio Grande do Sul, mesmo de mais além, do Rio da Prata, donde ele falava várias vezes referindo histórias amorosas.*

*Apesar, porém, de ter feito desaparecer todos os indícios que o pudessem dar a conhecer depois da sua morte e de ter querido mesmo esconder até o seu próprio cadáver, deixou, não obstante, talvez sem pensar, um único documento importantíssimo, pelo qual se pode vir a saber quem ele era. Foi um retrato seu em cartão de visita, o qual colocara no álbum de uma respeitável senhora, com cujo marido travara relações.*

*Este cartão tem nas costas a seguinte marca em línguas alemã e polaca:*

*A. & F. Zeuschner*

*Atelier fur Photographie*

*Posen*

*Wilhelmsstrasse Nr. 25.*

*O motivo verdadeiro que levou este infeliz a cometer semelhante ato de desesperação ninguém pode perscrutar. A circunstância, porém, de ter ele pedido algum dinheiro emprestado, e a de dever ao hotel uma soma já um tanto crescida, por cujo atraso de pagamento tinha sido advertido pelo seu proprietário, faz-nos crer que, se não foram os apuros pecuniários a causa verdadeira e única de semelhante atentado, agravaram eles talvez mais sérios transtornos, e impeliram o infeliz a sair por tal modo da posição falsa em que se achava colocado.*

*O revólver com que se suicidou tem a marca da casa Laport & Irmão. Rio de Janeiro e o número 4481”.*

## II Esclarecimentos que nada esclarecem

Tal fora a notícia que tanto escandalizara a curiosidade pública, aliás ávida sempre de comoções e de novidades e tais eram os esclarecimentos que a polícia, por meio do seu órgão oficial na imprensa, julgara prudente fazer públicos a fim de tranquilizar os ânimos exaltados de uns, timoratos ou assustados de outros, e impressionados de todos.

Com efeito, dividiam-se as opiniões; cada qual estabelecia um certo número de argumentos e daí tirava as conclusões mais absurdas, prognosticava os fatos mais aterradores ou comprometia as pessoas mais gradas e mais respeitáveis da cidade, conforme a face sob que encarava o fato em questão, ou segundo a importância e o crédito que dava aos esclarecimentos da polícia e da folha do governo, habituados, como estamos todos, a ser mistificados por esses dois poderes – imprensa e polícia – quando lhes convém não dizer a verdade ou deixar que dúvida paire sobre qualquer acontecimento.

Alguns visionários, desses que têm a mania de enxergar nas mínimas coisas o gérmen latente dos mais gigantescos acontecimentos, fantasiavam ou afirmavam descobrir já naquele fato misterioso o princípio de uma série não interrompida de horrores e o subordinavam a todos os crimes mais ou menos horripilantes que se tinham praticado nesta capital.

Outros, os timoratos, ou os politicões de botica, aqueles de que já o velho Nicolau Tolentino<sup>4</sup> se ocupava no seu tempo e cuja raça parece ter-se perpetuado entre nós, já vislumbravam, como uma nuvem negra a obumbrar os horizontes da pátria, um conflito internacional com a Alemanha, levados talvez pelo patriótico desejo de ver surgir mais uma dificuldade para a política então dominante – e isto porque infelizmente, entre nós, tudo é política; bom ou mau, se resolve na política, é por ela absorvido, e dela recebe a vida ou a morte.

E com a política confundem o poder, confundem o governo. Se um indivíduo qualquer sem educação, ou levado pela fome, ou instigado por uma paixão que o alucina, comete um crime que horroriza uma cidade, quem tem a culpa é o governo, é a política, quase sempre a política que está de cima. Não se sabe bem o porquê dessa acusação, mas vai ela tomando corpo, crescendo, crescendo, e afinal não há ninguém que o não diga, não há ninguém que o não creia.

É um efeito da ignorância ou defeito da educação, sem dúvida, mas em todo o caso é um fato real e que o observador menos experiente não deixará de registrar no seu canhenho.

Para evitar sem dúvida essa acusação corriqueira, foi que a polícia mandou publicar aqueles esclarecimentos, deduzidos de uns autos e comprovados pela fiel assinatura de umas tantas autoridades subalternas e de outros tantos peritos de ocasião.

Nem todos, porém, se contentaram com aquelas explicações, nem todos acreditaram naquele suicídio e muito vacilante se conservou a opinião pública a respeito da identidade de pessoa, que de forma alguma ficou bem acentuada. Certa parte da população – a mais exigente e talvez também que a menos interessada – começou a murmurar pela boca pequena<sup>5</sup>, já se vê, que a polícia ou fora inepta ou contemporizara com o crime, não querendo expor ao rigor da lei pessoas altamente colocadas.

Diziam outros, que, não querendo dar ao público a ponta do fio que desenrolando a meada judiciária o poria na pista e levaria infalivelmente – porque esse argos diabólico é por demais abelhudo – ao descobrimento da verdade, inventara ela um álibi monstruoso e confundindo pormenores, acabara por fazer uma troca, dando ao assassinado o nome de um estrangeiro sem cônsul que por ele punisse e sem fortuna que o pudesse valer e descartando-se deste obrigando-o a embarcar com outro nome.

Fosse qual fosse, porém, a verdade, o que é certo é que estas e outras versões enchiam a cidade. Qual delas é a verdadeira, verá o leitor no decurso deste romance.

Se, porém, a polícia se contentou com aqueles esclarecimentos, outro tanto não se deu com a sua então auxiliar – a imprensa.

Ou porque não quisesse ficar com a pecha que atiraram à sua camarada, ou porque, mais bem intencionada, procurasse efetivamente a verdade, ou porque a demovesse o interesse arraigado de esclarecer totalmente aquele caso, ou finalmente por ser mais esperta e ladina, não parou ela naquele último expediente.

Foi assim que, dois meses depois, justamente numa terça-feira, o mesmo *Jornal do Recife* na Gazetilha do seu número de 19 de abril, publicou ainda o seguinte:

*“QUEM ERA ELE – Os leitores recordam-se certamente que noticiamos em 20 de fevereiro último o suicídio de um infeliz moço, cujo cadáver fora encontrado em terras do Engenho Suaçuna na freguesia de Jaboatão, o qual antes de pôr termo aos seus dias, procurou apagar todos os vestígios, que pudessem dar a conhecer a sua origem.*

*O fim desastroso deste desgraçado inspirou geral interesse, e despertou em todos a curiosidade bem natural de querer saber quem ele era, visto que a sua vida parecia envolvida em um mistério.*

*Sabendo nós que ele tinha estado em Montevideú, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, escrevemos para estas três partes e enviamos uma cópia do seu retrato. Da primeira destas cidades ainda não recebemos resposta, da última pouco nos disseram, da segunda, porém, enviaram-nos os pormenores que abaixo damos, colhidos de algumas pessoas que o conheceram de mais perto.*

*Tendo os jornais ali noticiados o acontecimento, e convidado o público a examinar o retrato, que se acha exposto na sala da Associação Comercial, foi imensa a concorrência, sendo que muitos o reconheceram logo.*

*Eis o que nos dizem: Oscar Luiz Palet Rochklave ou Rochetaux (segundo opiniões) nasceu em Montreal capital do Canadá. Era filho de um rico proprietário residente em New Orleans, na Luiziana, e foi*

*educado em Viena d'Áustria. Tendo seu pai perdido a maior parte da sua fortuna com a guerra civil, que rebentara nos Estados Unidos, ele alistara-se como oficial no exército dos confederados, e depois de ter tomado parte em algumas batalhas, deixou o serviço e foi viajar pela Europa.*

*Em maio do ano próximo passado embarcou-se ele em Hamburgo a bordo do patacho hamburguês Conni, capitão Discks, que conduzia colonos para o Rio Grande do Sul, onde chegou a 17 de julho. Na ocasião de embarcar, não tendo apresentado passaporte, foi obrigado a recorrer ao cônsul inglês daquela cidade, que lhe deu um passe com o qual veio para o Brasil.*

*Durante a viagem captou as simpatias de todos, travando íntimas relações com dois moços alemães, Adolpho Weber e David Hay, caixeiros hoje da casa dos senhores Augusto Boethgen & Grosck no Rio Grande do Sul. Apesar, porém, de a intimidade em que com eles viveu, nunca disse o nome de seus pais e nem onde residiam.*

*Tocava perfeitamente harmônico e as suas músicas favoritas eram os hinos dos confederados e dos polacos, cuja língua falava muito bem, assim como o alemão, o francês, o inglês, o italiano e o espanhol.*

*Apreciava muito o traje polaco e mostrava-se entusiasmado por esta nação, pelo que a bordo o julgavam polaco (e é também nossa opinião) apesar do que ele dizia, tanto mais quanto evitava sempre o contato de dois polacos, que vinham também de passagem, como se temesse ser reconhecido.*

*Não há dúvida, porém, que estivera nos Estados Unidos, pois falava desta nação com conhecimento perfeito e possuía mantos, botas e armas próprias do exército confederado.*

*Quando chegou ao Rio Grande do Sul, hospedou-se no Hotel Pascal e frequentou a primeira sociedade daqui e com especialidade os clubes estrangeiros.*

*Pouco tempo depois partiu para o Rio da Prata no vapor brasileiro Gerente, dizendo a uns que ia ali vender um*

*carregamento, que lhe fora consignado e, a outros, que ia receber dois mil patacões, regressando depois a pé pelo interior da província até Porto Alegre no vapor Proteção<sup>6</sup>, em princípios de dezembro último, dizendo ter viajado pelas repúblicas de Entre Rios, Corrientes e Estado Oriental, e que ia seguir para Santa Catarina a fim de receber dinheiro e, de fato, embarcou para ali a bordo do mesmo vapor Gerente, que meses atrás o tinha levado para o Rio da Prata. O infeliz, porém, não parou em Santa Catarina e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se demorou pouco tempo embarcado para aqui no vapor inglês Madalena, que chegou a 14 de janeiro deste ano, dizendo-se oficial do vapor Alabama e o mais já sabem os leitores. Do Rio nos dizem que ele fora realmente oficial deste navio, de onde fora expellido por incorrigível.*

*Segundo o dizer de algumas pessoas que o conheceram, ele, quando interpelado por cuidar pouco da vida, gastando o tempo só em rir e folgar, respondia sempre que enquanto tivesse dinheiro se trataria com grandeza, como o seu nascimento o exigia, e logo que lhe faltassem os recursos se suicidaria, pois não faria figura triste, e nem se sujeitaria ao trabalho. O mesmo disse aqui, e assim o fez.*

*Os pormenores que aí ficam registrados parece-nos que não provam bem a identidade do infeliz suicida e apenas servem para guiar ao descobrimento da verdade.*

*Em nossa opinião ele era polaco e não americano: o tipo da sua fisionomia, o sotaque de sua voz e, sobretudo o não falar bem o inglês, pois não o falava bem, são para nós provas de que ele pertencia a uma origem, que não a inglesa. Vê-lo-emos”.*

E nada mais disseram os jornais a respeito daquele cadáver que os corvos denunciaram, com o seu esvoaçar concêntrico e agoureiro.

O mistério que ao princípio envolveu a sua identidade, não se desvendou de todo e ainda hoje parece conservar-se impenetrável.

Do mesmo modo, que em 1864, o espírito que hoje se volve para aquele tempo e para ante o aspecto repugnante daquele corpo dilacerado, putrefato, abandonado assim às aves de rapina nas

capoeiras bravias de um engenho, hesita na emissão segura de um juízo e insensivelmente pergunta horrorizado:

– Foi um crime ou uma desgraça? Foi um assassinato bárbaro ou um cobarde suicídio?

É o que veremos mais tarde.

### III Um fio da meada

A rua, que antigamente se chamava Nova e que hoje, graças ao crisma municipal, concorre para perpetuar o nome de um dos mais valentes soldados do nosso exército – o Barão da Vitória, – além de ter sido sempre, como ainda hoje é, uma das principais artérias da cidade, onde se fixou o comércio e por onde quotidianamente deslizava a lavoura representada por uma fileira não interrompida de cargas de algodão e de açúcar, tem tido também as suas horas de celebridade e tem sido testemunha de fatos que nem honram a civilização, nem abonam muito a humanidade<sup>7</sup>.

Foi, por exemplo, aí no oitão da igreja-matriz, que sentado, e amarrado a uma cadeira como a um triste pelourinho, foi sacrílega e barbaramente exposto, entre duas praças, o cadáver de Souto-Maior, que tentara assassinar o governador Luiz do Rego, a fim de sua identidade ser reconhecida por quantos passassem.

Honra, porém, aos pernambucanos de então – tão diferentes dos de hoje! – ninguém o reconheceu, ninguém disse o seu nome, ninguém traiu o segredo da sua morte, ninguém, finalmente, o denunciou à vindita iracunda do tirano.

Fosse hoje um tal fato e por quaisquer trinta dinheiros, o corpo, o nome, a família, a fazenda, a honra, tudo que pertencesse àquele morto seria revelado sem pejo e sem grandes demoras, e ainda em cima a denúncia e a traição teriam os encômios de um ato meritório e chegariam à altura das grandes virtudes cívicas.

Antigamente, não. Outros tempos, outros costumes!

A Rua Nova, em 1861, era, como ainda hoje, ladeada de elegantes, vistosas e bem sortidas casas de comércio. Era mesmo uma daquelas que a tal respeito, apresentava um dos melhores aspectos, graças à variedade dos negócios, à concorrência da freguesia e à atividade azafamada e alegre dos mercadores, – patrões e caixeiros.

Justamente a uma destas casas vamos conduzir o leitor; unicamente porém, como escrevemos um romance real e verídico, não declaramos aqui, por escrúpulo bem entendido e por conveniências que todos compreenderão, nem o gênero de negócio nem o número dessa casa.

Era a manhã do dia 23 de fevereiro: o sol surgira, havia uma hora, e na loja em questão os caixeiros, uns já homens, outros meninos ainda e, por isso praticantes, acabavam essa arrumação característica e habitual que consiste na exposição sistemática dos artigos, e constitui uma das principais, senão a principal ocupação matutina dos empregados de uma casa de comércio a retalho.

O primeiro caixeiro dera uma vista d'olhos a tudo, que estava sob a sua jurisdição, fora a porta a ver se vislumbrava algum freguês madrugador, relanceara a vista ao sobrado fronteiro na expectativa de descobrir por trás dos vidros da vidraça a carinha sonsa e machucada da vizinha, e sentando-se, cheio de si, no mocho da porta lançou mão do *Diario de Pernambuco*, que tem o privilégio de ser o órgão oficial das casas comerciais, e encetou a leitura da sua noticiosa Revista Diária.

No mesmo instante, atravessou a rua com a ligeireza de uma locomotiva, e parou diante dele um indivíduo, pálido, coberto de suor e meio fora de si.

– O Sr. Jaime? perguntou ele com voz estrangulada pelo cansaço.

O caixeiro mediu-o rapidamente de alto a baixo como para julgar da sua importância e respondeu em tom peremptório:

- Ainda não desceu.
- E custará muito a descer?
- Não sei.
- A que horas costuma ele...
- Já disse que não sei; não tem horas certas. Umas vezes desce às 7, outras às 8, e outras finalmente só desce depois do almoço.
- Diabo! Diabo! – murmurou o indivíduo entredentes.

E começou a coçar a cabeça cheio de impaciência e mau humor.

Os caixeirinhos principiaram a rir-se à socapa; e o primeiro caixeiro, olhando de esguelha para o pobre diabo, parecia não perdê-lo de vista um só instante.

Com efeito, o seu aspecto geral não era para inspirar confiança, máxime num tempo em que a Companhia do Tiro e do Olho Vivo<sup>8</sup> punha em prática todos os ardis e contava um numeroso e variado pessoal completamente habilitado para o furto e para o roubo.

Era o indivíduo em questão de estatura regular, que aparentava ser maior pela extraordinária magreza do corpo. De um moreno trigueiro e corado, o rosto era comprido e anguloso, com as maçãs e o queixo muito salientes. De dentro de umas órbitas cavadas e profundas, destacavam-se dois olhos pretos, vivos, inquietos, como que fosforescentes, e alongava-se entre eles um nariz fino e ossudo de largas narinas abertas e sempre em movimento. Os lábios, meio delgados, eram sombreados por uns bigodes finos e raros, de uma cor castanho clara, quase ruiva, contrastando extraordinariamente com as sobrancelhas e os cabelos que eram pretos.

Trajava paletó saco de alpaca preta, já um pouco sovado, calças de brim pardo enxovalhadas e calçava sapatões do Aracati<sup>9</sup> tintos de preto. Por debaixo das mangas do paletó escapavam-se os punhos da camisa de chita, de uma cor já duvidosa.

Finalmente aparentava pelo todo – quer pela fisionomia antipática e neste momento alterada pela contrariedade e pelo cansaço, quer pelo seu traje pouco asseado – pertencer a numerosa classe desses indivíduos que não têm nem ofício nem benefício, nem eira nem beira, e vivem a mais das vezes de expedientes, prestando-se a todos os misteres, contanto que, na frase deles, o cobre corra frouxo.

Depois de dois ou três minutos de espera, tornou ele a resmungar:

– É uma dos diabos!

O primeiro caixeiro tornou a medi-lo de alto a baixo.

– É algum caso urgente? – perguntou.

– Urgentíssimo! – respondeu o sujeito.

– Traz recado de alguém?

– Não, senhor; é negócio meu mesmo.

– Seu?! – exclamou o caixeiro entre espantado e zombeteiro.

Coube ao sujeito a vez de o encarar e de o medir.

– Meu ou dele! – replicou de um modo intimativo, faiscando-lhe o olhar como uma brasa – se seu patrão soubesse que eu aqui estava, talvez que já tivesse descido.

No mesmo instante, junto à ombreira de uma porta que comunicava a loja com o corredor do sobrado, apareceu a cabeça de uma preta e uma voz, indolentemente coada por entre uns dentes brancos e lustrosos como porcelana, deu o recado:

– Seu Janjão, sinhô mandou buscar o *Diario*.

O caixeiro, retribuindo o sorriso, que acompanhara o recado, entregou a folha à escrava e aproximando-se dela, perguntou-lhe baixinho:

– Como está sinhazinha? Está boa?

– A negra revirou os olhos, repuxou os beiços grossos e sensuais num momo de desprezo e respondeu-lhe de mau modo:

– Iche?... aquilo é lá para seu beijo?

E sem esperar o troco, que sem dúvida o caixeiro lhe daria, saiu da porta e dirigiu-se para a escada.

Seguiu-lhe as pegadas o indivíduo moreno e mal vestido, e com tal perícia e sutileza se houve, que quando a preta, depois de entrar, foi fechar a porta da escada, deu de cara com aquele visitante já no corredor.

O susto, que ela teve, foi tão grande que lhe arrancou um grito fora do comum.

– Que foi isto? – perguntou uma voz zangada, da sala de visita.

– Sou eu, o Zanolho – respondeu o indivíduo maltrapilho.

– O Zanolho! – exclamou a mesma voz: – entre, entre.

O indivíduo enfiou-se desembaraçadamente pelo corredor e só parou no meio da sala, onde relanceou um olhar investigador para todos os lados.

Coisa notável! Se o primeiro caixeiro o visse neste momento, muito se admiraria, porquanto os seus olhos, que na loja eram perfeitos, apresentavam agora um estrabismo convergente extraordinário, o que dava à sua fisionomia já antipática um cunho indiscutível de astúcia e de maldade e a fazia inspirar uma repugnância invencível.

Na sala, que nada tinha de notável, apresentando apenas esse aspecto vulgar das casas burguesas ricas, achava-se sentado, em uma cadeira de balanço, um indivíduo bem apessoado e cheio de corpo, que representava ter de quarenta e cinco a cinquenta anos.

Era o Sr. Jaime Favais, dono da loja que ficava no andar térreo, e o mesmo por quem o Zanolho perguntara quando tão bruscamente interrompera a leitura do caixeiro. Apenas deu ele com os olhos na estranha visita, teve como um sobressalto e perguntou com ansiedade:

– Há alguma coisa de novo?

O visitante aproximou-se rapidamente e, em lugar de responder-lhe, perguntou por sua vez:

– Já leu os jornais de hoje?

– Ainda não respondeu o negociante já um pouco intrigado.

– Nem o *Diario*, nem o *Jornal do Recife*?

– Nem um, nem outro.

– Deve ler, Sr. Comendador! Deve ler e já.

E tendo dito isto o Zanolho sacou do paletó os dois jornais e os entregou ao negociante.

Entrementes entrou a escrava com o *Diario*. O Comendador recebeu-o e despediu a portadora.

– Mas, então o que há? – insistiu o negociante.

– Há... há... – e o Zanolho abaixou ainda mais a voz, que se tornou quase um murmúrio, – há que os diabos dos urubus... eu sempre embirrei com semelhantes bichos...

– Mas o que têm os urubus? – fala de uma vez!

– Leia Vossa Senhoria o *Diário*... os malditos começaram a esvoaçar ao cheiro da carniça e tanto fizeram que descobriram o cadáver de...

– Psiu! Silêncio!

Esta exclamação e um olhar rápido e severo do negociante fizeram o Zanolho engolir o resto da frase.

Jaime passou então a mão pela testa, onde começara a porejar um suor frio, e abrindo o Diário principiou a ler a sua revista.

Passou depois ao *Jornal* e devorou a Gazetilha.

Quando finalizou a leitura da notícia, que transcrevemos no primeiro capítulo desta obra, tinha ele a fronte enrugada como se houvesse concentrado todos os seus pensamentos e palidez mortal invadia-lhe todo o rosto. Um ligeiro tremor agitava-lhe as mãos, e os olhos embaciados e fixos pareciam pregados num só ponto.

Depois de alguns minutos de silêncio, o Zanolho, que até então o estivera contemplando um pouco afastado, aproximou-se dele e o interpelou:

– Então, Sr. Comendador, que diz Vossa Senhoria a isto?

O negociante deu um suspiro profundo, como de quem desperta, passou novamente a mão pela testa, ergueu-se e começou a passear silenciosamente pela sala. Tinha a fronte contraída e o passo irregular de quem medita. O Zanolho respeitou essa concentração de espírito, e sorratamente foi sentar-se a um canto do sofá, depois de acender uma ponta de cigarro de palha que tirara de detrás da orelha. Também ele começou a meditar, e a meditar tão profundamente que acabou por adormecer.

Foi despertado pelo negociante que lhe batia no ombro, chamando-o pelo nome.

– Sr. Hermínio?

– Pronto! – gritou o Zanolho pondo-se de pé! Vossa Senhoria desculpe, mas estive toda esta noite ocupado...

– Bem, bem! – interrompeu o Comendador- não se trata disso, trata-se de coisas mais sérias e mais graves.

– Estou às ordens de Vossa Senhoria – que é preciso fazer?

– Por ora muito pouca coisa: saber quais as diligências que foram ordenadas pelo chefe de polícia e quando terão elas lugar.

– Isto é negócio de um momento, enquanto o demo esfrega um olho.

O Zanolho ou o Sr. Hermínio foi buscar o chapéu que pusera sobre o piano, e dispôs-se a sair no mesmo instante.

– Espere! – disse o negociante.

– Que mais? – inquiriu o outro, parando já na porta.

– Precisa de dinheiro para isso?

– Talvez; sempre é bom levar algum.

E o Zanolho, em forma de peroração, estendeu logo a mão ornada de dedos afilados e de unhas de tocador de violão.

O negociante tirou do bolso uma carteira, e separando dela um punhado de cédulas, entregou-as, sem contar, ao seu confidente e emissário.

O Zanolho recebeu tudo que se sumiu imediata e rapidamente no bolso e saiu resmungando com os seus botões:

– Hum!... tu que dás dinheiro sem contar..., aí há coisa.

Na sala, cada vez mais concentrado, com a fronte mais enrugada e a palidez mais cadavérica, o negociante continuava a passear.

## IV Informações necessárias

Enquanto o negociante pensativo e acabrunhado mede a passos irregulares o assoalho da sua sala de visitas, e antes de passar a outras cenas mais importantes, é indispensável, para a boa inteligência do drama triste e horroroso que vai desenrolar-se diante dos leitores, dar algumas informações exatas a seu respeito, referentes umas ao seu caráter e educação e outras à sua vida civil e doméstica.

A história de Jaime Favais é, nem mais nem menos, a de todos esses portugueses, que, filhos de pais agricultores e pobres, vendo-se, em sua pátria sem recursos no presente e sem esperanças no futuro, emigram para o Brasil com o firme propósito de trabalhar sem descanso até adquirir a fortuna que sempre lhes faltou, mas com a qual sempre sonharam.

Natural de Favais, em Trás-os-Montes, apenas completou ele os quinze anos, seus pais, admirando a inteligência, a atividade e sobretudo a ambição, que já se revelavam nele em alto grau, remeteram-no para *a terra das patacas*, consignado a um tio materno, que aqui estava estabelecido com um grande e bem afreguesado armazém de secos e molhados.

O menino Jaime não sentira grande comoção ao deixar o pátrio ninho: antes secreto instinto instigava-lhe a alegria íntima e buzina-lhe aos ouvidos que iam rasgar-se aos seus olhos e à sua ambição novos horizontes e vastos campos de operação e de colheita.

Ouvia contar tantas maravilhas desse Eldorado dos ambiciosos!... fantasiava nesse Brasil uma terra tão superabundante de riquezas, tão fabulosamente cheia de ouro e de diamantes que não era para admirar que ao sentimento da saudade e à tristeza da separação sobrepujassem a curiosidade das viagens e a avidez dos grandes lucros.

Sob essa impressão, chegou ele a Pernambuco e foi pelo tio, que já tinha a seu respeito as informações mais exatas e

completas, recebido de braços abertos. Com efeito, naquelas condições e dotado de qualidades tão essenciais ao comércio, ser-lhe-ia ele de um auxílio extraordinário.

No mesmo dia da chegada e depois de feita a indispensável apresentação à família do tio – dali em diante também sua – foi Jaime instalado na taberna, sem que precisasse grande trabalho para porem-no ao corrente das suas obrigações e do mecanismo daquele gênero de negócios.

Foi rápida a sua aprendizagem; mais rápidos ainda os seus progressos, de forma tal que, em pouco tempo, graças à sua esperteza, atividade e inteligência, tinha ele captado completamente a amizade e a confiança do tio e tornara-se o seu *factotum*, o seu braço direito. Além disso parecia que com ele havia entrado no armazém um novo alento de felicidade. Se até então tinham as coisas corrido mais ou menos bem, dali em diante não tinha havido mãos a medir.

A fortuna do tio multiplicava-se a olhos vistos e o honrado taberneiro – todos são honrados enquanto não se prova o contrário – bem reconhecia que semelhante resultado era devido ao gênio inventivo e essencialmente multiplicador do sobrinho.

Havia este descoberto uma nova aritmética que aplicava rigorosa e proporcionalmente a todos os trocos, e um novo sistema de pesos e medidas, o qual, se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha em compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria.

Sem cursar academias, nem folhear tratados indigestos, o ladino portuguesinho havia adivinhado e resolvido o mais difícil dos problemas econômicos: lucrar muito, produzindo pouco.

Todas essas qualidades e os subsequentes resultados impressionaram e atuaram de tal forma no ânimo reto e justiceiro do velho vendilhão, que, em atenção a tudo isto e mais ao laço de sangue que os unia, deu ele, alguns anos depois, sociedade ao sobrinho, figurando no contrato social, por parte deste, um capital de trinta contos de réis.

Tinha então Jaime vinte e três anos feitos e via meio realizados os seus sonhos de ambição. Mas não era tudo: aspirava a um resultado melhor. Dotado de uma tenacidade invencível, desde que entrara para a casa do tio, formara um projeto e, assim como caminhara até então, continuaria a caminhar para a sua completa realização. Estava mais perto do que já estivera do seu fim e para consegui-lo sentia-se com forças bastantes, conhecia mesmo que seria capaz de todos os esforços, que não recuaria diante do emprego de meio algum. Esse fim, já todos adivinham, era o empolgamento total da fortuna do tio, a qual segundo os cálculos mais exatos, devia subir a uns quatrocentos contos de réis em prédios e em espécie.

Para consegui-lo havia um meio natural e fácilimo e foi para ele que apelou o ambicioso, com tanto mais sofreguidão e bom conselho, quanto ia nisto a satisfação de um sentimento terno e amoroso.

Com o propósito, pois, de conseguir por esse meio o que tanto desejava, partiu para a Europa, isto é, para Portugal. Voou à sua aldeia natal, e demorou-se no seio da família apenas três meses. Na sua volta trazia consigo a autorização paterna para ultimar o projeto que tanto afagara e que seria então a realização total das suas esperanças.

Seu tio, depois de estabelecido, havia casado com uma brasileira, filha do seu antigo patrão, e desse consórcio abençoado nascera uma filha, que era a sua única herdeira. Era ela naquele tempo uma bonita moreninha de dezesseis a dezessete anos, para cuja educação esmerada e um pouco acima da vulgar convergiam todas as atenções do pai que a adorava e por ela seria capaz de cometer todas as loucuras imagináveis.

Ela, por seu lado não retribuía menos essa afeição delicada: e boa e meiga, e carinhosa, como era, tinha por ele uma espécie de culto – tão grande era a amizade, tão excessivo era o amor filial, que o carinho paterno havia sabido criar e desenvolver.

Jaime, na qualidade de primo, contínua e constantemente em contato com ela, e de mais a mais instigado pelo demônio da

ambição, com o propósito firme de obter o seu fim, não pôde furtar-se à influência magnética dos seus olhos negros nem à atração amorosa e dominadora da sua bondade. Amou-a e foi ardentemente correspondido.

Apenas, pois chegou da Europa, abriu ao tio o seu coração com todas as aparências de franqueza e lealdade e expôs-lhe os seus projetos, menos, já se vê, a causa latente que o movia, concluindo por pedir-lhe a mão da priminha. A resposta não se fez esperar. O bom velho taberneiro tivera sempre gravíssimas apreensões sobre aquele assunto. O casamento da filha lhe aparecera até então ao espírito como um imenso ponto de interrogação, a que ele nunca pudera dar uma resposta razoável. A escolha de um marido parecia-lhe um dos problemas mais difíceis de resolver. Temia cair num perdulário pelintra que fosse gastar todo o dote da menina e subsequente herança, tanto quanto receava esbarrar com um usurário que, sob o pretexto de zelar a sua fortuna, a privasse do necessário e mesmo do supérfluo, a que fora habituada.

Eis, porém, que seu sobrinho lhe caía do céu. O tio conhecia-o de sobra – pelo menos o bom velho assim o supunha, – tivera tempo suficiente para estudar o seu gênio, as suas aptidões, e de tudo concluía que o Jaime realizava o ideal de um genro para si e de um marido para a filha.

Ativo e econômico, inteligente e sensato, trabalhador e honesto, o sobrinho apresentava todas as garantias possíveis para a felicidade do seu ídolo. De mais a mais, os dois primos adoravam-se, e, o que não era menos, o seu dinheiro não passava a estranhos. Os portugueses sempre tiveram grande apego à família.

O casamento, portanto, foi marcado para daí a dois meses e no prazo prefixo realizou-se solene e aparatosamente com grande gáudio dos parentes e por entre bênçãos e mais emoras dos amigos e conseqüente inveja dos rapazes, que viam escapar-lhes um bom dote e uma lindíssima mulher.

Esta união não desmentiu ao princípio os prognósticos que lhe haviam feito os epitalâmios dos amigos. Corria e correu como um mar de leite atapetado de pétalas de rosa. Apenas, de vez em

quando, uma ligeira nuvem – e sempre a mesma – parecia atravessar aquele céu de felicidades e tentava toldar a sua serenidade e limpidez.

Eis o caso:

A mulher de Jaime era brasileira, – muito brasileira mesmo. Nascera imbuída desses preconceitos aristocraticamente orgulhosos, que formam o fundo do nosso caráter e fazem com que julguemos certos meios de vida pouco dignos de nós, – como que abaixo da nossa prosápia.

Orgulhos tolos e afidalgados, oriundos ainda da célebre guerra dos Mascates, os quais produzem dois resultados esquisitos, mas reais: o de filhos da América, não parecermos e nem sermos um povo americano, e o de vivermos sempre a suspirar pelo emprego público, como único recurso digno e honesto de vida.

A educação mimosa e excepcional da filha do taberneiro ainda concorrera mais para desenvolver o gérmen daquele orgulho. Se, pelo muito amor que tinha a seu pai, não se enojava dele, o seu espírito, contudo não pudera habituar-se com a ideia de que fosse ele um tendeiro que, para adquirir a fortuna, que possuía, tivesse tido necessidade de enodoar-se com o contato das gorduras do toucinho e da manteiga, de sofrer a fedentina das cebolas podres e do bacalhau deteriorado, enfim de aturar muitas vezes os ditérios e as insolências da freguesia reles e dos escravos que frequentam as tabernas.

Era por esse lado que o seu senso crítico encarava a vida de seu pai e, entretanto a quantos sacrifícios não se havia ele sujeitado para criá-la, para educá-la, para, enfim, chegar àquele resultado!

Portanto, se a filha do vendilhão pensava assim a respeito do seu pai, agora que também seu marido era tendeiro, mais que nunca se revoltava o seu orgulho.

Chegava a ter vergonha daquilo. Muitas vezes dizia ao marido acariciando-o meigamente:

– Olha, Jaime: quero-te muito bem! Mesmo muito!... mas quando me lembro que vives no meio de uma venda... que és vendilhão, nem sei o que sinto.

O marido sorria e a nuvem, que aparecera no horizonte daquele céu, nunca se desfazia em tempestades, nunca obscurecia o sol ridente da ventura conjugal.

Mas tão grande e repetida era a insistência, tanto se pronunciava a repugnância de sua mulher, que Jaime resolveu fazer-lhe a vontade e mudar de gênero de negócio.

Digamos a verdade, já ele por si mesmo começava a partilhar a opinião de sua mulher. Os seus instintos ambiciosos revoltavam-se baixinho e aconselhavam-no a que adotasse um gênero de negócio mais asseado e menos à mercê da freguesia ínfima e ordinária que costuma frequentar semelhantes armazéns.

A sua resolução, portanto, nenhuma violência lhe custou, já tinha fortuna própria e não pequena; retirou o capital necessário para uma outra indústria e, embora continuasse como sócio comunitário de seu sogro, veio estabelecer-se à Rua Nova.

Aí foi abençoado o seu consórcio, na frase não sei se boa ou má do velho Testamento, e nasceram-lhe dois filhos: um menino que recebeu o nome de Manuel e, dois anos mais tarde, uma menina, que se chamou Clotilde.

## **V A família do negociante**

Jaime prolongara o seu passeio até uma pequena alcova que servia de gabinete de escrever, e sentando-se a uma mesa firmara nela os cotovelos. E nas palmas das mãos mergulhara a cabeça na mais profunda e concentrada meditação.

Por uma evolução natural ao espírito da pessoa que se acha lutando com alguma dificuldade moral ou mesmo material inesperada, volvia-se ele para o passado e, em rápido exame de consciência, recordava todas as suas fases, como a ver se nelas encontrava as premissas de que pudesse concluir o seu estado atual, as causas, ou remotas ou imediatas, que lhe servissem de explicação aos acontecimentos posteriores.

Neste exame, que é a maior parte das vezes inconsciente, mas se torna uma necessidade imperiosa, vira o negociante desenvolver-se, como num vasto panorama, todos os capítulos da sua existência.

Depois do quanto narramos nas páginas anteriores, recordava-se ele do nascimento jubiloso dos filhos, daqueles momentos de indizível alegria, das subseqüentes esperanças, de prognósticos lisonjeiros, enfim dos augúrios cheios das maiores e mais prováveis venturas. Lembrava-se de tudo quanto fizera por eles, desde os mimos com que os brindava, quase quotidianamente, quando o encantavam e o faziam sorrir os seus ruidosos brinquedos da infância, até a educação esmerada que procurou lhes dar com todo o cuidado e com todo o critério.

Com efeito, julgando insuficientes os estabelecimentos de instrução disseminados abundantemente pelo Recife, apenas o filho completou os dez anos, mandou-o para a Europa; e a filha, antes mesmo desta idade, meteu-a no colégio das Irmãs de Caridade, situado na Rua do Hospício. Tanto escrúpulo na educação masculina e tão pouco na educação feminina!

Para o homem abriam-se todas as válvulas da civilização, franqueavam-se todos os caminhos da ciência, preparavam-lhe um

futuro cheio de conhecimentos úteis, progressivos e, portanto, garantidos das mais altas virtudes.

Para a mulher, porém, – para a futura mãe de família, para a verdadeira base da sociedade moderna – estreitavam-se os horizontes intelectuais e morais, proibiam-lhe a liberdade de pensar e de sentir, entregavam-na aos corvos do fanatismo e da hipocrisia, asfixiavam-lhe o coração, envenenavam-lhe o espírito e, em vez de procurarem formar uma esposa e uma mãe com todas as aptidões para procriar cidadãos e homens de espírito, preparavam uma beata inútil e estúpida, apta apenas para dissertar sobre as problemáticas virtudes do rosário ou para engrolar ladainhas depois de indigestos e perniciosos sermões jesuíticos!

Não pensava assim o negociante, tanto que lá deixou a filha educar-se no colégio das irmãs de caridade e só a retirou para a casa quando aquelas matronas educadoras a deram por pronta, diga-se, porém, a verdade, não porque assim a julgassem, mas porque estavam cansadas já de coibir-lhe os ímpetos insolentes da sua natureza indomável, revoltada pela asfixia intolerante daquela atmosfera de beatério.

Jaime ignorava sempre essa circunstância, e trazendo a filha para casa, julgava ter-se completado o ciclo de sua felicidade. Assim era e assim o supunha. Tinha uma mulher que adorava; tinha uma filha que era digna de todo o orgulho; um filho, que, segundo as mais certas e minuciosas notícias, fazia, na Europa, espantosos progressos; um sogro, que lhe tributava a mais sincera amizade; tinha finalmente fortuna e consideração; que mais lhe faltava?

O demônio da ambição sussurrou-lhe ao ouvido não sei que sentenças de inveja, e, tempos depois, recebia o honrado negociante uma comenda da Conceição, presente com que o regalava sua Majestade Fidelíssima em atenção e remuneração dos valiosos serviços humanitários prestados ao Hospital Português. Estava ele no caminho da fortuna pública. Com essa fácil conquista das honras, exacerbava-se-lhe ainda mais a insaciável ambição e o ínclito Comendador começou a sonhar com um possível baronato.

Na sua profunda meditação, no exame retrospectivo de consciência, chegara ele a esse ponto de sua vida, e, apesar das rugas da fronte e da palidez cadavérica das faces, um sorriso de fadiga satisfeita veio errar sobre os seus lábios. Um longo suspiro escapou-se-lhe do peito. Seria o epílogo de um desengano ou a confirmação de uma esperança?

A fisionomia do negociante assumiu a mesma imobilidade de há pouco: o sorriso extinguiu-se com um raio de sol que apareceu por entre duas nuvens de tempestade, e o painel de sua existência continuou a desenrolar-se no caleidoscópio do seu foro íntimo.

A sua meditação, porém, foi com pouco interrompida pela mesma escrava, que descera à loja em busca do *Diário*. Eram nove horas e vinha chamar o senhor para almoçar.

Jaime levantou-se instintivamente e encaminhou-se para a sala de detrás.

À mesa do almoço já achou sentada a sua família. Tomou lugar à cabeceira e silenciosamente, começou a servir-se, mais por efeito do hábito, do que com mostras de apetite.

Enquanto dura o almoço, aproveitemos a ocasião e com toda a sem cerimônia travemos mais amplo conhecimento com a família do negociante.

Achavam-se à mesa, além deste, mais três pessoas: sua mulher, a Sra. D. Josefina, de quem já tratamos perfunctoriamente, porém que exige uma descrição mais exata e informações mais completas para a inteira compreensão dos fatos que temos de narrar; sua filha Clotilde, que de iguais atenções é credora; e o primeiro caixeiro, que já encontramos à porta da loja e que, seja dito antes de outra qualquer informação, era sobrinho legítimo de Jaime.

A Sra. D. Josefina era nessa época umas das senhoras mais formosas do Recife. De um moreno aveludado e macio, de estatura mais que mediana, o seu corpo, apresentava toda a elegância e donaire da crioula na plenitude de seu desenvolvimento; a carnação esplêndida e palpitante de seiva, a flacidez suave e voluptuosa dos

movimentos, tudo nela tinha como que uns frêmitos de sensualidade quente; de seu todo porejavam como que uns perfumes sadios de mocidade e de energia.

Orçava a sua idade pelos trinta e sete a trinta e oito anos, mas, se como já o disse um escritor, a mulher tem a idade que representa e não a que realmente possui, poder-se-ia afirmar que D. Josefina rastejava quando muito pelos seus vinte e oito a trinta anos, tais eram a frescura da sua tez, o brilho incandescente dos seus olhos, o mimo do seu sorriso e a esbelta elasticidade da sua cintura.

Casando aos dezesseis anos com o primo, se encontrara nesse consórcio a satisfação completa de um amor, e a realização de uns sonhos de orgulho, não tivera nunca motivos de desgostos, pelo menos originados pelo marido, e vivera até certa época como a mais feliz das esposas. Um acontecimento imprevisto, porém, viera perturbar a limpidez e serenidade desse viver e desde logo, transformara-se a sua existência, e aquela natureza – a sua índole –, que até esse momento se conservara, não calma e tranquila, mas apenas sopitada, fizera explosão e se manifestara em toda a sua impetuosidade e pujança.

Não antecipemos, porém os acontecimentos, e passemos a apresentar ao leitor a menina Clotilde.

Como sua mãe, era ela de uma beleza tocante. De um moreno claro e corado – meio jambo e meio pêssego – produto de dois sangues, o europeu e o americano – era o seu rosto de um oval delicado e gracioso.

Os olhos e os cabelos de um preto rutilante, tinham uns a flacidez das sedas desenvoltas e os outros o brilho incerto e cintilante das estrelas. O narizinho pequeno, petulante e meio arrebitado terminava em narinas que aflavam de contínuo e a boca vermelha, de lábios túmidos e apinhados, tinha a graça do botão da rosa, prestes a se abrir e o riso da romã em completa maturidade.

Nem alta, nem baixa, herdara de sua mãe a elegância voluptuosa do corpo, e se já não podia competir com ela na perfeição exata dos contornos, é porque, menina e moça, não

chegara ainda ao pleno desenvolvimento das formas, não se transformara completamente em mulher.

Produto de um cruzamento de raças, a mistura dos dois sangues, de que era oriunda, se lhe deu ao físico aquela perfeição material, deu-lhe ao espírito uma energia máscula e impetuosa, formou-lhe um coração capaz de todas as virtudes bem como de todos os vícios, conforme o lado para que o inclinasse a vontade ou para que o levasse a inspiração do momento.

Era esse o fundo verdadeiro do seu caráter e nem ao menos a educação, que recebeu, concorrera para modificá-lo ou simplesmente esclarecê-lo com o conhecimento exato do mal e do bem, com a ilustração racional do seu senso moral, enfim com o completo desenvolvimento das suas faculdades intelectuais.

Desterrada para um colégio, entregue nas mãos e aos cuidados de umas irmãs de caridade, madalenas arrependidas formadas na escola dos hospitais parisienses e ilustradas no pátio das prisões – não era aí que a sua índole poderia expurgar-se do que tivesse de mau para conservar somente o que houvesse nela de bom e de útil. No meio de uma religiosidade convencional, respirando uma atmosfera de hipocrisia e de beatério, a sua natureza – a sua consciência – impetuosa e enérgica, ou conservar-se-ia sempre tal qual, terminando por dar por paus e por pedras até revoltar-se contra toda aquela ordem de coisas, ou seria asfixiada de todo e, dominada pelo ascetismo pernicioso, cairia na modorra e no marasmo da estupidez, no cretinismo ignorante e humilde da beata.

Felizmente, para ela – pois dos males o menor –, Clotilde saiu daquela prova tal qual tinha entrado. O colégio não fora para ela nem uma escola de moral nem um crisol de sentimentos. Fora antes um lamaçal onde a sua curiosidade inexperiente e cheia de impaciências mergulhara muitas vezes. Adquirira alguma instrução e algumas prendas femininas, eis tudo; mas de envolta com a instrução e com as prendas, adquirira também grande cópia de noções errôneas e falsas das coisas da vida, um exaltamento pernicioso de paixões e seus vícios consequentes.

Se mais alguma coisa trouxe para a casa paterna como prenda valiosa, foram sem dúvida umas lições práticas de hipocrisia e um ódio inveterado por tudo quanto fosse contrariedade e por tudo quanto lhe parecesse reclusão. A seleção quase conventual, em que vivera durante o período colegial, fizera-lhe adorar a liberdade. Os sofrimentos por que passara na observância rigorosa de umas regras carrancas e aperreadoras haviam acumulado no seu coração uns ódios intransigentes por tudo quanto lhe parecesse obrigação e tinham-lhe dado uma aptidão e uma presteza extraordinária para a revolta.

No meio de todas essas qualidades, porém, uma havia que quase resgatava todos os defeitos de Clotilde: era o amor excessivo que dedicava a sua mãe. Filha em tudo, no físico e ainda mais no moral, dir-se-ia que aquelas duas naturezas se completavam, se fundiam numa só. Quem as visse juntas, na troca franca e leal dos mais íntimos pensamentos, nas práticas lhanas e galhofeiras, não as julgaria mãe e filha, mas duas amigas, de há muito separadas, que, por um momento, têm a dita de encontrar-se.

Dessa amizade, que o não abrangia nos seus vínculos, tinha Jaime um ciúme oculto e por isso mesmo mais intenso.

Não o confessara nunca, mas a mulher o percebera e a filha, conhecendo-o, não o quisera destruir. Daí nascera entre ela e o pai uma certa frieza de relações e entre este e a mulher uma certa rivalidade maligna, que se traduzia, a mais das vezes, em contrariedades e birras, das quais quase sempre era vítima Clotilde.

O outro membro da família de Jaime era o seu primeiro caixeiro. Filho de um irmão mais velho, que se estabelecera no Porto com uma oficina de marceneiro ou coisa que o valha, apenas chegaram para o pai os maus dias, fora logo remetido ao tio brasileiro, como é costume chamarem, a fim de olhar por ele e de lhe abrir as portas da fortuna e da felicidade.

Jaime recebera-o de braços abertos, abrigara-o em sua casa e dera-lhe na sua loja um emprego suficiente e condigno. Fizera-o seu primeiro caixeiro.

Havia isto uns dois anos, pouco mais ou menos; e o rapaz portara-se sempre de tal forma que o tio não só não se arrependera da confiança e do emprego que lhe dera, como até se vangloriava de possuir um parente tão sensato e tão trabalhador.

Não se lembrava de que as aparências muitas vezes iludem e de que, em idênticas circunstâncias, também ele soubera captar o ânimo do seu próprio tio unicamente com a gana de tornar-se mais tarde seu e genro herdeiro universal. Entretanto era o mesmo o que se dava agora consigo e com o sobrinho.

João Paulo Favais – era este o seu nome –, apenas pusera o pé nas plagas pernambucanas e tivera a dita de contemplar o rosto encantador da sua prima, ficara tão enamorado que não pudera mais impor silêncio ao seu coração, nem domar os ímpetos apaixonados que o sublevavam como as larvas ardentes e subterrâneas de um vesúvio sublevam e abalam as terras que o circundam.

Amava, pois, a linda prima com todos os delírios, com todos os encantamentos, com toda a intensidade de uma paixão sincera e verdadeira. E enquanto se entregava de corpo e alma à esperança de ser correspondido e de mais tarde obter a sua mão, não deixava de ir afagando a ideia de por meio desse casamento adquirir a fortuna e a riqueza que haviam sido sempre o objetivo principal de seu pai e dele próprio.

Se eram esses os sentimentos que animavam o caixeiro com relação à filha de seu tio, não eram idênticos, porém, os que a moça tinha por ele. Logo ao vê-lo e ao ouvi-lo, instintiva antipatia lhe fechara o coração, e, embora os laços de parentesco, nunca entre os dois pudera estabelecer-se a menor intimidade. Como era de esperar, a mãe partilhara o mesmo sentimento da filha.

João Favais chegou ao conhecimento de tudo isto e não querendo atribuir a frieza da prima a uma antipatia espontânea, tentava explicá-la, atribuindo-a a insinuações malévolas de sua tia. Daí um ódio latente que a D. Josefina votava, e um subsequente desejo de vingar-se.

Não obstante, não desanimara nunca de seu propósito e com uma insistência digna de melhor sorte ou só própria de um mísero apaixonado, continuava sempre a bloquear aquela fortaleza que tão bem se defendia, que, muda e silenciosa, cada vez se encastelava mais na indiferença.

Tais eram as pessoas que compunham a família do negociante, e as suas respectivas posições. Para conhecer que não reinava perfeita cordialidade entre elas, bastaria observar aquele almoço durante o qual não se pronunciava uma palavra, e que parecia presidido pela mais absoluta falta de apetite.

É que cada um se engolfava nos seus próprios pensamentos, e pressentiam todos, como que a pairarem no ar, os prenúncios de uma tempestade próxima e terrível.

## VI Complicam-se as coisas

Terminava aquele almoço triste e silencioso, a que parecia presidir um comum e mútuo constrangimento, quando soaram à porta da escada umas pancadinhas tímidas e discretas. Josefina e Clotilde, num ligeiro sobressalto, entreolharam-se rapidamente como tocadas por um mesmo pensamento. A preta fez instintivamente um movimento de quem ia ver o que era, mas suspendeu-se e, enleada e hesitante, ficou a olhar para a senhora.

Parecia indecisa na resolução que tomaria e, fitando ora Josefina, ora Clotilde, buscava como que adivinhar o que deveria fazer. O primeiro caixeiro, retorcendo o bigode louro com um gesto que lhe era peculiar, olhou para o tio e deixou errar pelos lábios um sorriso mau, cheio de insinuações pérfidas e malévolas.

Ao negociante não escapara coisa alguma, nem a troca dos olhares entre a esposa e a filha, nem a espécie de enleio condenatório que tomara a escrava, nem o riso zombeteiro e cruel do seu sobrinho. Uma ligeira crispação nervosa arrepiou-lhe os lábios e, franzindo ainda mais a testa já enrugada, voltou-se ele para a preta e perguntou-lhe:

– Quem está a bater?

– Não sei, não senhor – respondeu esta, depois de uma certa hesitação.

– Ah! Não sabes?... como é então que ficaste assim toda espantada?

– Eu, meu senhor?!

– Neste caso avia-te, anda!... vai ver quem é.

As pancadinhas repetiram-se com mais insistência, porém com menos discricção. A preta olhou para a senhora e pareceu consultá-la. A um olhar dela, porém, precipitou-se para o corredor.

Mas o negociante surpreendera aquela troca de sinais, e bradou com um grito que parecia arrancado pela ira.

– Espera!

A preta parou. Ele então, voltando-se para o sobrinho, ordenou-lhe com rapidez:

– Vá ver quem é.

João ergueu-se e dirigiu-se para a escada. Com esse movimento, levantou-se igualmente o resto da família. Clotilde e Josefina reuniram-se, junto à janela, procurando nesta ação como que um mútuo apoio contra qualquer acontecimento inesperado e intempestivo.

Estavam ambas pálidas e nervosamente trêmulas, mas no olhar que trocavam entre si, na atitude e na expressão que lhes revestia a fisionomia, poder-se-ia ler abertamente um conjunto de resolução, energia e resistência. Parecia que se preparavam ambas para alguma luta tempestuosa, embora assombradas pela sua iminência, mas cônscias sempre de sua força.

Em pé, com a mão fechada apoiada sobre a mesa, o Comendador, igualmente pálido, tinha os olhos fitos no corredor, por onde o sobrinho se sumira.

Uma ansiedade pungente oprimia-lhe o coração e dava-lhe a todo o rosto uma terrível expressão de impaciência. Mordia os lábios como se os minutos fossem séculos ou como se o tempo houvesse parado instantaneamente no seu curso.

Ia dirigir-se para a escada, quando o sobrinho apareceu com um pequeno papel na mão, e, parando logo ao entrar na sala, deu conta da sua comissão:

– É uma carta para minha tia – disse com simplicidade aparente, mas deixando transparecer no tom da voz e na expressão da fisionomia uma malícia intrigante e venenosa.

– De quem é? – perguntou o negociante impaciente.

– O portador não disse de quem era – respondeu lentamente o malévolo caixeiro – ou por outra...

– Ou por outra?

– Disse que a Sra. D. Josefina devia saber de quem era.

– Ah! – rugiu o negociante, dando um salto de tigre e arrebatando a carta com violência.

E dirigindo-se rapidamente para sua mulher, estendeu-a diante dos seus olhos com um gesto insolente de grosseria. Ao mesmo tempo vergastava-lhe a alma com estas palavras, repassadas de raiva e de ciúme:

– Veja! Quer ainda negar?

Josefina estremeceu violentamente, como a pequena e delicada árvore ao sentir o primeiro golpe do machado, mas sem recuar um passo do lugar em que se achava, sem fazer um só gesto para desviar aquela mão que lhe abanava o rosto grosseira e vilmente, inspecionou com rapidez a letra do sobrescrito, e depois, subitamente tranquila, envolvendo-se numa dignidade fria e orgulhosa, mediu-o de alto a baixo com um desses olhares que são como um ferro em brasa.

Dir-se-ia uma rainha contemplando o laçao que lhe houvesse dirigido uma insolência. Quando elas querem, ninguém, como as mulheres, sabe revestir-se do ar de soberanas.

Josefina tomou a carta das mãos de seu marido, abriu-a com lentidão, passou rapidamente a vista por ela, atirou-a em seguida às faces do negociante e desviando-o com a ponta dos dedos a fim de poder passar, deixou cair esta única palavra:

– Leia.

Na voz com que falara, no gesto que empregara, havia tanto orgulho e tanto desprezo, que o furioso comendador, por um momento extático e aturdido, não soube o que fizesse.

Por fim apanhou a carta, que havia caído a seus pés e leu com sofreguidão mal disfarçada as poucas linhas que se seguem:

“Passagem da Madalena, 23 de fevereiro de 1864.

Minha amiga:

Preciso te falar com toda a urgência. É negócio muito sério, por isso espero-te hoje para jantar. No caso de não poderes vir, manda-me dizer, porque lá irei à noite.

No caso de vires, previno-te de que meu marido deve absolutamente ignorar o que se passa. Diante dele, portanto, nem

a mínima alusão ao meu negócio. Finge que a tua visita é espontânea. Se trouxeres teu marido será melhor, porque enquanto ele e o meu se entretiverem, conversaremos nós à nossa vontade.

Muitos beijos em Clotilde e um abraço de tua amiga do coração.

Celeste”.

Apenas terminou a leitura desta carta, o negociante sentiu aliviar-se-lhe o coração de um peso enorme. Exalou um profundo suspiro de satisfação e, volvendo o olhar à roda de si, procurou por sua mulher. Josefina, acompanhada de Clotilde, havia se retirado para o seu quarto.

Jaime deu a carta à preta ordenado-lhe que a entregasse à senhora e dirigiu-se para a sala de visitas em companhia do sobrinho. Ao atravessar o corredor, bateram à porta da escada. O Comendador abriu-a pessoalmente. Era o Zanolho que vinha de volta. Entrou com ele para a sala, enquanto o sobrinho, muito intrigado com semelhante espécie de visita, descia vagarosamente para a loja.

A escrava, antes de desempenhar a incumbência do senhor, viu o que se passava no corredor e, apenas se achou na presença da senhora, foi por esta interpelada:

– Quem bateu agora?

– Foi aquele sujeito sebento e mal-encarado, que já veio cá antes do almoço.

– Que quer ele?

– Eu sei? São segredos lá de meu senhor.

Josefina encostou-se a uma cômoda, que havia no seu quarto, e por instantes, deixando pender a cabeça e fitando os olhos num ponto do assoalho, entregou-se a uma persistente meditação.

Quando ergueu a cabeça, lia-se no olhar cintilante a firmeza e a energia de uma resolução inabalável.

– Veste-me depressa – disse ela – e tu, Clotilde, veste-te também. Vamos sair.

Num ápice vestiram-se as duas, e, quando estavam prontas de todo, Josefina mandou a filha esperá-la e dirigiu-se pé ante pé e sem que fosse vista pelo marido para a alcova da frente, a qual comunicava por uma porta com a sala de visitas e por outra com a escada.

Aí chegando, sentou-se junto à porta, que dava para a sala e procurou concentrar toda a atenção para o que se passava entre o marido e a sua visita.

Deixemo-la no posto de observação a que a levou a curiosidade feminina, ou talvez que algum outro sentimento mais forte, e voltemos ao Comendador e ao Zanolho.

Apenas chegaram à sala, este, sem mesmo largar o chapéu, foi logo exclamando, embora em tom discreto:

– Muitas novidades, Sr. Comendador! Muitas novidades!

– Então?

– É exatíssima a notícia dada pelo *Jornal do Recife* e pelo *Diario*. Estão na polícia o revólver, o canivete, e a carta...

– A carta?!... esta é que é uma dos diabos!

– E, além disso, vai se proceder à exumação do cadáver e abrir um novo inquérito.

O Comendador sentou-se pensativo e apoiou o queixo na palma da mão. Entretanto o Zanolho continuava:

– Ninguém fala noutra coisa. Toda a cidade se ocupa com este caso; murmura-se, acusa-se o governo; os conservadores já andam dizendo que quem tem culpa de todos esses crimes é o partido liberal que está de cima, e a polícia, por isso mesmo, quer se mostrar enérgica e honrada. O Chefe diz que, dê no que der, há de descobrir quem é o defunto.

– Veremos – resmungou o Comendador, que de todo aquele aranzel, só ouvira o final e perguntou logo em seguida – quando terá lugar a exumação?

– Hoje mesmo. As ordens já partiram desde ontem e são apertadas. Eu já o disse: a polícia quer acreditar-se e por isso as coisas vão a galope.

– Pois também nós iremos a galope, Sr. Hermínio! – retorquiui-lhe o negociante com energia.

E, levantando-se da cadeira, acrescentou em tom peremptório:

– Temos de ir a Jaboaão.

– Como!?... quer ir a Jaboaão?!...

– Sem dúvida.

– O senhor?!

– Eu mesmo, sim.

– Mas, Sr. Comendador...

– Nada de objeções, Sr. Hermínio, bem sabe que quando digo que uma coisa se há de fazer é como se ela já estivesse feita. Não admito réplicas.

– Mas eu apenas aconselho.

– Nem admito conselhos. Eu só faço aquilo que quero fazer e o que eu quero, faço sempre. Fique entendido!

O Hermínio estava entusiasmado. Aquela energia máscula e intransigente ia-lhe até o coração, revolvía-lhe todas as entranhas e subia-lhe à cabeça. Deu dois passos para trás, contemplou o negociante por um momento e exclamou com toda a convicção e sinceridade:

– Com a breca! Vossa Senhoria é um homem às direitas! Se nós tivéssemos um chefe assim, então sim!... iríamos longe!

E mais diria o Zanolho, tomado como estava de entusiasmo, se um olhar ríspido e severo do negociante não pusesse um freio à sua loquacidade intempestiva.

– Quando partiremos? – perguntou ele.

– Daqui a pouco – respondeu o Comendador. Vá esperar-me no Aterro dos Afogados.

– Sim, senhor, em que altura pouco mais ou menos?

– No viveiro do Muniz<sup>10</sup>.

– Lá estarei, e que mal pergunto, como iremos nós?

– Naturalmente a carro.

– Era isto mesmo que eu ia pedir a Vossa Senhoria porque a cavalo... confesso a minha vergonha, eu a cavalo faço mesmo uma figura de dois de paus<sup>11</sup>.

O negociante, por muito preocupado que estivesse, não pôde deixar de sorrir com a lembrança e ainda mais com o tom piedoso e lamuriento com que falava o Zanolho. Tratou, porém, de despedi-lo.

– Bem, Sr. Hermínio – concluiu ele – vá para o seu posto, quanto antes.

– Sim, senhor – respondeu alegremente o Zanolho, dispondo-se para sair.

– Não falte! – recomendou-lhe ainda o Comendador.

– Não tenha receio! – afirmou o outro já da porta – eu sou exato como um relógio.

E acrescentou mentalmente e para desengano de consciência:

– Quando me convém, bem entendido.

E assim pensando, transpôs rapidamente a porta da sala, e dirigiu-se para a escada. Apenas, porém, pôs o pé no primeiro degrau, sentiu que alguém lhe pousava de leve a mão sobre o ombro.

Voltou-se com presteza e em extremo surpreendido. Deu de rosto com uma senhora inteiramente desconhecida para ele.

## VII Prenúncios de tempestade

Era Josefina, a mulher do negociante.

Tendo chegado à alcova muito tarde para ouvir toda a conversação do marido com a extravagante e suspeita visita, mal pudera perceber as últimas palavras trocadas entre os dois, isto mesmo de uma forma tão incompleta que não lhe fora possível compreender o seu verdadeiro sentido, nem apanhar o fio do segredo.

Não desacoroçoara, porém, e, inteligente, cheia de recursos, e principalmente astuciosa como é toda mulher quando deseja e procura descobrir o que lhe ocultam, concebeu ela imediatamente um outro plano, e tratou quanto antes de pô-lo em execução.

Abriu a porta que comunicava a alcova com a escada e esperou, espreitando, que o *Zarolho* se retirasse. Era-lhe preciso a todo o transe entender-se com aquele homem, tentá-lo por todos os modos e conseguir da sua indiscrição ou da sua cobiça a revelação completa do segredo daquela intimidade de seu marido com ele e talvez obter por esse meio a explicação de certos fatos que até então se tinham conservado obscuros para ela.

Apenas, portanto, apareceu ele e se dispôs a descer a escada, saiu Josefina ao seu encontro pela forma por que vimos.

Voltando-se bruscamente e encarando-a, o *Zarolho* não foi senhor da sua surpresa nem pôde reprimir um gesto expressivo de espanto.

Não conhecia pessoalmente a mulher do negociante, nunca vira aquela senhora que o chamava assim tão familiarmente, não compreendia a causa nem o acaso daquele encontro ali, na escada do Comendador; e entretanto, mudo, extático, parvo por assim dizer, ficara boquiaberto ante tão incompreensível aparição, a olhar estupidamente comovido para o rosto formoso, que parecia iluminar, com os reflexos da sua beleza, todo o patamar daquela escada, a contemplar embevecido a elegância suprema daquele

corpo airoso, aspirando ao mesmo tempo as emanções do perfume sutil e suavíssimo que se exalava de toda a sua pessoa.

Era um embevecimento completo. Nunca sucedera ao Zanolho uma aventura semelhante. É que há mulheres que parecem ter o condão de dominar, e cuja força magnética se manifesta sem preâmbulos. Josefina era uma destas privilegiadas ou predestinadas.

Ou fosse semelhante fenômeno o efeito da sua beleza transcendente, ou fosse o resultado de uma lei incompreensível e peculiar à sua natureza, o certo é que o fato se dava sempre e, o que mais é, acompanhado de todas as suas consequências.

Enquanto, pois, sofria o Zanolho essa espécie de fascinação magnética, aproveitava Josefina o momento para inspecioná-lo rápida, porém profundamente, e formar dele um juízo exato e verdadeiro. Nem um traço da sua fisionomia lhe escapou, e parece até que através deles, leu ela todos os segredos daquela natureza, penetrou em todos os escaninhos daquela alma.

Ficara conhecendo completamente o indivíduo com quem tinha de tratar. Correspondia exata e fielmente ao juízo que dele formara.

Senhora de si, portanto, e com aquele desembaraço que lhe era peculiar, dirigiu-lhe rapidamente a palavra com a simplicidade de quem dá uma ordem muito natural e com o império de quem sabe que se dirige a um inferior e a um subalterno.

– Preciso falar-lhe; volte assim que meu marido sair – disse ela.

– Ah! – exclamou o Zanolho, vendo de repente esclarecer-se todo aquele mistério.

– Não grite! – observou Josefina – é necessário guardar sobre tudo isto um segredo absoluto.

O Zanolho farejou logo uma intriga que poderia proporcionar-lhe grandes lucros. Tirou o chapéu com todo o respeito e foi fechar por cautela a porta da escada, pela qual havia passado, e que ficara meio aberta. Depois, dirigiu-se a Josefina num tom baixo e misterioso:

– Vossa Excelência é a senhora do Sr. Comendador?

– Sou – respondeu ela fitando-o fixamente.

O Zarolho curvou-se então com o mais gracioso dos seus movimentos.

– Estimo muito conhecê-la pessoalmente – disse com toda a polidez de um valdevinos – e tenho imensa honra em apresentarlhe, pela primeira vez, os meus respeitosos cumprimentos. O Sr. Comendador é, com efeito, um homem de bom gosto.

– Bem... bem! – interrompeu Josefina com pressa de retirar-se – esperá-lo-ei daqui a pouco.

– Daqui a pouco é impossível, minha senhora.

– Impossível?! Por quê?

– Porque é impossível; sinto deveras, mas não posso cumprir as ordens de Vossa Excelência

– Mas por quê? – insistiu ela.

O Zarolho mastigou um pouco como que procurando os termos da resposta; coçou o alto da cabeça – o que era nele um sinal evidente de indecisão – mas, por fim, resolveu-se a falar e disse com toda a impavidez:

– Tenho de fazer uma diligência de que provavelmente só voltarei à noite.

– E para obsequiar-me – retorquiu Josefina suavemente, acompanhando a insinuação com um sorriso feitiço – não lhe seria possível esquivar-se a essa diligência ou adiá-la para amanhã?

O Zarolho abaixara os olhos para não sentir a influência daquele sorriso cheio de sedução e de perfídia. Respondeu-lhe, pois, com a cabeça baixa e a olhar para o chão, como um matuto:

– Não, minha senhora. Assim como não faltaria com a minha palavra dada a Vossa Excelência também não faltarei a outro qualquer. Eu cá sou homem honrado.

Desta vez foi de outra espécie o sorriso que descerraram os lábios da mulher do negociante. A afirmativa de honradez, partindo daquele indivíduo, era para ela um atestado sem valor.

– E diz o senhor que voltará? – perguntou ela de novo, depois de uma curta pausa.

– À noite, talvez – respondeu ele.

– Pois bem; apenas volte, procure-me.

– Mesmo à noite?

– Não, amanhã.

– A que horas?

– Às que quiser.

– Cá virei receber as suas ordens, minha senhora.

– Aqui, não! – observou Josefina vivamente.

– Onde então quer Vossa Excelência que a procure?

– Em casa do meu pai. Sabe onde é?

– Ora!... quem não sabe onde mora o sogro do Sr. Comendador? É um dos capitalistas mais conhecidos desta cidade.

– Então já sabe o que tem de fazer. Agora só tenho a recomendar-lhe uma coisa.

– Não precisa dizer; já sei o que é.

– Como já sabe?

O Zarolho sorriu-se com malícia:

– Ora!... o que Vossa Excelência quer recomendar-me é um segredo absoluto.

– Com efeito, é isto mesmo.

– Eu sei o que são essas intrigas. Fique, Vossa Excelência, descansada... terá em mim mais do que um criado submisso... encontrará um amigo útil e prestimoso.

O Zarolho ia pouco a pouco guindando-se à altura da situação.

– Neste caso até amanhã – concluiu Josefina.

– Até amanhã e às ordens de Vossa Excelência – confirmou o Zarolho.

Depois, sorrindo-se, com malicioso respeito, fez-lhe um último cumprimento e desceu a escada com tal sutileza e rapidez, que ninguém teria podido ouvir as suas pisadas.

Josefina voltou à sala de jantar onde a filha, impaciente e sôfrega, ficara à sua espera.

– Ouviu alguma coisa? – perguntou ela à sua mãe, apenas esta apareceu.

– Pouco ou nada. Cheguei já no fim da conversa... as palavras soltas que pude ouvir nada me adiantaram: não compreendi coisa alguma... Em compensação, porém, falei com o tal sujeito. Há de procurar-me amanhã.

– E virá?

– Assim o prometeu.

– E mamãe confia na promessa?

– Por que não? Aquilo é um tratante da última esfera; terá sem dúvida, farejado já algum lucro possível, senão certo. E, como esta espécie de gente vai para onde lhe sopra a brisa do interesse, qualquer que ele seja, é muito provável que não falte.

– E que pensa mamãe?

– Penso que existe entre ele e teu pai laço mais forte e mais estreito do que o da amizade. Um homem da qualidade de teu pai não se liga assim, sem mais nem menos, com um indivíduo da laia daquele.

– Com efeito.

– Mas seja qual for a qualidade desse laço que os amarra, seja qual for o segredo que os aproximou e os nivela, juro que hei de descobri-lo!

– Aí vem meu senhor! – observou rapidamente a preta, que, por um instinto natural, se pusera de alcateia junto à porta.

Com efeito o negociante saíra do seu quarto completamente vestido para ir à rua e dirigia-se para a sala de detrás. Vendo as duas senhoras em traje de visita, parou admirado:

– Vão sair?! – perguntou à sua mulher.

– Vamos! – respondeu ela secamente.

– E para onde vai a senhora? – inquiriu de novo o Comendador, desta vez, porém, com aspereza e autoridade.

Josefina encarou-o de frente para significar-lhe que, embora grosseiro, não a intimidava o tratamento, e satisfez-lhe a pergunta com a maior naturalidade:

– Vou para a casa de meu pai.

– Para a casa ou à casa de seu pai? – insistiu ele olhando-a fixamente.

– Isso é conforme. Talvez volte e talvez fique.

– Mas Josefina...

– Sr. Jaime!... depois do que se tem passado entre nós... parece-me que não me impedirá de ir à casa de meu pai. Salvo se prefere que o mande chamar.

– E para quê? Por que razão?

– O senhor poderá avaliar melhor do que eu. Se eu for à sua casa, esta minha ida não passará de uma visita banal e sem significação alguma... se, porém, eu o mandar chamar – o que, aliás, nunca fiz e só farei em último extremo –, bem compreende o senhor que terei imperiosa necessidade de dar-lhe a explicação desse passo e em tal caso... não respondo por mim nem pelo que possa acontecer.

– Portanto conclui daí?...

– Que é mais prudente não se opor à minha ida à casa de meu pai. Tanto mais quanto...

O Comendador deu um passo ameaçador para a mulher.

– Tanto mais quanto? – perguntou ele numa espécie de rugido. Josefina sorriu-se com desdém.

– Tanto mais quanto – concluiu ela com toda a calma e segurança – tanto mais quanto, se o senhor o fizesse, eu não lhe obedeceria.

– Não me obedeceria?!... por quê?!... – gritou ele erguendo o braço num gesto duvidoso, que tanto poderia ser natural como de ameaça.

Josefina sentiu subir-lhe ao rosto uma onda de sangue: um relâmpago de raiva e de indignação passou-lhe pelo peito,

queimando-o sem piedade. Deu um salto de leoa, que despedaça os varões da jaula que a prendia, e agarrando o marido pelo pulso, soprou-lhe às faces esta sentença:

– Porque quero!

Jaime, pálido e surpreso, recuou como que aterrado ante aquela fúria que ele havia provocado. Nunca tinha visto sua mulher sob semelhante aspecto; julgá-la-ia mesmo incapaz de uma tal energia, habituado como estava não só a governá-la sempre conforme a sua vontade, como também a vê-la carinhosa e submissa. Entretanto, agora de súbito ia encontrá-la inteiramente mudada; em vez de carinhosa, áspera; em vez de submissa, desobediente; em lugar de boa e tímida, enérgica e altaneira. Parecia-lhe que a sua felicidade estava para sempre destruída. Mas, não teria ele a culpa disto?

Josefina continuava a fitá-lo com furor e desafio. Jaime não levantou a luva; mas, como não queria ficar desmoralizado, nem dar mostras de fraqueza, procurou conciliar a sua autoridade com a revolta da mulher.

– Bem, minha senhora – disse ele com dignidade fria e afetada, desvencilhando-se da mão que o segurava –, uma vez que deseja ir à casa de seu pai pode ir, mas mandá-la-ei acompanhar por meu sobrinho.

Josefina sorriu-se ironicamente.

– Como quiser! – respondeu ela, dando-lhe as costas.

– É mesmo para o que ele serve – observou Clotilde num tom de escárnio e de insolência –, para lacaio.

Jaime não retorquiu à observação insultuosa da filha; apertou com força o coração que se despedaçava dentro do peito e mandou chamar o sobrinho a quem deu ordem para acompanhar as duas senhoras até a casa de seu sogro.

Depois disto, sem despedir-se de ninguém, pálido e trêmulo ainda pela comoção por que passara, sentindo pungirem-lhe a alma as amarguras mais cruéis, saiu apressadamente e tomou a direção do Bairro do Recife.

Ia tão absorto e cabisbaixo que não reparou num sujeito que de longe, mas sem o perder de vista, começou a acompanhá-lo.

## VIII Um ponto de apoio

Apenas o negociante se retirara e o sobrinho saía da sala para mudar de roupa a fim de acompanhar sua tia, conforme a ordem que recebera, Josefina parou defronte de sua filha e exclamou sem poder por mais tempo conter a cólera que a dominava:

– Isto é demais!

– Decerto! – concordou Clotilde, dando alguns passos para ela e partilhando exatamente a mesma indignação e a mesma raiva que tanto revolviam o coração de sua mãe – Vosmecê deve pôr um paradeiro a tudo isto, seja como for. Se as coisas continuarem por esse modo, onde iremos nós parar? Dia virá em que o respeito terá desaparecido, como a amizade já desapareceu.

– É verdade! – suspirou Josefina, interrompendo-a.

– E ninguém então – prosseguiu a moça – poderá prever até onde chegarão a grosseria, a raiva e o ciúme cego de meu pai.

– Com efeito... assim é.

– Custe o que custar, seja como for, urge pôr um termo a semelhante estado de coisas.

– Assim é preciso, minha filha.

– De certo tempo a esta parte, meu pai tem mudado de uma forma extraordinária... Não é o mesmo homem. Há dias em que parece acabrunhado e como que carcomido de desgostos; outros, apresenta-se de um humor insuportável, ou taciturno e concentrado, ou impertinente e aborrecido, mas sempre incoerente.

– Entretanto nunca foi assim.

– Nunca. Semelhante mudança começou a operar-se desde aquela vez em que mamãe tomou tanto a peito a defesa do Senhor Leandro Dantas... Lembra-se?

Ao ouvir aquele nome, inesperadamente atirado pela filha no meio da conversação, Josefina sentiu afluir-lhe às faces uma onda de sangue, e não pôde de todo disfarçar uma ligeira comoção.

A Clotilde não passou despercebido aquele estado de sua mãe, nem a súbita mudança que se operara em sua fisionomia, nem o ligeiro e quase imperceptível estremecimento que agitou todo o seu corpo. Franziu a testa, como quem acabou de ter uma ideia súbita que, há muito, procura e não deseja que lhe escape, e fitou no rosto de sua mãe uns olhos profundos e investigadores. Josefina não pôde suportar aquele olhar e baixou a vista completamente confusa e enleada.

Clotilde aproximou-se mais dela e perguntou-lhe em tom de carinho e com voz de confiança:

– Sente alguma coisa, mamãe?

– Não! – respondeu ela, dando um longo e profundíssimo suspiro. Felizmente para ela apareceu à porta do corredor o sobrinho completamente paramentado com os trajes domingueiros, e sua chegada veio desviar inteiramente o curso da conversação e das ideias e assim livrar a mulher do negociante da necessidade de entrar em explicações, que a filha – íntima amiga sua e confiante como era – sem dúvida lhe havia de pedir.

João adiantou-se de chapéu na mão e sorriso nos lábios.

– Estou às suas ordens, minha tia! – disse com toda a galanteria de que é suscetível um primeiro caixeiro diante de uma tia, que o aborrece, e de uma prima, a quem deseja e adora, embora seja por ela desprezado.

– Ah! – murmurou Josefina voltando-se para ele – está pronto para escoltar as prisioneiras?

– Prisioneiras?! – exclamou o rapaz em tom de quem queria fazer espírito.

Ia sem dúvida gracejar, mas vendo a expressão ríspida e severa da tia e ainda mais o riso sardônico e desprezador da prima, mudou de caminho, e tomando um ar sério e cheio de compunção acrescentou:

– Perdão, minha tia! Eu não tenho culpa alguma das ordens que aprouve a meu tio transmitir-me. Por muito grande que seja a minha satisfação por ter ocasião de acompanhá-las, de estar por

esse meio algumas horas junto da prima e da senhora, desde que isto as contraria, confesso que de bom grado renunciaria a esse prazer, quando mais não fosse, para poupar a ambas um dissabor.

– Ah! – observou Clotilde com ironia – conhecemos a sua amabilidade e desinteresse, mas dispensamos as suas desculpas.

– Oh, prima! – exclamou o pobre rapaz erguendo para ela um olhar pungente e suplicante – eu não lhe fiz mal algum. Se é crime estimá-la, ter-lhe amizade, dedicar-lhe amor sincero e verdadeiro...

– Ora!

– Digo isto sem pejo e em altas vozes, porque não faço mistério desse amor e sobejas prova lhe tenho dado dele.

– De quê?... do amor? – perguntou a moça com um tom de ironia acerba, lançando sobre o primo um olhar de indiferença senão desprezo – diga antes de cobiça.

O caixeiro empalideceu subitamente, tão no âmago do peito lhe fora ferir aquele dardo. O sorriso de amável galanteria, que lhe entreabria os lábios, tomou as proporções de um *ritus* de agonia. Os olhos chispavam de furor, como os do tigre que se vê descoberto em seu reduto.

Aquelas palavras cruéis e irônicas da prima foram como um feixe de setas ervadas que certeiras o atingiam bem em cheio. Feriam o alvo como a flecha de Guilherme Tell ferira a maçã colocada sobre a cabeça de seu filho.

Quando se trata do amor, a mulher tem como um sexto sentido, mais potente do que os outros, – meio instinto e meio astúcia – tão completo e tão seguro que raramente a engana, que poucas vezes lhe não é guia certo e providente. É assim que ela conhece quando inspira aquele sentimento, e as mais das vezes distingue perfeitamente a qualidade do culto que lhe prestam. Sabe se o crente, que se prostra a seus pés, adora nela o ídolo do amor, ou o ídolo de ouro.

Em virtude, pois, desse instinto, ou faculdade, ou presciência, ou o quer que é que dá à mulher mais sagacidade e perspicácia do

que ao homem, tinha Clotilde conhecido que não havia no amor do primo nem essa sinceridade verdadeira que é o melhor apanágio, nem essa espontaneidade natural que lhe dá um cunho de poesia, que o torna essa centelha divina que une duas almas. Adivinhara, por assim dizer, que o móvel que originara e fortalecera aquele amor, era a cobiça.

Pressentia que ele ambicionava a sua mão mais pelo dinheiro que ela poderia conter, do que pela pessoa a quem deveras pertencia.

Ora, a mulher quer ser para o homem o fim, o objeto único e absoluto dos seus desejos e não simplesmente um meio que lhe sirva para obtenção de outros resultados. Tudo ela perdoa, menos o saber que serve de instrumento.

Com relação ao primo, tinha ela esta certeza. Daí a indiferença com que o olhava; ainda mais, o asco invencível que tinha por ele e a aspereza com que o tratava.

Passados alguns minutos de silêncio, João retorquiu à prima, dando à voz as mais suaves inflexões de doçura e de sincero sentimento:

– É injusta comigo, prima. Creio que não lhe dei ainda – e não lhe darei nunca, assim o espero – o direito de julgar-me desta forma.

– Pois é como penso! – disse Clotilde – com mau modo e num tom de quem não desejava continuar naquele assunto – e quando mesmo o meu juízo a seu respeito fosse errôneo, isto é, quando mesmo houvesse e eu julgasse que havia sinceridade e desinteresse no seu amor por mim.

Clotilde pareceu hesitar.

– Conclua – insistiu o rapaz.

– Eu não o aceitaria – concluiu a moça com resolução e energia.

– E por quê? – inquiriu o primo – julga-me tão inferior a si, ou indigno da honra de ser seu marido?

– Não.

– Então por que é?

– Ora! – atirou-lhe a moça com impaciência – é porque nunca me casarei com parentes.

E voltando-se para a mãe, que, sem dizer uma só palavra, ouvira toda aquela conversação ou, para falar a verdade, nem sequer a ouvira, embebida como estava nos seus próprios pensamentos, chamou-a para desse modo pôr termo a um diálogo que em nada lhe podia ser agradável:

– Vamos, mamãe?

– Vamos, respondeu esta, deixando escapar do peito um suspiro indefinível.

As duas senhoras saíram acompanhadas pelo caixeiro a quem o patrão e tio arvorava em guarda daqueles tesouros, ou melhor, em verdadeiro espião, e dirigiram-se a pé para a casa do antigo taverneiro.

O pai de Josefina já não morava na mesma casa por cima do armazém, tendo por companhia os caixeiros e uma velha escrava que lhe fazia todo o serviço da casa. Embora viúvo e só desde o casamento da filha, mudara-se ultimamente para a Rua da Aurora, onde ocupava um primeiro andar e um andar térreo, destinado este último exclusivamente a guardar o carro e a servir de cocheira e de moradia aos respectivos empregados.

De onde se vê que já não era o mesmo vendelhão o tio de Jaime. Com efeito, parecia outro homem. Se mudara no físico envelhecendo, mais ainda se transformara no moral e quanto à posição saliente que havia adquirido no comércio e na sociedade do Recife.

Tendo enriquecido bastante, deixara, havia uns dois anos, de estar pessoalmente à testa do negócio que fizera a sua fortuna e a do sobrinho, e entregara-se a outro gênero de operações comerciais. Tornou-se capitalista e procurou fazer com que frutificassem ainda mais os seus imensos capitais. Começou a descontar letras e a dar dinheiro a juros, em tão larga escala que sua casa parecia um verdadeiro banco. Tornou-se acionista de

diversas companhias, quer nacionais, quer estrangeiras; jogou na Praça com a alta e a baixa do câmbio; enfim tanto fez que, em pouco tempo, era diretor de companhia, membro da junta comercial, e um dos negociantes que melhor nome gozava entre os seus colegas e companheiros, tendo sempre dado em todas as suas transações as maiores provas de honradez e probidade.

Como o sobrinho e genro, porém com mais fundamento e mais justiça, também fora agraciado com uma comenda. Foi então que deixou a casa antiga e mudou-se para a Rua da Aurora.

Aconselharam-lhe a isto alguns amigos, o genro e a filha – levada sempre pelas altas ideias de grandeza e de ambição –, e, robusteceu os conselhos a própria convicção do lugar evidente que ocupava na sociedade. Entrava nisto talvez um pouco de amor próprio, mas quem há aí por este mundo que seja isento de vaidade? Quem julgar-se, portanto, completamente inocente e limpo de coração que lhe atire a primeira pedra.

Assim, pela sua fortuna brilhantíssima, pela sua posição conquistada à força de trabalho e mantida à custa de um bom nome, e pelas imensas e boas relações, que adquirira, gozava ele de uma estima geral, que quase tocava a veneração. Concorria também um pouco para isto o seu aspecto físico. As exterioridades, em geral, influem em muito no ânimo do povo e, não raras são as vezes, em que só por elas tenha sido julgado um indivíduo.

Era o nosso capitalista um português robusto e bem feito, de estatura acima da vulgar.

Claro e corado, parecia vender saúde às carradas. Os olhos de um azul cendrado e profundo tinham uma expressão simpática e meiga. A cabeça, povoada de cabelos completamente brancos, e meio calva na testa, e as barbas igualmente brancas, à portuguesa, isto é, por baixo do queixo largo e redondo abrangendo de uma a outra orelha, davam-lhe um aspecto tão venerável e atraente que raro era aquele que, ao encontrá-lo na rua, não o saudava com respeito e ao mesmo tempo com agrado.

Tal era em 1864 o Comendador Antonio Braga, tio e sogro do nosso negociante da Rua Nova.

## IX Revelações interrompidas

Havia muitos dias que o velho Comendador e sua filha não se encontravam. Apenas, portanto, esta e Clotilde lhe invadiram a sala como um turbilhão inesperado, ele, cheio de alegria e de surpresa, abriu-lhes os braços num assomo de cordialidade sincera e ruidosa:

– Oh! Minhas feiticeiras! Bons olhos as vejam! – exclamou beijando-as na testa e abraçando-as ao mesmo tempo – lembraram-se hoje do velho, senhoras ingratas! Antes tarde do que nunca.

– Pois então, dindinho? – era assim que Clotilde chamava o avô, igualmente seu padrinho – tivemos saudades.

– E vieram matá-las?!... Fizeram bem... fizeram muito bem. Quanto a mim, agradeço-lhes de todo o coração, pois hoje vai ser para esta casa um verdadeiro dia de festa.

– E para nós também – acrescentou Clotilde.

O velho Comendador encaminhou-se com elas para o sofá, onde se sentou.

– Mas vamos lá! – disse ele – nós temos umas contas velhas a ajustar.

– E nós então? – sorriu Clotilde graciosamente – também não temos as nossas?

– Primeiramente as minhas – interrompeu o velho, tomando um ar de seriedade cômica e alegre – Que fim levaram vocês?

– Ah! – exclamou Josefina, por sua vez – e, vosmecê, que fim levou também?... há quantos dias não vai à nossa casa?... diga.

– Há mais de um mês – afirmou Clotilde, em tom de censura e de despeito.

– Ih! Que mentira! – exclamou, rindo-se, o avô – não faz ainda vinte dias.

– Pois bem e nesses vinte dias, por que não foi? O velho capitalista suspirou sentidamente:

– Não pude, minhas filhas; não pude. Tenho tantas coisas a fazer, trabalho tanto durante o dia, que, quando chega a noite, nem tenho ânimo para sair à rua. A idade reclama os seus direitos, quero descansar e adormeco na minha cadeira de balanço. Vocês, sim, é que poderiam aparecer todos os dias por aqui... mas qual!... quem quer lá saber da companhia de um pobre velho rabugento?...

– Psiu! – ordenou Clotilde, aproximando-se dele e pondo um dedo nos lábios para impor-lhe silêncio – nem mais uma palavra! Ouviu?... eu não quero que diga dessas coisas!

O velho com essa bonomia que caracteriza os avós, e faz um dos encantos da velhice, sorriu para ela com ternura e, aconchegando-a ao peito beijou-a cheio de afeto paternal. Desvanecia-se naquela neta o bom do português. Sentia rejubilar-se o coração todas as vezes que podia tê-la junto de si e contemplar-lhe a formosura, poder-se-ia dizer hereditária.

De repente perguntou:

– Vieram sós?

– Não! – respondeu Josefina – acompanhou-nos o João, mas não quis subir. Deixou-nos à porta.

Com efeito, assim fizera o caixeiro. Ao chegar à porta da rua, dera a sua missão por terminada, e voltara imediatamente para a loja. Não gostava do velho tio do seu patrão; achava-o muito severo, e junto dele sentia-se presa de um incômodo indefinível, semelhante sem dúvida ao que deve sentir um criminoso diante de um juiz ou um velhaco em presença de um homem de bem. Também o pai de Josefina não gostava dele: adivinhava-lhe a índole e ambição; pressentia nele a ave de rapina que esvoaçava em roda da fortuna do sobrinho e olhava-o sempre de esquelha e cheio de prevenção, como se olha para um indivíduo de quem se tem certeza de que será mais tarde um inimigo.

Já ouvira, além disso, falar num projeto de casamento entre ele e a neta e o desaprovava redondamente. Este procedimento do velho concorrera também e muito para a mútua antipatia.

– Fez bem em não subir, aquele tratante! – observou o velho – se havia de vir cá aborrecer-me com a sua presença, antes se ficasse lá mesmo pela loja. E a propósito, o Jaime ainda continua a ser muito seu amigo?

– Ainda – respondeu Josefina.

– Ora! – acrescentou Clotilde – cada vez é mais amigo dele.

– Meu sobrinho há de arrepender-se dessa amizade e da confiança que concede àquele sujeito! Vejam bem o que eu digo! – observou o velho capitalista num tom sério de íntima convicção.

Davam então os sinos meio-dia. O velho bateu nas pernas com ambas as mãos soltando uma exclamação em tom exprobativo de quem se lembra tardiamente de uma coisa essencial.

– Ora, ora, ora, esta! E eu que não lhes perguntei se já tinham almoçado... Hein?... já almoçaram?

– Ora, ora, dindinho! Há que tempos!

– Ah! Então já estão forraditas... bem! Bem! Mas hão de tomar um calicito do Porto, e mais um biscoitinho... hein?... vai ou não vai?

As duas senhoras ergueram-se e acompanharam o capitalista para a sala de jantar. Clotilde atravessara o braço pelo pescoço do avô, e amimando-o, gracejando, procurava atrair completamente a sua atenção. O motivo era óbvio. Josefina, desde que entrara, conservava-se séria e absorta. Discutia em sua consciência se deveria pôr o pai ao fato do que se passara naquela manhã e mesmo do que já tivera lugar em outras ocasiões. Se, por um lado, revelando tudo, preparava um ponto de apoio, que pudesse servir-lhe mais tarde, se as coisas tomassem um caminho intolerável, por outro lado, repugnava-lhe – senhora de educação e de brio – patentear, mesmo a seu pai as suas desavenças conjugais, as misérias domésticas, as irregularidades do seu lar. Até certa época, a sua união fora verdadeiramente tão feliz, e dessa época, em diante continuava a parecer tão venturosa que, descobrindo a verdade – negando aquele conceito, destruindo aquela convicção –, talvez não a acreditassem. Resolveu temporizar algum tempo

mais e por ora calar tudo. Julgava que era o mais prudente e o mais digno de si. Não obstante, porém, entendera que deveria afastar-se por alguns dias de casa, a fim de fazer sentir a seu marido, em primeiro lugar, o seu justo ressentimento, e em segundo que ainda tinha alguém a cuja proteção podia abrigar-se.

Apenas, portanto, entrou na sala de jantar e absorveu a última gota do cálice do Porto, voltou-se para o pai e disse cheia de risos:

– Vou fazer-lhe uma surpresa, e dar-lhe um alegrão.

– Venham lá essas raridades.

– Viemos passar com vosmecê dois dias.

– Dois dias!... só?

– Sim, senhor.

– Nada! Há de ser uma semana.

A mãe e a filha se entreolharam. Compreenderam-se logo.

– Pode ser que sim – disse aquela – isso depende das circunstâncias.

– Que circunstâncias?

– Primeiramente, consentimento de meu marido.

– Esse obterei eu! – observou o velho prontamente – e senão, mando buscá-lo também.

– Não! Assim não! – exclamou Josefina insensivelmente.

Seu pai levantou a cabeça vivamente e fitou-a sem compreendê-la.

– Não? – perguntou ele – como não?

– Mamãe quer dizer – explicou Clotilde prontamente – que sendo assim, meu pai não virá de *motu proprio*, e neste caso poderá contrariar-se com a nossa estada aqui:

– Ah!... e em segundo lugar?

– Em segundo lugar – continuou Josefina sorrindo –, meu pai bem compreende que não posso abandonar assim minha casa durante uma semana.

– Tá! tá! tá! Eu darei remédio a tudo isto; fica descansada.

– Como papai quiser, entretanto, hoje vou privá-lo da minha amável companhia.

– Como?

– Vou jantar em casa de uma amiga.

– Ah!... mau... isto é fora do ajuste!

– Egoísta!... e não lhe deixo cá a Clotilde?

– Está bem! Está bem! É longe?

– Na Passagem da Madalena. Quero que papai me empreste o seu carro.

– Pois não. Bem sabes que está sempre ao teu dispor.

O velho chamou um moleque que era o seu pajem e deu-lhe as ordens necessárias para ser satisfeito o pedido de Josefina.

Enquanto o pai estava afastado dando as suas ordens, Josefina aproximou-se de Clotilde e falou-lhe rapidamente:

– Não contes coisa alguma a teu avô! – recomendou ela.

– Por quê? Eu acho melhor dizer-lhe tudo.

– Não, por ora é mais prudente guardar silêncio.

O velho aproximava-se das duas e a filha prudentemente se calou. Clotilde, de fronte contraída, e tomada de repentina seriedade, afastou-se e abismou-se em profunda meditação. Como sua mãe, também ela discutia no seu foro íntimo o partido que deveria tomar. Também ela tinha um segredo na sua vida – qual a moça que o não tem? –, mas um segredo de que ninguém suspeitava, nem mesmo sua mãe, embora a amizade franca, a intimidade excessiva e a confiança sem limites que entre ambas existiam.

Anuindo à visita ao velho avô, como sua mãe tencionara ao princípio pô-lo ao fato do que se passava na própria casa, ela também tivera em vista aproveitar aquela ocasião para explorar com todo o cuidado a ternura cega que o avô lhe dedicava, confessando-lhe, não todo o seu segredo, mas unicamente o quanto fosse necessário e suficiente para interessá-lo em seu favor.

Ao aproximar-se da filha, o velho perguntou-lhe:

– O carro volta ou fica te esperando?

– Papai precisa dele?

– Não.

– Neste caso será melhor ficar à espera. Pode ser que eu volte logo depois do jantar.

– Com efeito, estimo mais isto.

– E também eu.

Um quarto de hora depois, Josefina seguia o caminho da Passagem da Madalena e, em casa de seu pai, Clotilde atirando-se nos braços do avô exclamava por entre lágrimas e soluços:

– Ah!, meu dindinho, tenha pena de nós! Proteja-nos, a mim e a minha mãe!

– Como!?... o que queres dizer?

– Oh! Principalmente a mim!... a mim que sou muito desgraçada! – acrescentou ela dolorosamente.

O velho avô não cabia em si de surpresa.

– O que dizes, minha filha? – perguntou ele no auge da admiração e levando apressadamente a neta para o sofá.

– Tenho muito, muito que lhe contar! – terminou ela sentando-se.

Estava enrubescida e nervosamente trêmula. Reconhecia-se logo que se achava sob a garra de ferro de uma comoção violenta e extraordinária. O avô segurou-lhe as mãos ambas com ternura, conchegou-a carinhosamente para frente e aconselhou-a com a meiguice e a doçura peculiares aos velhos que são bons e que amam muito:

– Fala, minha filha. Estou pronto para ouvir tudo que me tiveres de dizer.

– Não, dindinho, agora não. Estou muito alterada, muito nervosa e para poder falar-lhe com franqueza, com verdade, preciso de toda a minha calma, necessito de todo o meu sangue frio. Tenha pois um pouco de paciência.

Mais tarde dir-lhe-ei tudo.

– Pois bem, acalma-te e quando quiseres estarei às tuas ordens.

Clotilde retirou-se para o quarto, que o avô lhe destinava todas as vezes que ela ia passar o dia com ele, e esteve encerrada até a hora do jantar. Acabado este, sentou-se junto ao avô e tomou logo a palavra.

– Dindinho, são muito graves as coisas que tenho de contar-lhe; dizem umas respeito a minha mãe e a meu pai e outras a meu respeito. Começarei pelas mais importantes.

– Como quiseres, filha, mas anda depressa. Todo esse preâmbulo põe-me num estado tal de exacerbação e de agonia que não podes avaliar.

– Pois bem; serei breve, e direi tudo no menor número de palavras possível.

– Pois vamos lá a isso! – rematou o velho Comendador estirando-se na espreguiçadeira em que costumava fazer o quilo, e sorrindo à socapa da gravidade das prometidas revelações da neta.

Clotilde esteve calada por um momento; parecia concentrar todos os seus pensamentos ou como que formular o plano da sua exposição.

O avô, embora um pouco incrédulo, já pelo efeito do primitivo adiamento e já em consequência do jantar, insistiu ansioso e meio impaciente:

– Então, não falas?

– É que é tão difícil começar, dindinho! Custa tanto descobrir certos segredos, certas chagas de família, que nem sequer sei por onde principiar.

– Começa pelo princípio! – aconselhou ele que, às vezes, gostava de gracejar.

– Não zombe, dindinho! Já lhe disse que é tudo muito grave e muito sério.

– Então, ânimo! Eu não sou nenhum estranho, sou um interessado, tão interessado como tu ou talvez mais, pois sou o chefe da família. Não deves ter nem acanhamento, nem hesitações.

E uma vez que é tão grave e tão sério o que tens de contar-me, não espero nem te peço; ordeno-te que fales.

Clotilde abaixou a cabeça.

– Vamos! – intimou o avô com voz terna, mas severa e sentando-se na espreguiçadeira.

Antevia alguma coisa terrível ou monstruosa, esperava já a revelação de alguma dessas faltas que desonram uma mulher e envergonham a toda a sua família. Fitou, portanto, em sua neta um olhar perscrutador e insistente, apoiou o queixo na palma da mão e esperou.

Clotilde, por fim, ergueu a cabeça e falou:

– Dindinho, mamãe não é feliz.

O velho capitalista respirou largamente. Essas palavras começavam a tranquilizá-lo. Tratava-se sem dúvida, de algum desses desgostos domésticos que são ou comuns ou insignificantes, ligeiras contrariedades de momento, a que as mulheres nervosas e ciumentas dão um vulto extraordinário. Fora sem dúvida algum pecadilho de Jaime, do qual a mulher tivera conhecimento por intermédio de alguma amiga indiscreta e bisbilhoteira e a que não quisera perdoar, justamente ofendida, mas em todo caso nimiamente rigorosa.

– Não é feliz? – interpelou ele quase tranquilo e tornando a espreguiçar-se. Com o marido que tem, isso é impossível!

– Ah! – continuou Clotilde com amargura – é que meu pai tem também mudado de uma forma incompreensível. Já não é o mesmo homem.

– Deixou de cumprir com os seus deveres de chefe de família?

– Deixou! – respondeu ela resolutamente.

– Como! – exclamou o velho capitalista, erguendo meio corpo – sabes o que dizes, Clotilde?

– Perfeitamente.

Levantou-se ele então e deu alguns passos pela sala. A segurança com que a neta fizera e confirmara a acusação, não

deixava de impressioná-lo. Conhecia sua neta, pelo menos assim o pensava; supunha possuir o segredo da sua índole, do seu caráter, e julgava-a incapaz de manchar os lábios com uma mentira; portanto, ficara vivamente impressionado com aquela afirmativa. Parou finalmente diante da neta e dirigiu-lhe a palavra:

– Clotilde, apesar dos teus poucos anos, sei que és uma senhora a quem se pode falar com franqueza e sem rodeios. Responde-me pois da mesma forma. Teu pai tem amantes?

– Não, senhor – respondeu a moça sem corar.

– Tem faltado com o necessário à casa?

– Não senhor!

– Mas então o que faz ele?

– Maltrata minha mãe!

– Maltrata tua mãe!? – rugiu o velho capitalista com um grito de indignação e de raiva! – Maltrata tua mãe!

O bom senso, porém – a razão –, acudiu-lhe após o primeiro grito de furor e ele acrescentou logo:

– Neste caso, a culpada é ela.

– Não! Não! – protestou a moça com energia.

– Sim! Sim! – repetiu o velho. Mas que fez ela?... de que faltas a acusa ele?... Vamos, Clotilde, não me ocultes nada. Exijo que me contes tudo sem a mínima hesitação, sem a menor omissão e sem me ocultares o ponto mais insignificante, a circunstância mais trivial.

Era tal a expressão de energia estampada na fisionomia veneranda do velho português, que Clotilde se assustou e se arrependeu de ter transgredido as ordens terminantes de sua mãe, o que só fizera para por esse meio abrir caminho a fim de tratar mais tarde dos seus próprios interesses. Era tarde, porém, para recuar e procurou, entretanto, ganhar tempo e ver se arrefecia um pouco a impressão recebida pelo avô e mesmo se de alguma sorte podia eximir-se ao compromisso contraído.

– E se eu contar-lhe tudo – inquiriu ela –, dindinho, o que fará?

- O meu dever.
- Isto é muito vago.
- Em sua consciência, o que farias no meu caso?
- Eu?!... não sei.
- Nem eu também, mas fala. É preciso que eu saiba de tudo.
- Pois bem, dindinho, vou satisfazer a sua vontade. E Clotilde, fazendo-o sentar junto a si, dispôs-se a encetar, ou antes, a continuar as suas revelações.

No mesmo instante ouviu-se o rodar violento de um carro, que parou imediatamente à porta da rua, e em seguida soaram, na escada, passadas de quem subia apressadamente.

– Aí vem tua mãe! – exclamou o Comendador – ela mesma vai completar as tuas histórias... vai contar-me tudo.

– Não! Não! – suplicou a neta vivamente – não lhe pergunte nada, não lhe diga coisa alguma a esse respeito!

Em vez de Josefina, entrou na sala, coberto de suor e de poeira, o boleeiro do velho Comendador, e entregou-lhe uma carta que este abriu rapidamente.

– Minha mãe não veio? – perguntou Clotilde admirada.

– Não, senhora – respondeu o cocheiro.

– Nem virá? – acrescentou o avô, fora de si.

– Nem virá? Como? Por quê?

Por única resposta o capitalista passou a carta a sua neta e, chamando o moleque que lhe servia de pajem, foi apressadamente mudar de roupa. Clotilde, surpresa e aflita, pressentindo uma desgraça, passou a vista pela carta e leu as seguintes linhas cruéis e desanimadoras pela clareza e laconismo:

“Comendador,

Venha até cá, pois Josefina acha-se em perigo. Traga Clotilde.  
Recado de sua criada.

Celeste Cavalcanti.”

Clotilde, apenas acabou essa leitura, foi pôr o chapéu, e, no entanto, interrogava o boleeiro:

– Sabes o que aconteceu?

– Não, senhora, eu estava esperando quando me foram levar esta carta e me deram ordem para trazê-la a toda brida.

Avô e neta estavam prontos; desceram apressadamente a escada e entraram para o carro. Ao fechar a portinhola, um soldado de polícia, que vinha se aproximando e parecia ordenança de alguma autoridade, apertou o passo e parou junto ao carro.

– Vossa Senhoria é que é o senhor Comendador Antônio Braga?  
– perguntou ele.

– Sou eu mesmo – respondeu o capitalista apressadamente e impacientemente – que quer?

– É esta carta para Vossa Senhoria.

Assim dizendo, tirou o soldado um carta do peito da farda e entregou-a ao velho Comendador.

– Tem resposta? – perguntou este.

– Não, senhor.

O capitalista despediu o soldado com a mão, fechou a portinhola e bradou para o cocheiro:

– A toda brida!

Depois, nervoso e frenético, cheio de impaciência e de cóleras surdas, rasgou o envelope que o soldado lhe entregara e encontrou um cartão de visita:

“DR. CORIOLANO H. BERNARDES”

E, logo abaixo, as seguintes linhas de uma letra miúda e desconhecida para ele:

O chefe de polícia deseja falar com o Sr. Comendador e pede-lhe que o procure amanhã na secretaria, depois das onze horas, a negócio do seu interesse”.

## X À procura do segredo

Voltemos atrás algumas horas.

O leitor há de estar lembrado de que, quando Jaime, ao abrir a porta da escada e, ao encontrar o Zanolho, o levara consigo para a sala, o seu sobrinho, bastante intrigado e pensativo, descera para a loja.

Fervilhava-lhe no espírito uma quantidade enorme de interrogações e de dúvidas as quais, mais ou menos se podiam resumir numa só mais importante: o que poderia haver de comum entre seu tio – negociante conceituado e rico, estrangeiro e asseado – com aquele sujeito maltrapilho, mal-encarado, e até repugnante!

Era já a segunda vez que, no mesmo dia, e com um curto intervalo de horas, viera à sua casa e fora recebido, não só sem dificuldade, como até mesmo com certeza azáfama e deferência. Grande, pois, deveria ser o interesse que ligava aqueles dois homens e ainda maior o mistério que semelhante amizade deveria envolver.

Qual seria, porém esse interesse? Qual seria esse mistério? Neste ponto concentrava o caixeiro toda a sua inteligência e começava a amontoar os raciocínios.

Aquele sujeito parecia pertencer à última camada social, – à vasa, à lama pútrida onde nunca chega um raio de sol – fazia sem dúvida parte integrante dessa classe de gente cuja vida, sendo uma constante luta com as leis da sociedade e da moral, com o justo e com o honesto, tem necessidade absoluta de ocultar-se nas espeluncas e nas sombras espessas do mais profundo segredo.

Para travar, portanto, conhecimento com um homem desses, para conceder-lhe amizade e importância, – não se sendo seu igual – é preciso, é forçoso mesmo ou que se esteja sob o seu domínio quer material quer moral, ou que dele e de seus serviços se tenha indeclinável necessidade. Em qualquer dos casos, só um crime

consumado, ou ainda por consumir-se, poderia produzir tal resultado.

Teria, pois, seu tio praticado ou pretenderia praticar alguma ação fora da lei, alguns destes atos que estão sob a alçada da justiça dos povos, e que lhe imprimam na fronte o ferrete do crime e com ele um selo de ignomínia? Será aquele indivíduo algum agente ou algum mandatário seu?

No pé em que se achava o primeiro caixeiro para com a família do patrão, isto é, tendo as pretensões matrimoniais que o animavam e sabendo que, com a única exceção do tio, toda a família as repelia e contrariava, era-lhe necessário averiguar essas suposições, essas quase suspeitas, porquanto se fossem reais e verdadeiras, o conhecimento pleno da verdade e a posse completa do segredo de seu tio seriam em suas mãos pouco escrupulosas e eivadas de ambição uma arma poderosíssima, que em último recurso, empregaria não diretamente contra ele com cuja boa vontade já contava, mas sim contra a tia e contra a prima a fim de aterrorizá-las com a perspectiva de uma denúncia e de um escândalo e por esse meio extremo e violento arrancar o consentimento de ambas.

A imaginação do caixeiro ia tão longe, perdia-se em carreira tão vertiginosa e desenfreada pelas estepes da suposição, que já ele via o tio envolvido numas dessas teias eriçadas de crimes cujas peripécias do acaso parecem ser conspirações contínuas da fatalidade e das quais lhe seria impossível sair sem o seu concurso generoso e até mesmo cavalheiresco.

A fim de possuir aquela arma, – que seria a *ultima ratio* dos seus argumentos – chegava ele a desejar que o tio tivesse realmente cometido algum crime e algum crime tão horroroso, que só a sua lembrança fosse um castigo moral atterrador.

Resolveu, portanto, empregar todos os meios ao seu alcance para descobrir o segredo do tio. Deixou de novo a loja, aonde voltara, havia pouco, e pé ante pé subiu a escada, tencionando entrar pela porta do patamar para a alcova da frente e ouvir daí o que se ia passar na sala.

Não pôde, porém, realizar o seu intento por uma circunstância inesperada e imprevista que muito o contrariou. Ao aproximar-se da porta, ouviu bulha de passos no corredor e, temendo ser o tio, deu sutil e levemente um salto para a escada; em vez, porém de descê-la – o que o colocaria na posição de ser visto, embora pelas costas e a fugir – subiu-a saltando o lanço de seis ou sete degraus que conduzia para o andar superior e que naquela altura formava um ângulo ou uma volta.

Parou aí então, completamente encoberto, e viu, curioso e admirado, Josefina sair do corredor e entrar sorrateiramente para a alcova. Compreendeu logo que também ela ia espreitar e que tentava por essa forma surpreender o segredo cuja descoberta fazia o martírio da sua própria curiosidade.

As suas suspeitas ainda mais se robusteceram com isso. Desceu cautelosamente pois, e foi espreitar pelo buraco da fechadura, como o gatuno que procura primeiramente inspecionar os lugares, onde mais tarde terá de exercer a sua indústria.

Viu sua tia sentada junto a outra porta – que era de vidraça coberta com uma cortina de damasco – e na atitude atenta e contemplativa de quem procura não perder uma só palavra do que ouve. Ele, porém, por mais que apurasse os ouvidos, nada distinguiu.

Estava naquele posto, quando soaram novamente passadas no corredor e lhe chegaram aos ouvidos não só a última recomendação do Comendador, como também a derradeira resposta do Zanolho. Subiu de novo a escada e ocultou-se no mesmo lugar de há pouco.

Ninguém o tinha visto subir; ninguém ouvira as suas pisadas; ninguém suspeitava da sua presença: estava, portanto, seguro e tranquilo.

Viu aparecer o Zanolho e logo em seguida Josefina. A sua curiosidade estava altamente excitada e se ao menos não surpreendera o segredo do tio, ia talvez surpreender o da tia, o que sem dúvida lhe seria de um proveito maior. Aplicou toda a atenção ao que se ia passar e teve a fortuna de não perder uma só sílaba de

todo o interessante e comprometedor diálogo trocado entre o valdevinos e a mulher do negociante.

Quando uma e outro se retiraram, o primeiro caixeiro desceu a escada lentamente; desta vez então entrou na loja, mas extraordinariamente impressionado e pensativo.

Havia alguns minutos que, negligentemente encostado à ombreira de uma das portas da frente o esperava um mancebo de aparência simpática e trajando com certo garbo e elegância embora com pobreza.

Apenas viu o caixeiro, dirigiu-se para ele cordialmente expansivo e exclamando por entre risos de satisfação e de amizade:

– Safa! Almoças como um príncipe!... há quase meia-hora que te espero.

– Oh, Jereba! – exclamou por sua vez o interpelado, estendendo-lhe a mão com toda a franqueza – como vais tu?

– Como hei de ir? Rolando sem ser pipa.

– Já te empregaste?

– Qual! Por mais que faça não acho furo em nada. É malhar em ferro frio.

– Talvez não procures bem.

– Mais do que eu faço é impossível. Mas qual!... quando a desgraça penetra... Olha, João! Já estou convencido de que é remar contra a maré.

Estava o diálogo neste ponto, quando passou por defronte o Zanolho, que se demorara a comprar cigarros numa lojinha próxima. O primeiro caixeiro agarrou fortemente o braço do rapaz fazendo-o voltar-se para a rua e perguntou-lhe com toda a vivacidade:

– Conheces aquele sujeito?

– O Hermínio? – indagou o outro, com uma voz cheia de desprezo – Ora, ora, ora! Quem é que o não conhece nesta cidade?

– Quem é ele?

– É o Hermínio.

– Perdão; pergunto-te, o que é ele no rol das pessoas?

- É..., é tudo.
- Tudo?... isso não diz nada.
- Que queres que eu te diga então?
- Primeiramente quem é ele?... isto é, como se chama?
- Já te disse: é o Hermínio, por alcunha o Zarolho, pela facilidade que tem de atravessar os olhos um pelo outro. Geralmente o conhecem assim; pessoas há, porém, que o distinguem com outro apelido: chamam-no o Dr. Pigarro.
- O Dr. Pigarro?!... por quê?
- Por causa de uma tossezinha seca que o ataca todas as vezes que se embaraça e custa explicar-se ou que tenta impingir algum charéu<sup>12</sup>.
- E o que ele é no rol das coisas?
- O maior tratante do mundo.
- Safa!... De que vive, sabes?
- Vive de tudo e de todos: é capaz de representar todos os papéis, até mesmo o de homem de bem, contanto que a coisa lhe renda. Tem exercido todos os misteres; atualmente é espião da polícia.
- Hein! – exclamou o caixeiro dando um salto, cheio de espanto e de terror– espião da polícia!?
- Então? É um emprego como outro qualquer, melhor ainda porque é mais lucrativo. Não o aceito eu, porque não tenho jeito para ele. Mas atualmente conheço republicanos e monarquistas de gravata lavada que o são às ocultas, bem entendido.
- E que mais é ele?
- Também é ladrão; é jogador; é estelionatário; assassino.
- Misericórdia!
- Se eu te estou dizendo que ele é tudo neste mundo.
- Mas se ele fosse tudo isto...
- Se ainda o não foi ou não é, pode vir a sê-lo, eis o que eu quero dizer; o Hermínio é um homem capaz de tudo.

– De onde o conheces?

– Conheço-o...

O rapaz abaixou insensivelmente a cabeça; uma súbita e incompreensível vermelhidão invadiu-lhe todo o rosto. Dir-se-ia que tinha pejo de continuar. Por fim, tendo o caixeiro reiterado a pergunta, ergueu de novo a cabeça e respondeu com resolução:

– Conheço-o da casa de jogo do Pátio de S. Pedro.

– E tu jogas, Jereba?

– Às vezes, João; quando não tenho o que comer.

O caixeiro lançou sobre o amigo um olhar incisivo e perscrutador.

– Aposto que hoje estás num desses dias.

– Adivinhaste – suspirou o rapaz e acrescentou logo baixando um pouco a voz – foi por isso que te procurei. Ainda não almocei; se pudesse emprestar alguns cobres...

– De quanto precisas?

– Ora, aí de uns dois ou três mil réis.

João olhou de novo para o amigo: muito grande devia ser a sua miséria, para que tão insignificante quantia o pudesse remediar. Ao mesmo tempo nascia-lhe no espírito uma ideia salvadora.

– Conheces bem o tal Zarolho? – inquiriu ele com insistência.

– Já te disse: como as palmas de minhas mãos.

– Tens relações com ele?

– Deus me livre! – exclamou o Jereba vivamente com a presteza e indignação de quem se defende de uma acusação falsa e infamante.

– Quero dizer – emendou o caixeiro – falas com ele?

– Ah! Lá, isso falo.

João Favais franziu a testa, e concentrou-se por um momento cerrando um pouco as pálpebras. Depois de curta, mas profunda meditação, pôs a mão familiarmente sobre o ombro do amigo e atirou-lhe à queima roupa estas palavras:

– Pois quero encarregar-te de uma comissão difícil e delicada com relação a ele.

– Precisas dele para ser teu “onze letras”<sup>13</sup>.

– Não.

– Queres mandar dar alguma sova ou mesmo alguma facada?

– Nada!

– Ele não se encarrega pessoalmente desses negócios, mas arranja quem os faça.

– E vai depois denunciar à polícia na qualidade de espião?!

– Qual!... esses espiões só denunciam os crimes de que não lucram e as pessoas que não lhes untam as mãos.

– És um cínico.

– Porque conheço a sociedade e os seus espiões de polícia, e falo a verdade! Ora, meu amigo, não sejas Catão. Tu falas assim porque és estrangeiro e tens um tio rico. Mas vamos lá ao teu negócio.

Entra para cá.

## XI O Jereba

O sobrinho e primeiro caixeiro de Jaime Favais não morava no sobrado. O tio e patrão, avaliando bem as necessidades de rapaz e pesando por outro lado a desvantagem de deixar isolada a sua loja nas horas do descanso, havia mandado preparar para ele um quarto no andar térreo, não só para deixá-lo em mais completa liberdade, como também para ter uma pessoa de confiança que, durante as noites, vigiasse e guardasse mais de perto a sua "burra".

Aí, embora sob o mesmo teto, habitava o caixeiro inteiramente independente do resto da família. Podia sair e entrar às horas que quisesse sem que a ninguém incomodasse.

Após o convite que lhe fizera, o caixeiro passou o braço pelo ombro do amigo e levou-o para o seu quarto. Ali poderia conversar mais à vontade e a coberto de ouvidos indiscretos e de olhares curiosos. A comissão de que ia encarregar o amigo, embora lhe parecesse natural, era, contudo, delicada e o seu êxito dependia principalmente do critério empregado e da discrição mais absoluta. Todas as cautelas de que se cercasse, portanto, não seriam por demais.

Quanto ao amigo, porém, não receava coisa alguma. Conhecia-o de sobra, confiava bastante na retidão e probidade do seu caráter, além de esperar ser servido com tanto mais exatidão e boa vontade, quanto sabia que ele não estava no caso de recusar-lhe coisa alguma.

Fortunato Dias, ao inverso do seu nome, era um desses rapazes infelizes, aos quais parece que se cola como maldição jeováica, um caiporismo inextinguível. Filho de uma boa família, e tendo recebido educação esmerada e própria para servir de base aos mais sólidos estudos superiores, começou a sua vida como empregado numa casa de comércio. Inteligente, ativo e – o que é mais – bem recomendado, foi desde logo encarregado da cobrança da casa e distinguiu-se sempre pelo zelo e fidelidade no cumprimento dos seus deveres.

Como particular, tinha um gênio fogoso, alegre e galhofeiro: era um pândego, na verdadeira acepção da palavra e segundo a frase proverbial da rapaziada. Não havia pagode em que ele não se achasse, nem extravagância de que não tivesse sido autor. O seu gênio apresentava todas as contradições da mocidade. Ora cínico até a perversidade, ora crente até o aborrecimento; ora honesto, ora libertino, ora insolente, e ora atencioso, tinha generosidade de nababo e franquezas de brasileiro. Era de uma boa fé, igual somente à sua atividade e diligência.

Conhecia todo mundo; a todos falava e ninguém se coibia de trocar com ele alguns dedos de palestra. Todos o estimavam, patrões e caixeiros, doutores e estudantes, oficiais e soldados, comendadores e artistas, padres e mulheres, de todo o gênero de vida. As de vida alegre, porém, eram as que maiores relações mantinham com ele. Foi isto justamente a causa – o princípio – de toda a sua desgraça.

Uma vez, tendo acabado muito tarde, quase ao escurecer, a cobrança da casa de que era caixeiro e já estando fechado o escritório, jantou em um hotel da Rua Larga do Rosário e depois, levado pelas instigações do gênio pândego e fogoso, foi passar a noite em casa de uma das suas muitas conhecidas. Levava consigo a bolsa onde recolhia e carregava o dinheiro recebido.

No dia seguinte, conforme já fizera muitas vezes, foi, apenas abriu-se o escritório, prestar contas do que havia arrecadado na véspera e achou-se roubado em perto de dois contos de réis. Quis imediatamente procurar e de fato procurou o dinheiro na casa onde havia pernoitado – aliás, único lugar em que poderia o roubo ter-se efetuado –, mas essa diligência e a competente busca policial só deram um resultado negativo e um inevitável escândalo, que durante muitos dias foi o assunto obrigado das palestras dos cafés e das chacotas das camélias<sup>14</sup> da Rua Estreita do Rosário.

Um tio que havia empregado e abonado o Fortunato, pagou por ele o dinheiro que faltava, mas o infeliz foi despedido sem piedade, pois não acreditaram na realidade do roubo e, por isso, nunca mais pôde obter um emprego sério e regular. O tio, casado e com filhos,

morreu sem deixar-lhe coisa alguma. Ficou ele então completamente abandonado, sem família, sem emprego, sem dinheiro e sem coragem. Daí começou para o pobre rapaz esse viver cheio de torturas morais que se resumem na necessidade de pedir – sem que se possa ser mendigo – e, de agonias materiais que se traduzem pela fome, obrigada a se esconder por detrás de um riso mentiroso de satisfação e de fartura.

Ninguém luta, porém, contra o impossível; e nem há natureza que resista à falta de alimento e de animação. A energia moral gasta-se e extingue-se ao embate das contrariedades insuperáveis, da mesma forma que a energia vital pela falta de ar que a alimenta e revigora. Os desgostos, as necessidades, as privações, as humilhações foram pouco a pouco modificando o gênio do infeliz moço, e transformando-lhe a atividade trabalhadora numa certa indolência descuidosa. Não se importava mais com a vida: era um Diógenes de paletó e sem pipa. Vivia de pedir a um e a outro antigo companheiro ou a alguns amigos modernos e a título de empréstimo quantias que nunca restituía, mas que também nunca lhe cobravam.

Davam-lhe o que podiam e de boa vontade, não só porque a mocidade é geralmente generosa como também porque o Jereba nunca se recusava a qualquer serviço de que o encarregassem, nem deixava de fazer o favor que lhe pedissem.

– Eu só teho uma coisa boa comigo – dizia ele com convicção e seriedade – é não ser ingrato.

E era verdade. Pelo amigo ou por quem o tivesse socorrido qualquer vez, era ele capaz de se atirar ao fogo. João Favais muitas vezes o servira de boa vontade e nunca o ocupara. Apesar dessa vida irregular, incerta, infeliz, quase sem casa, o Jereba não era lambuzão nem maltrapilho. Trajava com decência e asseio a roupa que lhe davam os camaradas e tinha essas maneiras distintas e elegantes que, uma vez aprendidas com a educação ou adquiridas com o traquejo social, nunca se perdem, nem mesmo com o contato da miséria. O homem que foi bem educado e é de raça e de família, mesmo sob os andrajos se revela.

Era, além disso, rapaz e, mais bonito do que feio. Poderia ter trinta anos. Os desgostos, que lhe haviam cavado fundos e sangrentos sulcos na sua alma, não tinham conseguido enrugam a sua cútis morena. Tinha olhos pretos e vivos, e uns bigodes fartos e negros. Tendo adquirido o hábito, ou antes, cacoete de cumprimentar a todos que encontrava, com a fórmula única de:

– Aí, Jereba! – ficara ele próprio conhecido por essa alcunha, com a qual se conformava alegremente.

Apenas entrou ele no quarto do caixeiro, sentou-se numa marquesa que servia de cama e de sofá ao mesmo tempo e perguntou-lhe com certa seriedade:

– Que é que queres de mim, João?

– Pouco e muito, Jereba – respondeu-lhe o interpelado, tomando uma cadeira e montando a cavalo sobre ela – a coisa é simples e, contudo, não deixa de ter uma certa responsabilidade.

– Então é caso sério?

– Sem dúvida; é uma coisa que vai servir, nas minhas mãos, de instrumento de minha felicidade e talvez que de tua fortuna.

O Jereba sorriu-se amargamente.

– Já não há fortuna possível para mim!... entretanto, diz lá de que se trata.

– É preciso que descubras o motivo, ou antes, o segredo das relações de amizade que tem meu tio com o Zanolho.

– Hein!?! – exclamou o rapaz dando um salto da marquesa – teu tio tem amizade com aquele tipo?

– Tem até intimidade.

– É impossível!... estás enganado!

– Ora!

– Teu tio, um homem de bem, um negociante honrado...

– Mas juro-te, affianço-te que é a verdade e tenho prova disso.

– Diabo! Sendo assim, mas olha que isto não abona muito a teu tio.

– Ouve cá.

O caixeiro contou ao amigo as duas visitas do Zanolho e o mais que sabia a semelhante respeito, e concluiu peremptoriamente:

– O que eu quero é que em conversa, ou como achares melhor, indagues e procures descobrir os motivos dessa amizade e o que veio cá fazer o tal sujeito. Só sei dizer que meu tio, depois da tal visita, ficou de um humor insuportável.

– Isso dá-me que pensar – observou o Jereba lentamente e como que seguindo o curso de algum pensamento repentino ou o desenvolvimento de algum raciocínio verdadeiro – esse meio que me lembras de descobrir o segredo é o mais direto, mas não é o melhor. Nesses casos a linha reta nem sempre é a mais curta.

– Pois bem, quanto ao meio, deixo-o ao teu arbítrio.

– E é isto só que queres que faça?

– Por ora, só.

– Então vou tratar disso quanto antes. Mas deixa prevenir-te de uma coisa. Eu conheço o Hermínio; será difícil arrancar-lhe o que ele não quiser dizer. Aquilo é sujeito que não dá coisa alguma, mas que vende tudo. Compreendes, não?

– Perfeitamente. Se for mister comprar, compra-se.

– É bom saber das tuas disposições a esse respeito. Em todo caso, porém, vou ver se descubro a coisa por outro lado.

– Por qual?

– Por teu tio mesmo.

– Estás doido?!

– Ai! Ai! Ai! Que és um tolo pelo que vejo. Está bem visto que não vou nem irei perguntar coisa alguma ao Sr. Jaime, mas muitas vezes o homem diz as coisas sem se lhe perguntar ou a gente as descobre sem indagar delas. Pelo que me contaste, isto é, das últimas palavras que trocaram os dois ao se despedirem, há pouco, se deduz claramente que eles devem se encontrar.

– É exato! – concordou o caixeiro quase admirado daquela conclusão.

– Onde, porém?... aí é que está o busilis – continuou o Jereba. Perdi de vista o diabo do Zanolho; seguirei teu tio, portanto, e onde eles se encontrarem, aí estarei eu.

– Mas em todo caso...

– Homem, deixa-me cá seguir o meu plano!

– Como quiseres. Sabes o meu fim qual é.

– Portanto, deixa os meios cá por minha conta.

E assim dizendo, o Jereba dirigiu-se ao espelho, alisou o cabelo, penteou o bigode e, tendo acendido um cigarro, encaminhou-se para a porta.

– Espera. – falou o caixeiro – não me pediste alguns cobres?

– É verdade. Já não me lembrava.

O caixeiro tirou do bolso da calça um maço de cédulas e separou uma que entregou ao amigo:

– Toma lá vinte mil réis. Talvez tenhas alguma despesa a fazer.

– Talvez.

– Se precisares de mais, não faças cerimônia.

– Obrigado. Agora, dize-me: teu tio já saiu?

– Ainda não, mas não deve demorar-se.

– Então, adeus.

O Jereba ia saindo apressadamente.

– Até quando? – perguntou o caixeiro.

– Não sei; até quando houver alguma novidade, isto é, quando eu souber alguma coisa. Adeus.

O Jereba saía do quarto.

Era tempo. A escrava acabava de chegar e transmitia ao caixeiro a ordem do senhor. João subiu. Foi quando o tio lhe ordenou que acompanhasse sua mulher. O caixeiro desceu para vestir-se e procurou o amigo; não o encontrou mais.

O Jereba ia acompanhando de longe o Comendador que se dirigia para o Recife.

## XII Na pista

Ao deixar a tia e a prima à porta do capitalista, o caixeiro deu-se pressa em voltar para a Rua Nova. Além da impaciência natural por encontrar de novo o amigo e saber o resultado da sua missão, levava ele o coração a transbordar de fel e vinagre, segundo a pitoresca e enérgica locução popular. Para aí afluía, como uma onda indomável, toda a bÍlis de que era suscetível a sua natureza interesseira e vingativa.

A conversação acrimoniosa que tivera com a prima, o desengano formal que ela lhe dera e, o que mais é, de um modo tão áspero e grosseiro, tudo concorria para apressá-lo na execução do plano que adotara e que era a garantia única dos seus projetos e esperanças matrimoniais.

A uma das duas causas atribuía a repugnância e o desprezo invencível da prima: efeito de um orgulho desmarcado e de uma ambição sem limites, ou resultado de algum outro amor que se tivesse tornado senhor absoluto do seu coração de donzela. Fosse, porém, qual fosse o motivo verdadeiro, cumpria-lhe triunfar daquela resistência, e ele havia de triunfar custasse o que custasse. Já agora não era só questão de amor satisfeito, de ambição realizada, era também questão de amor próprio ofendido, questão inadiável de capricho.

Queria quebrar aquele orgulho; havia de conseguir dobrar aquela cerviz altaneira e imperiosa, humilhar a prosápia sem nome daquela formosura, e então... Oh! Então o caixeiro imaginava já a vingança que havia de tomar. Como triunfador desapiedado, mas generoso, imporia as condições. Para isso, entretanto, era preciso um ponto de partida e uma arma assaz poderosa. Essa arma seria o segredo do tio e este só o amigo poderia descobrir.

Estava, portanto, inteiramente à mercê do Jereba e sem que ele voltasse, não podia entrar em campanha. João Favais estava resolvido a tudo: a empregar todos os meios, por mais extremos, por mais ilícitos, por mais infames que fossem, contanto que

obtivesse o resultado desejado. Uma vez de posse do segredo, – se, como supunha e esperava, ele fosse tal que se pudesse converter em arma de combate ou instrumento de perdição contra o tio – tiraria a máscara de uma vez e, atacando de frente os seus inimigos, imporiam então as condições das quais a principal era a posse de Clotilde. A atitude definitiva e decisiva da prima determinara essa resolução desesperada.

Triunfar ou morrer – tal seria de então em diante a sua divisa e o seu fim.

Voltou pois, apressadamente para a loja e, apenas entrou, foi perguntando a um dos caixeiros de balcão:

- Aquele rapaz que esteve há pouco comigo já voltou cá?
- Quem? O Sr. Jereba?
- Sim.
- Ainda não.

O primeiro caixeiro olhou para o relógio com mostras de enfado e de contrariedade: eram quase onze horas.

– Diabo! – murmurou ele consigo – aquele patife apanhou-se com os vinte mil réis e raspou-se; é capaz de não me aparecer tão cedo.

Um dos primeiros resultados da contrariedade é tornar-nos injustos e maus. O egoísta não admite que coisa alguma se dê fora da medida dos seus desejos. O juízo que João Favais estava fazendo do seu amigo era mais do que injusto, era infame. O pobre rapaz nunca, pelo seu procedimento, dera azo a julgarem-no desonesto ou capaz de uma improbidade.

Enquanto o caixeiro, devorando a afronta recebida e a vergonha do papel que ia fazendo, acompanhava como um laçao a mulher e a filha do seu tio e patrão para a casa do capitalista e voltava depois furioso e desapontado lançando, impaciente e injusto, imprecações injuriosas contra o amigo, não perdia este o seu tempo e, cumprindo as instruções recebidas ou seguindo o plano por si mesmo traçado, desenvolvia uma atividade extraordinária e uma astúcia a toda prova.

Acompanhava *pari passu* o negociante e não perdia um só dos seus movimentos, nem dos seus gestos, nem dos seus olhares, nem mesmo das suas palavras quando o ouvia falar, procurando com uma intuição e uma dedução admiráveis descobrir, em tudo, pontos de contato e relações com o segredo, desconhecido ainda para ele, mas ao qual tinha a missão de descobrir. Era com toda a consciência que ele dava cumprimento à sua promessa.

Às onze e um quarto, pouco mais ou menos, dava o caixeiro o seu centésimo passeio até a porta da rua, roído pela impaciência e pela raiva, quando avistou, a dobrar a esquina da Camboa do Carmo, o Jereba que vinha suando por quantos poros tinha e deitando quinze milhas por hora, pelo menos.

Foi impaciente ao seu encontro.

– Então? – perguntou ele.

– Vamos para teu quarto – respondeu o amigo esbaforido – temos muito que conversar.

Entraram incontinenti para o quarto. O Jereba sentou-se logo, e o caixeiro, no auge da ansiedade e da comoção foi interpelando-o sem demora:

– Vamos a isso; já sabes alguma coisa?

– Não sei nada, nada absolutamente! – respondeu o Jereba.

– Ora pílulas!

– Mas tenho coisas extraordinárias e incompreensíveis a contar-te.

– Coisas incompreensíveis e extraordinárias?... a que respeito?

– Ao nosso negócio.

– Hein?... diabos me levem se te entendo.

– Se eu mesmo não entendo nem compreendo nada do que vi.

– Mas que diabo viste tu?

– Ora, ouve lá. Apenas teu tio saiu daqui, pus-me à sua pista, com cautela e de longe, já se sabe, pois suponho que ele me conhece.

– Qual conhece, qual nada!

– Ora! Eu sou o bicho mais conhecido deste mundo. Eu e o pessoal Caranguejo somos as duas entidades mais populares do Recife – observou o Jereba com convicção e certo garbo.

– Deixa-te de gracejos! – retrucou o caixeiro cada vez mais impaciente e curioso – vamos ao caso.

O Jereba continuou:

– Segui teu tio. Ele ia apressado e cabisbaixo, apreensivo ou zangado; ambas as coisas talvez. Não falava com pessoa alguma, parecia que tinha necessidade de andar e ainda maior necessidade de chegar a algum lugar. Conhecía-se que levava um rumo certo, assentado de antemão, e um destino já sabido. Foi, pois, de rota batida até o Recife, a Lingueta. Entrou no Hotel d’Europa pela porta da frente e foi ter com o dono, que estava por detrás do balcão. Imediatamente dobrei a esquina, e entrei pela porta do fundo como quem quer subir para o primeiro andar e fui meter-me na entrada da escada, oculto pela parede que separa esta da sala, e mesmo por detrás do lugar onde estava o francês.

De onde eu estava não podia ver teu tio, é verdade, mas em compensação, ouviria tudo quanto dissessem e, era isto o que eu queria. Meu instinto não me enganou. Teu tio dirigiu-se ao dono do hotel e perguntou apressadamente:

– Sabe dizer-me se o Sr. Oscar Rocklave está no seu quarto?

– Não, senhor – respondeu o hoteleiro.

– Não sabe ou não está?

O francês olhou para o lugar destinado a depósito das chaves e respondeu:

– Não está. Saiu há quatro dias, e ainda não voltou.

– E tem vindo alguém procurá-lo?

– Ninguém que eu saiba.

– Obrigado.

– Se quer deixar algum recado para ele...

– Não é preciso.

E teu tio saiu – continuou o Jereba. Ao chegar à rua, alguns negociantes o cercaram e obrigaram-no a demorar-se. Aproveitei-me dessa demora e entrei por minha vez na sala do hotel.

O Jereba parou por um momento; bebeu um copo d'água com toda a sofreguidão de um orador, que aproveita esse pretexto para deixar suspensa a atenção do seu auditório e assim produzir maior efeito. Em seguida acendeu um charuto depois de oferecer outro ao amigo.

O caixeiro aceitou-o maquinalmente, mas nem sequer o acendeu. Estava altamente admirado e intrigado. Não compreendia nada.

– E depois? – inquiriu ansiosamente.

Jereba bifurcou-se numa cadeira e dispôs-se a continuar a sua narração. Eis aqui o que ele contou e o que realmente fez no cumprimento da missão de que o amigo o havia encarregado.

Apenas entrou na sala do hotel, o Jereba dirigiu-se ao francês com desembaraço e alegria:

– Oh, *mon cher petit Napoléon!* – exclamou ele, dando-lhe familiarmente uma palmada no ombro.

– Oh, Jereba – retrucou o francês – como vai isso?

– *Comme ça, comme ça.* Que diabo queria aquele tipo com você? Estava tão atarefado e corado?

– Oh, nada. Veio apenas perguntar-me se o Oscar estava em casa.

– Oscar?... quem é esse Oscar?

– Não conhece você outra coisa: é um pobre diabo que chegou do Sul, há dias, e está hospedado lá em cima.

– Oscar? – repetiu o Jereba como querendo recordar-se – não conheço; é moço ou velho?

– Ó homem!... pois você não conhece o Alabama?

– Ora! Ora! Ora! Se o conheço! Que diabo de negócio pode ter aquele sujeito com o Oscar?

– Eu sei lá!

– É a primeira vez que o procura?

– Não sei... parece-me... ,não!

O francês parecia indagar da memória o que sabia a esse respeito.

Esteve aqui, há quatro dias com ele – disse por fim – ou só; não me recordo bem, mas parece que subiu ao quarto dele em companhia de outro sujeito.

– Lembra-se quem era esse sujeito?

– Não. Só me recordo de que era zarolho.

– Hein! – não pôde deixar de exclamar o Jereba – um zarolho!

– É verdade – confirmou o francês.

– Alto? Magro?

– Tal qual.

– Sujo.

– Sujo?

– Exatamente.

– E...

– E o que tem você com isto, abelhudo?

– Eu?... nada! Acho somente esquisito.

– Ora cuide lá na sua vida e deixe a dos outros.

– É o que eu vou fazer e por isso, adeus.

O Jereba despedia-se porque vira o negociante desembaraçar-se dos colegas e tomar a direção do largo do Arsenal de Marinha. Aí chegando, dirigiu-se ele para uma cocheira que ainda hoje existe. Jereba revestiu-se de coragem e encaminhou-se para lá. Pôde ouvir unicamente, quando se aproximava, as seguintes palavras trocadas entre o Jaime e o dono da cocheira.

– Os melhores cavalos que tiver e que vá esperar-me no viveiro do Muniz! – dizia o negociante.

– Vossa Senhoria quer o carro já? – perguntava o dono da cocheira.

– Sem dúvida. Lá é que hei de embarcar, mas o carro deve partir imediatamente.

E dito isto, retirou-se Jaime. Jereba consultou os seus botões se devia segui-lo ainda, ou demorar-se. Como sabia agora onde encontraria o negociante, resolveu ficar. Talvez aproveitasse melhor o seu tempo. Entrou pois na cocheira, como quem entra em sua casa, e foi direito ao boleeiro que arreava os cavalos.

– Ai, Justino! – cumprimentou ele – como vai isso?

– Oh, Jereba! É você? quando temos um passeio igual ao de outro dia? Aquele Dantas é um diabo! Como vai ele?

– Eu sei lá. Há oito dias, pelo menos, que o não vejo. Também aquele Leandro é assim, de repente some-se e ninguém é capaz de o descobrir

– Isso é namoro velho.

– Ou conquista nova! Mas para onde diabo vai você... e a quatro?... Esse carro é para o Jaime?

– É!

– E é passeio longe?

– Diabo leve esses passeios.

– Mas ele paga bem.

– É verdade... paga o serviço, mas não paga a maçada.

– Até onde vão vocês?

– Vamos a Jaboaão.

– A Jaboaão?! – exclamou o Jereba no auge do espanto – a esta hora!?

– É para você ver! – respondeu fleugmaticamente o Justino. E foi atrelar ao carro os cavalos que já estavam arreados.

O Jereba não cabia em si de admiração. Ficara mais que surpreso, quase aterrado. A notícia que acabava de receber provocava-lhe um mundo de suposições, cada qual mais extravagante. A sua comissão complicava-se cada vez mais e, antevendo coisas extraordinárias e altamente romanescas, já se

dava os parabéns pela inspiração que tivera, pondo-se na pista do negociante.

### **XIII Para velhaco, velhaco e meio**

Por mais extraordinária e surpreendente que tivesse sido a notícia dada pelo boleeiro, o Jereba não ficou desapontado nem perdeu o sangue frio e a presença de espírito que lhe eram habituais. Cobrou antes novo alento, julgando, e com razão, que adiantara alguns passos mais nas investigações, aliás, difíceis, em que se metera e para cujo resultado final estava empenhado com todas as forças.

Pelas anteriores informações do amigo, sabia que o negociante e o Zarolho deviam encontrar-se; pela conversa atual com o Justino, ficara inteirado de que o marido de Josefina devia ir a Jaboação. Onde, porém, se teria de realizar o encontro e o que nele se passaria – eis o que ele ignorava e a todo transe lhe era preciso saber.

Dirigiu-se novamente, portanto, ao boleeiro e reatou com toda a naturalidade e conversação, que, aliás, não fora de todo interrompida, mas apenas suspensa pelo espanto sentido e de alguma sorte manifestado por ele próprio.

- Com que o Jaime vai a Jaboação!
- E pediu o carro com uma pressa que parecia que ia salvar o pai da forca.
- Deveras?!
- Ora.
- Mas hás de confessar, Justino, que é uma extravagância.
- Cada um sabe de si e Deus de todos.
- E o diabo de alguns. Ele vai só ou leva alguma pequena?
- Eu sei lá! O carro vai tomá-lo no Aterro, defronte do viveiro do Muniz.
- Do Muniz!?

O mistério aumentava cada vez mais para o Jereba. Formou imediatamente o plano de ir também até aquele lugar e descobrir fosse como fosse, o que ali devia passar-se. Uma rápida intuição fê-

lo supor que era naquele ponto que o negociante e o Zanolho deviam realizar o seu encontro.

Mas como chegar ao viveiro do Muniz a tempo de ainda lá encontrar o negociante e de, pelo menos, vê-lo embarcar? Tomar um carro e partir imediatamente antes do outro era o meio mais simples e curial, era porém, dispendioso e o Jereba, que precisava de dinheiro para as suas necessidades pessoais, não queria lançar mão do que o amigo lhe havia dado. Não era homem, porém, que se atrapalhasse com tão pouco e teve logo a inspiração de aproveitar o próprio carro daquele a quem estava perseguindo. Chama-se a isto bater o inimigo com as suas próprias armas.

Acrescentou portanto à sua exclamação:

- Homem, estimei muito saber disto.
- Por quê?
- Porque preciso ir até a fábrica de sabão falar com um amigo, para ver se ele me arranja lá como ajudante de guarda-livros.
- Você precisa bem de um emprego.
- Ora se preciso!... Queres um charuto?
- Venha lá.

O Justino recebeu o charuto e o acendeu. Logo às primeiras fumaças, exclamou:

- Olé!... Você está agora muito por cima, seu Jereba! já fuma disto.

O rapaz sorriu-se modestamente e tirou mais uns quatro charutos do bolso. Deu-os generosamente ao boleeiro.

- Toma mais.
- Oh! Venha lá esse reforço. Você sempre foi um rapaz com mil *fouces*.

– *Comm' il faut!* – emendou o outro, sorrindo – Nunca hás de aprender o que te ensinam.

O Justino levantou os ombros em sinal de suprema indiferença pelos altos conhecimentos do amigo e, arrecadando os charutos, sumiu-os no vasto bolso do casaco, que lhe servia de *libré*.

O carro estava pronto de todo e ele foi subindo para a boleia.

– Espera! – exclamou o Jereba – Vai alguém no carro?

– Não.

– Ora esta! Você bem podia fazer-me um favor.

– Qual?

– Levar-me até o viveiro. E o patrão?

– Quem, o Baltazar?... isso é o menos.

E dirigindo-se ao escritório, o Jereba interpelou o dono do estabelecimento:

– Ai, Jereba!

– Oh! Que fim levaste, vadio?

– Dize-me cá uma coisa. O Justino pode levar-me ali no carro?... vai vazio.

– Vá lá sem exemplo. Ó Justino, leva aí o Jereba.

E rindo-se acrescentou:

– Mas não recebas gorjeta.

O Jereba saltou imediatamente para o carro e gritou com se realmente fosse dono:

– Toca!

O Justino fustigou os cavalos e o carro partiu a trote, tilintando vivamente os guizos das sotas.

Na altura da Rua do Livramento, cruzou ele com o negociante. O Jereba encolheu-se tanto que passou despercebido. Demais, Jaime ia tão absorto, que nem sequer reparara no carro.

Defronte mesmo do viveiro do Muniz, – naquele tempo ainda com alguma água, hoje porém completamente aterrado com tudo quanto é imundície, e formando por isso um foco de miasmas deletérios – apeou-se ele e, a primeira pessoa que se lhe deparou foi o Zarolho, a passear na calçada, com as mãos atrás das costas e como a falar consigo mesmo.

Jereba dirigiu-se logo para ele e, batendo-lhe no ombro, interpelou-o à queima roupa, afetando nunca usada familiaridade:

– Ó Pigarro!

– Hein?! – bradou o Hermínio! – isto são graças do Jereba.

E acrescentou logo, formalizando-se e com a tossezinha que o atacava quando se via atropelado:

– Eu nunca lhe dei essas liberdades, nem o autorizei a...

– Ora, deixa-te de mantos de seda comigo. Dois indivíduos, que jogam juntos uma vez, ficam logo sendo amigos.

– Mas...

– Não tem mas nem meio mas! É assim mesmo! Bem sabes que eu sou a franqueza em pessoa. Anda daí. Vem tomar um copo de cerveja.

– Obrigado.

– Está fazendo calor e eu não bebo só.

– Estou esperando uma pessoa.

– E eu tenho uma pessoa que me espera, mas isto não é razão, para não se tomar um refresco. Anda; nunca te ofereci nada, mas uma vez é a primeira.

– Vá lá. Mas há de ser um copo só.

– Está visto.

O Jereba deu o braço ao Hermínio, apesar de toda a repugnância que sentia, e entrou com ele em uma venda que ficava na esquina do beco do Lima.

– Ó Manuel! – disse ele ao caixeiro, passando para dentro do balcão e tomando a direção da sala de detrás – leva lá dentro duas garrafas de cerveja.

– De que marca?

– *Bass*, legítima.

Os dois improvisados amigos chegaram ao compartimento reservado que havia no fundo da venda e sentaram-se a uma mesa.

– Nunca mais te vi no São Pedro – disse o Jereba, afetando uma grande familiaridade e uma confiança ainda maior.

– Ora, é porque não tem querido. Eu tenho ido lá quase sempre.

– E tens sido feliz?

O Zanolho supôs logo de si para si que aquela pergunta era um laço e que o rapaz queria sondar o estado da sua bolsa para, com segurança, pedir-lhe dinheiro emprestado. Respondeu, portanto, um pouco atrapalhado e chamando a tossezinha em seu favor:

– Qual! Nem por isso! Tenho estado de um caiporismo dos diabos.

– Pois eu, não! – respondeu o Jereba, tomando uns ares de abastado e introduzindo o dedo grande na cava do colete – Tenho ganho rios de dinheiro. Estou em via de enriquecer.

O Hermínio arregalou os olhos com incredulidade.

– Dou-lhe os parabéns! – disse ele, e insensivelmente meteu os olhos um pelo outro.

O caixeirinho da venda entrou com as duas garrafas e as depôs na mesa juntamente com dois copos.

– Basta uma garrafa! – observou o Hermínio com certas mostras de mesquinaria.

– Abra as duas! – observou o Jereba, com ar de filho-família pródigo e órfão há pouco tempo – sou eu quem paga. E ademais talvez que a pessoa, por quem você espera, se demore.

– Qual nada! Não tarda aí.

– Quem é ela? – inquiriu o rapaz sem intenção, ou afetando ligar pouca importância à resposta que lhe dessem.

O Hermínio engasgou-se assim com um acesso da sua tosse costumada; por fim respondeu ladinamente:

– É... um amigo meu.

O Jereba olhou-o de esguelha, e tomando um dos copos tocou no dele alegremente:

– Neste caso à sua saúde! Beberam ambos.

– Boa cerveja! – aprovou o Hermínio, estalando a língua como a saborear a última gota daquela tisana com que a Inglaterra

envenena a humanidade.

– Então, vá lá outro copo.

– Não.

– Ora!

O Jereba encheu segundo copo:

– À nossa! – disse ele.

– À nossa!

Beberam outra vez.

O Hermínio, que não estava acostumado àquele regime, começou a suar copiosamente.

– É forte! – murmurou ele com os olhos já vermelhos.

– Qual forte, qual nada! – retrucou-lhe o Jereba, que na sua qualidade de pândego emérito, era uma verdadeira esponja e um dos que melhor figura deveria fazer mais tarde no célebre Club Eclipse, que tão escandalosamente funcionou na Rua de São Bom Jesus das Crioulas.

Ao mesmo tempo batia na mesa e, ao aparecer o caixeirinho, mandava renovar a provisão.

Entrava em seus planos embebedar o Zanolho, pois sabia que só assim poderia obter dele o que tanto desejava. Encheu, portanto, os copos de novo. Enquanto assim fazia, o Hermínio levantou-se.

– Como! Já vai?! – exclamou o Jereba admirado.

– Não! – respondeu o Zanolho – vou ver se já chegou a pessoa que estou esperando.

– E como se chama esse tipo?

O Hermínio iludiu a pergunta e dirigiu-se para a venda. O carro conservava-se ainda vazio. Recomendou então ao caixeiro que o fosse chamar, apenas alguém entrasse no carro, e voltou para o interior.

O Jereba reiterou-lhe a pergunta, fingindo um ligeiro princípio de embriaguez, a fim de inspirar mais confiança. O Hermínio,

porém, nada lhe disse. Embora um pouco toldado, conservava todo o seu juízo. O rapaz tentou um novo esforço:

– Mais um copo! – disse ele, oferecendo-o.

O Hermínio recusou-se a pé firme. Pretextou estar já incomodado e não poder, por isso, suportar nem mesmo o cheiro da bebida. O Jereba resolveu então queimar os seus navios; esgotou ele o seu copo e, passando o braço familiarmente pelo ombro do repugnante camarada, soprou-lhe ao ouvido estas palavras:

– Você o que está é com medo.

– Medo?... de quê?

– De soltar a língua.

A tossezinha começou a funcionar desesperadamente.

– E por quê?... soltar a língua sobre... o quê?... a quê respeito?

– inquiriu o Zanolho engasgando-se.

– Você pensa que eu não sei a quem você está esperando – insinuou o outro piscando o olho maliciosamente.

– Se sabe, por que pergunta?

– Para ter uma certeza.

– Ora! estou esperando um amigo.

– O Jaime Favais.

– O Jaime Fav...

A tosse, súbita, violenta, cortou ao meio a exclamação do Hermínio, cheio de espanto e quase que também de susto.

– Eu sei que vocês são amigos! – continuou Jereba – mas o que não posso atinar é com o motivo verdadeiro dessa amizade incompreensível para mim.

– Simpatia – resmungou rindo-se o Zanolho.

– Ou velhacaria! – emendou o Jereba – entre vocês há patifaria e patifaria grossa; ninguém me tira disso!

– Qual! Nem diga isto!

– Eu te conheço bem, Hermínio!... tu não ligavas a um negociante rico sem a mira num proveito grande. Tu és o maior

velhaco deste mundo.

– Ora, Jereba! Que você sempre está pronto para brincar. Aqui, eu admito dessas brincadeiras, mas lá fora e diante de gente... não!

– Ora!... vem cá... vamos fazer um negócio. Associa-me à tua patifaria.

O Hermínio olhou para o rapaz com toda a atenção e como que com certo ar de piedade.

– A cerveja subiu-te à cabeça, Jereba; vai dormir.

Neste momento apareceu o caixeirinho e participou que um sujeito bem apessoado e bem vestido havia entrado no carro. Hermínio fez um movimento para sair. O Jereba, convencido por fim da inutilidade dos seus esforços, fingiu com mais força a intensidade de sua bebedeira e, agarrando o braço do Zanolho, exclamou atrapalhadamente:

– Nada, não, senhor! Você não sai daqui sem dizer-me para onde vai e mais para onde vai o seu amigo, o Favais.

O Hermínio tossia desesperadamente: não sabia como livrar-se daquela entaladela. Teve por fim uma ideia que lhe pareceu luminosa e salvadora; chegou-se ao ouvido do rapaz e falou com todos os visos de mistério:

– Eu lhe digo, mas é com a condição de você guardar segredo e de ficar quietinho.

– Pois sim.

– Nós vamos para Boa Viagem.

– Ah! Manganões!... vão tomar banhos de mar! – exclamou o Jereba. E, assim dizendo, deu uma gargalhada e deixou-o sair.

O Zanolho respirou, como aliviado de um grande peso e correu apressadamente para o carro.

Era tempo: Jaime Favais já estava impaciente. Falou ao boleeiro, e apenas sentou-se o Hermínio, o carro partiu a toda brida.

O Jereba fora buscar lã e saíra quase tosquiado. Contudo assistira ao encontro dos dois e se nada pudera arrancar do

maltrapilho, ao menos ficara-lhe a convicção de que aquela viagem tinha relação com o segredo que o amigo desejava descobrir, e que, além disso, era coisa de grande responsabilidade, porquanto, a não ser assim, haveria necessidade de tanto mistério, nem o Hermínio teria substituído o nome do lugar para onde era a viagem.

O que iam eles, porém, fazer àquele lugar?

Apenas partiu o carro, pagou o Jereba a despesa e tomou imediata e apressadamente o caminho mais curto para a Rua Nova. Aí chegando contou tudo quanto colhera ao seu amigo e concluiu com uma pergunta:

- Agora... que queres tu que eu faça?
- Unicamente o que eu não posso fazer.
- Dize o que é.

João Favais pensou por um momento. Era decididamente um rapaz enérgico e estava disposto a tudo. Ergueu a cabeça e falou ao amigo com toda a firmeza e resolução:

- Vais alugar imediatamente um cavalo. Sabes montar?
- Como um sertanejo.
- Bem. Escolherás o melhor cavalo que encontrares, e irás atrás daquele carro até Jaboaão. Conheces Jaboaão?
- Não, mas é o mesmo: quem tem boca vai a Roma.
- Quando lá estiveres...
- Indagarei, descobrirei os motivos que para aí levaram teu tio e o Zanolho. Deixa o resto por minha conta. Vou ver o cavalo.

João deu ao Jereba mais algum dinheiro, e apertou-lhe a mão com toda a força:

- Não te esqueças de que vais trabalhar pela minha felicidade!
- disse ele.
- Eu sei ser amigo! – respondeu o Jereba com toda a sinceridade e convicção.

Um quarto de hora depois, perfeitamente montado, galopava ele pela estrada de Jaboaão.

## **XIV Golpe inesperado**

Enquanto o negociante e o Zanolho correm caminho de Jaboaão, seguidos de perto pelo emissário do caixeiro, reatemos nós a nossa narração, voltando de novo ao ponto em que deixamos o avô e a neta.

O velho capitalista, depois da leitura do cartão que o soldado lhe entregara, volveu-o em todos os sentidos como que procurando adivinhar nele alguma coisa que lhe faltava, como que tentando descobrir nas palavras que continha a explicação de enigma misterioso, que o surpreendia ao mesmo tempo que escapava à sua penetração.

O chefe de polícia queria falar-lhe e de mais a mais a negócio do seu interesse?... era extraordinário e esquisito. Que poderia haver de comum entre ele e a polícia? Ainda se o chamado partisse do Juiz de resíduos e capelas, vá lá. Era executor testamentário das últimas vontades de alguns patrícios e juiz emérito e efetivo de diversas irmandades. Mesmo se fosse do Dr. Juiz do Comércio, também o admitia: era credor depositário e administrador de algumas massas falidas... Mas da polícia?... Não praticara e nem presenciara crime algum: que queriam pois com ele?

O seu espírito, por mais que procurasse, não lograva atinar com a verdade. Estava furioso de impaciência e de curiosidade, sentia mesmo uma certa irritação nervosa e incomodativa. Era a primeira vez que semelhante coisa lhe acontecia. A sua consciência reta e honesta não o acusava de coisa alguma, mas aquilo o incomodava. Não se é chamado à polícia impunemente. E este vexame torna-se ainda maior quando quem o sofre nunca passou por ele e se acha colocado numa dessas posições respeitáveis e elevadas, que, parece, devem pô-lo a coberto de tais intimações. Tal é a convicção que os nossos preconceitos desarrazoados e a deformidade excessiva de nossa sociedade têm conseguido formar no espírito de todos, nacionais e estrangeiros.

Estava, pois, sobre brasas. Se não fosse o caso anormal e urgentíssimo que o chamava com toda pressa à Passagem da Madalena, iria imediatamente à casa do Dr. Bernardes, e indagara de tudo. Uma vez que lhe havia transmitido o recado, de alguma coisa era ele sabedor. Mas não podia seguir os impulsos do seu desejo, nem os reclamos da sua curiosidade. Fora chamado, recebera um outro bilhete, igualmente misterioso, mas em todo caso mais claro e positivo invocando a sua presença, pois a filha estava em perigo. O homem e o pai achavam-se em presença um do outro, e o amor paterno sobrepujava nele a todo e qualquer outro sentimento. Chegado a esse ponto, de tudo se esqueceu num momento para só lembrar-se de sua filha e do perigo desconhecido que a ameaçava.

Mas que perigo seria esse? – perguntava ele a si mesmo no auge da aflição e da agonia. Josefina tinha ido visitar uma amiga; estava de saúde perfeita, saíra até risonha e alegre, que acidente, pois, poderia ter-lhe acontecido? Deveria sem dúvida ser coisa muito grave para pô-la assim de repente em perigo.

O espírito do pobre velho perdia-se num oceano sem fim de suposições. Tinha o vago pressentimento de uma desgraça e a mão de ferro do desalento premia-lhe o coração desapiedadamente.

Voltou-se afinal para a neta e perguntou-lhe:

– Indagaste do Pedro o que aconteceu a tua mãe?

Clotilde, embiocada no canto do carro, alheia aos solavancos que ele dava pela carreira vertiginosa em que ia, e entregue inteiramente à dor silenciosa que lhe causava aquela notícia, pareceu estremecer como acordada de um sonho, e respondeu:

– Indaguei, mas não sabe dizer coisa alguma.

Também ela impacientava-se e sofria. Por mais que procurasse adivinhar o que teria sucedido a sua mãe, não podia de forma alguma atingir a qualidade e muito menos a intensidade do perigo que pudesse ameaçá-la. Teria o pai visto sua mãe seguir para a Passagem da Madalena e iria em seu encalço? Teria querido obrigá-

la a voltar, e contrariado por ela, ameaçá-la-ia com alguma nova grosseria?

Não. Isto não era possível, mas, se em todo caso assim fosse, o cocheiro tê-lo-ia visto e saberia contar o acontecido.

Que teria sucedido, pois?

Encostada no fundo do carro, com os olhos cerrados para melhor seguir o fio emaranhado dos seus pensamentos, aliás, desordenados e incoerentes, Clotilde sentia no coração todas as agonias da incerteza, passava por todas as fases da dúvida. Ora afigurava-se-lhe que sua mãe apenas tinha tido algum incômodo passageiro – ligeira dor de cabeça –, habitual ataque de enxaqueca, que assustara a amiga nimamente nervosa, mas que ia encontrá-la boa de todo, rindo-se do susto que causara e de que haviam sido vítimas ela e seu avô. Outras vezes, porém, parecia-lhe – e era o mais verossímil – que sua mãe fora vítima de algum acidente extraordinário, tão extraordinário e horrível que a amiga não se animara a mandar dizer-lhes qual fora.

Sentia então o coração oprimido por uma dor cruciante e profunda e por entre as pálpebras intumescidas caíam gota a gota e deslizavam-se pelas faces pálidas e trêmulas umas lágrimas amargas, silenciosas e, por isso mesmo, ainda mais dolorosas e tristes.

Junto dela, com a fronte contraída e o pensamento concentrado, seu avô passava por iguais intermitências.

Nestas alternativas, chegara o carro à Passagem da Madalena e, atravessando o portão de uma chácara elegante e bastante arborizada, parou ao sopé de uma escada de pedra, que ia terminar num terraço, para onde se abriam as portas de uma vivenda de aristocrática e agradável aparência.

O avô e a neta, ansiosos ambos, ambos comovidos, saltaram imediatamente do carro e com uma presteza plenamente justificada, mas em todo caso admirável, máxime para o velho capitalista, subiram os cinco ou seis degraus da escada, em cujo topo os viera receber a própria dona da casa.

Era ela uma senhora de trinta anos pouco mais ou menos. De estatura regular e bem feita de corpo, acusava na rigidez das formas e na pureza dos contornos o pleno desenvolvimento da beleza corpórea, feminina e crioula. Não era de uma formosura ideal nem tão pouco de impressionar como essas virgens de Murilo ou essas estátuas devidas ao cinzel grego, não; mas possuía, no conjunto das linhas do rosto, uma certa graça faceira e atraente, que a tornava simpática sem que todavia a fizesse bonita.

Era alva, de beiços grossos, dessa alvura de cútis um pouco áspera e dessa tumidez carnuda de lábios, que acusam resquícios de sangue africano, depurado por quatro ou cinco gerações. Atestavam ainda mais essa origem, – aliás, tão natural e adâmica como outra qualquer – os cabelos de um castanho fulvo, cheios de ondas pequenas, sucessivas e perfeitamente acentuadas; circunstância esta que lhe dava juntamente com o comprimento acima ou, com mais propriedade, abaixo do comum, uma formosura extraordinária.

A expressão habitual do seu rosto era a alegria, a expansão, a franqueza. Neste momento porém, isto é, quando vamos encontrá-la no alto da escada a receber as duas visitas, a contrariedade e o terror contraíam-lhe o semblante, e a testa franzida, os olhos espantados, a boca cerrada e as faces empalidecidas davam-lhe um ar de aspereza tão pronunciada que, ao encará-lo, o capitalista e a neta sentiram-se apertar-se-lhes o coração sob a garra impiedosa da desesperança.

– Minha senhora! – mal pôde balbuciar o velho, tirando o chapéu e resumindo nestas duas palavras um mundo enorme de perguntas e de ansiedades.

– Celeste! – exclamou Clotilde por sua vez, acrescentando àquela exclamação um grito saído do íntimo da sua alma – Mamãe?! Que tem mamãe?

– Entre, Comendador, entre, minha filha – respondeu a senhora, dando-lhes passagem e imprimindo ao mesmo tempo um beijo na fronte de Clotilde.

– Mas diga-me logo o que tem mamãe? – insistiu a moça.

– Que perigo corre minha filha, minha senhora? – acrescentou o velho impaciente e a tremer – não vê como estamos aflitos e ansiosos?

– Entrem – reiterou a senhora – entrem, lá dentro contar-lhes-ei tudo. Entraram todos e Celeste – pois era ela a dona da casa – conduziu imediatamente as duas visitas para uma alcova atinente à sala de visitas. Era um quarto espaçoso com as paredes forradas a papel cor de lilás salpicado de pequenas florinhas doiradas, ricamente mobiliado com trastes de pau-cetim.

O espetáculo, que se apresentou aí ante os olhos do velho Comendador e de Clotilde, arrancou-lhes do coração dois gritos simultâneos:

– Minha mãe!

– Minha filha!

No meio do quarto, sobre uma cama luxuosamente preparada, estava deitada Josefina, liberta de todos os vestidos, mas coberta inteiramente com uma colcha de seda azul. Inteiramente desacordada, com as faces encovadas e lívidas, tinha ela na rigidez do corpo inteiriçado o aspecto sinistro de uma morta. Ao pé da cama e sobre uma pequena mesinha, estavam uma garrafa de remédio, um copo e uma colher de prata, atestando tudo que não haviam faltado os socorros necessários e que já a ciência havia providenciado sobre aquele caso mórbido e surpreendente.

Apenas soltara aquela exclamação que parecia resumir todo o afeto de um verdadeiro amor filial e todo o susto de um coração angustiado, Clotilde atirou-se para sua mãe como desesperada. A doente pareceu estremecer, mas um braço de ferro conteve a moça no seu ímpeto.

Fora o velho capitalista. Passado o primeiro impulso, e senhor da impressão fortíssima que também lhe arrancara aquele grito de terror e de afeto, teve a intuição rápida de que qualquer choque repentino – físico ou moral – poderia piorar o estado de sua filha. Com a certeza e em presença do perigo, encontrara toda a sua energia e sangue frio e interpôs-se entre a neta e Josefina a tempo

justamente de impedir que aquela, como uma massa inerte e pesada, caísse sobre o corpo também inerte da doente.

– Espera! – bradou ele.

– Largue-me, dindinho! – gritou a moça tentando soltar-se das mãos do seu avô – não vê que mamãe está morta!

– Morta!? – interrogou o velho assustando-se e estremeando com essa ideia verossímil e com aquele grito arrancado do coração.

– Não, Sr. Comendador! – apressou-se em responder a dona da casa, que se havia sentado nas bordas da cama e passava carinhosamente o lenço pela testa da doente – não está morta, está apenas sem sentidos.

Clotilde aproximou-se então da cama enxugando os olhos e o velho interrogou mais cheio de calma:

– Mas então, minha senhora, que foi que aconteceu?

Celeste corou, de súbito comovida e, procurando disfarçar a comoção, levou o Comendador para junto de uma janela, que dava para o jardim que circunda toda a casa.

– Eu mesma não sei o que foi, Sr. Comendador – principiou ela. Depois do jantar, Cavalcanti saiu, e nós, eu e Josefina, ficamos conversando naquela sala. Josefina levantou-se, deu um grito e caiu no sofá completamente roxa e com um furioso ataque de nervos. Mandei logo chamar um médico e escrevi o bilhete que o criado lhe levou.

– E o médico veio?

– Imediatamente... Receitou-lhe um remédio, que a obriguei a tomar, mesmo desmaiada como está, uns sinapismos, água sedativa, e declarou que, se não sobreviesse febre, não era coisa de cuidado.

– E só isso minha senhora?

– Só.

O velho, desde o princípio da narração, não tirava os olhos de cima de Celeste, e com tal persistência a fitava, com tal

perspicácia, que por mais de uma vez a moça não pôde sustentar o seu olhar incisivo e inquisidor.

– É extraordinário! – murmurou o velho comendador, tornando-se pensativo.

– Decerto – concordou a sua interlocutora, desejando por esse meio pôr um termo ao interrogatório.

– E, se não é indiscrição – continuou ele, cada vez mais insistente – sobre que conversavam as senhoras duas?

Celeste, ao ouvir esta pergunta direta e, aliás, naturalíssima, sentiu afluir-lhe às faces todo o sangue e estremeceu insensível e involuntariamente.

– Conversávamos sobre coisas diferentes – respondeu ela aparentando uma firmeza, que era desmentida pelo tremor involuntário da voz.

O velho Comendador abalou duas ou três vezes a cabeça com um ar de dúvida íntima e inabalável e resmungou com mal disfarçada acrimônia:

– Sobre coisas diferentes e Josefina teve uma congestão! E consigo somente, acrescentou apreensivo:

– O que se passa com a mãe terá relação imediata com o que a filha me queria revelar?

Não pôde, porém, responder a pergunta nem aprofundar o raciocínio, porque no mesmo instante atroou pelo quarto um grito estrídulo e assustado de Clotilde.

## **XV Catástrofe imprevista**

Voltaram-se ambos e correram apressadamente para junto da cama. Josefina, tendo voltado a si do letargo em que se achava, com as pálpebras excessivamente abertas, soerguera meio corpo numa espécie de convulsão espasmódica, e fitava os olhos no espaço, como a seguir o desenvolvimento e os voos caprichosos de alguma estranha visão. Ardia em febre a desgraçada, e dela se havia apoderado um delírio intermitente, mas intenso.

– Miserável! – rugia ela num tom enraivecido e à meia voz – miserável!

Clotilde, ao ver aquele movimento, ao ouvir estas palavras, atirou-se para ela e, apertando-a nos braços, procurou esconder-lhe a cabeça no seio e abafar-lhe as vozes loucas.

– Que diz ela? – perguntou o velho ansioso e de alguma sorte sentindo nascer-lhe no espírito um vislumbre de desconfiança.

– Delira – respondeu Celeste entre assustada e enternecida. – É preciso chamar o médico outra vez.

– Muito grande devia ter sido o seu abalo.

– Com efeito, assim parece.

Josefina afastou um pouco a cabeça do seio de sua filha e pode repetir claramente a exclamação, mas num tom de desprezo e de ironia:

– Miserável!... traidor!

– Mas que diz ela? – insistiu o velho Comendador, abrangendo com o olhar as duas senhoras, Celeste e a neta.

– Não sei! – murmurou Clotilde.

– Ela sabe lá o que diz! – acrescentou a outra. Está delirando, coitada! E quem se acha neste estado não tem consciência do que diz nem do que faz. Fala incoerentemente.

– Mas confessa-se! – observou o velho secamente.

– Confessa-se! – exclamaram as duas moças juntamente, trocando entre si um olhar inteligente e ao mesmo tempo cheio de terror.

– Sim – confirmou o capitalista – muitas vezes só por esse meio se pode chegar ao descobrimento de uma verdade e ao conhecimento exato das verdadeiras causas de uma moléstia!

– Ora, Comendador! – objetou Celeste – nem diga isso!... é indigno, é até uma barbaridade abusar de uma pessoa nesse estado e querer de suas palavras insensatas e incoerentes inferir qualquer coisa que tenha senso comum.

O velho encolheu os ombros e aproximou-se mais do leito. Sentou-se nele e pegou nas mãos da filha.

– Josefina? – chamou ele, abrandando a voz, e dando-lhe as mais doces inflexões de ternura – Josefina?

– Não pode ouvir-lhe nem responder-lhe – observou Celeste um pouco impaciente.

– Embora, minha senhora – retorqui-lhe o capitalista com firmeza –, deixe-me iludir por alguns instantes. Quanto a Vossa Excelência, far-nos-ia um grande favor se mandasse chamar o médico.

Celeste quis insistir.

– Vou tratar disso, Comendador – respondeu ela – entretanto creio que seria prudente deixar Josefina em companhia somente de sua filha.

– Por que não também em companhia de seu pai?

– Uma mulher é sempre uma mulher.

– E um pai é sempre um pai.

– Mas, Comendador...

– Oh, minha senhora!... dir-se-ia que Vossa Excelência receia do que Josefina possa dizer no seu delírio.

– Eu?!

Celeste empalideceu subitamente, e repentina comoção fez-lhe tremer as mãos de uma forma extraordinária. A sua exclamação

não fora espontânea, mas filha unicamente do fingimento. A verdade era, com efeito, que ela temia e muito que Josefina falasse. As causas que haviam produzido aquele incômodo sério e perigoso da mulher do negociante não eram nem insignificantes nem desconhecidas para ela, como o afirmara ao velho Comendador.

Daria tudo para arrancar aquele homem severo e honrado, aquele pai interessado e perscrutador, da cabeceira de sua amiga; receou, porém, que uma insistência prolongada despertasse maiores desconfianças e resolveu sair do quarto quanto antes para dar as ordens relativas à vinda do médico. Fitou então os olhos em Clotilde e trocou com ela um desses olhares longos e eloquentes que encerram, na maior parte das vezes, recomendações mudas que se não podem dizer de viva voz. Clotilde inteligente e ladina como era, compreendeu-a imediatamente. Também ela receava bastante o delírio de sua mãe e, fosse como fosse, empregaria todos os esforços ao seu alcance para impedir que ela falasse e revelasse qualquer coisa que as pudesse comprometer.

Decididamente entre aquelas duas criaturas, mãe e filha, existiam segredos de gravidade cuja revelação perturbaria talvez o seu sossego e a sua felicidade. Quais seriam eles, porém? Que poderia existir entre uma filha e sua mãe que não pudesse igualmente ser sabido pelo pai de uma e o avô da outra? Só o seguimento desta história poderá pôr o leitor ao fato desse mistério.

Josefina continuava a murmurar frases truncadas e palavras entrecortadas, de um sentido misterioso e incompreensível. Não obstante os esforços inauditos da sua filha para abafar-lhe a voz e impedi-la de falar, ela não deixava de soltar gritos roucos e dolorosos que enchiam o velho de espanto e de agonia, e de dizer coisas que elevavam ao mais alto grau a sua curiosidade já por demais excitada e cheia de desconfianças e de tristes apreensões. Se Clotilde não tivesse começado aquelas primeiras revelações, o velho Comendador não ligaria importância àquele delírio, sob o

ponto de vista de tornar-se um meio de confissão, mas unicamente o vigiaria como um sintoma grave de moléstia.

Mas a neta sobre-excitara-lhe a curiosidade primeiro, o amor paterno depois, e, começando e não concluindo nem completando as revelações que dizia serem graves e custosas de referir, incutira-lhe no espírito apreensões e dúvidas, suspeitas e suposições, que, a todo custo, lhe era necessário esclarecer. Além disto, não lhe passara despercebido o olhar de prevenção trocado entre Celeste e a neta.

Apenas portanto saiu ela do quarto a fim de mandar chamar o médico, o velho Comendador segurou Clotilde pelo braço e afastou-a de Josefina.

– Deixa tua mãe falar livremente, Clotilde. Quero ouvir o que ela diz.

– Está dizendo tolices, dindinho.

– Tolicies ou não, quero ouvi-las.

– Não lhes dê atenção.

– Não?

O avô fitou a neta longamente.

– Far-te-ei a vontade – disse ele – mas em tal caso exijo que conluas agora mesmo e já as revelações que tinhas começado a fazer-me.

– Aqui?!... aqui não, dindinho.

– Por quê? Tens medo de tua mãe?

– Tenho.

No mesmo momento, Josefina, ou porque através dos nevoeiros da febre tivesse ouvido o diálogo, ou porque o seu delírio, por instantes interrompido e tranquilo, tivesse tocado repentinamente a um período mais agudo, agarrou com força o braço de Clotilde e bradou-lhe com energia:

– Cala-te!

– Mamãe! – murmurou a moça abraçando-a cheia de susto, mas igualmente de ternura.

– Não! – continuou sua mãe, com o olhar incendiado e desvairado – não me digas mais nada. És uma miserável, falsa amiga, amiga pérfida, desleal. Tu também o amas!

– Também o amas! – exclamou o velho sentindo purpurear-lhe o rosto uma onda de pudor.

E, fitando na filha uns olhos ávidos, incisivos, inquisidores, como a querer magnetizá-la, perguntou insinuantemente:

– A quem?

– O infame! – sussurrou a doente com voz soturna e cheia de maldições – o infame! O infame!

– Quem é ele? – insistiu o velho debruçando-se quase ao ouvido de Josefina.

– Ora, dindinho! – arguiu a neta, como a repreendê-lo e procurando esconder de novo a cabeça de sua mãe no próprio seio – não insista mais; não vê que mamãe está fora de si, que é vítima de uma febre cerebral violenta, de um extraordinário delírio?

– Delírio?! – repetiu a doente nesse tom característico das pessoas febricitantes e como presas da loucura – Sim! Foi com delírio que nos amamos; que o amei!

– Vê? – interrompeu Clotilde voltando-se de pronto para o avô e aproveitando-se inteligentemente daquelas palavras, a que podia dar uma interpretação salvadora – está se lembrando de papai e fala dos seus amores.

– Tanto melhor! – confirmou o velho gravemente – ficarei sabendo os agravos e as queixas que tem dele.

– Muito! muito! muito! – continuou a febricitante – amamo-nos muito.

– O Jaime, minha filha? – perguntou o velho, com voz carinhosa e como a querer guiar aquela inteligência transviada.

Josefina fez um gesto de horror e abriu demasiadamente os olhos:

– Jaime! – disse ela – não! não! não!

O capitalista sentiu um abalo enorme em todo o corpo. Olhou severamente para a neta. Clotilde estremeceu dos pés à cabeça. Começava a perder a esperança de salvar sua mãe.

– Mamãe! – murmurou ela toda aflita – cale-se! cale-se!

– Afasta-te! – gritou o velho com energia – deixa-a falar.

– Mas, dindinho...

– Já agora quero ouvir tudo, quero saber tudo!

Josefina voltou o rosto para seu pai e, sem consciência do que fazia, julgando talvez falar com a pessoa cuja imagem povoava o seu delírio, agarrou-o pelo braço.

– Sim! – exclamou ela, trincando os dentes num trismo assustador – quero saber tudo! Foi teu amante, não foi?

– Quem? – interrogou o velho com autoridade e ansioso.

– Quem? – repetiu Josefina – o miserável! o infame!

– Como se chama ele?... fala!

– Chama-se...

Josefina não pôde concluir. Clotilde atirara-se a ela com um grito:

– Minha mãe!

E agarrando-lhe a cabeça, abafou-lhe com um beijo a palavra prestes a sair-lhe pelos lábios.

O velho Comendador quis afastá-la imediatamente, mas a moça resistiu. Travou-se então uma luta desigual, mas nem por isso menos encarniçada. O avô queria arrancar a neta de junto de sua mãe a fim de privá-la daquela proteção e, Clotilde resistia com todas as forças não querendo abandoná-la à mercê do seu avô.

– Sai, Clotilde! – gritava o velho capitalista com toda a autoridade.

– Não! – respondia-lhe a moça com energia.

A luta continuava e ameaçava prolongar-se. Abraçada à sua mãe, apertando a sua cabeça de encontro ao seio, a moça repelia as mãos do avô e opunha-lhe a maior resistência, já se servindo até

dos dentes, que é o último recurso e são as últimas armas de que a mulher lança mão quando se vê preste a sucumbir.

De repente uma palavra fez cessar a luta. Josefina pronunciou um nome:

– Leandro!

Os dois contendores, avô e neta, recuaram a um só tempo, ambos repetindo o mesmo nome, com inflexões, porém, completamente diferentes:

– Leandro?!

No velho fora o espanto de quem nada compreende e interroga curioso; na moça, a dúvida, a indignação e o terror.

– Leandro?! – repetiu ela aproximando-se de novo de sua mãe e fitando-lhe os olhos cheios de ansiedade dolorosa.

– Sim – pareceu responder a pobre mãe – Leandro, o miserável.

– Leandro?... Leandro Dantas?

Josefina, como a tatear e abrindo muito os olhos, segurou as mãos da filha.

– Quem és tu? – perguntou com ansiedade.

– Clotilde! Sou Clotilde, sua filha.

– Minha filha! – repetiu Josefina maquinalmente – também o amas?... tu?

– Minha mãe!

– Ah! – bradou a doente com um grito de raiva – ele é amante de Celeste.

Clotilde, subitamente pálida, deu um grito enérgico e dilacerante:

– É mentira!

– O infame! – exclamou ainda Josefina.

E erguendo mais o corpo, como se quisesse levantar-se de todo, estendeu para a filha o braço num gesto trágico e cheio de energia e acrescentou com voz enrouquecida pela febre e pelo esforço:

– Era meu amante!... era meu amante e enganou-me!

– Ah! Desgraçada! – bradou o velho por sua vez, cheio de indignação e de cólera, correndo para a filha.

Mas não pôde aproximar-se dela. Um grito desesperado, enorme, dilacerante, soou aos seus ouvidos e ao mesmo tempo um corpo inerte caía estupidamente a seus pés, entre ele o leito, como uma massa bruta.

Era Clotilde que se estendera no chão completamente desmaiada.

## XVI No carro

O carro, em que iam o negociante e o Zarolho, voava pela estrada de Jaboaão, como impelido pelo mais terrível dos furacões e levado nas asas da maior das tempestades. Instigado pela promessa deslumbrante de uma gorda gorjeta. O Justino fazia na boleia prodígios de equilíbrio e fustigava as duas parelhas sem piedade.

Ao subir para o carro e apenas nele também se instalara o seu *fidus Achates*<sup>15</sup> o negociante, inclinando-se para portinhola, dissera ao boleeiro com a maior seriedade e nesse tom peremptório de quem dá uma palavra irremissível:

– Se nos lewares a Jaboaão em duas horas, terás uma gorjeta como nunca tiveste.

– Em duas horas? – perguntou o Justino sorrindo – é impossível, patrão.

– Se fosse possível – retorqui o negociante –, eu não te prometeria coisa alguma. Vê lá se o consegues e não te arreponderás.

– Farei o que estiver em minhas forças e, se os animais corresponderem aos meus desejos, é como se já lá estivéssemos.

O Justino, pronunciando estas palavras com aquela gabolice peculiar dos boleeiros que conhecem os seus animais e têm confiança na solidez das molas do seu carro, subiu para a boleia e instigou os seus cavalos.

Como se compreendessem a responsabilidade da sua missão ou compartilhassem o interesse do guia, arrancaram eles imediatamente em carreira desenfreada e vertiginosa. Nuvens de pó levantavam-se sutis e envolviam o carro como espessos véus de neblina cor de ouro, ao passo que do casco dos animais em contato violento com o macadame das estradas saltavam faíscas e centelhas, como do choque de duas pederneiras.

Dentro do carro, o Zanolho e o negociante – este recostado ao fundo e com a fronte contraída e aquele negligentemente repoltreado como quem saboreia uma delícia poucas vezes experimentada – haviam desde o princípio encetado uma conversação animada, que o Jereba daria a alma ao diabo para ouvir.

– Sr. Comendador – dissera o Hermínio, apenas o carro começara a rodar – não sei se Vossa Senhoria faz bem em ir pessoalmente a Jaboação?

– Por que não?... já é a segunda vez que o senhor me diz semelhante coisa, Sr. Hermínio – respondeu o companheiro com certas mostras de enfado e de contrariedade – e eu não quero que me repitam aquilo de que não gosto.

– Está bem, Sr. Comendador, queira desculpar.

– Por esta vez vá lá. Agora se o senhor tem algum receio por si, está ainda em tempo de recuar; atravessamos neste momento os Afogados e o senhor pode apear-se.

– Quê!... abandonar Vossa Senhoria?... isso nunca! Não é por mim que eu falava, é por amor de Vossa Senhoria mesmo.

– Descanse; bem sabe que eu sou demasiadamente cauteloso.

– Pode também trair-se.

– Trair-me?... como?

– Um gesto mais ou menos inadvertido, um olhar mesmo, uma palavra menos pausada...

– Ora, Sr. Hermínio! Por quem me toma o senhor?

– Para quem não está habituado, Sr. Comendador, uma causa insignificante, um nada, é origem de comprometimentos gravíssimos.

– Nada receie por mim; tenho um espírito forte e uma vontade que a tudo domina. Serei impassível.

– Em todo caso... talvez que a sua presença ali desperte suspeitas.

– Pois é justamente para fazê-las desaparecer que ali vamos, meu caro senhor.

– Como?

– Como? É o que o senhor verá.

O Hermínio encolheu os ombros num movimento bem pronunciado de incredulidade e fitou os olhos no negociante. Jaime estava impassível e austero. Liam-se-lhe no semblante os sinais mais evidentes da convicção plena do que dissera, bem como da resolução enérgica que havia tomado, qualquer que ela fosse. O Zarolho sentiu-se dominado por essa manifestação tácita de força e encolheu-se todo no seu canto, pequenino e humilhado, como quem acaba de reconhecer a superioridade alheia e se submete resignadamente à sua própria nulidade.

Estabeleceu-se assim um momento de silêncio, durante o que se engolfaram os dois companheiros nos mais recônditos e talvez inconfessáveis pensamentos. Em Jaime a ideia predominante era a causa que o levava a Jaboação, e, depois o desenvolvimento e combinação dos últimos detalhes no procedimento que aí deveria ter; no Zarolho era a discussão íntima e interesseira do quanto poderia valer aquela viagem assim repentina e incômoda e o quanto deveriam render-lhe o sacrifício que estava fazendo e de alguma sorte o risco que ia correr. Porque – digamos desde já – eram coisas de grande responsabilidade e de gravíssimo risco as que levavam esses dois indivíduos a fazer semelhante viagem.

De repente, o negociante interrompeu o silêncio e perguntou ao companheiro:

– Bigode de arame estará em Jaboação?

– Não sei – respondeu o Zarolho –, mas como sábado é dia de feira em Santo Antão, talvez que ele hoje esteja cá por cima, pelo menos de passagem. Ele costuma ir dormir em casa do José Romão. Por quê? Vossa Senhoria queria falar com ele?

– Queria.

– Se me tivesse prevenido de manhã, eu teria ido procurá-lo no Armazém do Sal, e saberia com certeza onde ele estava a estas

horas.

– É verdade, mas só agora me lembrei dele.

– Neste caso, é apelar para o acaso.

– Qual acaso, qual nada! – retrucou o negociante contrariado, estirando de mau modo as pernas sobre o assento da frente.

E voltando um pouco o corpo para Hermínio, interrogou-o de novo, ao passo que o dominava com o olhar e não deixava escapar nem um só gesto de sua fisionomia:

– Ele é, com efeito, homem de confiança, como o senhor me afirmou?

– Respondo por ele como por mim próprio.

– É homem de segredo?

– É um túmulo.

– Deus o queira, porque se não for assim, se ele tiver a tentação ou a desgraça de dar com a língua nos dentes, nem o irmão o livra!

– Ora, Comendador! O irmão importa-se lá com ele!

O Comendador não retorquiu e novo silêncio interrompeu a conversação enigmática dos dois companheiros de viagem.

O carro continuava a correr vertiginosamente, despertando a atenção e os comentários das mulheres ociosas que se agrupavam pela beira da estrada ou à porta dos seus mocambos de palha, e os ecos daqueles eram acordados pelo tilintar violento dos guizos, pelos estalos de chicote e pelos repetidos monossílabos de animação que o Justino dirigia aos seus cavalos já cobertos de suor, cada vez, porém, mais enérgicos e mais impetuosos.

O negociante recostara-se ainda mais, deitando para trás a cabeça, e fechara os olhos como para melhor seguir o curso dos seus pensamentos. Sombrios, como deviam ser, a luz do sol não deixaria de prejudicar o seu desenvolvimento. As flores noturnas só nas trevas é que desabrocham.

De vez em quando, porém, o negociante estremecia e arrancava do peito uns suspiros prolongados e agudos. O Zarolho

olhava-o de esguelha, com ar irônico e mefistofélico, manifestando na fisionomia repugnante, ora a impressão de um íntimo regozijo, ora uma piedade agressiva e cheia de maldade. Numa das ocasiões, em que lhe pareceu que o negociante exalava um suspiro mais profundo, interpelou-o assim, a modo de insinuação:

– Parece que Vossa Senhoria está arrependido do que fez!

O negociante deu um salto, como impulsionado por uma mola, ou mordido por uma cobra.

– Eu?! – exclamou ele completamente pálido – não!

– Vejo-o tão agoniado.

– É de impaciência!

– Pensei que fosse de arrependimento! – regougou o Zanolho, franzindo as comissuras dos lábios e deixando ver uns dentes amarelos.

– Não! – repetiu Jaime com firmeza – mil vezes, não! Quando uma coisa é justa e necessária, deve fazer-se custe o que custar, dê no que der, sejam quais forem as suas consequências. Além disso, Senhor Hermínio, eu não sou homem que se arrependa do que faz. O que fiz, está feito, e se fosse mister tornar a fazê-lo, fá-lo-ia outra vez!

O Zanolho estava boquiaberto. Olhava-o de frente e – caso admirável e que provava o quanto era grande o seu entusiasmo ou a sua confiança – sem meter os olhos um pelo outro. Quase o abraça.

– Eu também sou assim! – concordou ele com toda a franqueza e expansão.

– Nós nascemos um para o outro, Comendador! A mim só o que me falta é dinheiro.

O Comendador não pôde deixar de sorrir ante aquela expansão extemporânea. O Hermínio continuou:

– E a Vossa Senhoria só lhe falta uma coisa.

– Que é?

– O querer. Ah! Que se o Comendador fosse dos nossos!

E insensivelmente estendeu a mão ossuda, e deixou-a cair familiarmente sobre o ombro do negociante. Jaime estremeceu sem o querer talvez, e arredou-se levemente como a repelir, cheio de repugnância, aquela familiaridade por demais reles e grosseira. Ao mesmo tempo cravava no imundo companheiro um olhar severo e, medindo-o de alto a baixo, fazia-o lembrar-se de quem era e da distância social que os separava.

O Hermínio ia a encolher-se todo, tão avezado estava aos hábitos hipócritas da humanidade e da pequenez; atravessou-lhe, porém, o espírito um pensamento, rápido como o relâmpago, e verdadeiro como a luz – orgulhoso! – murmurou-lhe a consciência – e pensar eu que estás nas minhas mãos e que posso perder-te de uma vez!

Erigi, portanto, o corpo como quem resolve a aceitar a luta desesperada e, sustentando de frente o olhar severo do negociante ao mesmo tempo que lhe traspassava a alma com a lâmina fria de um riso cheio de ironia e de escárnio, fez-lhe por sua vez compreender que, se a posição social separa e abre entre alguns homens largo abismo, ações e segredos existem que nivelam as condições mais heterogêneas e amarram aqueles indivíduos num só amplexo e com os laços de interesse comum: o crime por exemplo.

O Comendador compreendeu tudo isto. Era tão insistente, tão pertinaz, tão agressivo e verdadeiro o olhar do Zanolho, que o negociante não o pôde suportar por muito tempo. Abaixou a vista, pois; mas não querendo dar-se por vencido, nem estabelecer uma discussão que, além de intempestiva, seria perigosíssima e de péssimos efeitos, fingiu-se alheio à cólera surda e aos sentimentos manifestados pelo companheiro e, no tom mais natural e mais familiar deste mundo, continuou com ele a conversar:

– Deixemos isto por ora e tratemos de coisas que mais nos interessem. Diga-me cá: que pensa você sobre as diligências ordenadas pelo chefe de polícia?

O Zanolho sorriu-se com toda a finura. Compreendeu que ganhara uma vitória, mas não quis abusar da posição. Respondeu, portanto, como também se nada tivesse havido.

– Eu sei lá!... as ordens são apertadas e, se se descobrir e reconhecer quem é o sujeito...

– Isso é para nós ou para homens como nós, senhor Hermínio, mas para a polícia; isto é, para as autoridades do Brasil, a mínima coisa é uma dificuldade e a maior peneira, um véu impenetrável!

– Lá isso é verdade... mas em todo caso...

– Salvo se houver alguém que traia o nosso segredo e esse alguém só pode ser uma das duas pessoas: eu ou o senhor.

– Cá por mim esteja tranquilo! – apressou-se em dizer o Zanolho – tão tolo não sou eu.

– Neste caso, é impossível descobrir-se a verdade.

– Ah! Comendador! Há um ditado que diz que a verdade é como o azeite: sobrenada sempre.

– Os ditados também erram. Demais, as minhas medidas foram bem tomadas.

– Lá isso foram. Nunca pensei que o senhor tivesse tanto sangue frio e sobretudo tanta perícia.

– Eu só, não; o senhor principalmente. Nesse ponto não fiz mais do que seguir as suas instruções.

O Zanolho sorriu-se cheio de orgulho.

– Bom – continuou ele – quanto às providências prévias e às cautelas tomadas, estou de acordo, mas agora depois da descoberta dos urubus...

– Nada receio; os urubus não falam. Além disso, vou a Jaboatão para dar as necessárias providências. Contanto que cheguemos a tempo.

Debruçando-se de súbito para a abertura da frente o negociante gritou para o Justino:

– Ó cocheiro, falta ainda muito para chegarmos?

– Não, senhor – respondeu o boleiro – já se avistam as casas.

O negociante tirou o relógio. Faltavam vinte minutos para uma hora.

– Então toca! – bradou ele – toca mais ainda. Se chegares antes de uma hora, dobro-te a gorjeta.

O Justino brandiu o chicote num estalo sonoro; os cavalos redobram de esforço e de velocidade e, pouco depois, o carro entrava pela povoação levantando nuvens doiradas de pó e causando espanto e sensação às pobres mulheres, em sua maioria, lavadeiras, que se achavam à margem do rio e próximas das pontes.

As ruas, porém, achavam-se desertas e percebia-se que algum acontecimento extraordinário se estava passando em Jaboaão.

## XVII Em Jabotão

Ao atravessar o largo da feira, naquele tempo completamente diferente do que é hoje, pois apenas o povoavam algumas casas de taipa, das quais a maior parte coberta de palha, o Hermínio deitou a cabeça fora da portinhola e murmurou para o Comendador:

- A casa do José Romão está fechada.
- Toda? – perguntou o negociante.
- Toda – respondeu o Zanolho – não há nem sombra de gente.
- E, agora, como saber do que se passa?
- Pergunta-se a outra qualquer pessoa.
- Mas a quem?

Não era injusta nem extemporânea esta pergunta; ao contrário, era muito natural e estava plenamente justificada. Jabotão não era então o que é hoje. Não tinha sido ainda elevada à categoria de cidade e – o que mais é – à de comarca especial. Por entre a sombra de suas matas pitorescas não tinha ainda a locomotiva rasgado novos caminhos à civilização e ao progresso, e nem substituído o rumorejar suave dos arvoredos, o ciciar dos canaviais e o cascalhar poético das cachoeiras pelo barulho prosaico das oficinas e pelo silvo agudo e estridente do vapor. A praça, como as ruas que o carro havia atravessado, estava completamente deserta.

- Adiante indagaremos! – afirmou o Hermínio.

Mas ao mesmo tempo soltou uma exclamação de alegria e disse para o companheiro:

- Está salva a pátria!... lá vem Bigode de Arame.
- Onde? – inquiriu vagamente o negociante.
- Ali – apontou o Zanolho, designando uma estrada cheia de barrancos que desembocava no largo e parecia descer da matriz –, lá vem ele a cavalo.
- Com efeito, é ele mesmo. Chame-o.

O Zanolho debruçou-se ainda mais à portinhola do carro e deu um desses gritos de que usam os caçadores quando querem reunir-se, e ao mesmo tempo agitava o lenço no ar com o aceno peculiar de quem chama alguém. Imediatamente um cavaleiro, que desembocava no largo deitou o cavalo a galope e se aproximou rápido do carro. Era um homem moço, e de robusta compleição. Excessivamente corado – vermelho na acepção mais verdadeira da palavra –, tinha olhos castanhos escuros e vivos, cabelos pretos e crespos e uns bigodes raros, mas duros, eriçados como cerdas de javali, a caírem-lhe sobre uns lábios grossos e concupiscentes. Trajava paletó de brim branco já enxovalhado, calças da mesma fazenda, e botas de couro da Rússia. Ao punho direito tinha preso por uma corrente de metal branco um rebenque guasca e metida na cava do colete uma faca toda aparelhada de prata. Para completar o retrato fiel e verdadeiro, como uma fotografia, basta acrescentar que montava perfeitamente um bonito cavalo castanho.

Apenas se aproximou, reconheceu logo quem o chamava.

– Hermínio! – bradou ele com admiração, que não procurou esconder nem disfarçar – Você por aqui?!

E ao mesmo tempo, enfiando o olhar pelo carro adentro e descobrindo o negociante, acrescentou, mais senhor de si:

– Oh! O Sr. Comendador também! Isto é grossa novidade.

– Boa tarde, Bernardino! – cumprimentou o Comendador familiarmente – vínhamos justamente falando a seu respeito.

– Sério? Aposto que falavam mal.

– Qual! desejávamos encontrá-lo.

– Ora, vejam como são as coisas, eu também vinha pensando no Sr. Comendador. Tenho que fazer, sábado, uma compra de animais lá em cima e parece-me que os cobres não chegam. Portanto, vinha eu pensando que, entre os amigos, o Sr. Comendador era justamente o que estava em melhores condições para servir-me. Arrepentia-me de não tê-lo procurado ontem ou hoje mesmo em sua casa, pois tenho a certeza de que Vossa Senhoria não me deixaria ficar mal. Não é assim?

O Comendador mordeu os beijos disfarçadamente, mas não se recusou a responder.

– Decerto – disse ele.

– Só compreendo a amizade assim – continuou Bigode de Arame, olhando de esguelha para o negociante e piscando o olho para o Hermínio. Mas confesso que não supunha encontrar o Sr. Comendador em Jaboaão e principalmente hoje.

– Por que não?

Bigode de Arame, ou melhor, o Bernardino, pois tal era o seu nome de batismo, fitou o Comendador com certa curiosidade e, aproximando mais o cavalo da portinhola do carro, perguntou abaixando a voz:

– Não é hoje que se deve desenterrar aquele pobre diabo?

– É – confirmou o negociante, interrompendo-o.

– Pois, por isso...

– Pois, por isso mesmo é que eu vim.

– Safa!... o senhor é de força!

– Quero assistir a uma exumação. Você não quer?

– Eu?! Só gosto de cenas alegres ou que rendam alguma coisa. Agora, vou caminho de Santo Antão; sábado é dia de feira, e preciso comprar alguns animais. O nosso encontro foi até uma providência, pois Vossa Senhoria vai emprestar-me uns duzentos a trezentos mil réis de que preciso. É possível?

– Falaremos nisto mais tarde, mas diga-me agora, antes de seguir para Santo Antão, não vai ao Engenho Suaçuna?

– Quem, eu? Deus me livre! O delegado já lá está com os peritos e o escrivão.

– Já?... e desde que horas?

– Desde as dez da manhã.

O carro chegava defronte da ponte que atravessava o Rio Jaboaão e liga a estrada da Vitória com a de Suaçuna.

– Para aí! – gritou o Comendador.

O carro parou imediatamente e os dois viajantes apressaram-se a descer.

– Vai para uma cocheira qualquer – ordenou o negociante ao Justino – e espera por nós; não sei ainda a que horas voltaremos, nem mesmo se voltaremos hoje.

– Sim, senhor – respondeu o Justino.

E, querendo indiretamente lembrar a gorjeta prometida, perguntou com um sorriso de capadócio:

– Vossa Senhoria está satisfeito?

– Completamente – disse o Comendador – cumpriste o teu dever. Toma lá.

E, assim dizendo, deu ao cocheiro uma cédula de 10\$000. Justino tocou no chapéu, cheio de gratidão e de alegria, e, retomando a boleia e as rédeas, estalou o chicote no ar, virou o carro e dirigiu-se novamente para o largo da feira.

Apenas este se sumiu na curva que forma a estrada, o Comendador e o Hermínio tomaram a direção da ponte, interpelando aquele ao Bernardino:

– Mas com franqueza, você não vem?

– Não – respondeu o interpelado.

O Comendador fitou-o então bem de frente e atirou-lhe às faces esta pergunta repassada de ironia zombeteira:

– Tem medo?

Bigode de Arame empalideceu subitamente, como se houvesse recebido um insulto mortal:

– Medo, eu? – retrucou ele, levando a mão ao bigode, que torceu com certo garbo – Vossa Senhoria não me conhece.

– Então, por que recua?

– É porque não gosto de ver cenas repugnantes. Mas uma vez que Vossa Senhoria supõe que tenho medo, vou, quando mais não seja, para provar-lhe o contrário.

E, com modo fanfarrão, acrescentou como se falasse só consigo:

– Ora Bernardino de Barros com medo!... tinha que ver!

Assim dizendo, chegou esporas ao cavalo e dirigiu-se para a ponte.

– Espera! – gritou-lhe o negociante.

– Que mais? – inquiriu Bigode de Arame, voltando-se na sela e sofrendo o andar do cavalo.

– Uma vez que se resolve a ir – disse o Comendador aproximando-se – é preciso que eu lhe dê algumas instruções. Deve compreender que não vim aqui unicamente para ser testemunha impassível e estúpida de um ato repugnante.

– Estou às suas ordens.

Assim dizendo, Bernardino inclinou-se um pouco para o lado, moderou ainda mais o andar do cavalo e prestou toda a atenção às instruções que o negociante lhe ia dar. Jaime começou a falar-lhe a meia voz, mas de forma que também o Hermínio o percebesse e, assim reunidos, seguiram os três em direção às terras do Engenho Suaçuna.

Ao mesmo tempo entrava a toda brida na vila um cavaleiro inteiramente coberto de pó e ia esbarrar, suado e vermelho, defronte do Justino que desatrelava os cavalos do carro à porta da cocheira do Timóteo, que ficava quase ao lado da casa da feira.

– Justino! – bradou o cavaleiro.

– Jereba! – exclamou por sua vez o boleeiro, cheio de admiração e de espanto – Você por aqui?

– É verdade! Dize-me uma coisa: onde se apearam o Comendador e o Hermínio?

– Lá adiante, defronte mesmo da ponte de Jaboação.

– Onde fica essa ponte?

– Olhe, é logo ao voltar àquela dobra do caminho, à esquerda.

– Obrigado.

– Assim dizendo, o Jereba picou o cavalo e atirou-o para o lugar indicado.

– Mas, espere! – gritou-lhe o Justino – venha cá; que diabo tem você com isto?

– Logo te direi! – gritou-lhe o rapaz já afastado e mesmo sem voltar-se. Não lhe convinha de modo algum perder de vista os dois companheiros: precisava saber e havia de descobrir o que tinham eles vindo fazer a Jaboatão. Tinha prometido ao amigo e a sua palavra estava empenhada seriamente. Não era somente a sua palavra, era também o seu amor próprio. Além disso, devia uma desforra ao Zarolho.

Seguiu, portanto, para o lugar indicado na esperança de aí encontrar os dois amigos. Ao chegar em frente à ponte, não encontrou pessoa alguma. Via diante de si, a perder-se de vista na poeira do horizonte, uma longa estrada deserta e, à sua esquerda, a ponte e, além, uma outra estrada cavada quase entre duas montanhas e igualmente deserta. Ficou desapontado.

– Esta só pelo diabo! – exclamou ele, torcendo o bigode e lançando o olhar para todos os lados.

Nem uma casa descobria ele por aquelas paragens. Apenas, à sua direita e no fundo de um terreno irregular e acidentado, avistou, depois de muito observar, e por entre a folhagem de algumas mangueiras, goiabeiras e bananeiras, uma casa acaçapada e rústica, com um alpendre na frente sustentado por três esteios de madeira. O terreno era fechado por uma cerca, e entrava-se para ele por uma porteira pesada, semelhante às de que se usa no cercado dos engenhos.

O Jereba enfiou a vista por aí a fim de devassar todo o terreno e a casa, e formulou no seu íntimo a seguinte interrogação:

– Teriam eles entrado para aqui?

Mas a casa estava tranquila e ninguém aparecia no terreiro. Como indagar? Por felicidade, ouviu uma pancadas surdas e características. Dirigiu-se imediatamente para a ponte e daí descobriu umas mulheres que, embaixo, lavavam e batiam roupas nas cachoeirinhas que o rio forma entre as pedras e pequenos

rochedos que obstruem o seu leito. Desceu apressadamente à margem e saudou-as com o seu modo habitual de folgazão:

– Boa tarde, minhas ninfas.

– Bost’ardes! – responderam elas, suspendendo a lavagem e revirando os olhos para ele.

– Vosmecês viram – perguntou logo o Jereba – por onde foram dois homens que se apearam, há pouco, de um carro?

– Um carro que parou ali na estrada? – indagou uma cabocla alentada, que estava mais próxima, e que, com a saia arregaçada acima do joelho, ostentava um par de pernas e uns quadris em nada inferiores aos da Vênus calipígia.

– Sim; é isto mesmo! – respondeu o rapaz.

– Vimos, *Inhor*, sim! – disseram três ou quatro a um só tempo – tomaram o caminho do engenho.

O rapaz caiu das nuvens. Nunca fora a Jaboatão e, portanto, ignorava de que engenho se tratasse.

– Do engenho? – perguntou ele aparvalhadamente.

– Vosmecê, que mal pergunto – continuou a mesma cabocla, olhando-o com interesse – vosmecê também veio ver o defunto?

– O defunto?! – exclamou o Jereba, no auge do espanto e sem saber o que pensar – que defunto?

– Oxente, moço! Não se fala noutra coisa. O moço que foi assassinado s’outro dia e que o seu delegado vai desenterrar hoje para poder descobrir quem foi o assassino.

– Ah! Sim... sim...! – resmungou o Jereba inconscientemente.

Pobre rapaz! Estava completamente atarantado e intrigado. Não havia lido os jornais, não os lia nunca, o amigo nada lhe dissera nem contara a respeito de tal coisa. De nada sabia, portanto. Saíra do Recife atrás do negociante e do Hermínio a ver se descobria o laço misterioso e incompreensível que ligava esses dois homens e a causa que originara semelhante amizade, aliás, completamente fora do natural e mesmo do verossímil, e de repente vinha esbarrar com a notícia de um assassinato. Teriam os

dois vindo a Jaboação por causa desse fato? E, em tal caso, que relação poderia haver entre ele e os dois amigos que estava incumbido de vigiar? Era para fazer perder a cabeça. O Jereba, porém, não era homem de perdê-la assim sem mais nem menos. Interrogou, portanto, de novo as lavadeiras:

– Com que então os dois sujeitos foram ver o defunto?

– Acho que sim, meu senhor; eles foram para lá. Ia com eles seu Bernardino.

– Que Bernardino?

– Oxente! Vosmecê não conhece? Um que dizem que vende cavalos furtados... e que tem um apelido...

– Bigode de Arame?

– Esse mesmo.

– Ah!... ia com eles? – murmurou o Jereba pensativo – e onde está o defunto?

– Foi enterrado mesmo nas capoeiras. Como quando deram com ele, seu Zé Romão e os outros disseram que ele era alamaço hereje, o seu vigário não quis que o levassem para o cemitério e por isso o enterraram lá mesmo nas capoeiras.

– E onde ficam essas capoeiras?

– Lá mesmo no engenho. O Jereba impacientou-se.

– Mas que engenho? – gritou ele zangado e atirando fora o charuto com um gesto desabrido.

– Oxente, moço! Vosmecê não sabe? O Engenho Suaçuna?

– Ah!

– Vosmecê é do Rucife?

– Sou.

– Eu logo vi; por isso que vosmecê não assunta nada.

– É longe daqui o engenho?

– Inhor, não. Vosmecê atravessa a ponte e segue um bocadinho pela estrada. Mais adiante vosmecê vê logo onde estão. É depois da volta numas capoeiras que se avista.

O Jereba não precisava mais de indicação alguma. Havia, além disso, perdido muito tempo já. Agradeceu, portanto às raparigas, dando-lhes alguns charutos e alguns cobres que lhe pediram, e picando vivamente o cavalo, atravessou o rio por cima das pedras com risco de resvalar e cair e tomou a direção que lhe haviam ensinado.

Com pouco, dobrando um cotovelo e chegando ao alto de uma elevação que a estrada faz como uma espécie de lombo, deparou-se-lhe um grande ajuntamento de gente. Aproximou-se a galope do lugar, e, quando saltando um pequeno valado, abeirou-se completamente do grupo, deparou-se-lhe um espetáculo repugnante e horroroso.

## **XVIII À beira da cova**

O sol estava ardentíssimo e nem sequer refrigerado pela proximidade das árvores que formam as afamadas e pitorescas matas de Jaboaão. O lugar, em que se passava a cena repugnante e horrível a que o Jereba ia assistir, era completamente descampado se não fossem as capoeiras disseminadas aqui e ali, por entre um matagal basto e emaranhado.

A atmosfera estava ardente e pesada – ardente pela refração luminosa e cintilante do sol quase a pino ainda, e pesada pelos miasmas pútridos e deletérios que enchiam todo o ambiente. Com efeito, um cheiro nauseabundo e difícil de suportar impregnava todo o ar, mas nem por isso afugentava as pessoas ali reunidas. Apenas algumas – assim mesmo nem todas – limitavam as suas precauções higiênicas a tapar o nariz com os lenços ou a respirar com mais força, como soprando para longe os miasmas e o mau cheiro. Naquele tempo, ainda o ilustre Dr. Domingos Freire, do Rio de Janeiro, não havia traduzido e vulgarizado no Brasil a teoria do micróbio. Senão, talvez que o medo sobrepujasse a curiosidade, e o número desses espectadores fosse mais diminuto e menos interessado.

Eis aqui o que se havia passado.

Apenas recebera as ordens terminantes e apertadas do chefe de polícia, o delegado do distrito de Jaboaão deixou os cômodos do seu engenho e deu as providências necessárias a fim de levar a efeito as diligências que aquela autoridade superior lhe recomendava como mais curiais e eficazes para chegar-se ao pleno conhecimento da verdade, com relação ao cadáver encontrado nas terras do Engenho Suaçuna.

Como preliminar para um novo inquérito, que deveria forçosamente ser mais completo do que o anterior e primitivo, foi resolvida a exumação do cadáver, que, havia três dias, já estava enterrado. Para esse efeito, o delegado e seu escrivão – depois de escolhidos previamente e nomeados os peritos que eram

completamente leigos em matéria de medicina legal – dirigiram-se, acompanhados de algumas praças, para o lugar onde a caridade católica de um vigário assaz conhecedor e cumpridor dos cânones da igreja havia atirado, à guisa de cão ou outro qualquer irracional, o corpo do que havia sido na terra um seu semelhante, talvez mais inteligente do que ele!

Ali, naquele quase descampado, sem abrigo de espécie alguma, sob os raios ardentes e perigosíssimos do sol, sem o auxílio de desinfetante algum, procedeu-se à exumação do cadáver, não obstante a manifesta repugnância dos trabalhadores ocupados naquele mister.

A notícia havia corrido toda a vila e seus arredores, e a sua população, desde Tejipió até Moreno, desde a Várzea até quase o Cabo, alvoroçara-se toda, e na sua maior parte ociosa e ávida sempre de novidades, acorrera pressurosa para as terras do engenho, a fim de assistir a um espetáculo nunca visto e tão raro que, a não ser dessa vez, talvez que nunca mais se reproduzisse. Além disso, o fato por si só e de mais a mais pela maneira providencial por que fora descoberto, impressionara a todos e ninguém havia que não quisesse aprofundar aquele mistério e chegar ao conhecimento exato da realidade. Toda a população de Jaboaão, pois, se achava nas terras do Engenho Suaçuna ao redor daquela cova ainda fresca que se estava reabrindo. Eis a razão porque o largo e as ruas da vila se achavam completamente desertas e até fechada a casa de José Romão, seja dito de passagem, uma das mais afreguesadas tabernas do lugar.

Não obstante todos os contratempos, empecilhos e má vontade, o trabalho fora se fazendo e com pouco um acréscimo mais espesso e mais nauseabundo de exalações pútridas deu a conhecer que apenas cobriam a hediondez da matéria em dissolução – a prova eloquente do nada da vida – as últimas camadas de terra.

Foi esta retirada finalmente e aos olhos de todos patenteou-se o espetáculo repugnante de um corpo em estado já adiantado de putrefação, com a roupa úmida e colada às carnes arroxeadas e

quase liquefeitas, no meio de uma poça de líquido asqueroso e espesso, onde miríades de vermes eram perturbados no seu pacífico banquete.

Pelo corpo dos espectadores correu um arrepio de horror e nas fisionomias espantadas estereotipou-se um sentimento indefinível, misto de piedade e de repugnância, de curiosidade e de terror.

Entretanto foi o corpo retirado para fora e deitado sobre o montículo de terra extraído do buraco. Feito este primeiro trabalho que durou horas pela relutância dos operários, foi o cadáver por ordem da autoridade, despido de toda a roupa com a qual havia sido enterrado, e começaram então a funcionar os peritos, examinando todo o corpo, ao passo que o escrivão, em uma pequena pasta improvisada, coligia notas do que se passava para redigir mais tarde o auto em sua casa, com todo o descanso e vagar, como é de costume, assinando então a autoridade, de cruz, e as testemunhas também.

O cadáver estava já completamente desfigurado, contudo, percebia-se ainda dilaceramento nas carnes da maxila, proveniente, não da putrefação, mas sim da violência, e no alto da cabeça, quase no centro do calote, verificava-se a existência de um buraco perfeitamente redondo e de menos de meia polegada de diâmetro. Sobre o peito esquerdo, parecia existir uma incisão, mas eram tais os estragos que nesse lugar haviam os vermes feito já, que ninguém se atrevia a afirmar positivamente a sua existência.

Debruçados sobre ele os peritos procediam a um exame minucioso e verificavam tudo quanto acabamos de escrever.

Estavam as coisas nesse pé, quando apareceram no grupo de curiosos o Comendador, o Zarolho e o Bernardino. Apenas aproximaram-se eles, um indivíduo baixinho e já velho, meio acaboclado, piscou os olhos para o Hermínio, apontando imperceptivelmente com o beijo para o cadáver. O Zarolho correspondeu imediatamente ao cumprimento original, e piscando por sua vez os olhos expressivos e ardentes fez um movimento de lábios, que se poderia traduzir por esta pergunta:

– Que há de novo?

O velhinho deu com os ombros e alongou o beíço inferior, como se lhe respondesse:

– Não há nada.

E voltando-se para alguns indivíduos – matutos e insignificantes – que o cercavam e parecia que o tinham por oráculo apontou para os três e disse:

– Olhem, lá estão dois sujeitos do Recife que devem ter conhecido o defunto.

– Quem são? Quem são? – perguntaram muitas vozes curiosas.

– Aqueles dois que estão ao pé de Bigode de Arame.

– Ah! São do Recife?

– Ora se são! Conhece-se logo pelo cheiro.

Os circunstantes voltaram-se para o lado em que estavam o Comendador e o Zanolho. Este encolheu-se todo e quase que desapareceu por detrás do Bernardino, e começou a tossir furiosamente. O negociante, percebendo o rumor e vendo-se assim de repente alvo de tantos olhares, empalideceu inconscientemente, presa de súbita comoção, sentindo percorrer-lhe o corpo um estranho e incompreensível calafrio. Mordeu, porém, os beíços com furor e disse baixinho para os dois companheiros:

– Separemo-nos e lembrem-se das instruções.

E afastou-se para um dos lados, um pouco fora do círculo dos curiosos, a fingir que ia acender um charuto, mas tremia-lhe tanto a mão, que o fósforo e o charuto nunca mais se podiam encontrar. O seu vexame ainda era maior porque sentia sobre si os olhares de toda aquela gente e parecia-lhe ouvir cada um formular no seu íntimo essa interrogação indiscreta e comprometedora:

– Que tem aquele homem? Por que treme ele?

Sentia-se quase perdido. Uma nova ordem de fatos, porém, veio naquele instante em seu auxílio. A atenção pública voltou-se imediatamente para outro lado. Fora o caso que o Hermínio, aproximando-se do velhinho, travara com ele conversação e exclamara muito oportunamente para o pobre negociante e num tom de íntima e robusta convicção:

– Sei perfeitamente de quem é este cadáver.

O delegado, bem como os peritos e todas as mais pessoas presentes voltaram-se vivamente para ele. Até então ignorava-se a identidade daquele morto, e sobre ela apenas existiam conjecturas. Aparecia, porém, de repente, uma pessoa que se propunha esclarecer aquele mistério e dar um nome àquele corpo. Era quase uma providência. Um murmúrio de admiração acolheu as palavras do Zanolho e a sua personalidade naquele momento assumiu aos seus olhos as proporções gigantescas do decifrador de uma charada universal.

O delegado de polícia então encarou-o fixamente, como querendo aquilatar pela qualidade do indivíduo a veracidade e importância da afirmativa. Com franqueza, o exame não lhe agradou e mais pertinazmente cravou os olhos no Hermínio. O Zanolho não pôde suportar aquele olhar; baixou apressadamente a vista, como tomado de súbito acanhamento, e levou o lenço ao rosto para limpar o suor frio e copioso que começava a porejar. Estava quase arrependido do que dissera.

O delegado aproximou-se dele.

– O senhor é do Recife?

– Sou, sim senhor – respondeu o Hermínio, tossindo desesperadamente.

– Conhece de quem é este cadáver?

Por um instante o Hermínio quis recuar, mas era-lhe impossível: já havia afirmado que o conhecia e dizer agora o contrário seria comprometer-se de um modo horrível. Além disso, o negociante voltara pouco a pouco a si, e por momentos, senhor outra vez do seu sangue frio e da situação, encarava-o de frente e com olhar fixo e severo impunha-lhe a resposta.

– Se o conheço! – respondeu ele, tomando por fim uma resolução – e não sou eu só. Ali está o Bernardino – e apontava para o Bigode de Arame que também o deve conhecer.

– Quem é ele então? – inquiriu o delegado curioso e já um pouco impaciente.

– Este cadáver, ao que parece... Vossa Senhoria dá licença que o examine mais de perto?

– Pois não, examine-o à sua vontade.

O Hermínio aproximou-se mais um pouco do cadáver e pareceu examiná-lo. Durante este exame, que foi curto, o negociante mudou de cor por duas ou três vezes. Mordeu violentamente o charuto que tinha na boca e afinal acabou por jogá-lo fora. Quando o Hermínio se afastou, um suor gelado corria pela fronte pálida do negociante; as suas pernas tremiam tanto, que ele mal podia equilibrar-se. Felizmente, porém, estavam todas as atenções concentradas no Zanolho. O delegado deixou o Hermínio afastar-se do cadáver, e perguntou-lhe depois:

– E então?

– É ele mesmo! – respondeu o Zanolho convictamente.

– Ele quem? – inquiriu a autoridade.

– O polaco, com todos os diabos! – bradou uma voz desconhecida e cheia de força.

Voltaram-se todos. Era o negociante que apertando a mão ao peito, como para comprimir-lhe as pulsações violentas e desordenadas, rompera o círculo dos curiosos e dera um grito, num tom áspero e desabrido.

– O polaco?! – repetiu interrogando o delegado.

– Sim, sim! – disse ainda o negociante, extremamente pálido, o que sempre lhe acontecia nas grandes ocasiões – O polaco! É o polaco!

– É verdade! – confirmou logo o Hermínio. O Senhor Comendador também o reconhece.

E voltando-se para o delegado, tomou uma atitude digna da alta missão que ia desempenhar e apresentou o negociante à autoridade.

– O Senhor Comendador Jaime Favais.

– Jaime Favais? – repetiu o delegado encarando curiosamente o negociante.

– Um criado de Vossa Senhoria – respondeu este curvando-se num tom gracioso e digno ao mesmo tempo.

– Conheço-o muito de nome – acrescentou a autoridade. E ao mesmo tempo tirou o chapéu, cumprimentando.

Neste momento, azafamado e coberto de suor, aproximou-se do grupo um cavaleiro.

Era o Jereba.

## **XIX Justiça da roça**

Conquanto o cadáver, completamente nu e estendido sobre um montão de areia enegrecida, fosse o primeiro objeto que ferisse a vista do Jereba, contudo não lhe escaparam as últimas exclamações do negociante, nem lhe passou despercebida a apresentação do Hermínio.

Era para fazê-lo pasmar; uma pessoa da qualidade e posição do Comendador apresentada a uma autoridade policial por um indivíduo da laia do Zarolho! Era quase incrível.

O mistério, portanto, aumentava de intensidade e, por mais que raciocinasse, por mais esforços que fizesse para chegar a uma conclusão satisfatória, e por mais longe que levasse as suas deduções, era-lhe completamente impossível descobrir ou conhecer, ou suspeitar sequer, naquele momento, o grau de relação que poderia haver entre o negociante, o Hermínio e aquele cadáver.

Que não fora o acaso que os conduzira até aquele lugar, era para ele ponto incontestável e claro como a luz meridiana. Cumpria-lhe agora descobrir, achar as causas que haviam determinado essa viagem. Como proceder, porém, para chegar a esse fim com presteza e segurança? Interrogar alguém: mas a quem? Ao Hermínio? Nada diria, como já nada lhe tinha querido dizer pela manhã. Ao Bigode de Arame? Provavelmente sabia tanto como ele. Que fazer então?

Nessa conjuntura, o Jereba resolveu esperar e prestar toda a atenção ao que se ia passar. Talvez que a explicação viesse por si mesma. Em todo o caso, e para não perder tempo, foi indagando do que havia. Apeou-se cautelosamente do cavalo a fim de não chamar sobre si a atenção do Hermínio e do Comendador e dirigiu a palavra ao primeiro sujeito que lhe ficava ao pé.

– Que é isso, patrício? – perguntou ele, afetando um espanto extraordinário e dando mostras de uma curiosidade verdadeira.

O matuto, em algumas palavras, pôs o Jereba ao fato de tudo quanto se havia passado desde a descoberta do corpo na semana

anterior até aquele momento, e concluiu pelo seguinte:

– A gente agora já não pode reconhecer bem as feição dele, mas porém da outra vez, inhôr sim, quando os aribús deram cum ele, o cumpade Zé Romão, o Timóte, o Janjão de Sinhá Nenê e outros reconheceram logo que era um allumão, que andou pru ´qui a sumana passada, inté por sinal que comprou na venda do cumpade Zé Romão mêmo uma quartinha e uma botija de genebra e pediu que lhe ensinassem o caminho do banho.

– E como se chamava esse alemão? – perguntou o Jereba pensativo.

– Eu sei, meu senhor - respondeu o matuto com ingenuidade – ninguém o conhecia pru ´qui, não. Era a primeira vez que ele aparecia lá na venda.

– Ah! e falava português esse alemão?

– Ora! Ora! Ora! Tão bem cuma vosmecê o cuma eu.

O Jereba abalou a cabeça duas ou três vezes sorrindo. Depois puxou o matuto um pouco para fora do grupo e, apontando para o negociante, perguntou:

– E aquele sujeito? Vosmecê o conhece?

– Inhôr, não. O cumpade Zé Romão é que parece tem conhecimento cum ele.

– Ah! E quem é ele? Que quer aqui?

– Eu sei lá! Dizem que é um Comendador lá do Rucife, muito rico e disse a seu delegado que sabia de quem era o cadáver.

– Ah! Ele disse que sabia de quem era o cadáver?

– Inhôr, sim! – disse que o reconhecia.

– Quando disse ele isto?

– Agora mesmo quando vosmecê chegou.

– É verdade!

E, cada vez mais pensativo, com a testa franzida, como a querer dar ao pensamento a maior concentração possível o Jereba murmurou:

– Reconheceu o cadáver apesar de o estado em que se acha.

- O matuto ouviu a observação e apressou-se a acrescentar:
- Não foi ele só; o outro também reconheceu.
- Qual outro? – inquiriu o rapaz.
- Aquele zarolho que está ali.
- Também ele o reconheceu?
- Inhor, sim.
- E de quem é que dizem que é o cadáver?
- De um polaco. Olhe lá está seu delegado interrogando.

Com efeito, o delegado, apenas soubera da qualidade e da posição social do Comendador, começara a tratá-lo com toda a deferência e obsequiosidade. Estivera até então trocando com ele cumprimentos banais e alheios às coisas da justiça. Acabados estes, prosseguia então na espécie de inquérito que havia estabelecido.

– Sem querer – dizia a autoridade – veio o Senhor Comendador prestar-me um serviço relevante, relevantíssimo!

– Às vezes o acaso assim o permite – respondeu o negociante. Eu ia à Santo Antão a fim de fazer algumas cobranças, mas como ouvi falar nas diligências a que se estavam procedendo e como na cidade não se fala em outra coisa senão neste caso misterioso, vim dar um passeio até cá.

– Felizmente para nós, pois veio tirar-nos de uma horrível perplexidade.

– Eu, por mim, estou pronto a dar qualquer esclarecimento, contanto que o meu nome não figure nos autos.

– Por quê? De que receia?

– Sou negociante e estrangeiro. Estas coisas de justiça fazem mau efeito no comércio.

– Lá isso é verdade! – confirmou o Hermínio sentenciosamente.

– Começariam logo a perguntar entre si o que tinha eu vindo cá fazer, – continuou o Comendador de um modo meio azedo – daí nasceriam comentários, coisas e loisas e o resultado seria ficar talvez o meu crédito abalado. Um nada torna-se muitas vezes uma

coisa extraordinária; de um arqueiro faz-se um cavaleiro; e qualquer coisa arruína uma casa comercial.

– Com efeito assim é – concordou o delegado –, mas em todo caso, não nos recusará os esclarecimentos que puder dar.

– Sem dúvida.

– Dizem algumas pessoas e já o disseram de outra vez que este cadáver era de um alemão.

– Polaco – emendou o Comendador.

– Conhece-o, portanto?

– Perfeitamente, não obstante a sua fisionomia estar bastante alterada pela decomposição.

– E quem era esse polaco?

– Era um infeliz que havia pertencido à tripulação do corsário americano Alabama, e chegara há pouco, do Rio de Janeiro no vapor inglês Madalena.

– Exatamente! – confirmou o Hermínio intrometendo-se no interrogatório – chegou no dia 14 do mês passado.

– Reconhece-o também? – inquiriu o delegado.

– Ora! Ora! Ora! – afirmou o Hermínio – como as palmas das minhas mãos.

E, voltando-se para Bigode de Arame, interpelou-o bruscamente, a piscar-lhe o olho de modo significativo:

– Hein, Bernardino? Que achas? Não é ele mesmo?

– Sem dúvida nenhuma! – respondeu o interpelado, que parecia já esperar pela pergunta – parece-me até que o estou vendo ainda.

– Como se chamava? – perguntou o delegado.

– Oscar – respondeu o Hermínio.

– Justamente! – confirmou o negociante com a sua autoridade de Comendador e de ricoço.

– Oscar! – ia exclamando o Jereba, que, um pouco encolhido atrás de todos para não ser visto pelo Hermínio, prestava a tudo

uma atenção concentrada e refletida. Mas engoliu a tempo a exclamação.

– É isso mesmo! – acrescentou o Bernardino torcendo o bigode e alisando as crinas do cavalo – está até com a mesma roupa com que eu vi pela última vez. Também o desgraçado não tinha outra.

– Quando foi que o encontrou?

– Foi...

Bigode de Arame não esperava pela pergunta, hesitou pois por um momento, ou como se recordando ou como não sabendo o que dissesse. O seu forte não era a inteligência.

– Então? – insistiu a autoridade – quando foi que o encontrou pela última vez?

Bigode de Arame continuava a hesitar. O Hermínio receou que ele se compromettesse e correu logo em seu auxílio.

– Oh, homem! – exclamou ele – não te lembras? Foi no dia 16 deste mês.

– Não foi ao senhor que eu interroguei! – observou severamente o delegado.

– Perdão, é que nós estávamos juntos! – retorquiu imediatamente o Zanolho, relanceando os olhos para o Bernardino, como quem dissesse:

– Fia-te em mim e confirma tudo que eu disser.

– Ah! – murmurou o delegado, convencido – e onde o encontraram?

– Na cidade; passeando pela rua.

– Bem! Onde morava ele?

– No Recife, no Hotel d'Europa.

– Tinha inimigos?

– Inimigos? qual! Era um pobre diabo, muito parlapatão e pomadista, é verdade, mas vivia quase que de esmolas. O povo até o apelidava – O Alabama.

– Coitado! – exclamou o Zanolho em tom comovido – afinal suicidou-se.

– Pensa então que foi um suicídio?

– Sem dúvida! – observou o negociante, tomando a palavra – algumas vezes ouvi-o dizer que quando não tivesse mais dinheiro e lhe faltassem todos os recursos, daria cabo da vida com um tiro de revólver.

– E assim fez! – bradou o velhinho, que estava junto do Zanolho e acabava de receber dele uma forte mas despercebida cotovelada – foi justamente com um revólver que ele se matou.

– Ah! – foi com revólver? – perguntou o negociante, fingindo-se admirado.

– Até se achou a arma junto dele! – acrescentou ainda o velhinho animando-se.

– É verdade! – confirmou o delegado.

O negociante, o Hermínio e Bigode de Arame trocaram entre si um olhar rápido de inteligência.

– Eu li isso no jornal! – disse o Comendador com toda a seriedade.

Os peritos tinham acabado, havia muito tempo, os seus exames e faziam parte do grupo que rodeava a autoridade. Era tarde já.

– Bem, meus senhores – declarou o delegado aos circunstantes – não temos mais nada que fazer aqui. Tornem a enterrar o corpo e vamos para a casa do compadre escrivão lavrar esses autos e concluir esse inquérito dos meus pecados.

E, voltando-se imediatamente para o negociante, acrescentou num tom de verdadeiro e sincero agradecimento:

– O senhor tirou-me um peso de dez arrobas de cima de mim! Imagine que não se descobria essa trapalhada toda, que trabalhão ia eu ter para desencavar o assassino desse sujeito! Tinha que ver! Tinha de deixar todos os dias a minha lavoura, os meus trabalhos, os meus cômodos para me ocupar com esses inquéritos que não me rendem nada, ou só me rendem intrigas e inimizades. Nada! Ainda se no fim a gente se deparasse com algum guabiru rabudo e pudesse por esse meio machucar um adversário político, ainda vá,

mas se a gente, no fim de contas, topasse com um correligionário, hein? Não era uma dos diabos? Assim foi bom o senhor aparecer. Foi Deus quem o trouxe por aqui.

– E, agora, que vai fazer? – perguntou o negociante.

– Vou já mandar escrever ao chefe, participando o que se acaba de passar.

– Mas não se esqueça do meu pedido.

– Qual?

– O de não envolver o meu nome neste negócio. Não quero absolutamente meter-me com a justiça.

– Mas...

– Ao menos – sorriu o negociante para ele – em paga do serviço relevante que lhe prestei, livrando-o de maiores maçadas.

– Vá lá. Eu conversarei com o compadre escrivão e ele há de arranjar a coisa de forma que não se fale no senhor.

– Isto é fácil – insinuou o Comendador, oferecendo-lhe charutos e enfiando o seu braço no dele, ao passo que ia abaixando a voz gradualmente – arranjam-se aí umas três ou quatro testemunhas que repitam o que eu disse.

– Bem lembrado. O Bigode de Arame...

– Aquele outro sujeito zarolho.

– E o José Romão, que da outra vez já disse que ele era o alemão.

– Justo! Além disso tenho uma prova mais irrecusável que fornecerei a Vossa Senhoria ou que oportunamente farei chegar às mãos do chefe de polícia.

– Qual é?

– O retrato do morto.

Assim conversando, haviam todos entrado na povoação e dirigiram-se para a casa do escrivão. Eram mais de quatro horas, e os trabalhos ficaram para o dia seguinte.

O delegado, que havia ficado cativo das maneiras afáveis do Comendador, convidou-o para jantar. Ao negociante não convinha

abandonar aquele negócio antes de estar todo ele concluído. Tinha nisto o maior interesse. De um momento para outro podia o delegado arrepender-se e não cumprir a palavra que lhe dera. Em autoridades policiais não há muito que fiar. Aceitou, portanto, o convite com azáfama e, em companhia do delegado e do escrivão, preparou-se para partir para a sua casa, que ficava do outro lado do Rio Duas Unas<sup>16</sup>, o qual mais adiante, na entrada da vila, se junta ao Jaboatão.

Antes de partir, porém, o Comendador soltou uma exclamação de quem se recorda repentinamente de alguma coisa de máxima importância, e, voltando-se para o delegado, explicou-lhe com toda a graciosidade de uma desculpa:

– Perdão, meu amigo. Tenho ali o carro que me ia levar a Santo Antônio e devo preveni-lo de que não vou já.

– Diga mesmo que não vai hoje! – observou o delegado, sorrindo amavelmente.

– Como assim? – inquiriu o Comendador fazendo-se de novas.

– Durma hoje em Jaboatão. Há de gostar.

O negociante sorriu-se e curvou-se num movimento gracioso de agradecimento.

– Pois seja como Vossa Senhoria quiser – disse ele – e com licença.

Voltou-se então para a rua, deu com a mão e chamou o Hermínio:

– O senhor faz-me um favor? – solicitou ele em voz alta.

– Pois, não, senhor Comendador! – respondeu o outro também em voz alta, como se fosse a primeira vez que lhe falasse.

E, abaixando a voz, perguntou:

– Vossa Senhoria fica?

– Assim é preciso! – respondeu o negociante no mesmo tom, dando um passo para a rua e afastando-se muito naturalmente com ele – não volto à cidade enquanto não se acabar tudo isto. Vá, portanto, prevenir ao Justino.

- E Vossa Senhoria para onde vai?
- Para a casa do delegado.
- E eu? – perguntou o Zanolho com toda a ingenuidade.
- Para onde quiser! – respondeu o Comendador sem mais demora – não há um hotel em Jaboaão?
- Há um, sim senhor.
- Pois vá para ele.
- Mas o hotel paga-se.
- Oh, homem de Deus, e o dinheiro que lhe dei esta manhã?
- Ah, Sr. Comendador! Eu não contava com esta viagem. Passei por casa e deixei todo o cobre com a mulher e os filhos.
- Está bom; tome.

E deu-lhe dinheiro novamente, não sem exalar desta vez um suspiro, arrancado do mais profundo das entranhas.

É que o dinheiro é sangue.

O Hermínio fez um sinal para o Bigode de Arame e separando-se do Comendador, dirigiu-se com ele para o largo da feira. Deu o recado ao boleeiro e depois todos três foram direto à taberna de José Romão. Era ali o ponto certo de reunião do povo miúdo da vila, e, àquela hora, o ajuntamento era tão grande, como há pouco, nas capoeiras do engenho. Formava-o a mesma gente e havia-se aberto uma sessão em que, com a máxima liberdade de pensamento e de linguagem, se comentava o caso ocorrido. Presidia-a o velhinho que vimos, à chegada do Comendador, trocar com o Zanolho um sinal de inteligência.

Apenas entraram os três amigos, o Hermínio foi logo o cumprimentando.

- Ora viva o ilustre Sr. José Romão.
- Quem sou eu para ser ilustre? O senhor sim! Amigo íntimo de um Comendador.
- Psiu! – tossiu o Hermínio, afinando a voz – não fale assim, que nos pode comprometer.
- Está bom! Está bom! Já aqui não está quem falou.

– Dormimos hoje por cá, mas por ora queremos um petisco de lamber os beiços.

– Temos coisa suculentíssima. Vão entrando.

Ao mesmo tempo, voltando-se para dentro, gritou:

– Marocas! Lá vão mais dois.

E, voltando-se novamente para os três, que já tinham passado para dentro do balcão, foi perguntando:

– Vocês querem vinho?

– Sem dúvida – respondeu o Bernardino – e do bom.

– É só do que tenho! – afirmou o vendilhão – Figueira legítimo e fino, não tem espinhas e escorrega como manteiga inglesa. Tomem, levem vocês mesmo as garrafas.

Os três companheiros, munidos de três garrafas, entraram para o interior da taberna. Encontraram uma mesa servida e sentados ao redor alguns seis ou oito rapazes. A taberna do José Romão era igualmente uma casa de pasto, dessas a que o povo, na sua linguagem pitoresca e enérgica, costuma chamar mosqueiro ou frege moscas.

Os três companheiros sentaram-se à mesa.

## XX Perigo iminente

Conforme se havia combinado, o negociante seguiu para a casa do seu novo e improvisado amigo, o delegado de polícia. Este, a todo propósito, ora ensinando-lhe o caminho e fazendo-o desviar de um buraco perigoso ou de uma pedra mal colocada, ora chamando-lhe a atenção para alguma das muitas belezas naturais daqueles sítios pitorescos e cobertos de uma vegetação luxuriosa e petulante, desfazia-se em atenções e amabilidades.

Parece incrível o prestígio de que goza e a influência que exerce um título qualquer no espírito dos nossos matutos, ainda os mais atilados e instruídos. E quando esse título, bem ou mal adquirido, vem acompanhado da fama de riqueza, então redobra de valor, e quem o possui está apto para obter tudo o que quiser das nossas autoridades do interior, e digamos a verdade, mesmo da capital.

A amizade repentina, a repentina obsequiosidade do delegado para com o Comendador Jaime Favais ressentiam-se plenamente da influência desses princípios falsos e mal entendidos é verdade, mas em todo o caso efetivos e usuais.

Acompanhava-os o escrivão, que, na qualidade de compadre e assessor habitual do delegado, entendeu que não devera deixar passar tão propícia ocasião para regalar-se à tripa forra à custa alheia, tanto mais quanto farejara uns arremedos de bródio em casa do amigo em consequência da visita de circunstância que ele tinha.

Saber aproveitar-se das ocasiões e locupletar-se com o suor e com a mesa dos outros, tal é a ciência principal do parasita, a qual se completa com o conhecimento exato do momento, por assim dizer psicológico, em que possa ou deva se afastar. O habituar-se um indivíduo a viver à custa alheia, sem trabalho próprio, sem préstimo algum, é uma coisa tão vulgar entre nós, que a ninguém causará surpresa dizermos-lhe que o nosso escrivão era um verdadeiro *habitué* da casa e principalmente da mesa do delegado.

Também a sua questão não era de pessoa, era de cargo. Qualquer que fosse a autoridade – e esta variava com a mudança de política – o nosso escrivão, que sabia andar bem com todos, ou antes, que pertencia a todas as políticas, lá estava à sua mesa e em sua casa como um traste indispensável.

Em sua casa o delegado de polícia punha de parte completamente, como um fardo inútil e incômodo, a pouca austeridade que tinha ou aparentava ter no exercício de seu cargo, e mostrava-se aos seus amigos e até mesmo aos estranhos tal qual era, com efeito, o genuíno tipo do plantador brasileiro: franco, afável, leal, sem cerimônia e nimamente obsequiador.

Jaime Favais foi, portanto, introduzido na casa com todas as aparências e regalias de um amigo já velho e provado. Se até então a afabilidade do delegado o cercara alegremente, apenas foi ele apresentado, a consideração e a amabilidade da família deste não tiveram mais limites para com ele.

O jantar correu no meio da maior cordialidade possível, e a conversação, como era natural, versou inteiramente sobre as ocorrências do dia. As informações e os comentários estenderam-se tanto que era já quase noite, e os nossos hóspedes não se haviam ainda levantado da mesa. Jaime teve de satisfazer completamente a insaciável curiosidade de família do delegado, não só lhe referindo tudo quanto já havia contado à autoridade, como também acrescentando novos pormenores, aliás, interessantes, a respeito da vida aventureira e misteriosa – quase romântica – do pobre suicida.

Essa história, que mais tarde devia ser reproduzida no *Jornal do Recife* como informação exata e fidedigna, comoveu por extremo a senhora e as duas filhas do delegado. Por mais de uma vez as lágrimas haviam nublado a limpidez dos seus olhos curiosamente abertos, e exclamações de piedade tinham cortado a narração do Comendador. Era tal a comoção produzida e a tristeza espalhada em todos os semblantes que o escrivão – velho patusco e metido a espirituoso, principalmente depois das sobremesas – se julgou na rigorosa obrigação de alegrar a companhia e para esse fim começou

a distrair as tristezas com as suas facécias e jocosidades, recurso, aliás, de que lança mão todo parasita que julga ser esse o melhor meio de agradecer e de pagar o que consome. Ainda esse pagava com alegria; e muitos que, em remuneração do favor e do agrado, mordem a mão que lhes mata a fome, e fazem cara feia às iguarias que não são do seu agrado?!

O escrivão, seja dito de passagem, não era desses. Tratou, pois, de distrair a todos e a propósito do morto julgou-se com direito de exhibir algumas pilhérias, já um pouco estafadas para o compadre e sua família, mas, em todo caso, completamente novas para o atencioso e amável Comendador.

Quando estava, porém, no melhor da sua festa, bateram forte e apressadamente à porta da sala da frente.

– Parece que bateram? – perguntou o dono da casa.

– Será a alma do polaco?! – exclamou o escrivão fingindo comicamente um susto extraordinário.

– Credo, compadre! – exclamou por sua vez a senhora do delegado, benzendo-se – nem diga isto.

– Ora, comadre! Pois vosmecê ainda acredita em visões?!

Um moleque, que partira às carreiras a fim de ver quem era, voltou logo com um recado.

– É um homem que quer falar com o Sr. Comendador.

– Comigo? – perguntou o negociante sentindo-se empalidecer subitamente.

Ideias sinistras invadiram-lhe o cérebro num momento. Um terror desconhecido e intempestivo produziu-lhe por todo o corpo um calafrio insuportável.

– Sim, senhor – respondeu o moleque – ele disse que vosmecê fosse lá já.

– Manda-o entrar – ordenou cortesmente o dono da casa. O Comendador interrompeu-o bruscamente.

– Não! Não! Não é preciso! – exclamou ele todo assustado.

Lembrara-se logo de que poderia ser o Hermínio ou talvez mesmo o Bigode de Arame que lhe viesse pedir qualquer quantia. Em caso algum, porém, convinha-lhe que o delegado ouvisse a conversação que pudesse por acaso ter lugar.

– Se me dá licença, eu mesmo vou ver quem é – concluiu ele apressadamente.

– Pois não! – respondeu-lhe o delegado com toda a amabilidade e na maior boa fé deste mundo. – O Comendador está em sua casa.

– Obrigado.

Jaime levantou-se com presteza e correu à sala da frente. Em pé, defronte da porta, estava o Hermínio com a fisionomia toda transtornada e inquieta.

Ao vê-lo, o Comendador sentiu bater o coração com força desusada. A comoção foi violenta. Empalideceu ainda mais e cambaleou como um ébrio. Por mais forte e senhor de si que seja um homem, há sempre alguns momentos em que a sua natureza sucumbe a circunstâncias que o apavoram e o fazem ter medo. O desconhecido produz sempre desses resultados funestos e imprevistos.

Jaime encostou-se à porta e retomando um pouco de energia, perguntou com ansiedade:

– Que há de novo?

– Estamos perdidos, Comendador! – bradou o Hermínio.

– Fale mais baixo, homem de Deus! – recomendou o negociante timidamente – que é que houve?

– O diabo! O diabo! Está tudo no mato!

– No mato, como?

– Quero dizer: está tudo perdido.

– Não o compreendo; perdido, como?

– Apareceu aí um sujeito – um diabo – que vem entornar todo o caldo.

E, abaixando ainda mais a voz, o Hermínio aproximou-se do Comendador e continuou misteriosamente:

– Reconheceu o cadáver.

– Hein?! – bradou o negociante, como sentindo a picada de uma vespa – reconheceu o cadáver!!?

– É verdade! E está dizendo a todo mundo que não é do polaco.

– É impossível!

– É o que lhe digo, Comendador.

O negociante tomou com dificuldade uma larga respiração: dir-se-ia que o estavam estrangulando.

– E de quem diz ele que é? – perguntou quase a engasgar-se.

– Não sei – respondeu o Hermínio, tossindo – disse que isto só revelaria à autoridade competente.

O Comendador estava pálido, como um cadáver, e sentia, mau grado seu, tremer-lhe todo o corpo.

– Mas quem é esse homem? Por ventura merece fé o que ele diz?

– Se merece, Comendador! Vossa Senhoria bem sabe que merece.

– Cale-se, homem! Cale-se!

– Não é só isto!

– Que mais?

– Ele afirma que tem outras provas além da sua palavra.

– É uma dos diabos, Senhor Hermínio! E agora que tudo estava já tão bem encaminhado.

– Eu bem aconselhei a Vossa Senhoria que não viesse cá.

– Se eu não viesse, seria pior. Você viu esse tal sujeito?

– Agora mesmo. Deixei-o para vir participar-lhe o ocorrido.

– Onde está ele?

– Em casa do José Romão.

– E você o conhece?

– Como as palmas das minhas mãos.  
– Pode-se-lhe comprar o silêncio?  
– Quê? Só se Vossa Senhoria lhe desse uma fortuna. Demais, Vossa Senhoria quer ouvir a minha opinião?

– Diga.

– Eu acho que por detrás dele se esconde algum inimigo seu, Comendador.

– O negociante franziu a testa com violência e perguntou detidamente:

– Por que diz isto?

– É por que ele é um sujeito que não tem dinheiro nem sequer para comprar cigarros e, entretanto estava hoje endinheirado. Esteve de manhã comigo, procurando arrancar de mim o segredo da nossa amizade e da nossa viagem.

O Zarolho contou então rapidamente e em poucas palavras o que se havia passado com ele no fundo da taberna da Rua Imperial, e concluiu por essa forma:

– Cá na minha opinião, ele seguiu-nos, Comendador.

– Assim o parece – murmurou o negociante – como se chama ele?

– Fortunato Dias.

– Fortunato Dias? – repetiu Jaime como querendo recordar-se – não conheço.

– Talvez o conheça pelo apelido. Chamam-no Jereba.

– Jereba? Decididamente não o conheço.

O Comendador tornou-se pensativo e concentrado. O Hermínio respeitou por um momento este silêncio, mas por fim impacientou-se e perguntou:

– Que se há de fazer, Comendador?

– É preciso afastar esse homem a todo transe.

– Eu também penso assim.

– É um perigo iminente para nós é, portanto, preciso suprimi-lo. Não se lembra de nenhum meio?

– Decerto tenho um.

– Que não comprometa.

– Que não comprometa.

– Sem dúvida, mas para pô-lo em prática preciso contar com Vossa Senhoria.

– Como assim!

– Vossa Senhoria é hóspede do delegado, ele simpatizou com Vossa Senhoria e Vossa Senhoria fará dele tudo o que quiser.

– E o que tem uma coisa com outra?

– Vossa Senhoria põe-nos as costas quentes.

– Que entende você por isso?

– Quero dizer, garante-nos a impunidade.

– Garanto.

– Palavra de honra?

– Basta dizer-lhe garanto, com o meu nome e com o meu dinheiro. Contanto que o tal sujeito não fale.

– Esteja Vossa Senhoria descansado. Também eu garanto que o Jereba não dirá coisa alguma.

– Que vai fazer?

– Isso é cá por minha conta.

– Então vá depressa, e o que houver venha dizer-me.

O Hermínio afastou-se a toda pressa e o Comendador demorou-se ainda por um pouco em pé na porta comprimindo o coração com a mão esquerda, até que o Zarolho sumiu na escuridão da noite e por entre os matos que ladeiam o caminho.

O Comendador engolfou-se então em profunda meditação. Despertou-o a voz forte do delegado que o chamava alegremente da sala de jantar.

– Então, Comendador? Não quer uma chávena de café?

O negociante teve um sobressalto violento; dominou-se, porém, imediatamente. Enxugou o suor frio que lhe inundava a testa e, compondo o rosto alterado pelo susto, dirigiu-se de novo para o interior da casa e foi sorrindo alegremente, que recebeu a chávena de café que a senhora do delegado lhe oferecia.

Decididamente era um homem forte! Entretanto que é que havia sucedido?

## **XXI Indícios que foram desprezados**

Retrocedamos algumas horas e voltemos às capoeiras do Engenho Suaçuna.

O Jereba não havia acompanhado o povo que se retirara com o delegado. Tinha ouvido com toda a atenção a conversação trocada entre aquela ingênua autoridade e o matreiro negociante. Não lhe escapara uma só frase, uma só palavra sequer, e, o que é mais, estudara inteligentemente a menor cambiante de expressão, a mais ligeira entonação, e, prevenido como se achava dera ao menor gesto ou ao mais rápido volver de olhos o justo e significativo valor.

Causara-lhe uma grande impressão e muito concorrera para robustecer as suposições do Jereba, a insistência tão acentuada do negociante em não querer que o seu nome honrado e conhecido figurasse em peças judiciárias, máxime naquela. A explicação capciosa que ele havia dado, calara-se no ânimo meio obstruso do delegado, não o satisfizera tão completamente, e o Jereba, com o raciocínio claro e positivo, apanhara-a como um sofisma de esperto para lograr imbecis.

Se ele fosse autoridade, longe de aquela insistência e conseqüente explicação lhe tranquilizarem ou lhe destruïrem os escrúpulos, tê-los-iam aumentado, e desde então o negociante e os dois acólitos teriam ficado sob uma vigilância rigorosa, porém disfarçada e inteligente.

Havia em tudo aquilo mais alguma coisa do que o que se tinha ou se supunha ter descoberto. Quando, portanto, se retiraram todos, mais ou menos satisfeitos, mais ou menos anchos pelo resultado obtido, o Jereba ficara encostado ao cavalo, com o braço apoiado na sela pelo cotovelo, e profundamente pensativo, como coordenando as ideias. De repente, feriu-lhe os ouvidos uma pergunta. Um dos homens encarregados de tornar a inumar o cadáver, inquiria do outro companheiro:

- Torna-se a vestir o corpo?
- Qual vestir! – exclamou o outro – eu estou lá para isto!

– Também não vale a pena.

– Vamos a isso.

Agarraram então o cadáver, um pela cabeça e o outro pelos pés, que tinham ficado calçados, e fizeram um pequeno balanço para jogarem-no na cova. O Jereba, porém, adiantou-se rapidamente.

– Fazem-me um favor? – pediu ele com interesse. Os homens cessaram o movimento.

– Que é? – perguntaram de mau modo.

– Demorem-se um pouquinho, enquanto eu examino este corpo com mais minuciosidade?

– Ora, meu senhor! está um fedor desesperado e nós não podemos mais suportá-lo.

E, voltando-se para o companheiro, o que assim respondia, concluiu cheio de impaciência e de mau humor:

– Vamos logo, Totonho! bota esse diabo na cova.

– Esperem! – bradou o Jereba, indignando-se – sejam mais caridosos e humanos! Larguem esse corpo por alguns instantes e vocês não se hão de arrepender.

O Jereba conhecia perfeitamente a índole, a educação e o gênio do nosso povo, principalmente daquela qualidade de gente com que estava tratando nesse momento. Sabia que os matutos, em regra, altivos e insolentes para com os pequenos e os desconhecidos, são humildes, submissos, rasteiros com os grandes ou simplesmente com quem julgam tal. Assumiu, portanto, um ar de importância, e medindo o trabalhador de alto a baixo, deu um passo para ele:

– Se eu não pudesse dar ordens, não lhas dava! Larguem imediatamente este corpo, já.

– Mas...

– Vamos, depressa! – continuou ele franzindo as sobrancelhas e batendo impacientemente com a chibatinha nas botas. Se o não

fizerem já, apito para chamar a minha gente e mando-os meter a ambos na cadeia.

Os dois trabalhadores entreolharam-se, como que se consultando.

– E vosmecê quem é, que mal pergunto? – gaguejou um deles timidamente.

– Sou o chefe de polícia!

Foi tão grande o abalo dos dois ignorantes trabalhadores, que o cadáver quase lhes cai das mãos e rola para a cova.

– Cheguei um pouco tarde – continuou o Jereba – e por isso não pude assistir ao que se passou.

E, tomando então um ar de todo cheio de proteção e de dignidade, acrescentou:

– Vamos; afastem-se um pouco e esperem aí. Se virem aparecer os meus ordenanças, façam sinal para eles se aproximarem.

Os dois matutos depuseram delicadamente o corpo no chão e iam-se afastando. O Jereba tirou do bolso os dois últimos charutos que possuía – e trouxera uma provisão – e deu-lhos generosamente:

– Tomem: fumem isto para entreter o tempo e poderem suportar essas exalações mefíticas.

Os pobres trabalhadores aceitaram o presente, trêmulos de susto, mas ao mesmo tempo orgulhosos por uma tal distinção. Iam fumar charutos do chefe de polícia!

E mais uma vez os fatos provaram o acerto e a filosofia do velho Horácio: *audaces fortuna juvat!*

O Jereba conseguira o que queria: aproximou-se então do cadáver e pôs-se a examiná-lo com uma atenção toda meticulosa e muito mais inteligente do que o haviam feito os peritos apanhados, segundo muito bem diz o povo, a *dente de cachorro*.

À proporção que prosseguia o exame, a testa se lhe franzia violentamente e os lábios crispavam-se num aperto convulsivo e

cheio de expressão. Dir-se-ia que a sua vontade estava magnetizando aquele morto e queria arrancar às suas feições, deterioradas pelo estrago da decomposição e dos vermes, o segredo que elas ocultavam do nome que deviam ter tido.

De repente o Jereba abaixou-se e, pondo um joelho em terra, levou o dedo indicador à pálpebra já roxa de um dos olhos do cadáver; levantou-a com todo o cuidado e delicadeza e abaixou-se ainda mais para melhor observar, não obstante as exalações pútridas e nauseabundas que saíam daquelas carnes.

– Ah! – murmurou ele, depois de curta inspeção – olhos castanhos, quase pretos. Bem me parecia!

Ergueu-se um pouco e tomou uma porção de cabelos, que se desprenderam facilmente. Observou-os igualmente com atenção:

– Cabelos também castanhos e crespos. – continuou ele a monologar – O polaco tinha olhos azuis e cabelos quase louros. De quem será então esse cadáver?

Levantou-se todo e, abandonando o cadáver, relanceou os olhos ao redor. Feriram-lhe a vista as roupas que estavam amontoadas mais adiante. Dirigiu-se para elas.

– Vossa Senhoria já acabou? – gaguejou um dos trabalhadores, tirando o chapéu respeitosamente.

– Já – respondeu o Jereba secamente. – Deixe-me ver esta roupa.

O matuto levantou-a do chão e apresentou-a imediatamente, não sem uma espécie de repugnância, aliás justificada pelo estado em que ela estava. O Jereba, porém, não deu atenção a isto e começou a inspecioná-la com toda a consciência e minuciosidade. Era um paletó fraque de pano fino preto, de gola estreita sem debrum. O rapaz revistou-o por todos os lados, primeiro pelo direito, como querendo reconhecer-lhe o corte ou adivinhar-lhe a procedência, e depois pelo avesso como quem procurava alguma coisa. De repente soltou uma exclamação:

– Ah! cá está ela!

Tinha encontrado por dentro do paletó, na parte corresponde à gola, um pequeno quadrado de seda e sobre ele gravado em letras doiradas, o seguinte: “Becker. Rua Nova, nº 60”. Era a marca da alfaiataria onde o fraque fora feito.

O Jereba sorriu-se cheio de si, como quem acaba de encontrar a confirmação plena e satisfatória de uma descoberta até então ainda duvidosa.

– É justamente o que eu pensava – disse ele consigo mesmo.

E largando o paletó, começou a pensar com as sobrancelhas contraídas:

– Como é que o polaco Oscar, chegando, há um mês, a Pernambuco e pela primeira vez, já possuía um paletó quase velho feito na casa do Becker, que tinha armazém de roupa feita e por medida na entrada da Rua Nova? Ou o paletó não era do morto ou o morto não era o Oscar.

O Jereba voltou-se para os dois trabalhadores.

– Digam-me uma coisa – perguntou ele – quando encontraram este corpo pela primeira vez, não acharam coisa alguma com ele?

– Achou-se, sim senhor – respondeu um dos matutos. Encontrou-se uma pulutana de coisas: um revólver de 6 tiros, tendo só três balas, um canivete de mola, grande, um par de punhos de camisa, com as letras do nome dele.

– Que letras eram?

– Não sei, não senhor, eu não sei ler.

– E que mais?

– Mais nada.

– Oxente, Leirenço! – exclamou o outro trabalhador – tinha mais coisas.

– Ah! é verdade! – emendou o outro – Vossa Senhoria descurpe, achou-se ainda uma quartinha e um frasco de genebra.

– E no borso do paletó uma carta.

– Aberta ou fechada? – inquiriu rapidamente o rapaz.

– Eu não sei, não senhor, mas na venda de seu Zé Romão, eu ouvi dizer odespois que a carta era de uma muié.

– Inté da muié de um graúdo lá do Rucife.

– Não ouviram dizer o nome dela?

– Não, senhor.

– Não sabem mais nada?

– Não, senhor.

– Bem; enterrem o corpo.

Os dois trabalhadores foram cumprir com esse triste e naquele momento repugnantíssimo dever, e o Jereba, cada vez mais pensativo, encaminhou-se lentamente para o lugar em que tinha ficado o seu cavalo. Parou, porém, a meio caminho como tendo uma nova ideia e voltou atrás. Dirigiu-se novamente ao lugar em que haviam ficado as roupas. Revistou de novo os bolsos de paletó, e não encontrou nada.

– Nem um lenço! – murmurou ele.

Examinou atentamente a camisa, como a procurar uma marca qualquer e nada achou. Agarrou a calça pelo cós e levantou-a. Era de casimira escura, cor de café, com uns imperceptíveis salpicos vermelhos. O Jereba examinou-as atentamente; de súbito estremeceu com violência:

– Eu conheço esta calça! – exclamou ele em voz alta.

Lançou os olhos para a outra peça da roupa, que ainda se achava no chão e acrescentou no mesmo tom:

– E este colete também!

Apanhou-o sofregamente: era um colete de gorgurão preto trançado com pequenas florinhas encarnadas; de quatro botões, sem gola e com um vivo de seda vermelha. Os olhos do Jereba cintilaram com uma luz extraordinária.

– Aposto que os botins do defunto são de couro de lustro! – bradou ele.

E correu à beira da cova, onde já caíam as primeiras pás de terra; debruçou-se atentamente, e exclamou quase sem demora:

– Ah! bem dizia eu! são de couro de lustro e gaspeadas de casimira azul escura. Conheço bem aqueles sapatos!

Voltou rápida e novamente ao paletó, agarrou-o com sofreguidão extraordinária e voltou-lhe a gola pelo avesso.

Um pouco abaixo da primeira casa estava pregado um alfinete em sentido horizontal e como destinado a prender o pé das flores que algumas pessoas costumam trazer ao peito. Um relâmpago de triunfo iluminou o rosto do rapaz.

– É ele mesmo! – exclamou, atirando a roupa para longe e fechando o punho num gesto rápido de imprecisão e de raiva.

Correu então como um louco para o cavalo e montou-o de um pulo.

– Que foi? – perguntou um dos trabalhadores espantado.

– Que tem Vossa Senhoria? – inquiriu o outro, ainda mais admirado.

– Não tenho nada! – gritou-lhe o Jereba – é que este cadáver é tanto do polaco, como é meu!

E, cravando as esporas no cavalo, partiu a galope para a vila.

## XXII Imprudência

O nosso intrépido investigador não queria perder um só minuto mais. Esporeava e incitava o cavalo de uma forma despropositada, a que o nobre animal não estava acostumado e por isso respondia-lhe com poupas e negaças.

O Jereba exasperava-se deveras:

– Estes diabos bem mostram que não têm inteligência! – resmungava ele fora de si – quando mais se precisa deles, é que eles menos andam!

Afinal conseguiu fazê-lo enveredar; mas desejava vê-lo com asas para transpor com mais rapidez o espaço que tinha diante de si.

O mancebo acabava de fazer uma descoberta extraordinária quase incrível, e imediatamente, levado pelos ímpetos de uma imaginação de moço, formara um plano todo cavalheiresco e generoso. Via-se de repente transformado em herói de legenda e ouvia já – tanto pode a fantasia – ecoar o seu nome de boca em boca, acompanhado por um cortejo de aplausos e de pontos de admiração.

Qual é, com efeito, o moço que não se tenha deixado, pelo menos uma vez na vida, embalar um momento sequer pela ideia de tornar-se o herói de uma ação grandiosa ou magnânima, ou mesmo de um feito qualquer de proporções mais modestas, porém que todavia chame e prenda a atenção pública? Quantas vezes mesmo, formando castelos no ar – ocupação essa que nos entretém durante tantas horas – não se tem tido desejos de salvar um afogado, de livrar alguma criança das chamas de um incêndio, para gozar depois do espetáculo comovente e entusiástico de um povo inteiro a nos aclamar ou de uma mãe a abraçar-nos os joelhos por entre as lágrimas do reconhecimento e as bênçãos da felicidade?

O Jereba achava-se justamente sob uma dessas impressões nervosas e sentimentais. Por um acaso inexplicável, observando o cadáver, descobrira que não era do polaco. Conheceria

perfeitamente aquele estrangeiro, a quem todos se referiam; fora seu companheiro nas pândegas costumeiras; não havia muitos dias ainda que o encontrara nas ruas da cidade; parecia até que o estava vendo naquele momento. Era alvo e mais louro do que castanho; tinha olhos azuis claros, e barba quase ruiva. Ao passo que os olhos daquele morto eram castanhos escuros, quase pretos, os cabelos da mesma cor e além disso completamente crespos. O polaco tinha-os louros e corridos.

Ainda mais: o estrangeiro em questão chegara, há pouco tempo ao Recife, e se houvesse mandado fazer alguma roupa nesta cidade, ela estaria nova ainda. Ora, o paletó que o Jereba acabava de examinar era mais velho do que novo e denotava um uso de mais de cinco ou seis meses. Para o rapaz havia ainda um outro indício: na lapela do lado esquerdo, pelo avesso da gola, estava pregado aquele alfinete, como destinado a prender na fazenda o pé de alguma flor colocada na casa do paletó. Qualquer indício, por mais insignificante que seja ou por mais pueril que possa parecer, tem sempre algum valor.

Esse para o Jereba era altamente significativo.

– Oscar nunca andou com flor ao peito! – resmungou ele convencido. Depois reconheceu imediatamente o colete e as calças: não eram as com que o moço polaco costumava andar.

Tudo aquilo se desenhava claro no seu espírito e desenvolvia nele uma série de raciocínios positivos e concludentes. Tratava-se de uma mistificação torpe e criminosa, e ele, tendo por um acaso descoberto essa trama diabólica, não queria de forma alguma pactuar com a infâmia de uma tal ação. Resolveu, portanto, correr imediatamente à casa do delegado, pôr tudo em pratos limpos. Começaria por declarar que não era do polaco o cadáver encontrado e terminaria por descobrir de quem ele era, pelo menos de quem suspeitava que fosse.

Mas, sendo assim, que interesse poderia ter o negociante – tio do seu amigo – em fazê-lo passar pelo do polaco? por que razão procurava ele desviar a justiça do caminho verdadeiro, induzindo-a

num erro, de que ela poderia escapar, se levasse mais longe as suas pesquisas ou se não tivesse essa falsa luz para guiá-la?

O Jereba franziu a testa violentamente concentrando o pensamento e de repente deu um grito de alegria e de triunfo.

– Ah! apanhei o fio da meada!

O Jereba, na sua qualidade de vadio emérito, estava senhor de toda a crônica escandalosa da cidade do Recife. Cada rua tinha para ele, a sua feição característica, e cada casa a sua história.

– Agora dê no que der! – acrescentou ele com resolução – preciso de falar com o delegado.

E cravou energicamente as esporas no vazio do cavalo que deu um salto furioso.

O Jereba não sabia nada de Jaboatão: era a primeira vez que ali ia; não conhecia nem as ruas e voltas, nem tão pouco as pessoas. Ao tornar a passar pela ponte, lembrou-se das lavadeiras e procurou-as com a vista. O rio estava deserto e somente o murmúrio das suas águas a quebrarem-se nas pedras acordava os ecos dos arredores. Era já bastante tarde e as lavadeiras provavelmente já se haviam recolhido aos seus pênates. De quem, portanto, indagar o caminho e o mais que desejava saber?

Só duas pessoas o poderiam guiar: o Hermínio ou o Justino; com aquele não devia contar de forma alguma, pois dali em diante considerá-lo-ia como inimigo. Foi portanto em busca do boleeiro, aliás seu camarada. Retomou o caminho, por onde viera e parou pouco depois em frente à casa do Timóteo e perguntou pelo cocheiro.

– Foi jantar, respondeu-lhe um preto, que estava sentado à porta.

Com esta resposta, lembrou-se o Jereba de que não havia almoçado, de que tinha corrido do Recife a Jaboatão em hora e meia e que o estômago já lhe estava dando horas. Por maior que fosse o seu desejo, ou por mais urgente que se mostrasse a necessidade de procurar o delegado, a natureza reclamava os seus direitos. A falar a verdade, o Jereba já começava a sentir no

epigastro certas contrações sintomáticas e significativas. Talvez até que os arroubos da sua imaginação e os seus sonhos de heroísmo partissem desse estado de estômago. Com efeito, é durante os mais agudos períodos da fome que a imaginação mais trabalha e frutifica.

O Jereba iria, pois, jantar onde estivesse o Justino. Não era orgulhoso e quando mesmo o fosse, a necessidade de encontrar o boleeiro obrigá-lo-ia a democratizar-se. Seria apenas um rasgo de habilidade e a aplicação prática de um princípio de alta política. Não há por aí tanto ambicioso, de raça e de instintos aristocráticos, que só é ou só afeta ser democrata porque a necessidade o força a isto para poder enganar o povo – o pobre povo – e obter dele os seus sufrágios e a sua popularidade imerecida?

– Onde foi jantar o Justino? – perguntou o Jereba.

– Aqui pertinho mesmo, sinhô – respondeu o preto – na casa de seu Zé Romão.

O preto ensinou a taberna. Jereba deu o cavalo a guardar na cocheira, recomendando-lhe cuidado e bom tratamento e, a pé, tomou o caminho da tasca. Depois do jantar iria à casa da autoridade; tinha tempo para pôr os pontos nos ii, como ele o pensava, isto é, para restabelecer a verdade dos fatos, e prestar assim um relevante serviço à causa pública.

Sob essa impressão, entrou na taberna e perguntou pelo cocheiro.

– Está lá dentro – respondeu-lhe um mulatinho que estava ao balcão e fazia as vezes de caixeiro. Vosmecê quer que o chame?

– Quero, mas primeiramente diga-me onde é que se janta aqui?

– O hotel é lá dentro! – respondeu-lhe imediatamente o rapazinho, assumindo um ar de importância. Vosmecê quer jantar?

– Quero. O caixeirinho levantou a tábua que fechava o balcão e convidou o mancebo para entrar.

– Então, faça favor.

E apontando para um corredor que ficava ao fundo, acrescentou:

– Vosmecê enfie por aí adentro. O Sr. Justino está lá.

O Jereba não pediu mais explicações e foi entrando. Uma grande algazarra feriu os seus ouvidos.

Ao redor de uma mesa comprida e francamente servida, estavam sentadas agora umas oito pessoas, entre os quais o Justino, o Bigode de Arame e o Hermínio. Comiam com apetite e animadamente conversavam acerca dos fatos ocorridos.

Servia a mesa, tirando os pratos e substituindo as comidas, uma mulata, meio acaboclada, alta e robusta, trintona já, porém de feições bonitas e de carnes ainda rijas. Metia-se de vez em quando na conversa e se algum conviva mais atrevido ou avinhado tinha a ousadia de dizer-lhe alguma liberdade ou alguma graça mais pesada ou mesmo de pôr a mão onde não devia – coisas que são naturalíssimas, em casas semelhantes – aplicava-lhe ela uma bolacha tão rápida e tão sonora, que o tratante soltava um ai! involuntário e não se atrevia a repetir o gracejo. Chamava-se Marocas; era a caseira do José Romão e alma daquela casa de pasto. Além disso era uma das melhores e mais afamadas lavadeiras do lugar.

– Mas então, perguntou ela, parando a meio caminho da cozinha; sempre se descobriu quem era o assassino?

– Não há assassino nenhum! – respondeu Bigode de Arame – o homem suicidou-se.

– Coitado! – suspirou a rapariga: vão ver que foi pru via de alguma muié!

– Talvez.

– E quem era ele, seu Bernardino, que mal pergunto?

– Era um polaco, chamado Oscar.

Justamente neste momento fazia o Jereba a sua entrada.

– Qual polaco! qual nada! bradou ele imprudentemente da porta. Aquele cadáver é tanto do polaco, como é meu!

– O que! – exclamou o Bigode de Arame que não gostava de ser contrariado – se eu o reconheci.

– E eu! exclamou por sua vez o Hermínio.

– Também eu o reconheci! – respondeu-lhe o Jereba.

– Então – exclamaram todos vendo acordo completo em tais palavras.

– Mas não é o cadáver do polaco! – concluiu o rapaz, com energia e convicção.

– Ora! – observou o José Romão como para cortar a discussão – até o Sr. Comendador o reconheceu.

– O Sr. Comendador... enganou-se! – retorquiu-lhe o Jereba.

– Enganou-se? ele? ora! – resmungou o Hermínio.

– Ou mentiu! – disse o outro friamente.

O Hermínio extremamente pálido e o Bigode de Arame, excessivamente corado, olharam-se mutuamente.

– Neste caso, de quem é o cadáver? – inquiriu o Zé Romão.

Ah! isto só o direi à autoridade competente – afirmou o Jereba com resolução.

## XXIII Princípios de pândega

Ouvindo esta declaração, fria e calculadamente feita, Bigode de Arame estremeceu violentamente e, levando o copo à boca, esgotou-o de um só trago.

O Hermínio escondeu-se com rapidez por detrás dele e em seguida escapuliu-se sorrateiramente da sala e correu, assustado e trêmulo, em procura do negociante a quem lhe ouvimos contar o ocorrido.

Mas não foi este somente o efeito produzido. A declaração assim peremptória e de mais a mais feita num tom de convicção plena e de firmeza inabalável, causou um certo pasmo em todo o resto do auditório. O Jereba aproveitou-se para sentar-se comodamente à cabeceira da mesa e fez ao mesmo tempo sinal ao Justino para vir ocupar um lugar junto de si.

Na mesma ocasião Marocas aproximava-se solícita e cuidadosa e defronte dele colocava um prato e o competente talher. O rapaz reconheceu logo a lavadeira de saia arregaçada e pernas bem torneadas que no rio, lhe ensinara o caminho do engenho.

Cumprimentou-a graciosamente

– Oh! é vosmecê? folgo muito em encontrá-la de novo!

– Apois! bem diz o ditado: até as pedras se encontram – respondeu ela sorrindo faceiramente, com o que mostrou uma enfiada de dentes alvos como maçaroca de algodão.

– Lá isso é verdade! – retorquiu o Jereba sorrindo também – se não nos encontrássemos agora, afianço-lhe que havia de procurá-la.

– A mim?

– E então! duvida?

– Iche! Se eu não quisesse, vosmecê haveria de perder o faro e não me achava.

– Quem sabe? olhe que quem procura, sempre alcança.

– Qual, meu senhor! nem sempre. Eu tenho procurado muita coisa, e nunca alcancei nada.

– Um dia cai a casa e quando você menos esperar...

O Jereba ia já modificando o tratamento. Sentia-se no seu elemento predileto, e quase que se lhe varrera do espírito a missão séria e grave que a si mesmo impusera e fora a causa principal de achar-se ele em semelhante companhia. Era decididamente um pândego a valer. Ia, pois, fazer uma observação filosófica e consoladora, quando a interrompeu bruscamente e mudando de tom, acrescentou com sofreguidão mal disfarçada:

– Mas vamos lá a saber uma coisa: que é que me dá você pra jantar?

– O que vosmecê quiser – respondeu a lavadeira, revolvendo os olhos e sorrindo – eu cozinho tão bem cuma lavo.

– Sério?

– Inor, sim. Se quiser ver, experimente. Cá em nossa casa vosmecê come tão bem cuma no hoté de Jaboação, talvez mió ainda, porque aqui ao menos vosmecê pode ter a certeza de que o comer é limpo.

– Isto para mim é uma das primeiras qualidades.

– Vosmecê verá. Que é que quer que eu traga?

– Que é que você tem?

– Peixe e carne!

– Venha carne, é mais substancial e ainda hoje não almocei.

– Ué! vosmecê está até estas horas sem comer?

– É verdade, minha cabocla! por isso apresse-se o mais que puder.

– Vou servir a vosmecê enquanto o diabo esfrega um olho.

– Sim, sim, porque, com franqueza! estou morrendo de fome. A cabocla partiu imediatamente para a cozinha.

– E vinho? – veio perguntar-lhe o José Romão, obsequioso e serviçal.

– Traga *bordeaux*, se o tem.

– Olé se o tenho! e do fino! não tem espinhas e escorrega como manteiga! – retrucou-lhe o vendilhão – quantas garrafas quer

Vossa Senhoria?

– Espere; quantos somos? – inquiriu o Jereba, relanceando os olhos pela mesa e contando os convivas rapidamente.

Os hóspedes do José Romão não estavam muito à sua vontade, a falar verdade, e para dizer as coisas como realmente são. Logo no princípio, a entrada inesperada do Jereba, com aquela interrogação intempestiva e extraordinária, produzira neles o efeito de uma bomba. Depois, os seus modos, mais ou menos desenvolto, aquela maneira, aquele procedimento de quem está inteiramente habituado às grandes reuniões e se acha bem em toda parte, o seu ar insolente e petulante, e de mais a mais a forma sem cerimônia por que travara conversação com a caseira do dono do estabelecimento, tudo concorrera para causar maiores impressões naqueles espíritos rudes e incultos, absolutamente desconhecedores das práticas da educação.

Descobriam nos modos do Jereba uns tantos indícios de pouco caso, e daí um vexame desconhecido e um acanhamento invencível a despertarem-lhes as desconfianças e a ojeriza. Do pasmo que primeiramente os havia tomado, passaram eles para esse novo estado.

Ao Jereba, porém, não tinha escapado a mudança, nem tão pouco a atitude agressiva dos circunstantes. Por isso fizera aquela pergunta.

Alguns dos hóspedes, responderam-lhe imediatamente de modo um pouco seco:

– Nós já jantamos.

– Isso não os impedirá de beber comigo uma saúde! – atalhou logo o rapaz.

– De certo! de certo! – apressou-se em acrescentar o José Romão, cujo interesse era vender o maior número de garrafas possível.

Marocas vinha entrando com uma pequena terrina de sopa fumegante e apetitosa, a julgar pelo aroma que exalava. O Jereba acrescentou logo:

– Por exemplo, à saúde da nossa bela cozinheira.

– A isto ninguém resiste! – exclamou o Justino. E, fazendo-se eco de todos, concluiu:

– Somos oito.

– Pois traga uma dúzia de garrafas, Sr. José Romão! – exclamou o Jereba com um gesto largo de generosidade – é a primeira vez que venho a Jaboação e quero beber à saúde dos filhos desta formosa vila! Ao menos, quando me for embora, estes, que aqui estão, se hão de se lembrar de mim.

Este pequeno discurso, realçado um pouco pelo tom declamatório e gestos apropriados, que o Jereba empregou para exibi-lo, e mais ainda a perspectiva de um bródio copioso e satisfatório, modificaram um pouco a impressão e a atitude dos matutos. Olhando-se, pois, entre si, aprovaram com a cabeça e começaram a indagar quem seria aquele sujeito tão franco e tão alegre.

– Aquilo! Ih! aquilo é um pândego dos diabos! – informou o Justino piscando os olhos e sorrindo.

Vieram as garrafas.

– Uma defronte de cada um! – determinou o Jereba que já tinha engolido a sua sopa – e as outras quatro, de reserva.

Fez-se como ele ordenara.

– E agora rapaziada, toca a escorvar.

Encheram-se os copos com a rapidez elétrica do relâmpago. Por essa forma o conhecimento faz-se depressa e a camaradagem não custa a aparecer. Jereba relanceou os olhos pela mesa.

– Que é do Hermínio? – perguntou ele então meio admirado.

– Saiu! – disse um dos convivas.

– Onde foi?

– Quem sabe lá! – exclamou a Marocas pondo na mesa um prato fumegante – aquele Zanolho anda sempre se escondendo.

O Jereba franziu a testa num movimento involuntário.

– Por que diz isto?

– Porque da outra vez em que ele aqui esteve, há de haver uns quatro ou cinco dias, foi o mesmo. Estava aqui com seu Zé Romão e seu Bernardino e de repente cadê seu Hermínio? tinha se metido não sei onde.

O Jereba fitava os olhos na cabocla com uma persistência extraordinária. Parecia querer ler no seu pensamento.

– Então, ele esteve aqui, há quatro para cinco dias? – inquiriu de um modo incisivo e calculado – no sábado ou...

– Foi na sexta-feira – apressou-se a responder a cabocla – até por sinal... ai!

Não pôde continuar. Interrompeu-se com um grito de dor, produzido por um enorme beliscão que lhe dera o José Romão, ao mesmo tempo em que lhe dizia de modo áspero e grosseiro:

– Ora cale-se aí! trate de servir a gente; é melhor do que estar dando a taramela.

– Vosmecê bem viu que estava respondendo ao que o moço me perguntou! – retorquiu a cabocla, lançando ao José Romão um olhar de despeito e ao mesmo tempo de ameaça.

– Qual nada! – continuou o velho – que se importa este senhor com as suas histórias?!

– Perdão – observou o Jereba – não me importo, mas desejo unicamente fazer uma pergunta.

– Oh! meu senhor! – respondeu-lhe o José Romão atenciosamente e com o respeito que se tem a um freguês que, para começar manda abrir uma dúzia de garrafas de vinho – Vossa Senhoria pode fazer quantas quiser.

E, ao mesmo tempo, puxava o vestido de Marocas de uma maneira significativa e como lhe dizendo:

– Toma sentido no que respondes.

– Que é? – perguntou a cabocla.

– Você viu para que lado tomou o Hermínio? – inquiriu o Jereba.

– Ele arrodou aqui por detrás cumo quem vai para a ponte das Duas Unas, lá prá bandas da casa de seu delegado.

O Jereba sobressaltou-se de novo, fitou os olhos perspicazes e incisivos na cabocla; não havia coisa alguma de notável na sua fisionomia; nem a mínima alteração. Dissera aquilo com a naturalidade das coisas verdadeiras.

– Teria o Hermínio ido avisar o delegado – pensou o Jereba – mas com que fim?

E como ignorasse que o negociante estivesse em casa da autoridade, de nada desconfiou daquele momento, ou pelo menos adiou qualquer investigação para depois do jantar.

– Meus amigos! – prosseguiu então, dirigindo-se aos convivas – os copos estão cheios e, para começar, bebamos a saúde de...

Voltando-se para a cabocla e pondo a mão familiarmente no seu braço roliço, perguntou-lhe:

– Vosmecê como se chama?

A cabocla, àquele contato inesperado, estremeceu suavemente, e respondeu com o riso nos lábios:

– Maria da Conceição, uma sua criada.

– Pois, meus senhores – prosseguiu o Jereba com entusiasmo – a saúde de D. Marocas! Hip! hip! hip!

Os rapazes levantaram-se num ímpeto de alegria e deram uníssonos um grito:

– Hurra!

– Cadê um copo pra mim! – gritou a cabocla toda risonha e corada.

O Jereba ofereceu o seu.

– Beba aqui mesmo! – exclamou ele.

E, aproximando-se um pouco mais como para entregar-lhe o copo, acrescentou muito baixinho:

– Preciso muito conversar com vosmecê.

– Sim! – respondeu imediatamente a cabocla no mesmo tom.

E, recebendo o copo que lhe era oferecido, agradeceu, sorrindo, o brinde dos seus hóspedes.

Entretanto, o Jereba inclinava-se para o Justino e dizia-lhe ao ouvido:

– É bom ter-se conhecimentos em toda parte.

No mesmo momento entrava o Hermínio tão sorrateiramente como havia saído, e aproximando-se de Bigode de Arame, lhe dizia à puridade.

– Temos que conversar; assim que poderes sair, procura falar-me.

– É urgente? – perguntou o outro sem se voltar e fingindo que levava o copo aos lábios.

– Urgentíssimo.

– Daqui a pouco irei.

– Há dinheiro a ganhar.

– Então, é já.

Assim dizendo, Bigode de Arame afastou-se da mesa e, aproveitando-se da confusão que começava a reinar entre os convivas, saiu da casa em companhia do Hermínio. José Romão acompanhou-os de longe, procurando não os perder de vista um só instante.

Nesta mesma ocasião o pobre do Jereba trocava olhares ardentes com a cabocla.

## XXIV Preparativos de um crime

O Hermínio e o Bigode de Arame não saíram da sala pela venda, o que poderia dar em vistas, mas sim pela porta do quintal. Era já noite cerrada: iluminavam-na apenas as cintilações longínquas e trêmulas das estrelas e a luz fosforescente dos vaga-lumes que esvoaçavam de arbusto em arbusto.

Apenas ganharam o quintal, dirigiram-se apressadamente para o fundo, evitando cautelosamente o espaço esclarecido pela onda de luz que saía pela porta e formava no chão como que uma esteira ensanguentada. Ao chegarem ao fundo, encobriram-se numa basta touceira de bananeiras e começaram a conversar.

– Que há de novo? – perguntou o Bernardino apreensivo por aquelas maneiras do amigo, misteriosas e cheias de cautela, mas ao mesmo tempo satisfeito por conhecer que se tornava necessário e que por consequência poderia fazer valer o seu préstimo ou o seu concurso.

O amigo pô-lo imediatamente ao fato do que se passara entre ele e o Comendador.

– Você fez bem em ir avisar; mas agora pergunto-lhe eu: qual é o seu plano?

– É uma coisa muito simples e, ao que me parece, completamente eficaz – respondeu o Zanolho com toda a naturalidade de quem conta um rasgo de virtude ou de quem combina um negócio muito lícito.

– Vamos ver se merece o meu assentimento, porque segundo penso, precisa-se de mim para levar a efeito esse tal plano, observou o outro.

– Sem dúvida. Você tem de desempenhar um dos mais importantes papéis.

– Por isso mesmo, – previno-o desde já, – exijo para mim a maior parte da paga.

O Hermínio tossiu duas ou três vezes visivelmente embaraçado. O Bigode de Arame continuou:

– Não tem de que se engasgar. Você bem sabe que eu não trabalho de graça: não sou pai nem mãe de ninguém. Estou pronto a servir a qualquer um, a tirá-lo de qualquer aperto e livrá-lo de qualquer embaraço, mas – sou franco e positivo – custa caro. Cá o filho de meu pai não arrisca a pele por qualquer dá cá aquela palha, não, Sr. Portanto deixe-se de tosses; não se engasgue e ponha os pontos nos ii. Quanto me pode render a coisa?

– O que você quiser, contanto que seja um trabalho limpo e asseado.

– Que eu quiser? – murmurou o Bernardino, faiscando-lhe os olhos de cobiça e de alegria – isto é sério?

– Muito sério; creio que você não tem razão para duvidar; e da outra vez...

– Lá isso é verdade.

– Pois então está feito?

– Está feito; vamos agora ao seu plano...

O Hermínio aproximou-se mais do companheiro e começou a falar-lhe animadamente, embora a meia voz. Bigode de Arame ouvia-o atentamente, e de vez em quando abaixava a cabeça num movimento ponderado de aprovação. Estavam tão embebidos na conversação que não perceberam aproximar-se deles um vulto que caminhava cautelosamente e sutilmente. Quando o Hermínio terminou ou pareceu terminar a exposição circunstanciada do seu plano, o companheiro exclamou, com verdadeira sinceridade de admirador.

– Você é um homem dos diabos, compadre!

– Então? – perguntou o outro com certa vaidade e com um riso de superioridade a frisar-lhe os lábios pálidos e delgados – não acha que é bem combinado?

– Perfeitamente.

– Você bem sabe: o Jereba é jogador.

– A quem o diz você? é um jogador de todos os diabos. Por um mererezinho vai longe, e se a fortuna o estiver bafejando um pouco, então não larga o lasca nem que o diabo estoure.

– Portanto, meu caro, mãos à obra! – tossiu o Hermínio como ponto final.

– Mãos à obra! – repetiu o outro com um eco.

Os dois amigos saíram da espécie de esconderijo, em que se achavam, e iam tomar o caminho de casa, quando, ao transporem a última touceira de bananeiras, foram esbarrados por uma mão que os segurava, e por uma voz irônica e zombeteira que lhes feriu os ouvidos:

– Alto lá, meus maganões! Não contavam comigo, hein? Isto não é de amigos!

Os dois recuaram, ao princípio, assustados pela surpresa, mas tranquilizaram-se logo ouvindo a voz do novo personagem.

Era o José Romão que os havia seguido de longe e que, aproximando-se pouco a pouco e sorrateiramente, se ocultara por detrás das bananeiras e ouvira tudo.

O Hermínio foi quem primeiro lhe respondeu:

– Não nos acuse ainda, compadre, nós íamos procurá-lo.

– Mas não me chamaram – observou o vendilhão num tom acre de censura.

– Para não dar nas vistas – retorquiu-lhe logo o Hermínio. Você não é de mais, pois sabe o que há e pode avaliar o perigo que nos ameaça.

– A mim? nenhum.

– De acordo; mas a nós...

– Ah!... quanto a isto, safem-se lá como quiserem.

– Mas você também ajudou a dizer que o cadáver era do alemão.

– E isto continuarei a afirmar sempre. Com o mais é que não tenho nada. De quem realmente seja o cadáver isto é que eu não

sei, nem quero saber. Como ele foi ali parar e a razão por que ali está, também não é da minha conta.

O Zanolho tossia desesperadamente:

– De acordo – disse a gaguejar – mas nós queremos e devemos querer que se mantenha a verdade e por isso vamos fazer com que não venha um intrometido transtornar os nossos negócios inventando e dando curso a uma mentira escandalosa, compreende?

– Perfeitamente – respondeu o José Romão com toda a fleugma. Vocês podem até matá-lo, mas não na minha casa. Não quero comprometer-me aos olhos da justiça, a quem respeito, e dos meus patrícios, que me fazem o favor de ser meus fregueses. Arranjem, portanto, o seu par de botas onde quiserem.

– Seja! – murmurou o Hermínio, com um riso fino de velhaco.

Ao mesmo tempo, porém, passou o braço pelo pescoço do velho e falou-lhe a meia voz:

– Em todo caso, contamos com o seu auxílio.

– Isso é conforme.

– Você não perde nada.

– E ganharei alguma coisa?

– Isso também é conforme.

– Explique-se.

– Se nos auxiliar bem...

– Fá-lo-ei, contanto que não me comprometa pessoalmente.

– Não se há de comprometer, descanse.

Assim dizendo, enfiou o braço pelo do taberneiro e levou-o de novo para o pé de Bigode de Arame, encaminharam-se então para a sala da casa de pasto. Apenas, porém, se afastaram eles, de uma touceira de bananeiras ergueu-se sutil e vagarosamente um outro vulto e murmurou entre dentes com uma expressão de indignação e de raiva:

– Miseráveis!

Depois encaminhou-se também para casa, sem perder, nem por um momento, os três tratantes de vista. Estes, porém, nem sequer haviam suspeitado a sua presença.

Entretanto, enquanto assim se tramava e se combinava nas trevas um plano contra o Jereba, – talvez um plano de extermínio – acabava este de jantar tranquilamente, enlevado na beleza máscula e corpulenta da cabocla e excitado pelos seus olhares feiticeiros e provocadores. Contudo não se esquecera da missão que a si mesmo se impusera, e indagava do Justino, onde morava o delegado e como poderia falar-lhe com brevidade e segurança.

– Hoje não é mais possível – respondeu-lhe o boleeiro; já é tarde e você iria incomodá-lo sem necessidade ou mesmo inutilmente.

– Ora! por esperar não perde nada. Basta que você lhe conte tudo amanhã pela manhã, antes da audiência.

O Jereba pensou por alguns instantes.

– Sim – concordou ele afinal! – você tem razão; amanhã tenho tempo. Tanto mais quanto, talvez que, daqui até lá, eu descubra mais alguma coisa.

Com efeito, o que a cabocla lhe dissera acerca da estada do Zarolho na vila quatro dias antes, interessava-o mais do que poderia parecer, principalmente depois que as suas declarações haviam sido interrompidas tão insólita e bruscamente pelo velho José Romão. O Jereba fizera desde então firme propósito de arrancar da lavadeira até a última palavra daquele enigma, pois para ele era claro que ela sabia mais do que dizia. Foi mais por esta razão, do que por um motivo de concupiscência inconfessável e mal permitida, que o rapaz lhe pedira uma entrevista.

Ora, deixando para o dia seguinte o seu encontro com a autoridade policial, talvez que ele pudesse adiantar mais alguma informação. Encontrar-se-ia, pois, com a cabocla àquela noite mesma e, custasse o que lhe custasse, fá-la-ia falar, tanto mais quanto se lhe afigurava ser isto uma tarefa de fácil execução. Esperaria, portanto. Tinha tudo a ganhar e nada a perder.

Mas lembrava-se afinal de uma coisa que até então em nada o preocupava – como realizar a sua entrevista com a cabocla? Se conhecesse Jaboação, a sua topografia, a localização e posição exata da casa, em que se achava, ser-lhe-ia fácil, senão achar, pelo menos procurar os meios de realizar esse encontro. Estranho, porém, como era naquele lugar, absolutamente ignorante dos usos e costumes da habitação, bem como dos seus moradores, como sair-se? Só a própria cabocla é que poderia indicar-lhe, proporcionar-lhe esse meio. O jantar havia findado já, mas a confusão reinava ainda entre os convivas, efeito do vinho copiosamente consumido. Era uma boa ocasião para aproximar-se da lavadeira sem reboços. O Jereba procurou-a, pois, por toda a sala e não a viu. Estranhou aquela ausência, porquanto a cabocla lhe havia testemunhado tanta ternura e simpatia que parecia impossível poder separar-se dele tão depressa.

Voltou-se então para o Justino:

– Onde diabo se meteu a Marocas? – perguntou ele a meia voz.

– Não vi, não! – respondeu o cocheiro, olhando para os quatro cantos da casa.

E, fitando o rapaz de uma maneira significativa e cheia de malícia, murmurou-lhe:

– Ah, seu maganão! seu sedutor de uma figa!

O Jereba torceu o bigode de um modo enfatuado.

– Ora! – murmurou ele erguendo os ombros, como quem diz:

– Que tem você com isto?

Mas o Justino continuou, sem fazer caso dessa mímica nem daquela manifestação de vaidade e de basófia:

– Abra os olhos: você aqui não está no Recife, está em Jaboação.

– Isso sei eu.

– E matuto é gente muito desconfiada. Além disso, sinhá Marocas tem dono e seu Zé Romão é ciumento como todos os diabos.

– Pois comigo perde seu tempo. Gosto da cabocla como um espécimen de mulher, mas respeito muito o direito de propriedade.

– E faz bem; os nossos matutos, neste ponto, são intransigentes. Boliu com eles, ou brinca a faca ou ronca o bacamarte.

– Isso sei eu. O meu negócio com a cabocla é outro.

– Neste caso...

– Mas onde diabo se meteu ela? querem ver que saiu?

Com efeito. Apenas acabara a sua tarefa de servir ao Jereba – tarefa que, aliás, abreviara e apressara de uma maneira extraordinária – a cabocla retirou-se para a cozinha e daí desaparecera. Fora o caso que ela percebera a desapareição furtiva e depois a chegada sorrateira do Hermínio; apanhara, não a conversa, mas o encontro deste com o Bigode de Arame e depois a saída sutil e misteriosa de ambos, seguidos de perto pelo José Romão. Levada então por esse instinto, por essa espécie de presciência que é na mulher um quase que sexto sentido, por mais ignorante e inculta que ela seja – adivinhara que havia qualquer coisa de importante e, já por isto, já por impulsos de curiosidade inata no coração feminino, apenas viu-se livre do serviço, correu à cozinha, galgou o parapeito da janela e, cosendo-se com a cerca, foi, pé ante pé, colocar-se justamente por detrás do grupo. Não perdera uma só palavra do que haviam dito, nem uma só variante do plano do Zanolho. Quando os três voltaram para casa, levantou-se ela então, entrando pelo mesmo caminho por onde saíra.

Já os três se achavam na sala, misturados com os outros e animando-os vivamente. Com efeito, o entusiasmo dos rapazes não havia arrefecido um só momento e as doze primitivas garrafas de *bordeaux* já tinham sido substituídas por mais seis que o Justino mandara vir e por outras tantas que o Jereba oferecera.

A pândega, portanto, continuava cada vez mais animada. De repente, Bigode de Arame ergueu a voz.

– Isto só acabava bem de uma maneira. Era se a gente arrumasse aí um mererezinho barato, só para divertir...

– Apoiado! apoiado! gritaram diversas vozes.

Houve um momento de maior confusão. A cabocla aproximando-se do Jereba, atirou-lhe ao ouvido estas palavras:

– Vá no quintal já.

E voltou rapidamente para a cozinha. o Jereba levantou-se imediatamente para sair.

– Hein, Jereba? – gritou-lhe o Bernardino do outro lado da mesa. Que achas?

Voltaram-se todos para o rapaz. O Jereba parou como para responder e olhou para ele. Estava de frente para a cozinha, para a qual todos os mais davam as costas.

Ao passo pois que fitava o Bigode de Arame, via também desenhar-se na porta da cozinha a figura da cabocla que lhe fez com o dedo um sinal negativo e outro apontando-lhe com insistência para o quintal. O rapaz compreendeu ou antes adivinhou imediatamente as intenções da cabocla.

– Já lhe respondo! – disse ele – espere um pouco por mim.

E saiu apressadamente para o quintal, tomando direção do fundo. Na sala o Hermínio dizia ao amigo:

– Ele cai! ora se cai! aquilo por um *lansquenet* vai longe.

O Jereba seguia pelo quintal, falar verdade, sem direção e ao deus-dará; de repente ouviu para um lado um psiu! discreto e comprimido. Voltou-se logo e encaminhou-se para um vulto de mulher. Era Marocas.

– Você previu os meus desejos! – disse o Jereba, apenas se achegou a ela, pegando-lhe nas mãos com modo familiar e amoroso – preciso muito conversar com você.

– Agora não é possível! – respondeu rapidamente a cabocla – Vosmecê onde vai dormir?

– Não sei ainda.

– Durma aqui mesmo. Seu Zé Romão tem cama na outra casa de junto.

– Pois bem, e quando poderei falar-lhe?

– Eu vou ter com vosmecê. Quando se deitar, deixe a porta aberta.

– Obrigado.

– Agora, quero dar um conseio a vosmecê: não jogue hoje, não.

– Quer que eu não jogue? por quê? – inquiriu o rapaz um pouco admirado.

– E cá por uma coisa – respondeu-lhe a rapariga com verdadeiro enleio – mas se vosmecê me quer bem...

O Jereba não pôde deixar de sorrir.

– Ora se quero! e muito!

– Pois eu lhe peço que não jogue hoje, é só hoje! Por vida de sua mãe. Era tão suplicante a sua voz, que o Jereba ficou impressionado.

– Mas, por quê? – insistiu ele.

– Não lhe posso dizer agora, quando eu for lá, lhe digo. Vosmecê promete?

– Ora, Marocas...

– Se não prometer, eu não vou.

O rapaz teve receio de que ela cumprisse a ameaça.

– Pois bem – apressou-se a dizer – prometo.

– Agora, se vá embora e até logo.

– Até logo!

A cabocla desapareceu e o Jereba, pensativo e intrigado, voltou de novo para a sala. Ao entrar, Bigode de Arame reiterou-lhe a pergunta.

– Não! – respondeu o rapaz – hoje não jogo.

O Hermínio, o Bigode de Arame e o José Romão olharam-se espantados: o Jereba recusava jogar!

E por quê? – perguntou o Bernardino – não tens dinheiro? se é por isto eu te empresto.

– Não – retrucou o Jereba – não é por isto.

– Ora, só um mererezinho! para divertir – insistiu o Bigode de Arame.

– Ou então um pacau! – lembrou timidamente o Hermínio.

– Ou mesmo um trinta e um – acrescentou o José Romão.

– Nada! – respondeu-lhe o Jereba de mau modo – decidida e absolutamente não jogo hoje.

– Mas por quê, homem? – perguntaram-lhe os dois tratantes ao mesmo tempo.

– Ora! – impacientou-se o Jereba – porque não quero.

E assim dizendo deu as costas ao grupo e foi encostar-se à ombreira da porta do quintal.

## XXV Baile ou samba?

Ouvindo aquela declaração formal e peremptória – que de forma alguma podia esperar e por isso ia apanhá-lo de improviso – Bigode de Arame voltou-se imediatamente para o Hermínio:

– E agora? – perguntou-lhe ele indeciso e meio desapontado – que se faz?

Ao mesmo tempo, aproximava-se o José Romão e do outro lado sussurrava-lhe aos ouvidos:

– Falhou a coisa; que fazer-se?

O Hermínio estava quase desanimado; fora tão imprevista e extraordinária a resolução do Jereba, que o Zarolho via de repente despedaçar-se de encontro a ela a sua combinação, julgada por si e pelos amigos completamente infalível, e com isso perdia a tramontana. Lá se ia o seu plano pela água abaixo.

Para executá-lo, para levá-lo a cabo com toda a eficácia e irresponsabilidade, era-lhe preciso que o rapaz aceitasse aquele convite traiçoeiro e se entregasse cegamente às delícias do vício abominável a que se escravizara, mais por efeito da necessidade do que por perversão natural do coração. Mas eis que todas as suas previsões e cálculos haviam falhado. O Jereba, pela primeira vez, talvez na sua vida, recusara tomar parte numa banca de jogo. Era incrível, e, a não supô-lo aliado ao diabo ou inspirado pelo céu, o Hermínio não sabia a que atribuir semelhante abstenção.

Se não tivesse tido necessidade de ausentar-se, o ladino e matreiro beleguim ficaria sabendo ou teria logo adivinhado que, em vez do diabo ou do céu, fora a mulher quem o inspirava. Ignorava tudo, e dava tratos à imaginação para descobrir um meio de remediar a derrota que sofrera, forjando outro plano pelo menos tão bom como o primeiro.

Acendeu um cigarro, que tirou de detrás da orelha, puxou duas ou três fumaças e engolfou-se numa meditação profunda e persistente. *Per fas et nefas*, era-lhe preciso obter um meio eficaz,

mas ao mesmo tempo não comprometedor, para obstar a que o Jereba se entendesse no dia seguinte com o delegado de polícia.

– Então, compadre, que decide você? – perguntou Bigode de Arame impaciente e receoso de escapar-lhe o lucro apetecido e quase certo.

– Espere – respondeu o Zarolho, como um general em frente a um campo de batalha – deixe-me pensar um pouco.

– Vai pra diante ou não se vai?

– Vai-se! O fim é o mesmo, o caminho é que mudou; deixe-me resolver. Neste ínterim, o Jereba chamava o José Romão e pedia-lhe um quarto para passar a noite – conforme aconselhara a cabocla – e recomendava ao seu hospedeiro a maior soma de comodidades possível. O José Romão desfazia-se em amabilidade e cortesias. Nunca tivera um hóspede tão ilustre, pela primeira vez, sem dúvida, via a sua humilde locanda – quase uma garapeira – transformada, pela qualidade de um hóspede, em hotel de primeira ordem. Apressou-se portanto em mandar preparar um quarto na casa de junto, onde ele próprio morava e onde alojava os fregueses que aí queriam pernoitar na passagem da Vitória para o Recife.

Marocas foi a incubida dessa tarefa e avalia-se desde já o cuidado, o zelo e a boa vontade com que se desempenhou desse encargo. Fez a cama com lençóis lavadinhos de fresco, pôs fronhas novas nos travesseiros e levou a galanteria até o extremo de adicionar aos outros o seu próprio travesseirinho de alfazema. Queimou um pouco de alecrim seco no quarto e feito isto voltou à sala para dizer que tudo estava pronto e talvez com a esperança de servir ela mesma de guia ao seu hóspede simpático. Achou a sala completamente deserta e a venda a cargo unicamente do caixeiro.

– Onde está essa gente? – perguntou ela um pouco admirada.

– Foram ao baile – respondeu o rapazinho estremunhando de sono.

– Seu Zé Romão também?

– Sim, Senhora.

– Aquele moço... que mandou abrir as garrafas de vinho...

– Também foi, sim, senhora.

Marocas deu um estremeção violento e extraordinário, e sentiu apertar-se-lhe o coração num pressentimento doloroso. Correu de novo à casa de onde saíra, mas em vez de ir ao quarto destinado ao Jereba, entrou no seu, embrulhou-se num xale de lã escocesa e resmungando palavras ininteligíveis, saiu apressadamente e tomou a direção da rua.

Todos os seus gestos e movimentos tinham o cunho inexprimível, mas característico da impaciência e do terror. Havia nela alguma coisa de febril e de resoluto. Por fim, ganhou a rua e quando aí se achou, orientou-se sem hesitação e tomou rapidamente a direção da ladeira que sobe para o largo da matriz, por detrás da igreja do Rosário, murmurando consigo mesma uma exclamação enérgica e bastante significativa, embora enigmática:

– Os miseráveis!

Eis aqui o que se tinha passado:

Apenas acabara de formular o seu pedido, o Jereba, apreensivo sempre pela insistência enigmática da cabocla, fora de novo encostar-se a ombreira da porta e entregara-se a uma série de pensamentos, a uma sucessão não interrompida de raciocínios, com o fim único de descobrir a causa que determinara a recomendação insistente da lavadeira. Não adivinhava coisa alguma.

É preciso, entretanto, confessar uma verdade. O Jereba não estava no estado normal. Conquanto o hábito imoderado das pândegas e o uso frequente das bebidas o tivessem elevado à eminente categoria de uma esponja e o tornassem por isso quilotado já, na frase picaresca dos seus amigos e colegas, contudo, a quantidade do vinho absorvido naquela ocasião, depois de um dia inteiro de jejum, do abalo de uma viagem rápida, das fadigas e das comoções nervosas, por diversas causas produzidas, fora suficiente para alterar-lhe a força e a argúcia das faculdades intelectuais. O que haviam adquirido em exaltação, tinham perdido em perspicácia. Isto mesmo concorria para que ele estivesse obtuso ao último ponto.

Por mais que fizesse, portanto, não conseguia adiantar um só passo à sua ignorância. Estava na mesma e só anelava uma coisa: ver chegar o momento apetecido do seu encontro com a cabocla, para ter a explicação daquilo tudo. Ardia, pois, de impaciência e desejava achar qualquer coisa em que entreter o tempo até chegar o momento desejado. Como o Hermínio, também ele procurava resolver um problema, estava à cata de uma incógnita.

Durava esse estado de coisa, havia já uma boa hora, quando subitamente atroou nos ares, como o estourar festivo de umas bombas, o som alegre e desafinado de uma música. O Hermínio bateu imediatamente na testa com a palma da mão e fuscaram-lhe os olhos com uma alegria louca e sem limites.

– Achei a coisa! – murmurou ele, voltando-se para o Bernardino.

E, enfiando sem demora o seu braço pelo braço do amigo, foi puxando-o para fora:

– Venha cá.

Com o barulho que repentinamente viera interromper as suas meditações e perturbar o silêncio augusto da noite, o Jereba voltou-se vivamente e perguntou admirado:

– Que é isto?

– É o baile de sinhá Nenê – responderam-lhe diversas vozes.

– É verdade! – acrescentou o José Romão – é hoje que ela festeja o aniversário; há um samba onça.

– É longe daqui? – indagou o Jereba com interesse. O Hermínio e o Bigode de Arame, ao ouvirem a primeira pergunta do rapaz, haviam parado imediatamente, levados ambos pelo mesmo pensamento.

– Não, senhor – respondeu o dono da casa – é subindo pelo oitão da igreja do Rosário, logo na primeira casa do largo da matriz, ao lado direito de quem vai. Vossa Senhoria quer ir espiar um bocadinho?

– O Hermínio apertou o braço do companheiro e murmurou-lhe quase ao ouvido:

- Se aceita, está tudo remediado.
- Não sei o caminho – respondeu o Jereba – nunca vim a Jaboação.
- Não seja esta a dúvida; eu vou ensinar.
- Então vamos – concordou o Jereba.
- Vamos todos! – exclamaram os rapazes.

E um deles, voltando-se para o Jereba, acrescentou com certo garbo e amor próprio:

- Vosmecê vai ver o que é dançar um sapateado e puxar bem uma feira. A gente do Rucife não dança memo cuma nós, não!
- Qual! – concordou o rapaz sorrindo-se com malícia – cuma vocês, só vocês memo. Vamos ao baile!

Saíram todos e seguiram para o lugar mencionado. O Hermínio e o Bigode de Arame estugaram o passo e tomaram a dianteira, animadamente conversando e discutindo. Desta vez era ainda a exposição de um plano diabólico contra o pobre Jereba.

Com pouco o grupo chegou ao lugar do seu destino. Em frente dele e no princípio do largo ou pátio da matriz, erguia-se uma casa térrea, de taipa, com três janelas de frente e com a porta de entrada no oitão. Estava toda iluminada com lanternas de papel de diversas cores e cheia de gente de ambos os sexos. Haviam-se ali reunido todas aquelas pessoas para festejar, segundo dissera o José Romão, o aniversário de Sinhá Nenê, a dona de casa.

Era ela uma mulata baixa e roliça quase com feitio de saca de lã e com feições de abóbora-menina.

Tinha a profissão habitual e confessada de parteira e acumulava o cargo efetivo de curandeira de todo Jaboação e suas adjacências, pelo que era muito estimada e considerada pela gente do lugar, a qual, por mais altamente colocada que estivesse, não se eximia à honra de apertar-lhe a mão carnuda e lustrosa, nem ao dever de tratá-la com carinho e familiaridade. Era comadre de quase toda a vila.

Tinha um gênio muito alegre e folgazão. A sua casa estava quase sempre em festas que acabavam a mais das vezes em

sambas ruidosos e barulhentos, a que davam o nome pomposo de baile. Por mais de uma vez tinham as danças sido interrompidas pelo pugilato, e as facas se haviam batido em duelo, ferindo mais de uma barriga e fazendo correr mais sangue do que vinho.

As autoridades policiais porém fechavam sempre os olhos a tudo isto. O compadresco servia de bandeira de misericórdia e a casa de Sinhá Nenê gozava por isso de uma inviolabilidade impenetrável. Daí uma concorrência extraordinária a todas as suas festas, mas também uma perspectiva infalível de distúrbios e desgraças, que a certeza da impunidade tornava mais frequentes.

Quando o Jereba chegou defronte da casa, já o Bigode de Arame e o Hermínio haviam entrado e posto a parteira ao fato da visita que ia ter. Era uma fruta rara e mesmo desconhecida naquele terreno. Apenas, portanto, avistou o grupo, saiu ela à rua, rolando e saltando com uma bola de borracha, e indo, direita ao encontro do rapaz, interpelou-o toda risos e agrados:

– Vosmecê é que é o moço que veio do Recife? É um guapo mocetão, benza-o Deus! É vosmecê?

– Sou eu mesmo – respondeu o Jereba sorrindo e admirado de ver-se já tão conhecido e popular.

– Então faça favor de entrar. A festa de Juliana Peres, por alcunha Sinhá Nenê – disse ela com um orgulho bem pronunciado e cheio de vaidade – ninguém asséste da rua. Entre. A choupana é pobre, mas porém, o agrado é de mais.

E, segurando familiarmente o braço do rapaz, arrastou-o consigo para a casa e fez na sala uma entrada explosiva e de grande sensação.

Afestem-se, minha gente! – gritava ela cheia de orgulho e de autoridade – aqui vai o moço do Rucife!

## XXVI O que tem de ser...

O Jereba foi recebido por um sussurro simpático e desconfiado. A opinião das mulheres e a dos homens divergia. Os galos velhos e os frangotes nunca veem com bons olhos a entrada de um galo novo no galinheiro. Olham-no à distância e cacarejam com ciúmes.

Além disso, o Hermínio e o Bigode de Arame já tinham preparado a opinião: as desconfianças latejavam e uma surda oposição fermentava como o fogo de um vulcão. O Jereba, porém não reparou em nada disso, e lançou rapidamente os olhos em redor; estava num verdadeiro céu aberto. Havia de tudo: desde a mulatinha cor de jambo e que cora ainda quando se fita os olhos nela, até o guajiru petulante e atrevido que, não tendo nada mais para perder, se diverte em fazer perder aos outros a cabeça. Ou não fosse o Jereba quem era, ou fugisse dali se era capaz!

Esqueceu-se logo de tudo, para só lembrar-se de um coisa: divertir-se a fartar e tirar dali o maior partido que pudesse.

Não se anda encontrando daquelas ocasiões e daquelas pândegas todos os dias.

– A senhora meteu-me no céu – exclamou ele para a dona da casa, pondo-se logo, pelo estilo, na altura da situação.

– Céu?! – retorquiu sorrindo a roliça e risonha matrona, que fazia alarde de ter espírito – Cuidado consigo! Cada menina dessas é um verdadeiro diabinho.

– Está quando eu vou direitinho para o inferno! – retrucou o Jereba – é nesta companhia.

A mulata deu-lhe alegremente uma palmada na barriga:

– Bem me disseram que você era um patusco, seu maganão! Olhe, tome conta da casa. Lá dentro tem cerveja, vinho do Porto, queijo e café; quando quiser ir lá, não faça cerimônia. Eu vou animar a brincadeira.

Sinhá Nenê afastou-se deixando o Jereba entregue a si mesmo e, rolando sempre como uma pequena pipa, foi direita a uns

músicos esgrouviados que se achavam encafudados numa espécie de alcova, a cuja porta estava pendurada uma colcha de chita encarnada à guisa de cortinado.

– Toquem agora a quadria – mandou a parteira, sempre com o seu tom de voz alegre e buliçoso.

E, voltando-se logo para a sala, com a presteza de uma bola de bilhar que bate na tabela com efeito contrário, foi pulando e gritando:

– Vamos, minha gente! Uma quadria!

Houve um movimento extraordinário de confusão. Sinhá Nenê embarafustou por entre os seus convidados, apertados como sardinhas em tigela, e, indo ao encontro do Jereba, agarrou-o de novo pelo braço, e o foi levado para um lado da sala. Ao mesmo tempo ia gritando:

– Joaninha? psiu! Ó Joaninha? Você dança aqui com o moço do Rucife.

– Joaninha era uma mulatinha, nem muito alva nem muito escura – mistura de jambo com jabuticaba – de olhos grandes e meigos, de cabelos finos e corridos, e de um certo chique elegante e feiticeiro que lhe ia a matar. Apenas ouviu as palavras da parteira, corou até a raiz dos cabelos e abaixou a cabeça pudibundamente.

Aproximou-se logo da velha um pardavasco alto e trajado de branco – o que é nos nossos matos a suprema elegância dos rapazes:

– Joaninha só dança comigo, Sinhá Nenê – observou ele num tom discreto, porém firme.

– Quê? – perguntou a roliça parteira, como se tivesse ouvido mal.

– É minha noiva – prosseguiu o sujeito – e por isso eu acho...

– Ora, não seja besta – interrompeu-lhe a dona da casa – era o que faltava.

– Mas, minha madrinha...

– Cale-se daí! Joaninha dança com quem eu quiser.

E afastando o pardavasco com a mão, empurrou o Jereba para a frente, dizendo-lhe:

– Vosmicê descurpe; esta gente nem toda tem educação!

– Mas se eu contrario aquele senhor – ia dizendo o rapaz.

– Qual! – interrompeu a velha – não faça caso; é meu afilhado.

O que ele está é com medo que vosmicê lhe tome a namorada, o maluco!

O Jereba sorriu-se com orgulho. Essa opinião lisonjeava-o, e aquele receio estimulava a sua vaidade.

A parteira apresentou o Jereba à Joaninha:

– Então! não é um par de arromba? eu só quero ver essa dança.

A música já dera o sinal para a quadrilha. O Jereba ofereceu a mão ao seu par, na verdade encantador.

– Desculpe não ter luvas – disse ele pondo na voz todo o açúcar de um emérito frequentador das salas de dança, e de um aproveitado discípulo do Batista<sup>17</sup>.

– Oxente! – murmurou a mulatinha – e percisa?

– Para segurar numa mãozinha tão delicada e vaporosa – continuou ele – quisera que os meus dedos fossem pétalas de flor.

A rapariga levantou timidamente os olhos para ele e, apinhando os lábios num sorriso mal desabrochado, deu à sua boca nacarada o feitio do botãozinho de uma rosa. O Jereba erigiu o corpo mais orgulhoso do que um rei.

– Como gosta de dançar? – perguntou ele atenciosamente – à inglesa ou à francesa?

– Eu? – respondeu a mulatinha com toda a ingenuidade – eu gosto bem repinicado.

O pardavasco alto e vestido de branco, e que seja dito de passagem, era irmão da caseira do José Romão, não tirava os olhos de cima da rapariga e ainda mais de cima do Jereba. De vez em quando torcia o bigode de um modo assustador e enraivecido. As

suas pupilas, incendiadas e cintilantes, chispavam ciúmes aos feixos.

O Hermínio não havia perdido um só de todos os episódios ocorridos: compreendera perfeitamente a verdadeira situação das pessoas e, no intuito de tirar o maior partido possível e de levar a efeito o plano infernal que concebera, aproximou-se subitamente do Otelo e murmurou-lhe ao ouvido, naquele tom que a serpente do paraíso empregou – nos tempos felizes em que os bichos falavam! – para tentar a mãe de Caim e de Abel:

– Abra os olhos com aquele sujeito! é sedutor como o diabo! Não há mulher que lhe resista, tem cada lábia.

O paradavasco estremeceu como tocado por uma máquina de Bunsen<sup>18</sup>.

Os olhos faiscaram ódio, e foi por entre os dentes cerrados que ele murmurou cheio de raiva:

– Pois comigo se engana. Eu sou cabra, mas não tenho medo de pelintra nenhum.

E lançava para o Jereba olhares irritados e provocadores.

Mas formara-se a quadrilha não sem primeiro manifestar-se uma confusão e uma desordem quase impossíveis de acalmar-se; desordem e confusão que cada vez se animavam e se aumentavam mais pelos gritos desordenados de Sinhá Nenê, dando ordens, dando risadas, dando respostas e arrumando a sua gente. Afinal tocou a música e a dança começou.

Era uma avalanche impossível de descrever. Cada um que se esmerasse em fazer melhor figura aos olhos do moço da praça. O Jereba fez verdadeiros prodígios coreográficos a cada passo novo e desconhecido, primorosamente executado, acolhiam-no uma estrondosa salva de palmas e um sem número de elogios por parte dos que eram simples espectadores e naquele estilo pitoresco e altamente retórico dos nossos tabaréus:

– Que cabra bom!

– É danado cuma o diabo!

E outras exclamações de igual jaez.

Para o fim da quadrilha, já o Jereba estava tão familiarizado com todos e todos com ele, que tratava o seu par por tu e ela a ele por você. Parecia que se conheciam há anos. Trocavam sorrisos, risadinhas e graças alegres, mútuos elogios. O pardavasco é que mordida os beijos com a fúria de um triste engaiolado, e ao passo que os olhos se injetavam de um vermelho sanguíneo, as faces ficavam lívidas e trêmulas.

– Quebra, minha dengosa! – gritou o Jereba para a Joaninha, na última parte da quadrilha, quando a mulatinha toda faceira e garbosa, peneirava numa espécie de bolero provocador e cheio de volúpias – quebra, meu bem!

– Isto é um desaforo! – bradou uma voz forte dominando todo o barulho.

Fora o pardavasco, que perdera de toda a paciência, de mais a mais incitado pelo Hermínio e por Bigode de Arame, e atirara-se para o meio do círculo, justamente na ocasião em que o Jereba ia enlaçar a cintura do seu par.

– Arrede-se! – gritou este.

O pardavasco pôs-lhe violentamente a mão no ombro como para fazê-lo parar e disse gaguejando:

– Tome um conselho de homem, vá-se embora.

– Grande promenade! gritou o mestre sala.

Os cavalheiros deram rapidamente o braço às suas damas. O Jereba afastou o pardavasco com a mão, sem responder-lhe coisa alguma, e foi tomar o braço de Joaninha. O namorado, porém, empurrou-o com violência e grosseria, atirando-lhe à cara uma palavra insultuosa.

O Jereba não era medroso, nem mofino. Por mais de uma vez havia brigado e sempre dera provas de coragem. Agarrou imediatamente o pardavasco pela gravata:

– Repita, cabra! – rugiu ele com um sangue frio aterrador, fitando bem de frente o adversário.

O irmão de Marocas também não era afeminado. Desde que era homem, nenhuma ameaça o amedrontara ou o acobardara. A

palavra insolente e aviltante, portanto, soou de novo pela sala. Jereba, porém, antes que ela fosse de todo pronunciada, estrangulou-a com uma bofetada que estrugiu como um estalo. Uma voz imprudente ou mal intencionada deu então o grito de alarma de todos os barulhos e bernardas de nossa terra:

– Haja!

Foi o Bigode de Arame que assim o fizera, instigado pelo Hermínio. Fechou-se o tempo, na frase enérgica do povo, e a confusão não teve mais limites. As mulheres gritavam por socorro e pediam misericórdia, chorando aterradas, ao passo que os homens se dividiam em dois partidos e se ameaçavam mutuamente. O Hermínio agarrou então com toda a força no braço do companheiro e murmurou-lhe apressadamente ao ouvido:

– É agora: duas polegadas de ferro; ninguém sabe quem foi e era uma vez o Jereba.

O Bernardino abaixou-se por entre a massa de gente que se revolia em confusão, gritando uns, chorando outros, alguns querendo apartar os dois contendores e outros, estumando-os, e procurou abrir caminho até o Jereba.

De repente ouviu-se um grito. O pardavasco agarrara num castiçal de vidro e o esmigalhava na cabeça do Jereba. O sangue espadanara, salpicando as paredes e as pessoas e ao mesmo tempo o pobre moço dava um grito e levando as mãos a um lado, murmurava sufocado:

– Ai! mataram-me!

Recuaram todos aterrados e como que num movimento uniforme e convencionado. Ao mesmo tempo, ao grito doloroso do rapaz, respondeu, da porta da rua, um outro grito ainda maior, verdadeiro rugido de desespero e de raiva:

– Miseráveis! Assassinos!

– Um vulto corpulento e ágil saltou na sala como um tigre. Dois braços de ferro, impelidos por uma força sobre-humana. Derrubaram as pessoas que encontraram e ampararam, ou antes,

arrebataram o Jereba no momento em que ele ia cair desfalecido e ensanguentado.

Afastaram-se todos como tomados de espanto ou de terror e o mesmo vulto, agarrando o rapaz e pondo-o ao ombro, como se fosse uma criança, tranpôs o espaço que o separava da porta e ganhou de novo a rua.

Quando, tornando a si do pasmo e do assombro que lhes causara a rapidez daquela ação, correram alguns para verificar o resultado, já o vulto se sumia ao longe nas trevas da noite carregando o seu fardo precioso.

## **XXVII Na hora do inquérito**

Em casa do delegado tudo se passara regular e sossegadamente. Depois de larga e succulenta palestra, que o negociante habilmente aproveitara para robustecer o seu prestígio e a influência que havia adquirido já no ânimo da autoridade, pretextou ele achar-se fatigado e se recolhera ao quarto que lhe fora destinado. O escrivão não levara o seu amor e o seu culto pelo parasitismo ao ponto de pedir ou de aceitar a cama que, aliás, lhe fora oferecida com toda a boa vontade e sincera franqueza, e se retirara também para os seus penates.

Ao sair, porém, não esquecera o compadre, num excesso de zelo incomparável pela causa pública, de recomendar-lhe com instância que aprontasse logo pela manhã os autos de corpo de delito, exumação, exame e tudo mais de toda a trapalhada, segundo a sua própria expressão – que se passara naquele dia memorável para ele. O Comendador não deixara passar a ocasião para reiterar o pedido de não ser mencionado o seu nome, e, com a certeza de ser atendido, despedira-se do faceto e amável escrivão prometendo lembrar-se dele quando voltasse para o Recife. Só essa promessa era suficiente para que semelhante peça da engrenagem policial da nossa terra se tornasse para o negociante maleável como um bolão de cera preta.

Por esse lado, portanto, estava o negociante tranquilo. Não era isto, porém, o que por ora mais o incomodava; tinha certeza já de que pelo delegado não adviria mal algum. Mas haviam ocorrido novos incidentes, imprevistos e tão graves, que eram por si sós bastantes para perturbar-lhe o sossego d'alma, se o tivesse realmente, e fazer-lhe desaparecer a tranquilidade, com que encarava e dirigia todos os acontecimentos de sua vida.

A fadiga, com que se apadrinhara como causa de recolher-se mais cedo, não fora mais que um pretexto, aliás, plausível e justificado, para mais depressa ficar só e poder entregar-se livremente ao curso dos seus pensamentos, sem o receio de que os

pudessem surpreender ou interpretar. Com efeito: a notícia que o Hermínio lhe trouxera, pusera-o de sobreaviso e despertara nele um susto extraordinário. Sentia empalidecer a sua estrela de felicidades, até então sempre deslumbrante; parecia-lhe ver surgir, no seu horizonte, uma nuvem negra, que ameaçava cobrir toda a atmosfera e empanar o brilho do sol de seu destino. Via as coisas quase perdidas, e isto quando as suas combinações as haviam levado a um desenlace previsto e preparado de antemão. Era para endoidecer.

Também quem era aquele homem aparecido à última hora como vomitado pelo inferno, e que vinha assim perturbar o curso dos acontecimentos e atravessar-se diante dele, como que atravancando a estrada até então lisa e de fácil acesso, por onde seguia ele desassombadamente? Não o conhecia, nem pelo nome, nem pelo apelido. Devia ser forçosamente o preposto de algum inimigo seu, mas qual?... quem?

Inimigo, verdadeiramente inimigo, só tinha tido um e esse havia morrido; quem, portanto, teria interesse em persegui-lo, em descobrir os seus segredos e em perdê-lo?

De repente atravessou-lhe o espírito uma ideia assombrosa e diabólica. Só uma pessoa poderia ter interesse real em atravessar-se em seu caminho, erguer-se diante do seu destino como uma esfinge ameaçadora, em perturbar a calma da sua vida, em feri-lo enfim: era sua mulher.

Seria o Jereba seu enviado, seu mandatário? E, se assim fosse, que grau e que qualidade de ligação poderiam existir entre ele e ela? Nunca vira semelhante homem, nunca ouvira falar nele, como é, pois, que ele agora lhe aparecia assim de repente e se dispunha a representar um papel tão decisivo e importante em sua vida? Era-lhe preciso a todo custo averiguar essa suposição e saber ao certo a parte que havia em tudo isto tomado sua mulher. Se fossem reais as suspeitas, que começavam a invadir-lhe o espírito, traiçoeiras como serpentes e incisivas como ferro em brasa, ai de Josefina! Jaime não era homem com quem se lutasse impunemente. Quem

se opusesse à sua vontade ou esmagava-o de uma vez, ou havia de sucumbir na luta, por maior e mais indomável energia que tivesse.

Estava arrependido de ter dado carta branca ao Hermínio.

– Fui precipitado! – dizia ele consigo mesmo, passeando pelo quarto a passos pesados e medidos – devia ter ido eu mesmo procurar aquele homem e tentando arrancar-lhe o segredo do seu procedimento.

Entretanto, que fazer agora?... dera carta branca ao seu *fidus Achates*, ao seu *alter ego* ... era esperar pelo resultado do que houvesse. Não podia conjecturar coisa alguma, porque ignorava absolutamente qual o meio que o Hermínio ia pôr em prática para obter o resultado desejado. Por isso mesmo impacientava-se ainda mais.

Era tarde já – quase onze horas – e o Hermínio não aparecia. Ficara de vir dar-lhe parte do ocorrido, principalmente do resultado da sua missão, e até àquela hora, nada! Cheio, pois, de impaciências invencíveis e ao mesmo tempo de cóleras surdas e abafadas, o negociante media o pavimento do quarto a passos incertos e comprimidos, sem nem ao menos lançar os olhos para o leito que, fofo e macio, parecia convidá-lo a repousar.

Esperava a cada momento ver surgir a figura sinistra do seu mandatário e não queria adormecer. Demais, não o poderia fazer, ainda que o quisesse. Estava muito agitado; debatiam-se no seu espírito muitas ideias desencontradas; excitavam-no e exacerbavam-no muitíssimas sensações desordenadas, para que o seu corpo se pudesse entregar ao descanso e a sua alma à tranquilidade do sono.

Lembrou-se, então que não lhe era muito fácil falar com o seu confidente àquelas horas. Talvez mesmo que já o Hermínio estivesse rondando a casa à procura de um meio de transmitir-lhe alguma notícia. O quarto tinha uma janela que dava para o lado da estrada. O negociante abriu-a devagar e com cautela, como se temesse despertar a gente da casa, e debruçou-se nela, investigou com o olhar todos os arredores, perto e à distância. Estava tudo deserto, apenas cortavam o silêncio da noite os sons

descompassados e alegres de uma música bulhenta. Jaime esteve muito tempo ouvindo aqueles sons. Era o samba de Sinhá Nenê, que atirava por toda parte as notas discordantes da sua alegria barulhenta e perturbadora.

De repente cessou todo o barulho; e ao mesmo tempo, no relógio da casa, soaram doze badaladas. Era, pois, meia-noite e nada do Hermínio aparecer. A impaciência do comendador tocava os limites da raiva. Para aquela demora insólita, só encontrava uma explicação: o Hermínio não pudera pôr em prática o seu plano, plano que, aliás, o negociante ignorava. Mas sendo assim, ele estava perdido. No dia seguinte o Jereba iria falar ao delegado e em tal caso nada poderiam conseguir nem a sua influência, nem o seu prestígio, nem os seus pedidos. Era para fazer desesperar. As consequências desse fato acudiam ao espírito do negociante, claras e positivas como um raio do sol e ao mesmo tempo cruéis como um remorso. Que fazer para livrar-se de semelhante situação?

Por um momento, teve a ideia de saltar a janela e ir ao encontro do Hermínio, mas como era um homem que não procedia sem muito refletir, não levou avante o pensamento. Ignorava onde estivesse o Hermínio àquela hora e reflexionou que procurá-lo, além de improfícuo e inútil, seria comprometedor e perigoso.

Poderia vê-lo, na escalada, alguém da casa do seu hóspede, ou, se escapasse desse primeiro perigo, poderiam encontrá-lo à procura de um sujeito da espécie do Hermínio e isto daria em vista com certeza. Ora, nas condições e nas circunstâncias em que se achava, devia evitar tudo quanto fosse pô-lo em evidência. Esperar era, pois, o único recurso que lhe restava.

Esperava, portanto; mas esperava ansioso, frenético, revoltado, sombrio como a fera presa numa jaula. Além disso, pejavam-lhe o espírito tristes e graves apreensões.

Passou-se assim todo o resto da noite, e quando as barras do dia começaram a romper e o rosicler da manhã principiou a tingir o cabeço das montanhas e o píncaro das árvores, ainda o negociante, com a fronte contraída e o coração oprimido, media o quarto a passos tristes e pesados.

Passara toda a noite em claro.

Davam seis horas da manhã, quando bateram discretamente à sua porta.

– Quem é? – perguntou ele, meio enfadado e não sem um ligeiro e involuntário sobressalto.

– É o café que sinhá mandou – respondeu-lhe a voz, meio abafada, mas travessa do moleque – senhorzinho já acordou?

– Espera um pouco – disse o negociante.

Correu então à cama e a desfez rapidamente, pondo-a de maneira que parecesse ter servido. O Comendador era cauteloso em alto grau e sabia perfeitamente que qualquer coisa, por mais insignificante que seja ou que pareça, pode servir de indício e de pretexto para as mais graves e mais complexas acusações. Em tudo quanto praticava, costumava sempre destruir os documentos ou os vestígios que o pudessem comprometer. Se algum lhe escapava, a culpa não era da intenção, era da imperícia.

Bateu depois com as duas portas da janela a fingir que as abria e, tirando o paletó, atirou-o juntamente com o colete para cima de uma cadeira. Só então foi abrir a porta ao moleque.

– Entra – disse ele aparentando um bocejo e estendendo os braços num espreguiçamento exagerado.

O moleque entrou atravancado com uma salva de prata, em que vinham uma chávena de café aromático e fumegante e um pratinho de biscoitos e fatias de pão-de-ló.

– Sa bençam! – murmurou ele com o riso nos lábios grossos e a alegria nos olhos vividos de criança – sinhô mandou perguntar se vosmecê quer tomar banho?

– Aonde é o banho? – inquiriu o negociante, tirando a chávena de café da salva e munindo-se de um biscoito.

– É no rio, sim, senhor – respondeu o moleque – é um banho bom que se faz besta! Agora não é nada! No tempo da festa, sim: quando vêm moças do *Rucife*, aquilo é *todo los dias* um *putici* de gente, que mete medo.

– É muito fria a água?

– Inhor, não, nem por isso. Vosmecê vai?

O negociante engolia o seu café, saboreando o biscoito e ao mesmo tempo reflexionando com madureza. Um banho frio far-lhe-ia bem, quando nenhum efeito maior lhe produzisse, com certeza acalmá-lo-ia um pouco na sua exaltação nervosa e restaurar-lhe-ia as forças depauperadas pela vigília e pelas comoções daquela noite. Apressou-se, portanto, em responder:

– Vou.

Vestiu-se e acompanhou o moleque.

Ao chegar à sala já encontrou o delegado. Cumprimentaram-se cordialmente.

– Como passou a noite?

– Oh!... perfeitamente! – respondeu o comendador, apertando a mão que o amigo lhe oferecia, e com o semblante a nadar em risos de contentamento – uma noite magnífica! Dormi como uma pedra.

– Sentiu frio?

– Nem por isso.

– Pois olhe que fez algum... lá isso fez... ali pela madrugada.

– Não o senti, talvez por estar bem agasalhado. Creio até que senti calor.

– Homessa!... é verdade que o Comendador é estrangeiro, está acostumado com os grandes frios e com o gelo lá da sua terra. Eu faço ideia, aquilo deve ser de rachar.

– Qual!... é até agradável. O delegado sorriu-se:

– Faço ideia! Mas como sentiu calor, não deve desprezar um banhozinho cá no nosso rio, mesmo porque dormir em Jaboação e não tomar um banho...

– Então, vamos a ele, mas não, nesse traje...

– É extravagante, é.

E, voltando-se para o moleque, ordenou-lhe com voz breve e imperiosa:

– Pede a sinhá um chambre e dois lençóis.

O moleque partiu como um foguete.

– Olha! – gritou-lhe o delegado – traz também um par de tamancos.

– Sim, sinhô!

– É isso, meu caro Comendador; é melhor ir à frescata. O povo aqui não repara, principalmente indo na minha companhia.

O Comendador mudou de traje e os dois amigos da véspera, cada vez mais íntimos como se já se conhecessem há anos, dirigiram-se para as margens do belo Jaboaão<sup>19</sup>, que plácido e sereno parecia dormir ainda sob o seu tapete habitual de golfos e de outras plantas aquáticas.

O banho prolongou-se por mais tempo do que era de esperar, e quando voltaram dele os dois amigos, trataram de almoçar, embora tão cedo, porque deviam estar prontos para o inquérito.

Com efeito, às nove horas estavam eles reunidos na casa do escrivão, a qual servia ao mesmo tempo de cartório e de sala de audiências da delegacia de polícia. O escrivão tinha trabalhado com toda a atividade e consciência. Achavam-se lavrados os autos de exumação e juntos a eles já estavam, competentemente assinados pelos peritos, o resultado do exame a que tinham procedido e as respostas aos quesitos que lhes haviam sido propostos.

– Está tudo conforme compadre? – perguntou o delegado quando o escrivão lhe apresentou a papelada.

– Pois então?... só falta o compadre assinar.

– Onde?

– Aqui, olhe; nessas linhas em branco. O escrivão indicou o lugar, e a nossa autoridade assinou tudo sem hesitação e sem leitura.

Feito isto, abriu a audiência e começou o inquérito.

Mas então surgiu uma dificuldade: não compareceu para depor nem o Hermínio nem o Bigode de Arame. O oficial de justiça, que os fora procurar para aquele mister, voltara sem ter dado conta do recado. Não os encontrara em parte alguma, nem em casa do

Timóteo, onde o Bernardino costumava deixar o cavalo, nem em casa do José Romão, onde às vezes pernoitava.

Indagando com insistência, conseguira, a muito custo, apenas saber que o Bigode de Arame, pela madrugada, pouco mais ou menos, montara a cavalo e seguira para Santo Antônio. Quanto ao Hermínio, ninguém lhe dava notícias dele.

## **XXVIII Volta para o Recife**

Este resultado da diligência do oficial de justiça produziu um efeito duplo. Para o delegado foi como uma ducha gelada que repentinamente lhe atirassem sobre a nuca; para o negociante tinha o aspecto sinistro de uma bomba de dinamite a estourar-lhe sob os pés.

É que aquela notícia vinha destruir diversos castelos e contrariar combinações já assentadas. O delegado ficara perplexo e sem saber o que fizesse; via desaparecer de repente as testemunhas com que contava para terminar o inquérito a contento do amigo, conforme o prometera. Estava por isso verdadeiramente aflito e agoniado. Seria forçado talvez a não cumprir a sua palavra e era a primeira vez que semelhante coisa lhe sucedia. Revoltavam-se os seus orgulhos de homem de bem, e visivelmente mostrava essa contrariedade de que se achava possuído.

Se tal era a situação da autoridade, pior afigurava-se a do Comendador. Jaime Favais estava em talas; era ele com efeito quem tinha mais o que perder. Suor frio e abundante copiosamente inundava-lhe todo o corpo, ao passo que uma palidez exagerada decompunha as suas faces. Mordia os lábios numas convulsões de raiva concentrada, e tinha no olhar uns lampejos de cólera surda e aziaga. Não era para menos. Falhavam de repente as suas combinações, tão custosamente encaminhadas, e por ele julgadas infalíveis. Estava de novo à mercê de qualquer acaso maligno, ou de qualquer insistência mesmo involuntária e sem intenção do delegado. E tudo por quê?... pelo desaparecimento incompreensível de umas testemunhas de antemão preparadas e pagas, por ele, indigitadas como aptas para esclarecer aquele negócio.

Milhares de ideias sinistras e irritantes atravessavam o cérebro do Comendador. Ter-lhe-ia o Hermínio traído, juntamente com o outro? De um miserável daquela ordem era lícito esperar tudo. Mas então por que o fizera naquele momento?... Só lhe faltava uma coisa: ver agora surgir de repente a figura sinistra, e estranha para

ele, daquele homem que tinha descoberto o cadáver e afirmado que não era do polaco. A casa do escrivão estava cheia de gente, que acorrera curiosa para presenciar o desfecho daquele caso misterioso, que tanta impressão havia causado e tão grandes sensações produzido em todo o povo. O negociante inspecionava, uma a uma, as fisionomias de todas as pessoas, que se achavam presentes e a si mesmo perguntava ansioso e aterrorizado, se não estaria ali aquele que podia fulminá-lo com uma só palavra de seus lábios. Entre os circunstantes, havia alguns dos que tinham ceado à casa do José Romão: entre eles soara já por duas ou três vezes o nome do Jereba, mas, coisa notável! Não haviam ainda transpirado as ocorrências do baile da Sinhá Nenê.

O negociante, sombrio e cada vez mais agoniado, não ocultava o seu descontentamento. Debalde procurava um meio de remediar aquela falta, e ideia alguma lhe ocorria que fosse ou que lhe parecesse aproveitável. O delegado não sabia também como sair-se; simples e bonacheirão, não era homem de grandes recursos intelectuais, nem tão pouco tinha maiores interesses em ver aquilo terminado desta ou daquela maneira. A não ser por causa do cumprimento da sua palavra e da realização da sua promessa, em nada mais o afetava o não comparecimento das testemunhas. Não podia acusar os dois indivíduos, que deixavam de comparecer, porquanto não haviam sido notificados em tempo para depor em juízo.

Entretanto, aquela situação não podia prolongar-se indefinidamente, e fosse como fosse, o inquérito tinha de prosseguir. O delegado, portanto, tomou afinal uma resolução e chamou para junto de si o negociante. Entretanto não foi sem um certo embaraço que lhe dirigiu a palavra:

- Então, meu amigo, já viu que entaladela?
- Com efeito! É uma dos diabos!
- Agora, como hei de safar-me sem comprometê-lo, isto é, sem exigir o seu depoimento?
- O meu depoimento! – exclamou o negociante, como mordido por uma víbora – isso nunca! O senhor prometeu-me formalmente...

- De acordo: mas à vista do que se passa...
- Recusarei falar.
- Recusará?...
- Absolutamente.

O delegado coçou a barba com visível indecisão e o negociante franziu a testa numa contração nervosa de meter medo. A situação era realmente embaraçosa para ambos. Felizmente veio em seu auxílio o escrivão que não se esquecia das promessas do Comendador e encontrara enfim um meio facílimo de fazer-se valer, sem despender coisa nenhuma.

– Ora, estão vocês aí a malucar por uma ninharia? – disse ele ajeitando os óculos no nariz – que é que falta?... as testemunhas?... isso arranja-se.

– Como arranja-se? – inquiriu o delegado voltando-se para ele rapidamente.

– Ora! ora! ora! Todo mundo ouviu a história que o nosso amigo o Sr. Comendador contou lá junto da cova e não faltará aí quem a repita com todos os ff e rr.

– Em todo caso – ia o negociante interrompendo – sempre são testemunhas de referência...

– Ora, meu amigo, esquece-se de que quem redige os depoimentos é o compadre e de que quem os descreve é este seu criado?... Demais, deixe a coisa por minha conta.

E, fitando o negociante com certa ternura de parasita que acha ocasião de obsequiar, e com ar de quem deseja significar que não é pessoa inútil, acrescentou todo risonho:

- Creia que desejo o mais possível obsequiá-lo.

O negociante respirou largamente, como se lhe tirassem um peso enorme de cima do peito. O delegado não deixou de ficar também um pouco aliviado. Com efeito, custava-lhe faltar a sua palavra e não obsequiar ao seu amigo. Contudo tentou objetar...

- Mas, compadre...

– Qual mas, qual nada! – interrompeu-o o escrivão com ares de zangado – ou a gente é autoridade, ou não é: se é, é justamente para servir aos amigos. Não é assim, Comendador?

– Sem dúvida – confirmou este, compreendendo perfeitamente o alcance da pergunta, e pagando-lhe na mesma moeda – mesmo porque é com amigos que a gente se acha nas ocasiões.

– Ah, qui, qui! Não se incomodem, portanto, eu arranjo tudo.

Assim dizendo, o escrivão levantou-se e pelo soldado de polícia, que servia de ordenança ao delegado, mandou chamar diversos cidadãos seus conhecidos. Não se fizeram esperar por muito tempo. Apenas se apresentaram, o escrivão, habituado como estava com as “fórmulas” e coisas da justiça e, de mais a mais há muitos anos a lidar com elas, conversou com eles e com pouco estavam prontos e aptos para dizer e jurar em juízo e sobre os Santos Evangelhos a verdade do que soubessem e do que lhes fosse perguntado.

Por volta das quatro horas estava tudo terminado sem incidente algum desagradável. Se o Hermínio e o Bigode de Arame não tinham cumprido o seu dever, desaparecendo, em compensação também o Jereba não cumprira a sua ameaça nem dera sinal algum de sua existência. As afirmações e depoimentos das testemunhas, portanto, além de contestes, foram unânimes.

O Comendador, extremamente agradecido ao delegado e escrivão, de então em diante seus amigos verdadeiros e prestimosos, não cabia em si de satisfeito. Haviam-lhe desaparecido completamente as apreensões e com elas a palidez cadavérica das faces e as rugas sombrias e contraídas da fronte.

O semblante expandia-se-lhe agora em alegria não disfarçada e o júbilo se manifestava por uma verdadeira catadupa de promessas e de obséquios em perspectiva.

O escrivão, esse é que se lambia todo, e parece até que já sentia – Deus me perdoe se não é verdade! – o perfume e o aroma dos petiscos com que pretendia regular o seu apetite em casa do negociante, quando desse um passeio até o Recife.

– Com efeito! – dizia o Comendador alegremente – nunca pensei que, demorando-me em Jaboaão, ganhasse tanto.

– Ganhasse tanto? – inquiriu intrigado o delegado – como se entende isto?

– Pois então! – concluiu o negociante – acha pouco adquirir a estima e a amizade de pessoas como Vossa Senhoria e aqui o nosso amigo, o escrivão?

– Ora, ora!...

Por instâncias da autoridade, o Comendador voltou ainda uma vez para sua casa e resolveu passar mais uma noite em Jaboaão. Não podia recusar-se a isto. Não só não queria causar suspeitas, que poderiam levantar-se caso a sua partida se tornasse precipitada, como também precisava encontrar um pretexto que justificasse cabalmente a sua volta para o Recife. Às cinco para as seis horas, portanto, sentava-se ele à mesa do seu amigo, sempre em companhia do infalível escrivão, que alegrava de novo a família com as suas anedotas e facécias habituais. Estava o jantar a terminar, quando se ouviu o galopar desenfreado de um cavalo, que foi esbarrar à frente da casa e de repente, como na véspera, bateram violentamente na porta da entrada. Voltaram-se todos naquela direção, mais ou menos assustados. O negociante sentiu afluir-lhe o sangue ao rosto e voltar-lhe em ondas para o coração. Não estava tranquilo de todo. Atravessara-lhe o espírito, com a rapidez de um raio de luz, a lembrança do Jereba; nada sabia a seu respeito, e, enquanto não tivesse uma certeza, aquele homem continuaria a ser para ele uma espada de Dâmocles, a ameaçar continuamente o seu sossego, a amargurar de instante a instante a sua vida.

O mesmo moleque do dia anterior correra a ver quem era. Encontrara, apeado na calçada e segurando as rédeas do cavalo, um indivíduo completamente coberto de pó. Travara-se então um diálogo rápido, que foi ouvido na sala de jantar e ainda mais aumentou a perturbação e as agonias do negociante.

– Que é? – perguntara o moleque, abrindo a porta e encarando o recém-chegado.

– É aqui que mora o Sr. delegado? – inquirira este ofegante de cansaço.

É sim, Sr., quer falar com ele?

– Está aqui o Sr. Comendador Jaime Favais?

O moleque abriu muito os olhos e fitou o interlocutor. Não sabia o que responder: sabia que o hóspede do seu senhor era tratado por Comendador, mas que tivesse aquele outro nome...

– Parece que procuram o amigo! – observou na mesa o delegado, dirigindo-se ao negociante.

– Com efeito, julguei ouvir meu nome. O moleque voltou para a sala.

– Estão aí procurando por um Comendador Jaime Favais.

O negociante teve um estremeamento, a que imediatamente dominou. Demais, parecia-lhe ter reconhecido a voz da pessoa que o procurava.

Pediu licença e foi até a sala da frente. Apenas deu com os olhos no cavaleiro que esperava em pé na porta, uma comoção violenta e, aliás, justificada quase embargou-lhe a voz e o fez cair.

– Pedro!... – balbuciou ele, completamente pálido – tu aqui?

O recém-chegado vestia uma libré e, vendo o negociante, tirara respeitosamente o chapéu agalado. Era o boleeiro de seu tio, o mesmo que vimos conduzir o carro que levara D. Josefina e sua filha à Passagem da Madalena.

– Sim, senhor – respondeu ele com toda a seriedade e apresentando-lhe um papel – vim trazer uma carta para vosmecê.

– Uma carta para mim? – perguntou o negociante recebendo-a e sem poder dominar o tremor convulsivo das mãos – de quem?

– De sinhô velho.

– De meu tio?... e como sabias tu que eu estava em Jaboação?

– Foi ele mesmo quem me disse.

O negociante contraiu violentamente as sobrancelhas procurando adivinhar como seu tio poderia saber uma coisa que a ninguém comunicara.

Entretanto abri-a carta e passara rapidamente os olhos pelas poucas linhas que continha.

Ei-las:

“É inútil a sua estada em Jaboatão e é necessária no Recife. Sua mulher e sua filha estão em perigo.

Venha imediatamente.

Antônio Braga”.

O negociante, ao findar a leitura, quase não era senhor de si; duas frases impressionaram-no mais que tudo: sua filha estava em perigo. Esta notícia ia-lhe direito ao coração, apesar de a situação anormal em que se achavam ele e sua família, era contudo pai e um pai sofre sempre quando sabe que uma filha corre algum risco.

A outra frase era aquela com que seu tio abria a carta: “era inútil a sua estada em Jaboatão”. Saber-a ele alguma coisa?

Estaria descoberto o seu segredo? Era-lhe, forçoso obedecer à ordem do tio e voltar imediatamente para o Recife. Contudo, interrogou o boleeiro.

– Que é que houve?

O cocheiro contou tudo que sabia, o que, aliás, era pouco e só servia para aumentar as dúvidas e agonias do negociante.

Este voltou então para a sala de jantar e desculpou-se com os amigos, declarando que era forçado a voltar para o Recife, em consequência de moléstia rápida e imprevista de pessoa da família. Entretanto como era forçado a isto, oferecia-se para levar em seu carro o ofício e os autos bem como o portador que os tivesse de entregar ao chefe de polícia; e tão boas razões apresentou, que o delegado se convenceu da utilidade de não deixar para o dia seguinte aquela remessa e aceitou o oferecimento.

Meia-hora depois, tendo pela última vez apertado calorosamente a mão dos seus amigos e de ter se despedido da família com os mais altos protestos de amizade e a consequente promessa de novo encontro mais prolongado, o comendador

retomou o caminho do Recife, sendo ele próprio o portador do inquérito e do ofício do delegado.

Tinha então por companheiro de viagem, não Hermínio, mas um soldado de polícia e ia escoltado pelo laçao de seu tio, o qual galopava ao pé da portinhola do carro.

## **XXIX Um final que promete muito mais**

Eis o Comendador a rodar de novo pela estrada de Jaboaão. Unicamente a carreira em que vai agora não é semelhante àquela corrida desenfreada e vertiginosa da véspera, que enchia de espanto os moradores da estrada e levantava em nuvens douradas o pó sutil do macadame.

Sentado ao fundo do carro e só, – porque o soldado de polícia não se julgara digno de ocupar um lugar ao seu lado e fora modestamente sentar-se à boleia, junto do Justino – apalpava ele de vez em quando o volumoso invólucro que continha os autos e o ofício e entregava-se volutuosamente à satisfação íntima que deve sentir todo aquele que acaba de conseguir a realização de seus desejos e que vê coroada de êxito qualquer empresa difícil em que se tenha empenhado.

Com efeito: o Comendador devia nadar em júbilo pelos resultados obtidos. Tudo lhe havia saído à medida dos seus desejos e conforme deliberara a sua vontade potente e vigorosa. Nunca se realizara com tanta propriedade o célebre prolóquio presunçoso: querer é poder.

Se por momentos chegara a abalar-se a sua fé e estivera quase a soçobrar e a sucumbir o seu ânimo varonil, passara tudo com a rapidez do pensamento e de novo erguia-se ele mais arrogante do que nunca. Com esse primeiro triunfo, julgava-se invencível. Daí por diante não recuaria ante luta alguma e, parecia-lhe, tinha convicção íntima de que sairia de todas vitorioso e triunfante.

Estava, portanto, quase tranquilo. Era portador das provas irrecusáveis da identidade do cadáver encontrado nas capoeiras do Engenho Suaçuna. À vista daqueles autos, ninguém podia duvidar mais de que o homem morto e ali abandonado fosse o polaco – aquele infeliz sem família, sem amigos e sem cônsul, que por ele indagassem e que, feridos pelo seu súbito desaparecimento e pela sua perda, procurassem descobrir o mistério desse desaparecimento ou tentassem tirar uma vindita.

De mais a mais o suicídio achava-se quase provado. O Comendador tinha o meio de prová-lo completamente e, apenas chegasse ao Recife, servir-se-ia desse meio. Seria o tiro de honra dado naquele incidente. Feito isto ficaria então completamente tranquilo. Nada no mundo seria capaz de perturbar a doce paz de seu espírito.

Nada?... e o Jereba?... o Comendador supunha-o morto. Conhecia de sobra os homens, a que fizera seus auxiliares, para saber que não deixavam nunca em meio-caminho uma empresa começada. Além disso, se assim não tivesse sucedido, como explicar o não comparecimento do rapaz para revelar o que sabia e esclarecer as suas suposições? Decididamente o Hermínio havia cumprido a sua palavra e até mesmo o seu não comparecimento a audiências poderia ser uma prova dessa asserção. Naturalmente havia fugido para longe do lugar onde consumara mais aquele crime, a fim talvez de não despertar suspeitas, e o comendador em nada se surpreenderia, se ao chegar ao Recife, encontrasse o seu amigo fiel e confidente prestimoso. Aplicava o mesmo raciocínio ao Bigode de Arame e dava-se por satisfeito. Não seria, portanto, do Jereba que lhe adviria mal algum.

Contudo, não estava tranquilo de todo. Surgiam-lhe no espírito novas apreensões, e outras ideias assustadoras. Se nenhum mal poderia advir-lhe da parte do Jereba, não sucedia o mesmo da parte das pessoas que o negociante supunha terem instigado o rapaz e o posto em seu encalço. Era preciso preparar-se para lutar com sua mulher. Conhecia de sobra a energia do seu caráter e a independência de sua vontade. No dia anterior, antes de partir para Jaboatão, tivera uma prova disto e fora testemunha de uma cena e de uma resolução que nenhuma dúvida deveriam ter deixado em seu espírito. Sabia, além disso, que ao lado de sua mulher, se achava uma outra vontade de ferro, uma outra energia máscula e invencível – sua filha.

Se por um lado, pois, estava sossegado; pelo outro, era permanente o seu estado de sobressalto. A luta não estava

terminada e devia recomeçar sempre; unicamente mudava de terreno e de meios, talvez.

Não era isso só, havia recebido uma carta de seu sogro e duas frases o tinham impressionado vivamente. Tirou o bilhete do bolso e releu-o com todo o vagar e atenção.

“É inútil a sua estada em Jaboatão, e é necessária no Recife” – tais eram as primeiras palavras do bilhete, que terminava por uma ordem seca e terminante: – venha imediatamente!

Aquelas frases, pareciam não só conter uma insinuação maliciosa, como também ocultar mais do que diziam. Para qualquer pessoa, teriam um sentido vulgar; para o Comendador, porém, possuíam um alcance misterioso que o amedrontava. Saberá seu sogro o que o tinha trazido a Jaboatão? E se soubesse, correria ele, Jaime, algum perigo no Recife?

O negociante franzia os sobrolhos convulsamente e parecia querer arrancar do próprio cérebro a verdade das suas suspeitas, a realidade das suas dúvidas. Pensou muito. De repente exclamou por entre dentes:

– Não! não sabe coisa alguma! não pode saber! e se souber ou pelo menos desconfiar, eu saberei também destruir-lhe completamente não só a desconfiança como até mesmo a própria crença. As minhas cautelas foram bem tomadas e os indícios e circunstâncias perfeita e convenientemente reunidos e dispostos por aquele patife do Hermínio.

E ria alegremente o Comendador. Depois continuava no seu resmungado solilóquio:

– Meu sogro não sabe nada: escreveu-me por causa do perigo em que se acham minha mulher e minha filha. Mas... que perigo será esse?

Aí, porém, é que naufragava completamente a sua inteligência. O que o laçao contara pouco ou nada adiantava, porquanto também este ignorava a verdade completa. Era debalde que o negociante procurava uma explicação satisfatória. Não havia raciocínios que o pudessem orientar, nem levá-lo a um resultado

lógico e possível. A menos que não fosse um vidente ou que adivinhasse, era-lhe impossível atinar com a verdade. Para isso seria preciso que soubesse de tudo quanto se havia passado, desde a sua partida do Recife; pelo menos daquilo de que já demos conta ao leitor.

Mas – força é confessar – durante a noite e o dia que decorreram depois do duplo acidente de Josefina e Clotilde, se haviam passado tantas coisas extraordinárias, que, se realmente o Comendador tivesse conhecimento delas, não estaria com o ânimo tão tranquilo, nem raciocinaria tão calmamente no fundo do carro que o levava para o Recife.

Ignorava, por exemplo, que seu sogro, o velho Comendador Antônio Braga, acudindo ao chamado do chefe de polícia, fora na manhã daquele dia até a Secretaria, e aí tivera com ele uma larga conferência, da qual resultara a carta que o negociante recebera.

E, como esta, muitas outras coisas, de que mais tarde serão os leitores fiel e religiosamente informados.

A ignorância do negociante, porém, e a impossibilidade em que estava de atingir o verdadeiro sentido da carta do seu sogro, traduziam-se por uma impaciência crescente e por uma contrariedade visível.

Puxou a aba da farda do boleeiro e perguntou-lhe meio irritado:

– Falta muito ainda?

– Não, senhor – respondeu o Justino, voltando-se um pouco e interrompendo a conversação que mantinha com o soldado desde o princípio da viagem.

– Onde estamos? – tornou a inquirir o negociante.

– Em Tejipió.

– Isso é o diabo!... estamos ainda no meio do caminho.

– Se o patrão quer que vamos mais depressa...

– Sem dúvida – a tudo e a mais!

– Eu pensava que o patrão agora não tinha pressa.

– Hein!?...

– Já se concluiu o negócio...

E assim dizendo, como por demais, o Justino deu um estalo com a língua e fustigou os cavalos.

O Comendador estremeceu violentamente e, como se tinha levantado para falar com o boleiro, caiu sentado no fundo do carro. É que a resposta dada pelo Justino ferira-o em cheio, como uma bala certa. Dar-se-ia o caso que aquele cocheiro tivesse compreendido o motivo real que levava o negociante a Jaboaão? Verdade ou não, há certas coisas com as quais o melhor é não levar muito longe as investigações. Aquela era uma dessas. Foi, portanto, o que fez o negociante: não se deu por achado.

Uma hora depois, entrava o carro no Recife. Era noite já; não obstante, o negociante não quis apear-se à porta de casa. Mandara o carro seguir pela Rua da Concórdia, hoje Marquês do Herval<sup>20</sup>, e fê-lo parar justamente no lugar, naquele tempo descampado, mas em que está hoje edificada a esquisita e acaçapada *gaiola* arquitetônica que se chama *Escola Modelo* e onde funciona o Instituto Arqueológico<sup>21</sup>.

Ao apear-se, o negociante procurou o laçao, que viera galopando à portinhola do carro, como se o escoltasse e não o viu. Perguntou por ele e o Justino afirmou que tinha ficado pouco atrás. O Comendador não ligou mais importância ao fato. Entretanto a verdade era que, ao chegar à praça da Concórdia, ou Porto das canoas como ainda se chamava, e ao ver o carro parar, dera o laçao de esporas no cavalo e atravessara a todo galope a ponte que liga o Bairro de Santo Antônio ao da Boa Vista a qual – seja dito de passagem – não era a que hoje existe, de ferro e elegante, mas a antiga, de madeira e ainda com os célebres bancos laterais, onde se sentavam, desde as ave-marias, os velhos críticos da terra que tesouravam sem piedade a vida dos seus semelhantes e atassalhavam muito honestamente a honra das pobres famílias que tinham a desgraça de passar por ali de tais horas em diante.

O Comendador dirigiu-se então ao soldado:

– Vai você entregar o ofício e os mais papéis hoje mesmo, camarada?

– Sim.

– Então, tome-os lá, e cuidado; não os vá perder.

– Deus me livre!

– Bem. E agora tome lá para comprar um maço de cigarros;

Assim dizendo, o Comendador depôs na mão que o soldado lhe estendera espalmada, como mão de mendigo e num gesto de moço de recados, uma cédula de cinco mil réis. O soldado quase o abraçou pelos pés.

– Você, procure-me amanhã – disse o negociante ao Justino.

Depois seguiu para casa apressadamente. Tinha muito o que fazer e, além disso, instigava-o a curiosidade que lhe despertara a carta de seu sogro. Ao entrar na loja, só encontrou os caixeirinhos:

– Que é do Sr. João? – perguntou ele secamente.

– Saiu, sim, senhor.

– Há alguma novidade?

– Não, senhor.

Com efeito, os caixeirinhos não sabiam de coisa alguma. O Comendador subiu então ao primeiro andar e só depois de muito bater é que conseguiu que lhe abrissem a porta. Em casa só estava a escrava.

– Onde está tua senhora? – perguntou o negociante franzindo as sobrancelhas e notando o silêncio tumular da sua habitação.

– Ainda não voltou, não, senhor – nem ela nem sinhazinha.

– Há alguma novidade?

A escrava também não sabia de coisa alguma, respondeu, portanto, negativamente. O negociante limitou-se a pensar.

– Realizou a ameaça; retirou-se para a casa do pai e lá ficou. E, depois de uma pausa refletida, porém curta, acrescentou:

– Tanto melhor.

Dirigiu-se então para o seu gabinete, acendeu o bico de gás que ficava por cima da secretária e abriu-a imediatamente. Tirou tudo quanto era necessário para escrever e de entre uns papéis, que estavam amassados, extraiu uma fotografia em porcelana – processo, aliás, ainda desconhecido entre nós naquele tempo –, mirou-a por alguns minutos com visível satisfação.

– É isto mesmo! – disse ele por fim pondo-a sobre a secretária.

Sentou-se em seguida e começou a escrever cuidadosamente uma carta, disfarçando a letra o mais possível. Estava tão embebido nesta tarefa que não ouvia ou não prestava atenção a coisa alguma que se passasse ao redor ou ao pé de si. Finda a carta, fechou-a juntamente com a fotografia em um envelope de tamanho regular e, sempre com a letra disfarçada, sobrescreitou tudo para o chefe de polícia.

– Depois disto! – murmurou então cheio de si, com plena convicção de uma vitória – veremos se haverá ainda alguma dúvida a respeito da identidade do cadáver!

– Não! – respondeu-lhe da porta uma voz severa e trêmula, porém cheia de ironia – não haverá dúvida alguma! O cadáver de Suaçuna é o cadáver do polaco!

O Comendador ergueu-se de súbito como um autômato, de cabelos eriçados e no cúmulo do assombro. Não estava só! Voltou-se rapidamente para a porta, lançando mão de um revólver, mas, dando um grito rouco e estrangulado, recuou aterrado como se tivesse diante de si uma aparição fantástica e medonha.

Em pé na porta, com o rosto severo e o olhar cheio de cóleras, estava, de braços cruzados, o venerando Comendador Antônio Braga.



Segunda parte

# O segredo de família

## I Celeste

Como é que o venerando e honrado Comendador Antônio Braga, a quem – o leitor deve lembrar-se – deixamos no quarto de Celeste, tendo a seus pés a neta desmaiada, se achava agora em pé à porta da alcova do genro, tão a propósito para responder-lhe e para fulminá-lo com a sua presença terrível e inesperada!

Que motivo o havia conduzido até ali, àquelas horas, e quais as causas verdadeiras que o tinham levado a escrever a Jaime Favais, carta que o chamava tão urgente e imperiosamente de Jaboaão? Finalmente que perigo ameaçava realmente a sua mulher e a sua filha?

Para darmos uma resposta cabal a todas essas perguntas e ao mesmo tempo explicar natural e satisfatoriamente a presença do velho capitalista em casa do genro, por mais extraordinário que pareça semelhante fato, somos forçados a retroceder até o momento em que o deixamos na Passagem da Madalena, cheio de indignação e de cólera, correndo ao leito onde sua filha, como uma louca e no cúmulo do delírio, soltava frases incoerentes e fazia confissões incompreensíveis e comprometedoras.

Como, porém, ainda assim, ficariam obscuros muitos pontos desta história, aliás, verídica, temos de nos remontar a uma época mais remota e entrar na narrativa de fatos que têm íntima ligação com o que se tem passado, e que são como que a causal de todos os acontecimentos que fazem objeto do presente episódio, que se conservou sempre mais ou menos misterioso nos fastos das tragédias desta cidade, onde infelizmente os crimes horrorosos, que ficam impunes, são mais comuns do que vulgarmente se pensa.

Retrocedamos apenas um ano e meses e vamos encontrar alguns dos personagens desta história em um dos mais agradáveis e pitorescos arrabaldes da nossa cidade.

Estamos em pleno verão; na temporada da festa; nessa quadra do ano em que as famílias mais abastadas da nossa sociedade, e mesmo as menos favorecidas da fortuna, abandonam a capital pelo

campo e vão aí, sob o pretexto de procurar refrigério ao calor, desvencilhar-se um pouco dos incômodos pesados da etiqueta e da cerimônia, inerentes aos nossos usos e costumes citadinos.

Durante esse tempo, no arrabalde que a moda consagra naquele ano como o mais agradável e por isso o mais apetecível, os rígidos fidalgos, os honradíssimos negociantes, os esticados ou rotundos capitalistas, os bisonhos empregados públicos, os empertigados juízes, os sérios advogados, todos enfim perdem por algum tempo a fisionomia característica, que adaptam quase sempre como uma máscara convencional, abandonam a rigidez quotidiana dos seus hábitos e, esquecendo os limites do egoísmo individual, a que chamam espírito de classe, reputação, exigências de posição e de estado, conveniências, ou o que melhor nome tenham, envergam o clássico e democrático paletó de brim branco e fraternizam, humanizam-se na mais íntima e mais campestre convivência.

Famílias inteiras, que nunca se encontraram ou se deram na cidade, que mesmo nunca se falariam aí, se qualquer acaso as aproximasse, ligam-se facilmente nesses tempos de festa e muitas vezes cimentam assim amizades robustas, verdadeiras e duradouras. Outras vezes, porém, – valha a verdade – quantas desilusões e arrependimentos! Felizes ainda daquelas que voltam à primitiva indiferença, sem que tais ligações de momento produzam consequências eternas!

Verdade é que tudo nesse tempo e nesses arrabaldes parece concorrer para aquela fraternização dos indivíduos e principalmente para esse entrelaçamento das famílias: a pequenez dos povoados, o que faz com que todos se vejam, se conheçam, por assim dizer se acotovelam a cada momento e a cada passo; a comunidade de condução para a cidade e às mesmas horas; a falta de distrações e de divertimentos isolados; o encontro nos banhos e nos passeios matutinos; a uniformidade no viver e no gozar, a agremiação usual no recinto de um só templo; e, para reunir tudo finalmente, a necessidade natural de sociabilidade e o nosso gênio expansivo e sempre pronto a fazer-nos abrir os braços a quem quer que seja,

patentear o interior de nosso lar, e aceitar qualquer amizade sem indagações prévias e necessárias, sem as cautelas essenciais e imprescindíveis.

Em 1882, o arrabalde, que a moda havia consagrado e para onde emigrara quase toda a população da capital, foi o Monteiro. Como, porém, o número de suas casas não era suficiente para conter todos os fugitivos da calma e todos os amantes mais ou menos fiéis das águas do Capibaribe, os outros arrabaldes e lugarejos circunvizinhos haviam obtido suas concessões vantajosas e reuniam em seu seio grande cópia de famílias. Entravam nesse número dos arrabaldes favorecidos o Poço da Panela, a Casa Forte, o Caldeireiro e Apipucos.

Entre as famílias que tinham ido passar a festa, destacavam-se a do Jaime Favais e a do Cavalcanti, da Passagem da Madalena.

Em uma das primeiras noites de outubro, fora Celeste visitar a esposa do negociante e lhe participara que iam aquele ano, passar a festa no Monteiro.

– Nem fazes ideia, minha filha, que influência! Já temos casa alugada – disse ela toda risonha – é um pouco antes de chegar ao largo, naquela carreira de casas ao lado esquerdo... sabes?... bem no meio. Tu não vais este ano?

– Não sei ainda – respondeu Josefina – Jaime é quem decide estas coisas.

– Como?... é teu marido quem?... Pois olha, minha amiga, lá em casa quem governa sou eu.

Josefina sorriu amável e docemente; conhecia o gênio petulante da sua amiga e não queria levantar ali uma discussão sobre os deveres das esposas e da obediência que elas juram. Calou-se, portanto; Celeste continuou, com volubilidade, mas insinuantemente:

– Junto da casa para onde vamos há uma outra vazia: é do mesmo dono. É tão boa como a nossa; está pintadinha de novo; é um brinco. Se tu fosses para ela... que pândega! juntinhas, hein?

E voltando-se para Jaime, que conversava com o Cavalcanti, interpelou-o:

– Hein, Sr. Jaime!... porque não vai passar a festa no Monteiro?

– Não sei se poderei ir, minha senhora, Tenho tantos afazeres.

– Ora!... nem diga isto! Demais, Clotilde não deve ficar neste deserto. Hein, Clotilde?

– Decerto! – concordou a moça – eu por mim ia.

O Cavalcanti entrou também na conversação apoiando a opinião da mulher, e o resultado foi, nessa mesma noite, ficar assentado que a família do Comendador também iria para o Monteiro. Assim se combinou e assim se fez. Jaime foi sempre um desses homens que, apenas resolvem uma coisa, a executam imediatamente.

Nos fins daquele mesmo mês, transportara-se a sua família para o arrabalde e ocupava a casa contígua à de Celeste. Com pouco, tornaram-se aquelas duas casas os pontos de reunião preferidos e, era rara a tarde em que as respectivas calçadas não apresentassem o aspecto mais pitoresco e alegre que se pode imaginar. Grupos de senhoras conversavam gravemente sobre coisas sérias e interessantes, tais como as virtudes terapêuticas da alfavaca e da língua de vaca, a postura das galinhas e as rezas que mais milagres provocavam. Grupos de moças, bonitas, vivas, alegres, maliciosas, travessas como borboletas, faziam diabruras e enchiam o ar com as suas risadinhas argentinas e puras. Grupos de velhos apresentavam um aspecto variado e chistoso. Aqui, uns jogavam o gamão, por entre os mais adequados anexins e as mais picantes anedotas; ali outros discutiam política e salvavam o país com três palavras; acolá, tratavam da alta e baixa do câmbio e, mais além, o reumatismo fazia as delícias de um aplicador de homeopatia e provocava as iras de uma vítima dos seus ataques.

Finalmente, grupos de rapazes se formavam e alguns deles, de paletó branco e gorro de veludo bordado a ouro, empunhavam os afinados violões e preludiavam as estrofes sentimentais de umas

modinhas cediças, e não obstante cheias de graça e de indefiníveis recordações.

Algumas vezes armavam-se repentinos passeios pela estrada e iam todos ou quase todos, moças e rapazes, ora até o Poço, ora ao Cabocó, ora mesmo até Apipucos. Outras vezes jogavam as prendas e, à noite quase sempre terminavam as reuniões por alguma dança, principalmente nos domingos, dias em que vinha grande reforço da cidade. Nestas ocasiões, então, prolongavam-se os divertimentos até onze horas da noite ou mesmo mais tarde.

Se este viver era comum e usual, mais se manifestava, porém, e maiores proporções assumia em casa de Cavalcanti. Ou porque as suas posses fossem maiores, ou porque concorresse para isso o gênio alegre, folgazão, petulante mesmo, da dona da casa, o que é certo é que era para aí que, de preferência, todos afluíam.

Com efeito, Celeste a todos recebia com um sorriso; para todos tinha uma amabilidade, um gracejo a propósito, um desses pequenos nada que são como a pedra de toque da delicadeza e cujo segredo só possuem as naturezas privilegiadas ou profundamente educadas. Em Celeste, era isto efeito do instinto e não de uma educação cuidadosa e bem encaminhada.

Como Josefina, de quem fora companheira e amiga de colégio, tivera uma educação mimosa e esmerada, é certo, porém falsa, sem firmar-se nessas bases sólidas de moralidade de princípios e de utilidade de conhecimentos práticos; conhecimentos e princípios que têm por fim formar o caráter e não a inteligência e por isso servir de garantia à família futura, que cada mulher possa fundar e de cujo núcleo seja o árbitro supremo, tendo em mente que é daí que se origina esse grande ser moral chamado – pátria!

Nada disso! Celeste frequentara o colégio e passara por ali tal qual como todas as outras daquele tempo e de hoje ainda e de amanhã talvez, sem um ensinamento útil para o coração e sadio para a consciência, mas eivada desses preconceitos piegas, cheia dessas credices estultas, imbuída dessa fé falsificada e embrutecedora, vítima desses vícios, que se adquirem ao pé dos confessionários ao ouvir a palavra insignificante, estúpida ou

corruptora de um sacerdote sem ideias, sem princípios, sem moral, sem crenças, sem estudos, como são em geral os nossos padres ainda hoje e o eram ainda piores há vinte anos; sacerdotes que fazem da religião um fanatismo; da moral, um enigma; da verdade, um mito; da consciência, uma futilidade; da razão, um monstro; do coração, uma besta; de Cristo, um mercador do templo; e de Deus, um capadócio!<sup>22</sup>

Em tais mãos e ouvindo continuamente os conselhos de semelhantes diretores o que poderia Celeste aprender de útil, de estável<sup>23</sup>, de bom para a sua vida futura de família? Adquirira prendas: mais nada. Não, adquirira também uns falsos princípios sobre todas as coisas e uma moral tão relaxada como cômoda: a moral dos colégios.

Se desse estabelecimento saíra mal-educada, piores exemplos foi ela encontrar na própria casa paterna. Seu pai era um senhor de engenho, para os lados de Paudalho. Casara já aos quarenta anos com a filha mais velha de um seu lavrador e desse consórcio desigual tivera Celeste e dois rapazes. Entretanto, seguindo o exemplo da maior parte dos seus colegas, que se arrogavam então e ainda hoje se arrogam sobre a fábrica um direito de vida e de morte, fizera do seu lar um serralho e de cada escrava moça e bonita uma concubina.

Se três eram os seus filhos legítimos, os bastardos, aliás, conservados na escravidão, avultavam de uma maneira extraordinária. Eram todos criados em casa, sob o mesmo teto, e – fato ainda mais notável e apreciável – sob as vistas imediatas e maternais da, ao mesmo tempo, senhora e... madrasta.

Ao chegar ao engenho, depois da retirada do colégio, Celeste tornou-se a senhora absoluta, a dominadora imperiosa, cheia de caprichos e contudo querida e adorada por todos. Tinha um coração meigo e carinhoso; exerceu portanto, desde logo, toda a sua influência e seu predomínio em fazer bem.

A sua presença teve como primeira consequência modificar o tratamento do pai para com os escravos. Foi abolido o azorrague e,

a palmatória levou um tal sumiço que nunca mais se ouviu no engenho o estalo de um bolo nem a súplica lacrimosa de um condenado. Em compensação... os negros cantavam mais, dançavam mais, e – fato extraordinário! – o senhor de engenho começou a tirar mais seiscentos pães-de-açúcar além da safra habitual.

Os escravos adoravam a sinhazinha e a sinhazinha fazia deles o que queria.

## II Aristocracia e dinheiro

Entregue a si mesma, pois os pais não tinham poder para contê-la nos justos limites do respeito e da obediência, Celeste dominava-os imperiosamente a seu bel-prazer e movia-os como se fossem títeres sem importância e completamente nulos. A vontade deles era pura e simplesmente a vontade dela: não ouviam, não sentiam senão pelos ouvidos e pelo coração de sua filha.

Há naturezas assim: parece que nascem já predestinadas para o mando e para o domínio. Sem cálculos prévios, nem propósitos ambiciosos, mas unicamente por efeitos de uma exceção da natureza, apenas aparecem, impõem-se; e apenas se impõem, governam, começam a reinar com um despotismo incontestado, com uma intolerância indiscutível.

Celeste era uma destas naturezas privilegiadas. Ninguém que a visse podia subtrair-se à sua influência dominadora. Quer quisesse, quer não, tinha de submeter-se àquele magnetismo meigo e sensual que se irradiava do seu todo. O seu olhar fazia escravos; o seu sorriso conquistava adoradores e tudo nela, desde a perfeição volutuosa das formas, que cada vez se acentuavam mais, até os ímpetos do gênio folgazão e generoso, concorria para levar a alucinação ao espírito desses adoradores e o desespero ao coração daqueles escravos.

Cônsua do seu poder, não, mas inteiramente senhora de si e liberta das peias do respeito e das algemas, às vezes incômodas, das conveniências e do temor paterno, Celeste fez do engenho um vasto campo de proezas, cada qual mais extraordinária, cada qual mais extravagante. As mais inocentes não tinham importância aos olhos da família – aliás sem autoridade para coartá-las – ou tomavam simplesmente o aspecto de fantasias graciosas. As mais comprometedoras e perigosas – essas que fazem vacilar uma reputação e dão muitas vezes com a honra das donzelas na casa do diabo – não lhe chegavam aos ouvidos nem ao conhecimento,

porque os escravos, idólatras e reconhecidos, cuidadosamente as ocultavam para poupar um desgosto à sinhazinha.

De temperamento ardentíssimo, de mais a mais desenvolvido largamente pela estrumeira da educação colegial, se não tinha freios no modo de pensar, muito menos os tinha no modo de proceder. A única regra de conduta era a sua vontade, a única lei a que obedecia, a do capricho. Loureira por natureza e por índole, tendo a sua curiosidade, inata no coração feminino, sido despertada mais de uma vez pelas perguntas alvarmente indiscretas ou torpemente insinuantes do padre que a confessava no colégio, Celeste em pouco tempo tornou-se a namorada de todos os rapazes da redondeza e tão longe levava as condescendências do seu espírito e a prostituição sentimental do seu coração, que barateava os seus favores amorosos – os quais, seja dito em abono da verdade, se mantinham sempre entre os limites extremos do olhar terno e esperançoso e do beijo mais ou menos prolongado, porém único – a todo mundo, desde o filho do senhor de engenho mais próximo, até o próprio cargueiro de seu pai. Para namorar não escolhia pessoas, nem posição. Considerava aquilo uma mera distração, um passatempo inocente, quando era na realidade uma necessidade de sua natureza, e, por isso não tinha mãos a medir, nem tinha escrúpulos de raça. Solteiros ou casados, fidalgos ou plebeus, brancos ou mulatos, a todos dava corda, a todos dominava, a todos cedia uma nesgazinha da sua alma, aliás, azul como um céu de meio-dia e pura como a linfa cristalina dos regatos da sua fazenda.

Para o amor e pelo amor, era de uma democracia sem limites.

Chegara assim até aos vinte e dois anos, sempre donzela, mas suspirando loucamente pelo dia em que pudesse deixar de sê-lo legalmente. Por esse tempo, apareceu-lhe um casamento, verdadeiramente de conveniência, e Celeste, temendo ficar para tia, aceitou imediatamente o partido que lhe ofereciam e realizou a sua união católica com Tomé Cavalcanti. Quem pouco escolhe para baratear os tesouros e as premissas do coração, muito menos o

deve fazer para adquirir um marido legítimo e por consequência um responsável legal.

Contudo, se fora de conveniência o casamento, Celeste não poderia ter encontrado melhor. Tomé Cavalcanti era um homem de trinta e oito a quarenta anos: sério, grave e honrado. Fazendo parte de uma família que descende diretamente daqueles heróis que, há dois séculos, ajudaram a consumir-se o erro político da restauração de Pernambuco do poder holandês, tinha ele orgulho dessa procedência verdadeiramente honrosa e fazia timbre em manter os foros de nobreza, os hábitos de honradez, e a honra dessa fidalguia histórica e real, valha a verdade.

Era senhor de um engenho próximo a Paudalho e possuía uma fortuna regular, parte adquirida por herança de seus pais e parte obtida pelo seu próprio trabalho. Vira Celeste por algumas vezes apenas e tanto bastara para submeter-se à sua influência natural e sentir-se subjugado pelos encantos da sua pessoa e pela novidade de seu espírito livre e independente. Apaixonara-se doidamente por ela. Cultivava, há anos, a amizade do seu pai e fácil lhe foi obter dele o consentimento para esse consórcio que se tornara a realização de sua completa felicidade. Casou-se portanto, e pareceu-lhe então que lhe era dado tocar a meta da ventura suprema.

Com efeito, Celeste concentrou nele todos os afetos reais que existiam acumulados no seu coração e dedicou-se completamente a embelezar aquela existência nobre e elevada que até então tinha vegetado no isolamento e no egoísmo de um celibato calmo e honesto.

Daí uma convivência mútua e deliciosa, baseada numa amizade sincera e reconhecida. Pelo menos era esta a aparência. Tomé Cavalcanti amava sua mulher, condescendia com o que ela lhe pedia ou simplesmente lhe lembrava, e Celeste conhecia – adivinhava antes – que o dominava, como dominara seu pai e sua mãe. Não abusava, porém; e já com carinhos, já com rodeios astuciosos e melífluos, já com pedidos abertamente formulados ia

conseguindo e obtendo o que podia e às vezes muito mais do que pedia.

No fim de um ano de união, veio um filho para consolidar mais os laços da amizade mútua e dar a Celeste mais alguns meios de influência e de domínio. Estavam casados há oito anos, pouco mais ou menos, e Celeste conseguiu que seu marido deixasse o engenho e viesse estabelecer-se no Recife. Serviu de pretexto para a obtenção deste favor, pelo qual ela sempre suspirava, a educação provável de seu filho, que estava tocando aos sete anos de idade, e ainda nem sequer conhecia as letras do alfabeto.

Esse desejo da mulher, aliás, coincidia com a vontade do marido. Queria que o filho estudasse Direito e tirasse carta de doutor. Sonhava para ele um carreira gloriosa e poderia com toda a eficácia e proveito encaminhá-lo para ela, já pela sua fortuna, já pelo seu nome, já pela sua influência pessoal e pelas relações da sua família. Poderia até enveredá-lo para a política, onde já se lhe afigurava vê-lo ocupar saliente posição e representar o papel brilhante que estavam fazendo então os seus parentes, uns no Senado, outros na Câmara, estes na magistratura, aqueles na diplomacia e todos na história do País.

Cavalcanti comprou, portanto, uma casa na Passagem da Madalena e para aí se mudou com toda a família. Ao princípio resolveu residir no Recife durante nove meses do ano, e ir passar os outros três no engenho. Mas o homem propõe e a mulher dispõe. Esse projeto foi abandonado, e Cavalcanti ia ao engenho todas as vezes que os seus negócios ali reclamavam a sua presença, mas ia sempre só. Celeste ficava no Recife para vigiar o filho e dirigir a sua educação.

Apenas chegara no Recife e se instalara na sua nova casa, Celeste tratou logo de reatar as suas antigas relações e de reunir ao pé de si as suas maiores amigas de colégio. Josefina, portanto, não podia ser esquecida, e muito surpreendida ficou ela, um dia quando recebeu um convite, para tomar uma chávena de chá em casa do Sr. Tomé Cavalcanti, e leu embaixo do papel acetinado e

cor de rosa do convite o nome de sua antiga companheira de colégio.

Conquanto Josefina fosse mais velha do que a sua amiga, contudo, no colégio, grande amizade as unira e, embora separadas, nunca se haviam esquecido uma da outra. Iam encontrar-se de novo finalmente e de novo iam reatar a amizade interrompida, mas nunca resfriada. Ligaram-se, portanto, estreitamente e não puderam mais passar uma sem a outra.

Esse primeiro chá da casa de Celeste foi o prelúdio de muitos outros e o sinal de sua entrada definitiva na sociedade do Recife. Dentro em pouco, a mulher de Cavalcanti tornou-se personagem obrigada de qualquer baile ou espetáculo, onde se ostentava como rainha e onde fazia sensação pela sua beleza, um pouco máscula, mas dominadora, pela sua alegria ruidosa e quase desenvolta, pelo seu espírito desabusado e despido de preconceitos e principalmente pela sua fortuna e pelo nome do marido.

– É a Cavalcanti!

Exclamavam todos e queriam todos merecer um seu olhar ou faltar-se na contemplação dos seus encantos. Tornou-se assim a leoa da moda. Chegou mesmo a ter a sua corte.

Ora, com a embriaguez nunca sentida dessas festas, sob o ardor das luzes deslumbrantes dos bailes e dos raios de vinte olhares cobiçosos, ouvindo palavras de galanteio e de sedução, numa atmosfera plena de voluptuosidades desconhecidas e de gozos completamente novos para ela, a quartã sentira refter-lhe nas veias o sangue africano, reviverem-lhe no coração as insinuações do seu confessor colegial, soprar-lhe no espírito o demônio da vaidade e começou a dar expansão à sua natureza, que nunca fora domada e à sua educação que o estado de casada e o respeito pelo marido nunca puderam corrigir.

Murmurava-se então que a namoradeira do engenho se transformara em cortesã do salão. Aperfeiçoara-se um pouco somente – já não era a menina leviana e loureira, estouvada e independente – era a Pompadour dissimulada e imponente, alegre ainda, porém já um pouco hipócrita. Diziam, pois, pela boca

pequena que o seu procedimento não era regular; apontavam-lhe já diversos amantes, cobriam-na de censuras e de doestos, porém nenhuma porta se lhe fechara; ninguém lhe recusara a sua estima; nenhuma família honesta ou isenta do pecado evitara o seu contato. Ao contrário, todos se empenhavam em frequentar a sua casa e as suas festas, e solicitavam a honra de tê-la em seus salões. A aristocracia e o dinheiro são bandeiras que cobrem toda a carga.

A mísera filha do povo que, ignorante ou crente demais, é iludida por um patife qualquer, muitas vezes membro saliente dessa aristocracia bastarda que só se distingue pelo dinheiro ou pela estupidez – a mísera filha do povo, dizíamos, vê-se imediatamente abandonada de todos: fecham-lhe as portas; evitam-lhe a presença; os olhos voltam-se ao encontrá-la; os rostos desviam-se severos; os dedos apontam-na à indignação pública; condenam-na; esmagam-na, desprezam-na; insultam-na até lhe negam o trabalho.

É a moralidade é a justiça social!

A aristocrata, porém, a rica herdeira que sucumbe, não por ignorância porque teve educação, mas por tendência natural para o vício e para a infâmia, essa acha sempre um marido assaz ambicioso e condescendente que restaure com o seu nome a virgindade destruída. Se, casada, adultera e prostitui-se, nenhuma porta se fecha ante os seus passos: continua a frequentar todas as casas; a beijar todas as faces; a exigir todos os respeitos e os mesmos tributos e homenagens a que tinha dantes direito incontestável. Conquista até um novo título à estima e à consideração de seus semelhantes e iguais. Nivelava-se com eles.

Tal era Celeste Cavalcanti ao tempo em que começa esta narrativa. Pelo menos tais eram os boatos que a seu respeito corriam e o juízo, mais ou menos justificado, que dela faziam aquelas pessoas que se ocupam sempre com a vida alheia e da crônica escandalosa da cidade.

### III Cavalcanti

Que papel representava Tomé Cavalcanti em face do procedimento de sua mulher? O amor, que sentia por ela, teria obcecado o seu espírito por tal forma que ele se houvesse degradado ao ponto de pactuar com a infâmia e com a miséria?

Ninguém compreenderia o procedimento atual e muito menos ainda o procedimento ulterior que teve Cavalcanti, se não esboçássemos aqui o seu caráter, um dos caracteres mais genuínos e puros que o autor dessas linhas tem encontrado em sua vida.

Eram tristíssimos, com efeito, os boatos que corriam a respeito de Celeste, mas aos ouvidos do marido não chegava nenhum desses rumores, porque os maridos, ainda mais do que os pais, são os últimos que sabem o que se passa em sua casa. Alguns amigos o lastimavam em segredo; outros riam-se da sua boa fé, ou zombavam da sua desgraça, supondo-o cúmplice de todas as infâmias de sua mulher. Os mais condescendentes ou tímidos atenuavam essa ideia torpe de cumplicidade, atribuindo-a não à perversão natural ou adquirida, mas sim à fraqueza de coração, a excesso de amor. Os menos indulgentes ou ferozes negavam-lhe desapidadamente a dignidade de homem e responsabilizavam-no como ciente e consciente: iam ainda mais longe. Entretanto nenhum se atrevia a falar-lhe, a abrir-lhe os olhos a respeito de tais murmurações.

Também... digamos desde já a verdade. Se alguém se atrevesse a servir de porta-voz a todos esses mexericos e fosse contar-lhe tudo quanto se dizia, ou mesmo parte, Cavalcanti não lhe daria crédito algum. Amava muito sua mulher para não ter confiança nela: amava-a tanto que nunca a ofendera com a mais leve sombra de um ciúme. A qualquer ato menos pensado, ou cheio de estouvamento que sua mulher praticava, ele dizia consigo em forma de desculpa:

– É gênio dela! tem azougue nas veias... é um pouco leviana, porém não passa disto.

Se alguma vez, porém, se apercebia de algum ato que lhe parecesse um pouco fora das normas do decoro, ou que tocava quase a escândalo, e que pudesse por isso comprometê-la seriamente, então chegava-se a ela sorrindo e com o seu bom senso ordinário e a sua bondade paterna a advertia simplesmente:

– Não faças isto, Celeste. Pode parecer mal e depois começariam a murmurar. Bem sabes que quase sempre se julga pelas aparências, principalmente tratando-se das mulheres.

E ainda assim a advertência tinha um tom discreto de súplica, o cicio agradável de uma amabilidade. Celeste então coibia-se, mas não se emendava: tomava apenas as cautelas necessárias. Cavalcanti ficava intimamente lisonjeado e alegre. Supunha ter sobre sua mulher um império absoluto, quando ao contrário era por ela completamente governado. Verdade é que ele mesmo abençoava aquele jugo e deixava-se guiar.

Tendo vivido por muito tempo celibatário e só, – sem carinhos de família, pois perdera os pais muito moço ainda – entregue de contínuo à rudeza dos trabalhos campestres e ao trato antissocial de uma escravatura<sup>24</sup> boçal e, sempre revoltada contra o crime que a reduzira à classe dos irracionais, Cavalcanti casara-se finalmente por inclinação. A sua união era um verdadeiro oásis na aridez da sua vida. Se o casamento fora de conveniência para Celeste, que o não conhecia bem, para ele foi pura e simplesmente um casamento de amor. A fortuna de Celeste não era lá grande coisa; a sua família, se pelo lado paterno nada tinha que se lhe dissesse, pelo materno, porém, vinha de uma ascendência, cuja origem seria perigoso investigar e cujo conhecimento muito pouco a abonaria no conceito público e perante os preconceitos – antes princípios – daquele tempo e de hoje ainda, embora a ideia abolicionista intente dar para o nivelamento das raças o passo agigantado que a democracia tem dado para o nivelamento das classes.

Cavalcanti, porém, não olhara para nada disso e, independente como era, rico e senhor de si, tratou unicamente de satisfazer os desejos do seu coração e de saciar a enorme sede de amor, que a formosura de Celeste lhe causara. Concentrou nela todos os seus

afetos, todas as forças vivas da sua natureza exuberante desta selva sadia que nasce de uma consciência limpa e honesta. Para ela abriu todos os cofres de sua alma, cujos tesouros estavam acumulados, há tantos anos sem que nunca tivessem sido desfalcados no mínimo ceutil.

O amor que ele sentia por Celeste, era elevado quase a um culto: esse culto a uma felicidade. Tinha para com ela todas as delicadezas e todos os respeitos possíveis, delicadezas que eram inerentes à sua natureza, respeitos que nasciam do próprio amor que lhe votava.

Oriundo de uma estirpe verdadeiramente heroica, descendente de uma família, cujas tradições de nobreza e de fidalguia se mantinham inabaláveis, ilesas e passavam de pais a filhos como uma religião; educado nesses princípios de grandeza, e na opulência dos meios de vida, Cavalcanti timbrava em seguir todos os ditames da honra, por mais austeros que fossem. Levava o culto pela honradez até ao cavalheirismo, até à ferocidade. O brio e o pundonor eram nele coisas inatas, inerentes à sua pessoa, como que faziam parte do seu todo. Nunca praticara em sua vida um ato menos digno ou que fosse ou pelo menos parecesse injusto ou desonesto. Era em extremo rigoroso para consigo mesmo e levava tão longe, a sua honradez e a sua probidade que lhe custava acreditar na infâmia e na miséria moral dos outros. Recusava-se até a admitir a existência de semelhantes aberrações.

Quando, por acaso a evidência o convencia afinal, era tão grande o seu desgosto, incomodava-se tanto que parecia ou que ele fora vítima dos tratantes, ou que os atos maus o afetassem em alguma coisa. Os outros procediam mal e era ele quem se envergonhava, por assim dizer.

Entretanto, no seu trato íntimo nada indicava essa integridade, essa rigidez de caráter, que o tornavam intolerante e intransigente para tudo quanto fosse realmente exorbitante das regras do dever e saísse das normas do justo e do honesto.

Afável, lhano, folgazão mesmo; delicado e cheio de boa fé e de uma cega confiança, Cavalcanti era um dos mais alegres convivas e

dos mais estimáveis companheiros. Além disso, serviçal e franco até a prodigalidade. Bastante rico, gastava muito, mas sabia gastar. Sua mulher era o crivo por onde, a maior parte das vezes, se escoavam os seus belos rendimentos; unicamente, como gostava que os seus desperdícios aproveitassem fosse lá a quem fosse e que o seu dinheiro tivesse aplicação útil ou pelo menos agradável, exigia sempre saber o motivo ou o fim da despesa.

Sabidos estes, aconselhava algumas vezes, mas não regateava nunca. Celeste não conhecia seu marido de todo. Não o tendo amado em solteira, tendo-o aceito e recebido por esposo, mais pelo receio de não encontrar outro com a brevidade desejada, do que pela sua própria fortuna ou pelo conhecimento que de suas qualidades tivesse, dedicara-lhe somente a estima e amizade, esse reconhecimento de quem se vê satisfeito por lhe terem feito a vontade. Cavalcanti para ela era simplesmente um marido, isto é, o homem a quem tinha ligado a sua existência para garantia do seu futuro e para alívio de sua curiosidade feminina, mas não fora, nem era o marido, o esposo, isto é, o companheiro da sua vida, o escolhido do seu coração, o complemento da sua alma, o eu do seu eu, a realidade dos seus sonhos, finalmente a carne da sua carne, na frase pitoresca e expressiva do livro dos judeus.

Tomé Cavalcanti era para Celeste justamente o contrário do que ela era para ele. Daí o procedimento diferente dos dois; a leviandade de uma e a confiança do outro.

Com o nascimento do seu primogênito, o amor e a amizade de Cavalcanti redobraram, se é possível um acréscimo de amor, ou um aumento de amizade em indivíduo dotado desses sentimentos em um grau tão elevado. Se até ali, Cavalcanti dedicara à sua mulher um culto tão sincero e tão verdadeiro, dali por diante adquiriu Celeste para ele novos títulos à sua adoração e ao seu respeito.

Como todas as naturezas honestas e puras, Cavalcanti adorava as crianças e, se a mulher era para ele uma criatura sagrada, a mãe era uma criatura divina. Na sua simplicidade, – porque os homens íntegros e honrados assim são simples até a candura, simples até a ingenuidade – supunha ele que a maternidade é uma sagração:

quando muitas vezes não passa de um castigo e é sempre apenas uma função natural, consequência lógica e fatal da exuberância de vida e da existência do amor, quando de uma necessidade imperiosa do organismo.

Para ele a maternidade não só absolvía, como até impedia que se cometessem muitos erros. Ser mãe era ser boa; ser honesta; ser impecável; e as mães, que não procediam bem perante a sociedade, que não zelavam o seu nome e a sua reputação para transmiti-los intactos e puros a seus filhos, eram a seus olhos, verdadeiras anomalias, monstruosidades horrorosas e impossíveis.

Por isso ainda, a cega, a grande, a inabalável confiança que lhe inspirava sua mulher.

Tomé Cavalcanti, portanto, não era um miserável que pactuava com a infâmia; era um desgraçado que ignorava a verdade.

## IV O amante

A verdade era entretanto triste e acabrunhadora. Se dela tivesse Tomé Cavalcanti um conhecimento pleno e uma convicção inabalável – única circunstância que poderia modificar a sua confiança e alterar a sua nunca desmentida boa-fé – ninguém sabe onde pararia a sua longanimidade ou até onde seria capaz de chegar o seu justo furor. Os homens daquela têmpera, e daquela natureza assemelham-se muito a esses lagos profundos, que dormitam mansos e serenos. Apresentam quase sempre um aspecto de tranquilidade inalterável, mas se por acaso a tempestade os enrugam e revolve as suas águas, então mostram a sua profundidade e só então lhes sobe à superfície a vasa mortífera que em seu fundo se conserva.

Cavalcanti porém ignorava tudo e, cada vez mais cego e confiante, deixava-se embalar pelas ilusões de uma felicidade que o encantava e que ele julgava duradoura e verdadeira. Celeste tinha um amante, é verdade, mas cercava os seus amores de umas tais aparências de amizade inocente e vulgar; diante de seu marido e dos estranhos dava às suas relações com ele um tom de tão perfeita igualdade, e que ninguém seria capaz de supô-las outras que não as da mais simples cordialidade e da familiaridade mais autorizada e mais inocentemente comum.

A verdade, pois, era esta. Notavam-se em Celeste um certo afã em favorecer a todos com um olhar mais expressivo, ou com um sorriso mais cheio de promessas, com todas essas mostras enfim inequívocas do coquetismo e de facilidade, é preciso confessar que a moça o fazia muito de propósito para desnortear os especuladores da vida alheia e fazer perder a verdadeira pista aos sabujos farejadores do escândalo. Supunha e com razão que, julgando-a namorada de todos e amante de muitos, ninguém iria averiguar a existência do amante verdadeiro e único e muito menos verificar quem seria ele. Com esse procedimento tinha em vista apenas confundir os inexperientes e iludir os incautos. Comprometia

mais a sua reputação e o seu nome, é certo, mas salvava o segredo do seu coração e não expunha o seu amante à mercê da crítica mundana nem à vindita provável do seu marido, se por acaso viesse ele a entrar no conhecimento da sua vida irregular e reprovada.

Se Celeste, porém, era discreta; mais discreto ainda era aquele que tivera a felicidade de encontrar a chave do seu coração e de partilhar com o marido iludido os seus pensamentos e os segredos inebriantes do seu tálamo.

As festas, ao princípio modestas, porém, pouco a pouco mais deslumbrantes e concorridas da casa da Passagem da Madalena, começaram a fazer um certo ruído e tiveram como principal consequência alargarem muito mais o círculo dos conhecimentos e das amizades do casal Cavalcanti. Em pouco tempo a casa do senhor de engenho tornou-se o ponto de reunião de toda a sociedade elegante – do *high life*, como se diz hoje – da nossa cidade. Todas as classes apresentáveis e dignas de figurar em tais lugares lhe enviaram os seus mais conspícuos e agradáveis representantes. Celeste começou a formar a sua corte e a escolher os seus vassalos. Os mais acérrimos conquistadores; os maiores *dandys* da Academia – naquele tempo era a Faculdade de Direito que fornecia o maior número desses Alexandres de salão – os mais invencíveis sedutores, todos os representantes dessa mocidade doirada e doudejante de então, disputaram a honra de ser apresentados naquela casa festiva e prometedora e de render preito e vassalagem àquela rainha despida dos preconceitos caducos da honestidade e da modéstia.

A moça, por sua vez, a todos recebia e a todos dava batalha campal e decisiva. De quantos reencontros renhidos e disputados! de quantas vitórias difíceis ou fáceis! de quantas derrotas imprevistas! de quantos triunfos inesperados não foram testemunhas impassíveis e reincidentes os caramanchões e latadas daquele jardim da Passagem da Madalena!

Se as flores têm uma alma, quantas vezes o alvo e cândido jasmim, que se entrelaçava com a madressilva, não teria

enrubescido de pudor; e se as flores têm uma voz, quantas vezes não teriam as rosas suspirado, desfolhando-se machucadas no ímpeto de um encontro ou na angústia de uma despedida! Ah! noite, quantos mistérios envolves no teu manto! Oh! flores, quantos segredos perfumais com o vosso hálito.

Entretanto não foi em casa que Celeste viu pela primeira vez o seu amante. Uma noite estava ela no teatro de Santa Isabel, para onde acorrera toda a população da cidade, essa, aliás, que frequenta os espetáculos e não vegeta na imobilidade da preguiça ou na avareza de capitalizar os rendimentos. Representava-se um desses dramas da velha escola, que tinham então e têm ainda hoje o condão de comover o público e de fazê-lo levantar de entusiasmo – não obstante as declamações teóricas dos realistas e as lições narcóticas do pseudo-naturalismo. Verdade é que para reproduzir as criações potentes da escola romântica e para pintar as paixões violentas e másculas, que estudavam e punham em jogo os Anicet Bourgeois e os Ducanges, havia um Joaquim Augusto ou um Germano, uma Manuela Lucci ou uma Adelaide do Amaral.

O Joaquim Augusto ou o Germano – não me lembra bem – era o grande atrativo da noite. A sala do espetáculo regurgitava de gente e nos camarotes de primeira e segunda ordem se ostentava a fina flor da aristocracia e da burguesia dinheirosa do Recife. Tinham-se transportado para ali a Rua da Aurora e a Rua da Cadeia, isto é, os representantes da fidalguia e os representantes do comércio; o orgulho e o dinheiro; a fatuidade e o peso; os devedores e os credores.

Na plateia estavam os representantes da ciência: as cabeças que pensam e os corações que sentem! os estudantes que eram, naquele tempo quem dava o tom das representações dramáticas e quem decidia ex cathedra da queda ridícula ou da apoteose sublime de qualquer composição literária, dirigindo o gosto e a opinião pública. Verdade é que naqueles tempos eles entendiam disso!

Em um dos camarotes da segunda ordem, ostentava-se, mais formosa do que todas, e como uma estátua animada de alabastro, a mulher de Cavalcanti. Seus olhos vívidos e cintilantes fulgiam

como dois brilhantes de primeira água, e nos seus lábios corados e tumidamente sensuais pairava um sorriso cheio de provocações e de encantos. Com o binóculo de madrepérola incrustado de ouro havia já percorrido todas as ordens de camarotes e passado em revista todas as cadeiras da plateia, sempre aparentando aquela curiosidade petulante e insolente, provocadora e imprudente, que empregava em quase todos os seus atos; insolência, imprudência e petulância que lhe davam a tríplice vantagem da beleza, do dinheiro e da aristocracia.

De quase todos os lados recebera cumprimentos a que correspondera com a graça, a amabilidade que lhe eram peculiares e desde logo assumira o seu lugar distinto, a sua posição incontestável e incontestada de rainha. Ao aparecer, a impressão que produziu foi a mesma em todo o mundo. Ninguém se eximia à influência impressionável da sua beleza, ao domínio deslumbrador do seu encanto. Um rapaz que estava em uma das cadeiras da primeira fila, vendo-a tão formosa e observando os seus modos originais, voltou-se vivamente para o companheiro que lhe ficava a um dos lados e perguntou cheio de curiosidade e de certa admiração:

– Ó Jereba?... quem é aquela senhora?

– Como! – exclamou o outro ainda mais admirado – não a conheces?!

– Não.

– Pois não há ninguém que possa dizer outro tanto, meu caro.

– Pode ser; mas tu esqueces que estive fora muito tempo e que, só há poucos dias, chego da Bahia.

– Quem é ela?

– Já tu estás apaixonado?... aposto!

– Diabo!... mas ainda não respondeste.

– Previno-te que é casada.

– Casada?... tanto melhor. Mas quem é ela afinal de contas?

– É a mulher do Cavalcanti, da Passagem da Madalena.

– E chama-se...

– Celeste?... Divina!... deve ela chamar-se. Qual divina!... Diabólica! Sim! diabólica é que ela é.

– Pelo que vejo já navegas a todo o pano por uma dessas tuas paixões.

– Cala-te... nem eu sei mesmo o que sinto.

E, assim dizendo, o rapaz assestou pertinaz e insolentemente o binóculo no rosto iluminado de Celeste, e começou a analisá-la com vagar e interesse.

– É com efeito, encantadora! – disse ele, pouco depois, sem tirar o binóculo – tem um colo de enlouquecer e um corpo de tentar o próprio Santo Antônio!

A insistência parece que chamou a atenção de Celeste porque ela, levando o binóculo aos olhos, assestou-o também no rapaz.

– Encantadora e petulante! – continuou o mancebo.

– E perigosa! – concluiu o Jereba.

Depois de alguns minutos de mútua persistência, em que ambos os binóculos, como os *armstrongs*<sup>25</sup> de dois navios rivais, sustentaram o fogo com galhardia e com igual curiosidade, Celeste desviou-se um pouco e fingiu dirigir o objetivo para outro lado.

O rapaz abaixou então o seu binóculo e observou com toda a calma:

– Eis ali uma mulher que realiza o meu ideal.

E ia dirigir o binóculo para outro camarote, quando Celeste de novo assestou-lhe o seu com um movimento lento e calculado.

– Ah! – murmurou o rapaz por entre os dentes – temos exame?

– Que é? – perguntou o Jereba.

– É que estou mais adiantado do que era de esperar – concluiu ele.

E, encostando-se negligentemente nas balaustradas da orquestra, com as costas para a cena, deixou-se examinar à vontade, não sem deixar errar pelos seus lábios um sorriso orgulhoso de fatuidade. Tinha a certeza de que o resultado daquele

exame lhe seria completamente favorável. Contudo fingiu não se aperceber da inspeção a que o sujeitava a curiosidade da moça, fazendo entretanto todo o possível para realçar as vantagens de sua pessoa.

Com efeito! era ele um belo mancebo, na acepção mais lata da palavra. O seu todo – cabeça e corpo – poderia servir de modelo e de espécimen da raça verdadeiramente brasileira, dessa raça nova e única que é o produto etnográfico das três outras, que povoaram o nosso solo: a raça europeia, a tupi e a africana. Ao vê-lo, conhecia-se logo que girava em suas veias o sangue dessas três raças e que nele se fundiam as três naturezas correspondentes. Devia ter a inteligência do europeu, a indolência do americano, e a impetuosidade dos filhos dos desertos da África.

A sua estatura era regular e notavelmente elegante. O rosto era moreno e expansivo. Sob uma testa alta e redonda, coberta por cabelos castanhos e crespos, abriam-se dois olhos grandes igualmente castanhos, quase pretos, ternos e brilhantes; ora lânguidos como uma súplica, eram imperiosos como uma ordem: olhos dignos de uma mulher. O nariz, levemente aquilino, tinha umas narinas largas e que aflavam de contínuo. A boca era um pouco grande e fechada por lábios grossos e sensuais. Usava de toda barba, que era castanha como os cabelos e leve como fios de seda frouxa. Se cada parte do seu rosto, tomada separadamente, não tinha o cunho da perfeição e da beleza, reunidas todas formavam um conjunto tão harmônico, que lhe dava à fisionomia uma certa formosura varonil e meiga ao mesmo tempo, formosura máscula e suave que não destoaria num Apolo de Belvedere, e que fazia lembrar um pouco os retratos de César Bórgia.

Quando terminou o exame de Celeste e ela foi retirando o binóculo, o rapaz, voltando-se de repente para Celeste como se houvesse sido atraído por alguma força magnética, assestou-lhe o seu com todo o atrevimento. Era a resposta à sua provocação. Aceitava a luta e confessava-se vencido. Em amor, quem aceita a provocação e levanta a luva de uma mulher, está derrotado. Celeste

sorriu-se de um modo especial e começou a abanar-se com o leque, cheio de graça e de donaire.

– Jereba! – exclamou o rapaz entusiasmado e resolutivo – preciso ser apresentado àquela mulher. Onde mora ela?

– Na Passagem da Madalena, numa casa própria.

– Que é o marido?

– Senhor de engenho.

– E ela?

– Ela?... é senhora de si... e dele.

– Estou ciente; agora é preciso descobrir quem me apresente.

– Não serei eu por certo...

– De acordo! tu não frequentas a aristocracia.

– Mas conheço as aristocratas.

– Logo deves conhecer algum que frequente aquela casa.

– Aquela casa ou... aquela mulher?

– Nada de *calembours*, Jereba!

– Pois sim!... para seres apresentado à mulher precisas de uma pessoa que seja amigo do marido.

– É o caminho mais leal.

– E o mais curto.

– Para obter-se o amor das esposas o caminho mais seguro é a amizade dos maridos.

– Mas é o mais arriscado.

– Ao contrário: é o mais cômodo. O amigo impõe-se pela confiança. E quando se descobre o estelionato, – porque afinal de contas essas coisas se descobrem sempre – a amizade do marido serve de defesa à pouca vergonha da mulher.

– És um filósofo, meu caro.

– Pois sim! a vida é esta. Sabes o que elas fazem então? “A culpa foi sua!” dizem as Helenas aos pobres Menelaus: “não era amizade sua?... Você foi quem mo meteu pelos olhos, eu bem

antipatizava com ele"... e Homem, não tens notado uma coisa esquisita que se dá com o amor?

– Quê?... que é cego?

– Não; mas que os maiores amores começam sempre pela antipatia.

– Ora, a tua filosofia já vai tocando ao paradoxo.

– E o que é a filosofia, em si mesma, senão um paradoxo?

Começava o primeiro ato do drama e a conversa dos dois amigos ficou por instantes interrompida. O que não se interrompeu foi o namoro incipiente do companheiro do Jereba. Nem um só momento tirava ele os olhos da mulher de Cavalcanti, mas em nenhuma das vezes, que para lá se voltou, deixou ele de sentir sobre si o olhar ardente e cobiçoso de Celeste. Decididamente o encontro produzia os resultados.

Em um dos intervalos, o rapaz encontrou um amigo comum e a sua apresentação foi assentada desde logo. Com efeito, minutos depois, ao passear Celeste pelo salão, de companhia com uma de suas camaradas, o amigo aproximou-se dela levando pelo braço o rapaz moreno da plateia. Celeste recebeu-o com o seu sorriso amável e provocador:

– Ó Dr.!!... bons olhos o vejam!

– Peço-lhe licença para apresentar-lhe um dos meus melhores amigos.

– Pois não: é o Sr.?...

– Leandro Dantas – concluiu o Dr.\*\*\*, apresentando o seu amigo.

O rapaz moreno curvou-se com toda a elegância e etiqueta. Mas Celeste estendeu-lhe a mão, franca e vivamente:

– Estimo muito conhecê-lo – disse ela sempre sorrindo – e espero em breve recebê-lo em nossa casa.

E, voltando-se para o primeiro dos interlocutores, acrescentou com toda a naturalidade:

Doutor, apresente o Sr. Dantas ao meu marido.

## V Leandro Dantas

Se nenhuma informação tivesse Leandro Dantas, de Celeste, ou se aquelas mesmas que lhe haviam sido dadas não fossem tão desfavoráveis, a graça e a simplicidade com que ela fez ao Dr.\*\*\* a recomendação que fecha o capítulo antecedente, e a maneira desprezível e afavelmente cheia de franqueza com que recebeu a apresentação do rapaz, tê-lo-iam desnortado completamente ou iludido ao ponto de fazê-lo conceber a seu respeito o mais alto conceito e a opinião mais favorável e mais digna.

O que, porém, em circunstâncias normais lhe pareceria o mais correto dos procedimentos, naquela ocasião, atentos os precedentes e as revelações indiscretas do Jereba, tornava-se aos seus olhos uma maneira de proceder não só altamente comprometedor, como também significativamente hipócrita e de uma refinada loureira. Os modos dignos de Celeste, com efeito, tinham por fim unicamente iludir os estranhos e os indiferentes.

Debalde, porém, Leandro Dantas procurou na sua fisionomia, aliás, risonha e expansiva, outra expressão que não fosse a da mais correta e elegante afabilidade, a de uma íntima e séria alegria pela satisfação de adquirir um novo conhecimento. Nada mais além daquele olhar cintilante e sempre o mesmo, nada mais além daquele sorriso, aliás, cheio de graça e de amabilidade, com que acolhera a sua apresentação. Nem um sinal misterioso e imperceptível para todos, menos para ele, de conivência ou de animação; nem um olhar, que lhe autorizasse a afoiteza; nem um sorriso que pudesse ser interpretado como provocação ou recompensa.

Também para quê? Celeste não tinha agora a certeza de encontrá-lo? Não conhecera já que o rapaz era mais uma vítima da sua extraordinária e dominadora formosura, e que aquela apresentação não era mais do que o resultado habitual da impressão – da verdadeira fascinação – que ela causava? Porque e para que, pois, comprometer-se aos olhos dos indiferentes ou aos

olhos de sua amiga, que não deixaria escapar aquela ocasião para, conforme o costume das amigas, assoalhar a sua nova faceirice. Restava-lhe agora uma única coisa: aguardar tranquilamente o resultado ou o fim daquela aventura. Sabia, tinha certeza, de que o rapaz, uma vez apresentado e tendo sentido o contato da sua mão, e recebido em cheio e de perto o banho luminoso e magnético do seu olhar dominador, não fugiria mais ao seu encanto, nem mesmo tentaria subtrair-se a ele. Daí a atitude reservada e digna que assumiu para com ele. Depois, sabia que a dificuldade aguça o desejo, que o desejo aumenta o apetite.

Depois da recomendação final de Celeste, estava por assim dizer terminada a audiência, e a Leandro Dantas e a seu amigo não restava mais do que retirarem-se. Foi o que fizeram depois de Leandro agradecer-lhe o oferecimento que lhe fizera e a honra e felicidade que prometia proporcionar-lhe abrindo-lhe as portas de sua casa. Depois Leandro afastou-se e, agradecendo por sua vez ao amigo, foi encontrar-se com o Jereba, que de longe, encostado a uma das vidraças que dão entrada para o terraço, o contemplava, talvez invejoso daquela dita.

– Pensei que lhe desses o braço – disse ele ao aproximar-se o amigo.

– Qual! – respondeu este com um sorriso de fatuidade feliz: – Roma não se fez num dia.

– É talvez o mesmo que ela pensa – retrucou o outro maliciosamente.

– Por quê?

– Porque tratou-te como se fosse eu o apresentado e como quem não te houvesse provocado toda a noite.

– Que queres? são segredos de alta diplomacia feminina. Mas pensas que me iludo com estas coisas e com essas atitudes de Lucrecias? Meu amigo, as Suzanas, hoje, são raras, mesmo a antiga, duvido muito que tivesse aquele procedimento bíblico se não fossem velhos os seus adoradores.

– Em todo caso, acautela-te! Aquilo é uma sereia perigosa e nefasta.

– Seriamente?

– Por Deus!

– Tanto melhor! Sempre gostei do perigo. O amor que não tem risco é uma coisa desenxabida, é uma aventura sem encantos e pueril. Além disso, sempre suspirei por conhecer uma sereia.

Ao passo que este diálogo se travava, à porta do terraço, um outro tinha lugar entre as duas moças que passeavam:

– Conheces este rapaz, que me foi apresentado? – perguntou Celeste à sua companheira.

– Não; é até a primeira vez que o vejo.

– Também eu: mas é um moço simpático, não achas?

– E bem simpático, a falar verdade. Não tira os olhos de nós.

– Sem dúvida é por tua causa.

– Ou antes pela tua.

– Neste caso perde o seu tempo; acho-o mesmo bonito, mas prefiro o meu Cavalcanti.

– E fazes muito bem; já basta o que dizem.

– Calúnias, minha filha! infâmias, inventadas por essa gente que não tem obtido o que deseja.

– Ora, a quem o dizes tu? eu também tenho sido pouco caluniada?

– Mas quem é aquele outro rapaz que está com ele?

– Oh!... aquele conheço eu muito: é a língua mais danada do Recife. Conhece todo o mundo e fala mal de toda a gente.

– Quem é ele?

– É um sujeito vadio e completamente perdido. É conhecido por um apelido esquisito.

– Como se chama?

– O Jereba.

– Jereba?...

E as duas moças, pronunciando este nome desataram uma gargalhada sonora e argentina.

Finalizara a orquestra e o apito do contrarregista dava o sinal para levantar-se o pano. Celeste dirigiu-se apressadamente para o seu camarote e Leandro foi tomar a sua cadeira na plateia. Começava o terceiro ato da peça. Leandro notou que Celeste estava pensativa e que parecia, o mais possível, evitar o encontro com os seus olhos. Traquejado, porém, como era em coisas daquela ordem, não se deu por achado e continuou, durante todo o ato, a devorá-la com os olhos e a cobiçá-la com o coração. Entretanto, quem era esse moço, que assim vinha atravessar-se no caminho daquela mulher e aumentar pela sua presença as ruínas de uma reputação já vacilante, e os escândalos de uma vida por demais irregular e geradora de remorsos?

Enquanto se representa o terceiro ato do drama do teatro e por assim dizer se suspende ou se paralisa por momentos a ação do drama real da vida, aproveitemos a ocasião para apresentar ao leitor o nosso herói.

Leandro Dantas era um desses muitos indivíduos, que pululam na nossa sociedade sem se saber ao certo quem sejam, de onde venham nem para onde vão: entes mais ou menos misteriosos, cuja presença se suporta ou se aceita em primeiro lugar porque a nossa constituição social não repele ninguém e em segundo porque eles mesmos se impõem a ela, depois de tê-la, por assim dizer, tomado de assalto e mantêm a posição conquistada a todo custo.

Inteligente e dotado de certas qualidades brilhantes – dessas que concorrem para pôr em evidência um indivíduo qualquer –, cheio de uma audácia petulante, mas natural, que o não fazia recuar diante de coisa alguma, nem das dificuldades nem do ridículo; de uma fatuidade sem limites o que o fazia supor e apresentar-se em qualquer parte como pessoa necessária e indispensável, todos o aceitavam e o recebiam; uns para evitar um conflito inútil ou odioso, outros dominados pelo ascendente de sua natureza expansiva e excepcional, de seu gênio petulante e inculcador de si mesmo, todos, porém e enfim, pela característica

bonomia do brasileiro, por essa nossa preguiça moral que nos faz aceitar tudo, contanto que nos livremos do trabalho de um exame e das maçadas de umas investigações prévias.

Dizia-se estudante de medicina e filho da Bahia e todos o aceitavam como tal, julgando-o aparentado com a enorme família dos Dantas – um dos maiores polvos do Brasil – e esse boato ele mesmo o fazia circular. Costumava desaparecer às vezes da cidade por muitos meses e isto confirmava a crença de que era filho daquela província e de que ia lá continuar os estudos ou ver a família. Também isto lhe servia para justificar a abundância dos meios pecuniários que realmente possuía ou que afetava possuir e para abrir-lhe de par em par algumas portas que porventura ainda se quisessem conservar fechadas para ele.

Fosse, porém esta ou fosse outra a verdade, o que é certo é que ninguém lhe conhecia família aqui, menos talvez uma pessoa: o amigo que o acompanhava naquela noite. Mas o Jereba, quando era interrogado a esse respeito, respondia sempre de acordo com a lenda propalada e, se alguma coisa de particular sabia acerca do amigo, não o dizia a ninguém, e mantinha sempre o mais sagrado e inviolável segredo.

Quando estava no Recife, Leandro Dantas morava em uma cela do Convento do Carmo, a qual lhe havia sido dada pelo respectivo Prior, à vista de uma carta de recomendação do seu colega da Bahia. Quando não ocupava esse cubículo – que habitado ou não era sempre seu – hospedava-se em casa de algum amigo, onde aliás de pouco peso era, porquanto quase nunca parava em casa, nem mesmo nas horas da comida.

Ninguém sabia ao certo de onde extraía os recursos necessários à vida, entretanto mantinha-se sempre na primeira plana dos elegantes e frequentava os primeiros divertimentos da cidade, os mais custosos espetáculos, essas festas e esses lugares onde se gasta sempre, e tudo sem ser pesado a ninguém.

Trajava com um apuro irrepreensível e com um asseio meticuloso, com luxo mesmo, e de preferência frequentava a alta aristocracia e a alta burguesia da nossa terra. Era familiar nos

salões afidalgados da Rua da Aurora, fechados quase sempre aos medíocres filhos da classe média e muito bem recebido e aliás solicitado nas salas burguesas dos arrabaldes, onde de ordinário residem os nossos obesos capitalistas e os nossos incomunicáveis comerciantes.

Todas as tardes invariavelmente, estivesse onde estivesse aboletado, era certo verem-no vestir-se com o maior chique possível, calçar a luva *gris perle* ou cor de palha, ajeitar o *pince-nez*, curvar um pouco a elegante bengala de unicorne<sup>26</sup> e sair para a rua. Se algum amigo o encontrava e indagava o seu destino, ele respondia logo no tom mais natural do mundo, como se praticasse uma coisa de todos os dias:

– Vou à casa da viscondessa...

Ou:

– Vou ver as meninas do Comendador...

Ou então:

– Vou tomar chá com a baronesa.

E era tudo verdade. Outras vezes alugava um dos melhores cavalos e dirigia-se a passeio para fora da cidade. Ia à Passagem, à Ponte de Uchoa, ao Poço, a Apipucos, ou a Olinda, a Beberibe, principalmente no tempo da festa. Era então acolhido como um maná celeste e as moças o rodeavam, cheias de festas e de agrados; as solteiras porque o julgavam um bom partido e as casadas porque Leandro Dantas não era homem que deixasse de fazer a corte a quem deveras a merecesse ou de alguma sorte a provocasse.

Referindo-se aos homens, poderia dizer como o poético sonhador da Galiléia: – “O meu reino não é deste mundo”. – Com efeito, era pelas mulheres e no meio delas que ele reinava como soberano. A sua natureza sensual e o seu gênio afoito davam-se bem na atmosfera feminina. E o mulherio não desdenhava as suas homenagens, não desgostava das suas afoitezas, nem o repreendia pelas consequências naturais e lógicas do seu modo de proceder. Passava por ser um Lovelace incorrigível, um D. Juan cínico com as

mulheres, mas cauteloso com os maridos. Apontavam-lhe as conquistas às dúzias e rara era a senhora mais ou menos saliente na sociedade recifense pela sua beleza ou pelo seu nome aristocrático, que o vulgo não lhe desse por amante e cujos episódios de vida escandalosa não comentasse com malícia. Verdade ou mentira, era essa a fama do rapaz e à sombra dela Leandro Dantas ia vivendo uma vida feliz e regalada.

O que é exato, porém, digamos desde logo, é que era um homem realmente perigoso. Mas tinha um gênio tão folgazão, sabia aparentar tanta lhaneza e afabilidade, tanto despreendimento e mesmo desprezo pelo que dele se dizia; afetava no seu trato íntimo e familiar uma tal igualdade para com todos, que os maridos, por mais desconfiados que fossem, e os pais, por mais acautelados que parecessem, acabavam sempre por se deixar dominar e por dar quarentena eterna às murmurações comprometedoras, que o apontavam como um sedutor, como um perturbador do lar doméstico, como um ladrão da felicidade alheia.

Tal era o rapaz que se fizera apresentar a Celeste, e em torno do qual vão girar todas as cenas da segunda parte desta história. Se era, porém, tal qual o pintavam as línguas maldizentes, só o poderemos saber quando penetrarmos no mistério da sua vida, do qual só ele e o Jereba pareciam ter a chave.

Não se desespere, por ora, o leitor e passe comigo ao capítulo seguinte.

## VI Últimos traços de um retrato

Nessa mesma noite, Leandro Dantas foi apresentado a Tomé Cavalcanti e desde logo, pondo em contribuição todos os recursos de seu gênio insinuante e de sua audácia natural, apoderou-se do ânimo do senhor de engenho e assenhoreou-se da sua amizade e da sua simpatia, sendo por ele próprio convidado para a primeira reunião da sua casa. É preciso notar que o Cavalcanti recebia habitualmente uma vez por semana, às sextas-feiras. Estava-se em uma quarta, portanto daí a dois dias era o designado para a sua definitiva entrada na casa da Passagem da Madalena. O lobo encontrava enfim aberta a porta do redil e era o próprio dono dele quem o franqueava. A raposa ia aninhar-se no galinheiro, guiada, aliás, pelo próprio galo.

Leandro Dantas não cabia em si de contente e cada vez o demonstrava mais, abrindo-se completamente com o amigo, única pessoa entretanto que lhe merecia as confidências e a quem, com segurança e sem reservas, confiava os seus projetos e esperanças.

Não era de pouco que datava a amizade de ambos. Conheciam-se desde os primeiros estudos, nos bancos da escola no colégio do Vilar, e desde esse tempo que nunca se perderam de vista nem se separaram totalmente. Quando o descrédito apanhou o Jereba e o inutilizou para o comércio ou para outra qualquer carreira na Província, Leandro foi um dos raros amigos que não lhe deram as costas, e talvez o único que naqueles primeiros tempos lhe franqueou a sua bolsa e escudou a sua reputação com a continuação ostentosa da sua estima e da sua amizade. O Jereba que, entre muitas outras qualidades, possuía em alto grau a de ser grato, nunca se esquecera dos favores que havia recebido e por isso era para Leandro um verdadeiro amigo, quase um irmão. Era um com o outro que eles trocavam os seus mais íntimos pensamentos, os seus mais extraordinários planos de vida, todas essas confidências enfim de tristeza ou de alegria – alegrias e tristezas que formam o tecido fatal da vida humana.

Ao finalizar o espetáculo, conseguira Leandro ainda uma vez aproximar-se de Celeste como impelido pelo acaso, na ocasião em que esta ia subir para o carro, e de trocar com ela e com seu marido algumas palavras de um cumprimento banal para todos, mas altamente significativo para os dois namorados. Depois, em pé na calçada do teatro, vira-a sumir-se na ponte de Santa Isabel em direção à Boa Vista e atirara ao ar, como despedida saudosa de apaixonado, um enorme e profundíssimo suspiro.

– É linda como uma verdadeira visão poética! – exclamou ele depois entusiasticamente.

– Olé! – bradou o Jereba, com todo o cinismo de um incrédulo e toda a franqueza de um amigo – temos deveras paixão?

– Nem eu mesmo sei, meu amigo! – respondeu Leandro dando à voz um certo tom de doce melancolia – nem eu mesmo sei, mas creio que no lago sombrio do meu coração vai abrir-se afinal a flor verdadeira.

– Ai! ai! ai! pelo que vejo já estás no período agudo. Cais na poesia e exploras a tolice.

– Que queres? sou feito assim.

– De manteiga e de sebo de Holanda! qualquer calorzinho te derrete!

– Jereba, tu és um miserável! não compreendes o amor.

– Qual história, meu Leandro!... eu te compreendo de sobra e tenho-te visto estado comatoso mais de cem vezes.

– É impossível, porque o que eu começo a sentir por aquela mulher é mais do que uma simples aspiração dos sentidos, mais do que um forte desejo da carne...

– Lá vens tu com as teorias!... mas previno-te que para cá não pegam as tuas teoremas. Conheço-te bastante para ter a certeza de que essa tua paixão é tão verdadeira como as outras que tens tido, como todas as que hás de ter.

– Ó Jereba!... fazes de mim um péssimo juízo.

– Faço-te apenas a maior justiça possível. Essa tua paixão nascente...

– É única! é absorvente, adstringente...

– Desopilante e desobstruinte, como as outras, sei. A mulher do Cavalcanti há de valer para ti tanto como a mulher do Passos, como a mulher do Cerdeira, como a mulher do...

E aqui o Jereba desfiou uma enfiada interminável de nomes de maridos infelizes e de mulheres mais ou menos altamente colocadas, e isso com tanta rapidez de memória e segurança de acusação que demonstrava o grande conhecimento que ele tinha não só da vida e dos amores do seu amigo, como também da crônica escandalosa da nossa sociedade. Ao terminar essa longa nomenclatura, Leandro exclamou rindo-se com certo orgulho e fatuidade:

– Não evoques esses fantasmas aterradores do meu passado!

E, tornando-se repentinamente sério, prosseguiu num tom inexplicável de convicção:

– Mas queres que te diga uma coisa? não fui eu quem iludiu e zombou dessas senhoras, foram elas que me enganaram. Roubaram-me pura e simplesmente, dando-me, por coisas finas e de preço, uma fazenda avariada. Para elas eu não fui mais do que o mísero e ingênuo tabaréu, que vem à praça fazer seu provimento, e a quem o caixeiro esperto e ladrão impinge todos os alcaides que tem na loja.

– Celeste é igual às outras.

– Não! não me digas isto!... Talvez me iluda, mas deixa-me na minha ilusão.

O Jereba levantou os ombros. Encararam-se os dois por um momento. De repente desataram ambos a rir com toda a boavontade. Dir-se-iam dois augures que se tivessem encontrado e se encaravam. É que aqueles dois se conheciam mutuamente.

Era muito mais de meia-noite já; o teatro apagara-se de todo e o largo do palácio estava completamente deserto e envolto no maior silêncio possível. Nem mesmo vagavam por ele os vultos suspeitos e aos pares, que nesse tempo buscavam o tapete relvoso daquele campo extenso e sem guardas, mal iluminado, – quase às

escuras – para dar expansão a seus colóquios inconfessáveis e à poesia naturalista de uns amores de contrabando.

Quase que se ouviam as passadas cadenciadas das sentinelas que passeavam monótona e inutilmente em frente ao Palácio da Presidência e em frente ao Quartel da Cavalaria. Os dois amigos acenderam os charutos e dando os braços tomaram a direção da Rua do Imperador.

– Onde vais dormir hoje? – perguntou o Jereba de repente.

– Nem sei mesmo – respondeu o outro pensativo.

– Ao convento?

– Não é possível: a portaria fecha-se às nove horas.

– Nem sempre.

– Lá isso é verdade, mas para que ela se abra depois destas horas é preciso uma das duas condições: ser frade ou prevenir.

– E não preveniste?

– Não.

E, como tomando uma resolução repentina, Leandro acrescentou logo:

– Vou dormir em casa da velha: mesmo porque preciso de dinheiro.

– Há quantos dias não vais lá?

– Eu sei! Estive com ela no dia em que cheguei da Bahia. É provável que não me espere, mas que tenha paciência: vou lá tão poucas vezes, que não hei de ser mal recebido hoje, só porque apareço assim um pouco fora de horas. Não achas?

– Decerto.

Assim conversando os dois amigos haviam chegado à Rua do Crespo.

– Aqui deixo-te – disse o Jereba.

– Como?... já?

– Pois então, vou dormir.

– Queres fazer-me companhia?

– Qual! quero lá incomodar a tua gente?! Vou dormir mesmo em casa. Onde te encontrarei amanhã?

– No lugar do costume ou em casa. Vai almoçar comigo.

– Pois sim. Adeus.

– Até amanhã.

Separaram-se. O Jereba tomou para o Bairro do Recife, no qual com pouco se sumiu para as bandas da Rua do Vigário, onde morava em companhia de uns caixeiros, antigos companheiros e amigos, assaz generosos para lhe darem casa e cama.

Leandro Dantas, subindo a rua, adiantou-se até a entrada da Camboa do Carmo, por onde enveredou seguindo de roda batida até a Rua dos Martírios.

Pouco depois da Igreja, parou à porta de um sobrado de dois andares e bateu com toda a força com a ponteira da bengala. Ao princípio não lhe responderam, mas depois, repetindo-se as pancadas, cada vez com maior força, e seguidas de algumas imprecações de mau humor, abriu-se uma janela no primeiro andar e assomou à varanda um vulto de mulher em camisa e apenas envolta numa coberta à guisa de manto ou de xale.

– Quem é? – perguntou ao mesmo tempo uma voz um pouco enfadada e cheia de bocejos.

– Ora, quem há de ser? – respondeu o rapaz asperamente – sou eu.

– Ah! és tu? – retrucou a mesma voz, abrandando-se de repente e tomando um tom de alegria e de amizade – espera aí, meu filho. Vou abrir já.

A mulher retirou-se apressadamente da janela e com pouco a porta da rua abriu-se cautelosamente franqueando uma entrada discreta, ao passo que a mesma voz da varanda murmurava com ternura:

– Entra depressa.

Leandro entrou sem cerimônia.

Em pé no corredor, um pouco atrás da porta, onde se recolhera como para abrigar-se da corrente do ar, estava uma mulher alta e corpulenta, tendo uma vela acesa na mão. Era a mesma pessoa que aparecera à varanda.

– Boa noite! – disse Leandro, apenas transpôs o umbral da porta – pensei que não me quisesse abrir. Que demora!

– Oh, filho! estávamos dormindo. Depois, eu sabia lá que vinhas hoje cá!?

Assim se desculpando, a mulher ia fechando a porta com a chave e correndo os enormes ferrolhos que a garantiam do ataque dos ladrões.

– Está bem – articulou o rapaz – vamos logo com isto e dê-me a luz.

– Toma, filho! toma-a – apressou-se a mulher em responder-lhe, entregando-lhe a vela – vai subindo, eu vou mesmo no escuro.

Leandro obedeceu-lhe sem demora e dirigiu-se para a escada.

– Olha – recomendou ela – não faças muita bulha.

– Tem gente? – inquiriu ele, parando nos primeiros degraus e voltando meio corpo.

– Temos – respondeu a outra simplesmente. E acabou de fechar a porta.

Leandro não acrescentou mais nada e continuou subir a escada lentamente e no bico dos pés. Atrás dele seguia sua mãe, sempre envolta na sua coberta de chita encarnada e deixando transparecer impudicamente através da camisa a exuberância de seios e carnes e o contorno pronunciado de suas formas. Era ela uma mulher de seus quarenta e dois anos, pouco mais ou menos, porém frescalhona ainda e conservando bastante as qualidades de beleza e formosura com que a natureza a dotara na sua mocidade.

Ao subirem os dois e ao entrarem no corredor, tomaram para a sala de detrás. Aí chegando, a mulher interrogou o filho:

– Já ceaste?

– Ainda não.

– Então ceia; queres?

– Que é que tem?

– Temos aí um horror de coisas, que seu Antônio trouxe hoje.

Neste mesmo momento soou na sala da frente uma voz rouca e de um sotaque bastante aporuguesado:

– Então? ainda não acabou com isso aí?

– Já vou, seu Antônio! – respondeu a mulher – é só enquanto acordo a negra.

E, voltando-se para o filho, acrescentou abaixando a voz e piscando os olhos significativamente:

– Ele hoje está brabo!

Depois entrou na cozinha e com um vigoroso pontapé acordou uma preta ainda moça que, encolhida como uma macaca friorenta, dormia a sono solto em cima de uma esteira velha de periperi, mal coberta com um xale de lã sujo e esburacado.

– Levanta-te, peste – gritou ela como estribilho ao pontapé.

A preta ergueu-se logo de um salto, como habituada àquela espécie de despertador.

– Senhora? – perguntou instintivamente, esfregando os olhos e bocejando.

– Vai dar a ceia a senhorzinho e fazer depois a cama dele. Anda logo; isso depressa.

– Sim, senhora.

A preta espreguiçou-se num hiato interminável, e imediatamente depois, mesmo em camisa como se achava e de cuja alvura meio comprometedor sobressaía a negrura áspera do seio e dos braços carnudos completamente nus, foi para a sala e começou a sortir a mesa de diversas iguarias e comidas frias que ia tirando de um armário embutido na parede.

Neste íterim a mãe de Leandro despedia-se dele.

– Até amanhã, meu filho, Luiza fica aí para te servir e para te preparar a cama. Boa noite.

– Boa noite.

A mulher dirigiu-se para a sala da frente e Leandro, tirando o paletó e o colete, que entregava à negra e que ela ia guardar num quarto, que ficava ao lado, sentou-se à mesa e começou a fazer honra ao seu apetite e à despensa de sua mãe.

Em seguida tomou conta do quarto onde a preta acabava de fazer a cama e de acender um candeeiro de querosene, e despindo-se totalmente, deixou-se cair no leito não sem primeiro fazer umas carícias ao rosto da preta, que na espécie – seja dito em abono da verdade – não deixava de ter a sua beleza.

– Seu moço quer mais alguma coisa? – perguntou ela, dando com o ombro e recuando com o rosto como a repelir o agrado intempestivo, mas em todo caso mostrando uma enfiada de dentes alvíssimos num sorriso de sensualidade lúbrica e alvar.

– Não sei! – respondeu o rapaz reiterando a carícia e provocando assim a faceirice desavergonhada da escrava.

Num relógio de parede, davam neste momento duas horas da madrugada.

## VII Misérias humanas

Só às nove horas da manhã é que Leandro acordou, sendo ainda assim despertado pelo burburinho que se fazia na sala de jantar onde tilintavam os talheres e os pratos por ocasião de pôr-se a mesa para o almoço. Ao mesmo tempo, mal abria ele as pálpebras intumescidas ainda pelo sono, soava à porta do quarto uma interpelação alegre e conhecida:

– Ainda dorme este preguiçoso?!

Leandro ouvindo a voz que assim falava, sentou-se na cama esfregando os olhos e gritou bocejando enormemente:

– Entra, Jereba!

Era com efeito o companheiro da véspera que não se esquecera do amável convite da madrugada e vinha, como de costume, ao almoço do amigo, com tanto mais presteza e sem cerimônia quanto era já conhecido na casa e tratado pela mãe de Leandro como se também o fosse dele.

– Que horas são! – perguntou o rapaz estremunhando.

– Horas de almoço! – respondeu o Jereba prontamente.

– Bem, isso é no relógio do estômago mas vê lá no relógio da parede.

– Nove e dez! – gritou da sala uma voz argentina e galhofeira, incontestavelmente voz de mulher, mas de mulher moça e bonita.

– Salta! – exclamou Leandro erguendo-se de um pulo – como é tarde!

– Lá isso é! – confirmou o outro filosoficamente – estou com uma fome de frade.

– Também a demora é pouca; é só enquanto tomo o meu banho.

Leandro acendeu fleugmaticamente uma ponta de cigarro que estava sobre uma cadeira ao pé da cama, embrulhou-se na coberta, como se fosse um lençol de banho, e saiu do quarto.

– Ora seja muito bem aparecido, seu dorminhoco! – exclamou, apenas o viu, uma linda morena que estava arrumando a mesa, com os cabelos castanhos e crespos meio revoltos ainda e vestida apenas com um penteador branco de musselina, que lhe desenhava as formas elegantes e provocadoras.

Leandro aproximou-se dela sem a menor sem cerimônia pelo pitoresco do seu traje, e batendo-lhe no queixo com um gesto de agrado e de carinho, saudou-a alegremente:

– Ora viva!... como vai isso?

– Ora! não há bem que me entre, nem mal que me dure! – respondeu ela com um sorriso.

– Ainda bem! – murmurou o Jereba – antes assim. Mas a moça continuou, olhando para o rapaz.

– Você não tem vergonha de dormir até esta hora, Leandro?... Há que tempo o Sr. Jereba chegou.

– Sim, mas também que horas me deitei eu?

– Às duas... pouco mais ou menos. Eu bem que ouvi quando você entrou.

– Ah! ouviu? – e por que não se levantou?

– Eu? mamãe não estava aí?... Ao depois...

– A moça parou subitamente e, sentindo-se corar de repente, não concluiu a frase começada.

– E ao depois? – inquiriu Leandro distraidamente.

– Nada! – respondeu ela de sopetão, dando-lhe as costas.

– Hein? – insistiu ele.

– Você bem sabe o que é.

– Ah! – murmurou o rapaz como caindo em si.

Neste momento entrava na sala a mãe de Leandro com toda a majestade de sua corpulência e todo o peso e autoridade de dona da casa.

– Deus te abençoe, rapaz! – foi ela dizendo, apenas avistou o filho – como passaste a noite?

– Bem – respondeu ele laconicamente – o meu banho?

– Está pronto. Queres água quente?  
– Nada! água fria.  
– Então vai logo, que já estou a morrer de fome.  
– Como! Vosmecê ainda não almoçou?  
– Qual! nem eu, nem Marocas. Seu Antônio, sim, esse almoçou logo às seis horas e foi para o armazém. Nós ficamos a tua espera...

– Neste caso lá vou e não me demorarei muito. É um instantinho. Jereba fica aí conversando.

Leandro dirigiu-se então para uma escada que conduzia do primeiro andar para o quintal e aí entrou para um quarto, onde encontrou uma banheira que a escrava havia enchido com a água da cacimba. O rapaz atirou-se dentro dela com toda a volutuosidade de um sibarita, mas, apenas despejou pela cabeça as primeiras cuias d'água, lembrou-se de que não tinha levado com que enxugar-se. Por isso, saltando fora da banheira e correndo à porta, com risco de ser visto por toda a vizinhança, gritou para cima:

– Mande-me um lençol!

Marocas correu imediatamente à janela que dava para o quintal e debruçou-se para fora:

– Que é? – perguntou ela olhando para baixo.

– Um pano para enxugar-me! – gritou Leandro de novo e sem afastar-se do seu posto.

– Leva uma toalha a senhorzinho, negra! – ordenou então a mãe do rapaz, que estava comodamente sentada no sofá.

A negra não esperou segunda ordem e desceu a escada do quintal com a rapidez de um aerolito, levando a toalha fechada na mão e o riso completamente aberto nos lábios.

Na sala começavam a conversar acerca do espetáculo e, a esse propósito, contava o Jereba a nascente paixão e o conseqüente namoro de Leandro.

– Também aquele... – murmurou a velha dando um muxoxo – por todo o mundo se apaixonou! não sei com que proveito! não lhe rendem nada, as suas paixões! Quando não tem dinheiro, é aqui que o vem buscar... a mamãe é o cofre... e as paixões não lhe servem de nada.

– Celeste! – dizia a moça – tenho ouvido falar nela, dizem que é um peixão.

O Jereba confirmou imediatamente com a maior seriedade:

– É o que se pode verdadeiramente chamar um quartau de pobre!

A moça e a velha riram-se a bandeiras despregadas com a classificação do Jereba, classificação que é, aliás, bastante usada pelo povo para exprimir a ideia complexa de uma mulher que tem todas as qualidades físicas desejáveis para satisfazer a todos os paladares. A velha acrescentou logo:

– É rica? Os Cavalcanti são família de muito dinheiro.

– É senhora de engenho e, além disso, o marido é capitalista.

– Hum!... Deus queira que ele tire algum proveito desse namoro.

Esse ele referia-se a Leandro. Só esse voto, assim tão simples e naturalmente formulado, seria suficiente para pintar as qualidades morais da mãe do nosso herói e pôr completamente em relevo a sua alma interesseira e de alguma sorte mal conformada. Também a vida que ela tivera e levava desde que se conhecera e fizera a sua entrada definitiva no mundo, não fora muito própria para formar-lhe uma índole boa ou para modificar a que a natureza lhe houvesse dado.

Era natural da Bahia e filha de uma mulata. Chamava-se Carolina Dantas, e desde a mais tenra idade tratavam-na pelo familiar diminutivo de Calu. Não reconhecera seu pai, não sabia mesmo quem fosse, e da família só se lembrava de sua avó, uma gorda preta da Costa que morava lá para as bandas da Baixa de Itapajipe e vivia de uma quitanda assaz afreguezada, ninguém sabe se por si mesma ou se por suas frutas e quitutes. Lembrava-se

também de sua mãe, cuja casa estava sempre cheia de rapazes e onde, aos domingos e sábados à noite, se dançava e se cantava modinhas ao som do violão e por entre as lérias e chalaças dos capadócios baianos, os mais completos e genuínos capadócios do Brasil.

Aos quinze anos de idade, um estudante de medicina, que estava a formar-se, tirou-a da casa numa noite de pagode, mas pressentida a fuga a tempo, foi obstada quase imediatamente e presos os dois fugitivos a dois passos de casa, sem que o infeliz Páris pudesse consumir o seu intento e transportar-se ao sétimo céu de Mafoma. A mãe dela, porém, quis tirar dessa fuga todo o partido possível e levou o fato ao conhecimento da autoridade competente, fundamentando com o testemunho dos convivas a sua queixa de mãe pundonorosa e ofendida. A autoridade, baiana como a queixosa, quis levar as coisas logo às do cabo; mas o estudante – que, aliás, sabia bem a sua medicina, e tinha consciência de sua virtude involuntária – apadrinhou-se com o prestígio do seu correspondente e requereu um exame, cujo resultado foi deixar a autoridade ir o infeliz namorado na santa paz do Senhor. Entretanto verificou-se e ficou provado à evidência que a Carolina Dantas, apesar das suas poucas primaveras, há muito tempo que havia desfolhado as flores de laranjeira que viçavam no seu pomar. Quem colhera o fruto daquele jardim das Hespéridas, ninguém – nem ela mesma talvez – o poderia dizer.

A especulação da velha mulata, portanto, deu em água de barrela e só surtiu um efeito, aliás, dois efeitos inesperados: o descrédito da filha e, dias depois, o fugir-lhe ela de casa definitivamente, não mais levada pelo estudante, mas desta vez em companhia do seu correspondente, um negociante português, casado, e que, há muito, a tinha de olho e esperava só pela ocasião de poder apoderar-se dela sem os riscos do código. O processo o orientara, pois, e ele aproveitara a oportunidade.

Foi deste ajuntamento ilícito e adúltero que nasceu o nosso herói, tomando do pai unicamente o nome de batismo. Carolina sabia que o seu amante era casado e semelhante certeza não fora

impedimento para obstar o passo que havia dado. O que ela almejava sobretudo era a independência: queria a todo transe ver-se livre da sujeição à sua mãe e principalmente do trabalho que lhe era imposto já por ela, já pela própria necessidade de viver e de vestir-se. Fugiu de casa com o negociante, como saíra com o estudante, como acompanharia outro qualquer, contanto que lhe acenasse com a independência, com o luxo e com o bem-estar de uma vida ociosa e divertida, o que era o seu sonho doirado, o ideal da sua felicidade.

O nosso português, deveras apaixonado pela Calu, começou, para ser-lhe agradável e para satisfazer-lhe os caprichos e a voracidade insaciável, a exceder-se nas suas despesas, e em pouco tempo viu escancaradas diante de si as fauces hiantes de uma iminente e inevitável falência, senão fraudulenta, pelo menos culposa. Tratou de liquidar o mais depressa possível, o que fez incendiando a casa comercial, mas com tanto tino e perícia, com tamanha felicidade, que o seguro lhe pagou os prejuízos e ele aos credores com um abatimento de oitenta e cinco por cento.

Com a consciência ilesa e com o diploma moral de benemérito da honradez e da honestidade comercial, embarcou então para Pernambuco com toda a sua família e veio estabelecer-se no Recife. No vapor seguinte chegaram também a formosa Calu e o seu filho Leandro. O português instalou-a convenientemente e, em pouco tempo, a casa da baiana tornou-se o objetivo de toda a rapaziada folgazã e doida da cidade e seus subúrbios, atraída pela sua beleza peregrina e, mais do que tudo, pelo mistério que envolvia a sua existência e pela qualidade de favorita, que dava a toda ela um certo encanto de fruto proibido.

A Calu, daí em diante, começou a portar-se mal e o negociante, que a conservara até então teúda e manteúda, ou por isso ou porque já se fosse enfasiando, principiou também a afastar-se de casa dela até que de todo a abandonou. Carolina Dantas, porém, não era mulher que deixasse impunemente zombar de si. O escândalo não a amedrontava, pois já estava afeita e por demais familiarizada com ele. Apenas, portanto, reconheceu que estava

completamente abandonada pelo amante – embora moralmente isso pouco lhe importasse – traçou o mantelete, tomou o filho pela mão e sobraçando um maço de cartas do negociante, – provas palpáveis do seu amor e dos seus desvarios – dirigiu-se cheia de resolução à casa dele.

Ia ávida de escândalos; com o coração palpitante de raiva e a cabeça povoada dos mais extraordinários projetos de insulto e de vingança.

Bateu violentamente na porta, e entrou quase arrastando atrás de si o pobre filho.

## VIII Recordações da mocidade

Foi a própria mulher do português quem a recebeu. Era ela uma senhora distinta por todos os lados; pela família, oriunda de Lisboa; pela modéstia das suas maneiras graciosas: pela bondade do seu coração resignado; enfim pela inalterável tranquilidade do seu espírito reto e justiceiro, da sua consciência impecável, do seu ânimo angélico e sereno.

Sabia daquela rapaziada de seu marido, mas nunca tinha visto – nem procurara ver, – a mulher que partilhava com ela os seus afetos e carinhos. Ficou portanto impressionada com a beleza acentuadamente crioula da baiana e ainda mais com a graça, a formosura e o ar ingenuamente curioso de Leandro, que tinha então os seus sete anos.

A explicação foi áspera de uma parte e comovente da outra. Pela primeira vez as duas rivais se achavam frente a frente, mas, se a amante era uma mulher cheia de energias e de audácias, capaz de todos os insultos e de todas as represálias, provocadora e insolente, a esposa legítima era uma criatura fria e digna que, só com um olhar, desarmava a adversária.

A mulher do negociante era uma dessas senhoras que parecem ter vindo ao mundo para propalar as excelências da virtude e para realizar o ideal da bondade e da doçura. Ouviu, pois, todas as recriminações, todas as diatribes, todas as exigências da baiana; afagou a cabecinha, então loura, da criança, beijou-a mesmo muitas vezes com as lágrimas nos olhos e mais cheia de compaixão do que de ódio.

Pois bem: nada disto desarmou a astuta baiana; antes exacerbou-a ainda mais no intuito de tirar todo o proveito possível de uma tal situação. Não fosse ela de onde era para deixar de assim proceder!

Neste ínterim chegou o negociante e a situação tomou um caráter altamente dramático. Calu aproveitou então o momento para descarregar o golpe de mestre: revelou o seu estado. Declarou

que estava grávida e que o português ia ser pai pela segunda vez. A senhora do negociante sentiu-se empalidecer e quase cambaleou apesar da resignação estoica que lhe servia de escudo e amparava todos os golpes que lhe podiam ir ao coração. Fitou tristemente um longo e doloroso olhar em seu marido. Este, porém, repeliu a insinuação da amante, contestou, negou a pés juntos aquela paternidade lançando-lhe em rosto o seu comportamento fácil e condenável de certo tempo a esta parte. O escândalo chegou então ao seu apogeu: azedou-se a discussão e depois de um tiroteio de frases mais ou menos inconvenientes, e de mútuas e extraordinárias ameaças, a conferência terminou-se pelo português pôr a amante pela porta a fora e por esta ameaçá-lo com a publicação de todas as suas cartas. A mulher do negociante quis servir de bandeira de misericórdia, mas não houve acordo possível, pelo menos naquela ocasião.

Mais tarde voltou a calma e o português conversou detidamente com sua mulher. A situação era deveras melindrosa. Suavemente exproboou-lhe ela o seu procedimento irregular e ingrato; recebeu a promessa e a segurança, aliás sinceras, de estar ele emendado e acordaram e concordaram ambos no procedimento que deviam adotar em relação a Carolina e a seu filho.

Em virtude desse acordo, no dia seguinte, o guarda-livros da casa, que era um homem sério e muito amigo do negociante, procurou a Calu e propôs-lhe: por parte dele entregar Leandro a seu pai para ser educado convenientemente, e por parte da mulher, vender-lhe as cartas do marido por um preço razoável. O guarda-livros, hábil e astucioso, adivinhara-lhe logo a corda sensível e fora diretamente ao alvo. Depois de larga discussão, a baiana, ou convencida afinal pelas razões do enviado ou apertada pelas garras da necessidade, concordou com ambas as propostas e entregou as cartas mediante a quantia de um conto e oitocentos e o filho com a condição única de poder vê-lo todas as vezes que quisesse. Aparentemente dava com isto uma satisfação à sua ternura e aos seus afetos de mãe, mas interiormente sentia-se satisfeita por se ver livre do filho que, visto não servir para prender o pai ao pé de

si, se tornava em verdadeiro trambolho. A sua expectativa fora muito além do que ela esperava. Julgava-se triunfante e por isso estava intimamente cheia de júbilo.

Três dias depois entrou Leandro para o colégio do Vilar, que era já então na rua dos Quartéis, e aí encontrou o menino Fortunato Dias, o mesmo que mais tarde teria de chamar-se o Jereba, o qual desde logo ficou sendo seu companheiro inseparável e seu amigo verdadeiro. É, com efeito, do colégio, dos brincos da infância, dos estudos em comum, que brotam espontâneas essas relações e simpatias que mais tarde se robustecem e nunca mais nos abandonam. As amizades adquiridas depois, no correr da nossa vida e por efeito de troca de interesses, têm sempre vícios de origem, as outras, porém, não, como foram espontâneas, são sinceras e trazem-nas sempre ao coração uma saudade tão suave, umas recordações tão doces, que, quando nada valessem por outros quaisquer títulos, só por esses merecem todo o nosso culto.

Carolina Dantas, definitivamente repudiada, desabituada ao trabalho, e impregnada dessas mil exigências que impõem a ociosidade e o luxo, não escolheu outro recurso de que lançar mão senão a prostituição. Não lhe impediu a resolução nem mesmo a lembrança do ser que trazia no seio e que veio à luz meses depois.

Foi uma menina.

Contando com a extraordinária bondade da mulher do seu ex-amante e procurando ainda especular com aquele tesouro inexaurível de virtudes, a Calu lembrou-se de mandar convidá-la para madrinha da filha; mas a digna senhora recusou-se, enviando-lhe, não obstante, uma quantia para o enxoval da criancinha, e respondendo-lhe peremptoriamente que nada de comum podia haver entre elas duas, muito menos os laços que a igreja aprouve julgar de parentesco espiritual, e que para satisfação à sua consciência e ao amor por seu marido bastava-lhe a proteção que concedia ao filho dele. A baiana resignou-se com a afronta, – se afronta era – embolsou o dinheiro do enxoval da filhinha sem a mínima repugnância ou escrúpulos de dignidade e entregou-se de corpo e alma à sua nova vida.

Entretanto Leandro ia estudando e progredindo. Aos quatorze anos dava as mais significativas provas de inteligência, mas também as mais exuberantes de audácia e de libidinagem. No colégio – nessa sementeira de vícios e de maus costumes – por mais de uma vez merecera os mais ásperos castigos pela sua corrupção e práticas imorais. Passava dias inteiros em casa de seu pai, ouvindo os conselhos piedosos e honestos de sua, digamos, madrasta, presenciando os exemplos de virtude de que era ela uma conscienciosa e emérita cultora; mas também frequentava – e até preferia – a casa de sua mãe, onde recebia lições inteiramente contrárias às outras e mais agradáveis à sua índole e era testemunha de cenas e atos que, longe de repugnarem a sua natureza e revoltarem a sua qualidade de filho, lisonjeavam os seus vícios de homem e elevavam-no pela novidade e de alguma sorte por corresponderem aos secretos ardores do seu sangue, às impetuosidades fogosas de sua raça, à sua índole enfim.

Nessas contradições de condutas, – embalado no mar da vida, que começava, ora por umas vagas ondas revoltas de tempestade, enlevado às vezes pelos perfumes suaves da virtude da mulher de seu pai e às vezes embriagado pelos aromas acres das orgias da casa de sua mãe, empuxado assim ora para o bem, ora para o mal, formou-se o caráter de Leandro e chegou ele aos dezesseis anos de idade, e saiu do colégio pronto e apto para entrar nas lutas da vida: bastante inteligente e preparado para iludir a todo o mundo, bastante corrupto para não ser enganado por ninguém.

Seu pai levou-o definitivamente para casa, e pretendeu empregá-lo no comércio. Ele, porém, relutou e declarou que não tendo absolutamente vocação alguma para semelhante gênero de vida, preferia e desejava estudar medicina. A mulher de seu pai achou razoável e justíssima essa pretensão e secundou-a com todas as forças. Além de abrir-lhe as portas de uma carreira digna e honrosa, tinha esse desejo do rapaz a vantagem de afastá-lo de sua própria mãe e de separá-lo, durante muito tempo, do meio em que ela vivia e onde eram diários os escândalos que dava e completa a sua vergonha.

O negociante cedeu aos desejos de seu filho e às sugestões e conselhos de sua mulher, e Leandro embarcou para a Bahia, a fim de aí prosseguir nos seus estudos e oportunamente matricular-se na escola de medicina. Antes de partir, porém, não deixou de ir despedir-se de sua mãe, e esta no justo afã de ser-lhe útil e de proporcionar-lhe bons conhecimentos e ainda melhores distrações na terra de Moema, deu-lhe inúmeras cartas de apresentação e recomendação para os seus parentes que eram numerosos e importantes, dizia ela, e que embora, há tantos anos, não recebessem notícias suas, provavelmente teriam grande orgulho em conhecê-lo e em prestar-lhe seus serviços, porque os baianos, – acrescentava Calu no ardor do seu entusiástico bairrismo – são muito unidos e amigos dos seus. Orgulho havia, realmente, mas era da prostituta em apresentar à sua parentela um produto tão elegante das suas entranhas. Com efeito, já naquele tempo Leandro era um mocetão bonito e mostrava o que havia de vir a ser mais tarde.

Na Bahia, pois, o rapaz deu-se pressa em procurar os pretendidos parentes de sua mãe e, não sem algum custo, encontrou-os enfim, disseminados por aquela mesma baixa de Itapajipe e adeptos sempre daquela mesmíssima vida alegre e milagrosa, na qual vivera sua mãe e da qual saíra para concebê-lo e o pôr no mundo. Foi recebido de braços abertos e proclamado desde logo o mais genuíno representante da família, principalmente depois que ele, – baiano também, – para dar-se maior importância, e firmar de uma vez o seu predomínio, declarou que estava reconhecido por seu pai, e que este não regateava despesas com os seus estudos, e que a previdência essencialmente bondosa de sua... “madrasta” provera e recheara bastante a sua bolsa de viagem e a sua gaveta de estudante. Então não houve Dantas nenhum pela Bahia e seu recôncavo que não se honrasse com aquele parentesco e não fosse oferecer-lhe a sua casa, as suas filhas, os seus gatos, tudo seu enfim. Seja dito de passagem, o baiano é essencialmente obsequioso e afável. O conhecido, o hóspede, encontra nele uma lhaneza excessiva e se o fôssemos julgar somente por essas

aparências, ninguém lhe emprestaria o título de francês do Brasil, ou de maranhense do sul.

Nesse novo meio, portanto, Leandro sentiu arrefecer bastante o seu entusiasmo pelo estudo da medicina e embora não o abandonasse de todo nem o riscasse absolutamente do seu programa de futuro, foi, contudo, se dedicando com mais afinco e maior gosto ao conhecimento exato das escalas do violão, ao cultivo da modinha mais ou menos estropiada e à prática do baiano chorado e cheio de requebros.

Foi assim que passaram para ele alguns anos agradáveis, sem que a escola de Medicina tivesse a fortuna de contá-lo no número dos seus frequentadores. Se de alguma coisa lhe servia a sua estada na Bahia, era unicamente de desenvolver-lhe cada vez mais a sua índole sensual e as suas tendências para a libidinagem e para a crápula. O pouco pudor que trouxera do colégio, os poucos escrúpulos que ainda conservara, filhos mais da falta de hábito do que dos conselhos da própria consciência, desapareceram de todo e nesse traquejo do vício, e sobretudo na convivência íntima dos seus patrícios, envolto sempre nas malhas alegres do agrado mais sem cerimônia que é possível imaginar, adquirira ele aquelas qualidades brilhantes que o tornaram mais tarde querido dos homens e conquistador das mulheres. Neste gênero, foram as suas primeiras armas feitas na Bahia e os triunfos facilmente obtidos e nunca perturbados lhe haviam dado aquela audácia de que tantas provas apresentou depois.

Nenhum lugar, na verdade, seria tão próprio para desenvolver as suas tendências como ali ou a Corte.

Entretanto sucedia no Recife um fato que ia alterar completamente o curso de sua vida e como que, por assim dizer, transtornar o seu futuro. Seu pai adoecera gravemente e falecera quase que de repente. Leandro foi chamado imediatamente pela mulher, agora viúva, de seu pai e teve de deixar a Bahia com verdadeira saudade e vir apressadamente para Pernambuco. Aqui chegando foi surpreendido pelo testamento do português que tendo constituído a mulher sua herdeira universal, lhe deixara, entretanto,

de sua terça, e a fim de ajudá-lo a prosseguir nos seus estudos, o usufruto de dois sobrados sitos na Rua dos Martírios, sobrados cuja propriedade, entretanto, ficava pertencendo à mulher até sua morte.

A viúva do português tencionava entregar a direção da casa comercial do seu marido a Leandro, mas a conselho de seus parentes e de seus patrícios – era portuguesa de nascimento – liquidou tudo e deixou o Brasil, onde vivera tantos anos felizes, onde deixava tantas afeições sinceras criadas pela sua extrema bondade, tantas dedicações filhas da sua inesgotável caridade.

Não tinha, porém, ninguém mais que a prendesse aqui, ao passo que da sua pátria a chamavam as irmãs e os irmãos de seu marido, seus amigos, e até essas recordações saudosas do nosso torrão natal, que, se por acaso adormecem por algum tempo, despertam algum dia mais vivas e mais imperiosas do que nunca.

Antes de partir, porém, quis dar ainda uma prova da excelência da sua alma, de inexcedível ternura do seu coração. Fez doação a Leandro dos dois sobrados da Rua dos Martírios e abraçando-o, na despedida, com as lágrimas nos olhos e os soluços no peito, abençoou-o como se realmente fosse sua mãe.

Desta forma ficou Leandro completamente livre e independente. Rasgavam-se diante de seus olhos horizontes deslumbrantes, e abria-se diante de seus passos a estrada larga e convidativa dos prazeres.

## **IX Muitas coisas em poucas palavras**

Carolina Dantas continuava sempre na sua vida desregrada e imoral. Havia chegado ao apogeu da fama e da glória, dessa glória e dessa fama que são o triste apanágio das rainhas da moda e que immortalizaram as Laís e as Aspásias. Parecia até que, à proporção que aumentava a sua idade, mais frenética se tornava a sua sede de prazeres e mais vulgar a prática de suas desenfreadas e inimitáveis orgias. Nem sequer lhe serviam de corretivo a presença e a idade da filha, que estava se tornando moça e, o que mais é de uma beleza acentuada e provocante. Dir-se-ia mesmo que esse fato servia de incentivo para que ela procurasse gozar os últimos restos da sua mocidade e aproveitar os farrapos ainda existentes da sua primitiva formosura.

Para Marocas – chamava-se assim a irmã de Leandro – aquele meio era uma escola de péssimos ensinamentos e os exemplos de sua mãe um perigo iminente à sua virtude e honestidade. Leandro apesar de todos os seus defeitos e de toda a corrupção que formava o fundo do seu caráter, compreendeu, talvez por isso mesmo, o perigo de um tal estado de coisas e apenas, se viu livre e senhor absoluto daqueles dois sobrados, – quase uma fortuna para ele que nada possuía até então além do dia e da noite – lembrou-se de sua irmã e de sua mãe.

Esta poderia, com a continuação da vida escandalosa e tão em evidência, prejudicá-lo nos seus planos de futuro e mesmo na atualidade da sua vida de rapaz da grande roda. Infelizmente é a nossa sociedade constituída de tal forma, que pelo crime dos pais pagam os filhos e pela infâmia dos filhos responsabiliza-se o pai, que, quase sempre, é quem moralmente mais sofre com ela e unicamente quem trabalha para impedi-la. Sua mãe poderia, portanto, ser a pedra que encravaría a roda do seu carro triunfador, a roda talvez da sua fortuna. Sua irmã, essa poderia ele salvar ainda das garras da perdição e torná-la moça digna a todos os respeitos. Foi ter, pois, com sua mãe e ao princípio com uma tal ou

qual humildade, mas para o fim com a arrogância que lhe davam não só a justiça da sua causa como também a falta de respeito em que fora educado, numa cena violentíssima pediu, exigiu, impôs-lhe até a mudança total de gênero de vida.

– Vivo como quero e não tenho a quem dar satisfações! – gritou a Calu, no auge do furor e não podendo admitir a interferência do filho.

Seguiu-se a isto uma cena tal que a nossa pena se recusa a transcrever para estas páginas. A todas as razões opostas pelo filho, a todas as invocações feitas em seu nome, e em nome da felicidade de sua filha, recusou-se Carolina Dantas a se curvar e terminou por uma exclamação espontânea e acrimoniosa, que era e é a confissão mais sincera, verdadeira e plena que possa fazer uma mulher dessa categoria.

– Não tenho de que viver! – disse ela em tom formal e peremptório.

– Mas tenho eu! – respondeu – lhe o filho na espontaneidade de um bom movimento.

– O que tu tens é teu...

– Mas também poderá ser seu.

– Vivo como quero!

– Mas essa vida é uma vergonha para mim.

– Ninguém sabe que sou tua mãe.

– Sabe-se sim.

– Qual, histórias! quando vens cá em casa, sabes o que é que pensam? Dizem uns que és o namorado de Marocas e outro que és a minha última conquista.

– Isto é uma infâmia!

– Deixa-te de palavrões, rapaz! Não te posso envergonhar porque... tu és

Leandro Dantas.

– Sim, senhora... e então?

– E a mim... só me conhecem por Calu, a formosa Calu – concluiu ela. E acrescentou logo com um riso zombeteiro de cinismo:

– Não me apoquentes, pois, e, uma vez que estás rico, vamos meter o pau nesses cobres e passar uma vida regalada.

O rapaz formalizou-se, indignado, e, respondeu-lhe imediatamente.

– Pois bem! sabe o que farei se não quiser atender-me?

– Que é?

– Tomo-lhe Marocas.

– Hein?!...

– Tiro minha irmã da sua companhia, e entrego-a ao juiz dos órfãos.

– Leandro, meu filho! tu eras capaz de fazer isto?

– Palavra de honra!

Carolina Dantas conhecia bem o caráter de seu filho e sabia que ele era bem capaz de realizar a sua ameaça. Ora, esse resultado transtornava de todo os seus planos a respeito de Marocas. Por mais torpe que seja a verdade, é preciso revelá-la. A prostituta, a exemplo do comum de suas semelhantes, vendo-se senhora e possuidora de uma filha tão bonita, fizera previamente os seus cálculos e contava especular com a sua formosura, vendendo-a o mais caro possível e tirando dessa infâmia os maiores lucros imagináveis. Por essa forma, quando a velhice a atirasse definitivamente para o enorme batalhão das beatas da Penha, que é sempre onde vão cair essas Madalenas que se arrependem tarde e às más horas, teria ela em sua filha um esteio que a amparasse, e uma herdeira que continuasse a sua tradição. Com a possibilidade de encontrar esse aconchego na honestidade e na vida regular de um lar doméstico, não contava ela. Essa gente não imagina o interior da família senão como um lugar de insipidez e de exílio. Marocas, pois, no ânimo de sua mãe estava destinada a ser a continuação da formosa Calu. A ameaça do filho veio, portanto, enchê-la de terror, porque, fugindo-lhe a filha da sua companhia, lá

se ia pela água abaixo a sua única esperança de auxílio no futuro. Sem a filha para socorrê-la e sustentá-la na decadência só lhe restaria uma expectativa – a mendicidade que é o caminho mais curto para o hospital.

Com o filho não contava ela para coisa nenhuma, e pensava lá consigo:

– Há de casar-se, e a primeira coisa que fará será meter os pés em sua mãe para não envergonhar-se da sua origem.

Infelizmente também é esse o modo geral de proceder!

À vista de tudo isto, portanto, Carolina Dantas pareceu contemporizar um pouco e prometeu ao filho pensar nas suas propostas e responder-lhe definitivamente no dia seguinte.

Ora, entre os inúmeros frequentadores da casa da baiana, havia um que gozava de maiores regalias; é verdade que era quem despendia também maiores somas; sendo, além disso, o fiador e, na frase da carta, principal pagador da sua casa. Era ele um português dono de uma venda no pátio do Carmo, esquina da rua de Hortas. Conheciam-no todos pelo único nome de seu Antônio e como tal era tratado pela Calu e por sua filha.

A mãe de Leandro, apenas o filho deixou-a, mandou chamar o seu confidente habitual, e expôs nitidamente a seu Antônio não só as exigências como as ameaças do rapaz. O português ouviu-a com toda a atenção... pesou no seu íntimo todas as vantagens e todas as inconveniências da situação... sentiu cintilar-lhe no cérebro, como um ponto luminoso, aquela frase espontânea e enérgica do rapaz: – *“Mas também poderá ser seu!”* – e imediatamente formou o seu plano. Aconselhou-a que anísse às exigências, aliás, justas e razoáveis, do filho, mas com uma ligeira modificação, modificação de que todavia não era preciso o Leandro ser desde logo sabedor. O português propunha-se a tomar conta dela exclusivamente, e lembrava-lhe desde logo o meio de acautelar não só os seus interesses atuais, como os futuros.

– Como o rapaz está renitente – concluiu ele: é provável que esteja por tudo; e neste caso fica a minha Calu tranquila com a sua

sorte e garantida para os restos de seus dias.

No dia seguinte foi Leandro saber a resposta e sua mãe declarou que estava disposta a anuir às suas exigências, que achava, aliás, de todo ponto razoáveis, mas que decididamente só mudaria de vida se ele, para garantir o seu futuro, lhe cedesse um dos sobrados, que lhe tinham sido doados. Depois de larga discussão, Leandro anuiu à proposta com a condição de ser o sobrado cedido de fato e direito à sua irmã, tendo sua mãe o usufruto. Foi tudo aceito e nesse mesmo dia mandou Leandro passar escritura de venda do sobrado da Rua dos Martírios à sua irmã Maria Dantas. Não faltou, por esta ocasião, quem, ignorando o parentesco, e mesmo quem, sabendo-o, atribuisse esse ato ao pagamento de uma infâmia. Para o vulgo Leandro Dantas ficou sendo tido e havido pelo Júpiter feliz daquela Danaí.

E é assim que muitos juízos se formam e muitas reputações se perdem e, depois invoca-se a infalível *vox populi* que, às mais das vezes, mente tanto como a própria calúnia, porque o povo é naturalmente mais malévolo do que bom.

Grande foi a surpresa, no mundo elegante, quando a formosa Calu declarou, à guisa de político eminente, que se recolhia à vida privada. Ninguém acreditou ao princípio, mas foram todos obrigados a ceder à evidência, quando dias depois, procurando-a no seu domicílio na Rua do Rosário, encontraram-lhe a casa fechada e com escritos nas vidraças. Indagando-se dos vizinhos, ninguém soubera dizer para onde fora a mudança. Com efeito, à noite, sem prevenir a pessoa alguma das suas antigas relações – isto por exigências de seu Antônio já se vê –, Calu transportou tudo quanto era seu para sua casa da Rua dos Martírios e começou a viver só com sua filha. Com pés de lã, porém, foi o seu Antônio se introduzindo e quando Leandro abriu os olhos viu que sua mãe trastejava um pouco no contrato. Ela, porém, declarou positivamente que não se desfazia daquela amizade, mesmo porque o seu Antônio era um homem sério estabelecido, a quem ela devia muitos favores, e que talvez mais tarde a tomasse por mulher. Leandro riu-se insolentemente da ingenuidade dessa esperança ou da velhacaria dessa desculpa e

encolheu os ombros. Que fazer? De resto, isso pouco lhe importava, uma vez que sua mãe abandonava a vida pública e escandalosa e recolhia-se a um viver mais modesto e relativamente honesto. Força é confessar: até aplaudiu aquele fato era uma garantia contra as recordações perigosas do meio anterior e contra as novas tentações de uma recaída. Unicamente pretextou uma nova viagem e seguiu para a Bahia. Foi preciso, porém, constituir um procurador e sua mãe, sem muito custo, conseguiu que fosse o seu Antônio investido desse cargo. O resultado foi maravilhoso. Pouco tempo depois, o outro sobrado estava hipotecado ao próprio correspondente, mas em compensação não faltava dinheiro ao Leandro para fazer na Bahia uma figura deslumbrante.

Passaram-se alguns anos e apareceu um casamento para Marocas. Sua mãe, receando perder o usufruto do sobrado em que morava, procurou dissuadir a filha e, não o conseguindo, opôs todos os obstáculos imagináveis. A consequência não se fez esperar e seguiu naturalmente a concatenação lógica dos fatos. Quem fora educada na escola do vício, cercada pelo deboche e pela orgia, não podia resistir à influência do meio nem às lições do exemplo. A rapariga cedeu e o homem que poderia ser seu marido, foi simplesmente seu amante. Calu lembrou-se então do que com ela fizera sua mãe em quase idênticas circunstâncias, de não se importar com semelhante coisa. Sabia mas, a conselhos de seu Antônio, tomou o arbítrio que o marido teria de entrar na posse dos bens de sua mulher, mas que o amante nada podia mandar na fortuna de sua filha. Calou-se, portanto, e aceitou o fato consumado.

No fim de pouco tempo, o amante de Marocas aborreceu-se da felicidade que gozava a seu lado e deixou-a assim sem mais nem menos. Ao princípio a moça chorou muito, lastimou a sua sorte, julgou-se a mulher mais infeliz do mundo. Seu Antônio, porém, achou meio de consolá-la. Apresentou na casa um amigo, português como ele, como ele vendilhão e de mais a mais filho da mesma aldeia lá do Minho, e alguns dias depois da apresentação, – como é variável o coração das mulheres! – nem sequer Marocas se

lembrava do seu primeiro amor e confessava “que era a primeira vez que o amor bulia com ela”.

Estavam as coisas nesse pé, quando Leandro voltou para o Recife. Soube imediatamente de tudo. Aquilo não era causa, eram consequências. Conformou-se portanto, mas foi morar no Convento do Carmo, para evitar que conhecessem a sua família, e, dizendo-se filho da Bahia, começou essa vida, na qual o fomos encontrar no teatro de Santa Isabel.

Sem um meio certo de vida, com as suas rendas muito minguadas e com a casa hipotecada, quando queria dinheiro, – por não tê-lo ganho ao jogo – sua fonte habitual de receita, era à sua mãe que ia pedi-lo, e ela nunca o recusava. Calu tornara-se de repente de uma extraordinária ternura pelo filho e não eram estranhos a essa amizade o conhecimento que tinha das suas conquistas amorosas na alta aristocracia, do que ele em família e unicamente em família se jactava, e o orgulho de vê-lo figurar na melhor roda social da cidade.

Leandro sabia de tudo isto, conhecia perfeitamente os sentimentos de sua mãe a seu respeito e, enquanto o seu Antônio ia explorando por intermédio da velha as hipotecas do rapaz, na esperança de mais tarde ficar-lhe com o sobrado, ia ele também, por intermédio dela, explorando a burra do português e transformando os gêneros do seu armazém em luvas de pelica e em botinas Miliés.

Tal era o segredo do luxo de Leandro Dantas: tal era o mistério que cercava a sua vida.

## **X Idílios na Passagem da Madalena**

No dia seguinte àquele em que almoçou com sua mãe, cuja companhia só deixara por volta de meio-dia, depois de ter a carteira recheada com a quantia que julgava necessário para fazer face às primeiras despesas com a sua nova paixão, apresentou-se Leandro na casa da Passagem da Madalena, onde era impacientemente esperado.

Era sexta-feira e noite de recepção. Calculando com aquela impaciência e para o fim de tornar-se mais desejado e por isso mais bem-vindo, Leandro demorou-se o mais que pôde e entrou quando o salão estava cheio de amigos e de senhoras e as bancas de voltarete providas de parceiros nas saletas laterais, justamente nessas noites destinadas para aquela diversão.

A aparição do elegante mancebo naquela roda, onde já ia pela primeira vez, mas onde encontrava conhecidos velhos e amizades um pouco suspeitas, foi um verdadeiro acontecimento: produziu um completo sucesso. Mais de um olhar baixou-se envergonhado ou fuzilou centelhas de ciúme, e mais de uns dentezinhos alvos e miúdos morderam lábios raivosos e empalidecidos de repente. Desde as sete horas que Celeste, o mais garridamente vestida e preparada que lhe fora possível, o esperava com impaciência e ansiedade; sobretudo com essa curiosidade exigente dos corações que começam a amar, com essa sofreguidão da mulher que suspira pelo momento de entregar-se.

Desde que voltara do teatro que só pensava no rapaz e esta insistência voluntária do pensamento, os exageros naturais da imaginação febricitante e romanesca da moça, concorriam cada vez mais para exaltar-lhe a sensibilidade e dar maior vulto àquela paixão nascente e invasora. Durante aquele dia e o antecedente, imaginava a cada ruído na estrada deparar-se-lhe o Leandro que, impaciente e apaixonado, tal qual ela se achava, viesse passear pelo arrabalde com a esperança de vê-la sequer de relance. Debalde, porém, havia esperado; em pura perda havia passado por

todos os sobressaltos e agonias de uma expectativa: Leandro não aparecera.

O rapaz fizera-o muito de propósito; esta circunstância, porém, em nada alterava a convicção da moça nem prejudicava a sua constância.

– Não quer comprometer-me! – pensava ela.

E longe de acusar o rapaz de indiferentismo ou de frieza, ficava-lhe grata por esse procedimento, que, a ser verdadeiro, revelaria com efeito um amor sincero e – o que é mais – sensato, se é que haja algum amor que tenha senso. Leandro, porém, não tinha pressa. Sabia onde pousava a caça e portanto não se incomodava em ir procurá-la antes de tempo.

Quanto mais a noite se aproximava, tanto mais o estado febril de Celeste se exacerbava e tanto mais se acentuava a sua impaciência. Cavalcanti notou esse estado nervoso de sobre-excitação e, solícito e amável como era sempre, inquiriu logo da causa.

– Foi aquele maldito drama de anteontem! – confessou ela com abandono – levei todas essas duas noites a sonhar com aquelas desgraças. Hoje então, amanheci nervosa, e até agora ainda não me passou o aborrecimento.

– Com a reunião da noite, na companhia de tuas amigas, há de ficar melhor, minha filha.

– Deus assim o permita.

– Descansa um pouco por ora. Olha, queres te recostar aqui no meu ombro?

– Não; vou antes preparar-me. Talvez isto me distraia alguma coisa.

– Pois vai! vai e põe-te bonita!

O marido, amante e carinhoso, passou-lhe o braço pela cintura, e conchegando o busto airoso e opulento de sua mulher ao seu peito leal e comovido, colou os lábios em sua fronte num beijo tépido e feliz. Era a confirmação mais casta e veemente de um amor legítimo e imenso.

Celeste respondeu àquele carinho com um sorriso e recolheu-se imediatamente a seu quarto, pensando que lhe era absolutamente preciso dissimular e acautelar-se o mais possível contra a perspicácia do marido. Resolveu chamar em seu auxílio toda a hipocrisia de que era suscetível, e, neste firme propósito, não pensou mais no incidente e tratou de vestir-se e preparar-se para receber aquele que motivara tudo isto e que desde já começava a lançar a perturbação no seu espírito e dissimulação na sua economia.

Defronte do seu espelho, – psiquê enorme de Veneza que refletia iluminados os contornos e a carnação esplêndida de seu corpo completamente nu – Celeste, sorrindo à sua imagem tão elegante e tão bem feita, consultou consigo mesma qual a maneira por que se paramentaria para tornar-se mais formosa, mais formosa ainda do que era. Queria estar deslumbrante e irresistível! Se pudesse aparecer diante do rapaz como se achava naquele momento, tinha a certeza de que o enlouqueceria desde logo. Mas as roupas do paraíso perdido, há muito tempo que já se não usavam, e forçoso lhe era escolher no seu guarda-roupa com que cobrir a sua nudez. Sorria, porém, à lembrança que tivera e pensou de si para si com toda a indiscrição de um espírito debochado, ou como um grito imperioso da carne voluptuosa e sem pudor:

– Algum dia ele há de ver-me assim.

Começou então a sua *toaleta*. Tinha a escolher: ou se preparava com o luxo de uma fidalga rica ou com a simplicidade de uma moça bonita, que quer brilhar somente pela sua beleza. Na antevéspera, Leandro vira-a envolta nas rendas de uma toaleta de teatro, com brilhantes nas orelhas e uma cascata de estrelas no colo quase nu. Escolheu portanto a simplicidade. Queria mostrar-se agora sob um outro aspecto. No teatro fora a rainha que deslumbra e que se impõe: em casa queria parecer a mulher que seduz e se faz amar. Não colocou nem uma joia e, por enfeites, contentou-se com uma rosa Príncipe Alberto mal desabrochada nos cabelos.

Depois desceu ao salão e fora receber os convivas habituais, os seus amigos, aqueles enfim que formavam a sua roda ou a sua

corte. Ao princípio apenas conversou-se, fazendo os gastos da palestra a infalível política, que em toda parte se intromete, até nos saraus mais familiares, onde ela é incompatível como ciência de governo e suportável só como arte de agradar, não sei se degenerando ou regenerando-se em polidez.

Depois, tocou-se e cantou-se, deliciaram os convivas o piano e o recitativo, então muito em moda, graças à importação e a introdução que dele fizera na nossa terra, seis ou oito anos antes, o Sr. Furtado Coelho, quando imigrou para o Brasil, trazendo na bagagem aquele célebre.

Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem!

Chegou-se mesmo a dançar. Celeste mal disfarçava a impaciência e a cada passo achava um pretexto para correr à janela ou mesmo ao terraço a ver se descobria mais algum carro que chegasse ou mesmo o vulto do rapaz que aparecesse no princípio da alameda do jardim.

Pouco antes das dez horas, ouviu-se o rodar de um carro pela estrada e conheceram logo que havia parado defronte do portão. Celeste sentiu bater-lhe o coração com mais violência do que até então e com pouco lhe inundava todo o rosto uma onda rubra de alegria. Leandro acabava de entrar.

O encontro dos dois foi cerimonioso e correto a mais não poder ser. Era preciso guardar as conveniências e Leandro, pelo menos, sabia o quanto se ganha em ser discreto. Nem nos seus olhos, nem nos seus lábios, nem por um olhar, nem por um sorriso, deram a perceber que houvesse qualquer coisa de comum entre eles: não. Apenas as mãos, ao se apertarem, disseram algumas frases e os dedos transmitiram de um ao outro esse fluido magnético que põe em comunicação dois corações que se conhecem e que liga duas existências que se encontram.

De resto, nem a menor alusão ou referência à atitude de ambos no teatro.

Parecia que se encontravam pela primeira vez e que, se tinham vivido até ali indiferentes, indiferentes continuariam a viver dali em

diante. De onde se vê que eram ambos de igual força: traquejados ambos na ciência do namoro, eméritos na arte de enganar. Haviam-se, além disto, compreendido mutuamente e desde logo... Celeste tinha a certeza de que a sua beleza havia deslumbrado e seduzido o rapaz; sabia instintivamente que lhe bastava designar um dia, uma hora, ou um lugar, para vê-lo cair a seus pés alucinado e submisso. Leandro conhecera, tinha igualmente a certeza de que, no lugar, no dia, na hora em que ele quisesse, a teria em seus braços e seria seu amante de fato como já o era de... direito.

Naquela noite, portanto, nada dissera um ao outro, que não pudesse ser ouvido por todos. Apenas para firmar a posse de sua conquista e não deixar dúvidas acerca de suas intenções, Leandro ao despedir-se, achou meios de, sem ser visto por pessoa alguma, levar audaciosamente aos lábios a trêmula mão da moça e tirar-lhe a rosa do cabelo. Para um primeiro encontro, é força confessar que o filho da Calu não andara devagar, nem perdia o seu tempo.

A afabilidade de Cavalcanti não se desmentira nem um só instante e as portas da sua casa ficaram, daquela data em diante, francas e completamente abertas para o seu novo conviva.

Assim, restabeleceram-se as mais íntimas relações e Leandro pôde dar livre curso ao que ele chamava o seu amor, mas ao que não passava de mais um capricho de sua excessiva sensualidade. Celeste, essa, no meio de todos os seus erros e desvarios, amava com convicção e com sinceridade. A satisfação dos sentidos, longe de acalmar-lhe os anelos do coração, parecera aumentá-los ou robustecê-los, e o que poderia ter sido apenas uma paixão ou simplesmente um capricho igual a tantos outros, que ela já inscrevera no álbum moral da sua vida e atirara no limbo do esquecimento, tornara-se num amor veemente e verdadeiro. Sentia-se capaz de, pelo rapaz, fazer todos os sacrifícios e sofrer todos os martírios. De mais a mais, todos os que amam pensam dessa forma. É da natureza dessa moléstia produzir os pesadelos mais extravagantes e predispor para as grandes abnegações... teóricas e para os mais cruéis martírios... hipotéticos.

A mulher de Cavalcanti estava extraordinariamente sobre-excitada. Dir-se-ia que era esse o seu primeiro amor... a admitir como verdadeira e exata essa teoria. Mas só há primeiro amor, quanto à ordem cronológica; quanto ao valor e a intensidade...os verdadeiros são todos semelhantes e iguais, salvo a variedade das circunstâncias e das condições essenciais a cada indivíduo, à idade, ao temperamento e até ao grau de saúde, porque o amor falemos com franqueza, o amor não passa de uma nevrose. Em alguns indivíduos, e para certas naturezas histéricas e cloróticas é ainda mais restrito: é uma nevralgia.

Pois bem: em Celeste essa nevralgia era aguda: ameaçava tornar-se crônica e então... ai de Leandro! Não haveria antiespasmódicos e anestésicos que a curassem. O amor chegaria à loucura. Só um corretivo poderia existir: o medo que lhe inspirava o caráter do marido. Por consequência envolveram os seus amores no mais impenetrável mistério... e com tanto mais prazer quanto isto lhes dava um encanto novo e inteiramente desconhecido. Era, pois, cercados das maiores precauções que os dois amantes se encontravam: serviam-lhes de abrigo e de alcova ora os caramanchões floridos do jardim, ora a sombra embalsamada das mangueiras do fundo da chácara, ora qualquer que fosse o lugar, qualquer que fosse o momento, contanto que no momento e no lugar houvesse plena segurança e impossibilidade de surpresa, aí se consumava a infâmia, aí o amor criminoso e adúltero recebia a sua consagração e um instante de felicidade material resgatava de antemão todo um futuro de remorsos, se é que haja remorsos quando o fato a que eles possam referir-se, representa o prazer, o gozo, a felicidade... a realização enfim de um desejo ou satisfação de uma vontade.

Assim foram-se passando as horas, os dias, os meses. O idílio prosseguia sempre florescente e cada vez mais cheio de encantos. Quando, por força maior das circunstâncias ou por excessiva cautela dos dois amantes, não podiam eles se encontrar, e os dias se sucediam por entre a ausência e a saudade, então Celeste se mergulhava na solidão desesperada do seu quarto, e derramava em

longas cartas todas as essências do seu coração, todos os protestos do seu amor louco e perigoso.

Leandro recebia essas cartas; lia-as e relia-as comovido, porém, prudente e cauteloso, não as respondia nunca, senão com os beijos e os carinhos quando se encontrava com a amante.

## **XI Uma medida preventiva**

A esse amor enorme de Celeste não correspondia igual sentimento de Leandro. Para ele aquela mulher representava o mesmo papel, tinha a mesma importância que tantas outras, cuja posse fora objeto de seus desejos realizados e cujo retrato ia aumentar a galeria das vítimas da sua libidinagem.

Em pouco tempo, a efervescência do capricho passara nele, o afogo da paixão se acalmara mais um pouco e a sua assiduidade junto de Celeste só se justificava pela força do hábito ou pela falta de substituta fácil e pronta. Leandro era uma verdadeira borboleta: pousava em todas as flores, mas apenas saboreava o mel ou pólen dos cálices, fartava-se logo e as abandonava uma a uma com tanta indiferença quanto maior tinha sido a sofreguidão em procurá-las. Ninguém como ele, gostava tanto de variar as suas conquistas. A novidade era condição essencial para o seu gozo e o amor pela variedade, predisposição invariável do seu coração.

Ele mesmo se admirava como não rompera ainda com semelhantes relações. Para isto, porém, concorria uma circunstância excepcional e credora de cautelas: Celeste cada vez mais se agarrava a ele, e o rapaz temia quebrar de chofre aquelas ligações. Sabia que era verdadeiro e sincero o amor da moça... que para ela se tinha tornado não só uma felicidade, – a sua única ventura, – como mesmo uma necessidade. Conhecia o gênio impetuoso e adoidado da moça e receava, rompendo com ela assim tão rapidamente, dar motivo a alguma expansão extemporânea e inconveniente, a alguma verdadeira explosão de dor ou de ciúme que fosse tão fatal a ele como a ela.

Continuava, portanto, a fingir o mesmo amor, que, aliás, nunca tivera e a ser tão assíduo como no princípio. Entretanto o tédio já se ia assenhoreando do seu coração e muitas vezes a amante apaixonada e zelosa surpreendera nele momentos de distração e até mesmo de frieza. Fora isto para ela uma verdadeira revelação, e o ciúme acordara de súbito com todas as suas exigências

imperiosas e absurdas, com todas as suas desconfianças exageradas e extravagantes. Em uma daquelas frequentes vezes em que se encontravam, cercados sempre das mais bem tomadas cautelas, Celeste não se pôde conter e irrompeu na mais direta e acre censura.

– Leandro! – exclamou ela, pondo-lhe as duas mãos nos ombros e fitando-o de frente como a querer perscrutar-lhe a alma através dos olhos: – Leandro! tu já não me amas.

– Eu!... – respondera o mancebo surpreendido e procurando iludi-la com um sorriso: – por que dizes isto?

– Conheço-o: adivinho-o! Já não és o mesmo para mim – continuou ela cheia de convicção e com as lágrimas a bailarem-lhe nos olhos – Dantes me procuravas com sofreguidão, com assiduidade, sempre; ao passo que hoje.

– Hoje como sempre, meu amor.

A moça abalou a cabeça tristemente.

– Não estou eu aqui? – acrescentou o rapaz.

– Estás e não estás.

– Ora essa!... explica-te.

– Sim! – prosseguiu Celeste esboçando um riso pálido e constrangido – estás, porque eu te vejo, te escuto, sinto-te entre os meus braços, tenho o teu corpo junto a mim, mas a tua alma?

– Também não a sentes junto de ti?

– Não!... procuro-a como de antes, e não a encontro mais. Sinto-a fugir daqui para outra parte... Para onde?

– Louquinha! não penses nisto!

– Penso, sim. Hoje, por exemplo, só estás aqui porque eu te escrevi três vezes, te mandei três cartas instando e insistindo por essa entrevista.

– A propósito de cartas – interrompeu-a Leandro – não me escrevas mais.

A moça deu um salto, como ofendida no âmago do peito.

– Como! – exclamou ela no auge da surpresa – já nem queres que eu te escreva! Bem sabes que é a única alegria que tenho quando não te vejo e te espero. Por que razão não queres mais que eu te escreva, não basta que tu não me escrevas nunca?.

– Porque isto vai-se tornando perigoso. Há dias teu marido foi fazer-me uma visita...

– Sei.

E por um triz que não vê as tuas cartas, isto é, ver, viu-as ele: por um triz que as não lê.

– Como?! – não pôde deixar de exclamar a moça, sentindo um arrepio de terror.

– É verdade; para evitar portanto, nova ocasião de perigo, tive de tirá-las de minha casa.

– E onde as puseste? – inquiriu Celeste sentindo novo susto.

– Dei-as a um amigo para guardar.

– Ah! Leandro! se ele as perder!...

– Não tenhas receio: estão perfeitamente seguras.

Celeste suspirou, mas em seu rosto ficaram ainda vestígios do medo momentâneo por que passara. Era verdade tudo quanto Leandro lhe dissera, e eis o fato:

Acabava ele de ler ao Jereba a última carta de Celeste e dava balanço à sua enorme correspondência: tinha todas as cartas espalhadas sobre a mesa da sua cela conventual, umas completamente abertas e outras mal fechadas, quando lhe bateram à porta. Leandro estava longe de esperar qualquer surpresa e só podia contar com a visita de algum amigo sem cerimônia, mas a cuja indiscrição, se a tivesse, pudesse pôr um freio com duas ou três palavras: abriu prontamente a porta e deu de cara com o Cavalcanti. Meticuloso e rígido em todos os cumprimentos dos seus deveres, não havia ele deixado de ir visitar o rapaz logo depois da sua apresentação e entendia que estava na obrigação de tratá-lo como o fazia com as demais pessoas que frequentavam a sua casa. Fora portanto visitá-lo.

Ao vê-lo, sentiu Leandro percorrer-lhe um súbito calafrio por todo o corpo, e instintivamente lançou um olhar oblíquo para as cartas. Se alguma estivesse bem em evidência e o marido de Celeste, casualmente ou de propósito – quem sabia lá o fim que tinha aquela visita! – reconhecesse a letra?... que perigo!... Leandro estaria perdido!

Felizmente salvou-o o sangue frio do amigo. Jereba reuniu imperturbavelmente todas as cartas e começou a contá-las ostensivamente. Quando chegou ao fim, deu um suspiro de alívio e murmurou em voz bastante alta para ser ouvido:

– Oitenta e nove!... graças a Deus que estão todas... felizmente não me roubaram nenhuma!

Depois amassou-as pavorosamente como um guarda-livros zeloso que classifica uma coleção de recibos e de contas, e isto sem ligar a mínima importância à visita do amigo.

Entretanto Leandro mandara entrar o senhor de engenho e encetara com ele uma conversação interessante e agradável, que tinha por fim único distrair a sua atenção das cartas e da operação a que o Jereba procedia, – trabalho esse, aliás, inútil porque Cavalcanti nem sequer se ocupava com aquilo. Ao terminar a sua tarefa, o Jereba, por cúmulo de cautela, e para pôr o amigo absolutamente fora de perigo, voltou-se para ele e disse-lhe, interrompendo grosseiramente a conversação e dando à voz um tom lúgubre e sombrio:

– Leandro, aqui te deixo todas as minhas cartas: guarda-as com todo o cuidado...

– Sim!... sim!... – respondeu-lhe o outro como por demais! – Descansa que em minhas mãos estarão em toda a segurança, mas não te vás embora ainda.

Este curto diálogo teve em resultado abreviar a visita de Cavalcanti. Compreendeu ele que viera interromper algum negócio e, não querendo ser importuno ou indiscreto, retirou-se o mais depressa possível. Apenas ele saiu, o Jereba, tomando a atitude de um Cícero no fórum, exclamou abruptamente:

– Vês?... vês o inconveniente de guardar cartas de namoro? Se não fosse eu com todo o meu espírito, aquele urso era capaz de sentar-se aqui junto da mesa e de, mesmo sem querer, descobrir tudo.

– Qual!... pois ele seria tão indiscreto que viesse remexer nisto?

– Quê?!... tu sabes lá o que é um marido... um marido aqui de Pernambuco... e, de mais a mais, casado com mulher bonita?... Tem faro como cachorro, instinto como macaco, e ciúme, ciúme como qualquer amante. Meu filho, isto de maridos condescendentes e que não conhecem a letra das mulheres... é lá para o Rio de Janeiro! Por aqui a civilização ainda anda muito atrasada... a esse respeito.

– Ora, cá e lá...

– Mas o certo é que se eu não me sacrificasse para te salvar, ele era capaz de sair daqui pelo menos supondo que as cartas fossem da mulher.

– Mas como poderia ele ter semelhante suposição?

– Ora... em primeiro lugar... tu, ao vê-lo, ficaste amarelo como um cachimbo novo...

– Sério?

– Ora!... Depois... sou capaz até de apostar que essa visita foi porque já ele anda com a pulga na orelha...

– Se assim fosse, Celeste me teria prevenido.

O Jereba não respondeu logo: pensou por um momento e por fim disse num tom sentencioso de fazer rir.

– Também isso é verdade. A mulher, que engana o marido, quase sempre adivinha quando ele começa a percebê-lo, ou a desconfiar.

E acrescentou com um suspiro profundo de desânimo: – Ah! Meu amigo!... a mulher!... mulher é bicho do Diabo!... Em todo o caso eu queimava tudo isto.

– Por quê?

– Por quê?!... suponhamos que o tal sujeito descubra essa patifaria toda que vai lá pela sua casa. Corre imediatamente até aqui e te dá uma busca em regra. Tu nem sequer podes negar a tua culpabilidade porque as provas aqui estão. Entretanto, se estas cartas tiverem desaparecido, tu negas a pés juntos e provas, à evidência, não só a tua inocência, como também a da outra criminosa. Salvas a tua pele e igualmente a reputação da tua amante.

– Tens razão, com efeito, mas não queimo essas cartas, como não tenho queimado as outras, como não queimarei nenhuma que provenha dessa gente. Conservo-as todas as de todas, para delas poder fazer armas algum dia quando qualquer dessas pretendidas fidalgas, por si ou pelos seus, quiser pisar-me sob os seus pés. Não vêes que tudo isto são documentos preciosos, documentos que provam a infâmia, a baixeza, a miséria de toda essa fidalguia bastarda e podre, mais bastarda do que eu... mais podre do que...

Ia dizer do que a classe de onde nasci, mas concluiu a frase enérgica e verdadeira, lembrando-se de sua mãe, e prosseguiu mudando de tom:

– Não queimarei carta alguma, mas farei outra coisa. Dou-tas para guardar.

– Hein?... a mim?... não! – exclamou o Jereba de repente – posso eu lá guardar essas coisas?

Escusou-se o mais possível, alegando, aliás, com toda a razão e sinceridade, que morava em uma república de caixeiros cuja discricção não podia garantir e, por isso aconselhava uma outra coisa: que Leandro desse a guardá-las em casa de sua mãe, onde em caso algum ninguém as poderia procurar, porque todos ignoravam o parentesco e a amizade. Foi o que afinal ficou assentado; e nesse mesmo dia, as cartas de Celeste, bem como todas as outras, foram levadas para a casa da Rua dos Martírios e confiadas à guarda da irmã e da mãe do rapaz.

Tudo isto contou Leandro à sua amante, menos a parte relativa à sua família, de cuja existência ela ignorava absolutamente, e, exagerando os riscos que correria e os perigos que poderiam advir

da continuação da correspondência, terminou insistindo para que ela a suspendesse por uma vez. Celeste, porém, não acreditava nas razões que o amante apresentava e, longe de ver nos seus conselhos uma medida de cautela, só descobria novos motivos para as suas desconfianças, novos incentivos aos seus ciúmes exagerados.

Apostrofou-o, portanto, com mais violência e mais furor.

## **XII Conjunção de dois astros**

– Não! – exclamou ela numa explosão de cólera e como resumindo todas as suas previsões – não é por isto!... Tu não queres mais que eu te escreva, porque já recibes cartas de outra!

– De outra?... – explodiu por sua vez o rapaz, aparentando a mais sublime indignação e tomando os ares de uma vítima de calúnias ofensivas e horrorosas.

– Sim, de outra!... – repetiu a moça com essa petulância das mulheres geniosas, que se sentem fortes, e com a insistência impertinente que produz a embriaguez, quer do álcool, quer do ciúme:

– Sim de outra!... Há muito que eu suspeito... há muito que eu desconfio de ti!...

– Ilusão tua, minha filha!...

– Certeza quase!... mas ai de ti, se as minhas suspeitas se realizam! ai de ti se a tua traição se confirmar!...

– Celeste!...

– Sei amar... sei amar tanto que não sei hesitar, que salto por cima de todas as considerações e conveniências, e me entrego sem reservas, sem escrúpulos, inteiramente, cegamente, loucamente... mas por isso mesmo sou exigente... e sei odiar!

Leandro sorriu ao ouvir aquelas frases, que talvez já houvesse lido em algum romance. A moça estremeceu, enxergando naquele sorriso, aliás, meigo e brando, uma expressão de dúvida ou de ironia:

– Não se ria!... bradou ela, mais exaltada e fora de si, mudando logo de tratamento, o que é o sinal mais evidente da aproximação de uma tempestade – não se ria, porque você nem sabe do que sou capaz, quando o ciúme se apodera de mim, a raiva me cega e eu tenho a certeza de que sou enganada!...

– Mas, meu amor...

– E fique sabendo uma vez por todas que eu não sou mulher a quem se abandone assim sem mais nem menos!... Pelo senhor sacrifiquei tudo... tudo, nesta vida!... ouviu? tudo.

– Bem sei, Celeste...

– E não é agora para o senhor me pôr à margem assim como se eu fosse por aí qualquer uma dessas que têm servido de desfastio a seus caprichos... Engana-se, meu senhor!... Não admito que ame a ninguém mais! Não quero!... não quero... ouviu?... não quero que dê o seu amor a nenhuma outra!...

Celeste encarava o amante bem de frente... aproximara-se tanto que o seu hálito lhe bafejava o rosto como um *simoun* tempestuoso, e os olhares, cruzando-se, pareciam despedir centelhas imprevistas. Leandro, com o seu admirável sangue frio, habituado, aliás, a cenas semelhantes e até mesmo piores e mais perigosas, fazia face a toda aquela catadupa de indignações e de exigências. No momento, em que a moça lhe atirava ao rosto a última frase com um supremo esforço de energia e como um *ultimatum* irresistível, Leandro segurou-a rapidamente pelas faces e imprimiu-lhe nos lábios trêmulos e ainda abertos um beijo sonoro, parecendo pôr um ponto de exclamação no fim da última palavra.

Aquela ação rápida e imprevista, aquele beijo cheio e voluptuoso produziram imediatamente um efeito dissolvente: a cólera de Celeste pareceu sumir-se como por encanto, e aos raios fulvos de furor que animavam os seus olhos, substituíram lágrimas abundantes. Ela atirou-se aos braços do rapaz e pousando a cabeça no seu ombro num movimento de abandono doloroso, desatou em soluços, conchegando-o a si com um frenesi de posse extraordinário. Leandro beijava-lhe os cabelos em silêncio e deixava pacientemente passar essa outra manifestação histérica da exaltação da sua amante. Não era a primeira vez que presenciava desses verdadeiros ataques de nervos e mais de uma se achara em idênticas circunstâncias. Sabia, pois, que para terminarem essas crises o melhor meio é deixá-las entregues a si mesmas.

Pouco a pouco os soluços foram se abrandando, as lágrimas diminuindo, e por fim o exaltamento, – a crise nervosa – de Celeste

só se manifestava ainda pela energia dos seus abraços e pelo ansiar exagerado do seu colo. Então ergueu ela os olhos úmidos e suplicantes para o rapaz, e com uma voz suave e meiga, tão meiga e tão suave que antes parecia um murmúrio, solicitou um beijo de perdão e um afago de amizade!

– Perdoa!... mas eu te amo tanto! tanto! tanto!

Leandro sorriu; e ela prosseguiu numa espécie de arrulo infantil e carinhoso:

– E eu temo que não me queiras mais... que ames a outra!

– Mas... a quem?... perguntou por fim o rapaz acariciando-lhe os cabelos.

– A... Josefina! – respondeu a moça de repente.

Leandro sentiu como um choque súbito no coração, mas teve bastante energia para impedir o estremecimento que ia lhe abalar o corpo, e para reprimir o suspiro profundo que lhe subia, como uma revelação comprometedora, do coração nos lábios.

Seria verdadeira a acusação da mulher do Cavalcanti? Teriam fundamento as suas desconfianças e seriam reais os motivos do seu ciúme? É admirável como o instinto da mulher que ama a conduz pela vereda certa até descobrir a verdade nua e crua. É preciso confessar que na frieza do rapaz entrava em grande parte a mulher do nosso negociante da Rua Nova: mas Celeste não sabia nem mesmo o desconfiava. O seu ciúme era vago, indefinido, sem objetivo certo. Fora despertado pela mudança que percebera no amante, mas sem que pudesse assinalar a pessoa que originava essa mudança e procurava suplantá-la. Atirara ao rosto do amante o nome de Josefina, como atiraria com o de outra qualquer, porque de todas as suas amigas era a mais formosa e porque tinha necessidade de dar um objetivo aos seus ciúmes, de apresentar uma mulher, de criar uma rival, de pronunciar um nome para poder responder à última pergunta do amante e justificar todo o seu procedimento anterior. Pior para ele se ela havia acertado e se o acaso ou o instinto tinha feito com que Celeste inculpasse justamente a única mulher que poderia lhe fazer sombra,

exatamente a mesma que era a causa do abaixamento da temperatura amorosa do rapaz.

Entretanto, digamos desde já, Celeste não suspeitava de Josefina e, de todas as suas amigas, seria a última que ela ofenderia com uma suspeita. A vida pura e segregada, que até então vivera a mulher do negociante, criava-lhe uma auréola impenetrável de honestidade, e punha-a completamente a coberto não só de qualquer suspeita, como também de qualquer tentativa menos digna.

Para Leandro, porém, essas auréolas não eram defesas muito seguras, nem a seriedade, a virtude, e outros sentimentos bons eram coisas que lhe impusessem respeito e modificassem os seus desejos. Josefina era para ele uma mulher como outra qualquer, credora de todos os cultos e suscetível de todas as quedas.

Leandro encontrara-a, com efeito, tanto a ela como à filha, em uma das reuniões de Cavalcanti: fora por este apresentado a Jaime Favais, que já o conhecia de vista, e à sua família que o conhecia de nome. A beleza acentuada de Josefina e tão diferente da de Celeste, impressionara-o desde logo, justa e principalmente por esse contraste. Além disso, Josefina aparecia-lhe exatamente no momento psicológico, quando a saciedade começava a invadir o coração do rapaz e o tédio lhe fazia a sua primeira visita. Depois... há indivíduos, por assim dizer refratários, em cujas organizações todas as coisas produzem um efeito contrário: Leandro era um desses. A seriedade da mulher de Jaime impusera-lhe não o respeito que causava a todo mundo, mas o anelo de um Lovelace desabusado e cético. O mefistófeles da sensualidade começou desde logo a soprar-lhe ao ouvido uns conselhos perversos, mas risonhos. Leandro começou desde então a lançar as suas contas.

Foi para Josefina o mais amável e atencioso que pôde, mas a moça recebeu-o com a afabilidade, é certo, que aconselham as conveniências sociais e os princípios de educação, mas de forma que entre ele e ela levantasse uma barreira de respeito. Esse primeiro *echec* não desesperou, mas enfureceu a alma do rapaz. Se as aristocráticas mulheres dos mais fidalgos figurões cediam à sua

sedução e se curvavam vencidas ante a sua corte, como e porque não lhe havia de ceder também uma simples burguesa, filha de um ex-vendilhão enriquecido por artes de berliques e berloques, e mulher aí de um qualquer negociante português?

Leandro assim raciocinava e, na sua qualidade de baiano em tudo, cordialmente odiava a todos os portugueses. Condenara-os em massa pelo crime do seu nascimento, pela infâmia de sua mãe e pela desonra de sua irmã. Tinha, pois, um ódio mortal a todos os patrícios de seu pai! Ora, que melhor meio de vingar-se deles do que desonrando-os e seduzindo-lhes as mulheres. Essa necessidade de expandir o seu ódio, – essa espécie de *vendetta* – realmente não era mais do que um pretexto para justificar o seu anelo, como se uma razão má pudesse servir de justificativa a um ato ou a uma tentativa ainda pior!

Começou, portanto, a fazer a corte a Josefina. E a mãe de Clotilde começou também a resistir. Essa resistência, insólita para Leandro, emérito e nunca vencido sedutor, irritou cada vez mais a sua vaidade e, se não acordou nele o amor, deu uma consistência aos seus desejos, mais intensidade ao seu propósito. Josefina era, pois, um novo astro que surgia para o nosso D. Juan, e que talvez estivesse destinado a eclipsar o outro que merecera até então o seu culto e as suas adorações.

Estavam as coisas nesse ponto, quando Celeste lhe atirara em rosto a sua traição. Estremecera, portanto, com a interpelação e ao mesmo tempo reprimindo o movimento que o podia pôr a descoberto, engolira o suspiro que fizera nascer o nome da mulher que ele desejava e ainda não pudera alcançar. Respondeu, porém, de pronto à sua amante, dando à voz um tom de verdadeira indignação:

– Calunias a tua amiga, Celeste?

A moça quis sustentar o seu papel.

– Como calunio? – prosseguiu ela – na última reunião que tivemos, tu não te saías de junto dela, negas?

– Não.

– Dançaste com ela duas vezes, e outra com a filha.

– É verdade.

– Foste visitá-la a semana passada.

– Eu?

– Sim, tu. Foi ela mesma quem me contou.

– Então devia ter-te dito tudo.

– Disse.

O marido recebeu-te tão friamente que saíste desapontado...

– É exato.

– E então?

– Louquinha! sabes porque fui e sou tão assíduo junto a D. Josefina e à sua filha? porque dancei com ela duas vezes? porque fui à sua casa?

– Não; por quê?

– Por tua causa... por nossa causa.

– Por nossa... Não te compreendo!

– Ouve.

Leandro achara rapidamente uma evasiva eloquente, uma evasiva tal que não só justificava o seu procedimento anterior, que era objeto das acusações de Celeste, como também autorizava a continuação dele, sem que esse procedimento pudesse mais ser causa de ciúmes ou dar motivos a quaisquer outras interpretações intempestivas e fatais. Segurou, portanto, carinhosamente as mãos de Celeste e prosseguiu com voz insinuante e persuasiva:

– Para poder ocultar melhor os nossos amores, e com maior segurança gozar da nossa felicidade, é que tenho procedido e continuarei a proceder dessa maneira. Têm aparecido já algumas desconfianças...

Celeste teve um ligeiro sobressalto e aconchegou-se mais para o amante.

– Teus olhares, teus sorrisos, tuas maneiras para comigo – continuou ele – tem dado nas vistas de alguns amigos insidiosos e malévolos. Já eles começam a suspeitar alguma coisa...

- Oh, meu Deus!
  - Ora, se as coisas continuarem assim, se essas desconfianças tomarem vulto, se passarem a murmurações e essas murmurações chegarem aos ouvidos de teu marido...
  - Seria horrível!
  - O menos que nos poderia acontecer seria separarmo-nos para sempre.
  - Oh! não! isso nunca!
  - Pois bem! era preciso desviar as suspeitas e fazer calar as murmurações...
  - Mas como?
  - Pelo meio que empreguei. Torno-me assíduo ao lado de outra mulher... faço convergirem todas as suspeitas sobre ela, ou sobre alguém de sua família, e dessa forma ficas tu isenta de tudo e a coberto de qualquer acusação.
  - Mas porque escolheste logo a Josefina?
  - Fi-lo muito de propósito, e por duas razões. Outra qualquer das tuas amigas exigiria a consumação da minha corte... a efetividade do meu galanteio, ao passo que D. Josefina, não. É uma senhora bastante bem educada e afável para aceitar a minha corte, mas muito séria para exigir que eu seja seu amante.
  - Compreendo... mas não obstante... tenho ciúmes.
  - Além disso, outra qualquer ficará tão comprometida como tu e D. Josefina pode livrar-se facilmente de qualquer acusação ou mesmo de qualquer suspeita. Tem uma filha moça e bonita, bem prendada e casadoura, e a minha assiduidade ao pé de sua mãe pode, em necessidade, explicar-se como um galanteio reflexivo, como um meio de chegar mais eficazmente ao coração da filha.
- Pelos olhos de Celeste passou como que o relâmpago de uma ideia.
- Sim! – bradou ela, empalidecendo – e em paga do comprometimento da filha, o pai obriga-te a casar... Não! não quero isso!...

– Nem eu tão pouco, acredita. Para mim, só existe uma mulher que és tu. Crê em mim, e deixa-me proceder como entendo. Da tua confiança é que depende a nossa felicidade.

– Sim... sim!... mas se Josefina algum dia lembrar-se de roubar-te ao meu amor... ai dela! eu mato-a!

Leandro sorriu-se com toda a fleugma. Conhecia muito aqueles assomos de furor, aqueles juramentos; ouvira-os muitas vezes e de todos os lábios; não acreditava neles.

– O que é preciso é continuar a ser discreta – prosseguiu ele – e não contar nunca nem a ela, nem a ninguém as nossas relações.

– Deus me livre!... a ela menos do que a outra qualquer... é tão austera!... mas jura que me amas sempre... sempre e que só amarás a mim...

– Ora... tu bem o sabes.

– Mas eu quero que tu jures... Vamos; dize: juro!

– Juro!

Os lábios de Leandro repetiam o juramento, selavam-no com um beijo úmido e voluptuoso, e entretanto o seu pensamento estava em Josefina e a sua imaginação reproduzia-lhe diante dos olhos as linhas suaves do seu rosto moreno e encantador.

Ah! os homens! os homens!...

## **XIII Dois amores**

A impressão que a apresentação de Leandro causara em Josefina não fora de todo indiferente. A sua natureza ardente e sopitada até então não pudera conservar a calma precisa para resistir a uma tentação até debelá-la ou vencê-la completamente. A sua atitude fria e reservada, pois, não era natural nem ingênita: antes porém proposital e calculada.

Josefina não era, na realidade, uma natureza tão corruta como Celeste, mas recebera a mesma educação que a sua amiga, no mesmo colégio, com os mesmos professores, ouvindo os mesmos conselhos, e ajoelhando-se ao pé dos mesmos sacerdotes. Ali se haviam desenvolvido nela os mesmos germens perniciosos e em sua alma se havia inoculado o mesmo vírus venenoso e pestilento. Para o desenvolvimento de um e outros bastava-lhe apenas alguma circunstância favorável ou alguma ocasião propícia e adaptada. Devia forçosamente ter um fundo de moral idêntico ao de sua antiga companheira de colégio e, aliás, amiga íntima.

Se até ali havia procedido de maneira diversa e conseguira por isso passar por honesta, – e realmente o era – era isto devido pura e simplesmente às circunstâncias e condições involuntárias em que a sua posição e o seu casamento a haviam colocado. Não pertencia à roda a que pertencia a sua amiga e onde, – diga-se a verdade embora amarga – são mais frequentes não só os momentos históricos como também as práticas da devassidão moral e material, que são quase levadas à conta de galanteios de salão ou de rasgos de espírito desenvolvido e livre.

Havia, entretanto, uma outra circunstância, ainda de mais influência do que esta. Josefina era casada com um português, a quem tivera uma tal ou qual amizade, e que, austero e severo em suas ligações, limitara sempre as suas amizades ao círculo estreito do seu giro comercial e por isso poucas visitas recebia.

De repente, porém, a monotonia, necessariamente existente nesse seu viver de quase reclusão, rompeu-se com a súbita

aparição de Celeste. Alargava-se inesperadamente o círculo de suas relações e Josefina, atraída e atirada ao meio daquele mundo novo para ela e apenas entrevisto nos seus sonhos após a leitura dos romances mais afrodisíacos, sentia-se outra e ofegava cheia de anelitos frementes, procurando aspirar todas aquelas emoções embriagadoras e, há tanto tempo desejadas. Passava pela sensação que deve experimentar o indivíduo que, por muito tempo recluso no meio das trevas mais espessas, é de repente transportado para a luz brilhante e límpida do sol. Tinha deslumbramentos e caía em êxtases completos.

Respirando uma nova atmosfera, adquirira novas forças, sentira remoçar-se e sob aquelas luzes enervadoras e excitantes, ao contato daqueles costumes livres e elegantes, ouvindo continuamente aquelas frases de galanteio e de um requinte estimulante que soem povoar o mundo da aristocracia, a burguesa não pôde impedir que acordasse a sua natureza ardente e impetuosa e sentiu galopar-lhe nas veias o sangue fervido da antiga colegial. Esquecera-se de que era mãe – como também o fizera sua amiga – para só se lembrar de que era ainda formosa, tão formosa que não podia passar despercebida em qualquer salão, e que suportaria vantajosamente o confronto com qualquer senhora, ainda de menos idade do que ela.

Impressionara-se, portanto, por Leandro. Achara-o ao princípio simpático, depois bonito, depois amável e por fim sedutor e perigoso. Ora, quando uma mulher acha que um homem é perigoso e sedutor é porque está mais ou menos seduzida ou mesmo muito próxima de sucumbir. Josefina, porém, conserva-se impenetrável e austera, por duas razões, cada qual mais poderosa: medo e inexperiência. Primeiramente receava comprometer-se, e em segundo lugar não tinha o traquejo de sua amiga. Aparecesse, porém, a ocasião e do invólucro daquele coração mal educado, em cujo fundo dormitavam esquecidos todos os vícios aprendidos e adquiridos no colégio e todas as corruções insinuadas nos confessionários – irromperiam, em lavas ardentes e impetuosas, a

paixão e a luxúria, a sede do gozo e todo o seu cortejo de inconveniências e de horrores.

Entretanto, daquele exterior elegante e simpático, daquela presença excepcional de Leandro não fora Josefina a única vítima. A influência realmente notável e magnética do rapaz estendera-se mais além e dominando a alma de Josefina como que fora refletir-se em sua filha. Clotilde achou no rapaz a realização de um ideal de formosura. Pareceu-lhe ser ele a reprodução fiel e exata de todos aqueles heróis de romance que ela havia conhecido, desde o colégio até então. Conversou com ele e a música suave de sua voz embalou-a docemente como um canto de sereia. Leandro, sob o seu ponto de vista habitual, nenhum caso fez da moça. Por isso mesmo, Clotilde o pudera contemplar a vontade e estudá-lo com toda a liberdade. O resultado, porém, foi-lhe fatal. A filha do negociante ficou apaixonada. Era solteira, livre e desde logo entregou-se à ação invasora desse sentimento que ela desconhecera até então, mas que de repente se apoderava de sua alma e de todo o seu ser e isto por uma forma tirânica e imprevista.

Com a continuação daquelas relações de amizade e com a convivência subsequente, foi esse sentimento da moça tomando maior vulto e cada vez se apoderando mais de toda ela. Clotilde, porém, era capaz de todas as hipocrisias e de todas as dissimulações. Não deu a perceber coisa alguma e esperou que Leandro sentisse por ela igual paixão. Na sua presunção de moça bonita julgava impossível que ele não a distinguisse e que entre todas não lhe desse a preferência.

Enganou-se, porém, completamente. Leandro distinguiu-a é certo, mas nem lhe deu a preferência, nem sequer procurou inscrevê-la no rol das suas conquistas. O moço baiano não queria casar, queria gozar e, além disto, estava às voltas com o seu desejo imoderado, com a sua paixão por Josefina. Clotilde, contudo não desacoroçou e continuou sempre a nutrir a esperança de algum dia conseguir o que almejava o seu coração. Ignorava a posição verdadeira de sua mãe para com ele. Leandro dava aparentemente a todas as senhoras o mesmo tratamento, e levava tão longe esse

sistema e era tão escrupuloso na distribuição dos seus obséquios e galanteios que a ninguém comprometia pela sua assiduidade, nem sobre pessoa alguma especialmente fazia convergir suspeitas pelas demasias de sua corte. Dir-se-ia que perante a sua amabilidade todas as senhoras tinham igual merecimento e eram credoras de iguais tributos e homenagens.

Desse seu modo de proceder, calculado e ostensivo, nascia o fato de ser tolerado em toda a parte sem que a sua presença levantasse suspeitas, nem se tornasse nunca pedra de escândalo ou motivo de discórdia. Por isso é que se conservavam sempre no mistério as suas relações adúlteras com Celeste, e era impossível a Clotilde descobrir ou adivinhar a qualidade de sentimentos que sua mãe lhe havia inspirado.

Amou-o, portanto, e amou-o com todas as impetuosidades de que era suscetível o seu gênio indomável e fogoso. A indiferença do rapaz concorrera ainda mais para exacerbar o seu estado e elevar essa sua neurose ao máximo de tensão. Mais um passo e estaria iminente uma explosão.

– Será possível? – exclamava ela no silêncio do seu quarto, após longas horas de meditação e de quase desespero – será possível que ele não me ame? que não me veja?...

E saltando, como leoa ferida, até defronte do espelho, mirava com volutuosidade o seu retrato, esplêndido de formosura e de mocidade.

– Sou bela! – acrescentava então orgulhando-se com a sua própria contemplação – bela de fazer enlouquecer... que ele quererá mais?... Porventura não tenho tudo quanto possa lhe encantar os olhos e a alma, quanto possa lhe satisfazer os desejos e os sentidos?... Que quer ele de mais?... quem há que lhe possa dar tanta frescura, tanta mocidade, tanta beleza, tanto amor e tanta virgindade?...

Em silêncio, a moça passava em revista todas as suas amigas e conhecidas, todas sem exceção de uma só, e sorria-se cheia cada vez mais de orgulho. Não achava nenhuma cujas graças pudessem

competir com os seus encantos. Então outra ordem de ideias enchia-lhe a cabeça:

– Talvez procure riqueza...

Lembrava-se, porém, de que seu pai não era pobre, e principalmente de que seu avô – o Comendador Antônio Braga – era um dos maiores capitalistas da cidade e que tinha por sua neta uma amizade sem limites.

– Que, pois, desejaria Leandro, que ela não lhe pudesse oferecer? Dava-lhe tudo: mocidade, beleza, fortuna e amor. Por que então não estava ele já a seus pés como um escravo e não era ela a mais feliz das mulheres?

Aquele mistério desesperava-a.

– Talvez fosse pobre e receasse que o seu amor não fosse bem recebido por ela.

Lembrava-se então de que Leandro viera visitá-los uma vez e que seu pai o recebera, não mal completamente, porém com tal frieza que ele nunca mais se atrevera a voltar. Talvez que aquela visita tivesse sido uma tentativa. Parecera-lhe – imaginava já – que era amada; que Leandro lhe dedicava um amor tão louco como o seu, mas que era obrigado a ocultá-lo, e contrariá-lo, a sufocá-lo mesmo por causa do seu pai. Vão lá pôr peias à imaginação de uma moça apaixonada, quando ela a solta livremente pelos páramos azuis da fantasia!

A figura do negociante desenhou-se então ante os seus olhos como a de um desses pais tiranos, cujos retratos ela tanto conhecia pela leitura de diversos romances descabelados e pela frequência do teatro, onde eles eram exibidos todas as noites. Era seu pai quem se opunha a que o elegante estudante de medicina se declarasse francamente, era ele quem queria asfixiar o seu amor e matar assim a sua felicidade. Desses pensamentos nascera uma certa desconfiança que, pouco a pouco, foi se transformando em verdadeira ojeriza. Deu causa a isto um acontecimento inesperado e imprevisto para ela.

Sucederam-se os fatos de tal forma, que pareceram vir propositalmente para confirmar a sua opinião e dar como provado aquilo que até então poderia passar apenas por mera conjectura do seu espírito atribulado em procurar uma causa justificativa da indiferença inexplicável de Leandro.

Sem o querer, ia o seu próprio pai dar motivo aos ódios de Clotilde e concorrer para que o seu amor pelo baiano se tornasse cada vez mais veemente e mais impetuoso.

## **XIV Como se adquire um inimigo**

Eis o fato.

João Paulo Favais, o sobrinho de Jaime, a quem o leitor já conhece, recebido há perto de dois anos no seio da família e empregado pelo tio na sua casa comercial, não pudera impunemente ver os encantos de sua prima, como já o dissemos na primeira parte desta narrativa. Sentira desde o primeiro momento em que a encontrara, uma tal ou qual impressão de simpatia, e, de envolta com ela, sentira igualmente nascerem-lhe no espírito ideias de uma ambição desmarcada, porém, de perfeito acordo com as causas que o haviam feito sair da sua terra e com os motivos que o trouxeram à *pátria dos macacos e das bananas*.

Calculara desde logo que, se conseguisse casar com a linda prima, meteria dois proveitos num saco: adquiriria uma esposa de cuja beleza podia orgulhar-se com razão, e empolgaria um dote e mais tarde uma herança que eram de encher o olho a qualquer aventureiro, desses que vêm de longes terras procurar fortuna no Brasil e que para adquiri-la ou conquistá-la não recuam diante de meio algum por mais torpe ou indigno que seja, tendo começado por dar costas à civilização de suas pátrias para se virem engolfar na selvageria de uma terra de botocudos e de negros.

Continuamente em contato com a moça, sentira ele robustecerem-se aqueles dois sentimentos que haviam nascido gêmeos e que irmãmente, simultaneamente cresciam a par um do outro, sem jamais se confundir, embora a ambição se houvesse tornado mais robusta, mais forte, mais cheia de vida e por isso mais diretriz de suas ações.

Há perto de dois anos, pois, alimentava João Favais os seus desejos e não tinha pressa em realizá-los, porque também não tinha pressa de abandonar a sua vida independente e livre de rapaz solteiro. Sabia, além disso, que a presa não lhe fugiria, não só porque ele a trazia constantemente vigiada, como também porque o método de vida adotado pelo tio e patrão era completamente

tranquilizador, alheando, como alheava, da moça toda e qualquer ocasião de prender-se por alguém, e afastando, como de fato afastava, toda e qualquer causa que pudesse originar-lhe algum amor.

Seguro por este lado, João deixava-se ficar como estava, gozando ainda da sua mocidade, mas não obstante esperando pelo momento propício e mais favorável para realizar o seu pensamento constante e único dirigente da sua vida. Isto provava justamente que o seu amor pela prima era menor que o seu amor pelo dote. Ora, como o dote não diminuía, era claro que o amor podia esperar. E João esperava e ia sempre adiando para mais tarde a manifestação deste sentimento e a satisfação daquele desejo, porquanto estava convencido de que lhe bastaria aparecer e formular o seu pedido, para de pronto obter o que queria.

De repente, porém, a família do seu tio mudara de gênero de vida. Iniciou-se a frequência regular à alta roda social, ao mundo aristocrático, onde giram astros luminosos da qualidade de Celeste, ouviam-se nomes imponentes como o de Cavalcanti, e apareciam cometas perigosos como o filho da Calu e outros. João Favais sentiu desde logo arderem-lhe as orelhas, e pôs-se de alcateia. Algumas vezes foi à casa de Cavalcanti em companhia de seus tios e de uma delas viu aí aparecer a figura luminosa e altamente sedutora de Leandro.

O seu instinto de pescador de dotes e de apaixonado de concha<sup>27</sup> acordou imediatamente e advertiu-o do perigo. O caixeiro notou – o que não descobrirá um ciumento? – que Clotilde observava o moço baiano mais do que lhe era lícito fazer: pareceu-lhe que, ao vê-lo, os olhos de sua prima adquiriam maior brilho e as suas faces púrpuras mais frescas. Foi uma revelação e um sinal de alarma. João resolveu quanto antes entrar também em campo. A concorrência amedrontava-o e ele temia ver fugir-lhe o dote com que tanto havia sonhado e como ele a mão da sua prima. É forçoso confessar uma verdade. O que no caixeiro sofreu mais com aquela descoberta e aquele receio, não foi a sua ambição, foi o seu amor, principalmente o seu amor próprio. Ser preterido por um mulato!...

por um baiano... ele um caucasiano puro e legítimo, um genuíno filho da pátria do vinho do Porto!... Não!... o seu orgulho não podia sofrer uma tal injúria, e a família de seu tio não podia ficar exposta a sofrer uma afronta tão direta aos seus brios e à pureza de sua imagem.

João Favais, portanto encheu-se de coragem, procurou seu tio e francamente lhe expôs as suas pretensões.

Jaime não tinha vistas especiais sobre sua filha, e por isso não opôs embargos a essa pretensão: antes achou-a bastante razoável. O sobrinho, além de pertencer à família, era trabalhador e honesto: convinha-lhe para genro. Ao menos o seu dinheiro não passaria a estranhos. Sorriu-se portanto ao pedido do sobrinho e perguntou-lhe benevolmente:

– E ela?... sabes se a Clotilde te estima?

– Não sei ao certo – respondeu o rapaz com algum embaraço – mas isto pergunta-se.

– Pois veja lá isso!... quanto a mim, falarei hoje mesmo à Josefina, e veremos o que se arranja.

– Mas o tio... que me diz? que pensa a este respeito?

– Que penso?

– Sim... acede ao meu pedido?... consente em conceder-me a mão da prima?...

– Pois então?... Se não me agradasse este negócio, desde que você me falou nele que eu o teria desancado aí pela porta afora!

– Logo consente?

– Está visto.

– É quanto me basta: tenha eu o apoio do meu tio...

– Não é tanto assim... Nesses negócios de casamento... tanto direito tem a mãe de ser ouvida como a filha de ser consultada. E se a menina não quiser?

– Por que não há de querer?

– Eu sei lá...

– Só se já estiver comprometida...

- Lá isso, não!... fico por ela, como por mim mesmo.
- Então... posso contar?
- Hoje mesmo falarei com sua tia...

O caixeiro ficou ébrio de alegria e a nadar num mar sereno de esperanças. Conhecia bastante o tio, e fiava-se na dureza e energia do seu gênio.

– Basta que o tio queira! – dizia ele consigo mesmo – ainda que a prima resista, ou talvez por isso mesmo, ele é homem para obrigá-la a seu dever.

O dever de Clotilde para o ambicioso português era casar com ele a todo transe. Sob esse ponto de vista, e encarando as coisas pelo seu prisma, correr-lhe-iam elas facilmente, e não havia motivo para desespero de causa. Tinha por consequência as mais lisonjeiras esperanças, embora um receio vago e indefinido lhe pusesse o coração em sobressaltos.

Neste mesmo dia o negociante conversou com sua mulher, que prometeu falar à filha; ao passo que o caixeiro aproveitava uma ocasião favorável em que ficara a sós com sua prima e atirava-lhe à queima roupa a mais ardente das declarações e concluía por oferecer-se para seu marido fiel e submisso. A resposta de Clotilde foi uma gargalhada:

– Ora, Sr. João! – lhe disse ela com toda a ironia e sem cerimônia de que usava para com o rapaz – de onde lhe veio semelhante lembrança?

– Da sua beleza, minha prima! – respondeu o caixeiro com toda a humildade de um pretendente, mas com toda a segurança de quem tem um ponto de apoio – do desejo que tenho de ser feliz?

– Pois então, Sr. João...

Clotilde nunca dava ao caixeiro o tratamento de primo; por uma circunstância inexplicável, apenas o vira, antipatizara com ele.

– Pois então, Sr. João – prosseguiu ela revestindo de repente um ar de seriedade fria e imponente – procure essa felicidade em outra parte... Não sou eu quem lha pode dar.

- Por que, prima?
- Porque não tenho pelo senhor nem estima, nem simpatia.
- É cruel, prima!
- Porque não acredito nem na sua estima, nem no seu amor.
- Oh meu Deus!... em que acredita então?
- Na sua ambição!

O caixeiro caiu das nuvens. Aquela declaração peremptória, fria, cruel, verdadeira, tocava-lhe em cheio na ferida. Dir-se-ia que a moça havia folheado o seu coração e lido em suas páginas a mais íntima inscrição, descoberto o mais insignificante pensamento. Não sucumbiu, porém, e quis reagir lá a seu modo, responder violência com violência:

– Engana-se, prima – disse ele lentamente – não é por isso, que a senhora me despreza e repele.

– Por que é então? – inquiriu a moça levantando a cabeça com orgulho.

– É... – titubeou o rapaz, impressionado por aquela manifestação de energia máscula e conscienciosa.

– Conclua... não tenha medo! – retrucou ela – por que é?

– É porque ama a outrem.

Clotilde deu um salto, como ferida por uma seta.

– E se assim fosse!? – bradou no auge do furor – tinha porventura que lhe dar satisfações?!

– Não! mas... se ama...

– Digo-lhe que mente!...

O caixeiro sorriu-se com bonomia:

– Para que o nega?... aquele mulato da Bahia é quem tem culpa de tudo...

Ouvindo aquelas palavras, ditas de mais a mais no tom de tão acerbo desprezo, Clotilde empalideceu horripeladamente.

– Que mulato? – murmurou ela fitando os olhos cintilantes no caixeiro.

– O tal Leandro Dantas.

– Miserável!

O grito escapou súbito dos lábios da moça e ao mesmo tempo, de um salto, pôs-se ela ao pé do rapaz, em cujo ombro pousou a sua mão fina e nervosa. Então, encarando-o de frente, repetiu-lhe lentamente:

– Você é um miserável!... desça por estas escadas abaixo, já e já, senão... quebro-lhe a cara em dez pedaços! ouviu?... insolente!

E ao mesmo tempo, empurrava-o para fora da sala com uma força duplicada pela raiva e com uma energia centuplicada pela indignação. O caixeiro teve medo e desceu rapidamente para a loja. Nunca se tinha visto em tais assados e convenceu-se de que dali por diante só lhe restariam esperanças em seu tio.

À noite Josefina deu parte à sua filha da proposta do marido e das pretensões do caixeiro, aduzindo conscienciosamente todas as razões e argumentos que em favor do sobrinho apresentara o negociante. Clotilde repeliu imediatamente toda e qualquer aliança com o primo e contou à sua mãe o episódio de que fora ela a heroína, não havia muitas horas. A acusação formal do rapaz como tinha indignado Clotilde, indignara ainda mais a Josefina, e se até então só a moça repelia o caixeiro e as suas pretensões, dali em diante também sua mãe a auxiliava, e eram duas a contrariá-lo e de alguma sorte a ter-lhe ódio.

Quando o resultado da conferência materna foi levado ao conhecimento de Jaime, este franziu a testa e não deixou de ficar apreensivo. Estranhava que o contrariassem. Chamou Clotilde e por si mesmo começou a advogar a causa do sobrinho. A moça conservou-se, porém, intransigente, mais do que intransigente, intolerante. Sobreexcitada pela quase imposição do seu pai, a indomabilidade do seu gênio revelou-se pujante e fora do comum. Revoltou-se portanto; e a vontade de ferro do negociante teve de esbarrar diante da sua vontade de aço.

Clotilde supôs que a insistência e tenacidade do pai tinham por causa imediata alguma revelação indiscreta do caixeiro relativa a

Leandro, e daí o envolvê-lo no mesmo ódio que votava àquele pretendente.

Foi assim que o amor da moça achou um novo alimento para o seu desenvolvimento. Supôs encontrar contrariedade, e onde aparece contrariedade há persistência, pelo menos na mulher.

Todos esses acontecimentos coincidiram, entretanto, com a ida da família de Jaime Favais para o Monteiro. Era aí que se ia desenvolver o drama em toda a sua força e com todas as suas funestas consequências.

## **XV No Monteiro**

A povoação do Monteiro, naquele ano de 1862, mostrava o aspecto brilhante de um arrabalde em plena efervescência de festa. As famílias mais gradas da cidade para aí haviam mudado a sua residência temporária e enchiam aquelas paragens com o ruído de suas alegrias, com as alegrias dos seus divertimentos cordiais e repetidos. Primavam entre todas a família de Cavalcanti e, arrastada por ela, a de Jaime Favais. Josefina, estimulada pelo exemplo de sua amiga, atirava-se a todo o pano na vida elegante e ruidosa que levava a formosa senhora de engenho. Seu marido deixava-se arrastar pela corrente e, para desculpar a mudança repentina do seu modo habitual de viver, alegava a moradia excepcional no arrabalde e a circunstância ainda mais excepcional de ser tempo de festa – época que, a falar a verdade, autoriza muitas coisas que seriam e são intoleráveis em outra qualquer ocasião.

Contudo Jaime Favais não deixara de lutar, nem fora vencido e convencido sem relutância; por isso, de quando em vez, quando as coisas lhe pareciam ultrapassar uns certos limites de liberdade e de decência, ele franzia os sobrolhos e censurava acremente as ocorrências, que lhe despertavam a atenção. Algumas vezes então, as moças, ouvindo-o externar essas censuras e as opiniões honestas e severas em que elas se estribavam, chamavam-no peludo, e assim conseguiam fazê-lo calar ou pelo menos afastá-lo momentaneamente.

Josefina, essa, é que pouco se lhe dava com as suas manifestações de desagrado e nenhum caso fazia das observações de seu marido. Não era estranho a esse novo modo de proceder o estado atual de sua alma. A mulher do negociante amava: à custa de resistir, de martirizar-se para fugir à impressão invasora que lhe causara o moço baiano com todas as suas qualidades brilhantes e sedutoras, e para desviar de si a onda de sentimentos ternos que a assoberbava, acabou por ser envolvida por ela e quando conheceu

que já não podia tomar pé, deixou-se embalar e se afogou completamente. Também Leandro não se descuidara um só instante, perseguia-a com uma insistência, com uma pertinácia, com uma perícia extraordinárias. Para melhor levar avante o seu propósito, alugara também uma casa no Monteiro e aí fixara a sua residência momentânea. Completamente ocioso, sem necessidade de vir à cidade, passava a maior parte dos dias no arrabalde, e então tinha ocasião de, por assim dizer, a todas as horas encontrar a mulher do negociante e de dar-lhe a entender o que lhe ia pelo coração. Chegara mesmo a cometer diversas imprudências, apesar de suas nímias cautelas; mas tinha a lutar com duas dificuldades, tinha de evitar continuamente dois perigos: a vigilância ciumenta de Celeste e o amor não menos vigilante de Clotilde. Contudo não perdia uma só ocasião, e todas as vezes, que uma e outra estavam ausentes ou descuidadas, ele aproveitava o momento para dizer uma palavra a propósito ou para exalar um suspiro significativo e doloroso. Empregava assim todos os meios conhecidos e desconhecidos para completar a ruína daquela honestidade, que se debatia nas últimas vascas da agonia e que só esperava, aliás, por uma ocasião favorável para capitular com todas as honras da guerra.

Qualquer outra mulher, traquejada nas misérias e nas infâmias da vida, avezada e emérita na arte dos namoros adúlteros, teria enxergado sem dúvida naquele procedimento do mancebo o emprego sistemático dos mil recursos de que lança mão o sedutor por profissão, o Lovelace de força de vontade e de paciência, para chegar à consecução do seu fim. Josefina, porém, pouco habituada ao galanteio, era, quanto àquela prática, uma verdadeira ingênua. Deixou-se iludir facilmente e tomou os recursos do sedutor por sintomas de amor verdadeiro e sincero. Ora a mulher é naturalmente compassiva; nenhuma há que não se condoa dos sofrimentos alheios, principalmente daqueles de que se julga causadora, máxime quando já está mais ou menos inclinada para o indivíduo que sofre por ela e lhe ofereceu esses sofrimentos como incensos do seu amor e holocaustos à sua formosura.

Entregou-se, portanto, cegamente à sua paixão, sem medir a profundidade do passo que ia dar, nem calcular as consequências que a sua cegueira poderia acarretar. A mudança para o Monteiro viera justamente apressar esse desfecho. Naquela liberdade, pouco vigiada, dos passadios da festa, com aquela frequência dos encontros, dos folgares, das danças, dos banhos no rio e de outros divertimentos usuais, mais frequentes eram as ocasiões perigosas e mais certos os botes do baiano. Conhecia ele, além disso que ia ganhando cada vez mais terreno, de forma que só lhe bastava uma ocasião favorável, um momento oportuno e habilmente aproveitado, para ser completo o seu triunfo e consumada a vergonha da burguesa. Depois rir-se-ia dela como das outras. Mas nada receava nem por si, nem por ela, porque cercar-se-ia sempre, como se cercava já, das maiores cautelas.

O mais extraordinário em tudo isto, o que talvez pareça impossível ao leitor, é a estranha habilidade de que Leandro dava provas para poder manter em perfeito equilíbrio a sua posição entre as duas amigas, sem que nenhuma delas suspeitasse da outra. Entretanto isto nada tinha de sobrenatural: era apenas o resultado lógico de um recurso cediço, empregado em casos tais.

Leandro fizera nascer no espírito das duas moças uma mútua e natural desconfiança, de forma que elas, embora amigas íntimas, não trocavam a esse respeito a mínima confiança, o mais insignificante pensamento. Celeste receava-se da austeridade conhecida da sua amiga e esta temia a natural indiscrição da mulher de Cavalcanti. Entre as duas, Clotilde mantinha intacto o seu segredo, principalmente depois do que se passara com o primo. Seu pai pareceu por um momento querer persuadi-la das vantagens daquele casamento, mas deixara de impô-lo por então, em vista da instintiva repugnância, da recusa peremptória e da atitude agressiva e intransigente da moça. Não obstante, continuava sempre a demonstrar por todos os meios a seu alcance o quanto lhe seria agradável essa união. Por isso mesmo, aumentava ainda mais a antipatia de Clotilde pelo primo, e tomava maior vulto o seu amor pelo baiano.

Esse amor, entretanto, vivia completamente oculto no seu seio, sem que dele transpirasse a mínima parcela. Depois do curto diálogo que tivera com o caixeiro, e em que este patenteara as suas desconfianças, Clotilde tornou-se ainda mais cautelosa do que era: não queria que ninguém, muito menos aquele intrujão, profanasse a fina flor dos seus sentimentos amorosos. Era o primeiro amor da moça; absorvia-a toda e ela tinha ciúmes até do som que produzia o nome do mancebo quando ela, ao deitar-se no seu leito, o pronunciava baixinho, tão baixinho que somente Deus o poderia distinguir. Tinha, pois, tanta cautela em esconder esse seu sentimento, quanto Leandro em ocultar os dele. Partia isto, além das razões já apontadas, de uma outra apreciação do seu espírito: supor que o rapaz não podia manifestar-se e ter ela acanhamento de dar o primeiro passo. Não que à sua natureza repugnasse proceder de uma tal maneira: mas porque receava esbarrar com a indiferença de Leandro e assim cair no ridículo de uma mulher que se entrega sem ser solicitada ou que solicita a esmola de um amor que lhe não querem dar. Se por um momento supusera que o mancebo a amava e que lhe fugia por circunstâncias alheias à sua vontade, o raciocínio viera de pronto em seu auxílio e ela se despersuadira disso, porquanto via que Leandro não era homem para recuar diante de considerações daquela ordem. Se ele, pois, não a procurava, não solicitava o seu amor era porque ela lhe era indiferente, como também o eram todas as outras. Assim pensava então, isto ao menos lhe servia de consolação ao sofrimento de ver-se desprezada, e de alimento à esperança de alcançar afinal a felicidade por que tanto suspirava.

Já, por duas vezes, nos passeios, deixara-se ela ficar atrasada e favorecera ao rapaz a ocasião de uma declaração ou de uma simples expansão sentimental e... nada! Leandro conservara-se o mesmo que era sempre e não adiantara um só passo em prol da sua conquista, não correspondera em coisa alguma à expectativa da apaixonada rapariga.

Isto, porém, tivera um resultado: dar a perceber ao mancebo o estado mórbido da moça; patentear-lhe a sua alma, descobrir-lhe,

quase que totalmente, o seu segredo. Conquanto Leandro ficasse interiormente lisonjeado com a descoberta, contudo resolveu evitá-la cada vez mais, não por ela, mas por si. Leandro era cauteloso, temo-lo dito mais de uma vez, e receava excessivamente o amor das donzelas. Costumava dizer que “não era essa a sua especialidade”. Com efeito, a sua índole libidinosa não o levava para aí; e depois, sabia que para um casamento encontraria a oposição de Jaime, que de mais a mais não o olhava com bons olhos. Além disso, julgando a moça por si, supôs que aquela impressão fosse passageira. O seu grande sonho de então era a posse de Josefina.

Uma tarde passeavam todos pela pitoresca estrada que leva a Apipucos, todos, isto é, as moças e os rapazes, pois que os velhos – os assim julgados pela idade ou pelo estado – haviam ficado na calçada da casa do Cavalcanti, ocupados uns no gamão, outros no voltarete, e outros finalmente na resolução de alguns problemas intrincados da política de então, que é a mesma de hoje e que será a mesma de amanhã, desgraçadamente! Do número dos que haviam ficado fora Jaime Favais, do grupo, que povoava a estrada e acordava o eco dos arredores com os ruídos de sua alegria, faziam parte Josefina e Leandro. João Favais, o caixeiro, que passara o dia em casa do tio, incorporara-se também ao grupo, apesar da manifesta contrariedade que isto causava à prima e do momo de repugnância e de enfado que ela fizera ao vê-lo acompanhá-la.

A estrada, já por si pitoresca, apresentava naquele momento um aspecto animado e alegre. As moças corriam, riam, conversavam nesse tom gárrulo e festivo de colegiais escapas da prisão, e as senhoras, aparentando uma gravidade que estava longe de ser verdadeira, não podiam, de vez em quando, eximir-se de imitá-las. Era, além disso completa a fusão ou confusão dos dois sexos, e no burburinho geral das conversações em voz alta, encetadas e não concluídas, dos ditos hilariantes de espírito, trocados sem intenção e interrompidos com malícia, das gargalhadas provocadas sem motivo e atiradas de uns lábios a outros como provocação de alegria, era impossível perceber

qualquer conversação mais seguida e proposital. Leandro, apanhando imediatamente toda a vantagem da situação, aproveitou-se dessa disposição ocasional das coisas e aproximou-se muito naturalmente de Josefina, justamente no momento em que ela, pisando em falso sobre uma pedra, cambaleava como se fosse resvalar para o chão.

– É a segunda vez que a senhora tropeça – disse ele baixinho e cheio de amabilidade – quer aceitar o amparo insignificante do meu braço?

Josefina sentiu-se corar subitamente. Vinha pensando no rapaz, cuja elegância de corpo e de ademanes comparava então com as maneiras vulgares de seu marido, e estava longe, muito longe de supor que ia ser por aquela forma interrompida.

– Obrigada – balbuciou ela um pouco trêmula, e mal desabrochando um sorriso por entre os lábios úmidos – não é preciso.

– Ora... um amparo é sempre necessário... um auxílio é sempre agradável!

– Mas o que pode ser agradável nem sempre é necessário. Às vezes pode até ser...

A moça hesitou.

– Conclua.

– Pode até ser perigoso.

– Como?... receia então de mim?...

– Eu?...

– Supõe que eu possa ser um perigo para a senhora?

Josefina não respondeu. Depois de uma pausa cheia por um silêncio pensativo e acanhado, Leandro prosseguiu.

– Dir-se-ia que a senhora tem medo...

– De quê?... de cair?... ao contrário, tanto que recuso o apoio do seu braço.

– Não é de cair; é de aproximar-se de mim.

– Ora!...

- Entretanto... tenho tanto que lhe dizer...
- A... mim?...
- Sim, à senhora!... tenho um segredo tão grave a confiar-lhe... uma súplica tão profunda a lhe fazer...

Josefina cada vez estremeceu mais e estava tão comovida que nem sequer podia erguer os olhos do chão. Caminhava como que instintivamente, mecanicamente, sem consciência dos seus atos. Todo o seu sangue lhe afluía ao coração; todos os seus sentidos se concentravam no ouvido.

– Então fale! – disse ela a custo como arrancando as palavras das dobras mais íntimas do peito.

– Aqui, não!

– Por quê?

– Porque alguém nos poderia ouvir, poderia mesmo ler em meus olhos o segredo que eu lhe estivesse confiando, poderia adivinhar a súplica que a minha alma estivesse lhe fazendo e descobrir esse amor que me enche a existência de martírios, ao passo que faz ao mesmo tempo a minha única ventura.

Josefina ouvia-o no auge da comoção, e teve medo de trair-se. Além disso, por um resto de pudor, o coração sobressaltou-se ante aquela declaração assim à queima-roupa ali na estrada, no meio de tanta gente... e ela teve medo. Era talvez a última luta, mas contudo era uma luta ainda.

– Cale-se! – disse trêmula e ansiosa – peço-lhe que se cale. Bem vê que não posso ouvi-lo.

– Oh! meu Deus! por ventura a ofendi com as minhas palavras?

– Não!... mas não devo ouvi-las, não devo dar-lhes atenção.

– Oh! não me diga isto!

– Deixe-me!

– É uma sentença definitiva que profere contra mim, D. Josefina, ou é apenas um meio de adiar a nossa conversação?

– Não sei...

– Não seja cruel assim!... não vê que a amo como um insensato?

– Cale-se!... cale-se, por Deus!... observam-nos, retire-se!...

Era evidente a angústia da moça e incontestável o medo de que ela dava parte. Leandro sorriu-se de si para si cheio de fadiga e de alegria. Era um perfeito conhecedor do coração humano. Estava, portanto, seguro do seu triunfo. A mulher forte não teme coisa alguma, não se assusta com o combate nem lhe metem medo as seduções... só a criminoso já ou a que receia sê-lo é que tem medo das ocasiões e por toda parte vê perigos.

– A senhora é cruel! – disse Leandro tristemente, fitando-a com ternura – é muito cruel, mas tem o direito de ser obedecida. Perdoe-me se a ofendi com a minha insistência e o meu coração com o seu amor.

E assim dizendo afastou-se lentamente, fingindo uma tristeza tocante e resignada. Aquela submissão tocou o coração da moça; estava tão acostumada a ser tratada imperiosamente pelo marido, que a humildade por parte de um estranho lhe pareceu o cúmulo da delicadeza e a prova mais eficaz de um amor sincero. Fitou os olhos no mancebo e corrigiu a austeridade da sua recusa com um sorriso eloquente de perdão.

Leandro acolheu aquele sorriso como uma capitulação e afastando-se escreveu a lápis algumas linhas numa folha de sua carteira, dobrando em seguida o papelinho de forma que lhe desse um volume microscópico. Poucos minutos depois, o bilhete chegava a seu destino e Josefina disfarçadamente o escondia no seio, onde ele escaldava como um ferro em brasa. Felizmente ninguém percebera ou ligara importância à sua conversação com o rapaz, nem a vira receber aquele bilhete imprudente e comprometedor.

Ninguém?

A pobre senhora enganava-se ou não contava com o ódio latente de um inimigo figadal. Uma pessoa havia naquele grupo que não tirara os olhos dela e a vigiava, bem como à sua filha. Era João

Favais. O sobrinho de seu marido não perdera uma só parcela das manobras de Leandro.

## **XVII Depois da queda**

Diz um ditado popular que “no comer e no coçar, tudo está no começar”. O rifão seria mais completo e verdadeiro se se aplicasse a todas as nossas ações e se referisse mesmo a todas as coisas deste mundo. Com efeito, o mais difícil em tudo é dar o primeiro passo, – o começar – às vezes é isto até o que é unicamente difícil. Coisas há que, parecendo-nos impossíveis e enchendo-nos de pavor, se tornam depois familiares e nos proporcionam encantos indizíveis, desde que, para realizá-las ou para obtê-las, tenhamos a coragem de dar o primeiro passo necessário à sua execução.

Queimar os seus navios e passar o Rubicon, como nos episódios históricos e resoluções desesperadas de dois heróis da antiguidade, não deixa de ser dois fatos simbólicos e servem de exemplo a todas as resoluções humanas. A mulher do nosso negociante, indo ao encontro do seu apaixonado sedutor, queimara os seus navios, passara o seu Rubicon, dera finalmente esse primeiro passo difícil, único que em assuntos semelhantes, é credor das grandes irresoluções e gera as lutas íntimas e heroicas, os protestos honrados e as honestas hesitações do espírito, tão rapidamente formuladas quão de súbito esquecidas ante as exigências apaixonadas e capciosas do coração. Dera esse primeiro passo que abre a porta a todos os outros e que ou conduz, pela sua impunidade e bom sucesso, ao pináculo da felicidade ou leva às tristezas eternas e aos horrores de um desastre, quando surte um efeito contrário. No terreno da voluptuosidade e do vício o declive é rápido e fatal, e raro, muito raro é o indivíduo que, pisando na sua primeira quadra, não escorregue até a última.

O ataque súbito e por assim dizer inesperado do mancebo, a rapidez sôfrega e apaixonada de sua resolução, a embriaguez assaltante dos seus carinhos ardentes serviam de desculpa ao espírito doentio de Josefina para justificar a fraqueza da sua virtude. Como resistir? Como defender-se no silêncio de uma noite sombria, na escuridão de uma latada poética e perfumada, na

solidão de um momento perigoso e psicológico?... seria preciso atrair gente, expor-se ao escândalo inevitável e portanto às suas consequências perigosas, à vergonha, à prática de um crime talvez. A sua natureza não estava preparada para afrontar semelhantes coisas, nem o seu coração apto e em estado de correr o risco de tais atos para salvar-se de um perigo, aliás, delicioso e de há muito entrevisto por entre as brumas dos seus sonhos de amor e de falsa felicidade.

Eram essas as desculpas que a sua honestidade espavorida alegava como defesa ante o tribunal formado da sua consciência.

Como, porém, resistir, como não sucumbir, se o seu próprio amor a enebriava e centuplicava a força dos seus sentimentos expansivos e exaltados, se a novidade romântica da situação lhe enlevava a alma e lhe dava à sensibilidade o máximo de elasticidade, elevando a sensação da felicidade e da volúpia a um grau de erotismo enlouquecedor, a um verdadeiro histerismo inconsciente, embora voluntário? A sua vontade não estava assaz educada, nem era bastante forte para poder opor uma barreira suficiente a essas manifestações de seu coração ou a essas invasões da nevrose do amor.

Eram esses os capítulos de acusação que o próprio coração apresentava naquele mesmo tribunal de seu foro íntimo. Mas razões de acusação e argumentos de defesa confundiam-se por não se distinguir mais, ao ponto de darem à ré uma absolvição plena e unânime. Daí para a reincidência não havia mais o que esperar. O primeiro passo fora dado, tudo o mais era fácil e correria naturalmente, tanto mais quanto, no mundo moral, não tinha havido condenação que a punisse e no mundo físico, não haviam aparecido consequências imediatas que acarretassem sustos ou desgostos. Tudo havia corrido em perfeita calma e sem contratemplos imprevistos. Essa impunidade, essa espécie de proteção do acaso, concorre muito para encorajar o crime e secundar a sua reprodução. O acaso ou a providência – vem dar tudo na mesma coisa! – havia protegido extraordinariamente aquele primeiro encontro dos dois amantes.

O chá prolongava-se ainda por entre as risadas francas e intermináveis das moças irrequietas e estroinas, interrompido sempre pelos passes habituais do voltarete e já havia soado na sombra da latada o último beijo da despedida e esmorecido na espessura dos arbustos o eco do último protesto de amor e do último juramento de mútua e eterna felicidade. Ao despedir-se, estreitamente unida ao amante, Josefina prometera voltar. Essa promessa era o atestado solene de que o pudor fugia de vez da sua alma e de que a desvergonha ia substituir para sempre a pureza e a honestidade material da sua vida. Mas que era para ela tudo isto ao pé das carícias ardentes e embriagadoras daquela felicidade roubada, de que ela havia gozado e de que continuaria a gozar dali em diante? Parece impossível como o amor oblitera a consciência humana e como perverte o nosso coração.

– Sabes? – dizia ela a Leandro, despedindo-se – não tenho ânimo de deixar-te.

– Mas assim é preciso! – aconselhava o mancebo, sorrindo triunfante e apertando-a ainda ao seio num último amplexo de embriaguez.

– Ora, é tão cedo ainda! – replicava ela suplicante.

– A tua falta pode tornar-se prolongada, chamar a atenção...

– Todos estão entretidos.

– E se vierem procurar-te?

– Oh, Deus me livre! seria horrível.

– Pois então retira-te.

– Custa-me tanto sair!

– Então, fica.

– Se eu o pudesse fazer, seria a minha maior felicidade.

– Fica e afronta toda a tempestade que puder sobrevir. Eu te defenderei.

– Não!... não!... não quero que te arrisques por mim.

– É o meu dever.

– Não quero que sofras por minha causa. Já basta o que tens sofrido por supor que me eras indiferente.

– E não era? – perguntou Leandro, sorrindo com malícia.

– Não! – respondeu Josefina encostando-se ao seu seio num abandono lascivo e descuidado – Não!... eu te amei desde que te vi!

E suspirando profunda e sinceramente, acrescentou com toda a volúpia de uma natureza ardente e ainda não saciada:

– Se eu pudesse estar sempre ao teu lado, Leandro.

– Cala-te! – suspirou o mancebo tapando-lhe a boca com um beijo silencioso e rápido – não pronuncies o meu nome assim. Matos têm olhos e paredes têm ouvidos.

– Tens razão. Devemos ter toda a cautela.

– E a primeira deve ser a de te retirares já... tens-te demorado muito.

– É verdade!... como o tempo passa depressa!

– Para quem ama.

– Para quem é feliz.

Não se queriam separar os dois amantes.

– Vai! vai! – insistiu Leandro...

– Sim, vou – concordou a moça – mas antes, promete que nunca mais te hás de esquecer de mim.

– Promete também que hás de voltar.

– Sim... quando quiseres.

– Como és boa!...

Uma risada estridente de uma das moças mais estroinas do grupo, que tomava chá, veio repercutir até o quintal, como um aviso previdente. Josefina estremeceu.

– Ih Jesus! – exclamou ela assustada – ouviste?

– Foi uma risada.

– Se viesse alguém...

– Foi lá fora, na calçada. Não facilites, retira-te.

- Sim... Dá-me um último beijo.
- Adeus!
- E... até quando?
- Eu te direi. Adeus.
- Adeus.

A moça voltou apressadamente para a casa e apenas entrou na sala correu ao espelho. Alisou perita e rapidamente os cabelos, compondo-os como estavam dantes, e sorriu-se. A sua fisionomia expandia-se num assomo de ventura indizível e os olhos irradiavam com um brilho febril e cintilante. Deu uma vista d'olhos a todo o seu vestuário, sacudiu uma prega do vestido, que se achava comprometedoramente amarrotado, e exalou um suspiro de satisfação e de saudade. Fora completamente feliz na sua excursão. Ninguém a surpreendera, ninguém a vira, ninguém suspeitara dela. Decididamente Deus a protegia. Deus?... É inacreditável a felicidade com que as naturezas devotas, principalmente as mulheres, associam a divindade a todas as suas ações, por mais torpes e criminosas que sejam!

Josefina entrou no seu quarto e dirigiu-se para uma cômoda que o ornamentava, quase defronte do seu tálamo conjugal. Sobre ela estava colocado um rico e cuidado santuário de jacarandá embutido, diante do qual ardia todas as noites uma lamparina, quando não crepitavam os pavios de dois círios de cera. Esse hábito atestava eloquentemente não só a espécie de educação que a moça recebera, como também os sentimentos religiosos de que era dotada.

Apenas aproximou-se da cômoda, abriu Josefina o santuário e fitou os olhos piedosa e devotamente em diversas imagens que povoavam o seu interior. Fez uma curta oração que ofereceu, com todos os arroubos da fé e com toda a sinceridade da crença, aos santos do Paraíso em ação de graças pela felicidade que lhe haviam concedido na terra, e depois beijou com todo o respeito os pés de uma imagem do Crucificado e a ponta da túnica azul de uma Virgem-Mãe.

Santa e pura fé de um coração ignorante! Triste e estúpido resultado de uma educação colegial! Josefina agradecia o bom sucesso da sua infâmia e da sua vergonha justamente ao símbolo da pureza e ao apóstolo da virtude.

Ao menos, naquela ocasião era ela sincera. A mulher do negociante estava intimamente convencida de que fora Deus quem a protegera e a Virgem Maria quem a livrara de ter sido surpreendida. Implorava-lhes, portanto, a continuação daquela proteção eficaz e daquela cumplicidade torpe e vergonhosa. Depois de ter posto os seus negócios sob tão bons auspícios, nada mais tinha a rezear.

Sentiu-se, portanto, completamente tranquila. Fechou o santuário, sorrindo para as imagens com um certo ar de bondade e de inteligência maliciosa e voltou para a calçada.

Ao chegar à porta, lançou rapidamente os olhos para todos os lados, como um general, que, ao voltar a um campo de batalha, inspeciona todos os postos e quer assegurar-se de todas as posições. Nada havia de suspeito, nem sequer tinham notado a sua ausência. Todos haviam tido em que se entreter e uma pessoa de mais ou de menos não fazia falta nem se dava por isto. O chá terminava definitivamente. A escrava voltava para casa com a bandeja e o moleque oferecia palitos.

Jaime arrumava as cartas que lhe havia dado o parceiro e estudava o jogo que lhe parecia excelente, a julgar pela expressão expansiva que iluminava toda a sua fisionomia. Josefina ao passar por ele, parou e, com um carinho desusado, pousou-lhe a mão no ombro. O negociante voltou-se vivamente:

– Oh! és tu?

– Tens sido feliz? – perguntou ela, sorrindo-lhe com uma amabilidade de namorada.

– De uma felicidade espantosa! – respondeu-lhe o marido, separando três cartas que ia pedir.

Josefina com um gesto suave de carícia, alisou-lhe por um momento os cabelos meio revoltos pelo vento, e ficou por algum

tempo a vê-lo jogar. O seu pensamento, porém, estava longe, muito longe dali!

## **XVIII A descoberta da escrava**

Daí em diante começaram as coisas a correr como se deslizassem por um mar de rosas. Desapareceram de todo as hesitações e os receios; e os escrúpulos honestos, que porventura existiam ainda no coração de Josefina, fugiram totalmente para dar lugar à sofreguidão e ansiedade do gozo, à sede interminável de volúpias e à insaciabilidade do erotismo, que se apoderara do seu ser. Àquele primeiro encontro seguiram-se outros e outros e nada ofereceria mais encanto à mulher do mísero negociante do que o mistério daquelas entrevistas e o gozo daqueles amores adúlteros. Com a continuação das entrevistas, sempre bem sucedidas e ignoradas e com a certeza da impunidade, foi se robustecendo a confiança mútua dos dois e de alguma sorte afrouxaram-se as medidas de cautela e de vigilância com que ao princípio sabiam cercar os seus encontros. Algumas imprudências foram cometidas de parte a parte, de forma que o segredo de Leandro já não era tão absoluto como ele o pensava.

Tinham-no visto uma vez saltando o muro dos quintais dos seus amigos, e o curioso e surpreso passeante, que por acaso fizera a descoberta e só por acaso fora testemunha da escalada, voltara depois por diversas vezes a ver se o surpreendia de novo, e tivera a satisfação de não perder o seu tempo. O resultado disto fora propagar-se a descoberta e em pouco tempo cair no domínio público, sem contudo serem acordes as opiniões quanto ao objetivo das excursões noturnas. Diziam uns que o rapaz ia encontrar-se com a mulher do negociante, outros – e era o maior número – que ia cair aos pés da formosa e arrogante Clotilde, e outros finalmente que quem o atraía para ali era a desbragada senhora de engenho. Não havia certeza ainda, mas todos estavam já na pista da verdade.

Felizmente para os dois mais intimamente complicados nessa notícia, o segredo fora divulgado entre duas classes de gente que o não iria levar ao conhecimento dos interessados: uma por girar em

esfera muito inferior e pouco crédito merecer em suas afirmativas, e a outra por ter recebido uma educação bastante fina para se fazer eco de semelhantes descobertas.

Muitas pessoas, a cujos ouvidos chegaram esses rumores, não lhes dando imediatamente crédito, mas também julgando-os possíveis, puseram-se desde logo de alcateia e tentaram surpreender a verdade no procedimento de qualquer dos acusados. Esses, – digamos desde já – terminaram, depois de certo tempo de acuradas observações, por julgar caluniosos os boatos e completamente inocentes as vítimas de sua espionagem. Quer Celeste, quer Josefina, quer Leandro, em público aparentavam a maior igualdade de tratamento e davam as mais inequívocas provas de uma indiferença mútua e inalterável.

Se cada um, porém, pudesse penetrar na vida íntima do negociante e estudar aí as fases por que passara o seu viver, em todas e nas menores manifestações do seu trato íntimo teria evidenciado a verdade daquelas acusações vagas e conhecido a mudança definitiva do modo de sentir e de pensar de Josefina.

Essa diferença, – essa mudança – a quem primeiro escandalizou foi ao seu próprio marido. Jaime conheceu que Josefina já não era a mesma para si; que alguma coisa de extraordinário, – que ele entretanto não sabia qual era nem o podia explicar – alterava o seu coração e a norma usual da sua vida. Desde o dia em que, pela primeira vez, lhe pareceu descobrir esses indícios, que ele ficou de sobreaviso e começou a sujeitar sua mulher a uma vigilância moral e pertinaz.

Sem que ela o percebesse, o negociante a expunha a uma série de experiências sucessivas e sutis, às quais a pobre moça, inexperiente como era ainda, se submetia sem consciência. O resultado era sempre o mesmo e invariável: dar a conhecer ao marido que a mulher já o não amava ou que pelo menos começava a sentir por ele uma certa repugnância não justificada.

Embora Jaime não tivesse sido nunca um marido exemplar pelo lado da delicadeza e da amabilidade, qualidades essas que não só não estavam na sua índole como também a educação não fizera

nascer nem desenvolver, contudo nunca tratara sua mulher de forma a chegar à conclusão de tornar-se aborrecido ou repugnante. Demais se desse ele causa para isso, não teria esse tédio aparecido só agora, depois de tanto tempo de união feliz e, sim, se teria manifestado logo no princípio da sua vida em comum.

Outra causa e não a sua própria pessoa deveria ter originado aquele estado da alma de sua mulher. Qual? Jaime não o podia adivinhar nem sequer o suspeitava. Fazia de sua mulher um conceito tão grande que nunca lhe passaria pela ideia que ela pudesse esquecer-se dos seus deveres de esposa e de mãe.

Seria então porque ele insistia e insistia sempre pelo casamento da filha com o sobrinho... Mas em todo o caso, se a filha tão obstinadamente se recusava a aceder aos seus desejos e se sua mãe a secundava neste propósito desarrazoado e inacreditável, algum motivo imperioso havia entre eles.

Naturalmente Clotilde tinha alguns amores e era-lhe preciso descobrir quais eles fossem.

Interrogou a esse respeito sua mulher e, pelas respostas que ela lhe deu e, sobretudo, pela maneira por que o tratou, conheceu ele ainda mais o quanto estava sendo eliminado da alma de sua esposa. Esta não lhe faltava só com o amor, faltava-lhe também com a estima.

Com efeito! Josefina, que em tudo podia coibir-se e chamar em seu auxílio os mais enérgicos exemplos e as mais salutares lições de hipocrisia, era inábil para encobrir os sentimentos novos que lhe inspirava seu marido. O primeiro resultado dos seus criminosos amores, tão bem sucedidos e felizes, foi uma extraordinária indiferença por todo e qualquer homem, que não fosse o amante, e uma invencível repugnância por seu marido. O mínimo contato material produzia-lhe o efeito de uma pilha galvânica e a coparticipação moral da mesma vida em comum parecia-lhe uma infidelidade aos novos juramentos do seu coração.

Compreendia que o verdadeiro rival do seu amante era o seu marido: que Jaime era o inimigo natural de Leandro e aborrecia o homem a quem a igreja a ligara para sempre e que, portanto, a

separava do escolhido da sua alma. Daí a diferença do tratamento: a morte do carinho anterior e habitual e o aparecimento da aspereza e do ódio de agora.

Essa mudança foi igualmente percebida por Clotilde. Essa, porém, contentou-se com a explicação que a mãe lhe deu e achou plausível um procedimento que tirara a sua origem da insistência do negociante em querer casá-la com o João. Como também ela já considerava o pai como um inimigo da sua felicidade e, sob esse ponto de vista o tratava, aprovou plenamente a atitude de sua mãe e, colocando-se do seu lado como uma defesa, um auxílio, de nada mais cogitou. Jaime, esse, cada vez se firmou mais no propósito de descobrir a verdade daquele procedimento insólito e misterioso, fosse qual fosse, e sujeitou, portanto, Josefina a uma verdadeira espionagem.

A mulher, com a sagacidade que lhe é peculiar, percebeu esse manejo e começou também a precaver-se. Havia, nessas investigações por parte de um e como que verdadeiras negaças por parte da outra, decorrido muitos dias e em consequência desse estado de coisas, os encontros dos dois amantes se tinham tornado mais raros e difíceis. Por diversas vezes, quando Josefina se ausentava, Jaime, sob qualquer pretexto, ia ao seu encalço e disfarçada ou ostensivamente indagava do motivo da ausência, ou censurava-a com acrimônia. Isto ainda mais exacerbava a paixão e o ódio de Josefina e algumas vezes serviu de causa a que o vulto de Leandro fosse entrevisto pelos fâmulos, quando ele debalde esperava pela amante.

A primeira vez que isto sucedeu, supôs a escrava que fosse algum ladrão, que estivesse esperando ocasião oportuna para penetrar na casa, e essa suposição sugeriu-lhe a ideia de apanhá-lo com a boca na botija. De parceria, pois, com o moleque dirigiu-se pelo interior da cozinha para o quarto que lhe ficava no fundo ou em continuação e de onde principiava a latada e pôs-se à espreita pelas fendas da porta da janela. A sua surpresa, porém, foi enorme quando, ao aproximar-se o vulto, reconheceu ela Leandro, o moço elegante e sisudo, de que a sua Sinhazinha tanto gostava. A negra

caiu das nuvens com esta descoberta e começou a raciocinar lá no seu bestunto.

Como porém sabia ela dos amores ocultos da sua senhora moça? Com efeito! Se todos ignoravam a paixão de Clotilde, se a todos ela a escondia com o ciúme e com cuidado, a escrava, não obstante todas as cautelas e mistérios, havia surpreendido o segredo de sua ama e esta havia feito dela uma espécie de confidente. Ninguém se admire disto. A escravidão está tão arraigada aos nossos hábitos e costumes, identificou-se tanto com a nossa educação e nossa índole, que não é raro encontrar-se verdadeira amizade entre duas criaturas de condição e raças tão diversas como senhora e escrava, ao ponto de uma ser a depositária única e fiel dos segredos da outra. Depois, a convivência íntima e não interrompida de anos, às vezes começada com a infância; a confiança dada e tomada; a franqueza da intimidade; tudo enfim autoriza essas confidências, que umas vezes são feitas por espontaneidade ou pela necessidade de expansão que tem todo o coração de extravasar o excesso de sentimento de que regorgita, e outras vezes são extorquidas pela astúcia, pela brutalidade de uma indireta ou mesmo pela curiosidade de uma espionagem maliciosa e inevitável. E essas confidências, uma vez feitas, são cimentadas e entretidas sempre, ora pela conversação uniforme e contínua, ora pela prestação de serviços que lhe são congênitos, os quais quase sempre demandam um sigilo absoluto, um interesse particular e são de uma responsabilidade ilimitada.

Neste caso estava a escrava para com Clotilde. Era a confidente dos amores infelizes da moça e, como isto lhe rendia agrados e favores, tornara-se a sua consoladora habitual e a entretenedora contínua desse sentimento.

– Sinhazinha, não se desesperere! – dizia ela umas vezes. – O moço há de acabar por se apaixonar também por vosmecê.

– Qual, Maria!

– Ora! Também, sinhazinha, é tão desesperançada!

– Não sou desesperançada, Maria, sou infeliz.

– Nem diga isto!... eu tenho certeza de que sinhazinha há de casar com ele! E, mais dia menos dia, cá o temos para pedir sinhazinha em casamento.

A moça suspirava, enlevada nesse sonho e fitava a escrava com essa ternura peculiar aos doentes que agradecem o bálsamo da esperança e o alívio de uma consolação.

Outras vezes, a preta vinha misteriosamente segredar a senhora moça que tinha encontrado o rapaz nas margens do Capibaribe, recostado ao tronco de algum ingazeiro, suspirando ao cair da tarde ou ao amanhecer do dia e concluía afirmando que tudo aquilo indicava uma paixão profunda. Ora, a não ser por ela, por quem poderia ser? Outras vezes chegava mesmo a oferecer-se para perguntar qualquer coisa ao rapaz ou para levar-lhe algum bilhetinho ou algum recado. E assim fora ela se insinuando pouco a pouco no espírito da moça, de forma que se havia tornado por fim a confidente de todos os seus pensamentos, a depositária de todos os seus desesperos, a incensadora de todas as suas esperanças.

Ao reconhecer, portanto, o rapaz, supôs logo que ele estava ali por causa de Clotilde. Foi uma revelação completa para a negra. Grande alegria inundou-lhe o coração e nessa mesma noite ao recolher-se a sua senhora moça, segredou-lhe ela ao ouvido e com todas as cautelas requeridas o acontecimento imprevisto e inacreditável.

– É mentira! – exclamou logo a moça sobressaltada, mas incrédula.

– Oh! sinhazinha! – retrucou-lhe a escrava como ofendida com aquela desconfiança – Vosmecê duvida de mim?... Eu juro por esta luz que me alumia!... Era seu moço Leandro mesmo, por sinal que deu dois suspiros e até me pareceu dizer o nome de Vosmecê.

Clotilde, sentada na cama, com os cabelos soltos a cobrirem-lhe o seio ofegante, estava pensativa.

– E demorou-se muito? – perguntou ela como a seguir o fio de um raciocínio.

– Demorou-se. De vez em quando espichava o pescoço e olhava para casa assim a modo de quem esperava que Vosmecê aparecesse...

– Eu?

– Pois quem havia de ser? Aposto que, se Vosmecê chegasse naquele instante na sala de jantar, ele dava um pio. Olhe, sinhazinha, não marcou a ele entrevista nenhuma, não?

– Eu?... se ele quase que nem conversa comigo!

– Então como é que ele veio cá... só se foi para falar comigo e me pedir que fosse chamar Vosmecê.

Clotilde continuava pensativa e a negra prosseguia na sua tagarelice habitual:

– Eu não disse sempre que ele também gostava de Vosmecê... Aquilo é que ele sabe que sinhô não gosta dele e por isso não fala com Vosmecê adiante de gente, para não lhe comprometer.

– Pois bem! – disse Clotilde, levantando a cabeça e corando a seu pesar – outra vez que ele aparecer por lá, vem chamar-me.

A escrava estava radiante.

– Muito bem, sinhazinha. Mas se eu não puder falar com vosmecê?

– Faze um sinal qualquer que eu já sei o que é.

– Sim, senhora! Agora vosmecê durma descansada e sonhe com o seu moço Leandro!

– Ai! ai! – suspirou a moça sorrindo – quem tem amores não dorme.

– Ora, se dorme! para ter sonhos bonitos e felizes. *Sinhazinha* agora deve estar mais satisfeita e mais contente: já tem certeza do amor de seu ingrato.

– Certeza?... quem sabe?!

– Ora, se ele não gostasse de vosmecê, não se arriscava a vir cá.

A negra saiu e Clotilde, pensativa e absorta, fitava os olhos no teto da casa e discutia o acontecimento e a descoberta, apertando

com ambas as mãos o seio túmido que palpitava com violência desusada.

## **XIX Consequências fatais**

Aquela noite foi para Clotilde uma verdadeira noite de febre. A notícia que a escrava lhe dera e as palavras com que a animara ao retirar-se, causaram-lhe uma exaltação nervosa extraordinária. Por mais que fizesse, impossível lhe fora conciliar o sono. A cada momento, voltava-lhe ao cérebro insistente e pertinaz a mesma ideia; e a cada volta que dava no seu leito de donzela, afigurava-se-lhe ver surgir no espaço ou ao seu lado a figura simpática e amorosa de Leandro.

A descoberta da escrava fora para ela uma verdadeira revelação. Já agora – eram esses os seus raciocínios e era essa a sua convicção – já agora não lhe podia restar a menor dúvida: Leandro amava-a e amava-a com tanto exaltamento e entusiasmo que não recuava diante de coisa alguma. Seria capaz de, por esse amor, cometer desatinos e loucuras. Estava inteiramente convencida disso e, se assim não fosse, como explicar a sua presença no quintal?

Justiça seja feita a Clotilde: nem por um momento sequer lhe passou pela mente que o objetivo daquela visita noturna pudesse ser ou ter sido sua mãe. Além disso, ela ignorava o viver dissoluto e donjuanesco de Leandro. Só podia, portanto, atribuir aquele passo a uma causa: o amor do mancebo; e, desde que ele se achava no seu quintal, esse amor só poderia ser por uma pessoa: por ela.

Chegando a esse resultado, tirando essa conclusão lógica para ela, embora falsa para quem soubesse da falsidade das premissas, é impossível descrever com exatidão o estado da alma de Clotilde. A par de um assombro e de uma surpresa, plenamente justificados pelo procedimento até então mantido pelo mancebo para com ela, inundou-lhe a alma uma satisfação tão completa que lhe parecia gozar naquele momento de toda a felicidade possível na terra. Um júbilo sem limites enchia-lhe o coração como um êxtase infinito, e uma sensação, desconhecida até ali, de bem-estar absoluto

substituía a tristeza contínua, como que o luto habitual, do seu coração quase vazio de esperanças.

Com efeito: confirmavam-se todas as suas suposições. Era amada e amada com delírio, mas seu pai representava a barreira que a separava da realização dos seus desejos, portanto da realização da sua ventura suprema e única. O primo, esse aparecia-lhe sob o aspecto medonho do carrasco da sua felicidade e cada vez tornava-se-lhe mais odioso e repugnante.

Não!... nem seu pai nem seu primo lograria o seu intento. Custasse o que custasse, ela persistiria na sua recusa e ainda mais no seu amor, a maior dificuldade estava vencida. Dominara enfim a indiferença do objeto do seu culto íntimo e secreto... sabia agora, tinha a certeza plena de que a indiferença de Leandro era apenas a máscara com que ele prudentemente encobria todos os seus verdadeiros sentimentos. Pôs-se então a admirar a grandeza d' alma e a generosidade do mancebo.

Se fosse outro – algum desses muitos apaixonados que lhe haviam aparecido só com a mira no seu dote – longe de proceder daquela forma discreta, teria procurado por todos os meios comprometê-la e desacreditá-la para melhormente poder chegar à obtenção da sua mão. Leandro, não! esquivava-se; escondia-se; cercava-se do silêncio e do mistério da noite; sacrificava-se enfim. Preferia sofrer a fazer perigar a sua reputação de moça pura e honesta, a comprometê-la aos olhos da sociedade e expô-la aos rigores de seu pai.

Como era grande a sua alma! Como era nobre o seu coração! e como era nobre e grande o seu amor!! Sentia orgulho de ser amada assim. Afigurava-se-lhe então estar vendo os transe por que o rapaz tinha passado para chegar até o seu quintal, as dificuldades que teria superado, os riscos a que se expusera para poder chegar até ali e depois o desespero de não tê-la visto aparecer, de a ter esperado debalde! Não fosse ele concluir daí que ela o desprezava ou que ele lhe fosse indiferente. Mas também porque não a avisou? Custar-lhe-ia tão pouco ter escrito algumas linhas e tê-las mandado por Maria ou mesmo pelo moleque. Decididamente ele era um

tímido. Era preciso que ela o animasse, o encorajasse, que tivesse coragem por ele e por ele desse o primeiro passo para a mútua felicidade desejada. Tomou, portanto, uma resolução definitiva. Iria ao seu encontro e obrigá-lo-ia a descobrir-se e a dar batalha a seu pai. Contava com o apoio de sua mãe e com a impetuosidade do seu gênio mais ainda. Se fosse preciso, iria implorar a proteção de seu avô. Com efeito, o velho capitalista a adorava e não recusaria cooperar para o seu casamento com o homem que era o escolhido do seu coração e o único que poderia realizar o ideal de uma união venturosa.

Não obstante, essa resolução e a tranquilidade aparente que lhe dava a certeza dos seus raciocínios, Clotilde não pôde dormir e, quando ao romper d'alva, o barulho e arruído das diversas pessoas, que se dirigiam ao banho, começaram a acordar os ecos das montanhas e das várzeas que circundam aquele arrabalde, já ela se achava de pé à espera desse passeio matutino.

Alentava-a a esperança de encontrar o mancebo e assim vê-lo ao menos por um instante; talvez mesmo que lhe pudesse falar. Deus às vezes é tão bom que faz todas as nossas vontades e acede a todos os nossos pedidos. Daquela vez, portanto, Ele havia de protegê-la ainda e fazer com que Leandro e ela se encontrassem. Queria adivinhar ou antes ler no seu rosto as angústias por que ele tinha passado durante aquela noite e descobrir nele os mesmos estragos e palidez que no dela se mostravam. Por isso, quando Josefina foi bater no seu quarto, chamando-a para o banho, ela respondeu logo:

– Estou pronta, mamãe! Vamos.

E saiu do quarto com uma presteza desusada. Ao aproximar-se, porém, de Josefina, esta não pôde conter uma exclamação de espanto e de solicitude:

– Oh! meu Deus! tiveste alguma coisa esta noite?

Clotilde recuou assustada ante a expressão angustiosa de sua mãe, e exclamou por sua vez, cheia de susto:

– Eu?!

– Estás com os olhos tão fundos e tão pálida!

Clotilde aproximou-se do espelho e examinou-se. Era verdade. Aquela noite de insônia deixara em seu rosto vestígios bem pronunciados. Entretanto ela nada sofrera; ao contrário, entregara-se de corpo e alma à doce ilusão de se julgar amada, ao gozo supremo de uma felicidade sonhada, há muito tempo. É que ao exaltamento sensual do seu espírito haviam correspondido as sensações nervosas do seu temperamento fegoso. Josefina prosseguia:

– Parece que não dormiste toda a noite.

– Ora, qual! – respondeu a filha, sorrindo e procurando declinar o caso para o gracejo a fim de desviar a atenção materna – dormi perfeitamente.

– Então tiveste algum pesadelo.

– Ao contrário, só tive sonhos felizes.

– Bom! neste caso vamos, que talvez o banho te endireite esta cara.

– Com certeza, mamãe, isto foi do calor desta noite.

E saíram de casa. À porta, Josefina, Clotilde e a negra incorporaram-se a um grupo de moças vizinhas, que já as esperavam, e seguiram todas juntas para o rio. Embora reinasse no grupo essa alegria peculiar à mocidade descuidada e feliz e inata no sexo amável, Clotilde conservava-se calada e como que concentrada. Investigava de vez em quando todo o caminho. Estranhava não ver o seu apaixonado. Entendia que, assim como sucedia com ela, também ele devia estar sôfrego por vê-la, e que devia envidar todos os esforços para encontrá-la. Ainda que não pudesse ou não tivesse ocasião de falar-lhe, pela presença da gente com quem estava, queria ao menos trocar com ele um desses olhares rápidos e eloquentes, que dizem tanto na mudez da sua linguagem.

Ao aproximar-se do rio, foram os seus desejos realizados. A um lado do banheiro, não muito perto, mas na distância de umas cinco ou seis braças, agarrado à ribanceira pelas raízes nodosas e

retorcidas, debruçava-se sobre o rio, como a querer beber-lhe as águas e sombreando-as, um ingazeiro imenso e robusto cujo tronco, bifurcando-se a poucos palmos do solo, formava uma forquilha bastante larga e espaçosa para apresentar dois cômodos assentos.

Leandro estava sentado num deles com as pernas cruzadas e escrevia com um lápis em uma folha de sua carteira. Digamos desde já: o rapaz compunha um recitativo, que lhe fora encomendado por um desses poetas que firmam reputação à custa alheia, recitativo que era destinado a fazer, à noite, as delícias de uma meia-dúzia de donzelas cloróticas e românticas, em uma soirée de Apipucos.

Vislumbrando o mancebo cujo vulto vestido de branco se destacava do verde escuro da folhagem e do cinzento negro do tronco do ingazeiro, Clotilde sentiu desde logo bater-lhe o coração mais apressado imaginando ser aquele escrito alguma carta para ela e, presa de estranha comoção, nem sequer pôde corresponder à saudação familiar que o mancebo dirigia a todo o grupo.

– Cuidado com a água! – gritou ele para as moças.

– Por quê? – perguntou uma delas, parando à porta do banheiro.

– Está fria? – inquiriu uma outra.

– Não – respondeu-lhes o rapaz – não é por isso.

– Por que é então?

– Por causa dos siris.

– Isca é ele! – gritou-lhe a mais estroina das moças.

– E a maré está cheia. – continuou o moço – Vejam bem.

– Por minha parte, como eu sei nadar!

– Ora que dúvida!... pois a senhora não havia de saber nadar?

– Podia não saber. Esta iaiá que não sabe.

– Nem eu!

– Pois admira!

– Por quê?

- Porque todo peixe nada!.
- Ora saia-se aí, seu engraçado!
- Peixe é ele!

O diálogo não passou adiante e as moças, no meio da algazarra que lhes é habitual, entraram para o banheiro, onde com pouco, se ouvia o barulho que faziam na água de envolta com as risadas e gritozinhos de susto.

Leandro não se movia do lugar em que se achava. Havia visto Josefina e afagava a esperança de falar-lhe, de poder ao menos dizer-lhe indiretamente qualquer coisa que lhe servisse de aviso, não só da sua espera infrutífera daquela noite, como da intenção de repeti-la na primeira que sobreviesse. Foi, porém, iludido em sua expectativa, porque ao terminar o banho das senhoras, e quando elas iam a sair, enrolando, enxugando ou escorrendo a água dos cabelos mais ou menos opulentos, assomaram no horizonte da ribanceira as figuras inesperadas de Cavalcanti e de Jaime Favais, que vinham também procurar nas águas do Capibaribe refrigério aos calores da noite. Leandro teve logo uma saída de espírito para justificar a sua presença.

– Já os esperava! – gritou ele apenas avistou os dois amigos. Reuniram-se então.

– Mas o senhor já tomou banho – observou Jaime, quando se aproximou dele.

– Não – retrucou o rapaz – molhei apenas a cabeça para refrescar as ideias. Estava a compor uns versos.

– Assim faz quem é vadio! – sorriu o Cavalcanti.

– Ou quem é poeta! – concluiu o baiano.

As moças retiraram-se e eles três então entraram para o banheiro. Nem Josefina, nem Clotilde, porém, trocou com o mancebo um único olhar, um único sinal. Jaime, de mais a mais, estava sombrio e carrancudo.

Nesse dia, conquanto lá para a tarde, estivessem juntos durante as horas habituais da palestra na calçada, não tiveram contudo ocasião alguma favorável para trocar as explicações

necessárias e acordarem em um plano qualquer de conduta, porquanto Leandro reconhecia que a mulher do negociante se achava sob a pressão de uma vigilância apertada por parte do seu marido.

Dali em diante tornavam-se difíceis e perigosíssimas as suas entrevistas. Não só Josefina continuava sob a espionagem de Jaime, como também o quintal tornou-se objeto especial das atenções e reconhecimentos da escrava, que a cada momento esperava ver surgir o vulto do mancebo e por isso o inspecionava. Inconscientemente concorria Clotilde para aquele resultado, porque, julgando-se causa e motivo da visita noturna do rapaz, o espionava estreitamente, espreitando-lhe qualquer gesto, qualquer passo ou qualquer olhar, a ver-se descobria nele algum sinal significativo de inteligência.

Por algumas vezes estivera quase a aproximar-se dele, aproveitando os hábitos de familiaridade ou os estouvamentos naturais do seu gênio, e a interpelá-lo francamente, mas coibira-se ou porque não tivesse ocasião muito azada, ou porque atuasse nela o pudor natural de uma donzela, ou mais do que isto talvez, pelo receio de ver o seu segredo desvendado para todos e portanto à mercê de tantas moças levianas e de tantos homens invejosos que a rodeavam. Temia a maledicência e, mais que a maledicência, o ridículo. Quem se locupletava com todas essas dificuldades era incontestavelmente Celeste.

Passaram-se assim muitos dias. Clotilde ia quase se desvanecendo da esperança de ter uma explicação definitiva com o mancebo, em outro lugar que não fosse o das reuniões da família, mas nem por isso sentia diminuir o seu amor. Ao contrário, com tais dificuldades, cada vez ele mais recrudescia.

Uma tarde Leandro não apareceu. Fora o caso que Josefina, impaciente e contrariada, não podendo conter mais os ímpetos do seu coração, escrevera-lhe um bilhete e conseguira fazê-lo chegar ao seu poder. Exprobava-lhe a ausência, que atribuía a um esquecimento perjuro e temporão e concluía por assegurar-lhe que o esperaria indubitavelmente aquela noite. Para segurança do

encontro, indicava-lhe o meio de iludir a vigilância do seu marido. Lembrava-lhe a conveniência de não aparecer durante a tarde, a fim de que todos o supusessem ausente do arrabalde.

Leandro seguiu à risca os conselhos da sua amante e, com efeito, naquela tarde não compareceu à palestra habitual na calçada dos seus amigos. A amante, porém, iludira-se quanto ao alcance daquela medida. Se Jaime desconfiasse de Leandro, talvez que ela tivesse conseguido o seu fim, mas as desconfianças do marido de Josefina eram vagas, sem objetivo certo e, por isso, naquela noite, como nas outras, não afrouxou um só instante a sua vigilância, de forma que, quando as horas fatídicas se aproximaram, impossível foi à esposa realizar a sua promessa. Além disso, concorreu para obstar o seu intento um fato, aliás, muito natural, que teve lugar.

Estavam todos entretidos e Clotilde comentava mentalmente a ausência de Leandro, quando à porta da sua casa assomou o vulto risonho da escrava, como se ali aparecesse naturalmente para espreitar a rua ou para receber alguma ordem. O fato em si nada tinha de extraordinário, mas Clotilde, ao ver a negra, sentiu o sangue afluir-lhe ao coração e ainda mais aumentou-se a sua comoção quando a negra mostrou-lhe os dentes alvíssimos num riso aberto e silencioso, acompanhado de uma leve inclinação de cabeça. Clotilde compreendera-a imediatamente, e entrou logo para a casa. A preta acompanhou-a.

– Sinhazinha, seu moço Leandro está lá – disse ela em voz baixa e com presteza.

– Tu o viste?

– Vi, sim, senhora... chegou agora mesmo.

– Oh! meu Deus!... nem sei o que deva fazer.

A incerteza da moça era real e a sua comoção não tinha limites.

As mãos estavam geladas e a cabeça ardia-lhe sob o peso das ideias.

– Oxente, sinhazinha! – aconselhou a negra: vosmecê vá.

- Mas, Maria...
- Vosmecê tem medo?
- Não sei.
- O que é que pode acontecer? nada.
- Decerto: mas bem compreendes que é custoso. Ir assim ao encontro de um homem, no quintal...
- Ora! ora! ora! e as outras que vão? Vosmecê é a primeira? Demais, se acontecer alguma coisa, vosmecê chama. Eu fico aqui de sentinela.
- Em todo caso...
- Já é a segunda vez que ele vem. Se vosmecê não for hoje, ele é capaz de se zangar e não voltar mais e vosmecê perde assim a ocasião de ficar sabendo o que ele quer.

Clotilde hesitava, estorcia-se entre os conselhos prudentes do pudor e os impulsos apaixonados do coração, vacilava. A negra, porém, aí estava, o demônio familiar soprava-lhe ao ouvido as palavras da tentação e exaltava-lhe a imaginação e os sentidos. A moça debateu-se ainda por alguns momentos nas últimas agonias da dúvida, mas a eloquência da escrava foi tão persuasiva, que ela supôs ceder às suas instâncias e sugestões, quando, de fato, era vencida pura e simplesmente pelo impulso do coração e impelida pelas exigências nervosas do seu próprio temperamento.

Comprimindo, portanto, o coração, que parecia querer saltar fora do seio ofegante e ardente, tomando uma resolução heroica, Clotilde, como o fizera sua mãe algumas noites antes, transpôs o batente da porta do quintal e atirou-se cegamente ao encontro do desconhecido e do imprevisto.

## XX Em família

Eram pouco mais ou menos onze horas do dia. Na sala de detrás da casa da Rua dos Martírios, estava Marocas sentada junto à mesa de jantar e como atufada numa nuvem de cambraias de linho, que enchiam a mesa, as cadeiras e atulhavam o assoalho com os seus fragmentos, retalhos e fiapos. Tratava-se da confecção caprichosa de um vestido novo, cheio de entremeios e de babadinhos, coisas estas que estavam então muito em moda de concomitância com os exagerados balões de aros de ferro e os corpetes de cetim encarnado, à paraguaia, como se dizia.

A um lado da sala, a Calu, de saia de chita e de cabeção de renda da Bahia, meio caído, deixando a nu o ombro moreno e roliço e a estranha opulência dos seios volumosos, talvez por causa do calor, aljofrava a fronte de suor na rude tarefa de passar a ferro umas peças de roupa de uma alvura alvinitente – camisas de seu Antônio – ao passo que a escrava, que já vimos ser acordada a pontapés para servir a ceia a Leandro, lidava na cozinha com as caçarolas e as panelas, na confecção no jantar.

Mãe e filha, uma cortando e cosendo e outra engomando, pareciam continuar uma conversação interessante de há muito começada.

– Essa ausência prolongada dele, só denota uma coisa – dizia a Calu, passando a boneca de espermacete no ferro e levando-o perto do rosto para experimentar-lhe o calor:

– Quê? – perguntou Marocas, ajeitando na mesa um molde de diário sobre uma tira de cambraia.

– Que não tem sentido falta nem tido necessidade de dinheiro – respondeu-lhe a mãe com um certo azedume na voz.

– Ora, mamãe!... nem diga isto!

– Digo, sim! então pensas que não me dói a ingratidão dele? Dói, sim. Doía se eu não fosse a mãe que tenho sido, quanto mais sendo quem sou para ele...

E rematou a frase com um suspiro profundo, atestador da sua mágoa e ainda mais da sua bondade maternal!

– Que admira é outra coisa – prosseguiu Marocas, cortando a fazenda com todo o cuidado e atenção.

– Que é? – inquiriu a Calu por sua vez.

– É ele não ter vindo ainda trazer outras cartas para guardar...

– Ora!... isso é que não admira nada. Aposto que ele já mudou de rumo e que navega atualmente noutras águas.

– Será possível!

– Tu nem avalias da felicidade daquele ingrato em negócios de amor. Todas essas figuronas daqui o querem e o desejam... Aquele rapaz ou tem mandinga ou nasceu empelicado... Empelicado sei eu que não nasceu: tem mandinga com certeza.

– Pois sim!... Mas à vista da paixão que ele tinha...

– Qual paixão!... qual história! aquilo tem lá nunca paixão por ninguém!

– Mas o Jereba o afirmou e ele mesmo, quando me trouxe o bauzinho para guardar, o confessou.

– Mentira dele!...

– Ora, mamãe! vosmecê hoje acordou de mau humor e por isso está injusta assim.

– Qual, menina! eu conheço teu irmão perfeitamente! Aquele rapaz é pior do que macaco: só está satisfeito, quando salta de galho em galho.

– Hum!... Deus me livre de querer bem a um homem assim!

– Pois assim mesmo, o que é certo é que as tais fidalgas o adoram...

– Também quem sabe lá o que elas fazem!

– Também lá isso é verdade. Lé com lé, cré com cré... Ele e elas, elas e ele!... tão bom é um como as outras. Depois a Calu é quem não presta e a Marocas é que é...

A palavra que fechou essa frase e que completava a ideia da gordalhona engomadeira, foi de um realismo nu e desbragado. A

nossa pena, casta e pudibunda, recusa reproduzi-la pela sua crueza, não, porém, pela sua energia e verdade.

Por esse fragmento de diálogo, já o leitor pode avaliar do que se tratava. Leandro era o assunto da conversação. Estranhava a mãe que ele se houvesse por tanto tempo descurado dela, e a irmã não se podia conformar com a ideia de esquecimento e de ingratidão. Leandro, com efeito, desde que levara à irmã, para guardar e acautelar, o cofrezinho em que escondia, ou antes, colecionava as cartas comprometedoras de Celeste e de muitas outras, nunca mais voltara à casa da Rua dos Martírios, nem dera notícias suas. Algumas vezes que viera ao Recife, limitava-se a fazer ato de presença na sua cela do convento do Carmo ou em casa de algum amigo.

Quem se regozijava com isto, seja dito de passagem, era o Sr. Antônio. Com essa ausência resfolegava um pouco e não tinha necessidade de abrir os cordões da bolsa para suprir as exigências do rapaz. Embora tivesse as garantias do sobrado e o fito de apossar-se dele afinal, contudo quanto menos desembolsasse até chegar ao limite do crédito do seu cliente, tanto melhor para ele.

Depois da última apóstrofe da Calu, reinou na sala um silêncio absoluto. De repente, Marocas o interrompeu, impaciente já por estar calada.

– É verdade! – exclamou ela – que fim levou o Jereba?

– Ora, que fim levou? – retrucou-lhe a mãe de mau modo e destilando da voz todo o fel e vinagre do mau humor – que fim levou? Está metido de gorro com ele, ajudando-o a comer o dinheiro de mamãe e se locupletando com as migalhas dos seus amores. Esses parasitas são assim... aproveitam-se de tudo!

– Safa!... – não pôde deixar de exclamar a rapariga – vosmecê hoje está... com uma língua!!...

– Estou hoje danada! – bradou a Calu, com um gesto de furor – Seu Antônio fez-me uma!

– Que foi?

– Pois não me negou o dinheiro que eu lhe pedi para pagar a conta do italiano?

– O que lhe vendeu o corte de vestido para as novenas do Poço?

– Ele mesmo.

– Sério?...

– Pois então!... Disse que tinha umas letras a pagar e mais isto e mais aquilo..., de forma que fiquei na mesma. Mas deixe estar que ele me paga! Aquele galego não sabe com quem se meteu!

E, rubra pela lembrança do insólito desacato, bateu com o ferro na tábua e bradou segunda vez:

– Ele não sabe com quem se meteu!

– E por causa de seu Antônio que pague o pobre Jereba! – observou filosoficamente Marocas, mostrando num sorriso os dentes alvos e miudinhos.

– Aquilo é outro traste!... gaudério e ruim como ele! No mesmo momento, bateram à porta.

– Querem ver que é o Jereba! – observou a rapariga.

– Tinha que ver! – rosou a mãe, e voltando-se para a cozinha deu uma ordem – Negra, vai abrir a porta.

A preta não esperou pela repetição e correu ao corredor. Imediatamente bradou:

– É o seu Jereba, sinhá.

– Eu não disse! – sorriu Marocas.

– Manda entrar! – gritou Calu, dando à voz a inflexão de uma alegria expansiva e de uma cordialidade sem reservas, e ao passo que passava pelo pescoço uma toalha de rosto, que lhe ficava ao alcance da mão, acrescentou:

– Entra para cá, meu filho!

O Jereba entrou com todo o desembaraço e familiaridade.

– Deus as favoreça! – foi ele dizendo ao chegar ao limiar da porta da sala.

– Você adivinha? – perguntou Marocas.

- Por quê?... falavam mal de mim?
- Mal, não! protestou logo a Calu! – Você para mim é quase um filho.
- Obrigado! Obrigado!
- Pensávamos que já estivessem mortos – prosseguiu a rapariga – tanto você como o seu amigo.
- Quais mortos! Qual nada! – exclamou o estroina alegremente. E perguntou logo em seguida meio admirado:
  - O Leandro não está cá?
  - Não, por que o pergunta?
  - Pensei que estivesse aqui. Como me mandou dizer ontem que hoje viria até cá, pensei que já tivesse chegado.
  - Ainda não.
  - Então não deve tardar. O ônibus chega às dez horas e são mais de onze.

A Calu, com a notícia, deixou o ferro por um momento e entrou apressadamente na cozinha. Fez à escrava algumas recomendações e concluiu com estas palavras:

- Quero coisa muito boa, que talvez sinhozinho jante cá, ouviste?
  - Sim, Senhora.
- Na sala, o Jereba exclamava, parado junto à mesa:
- Bravo do seu vestido novo! Para quando é?
  - Para assistir a bandeira do Poço.
  - Hum!... É presente do Manuel?

Manuel era o patrício do seu Antônio, o mesmo que tivera a fortuna de consolar Marocas da perda do seu primeiro amante e que por isso se constituíra o seu protetor e, por consequência, responsável e principal pagador, como nas cartas de fiança. Marocas corou ao de leve e respondeu sorrindo.

- Presente, não! comprei-o eu!

O Jereba não pôde impedir que um sorriso malicioso lhe franzisse as comissuras dos lábios num rictus de ironia, por causa daquela impostura, mas nem por isso levou por diante a sua dúvida. Sobreveio entretanto um momento de silêncio. De repente, Marocas o interrompeu exclamando para o Jereba:

– E Leandro? Como vai ele com os seus amores?

– Creio que vai sem novidade – respondeu o rapaz com toda a simplicidade.

– Crê? – inquiriu a moça com certo ar incrédulo. – Ele não lhe tem dito coisa alguma?

– Não.

– Sério?

– Palavra!

– Esta afirmativa do Jereba abonava em alto grau a discrição do seu amigo. Com efeito, se Leandro, levado pela força das circunstâncias, lhe havia contado tudo quanto se referia à conquista de Celeste, outro tanto não se tinha dado com relação aos amores de Josefina. Jereba até então ignorava absolutamente tudo quanto se tinha passado.

Acabava ele de formular a sua afirmativa, quando soaram na escada as passadas e a voz bem conhecida do nosso D. Juan. Leandro entrou, com o riso nos lábios e a alegria nos olhos. Expandia-se-lhe a fisionomia numa completa felicidade, e, entretanto, um observador minucioso poderia descobrir entre os sobrolhos uma ruga quase imperceptível que acusava uma apreensão grave e um cuidado persistente.

– Oh! – exclamou exageradamente Marocas, apenas o avisou no umbral da porta – que novidade foi essa?!

– Saudade, minha filha! – respondeu o rapaz alegremente, indo abraçá-la.

Apareceu a Calu e em breve reinou entre todos a cordialidade mais perfeita.

Enterraram-se os vivos e desenterraram-se os mortos, na frase enérgica e justa do povo; e as novidades do Monteiro foram o

assunto predileto e mais repisado pela Calu e sua filha.

No fim de certo tempo, Leandro, chamando disfarçadamente a mãe para a janela, falou-lhe com seriedade e discrição pouco empregadas:

– Preciso muito conversar com vosmecê – disse ele – é assunto sério e grave.

– Ah! – suspirou a velha, sorrindo com certa malícia – está explicada a tua visita.

– Como!?

– Já sei o seu fim, e o que queres.

– Já sabe?... Isso abona em extremo a sua perspicácia e vai justificar ainda mais a sua bondade de mãe extremosa e providente.

– Vamos lá, seu maganão! Precisas de dinheiro, não é?

– É verdade: e não é pouco.

– Como assim? Perdestes ao jogo?

– Não, senhora.

– Mas então para que precisas de tanto dinheiro?

– Talvez tenha de ir até a Bahia.

– Agora, rapaz?!

– Não é coisa certa ainda; mas talvez as coisas tomem um tal jeito, que me veja forçado a fugir.

– Fugir?! Como?

A Calu não podia conter o seu espanto: previa algum mistério tenebroso, algum romance de arrepiar os cabelos. Aproximou-se pois do filho e perguntou-lhe abaixando a voz o mais possível:

– O marido descobriu alguma coisa?

– Não! – respondeu o rapaz com toda a segurança.

– Então que é que receias?

– Não sei ainda, minha mãe. Por ora, não receio coisa alguma, mas, como já lhe disse, as coisas podem chegar a um ponto que...

– Rapaz!... tu fizeste alguma pior do que as outras. Se assim não fosse, não estarias com esse receio.

– Pois... seja lá o que for. O que é certo é que talvez tenha urgente necessidade de fazer uma viagem e bem vê que para isto preciso de dinheiro, bastante dinheiro mesmo.

– E se eu, meu filho, não tiver a quantia de que necessitas?

– O Sr. Antônio há de ter.

– Mas, meu filho, o seu Antônio...

Leandro interrompeu bruscamente:

– Ora, minha mãe, a burra do marinheiro há de servir para alguma coisa. E se seu Antônio não quiser ou não puder servir-me, apelaremos para o Manuel. Marocas auxiliar-nos-á.

A Calu estava pensativa e franzia a testa num gesto de concentração de espírito extraordinária.

De repente levantou a cabeça e fitou o filho com insistência:

– É muito sério mesmo o que me disseste?

– Muito sério, minha mãe.

– Corres deveras algum perigo?

– Por ora ainda não, mas posso vir a correr e devo estar precavido e prevenido para tudo.

– Bem. Veremos o que se pode fazer. Vou mandar chamar seu Antônio.

A negra foi imediatamente despachada para a venda da esquina da rua de Hortas e minutos depois entra em casa, de tamancos e em mangas de camisa, o amigo da Calu. Era um português, baixo gordo e rubicundo, roliço e nédio: os olhos, de um azul-esverdeado possuíam a mobilidade e os reflexos dos olhos do gato, e as bochechas flácidas e vermelhas eram emolduradas por umas suíças ruivas e espessas.

Ao vê-lo vinha instantaneamente à memória o retrato que comumente se faz do Iscariotes, tanto era antipática a sua fisionomia, tão grande repugnância inspirava o seu aspecto. Desprendia-se do seu olhar oblíquo e fosforescente, do seu gesto

hipócrita e untuoso, do seu todo enfim um não sei quê que produzia a prevenção. Dir-se-ia um misto de velhacaria, sordidez e inteligência; tudo isto encoberto ou mascarado por uns modos que tinham pretensão a francos e galhofeiros e por uns sorrisos que queriam assumir foros de agradáveis.

## **XXI Um bom negócio!**

Apenas entrou na sala da frente, para onde o tinham ido esperar a Calu e seu filho, o Sr. Antônio dirigiu-se logo a Leandro estendendo-lhe ambas as mãos grossas e carnudas, de dedos curtos e gordurosos, com um gesto rápido de amizade cordial:

– Olá!... bons olhos o bejam!...

É preciso notar uma circunstância: o Sr. Antônio era minhoto e, como tal, pronunciava a sua língua vernácula de uma maneira excessivamente corrompida e viciosa. Eximimo-nos, porém, à enfadonha tarefa de reproduzir aqui o sotaque e os vícios da sua prosódia, como o fizemos, pouco mais ou menos, com relação aos matutos de Jaboaão, porque, escrevendo esta história, temos o dever de dar uma ideia, senão exata, ao menos aproximada, dos nossos costumes, e não dos costumes portugueses. Demais, o tipo é bastante conhecido e a linguagem assaz familiar, para que o leitor supra facilmente a nossa falta, se falta existe. Fechemos, portanto, o parênteses e continuemos.

À interpelação amigável do vendilhão, Leandro sentiu robustecer-se a sua esperança. Correspondeu, portanto, ao aperto de mão com toda a galhardia e amabilidade. O português sentou-se pesadamente no sofá e, voltando-se para a Calu, exclamou como conclusão de alguma conversa:

– Pois é isto!... não se faz negócio nenhum!... está um tempo dos diabos e um calor de rachar!...

E enxugou o suor com a manga da camisa. Depois interpelou à sua metade:

– Mandou chamar-me?... para que foi?... Se é ainda por causa do negócio do italiano, não temos nada feito. Já lhe disse que os tempos vão mal, e...

– Não é por isso, não, seu Antônio – foi a Calu respondendo com uma mansuetude desusada – é meu filho que tem um negócio com você...

– Ah! é o menino? – interrompeu ele franzindo um pouco as sobrancelhas, como que prevendo o motivo da visita e o da chamada.

Leandro percebeu logo esse movimento, e, adivinhando o que ia lá pela sua alma, resolveu atacá-lo de frente, agarrando, como se diz, o boi pelos cornos. Trançou a perna num gesto de familiaridade suprema ou mesmo de um absoluto desdém e foi direito à questão.

– É verdade, Sr. Antônio: fui eu quem o mandou chamar. Preciso de algum dinheiro e por isso...

– Ora... ora!... para isso não precisava incomodar-me; podia ter ido lá mesmo no estabelecimento...

– Perdão; não gosto de tratar desses negócios na taberna: o senhor bem o sabe.

O português mordeu os lábios e resmungou, mas sempre por entre o sorriso habitual e hipócrita:

– Entretanto é de lá da taberna que lhe vem o dinheiro. Mas vamos lá à questão: de quanto precisa o menino?

– De dois a três contos de réis.

O vendilhão deu um salto no sofá, como se o houvesse picado um alfinete:

– Hein?! – exclamou ele arregalando os olhos instintivamente – dois a três contos de réis!...

– Pouco mais ou menos – confirmou o rapaz com toda a fleugma.

– Mas... o que vai fazer o menino com tanto dinheiro?

– Perdão! isso agora é que não é da sua conta...

– É justo!... Mas que garantias me dá o Sr. Leandro?

– Que garantias?... o que possuo.

– O sobrado?

– Exatamente.

– Esse já me está hipotecado.

– É verdade, porém, apenas por um terço do seu valor.

O português não respondeu logo, e começou a coçar a cabeça, o que lhe acontecia todas as vezes que devia resolver qualquer negócio que lhe parecesse intrincado. Leandro não o interrompeu logo na sua meditação – porque o honrado Sr. Antônio meditava – e, erguendo-se, foi acender um charuto à sala de jantar, onde haviam ficado de palestra Marocas e Jereba, demorando-se aí muito de propósito para dar tempo a que a mãe pudesse entrar em qualquer discussão e apoiar o seu pedido.

Com efeito, apenas ausentou-se o Leandro, a Calu interpelou o português:

– Então, seu Antônio, que decide?

– É uma dos diabos, Calu. Eu queria servir o rapaz, mas dois contos de réis...

– Ou mesmo três...

– Ou talvez três... É uma facada de todos os diabos. A propósito, ele ainda anda com aqueles amoricos... os da tal fidalga da Passagem da Madalena?

– Ora se anda!

Então que diabo faz ele que não se utiliza dos documentos que tem para obter o dinheiro de que precisa?

– Como assim, seu Antônio?

– Ora, ora, ora! tivesse eu nas minhas mãos as cartas da tal senhora, e os cobres já estariam no meu bolso.

– Mas como, homem de Deus?

– Como?!... eu iria lá ter com a tal figurona e dizia-lhe assim, sem mais nem menos: “Minha senhora, tenho em meu poder as cartas que a senhora escreveu ao valdevinos do Leandro.”

– Seu Antônio! – observou a Calu formalizando-se – não quero que trate assim a meu filho, ouviu?

– Valdevinos é um modo de falar. Mas como eu ia dizendo: “tenho as cartas que a senhora escreveu e que a comprometem de um modo extraordinário. Preciso de três contos de réis e, se a

senhora não nos arranjar de hoje até amanhã, mando levar as cartas ao senhor seu marido”.

– Credo!

– Ora, a tal fidalga não havia de querer uma coisa assim, e portanto...

– Dava o dinheiro?

– Sem dúvida.

– E se ela não tivesse, homem?

– Qual não tivesse, qual nada! Essa gente possui muitas joias e ouro... é o que ouro vale. Roubasse o marido. Tirasse-lhe o dinheiro, já que também lhe tinha tirado a honra. Quem faz o mais, faz o menos, senhora! Ao depois... essas fidalgas têm sempre dinheiro.

– Você sempre tem ideias, seu Antônio!

– Pois então!... de bruto é que eu tenho nada!

– Ao contrário, você é até bem esperto!

– Graças a Deus! do contrário levavam-me tudo e eu ficava aí de caixa às costas e a pedir esmolas para poder me ir para a terra! Nada! antes que me logrem, logro eu. Mas voltando à vaca fria: o rapaz o que devia fazer era isto.

– Isto o quê?

– O tal negócio das cartas...

A Calu ergueu-se de repente:

– Nem lhe fale nisto, seu Antônio! Meu filho não é desses...

– Por isso é que há de morrer pobre.

– Isso só quem sabe é Deus! São coisas do futuro, e por ora o que se precisa saber é de uma coisa: se você empresta o dinheiro ou não.

Leandro voltava da sala de jantar, e ouviu apenas estas últimas palavras de sua mãe. Parou um pouco à porta, e tirando umas fumaças do charuto, foi dizendo assim como por demais:

– Esquecia-me de preveni-lo de uma coisa, senhor Antônio, é que, procurando-o para fornecer-me essa quantia, apenas lhe dei a

preferência.

O português ergueu-se um pouco sobressaltado.

– Como? – perguntou ele.

– E por mera lealdade – continuou o rapaz – tenho quem me dê os três contos de que preciso e mais o dinheiro necessário para pagar-lhe a hipoteca do meu sobrado, passando ela, pelo valor total desse dinheiro, para esse meu amigo.

O vendilhão coçou desesperadamente a cabeça, emaranhando os dedos por entre os seus cabelos ruivos e revoltos. Era uma dos diabos. Entrava na posse do seu capital, é verdade, mas perdia a esperança, a quase certeza de tornar-se dono do sobrado do rapaz. Nada!... isso transtornava os seus cálculos. Resolveu-se, portanto, a fazer o que o filho da sua amásia lhe pedia.

– Não é preciso isto, – respondeu ele ao rapaz depois de pequena pausa – quem foi que lhe disse que eu não o servia? Ninguém é mais amigo do menino do que eu, creia, e a prova é que lhe empresto os dois contos de réis.

– Três, meu caro Sr. Antônio! – observou o rapaz.

– Vá lá!... três contos de réis, e exijo do menino apenas uma garantia que me assine uma letrinha dessa quantia e seus juros competentes, endossada por qualquer firma.

– Ora, Sr. Antônio! pois o senhor não vê que eu não vou incomodar amigo algum para semelhante coisa?

– E quem lhe diz que vá incomodar os seus amigos? Tudo pode ficar em família.

– Como assim?

– O senhor aceita a letra e a Marocas a endossa: eis aí está.

– É verdade! – concordou a Calu, enxergando nisto, não a astúcia do português que enredava nas mesmas malhas os bens do rapaz e os bens da rapariga, mas um rasgo de inaudita generosidade.

– Pois sim – concluiu Leandro, a quem era indiferente qualquer outra coisa que não fosse a obtenção do dinheiro de que

necessitava – resta unicamente saber se Marocas estará pelos autos.

– Como?... que autos? – indagou o português.

– Se quiserá prestar-me esse favor.

– Ora! porque não há de querer? – observou a mãe escandalizada – isso é até uma ofensa que tu fazes a tua irmã, meu filho. A quem é que ela deve o que tem, não é a ti?

– Embora..., isso não é razão para fazer-me um favor. Ao contrário até: é razão para pôr-me e corda no pescoço. A gratidão já não é moeda corrente entre nós.

– Nós a resolveremos.

Marocas foi chamada e desde logo iniciada em todos os mistérios do negócio. Foi insignificantíssima a campanha e ela a tudo acedeu, na santa simplicidade e ainda maior ignorância da responsabilidade que assumia com aquela sua simples assinatura nas costas de uma letra. Assim pois, ficou combinado que no dia seguinte, mediante a letra aceita por Leandro e endossada por Marocas, entregaria o Sr. Antônio ao rapaz ou à sua ordem a quantia de três contos de réis.

Ambas as partes estavam satisfeitas: uma porque provia a uma necessidade momentânea do presente, e outra porque previa um bom negócio – um ótimo negócio – no futuro!

## **XXII No dia seguinte...**

Na tarde desse dia não voltou Leandro para o Monteiro e consagrou todo o seu tempo, bem como parte da noite, ao prazer e aos encantos da família. Parecia ser o filho pródigo e realizar o ideal dessa parábola, tantos eram os afagos e carinhos que o cercavam, quer por parte da mãe e quer da irmã. Desfaziam-se ambas em obséquios e em demonstrações de amizade sincera e verdadeira.

Não faltaram também as insinuações maliciosas e as perguntas cheias de astúcias e de insídias. Sabida a causa, – aparente pelo menos – que o tinha levado a pedir aquela quantia, aliás avultada, ardiam as duas criaturas bisbilhoteiras e curiosas por aprofundar aquela espécie de mistério e esmiuçar tim-tim por tim-tim a vida do rapaz. A cada momento, pois, de volta em meia, lá ia Marocas apoquentá-lo com alguma das suas perguntas indiscretas e maliciosas, ou lá estava a mãe a indagar em que pé em que se achavam os seus amores, o rumo que tomavam as suas conquistas, o fim que tinham os seus passos, ou a qualidade das amizades que ele adquiria, e das pessoas a quem frequentava.

A todas as insinuações, porém, resistira Leandro com a impavidez imutável da resolução mais bem tomada, ou da discrição mais louvável. Não disse nem uma palavra acerca dos seus amores com a mulher do negociante, nem tampouco com relação ao encontro noturno e inesperado com a sua filha. Lançou tudo quanto lhe autorizara, a resolução tomada, e tudo quanto lhe pudesse advir capaz de justificá-la, à conta da sua paixão por Celeste, paixão essa, cujas peripécias e cujos episódios não se fartava ele de repetir e as duas mulheres de indagar com toda a minuciosidade e de comentar com grandes risadas e ditos picantes de um frescura realista.

Nestas e quejandas práticas passou-se todo o tempo, e a noite pareceu ao rapaz que se tornava interminável. É que ele tinha pressa de receber o dinheiro e de voltar ao arrabalde, a fim de verificar as novidades sucedidas. Apenas viu-se só, portanto, como

que mudou completamente a sua atitude. No seu leito, vítima de uma insônia irresistível, Leandro entregara-se a uma meditação profunda e, ao ver-se cavarem-se na sua testa umas rugas fundas e insistentes, reconhecia estar o seu espírito às voltas com um trabalho concentrado e dificultoso.

Com efeito, Leandro estava desassossegado e apreensivo. Era-lhe impossível determinar exatamente a natureza, a causa e o alcance das suas apreensões, mas conhecia-se que o seu coração estava em sobressaltos e que alguma coisa havia, na sua vida, bastante terrível para tirar-lhe a calma habitual e perturbar assim a usual tranquilidade do seu cinismo.

Que era isto, porém, que novo ato, mais grave que todos os outros, ou mesmo que crime misterioso, havia ele praticado, para assim fazer-lhe perder o sono e, pela primeira vez talvez, comunicar-lhe as aparências do medo ou os sintomas do terror? Seriam remorsos? Não. Leandro era realmente um espírito forte para entregar-se a essa manifestação puramente nervosa ou a essa insistência voluntária da memória e às suas consequências piegas ou completamente metafísicas. Para ele o remorso era uma simples abstração e, como tal, uma coisa inútil e desprezível. Não se preocupava, pois, com semelhante causa, e costumava compará-la, na sua inutilidade e nos seus efeitos, com essa outra pieguice dos espíritos doentios: a saudade.

Só o presente lhe importava deveras e só o futuro tinha o poder de preocupar seriamente o seu espírito. O empréstimo que acabava de contrair era uma prova.

Só mais tarde conseguiu Leandro adormecer e, não obstante, quando a família o avistou pela manhã, a sua fisionomia não acusava nenhum vestígio de inquietação, não apresentava nenhum sintoma de desassossego. Ao contrário, mostrava uma alegria absoluta e tinha todos os fulgores de uma tranquilidade íntima inalterável e, portanto, de um completo bem-estar. Decididamente era um espírito forte e um homem de recursos extraordinários o Leandro!

Logo depois do almoço, efetuou-se a transação, tal qual havia sido combinada, e, com os seus três contos de réis bem acondicionados na carteira, Leandro despediu-se de sua mãe e da irmã, prometendo voltar a miúdo, e seguiu o caminho do Monteiro.

Ia sôfrego, e ao aproximar-se do arrabalde, sentia o coração bater mais célere e ligeira comoção apoderar-se do seu ser. Voltava o carro e ao enfrentar com as casas em que moravam os seus amigos, inclinou-se todo para inspecioná-las, como se quisesse assim colher alguma informação ou tirar qualquer ilação. Reinava, porém, uma tranquilidade absoluta: nem ao menos apareceu nas janelas uma só cabeça conhecida ou curiosa. Eram duas horas da tarde e as famílias se achavam recolhidas no sossego do seu lar ou entregues aos labores domésticos. Forçoso, portanto, era curtir consigo a sua impaciência e esperar pela tarde, embora estivesse sequioso de notícias e inteiramente desassossegado.

Entretanto nada havia ocorrido de extraordinário, durante a sua ausência. O viver habitual e folgazão dos seus amigos em nada tinha sido alterado e, a não ser pelas pessoas interessadas, por ninguém mais fora notado o seu não comparecimento à reunião da tarde anterior. Isso quanto ao que lhe dizia respeito. Quanto aos outros, se alguma coisa havia a notar, era unicamente a súbita e incompreensível mudança, que parecia ter-se operado na alma e nos modos da formosa e travessa filha de Josefina, em cuja frente, até então sempre límpida e serena, parecia esgarçar-se agora uma nuvem sombria de tristeza.

Na manhã do dia antecedente, recusara ela acompanhar a mãe e as amigas para o banho habitual, pretextando subitânea indisposição, que lhe tirava o ânimo e o desejo. Durante quase todo o dia se conservara recolhida ao quarto, onde ora ocupava o leito, presa de um extraordinário entorpecimento e de uma invasora melancolia, ora se recostava em uma cadeira de balanço, sem pronunciar uma palavra, com os braços cruzados por detrás da cabeça, à guisa de travesseiro e com os olhos fitos no teto, como a seguir o voo de alguns anjinhos só visíveis para ela ou a idear quimeras e castelos. Soltava de vez em quando grandes suspiros,

trêmulos e sentidos, que eram como que pontos-finais em pensamentos dolorosos, e não podia impedir que empanassem o brilho febril dos seus olhos avermelhados umas lágrimas espontâneas e silenciosas.

Ao princípio, tudo isto assustara sua mãe que, sôfrega e cuidadosa, inquiria, de instante a instante, a causa e a marcha do incômodo.

– Não é nada, mamãe! – respondia ela invariavelmente.

– Mas, minha filha, tu estás doente...

– É apenas uma dor de cabeça insuportável.

– E ao que atribuis isto?

– Não sei, talvez me tivesse constipado ontem à noite.

– Quem sabe se o banho, que tomaste ao meio-dia, não te fez mal?

– É possível, mas não se aflija nem tenha cuidado. Amanhã estarei completamente boa. Vosmecê verá.

– Deus o queira. Em todo caso queres que mande chamar um médico?

– Para quê?... isso não é nada.

– Mas, minha filha, olha-te ao espelho e examina tu mesma a tua fisionomia. Estás ainda mais pálida do que esses dias, tens um círculo roxo por debaixo dos olhos e as tuas pálpebras estão negras e pisadas, preguiçosas, como se tivesses passado uma noite de insônia.

– Foi por causa da dor de cabeça, mamãe.

– Coitadinha!

Com efeito. Eram notáveis e visíveis todas aquelas alterações na fisionomia da formosa rapariga, e Josefina, verificando-as com mágoa e espanto ao mesmo tempo, abraçava a filha e cobria-a de beijos, solícita e assustada. Clotilde sorria para tranquilizá-la, mas o seu sorriso era melancólico e abatido. Estava visivelmente triste e contrariava-a qualquer coisa. A notícia desse incômodo rapidamente

se espalhou e em breve se viu Clotilde assaltada e rodeada pelo bando curioso e bisbilhoteiro de suas amigas.

– Muita dor de cabeça! – respondia ela a todas e, afora essa, ninguém mais obteve outra resposta.

– Ora! ora! ora! – exclamou por fim Celeste, dando à voz uma inflexão galhofeira – isto é nada. Clotilde está apaixonada. São os efeitos de um primeiro amor.

A moça sentiu subir-lhe subitamente às faces um rubor vivo e comprometedor; mas esse rubor foi ainda mais rapidamente substituído por uma palidez mortal, que a deixou gélida e quase inanimada. Felizmente as moças, com a tirada de Celeste, haviam desatado a rir, cheias de garrulice, de forma que a mudança súbita de fisionomia e a palidez e o rubor alternativo de Clotilde passaram completamente despercebidos.

– Isso é nervoso – diagnosticaram as amigas.

– Banhos de igreja – receitou uma menina.

E assim, entre risos e galhofas que, entretanto não a distraíam, ficou assentada a nenhuma importância da moléstia de Clotilde, a qual foi levada à conta de um exagerado romantismo e ficou desde logo classificada de nervoso.

Realmente não teve ela consequências, e no dia seguinte, sentido-se quase boa, reassumiu Clotilde a sua energia costumada e retomou os hábitos de vida até então usados e mantidos. Unicamente, como resquícios do sofrimento, ficara-lhe aquela nuvem de melancolia a sombrear-lhe a fisionomia e um não sei que brilho fosforescente a modificar-lhe a expressão habitual dos olhos, que pareciam ter adquirido mais profundidade e menos suavidade. O seu gesto tinha alguma coisa de cansado e seu todo parecia ceder a uma languidez irresistível.

Apenas o sol declinou de todo e os costumeiros convivas foram se chegando para a atraente calçada, Leandro apressou-se a comparecer também, sem poder disfarçar uma certa palidez, filha de violenta e incompreensível comoção. Notava-se em todo ele um ar cauteloso e cheio de reservas, e por entre as pálpebras um olhar

desconfiado e investigador, de quem apalpa o terreno e não está seguro com o que vê ou com o que faz.

Era inútil porém todo esse receio, e quiméricas as suas apreensões. Foi recebido como sempre. Apenas Josefina e Celeste, cada uma por sua vez e do seu lado, lançaram-lhe olhares furtivos, em que ele e só ele poderia descobrir exprobações pela ausência da véspera e protestos de amor para sempre. Clotilde, ao vê-lo, ou antes, ao pressenti-lo aproximar-se, sentiu passar-lhe pelo corpo um como calafrio, ao mesmo tempo que o coração acelerava as pulsações e a voz se lhe embargava na garganta. Leandro indo cumprimentá-la, fitou-a com insistência significativa e curiosa, mas Clotilde, ora pálida, ora rubra, nem sequer ergueu os olhos para ele. Parecia vítima de um acanhamento invencível e conhecia-se que uma comoção extraordinária a fazia estremecer e que seu amor era cada vez mais violento e mais sincero.

Com pouco generalizou-se a conversação e era enorme a algazarra produzida por todas aquelas meninas a falarem e a rirem ao mesmo tempo. De repente uma voz forte dominou todo o barulho.

– Sabem quanto é hoje do mês? – perguntava a voz, interrompendo todas as conversas e concentrando em si todas as atenções.

– Vinte e dois de janeiro! – gritaram algumas moças, voltando-se para o interlocutor.

– Justamente – continuou este – e amanhã levanta-se a bandeira do Poço de Panela.

– Ah! é verdade! é verdade! – gritaram todas as raparigas, numa algazarra infernal.

– Quem vai? – perguntou uma delas.

– Eu! eu! – responderam diversas.

– Iremos todos! – interveio o Cavalcanti – não é assim, Sr. Jaime?

– Sem dúvida – concordou o negociante.

Combinou-se então que iriam todos assistir ao hasteamento tradicional da bandeira da Saúde, no Poço da Panela, e quem mais alegria e empenho mostrou nessa resolução foi Josefina. A mísera vigiada supunha que, no meio daquela festa, lhe seria mais fácil escapar à espionagem insistente do marido e aproximar-se do amante. Estava, portanto, louca de contentamento e cheia de esperanças.

Entretanto, se ela pudesse ler no futuro, quanta tristeza e que terror não invadiriam a sua alma!

## **XXIII A bandeira do Poço**

Foi uma função esplêndida o hasteamento da bandeira da Senhora da Saúde, no Poço da Panela. Mais do que as outras, chamava esta devoção a concorrência pública e atraía sobre si a atenção, pela forma pitoresca e nimiamente campestre de sua manifestação usual. Bandos e bandos de senhoras, de todas as idades e de todos os estados formavam o cortejo das meninas solteiras, portadoras da tela alvíssima em que se achava grosseiramente pintada a efigie da mãe do Redentor.

Enquanto durava a procissão que percorria toda a povoação, em trajeto da casa da juíza da festa para o pátio da igreja, onde se achava o mastro, em que se devia desfraldar aos quatro ventos do céu a bandeira gloriosa, um coro de moças, escolhido e bem ensaiado enchia os espaços com as melodias de um hino religioso, mais ou menos imitado de alguma opereta de Offenbach que era então o autor único e conhecido dessas músicas alegres e pândegas.

Uma quantidade enorme de homens, também de todas as qualidades e estados, de todas as idades e profissões, – brancos, negros e mulatos, – formava igualmente o acompanhamento, e conforme a causa real que os levara à prática desse ato, ou se recolhiam a um silêncio solene e respeitoso, se eram deveras devotos e sinceros, ou borboleteavam em torno das moças, como um exame de besouros e de abelhas ao redor das flores viçosas e atraentes de um jardim.

De envolta com toda aquela manifestação de religiosidade e de devoção, transluziam uma sede não saciada de prazeres e uma expansividade, não tolhida, de alegrias. O riso expandia todos os semblantes, o júbilo irradiava de todos os olhos e a galhofa saltava rápida e espontânea de todos os lábios. A luz dos brandões e das tochas, colorida pelas lanternas de papel de todas as cores, dava às fisionomias um tom tão variado e pitoresco, que, visto um pouco de longe, todo aquele aglomeramento de povo, a serpentear como

uma cobra de fogo, pelas estradas do arrabalde e destacando-se ao fundo verde negro do arvoredo das suas margens e do escuro do chão, tinha um aspecto fantástico e ao mesmo tempo encantador.

Parecia um desses imensos tesouros indiáticos das Mil e uma noites, no qual a lanterna de algum Aladino refletisse fazendo cintilar a enorme variedade das pedras preciosas, o topázio, a esmeralda, o rubi, o brilhante, a ametista, a turquesa, a ágata, a opala, a pérola, todas as variações da cor e todas as decomposições da luz enfim.

Deslumbrava o aspecto da procissão, visto de longe; e encantava, atordoava, endoidecia, porém, visto de perto. Era uma confusão sem método e sem nome: amálgama de todas as classes sociais, mistura de todas as conveniências e confusão sem norma de todos os sons da escala humana. De mistura com as notas cadenciadas da música marcial, soava a música harmoniosa das vozes femininas e infantis que entoavam os ingênuos versos do hino festival, e atroava os ares o burburinho sem nome da multidão, esse som único e inimitável que se forma de milhares de conversações, de milhares de respirações, de gritos e de risos, até dos próprios movimentos da massa tumultuosa e cheia de vida: ora murmúrio suave, ora rouco, formidável, que domina o vozear confuso dos oceanos e muitas vezes fala mais alto do que a voz das tempestades.

O namoro campeava triunfantemente e mais de uma resinga se tinha originado pelo procedimento mais ou menos indiscreto de algum namorado mais afoito ou de alguma rapariga menos precatada. Esses princípios de briga, porém, eram logo abafados pelos diretores da procissão, embora deixassem em incubação diferentes ódios, que, mais tarde haviam de explodir em ocasião oportuna em lugar mais adequado. É sabido que nunca houve festa no Poço que terminasse sem registrar algumas mortes e diversos ferimentos.

Para assistir àquela bandeira, havia sido enorme a concorrência. Eram sete horas da noite, e desde pela manhã que subiam e que desciam para o festivo arrabalde os moradores não só

dos povoados circunvizinhos, como os do Recife, e de lugares mais distantes ainda. Aí se achavam, confundidos com o povo e a saracotear por entre todo o mundo, como quem procura alguma coisa, a Calu, a Marocas e os componentes acessórios, seu Antônio e seu Manuel.

Com efeito, as duas mulheres andavam à procura de alguma coisa ou de alguma pessoa. Buscavam descobrir o Leandro, para por meio dele encontrar Celeste. Ardiam ambas em imenso desejo de conhecer a amante do rapaz, e nesse intuito, não estavam paradas um só instante, isto é, não mantinham a mesma posição, às vezes com muito custo conquistada, e furavam daqui para ali, acotovelando uns, empurrando outros, aqui recebendo um beliscão, ali respondendo a um dito mais livre, acolá pedindo licença, e sempre avançando, atravessando, recuando, e procurando sem cessar.

- Ainda não o descobriste, Marocas?
- Qual, mamãe! nem sombras dele.
- Que diabo!... onde se meteria o tratante!
- Eu sei!... Depois, está um aperto que não se vê nada.
- Passa adiante, anda!... vai passando. Vamos, seu Antônio.
- Safa! – dizia o português, limpando o suor – já estou cansado de andar por entre esse povo: duas vezes escapei de ficar estatelado.
- Ora, ande para diante, homem! Deixe-se de lamúrias.
- Mas, Calu...
- Se quiser ficar fique. Nós seguimos. Marocas, minha filha, andai pra diente!... andai pra diente!

Seu Manuel, esse nada dizia e acompanhava o rancho com toda a boa vontade. É que era ciumento e por nada nesse mundo deixaria ir só a sua companheira.

Por mais que fizessem, porém, não puderam as duas descobrir o Leandro. Apenas, quase ao chegar a romaria ao pátio da igreja, encontraram o Jereba, como por acaso. Foi uma festa, Cercaram-no

logo com a mais ruidosa demonstração de alegria e a Calu foi perguntado sem demora:

– Onde está Leandro?

– Não veio! – respondeu o rapaz concisamente.

– Como? – exclamou Marocas – não veio?

– Não.

– E o que ficou fazendo?

– Ficou jogando.

– Ah!

– E a namorada? – interrogou a rapariga, chegando-se mais para ele e abaixando a voz - a Celeste?

– Psiu! – suspirou o Jereba, lançando os olhos ao redor – Caluda! aqui não se fala nisso.

– Pois sim, mas onde está ela? Veio?

– Não.

– Ora!... que decepção, hein, mamãe? Nós que estávamos com tanta vontade de conhecê-la...

– Isso é fácil – afirmou o Sr. Antônio, intervindo na conversa – eu conheço a mulher do tal Cavalcanti e também ele. Se encontrá-la, mostro-lha.

– Pois sim! pois sim! – respondeu o Jereba, um pouco contrariado.

E, sem mais demora, tratou de despedir-se. Não consentiram, porém, as duas e obrigaram-no a fazer-lhes companhia. Debalde quis o rapaz eximir-se à honra de acompanhar a formosa rapariga, inventou diversos pretextos, mas a nada elas cederam. Teve portanto de resignar-se e esperou pacientemente que lhe aparecesse uma ocasião oportuna para safar-se sem ser pressentido.

O nosso amigo tinha pressa de escapulir-se daquela companhia, primeiramente para ir ter com Leandro e preveni-lo de que a sua gente estava na bandeira, e depois para evitar que repentinamente o apanhassem na mentira. Celeste, bem como

Josefina e Clotilde, Jaime e Cavalcanti, tinham vindo assistir à festa de companhia com todos os hóspedes do Monteiro, e faziam parte do acompanhamento da bandeira. Por espírito de devoção ou mesmo de pândega, haviam as três senhoras acedido às insinuações e aos pedidos dos amigos do Poço, e reforçavam os coros com as suas vozes melodiosas e agradáveis.

Quanto a Leandro, porém, era outro o caso. O rapaz, sabendo que a sua mãe e sua irmã vinham à bandeira, eximira-se de aparecer, pelo menos na rua, onde facilmente elas o poderiam encontrar e comprometê-lo. É verdade que lhes havia pedido para serem discretas; mas ele conhecia bem as duas criaturas – sabia bem o quanto eram mulheres – para confiar muito na sua discrição e no seu critério. Portanto, em vez de acompanhar a procissão, com o que, aliás, nada tinha a ganhar, foi para casa de um amigo, onde mais tarde devia haver uma *soirée*, e aí se entreteve a jogar o lansquenê e a esperar pelas amantes. Para ele era mais prudente e mais útil. Jereba sabia onde ele estava e o motivo por que se ocultava: por isso, depois de ter encontrado a sua família, ardia em ânsias para ir comunicar-lhe a ocorrência e, portanto, o perigo que o ameaçava.

A procissão chegava ao pátio da igreja e as meninas que levavam a bandeira pelas pontas, como um lençol estendido para aparar goiabas ou pitombas, acercavam-se do mastro onde ela devia ser hasteada. A música tocava o hino com mais força e as cantoras vibravam as últimas notas, quando seu Antônio beliscou o braço roliço da baiana, e murmurou-lhe ao ouvido com toda a discrição:

– É aquela figurona que ali está.

A Calu voltou-se imediatamente para o grupo, em que se achavam Celeste, Josefina, Clotilde e outras. Marocas acompanhou-a no movimento.

– Qual delas? – perguntou a rapariga.

– A mais alva – respondeu o português – a outra mais morena é a filha do Comendador Braga, a mulher aí do Favais, da Rua Nova.

– Ah!

– E aquela outra?

– Aquela é a filha – continuou o português, e, como tendo uma ideia, acrescentou logo convencido. – Está! aquilo sim é que era um casamentão para o rapaz.

A Calu e Marocas ficaram a contemplar o grupo e as três senhoras, esta talvez com inveja do luxo simples e elegante que Clotilde apresentava, e aquela a remoer a ideia súbita e sensata do amigo. Pairava no lábio de ambas um sorriso, mas um sorriso incompreensível e misterioso. Na rapariga era talvez o resumo, a síntese, dos pensamentos que lhe tumultuavam no espírito e dos sentimentos que lhe enchiam o coração, sentimentos e pensamentos que se concretizavam numa comparação conscienciosa e triste. Seu irmão conhecia e era recebido por aquela gente, ela, se se apresentasse ali, seria repelida sem demora. E tantas lembranças lhe vieram à cabeça, tantos saltos deu o seu raciocínio que uma tristeza vaga lhe impediu o coração e estampou em seu rosto os sinais do enfado e do cansaço. A par disso, tinha raiva e tinha inveja.

A Calu, não: essa contemplava o grupo com amor, e o seu riso parecia ser uma bênção que de longe enviava àquelas pessoas de consideração e dinheiro que estimavam, que recebiam e que amavam a seu filho. Além disso, formava castelos com a ideia sugerida pelo seu homem.

– Com efeito! – disse ela por fim – era um par mesmo chibante.

– Ora, mamãe! – respondeu Marocas de mau modo – aquela moça é lá para o beijo de meu irmão.

– E por que não? tão boa é ela como ele! não é, seu Jereba?

E a Calu voltou-se para o interpelado, juntamente com Marocas e os dois acólitos.

O Jereba tinha desaparecido completamente e aos mesmo tempo subia ao ar, de envolta com as girândolas, a gloriosa bandeira de N. S. da Saúde, e estouravam pelo largo uma vozeria

descomunal, ao passo que um terror pânico se apoderava de todos e indescritível confusão revolvía a onda do povo.

Não era sem motivo.

## XXIV Um encontro de Jaime

Não era sem razão o pânico espalhado.

Apenas subira ao ar a bandeira imaculada e estouraram nas nuvens as bombas dos foguetes, estrondou pelo largo o vozear enorme de um tumulto, de um desses tumultos indescritíveis e tremendos, de que só é capaz o povo pernambucano, e no fim dos quais se contam os ferimentos pelas dúzias e as mortes pelos pares.

Umaz vezes, originários de causas insignificantes e até ridículas, outras vezes, porém, motivados por fatos graves e sérios, esses distúrbios momentâneos, súbitos e imprevistos se reproduzem em quase todas as nossas festas populares e tornam esses divertimentos os mais perigosos possíveis para os espectadores pacíficos e pacatos.

Provocados e promovidos, as mais das vezes, pela gente mais reles e mais ínfima da nossa sociedade – por essa gente da qual se costuma dizer que não tem o que perder, nem o que ganhar – adquirem esses barulhos proporções tão grandes e prejudiciais que duram horas, e ocasiões e circunstâncias há, em que só terminam pela intervenção agressiva e enérgica da força pública. Também, enquanto duram, não se respeita ninguém, nem a posição, nem a classe, nem a idade, nem o sexo, terminando quase sempre, qualquer que tenha sido a sua origem, por tomar como objetivo os pobres e inocentes representantes da colônia portuguesa.

Se hoje, felizmente, não se manifesta tanto essa ojeriza tradicional da rafameia – da arraia-miúda – pernambucana contra os portugueses, no tempo em que se passam os episódios desta segunda parte do nosso verídico romance, ainda estava ela muito em moda e por qualquer dá cá aquela palha irrompia de todos os peitos, acendia todas as raivas e assumia as proporções colossais de uma vindita pública e nacional.

Foi justamente o que se deu naquela noite da bandeira do Poço da Panela. Durante todo o trajeto da procissão, os capadócius de

diversas espécies e de diferentes procedências não viam com bons olhos os namoros que cercavam as raparigas mais bonitas da Casa Forte, Chacon e outros lugarejos circunvizinhos, os quais sempre tiveram a merecida fama de conter e exportar as mais faceiras e elegantes mulatinhas dos nossos arrabaldes.

Ao chegar o préstito ao largo da igreja, quando todas as atenções se concentravam no ato final daquela parte do programa festivo e acompanhavam com os olhos o desfraldar do milagroso farrapo, e o cair perigoso das tabocas, um sujeito – português e padeiro, valha a verdade – que há muito perseguia uma rapariga com os seus olhares e suspiros, entendeu chamar-lhe a atenção ou manifestar-lhe ternura pregando-lhe um formidável beliscão. Inteiramente desprevenida e mesmo pouco afeita a essas manifestações de amor, tão genuinamente portuguesas, a rapariga deu grito e acompanhou-o com um arre!!! de arrepiar pele e cabelo.

Ora, a rapariga em questão não estava só, nem era gado sem pastor: tinha a seu lado o infalível protetor, que era justamente um nosso conhecido: o Bigode de Arame. Ouvir o grito, indagar a causa, e atirar-se sobre o apaixonado autor do amoroso beliscão, foi tudo obra de um minuto. O Bernardino ergueu a mão pesada e colossal e, ao abaixá-la como um malho, estalou na cara do atrevido e fez espadanar-lhe das faces quatro espirros de sangue, e dos lábios tantas outras pragas diabólicas.

Entre o povo pernambucano uma ação destas é contagiosa. O ato do Bigode de Arame foi como que um sinal convencional. Rebentaram logo diversos barulhos e cada qual aproveitou o momento e a confusão para exercer o seu desforço. Ergueu-se um grito uníssono e formidável: ouvia-se o estalar seco das cacetadas, e o resfolegar ansiado dos lutadores. Por cima de todos os clamores, dominando todos os burburinhos e como que caracterizando todos os sentimentos desordenados, todas as raivas concentradas, da população, soou um grito, que causa sempre o terror entre os homens sérios, e produz entusiasmos aos turbulentos e ao capoeiras:

– Mata marinheiro!

A confusão entre os espectadores da bandeira, que enchiam o largo, foi sem nome. Todos gritavam a um tempo e corriam sem ordem e quase sem sentidos. O grupo, formado por Celeste, Josefina, Clotilde e outras moças do Monteiro, foi invadido por uma onda de fugitivos e como que atirado para o oitão da igreja. Nesta evolução, foi Jaime Favais separado violentamente de sua mulher, e depois, de déu em déu, ora empurrado, ora a livrar-se de alguma cacetada, achou-se, sem saber como, do outro lado do largo na esquina do sobrado. Aí encostou-se à parede e respirou largamente. Estava um pouco fora do tumulto e ao abrigo das facas, que se viam luzir a espaços, e dos cacetes que fervilhavam pelo ar e batiam uns nos outros com um som seco e repetido.

Jaime estendeu o olhar por todo o largo e procurou ver se descobria, à luz vacilante dos lampiões de papel, alguém da sua família. Não distinguiu ninguém, mas não se assustou muito, porque se lembrou de que, ao ser separado da mulher e da filha, tivera tempo de vê-las protegidas por Cavalcanti e pelos outros amigos que as acompanhavam. Ao mesmo tempo era distraído por uma voz meio fanhosa, que falava junto dele, interrompida por um pigarro persistente e incômodo:

– Safa!... que barulho danado!... Felizmente o Sr. Comendador não sofreu nada.

Jaime voltou-se rapidamente e deu de cara com um indivíduo mal vestido e mal encarado e, além disso, completamente desconhecido para ele. Contudo, respondeu, levado pelo instinto que o advertia de que, naquela ocasião e diante de um grito tão expressivo como o que ele ouvira no princípio do barulho e soava ainda de vez em quando, não era muito prudente chocar o amor próprio de quem quer que fosse, principalmente de um sujeito que tinha o ar e todos os outros indícios de um facinoroso e de um faquista.

- É verdade! – disse ele – nem sei como cheguei até aqui.
- Tal qual como eu.
- Por que foi esse barulho?

O indivíduo maltrapilho começou a contar-lhe a origem do caso, quando de novo a onda tumultuosa se aproximou da esquina e a poucos passos dos dois saltou um indivíduo, de cabelos revoltos, olhos injetados e gestos desordenados, a espumar como se estivessem a braços com um excesso de raiva perigosa. Era o Bigode de Arame; havia levado uma cacetada que lhe lascara a testa, por onde escorria um fio de sangue negro e já meio coagulado, e brandia na mão uma faca de ponta fina e luzidia.

– Eu hoje ainda mato um marinheiro! – rangeu ele entre os dentes.

E de um salto caiu junto de Jaime. O negociante quis recuar, mas encontrou a parede do sobrado, ergueu os braços como para defender-se da punhalada que lhe estava iminente, e teria sido vítima dela, se o desconhecido de cara patibular não intervisse em seu favor e bradasse:

– Esse não, Bernardino! esse não!... é um amigo.

– É o que te vale, parrudo!... – rugiu o Bigode de Arame dando um salto para um lado e sumindo-se pela estrada.

Era tempo, porque já a polícia vinha em seu encalço, e o povo, secundado pelo apoio da força pública, arrojava-se para onde ele estava como a persegui-lo.

Jaime Favais, mal voltava do susto de que escapara e, encarando com o homem que o salvara, dirigia-lhe algumas palavras fervorosas de agradecimento, quando a polícia invadiu aquele lugar, espancando, espaldeirando e prendendo a torto e a direito.

O largo estava deserto já, e só um resto de povo, como uma mó, se concentrava no ângulo daquela calçada, onde continuava o tumulto e cada vez aumentava mais o vozear da população.

Desta vez, porém, eram outros os barulhentos e outra a causa provocadora dos gritos e das imprecações. A polícia havia acudido ao conflito, e procedia segundo as suas tradições e costume: isto é, espancava e prendia, restabelecia a paz, a tranquilidade e a ordem, continuando a guerra e promovendo por sua vez a desordem e o

tumulto. À sua frente, ia o subdelegado, brandindo não só uma chibatinha como também a sua energia valorosa e nunca desmentida.

Ao presenciar tudo isto, o desconhecido observou filosoficamente, a temperar a goela com o pigarro costumado:

– Bom! agora é a polícia que faz o barulho. É sempre assim.

A frase foi ouvida e tanto bastou para que um soldado procurasse tirar a sua vindita. Ergueu o sabre o nobre mantenedor da ordem pública, e foi a descarregá-lo mesmo na cabeça do indivíduo. Rachá-la-ia de meio a meio se Jaime não lhe sustivesse o braço e o impedisse assim de cometer um assassinato.

– Que mal lhe fez este homem?! – bradou ele cheio de indignação justa e severa.

– Está preso! gritou o polícia, desvencilhando-se do negociante que lhe segurava ainda o braço.

– Quem? – perguntou ele.

– Todos dois! – respondeu o soldado cheio de furor e levando aos lábios o apito.

Aproximou-se logo o subdelegado.

– Oh Comendador! – exclamou ele apenas deu de frente com o negociante, a quem conhecia e com quem convivia nas palestras do Monteiro – que há-de novo?

O Comendador explicou a ocorrência com toda a clareza e inculpou o quanto pode o turbulento e vingativo agente da ordem pública. O subdelegado desculpou o quanto pôde o soldado às suas ordens, e, livrando da prisão o indivíduo que censurara o proceder da polícia, foi acudir a outro ponto, onde os apitos reclamavam a sua presença.

O desconhecido estendeu então a mão para o negociante e, por sua vez, agradeceu-lhe com efusão o serviço que lhe acabava de prestar.

– Qual! – respondeu o negociante, sorrindo e encaminhando-se para o oitão da igreja, onde via alvejarem uns vestidos – o senhor não tinha crime nenhum: se fosse preso hoje, amanhã seria solto.

– É verdade; a prisão não era nada, mas é que a polícia, daqui até o corpo da guarda, iria espancando-me de tal forma que amanhã eu estaria mole como um polvo.

– Em todo caso, não fiz mais do que retribuir-lhe o serviço que o senhor me prestou – disse o negociante – o senhor livrou-me da faca de um assassino...

– E o senhor de uma surra da polícia – interrompeu-o o indivíduo lentamente.

Jaime não pôde deixar de sorrir.

– Pois bem – disse ele – foi serviço por serviço.

Neste momento, chegavam ao oitão da igreja, e enfrentavam com uma casa iluminada e cheia de gente, como que preparada para uma *soirée*. Em uma das janelas, destacando-se no foco luminoso da sala, o negociante reconheceu a filha e a mulher e mais para um lado a figurona risonha e simpática de Leandro.

Jaime apressou-se em despedir-se do seu companheiro, e não deixou de oferecer-lhe os seus serviços. Este retribuiu-lhe com toda a correção e delicadeza.

– Chamo-me Hermínio – disse ele – se alguma vez precisar de mim, asseguro ao Sr. Comendador que encontrará um criado dedicado e que sempre se lembrará de que, por sua causa, escapou de uma sova da polícia. Moro no beco das Barreiras nº 2, onde estou sempre às suas ordens.

O Hermínio retirou-se para as bandas do rio, onde brilhava, como um olho de ciclope, a janela de uma tasca, e o Comendador dirigiu-se para a casa iluminada, no fundo do beco, para onde deitam as janelas laterais da igreja.

Quase defronte, deparou-se-lhe um grupo formado por duas mulheres e dois homens. Eram Calu, Marocas e os seus dois acólitos. Jaime Favais ia passar adiante, mas o que as duas mulheres diziam, fê-lo parar instantaneamente e aplicar os ouvidos com uma curiosidade cheia de avidez e de desconfiança.

## XXV Indiscrições do acaso

Apenas o vozear confuso e intempestivo dos amotinadores se confundia com o estourar das bombas e com as festivas harmonias da música, e veio aquele tumulto perturbar a serenidade da festa. Celeste, Josefina e Clotilde, tomadas subitamente de terror, procuraram fugir do meio da multidão e encontrar um lugar que lhes servisse de abrigo e ao mesmo tempo de proteção. Atiraram-se para a igreja com o susto de quem se vê perseguido e com o desespero de quem só descobre uma tábua de salvação.

A igreja, porém, enchera-se de repente e elas não puderam nem sequer transpor o umbral da porta. Agarradas umas às outras pelas mãos, voltaram-se então assombradas em busca dos maridos e dos outros homens que as acompanhavam. Jaime havia sido separado delas desde o princípio do barulho, como dissemos, e se achava do outro lado do largo. Só descobriram Cavalcanti, que conseguira resistir heroica e energicamente à onda que os assoberbara e não as abandonara um só momento protegendo-lhes a fuga com o corpo e impedindo assim que as esmagasse a massa precipitada e aterrorizadora dos fugitivos.

– E agora? – perguntou Celeste, ansiada e cheia de angústia.

– Não podem entrar? – perguntou Cavalcanti rapidamente.

– Qual! a igreja está cheia até à porta!

– Vamos resvalando para a esquerda! – aconselhou ele.

– É impossível! – respondeu Josefina, querendo caminhar, mas sendo obrigada a estacar diante de uma parede viva composta de indivíduos.

– Não há nada impossível! – exclamou o senhor de engenho.

E tomando a frente do grupo das senhoras, investiu contra aquela massa humana que parecia obstruir o caminho, e começou então a operar uma marcha difícil e mesmo perigosa. Ora pedindo polidamente licença, ora tendo de abrir espaço à custa dos movimentos bruscos dos cotovelos, ora à força de ameaças, foi ele

fazendo caminho até que finalmente conseguiu chegar ao oitão da igreja, isto é, à entrada do beco que lhe fica ao lado esquerdo e vai terminar na travessa que passa pelos fundos. Apenas chegaram todos aí, avistaram uma casa iluminada mesmo em frente do beco, como que fechando-o, e a qual parece que serve de avenida ou de corredor.

– Agora em frente! – bradou Cavalcanti! – vamos para casa do Padre.

Com efeito, a casa em questão era de Aristides Gama, bem conhecido por aquele apelido familiar, e ali estava oferecendo um abrigo natural e completamente a coberto de qualquer invasão perigosa ou tumultuária.

– Vamos! – disse Celeste, tomando a direção indicada e puxando com força pelo braço de Josefina.

Ao mesmo tempo, o Aristides, o próprio Padre do Poço, aproximava-se delas e, depois de cumprimentá-las com uma daquelas amabilidades alegres de que era tão pródigo, as foi guiando por entre o povo, que espontaneamente abria caminho diante dele, dominado já pela popularidade de que ele gozava e já pela pilhéria e pelo chiste com que solicitava passagem para si e para as senhoras. Com pouco, mas não obstante com certo trabalho, chegaram todos ao portão da casa e entraram para a sala. Só então, esvaiu-se de todo o susto que se apoderara das três senhoras e voltaram-lhes às faces as cores naturais, ao mesmo tempo que, a par do sossego e da tranquilidade lhes invadia o coração uma alegria inesperada e, por isso mesmo, muito mais apreciável. Acabavam de encontrar Leandro, a quem debalde haviam procurado os seus olhos durante todo o trajeto da bandeira, e que parecia ter-se eclipsado de propósito para fazê-las arder de impaciência, de cuidado e de ciúmes.

Logo que as viu entrar, foi ele solícitamente cumprimentá-las, lastimando ter estado ausente no largo e por isso não ter podido prestar o auxílio e os serviços de que elas haviam carecido. Um tríplice sorriso foi a afirmativa do prazer de que se achavam

possuídas por encontrá-lo e do sentimento indomável que, por ele, as alentava.

Ao mesmo tempo que isto se passava com a família de Jaime e com a do senhor de engenho, coisa quase idêntica, quanto ao princípio da fuga, mas completamente diversa quanto ao motivo que a levou para defronte da casa do *Padre do Poço*, se dava com a família do elegante sedutor. Calu e Marocas, sempre seguidas por seu Antônio e seu Manuel, apenas viram o risco que corriam e ouviram aquele grito revolucionário que tão de perto os afetava, trataram logo de sair e de procurar onde esconder-se. Safaram-se prestes para a igreja e, graças à desenvoltura de seus modos e da pouca educação que lhes permitia o emprego de todos os meios, conseguiram chegar a tempo de se abrigarem no alpendre de uma das portas do templo. Daí, ao abrigo de qualquer agressão direta e imediata, a Calu dardejou o olhar curioso para todos os lados e teve a fortuna de não perder de vista a amante do filho e o seu grupo. Assistiu a todas as angústias que o susto lhe imprimia no rosto agoniado, e o desapontamento por que passara por não poder com as suas amigas penetrar na igreja, finalmente, vira-a resvalar por perto dela em busca de uma outra direção. A curiosidade, que ainda não estava satisfeita, subjuguava-a completamente e uma espécie de atração levava-a a acompanhá-la, a seguir-lhe os passos.

Era uma coisa inexplicável, misto de simpatia e desprezo, uma espécie de revolta por ver seu filho tão amado e ela tão desconhecida por aquela mulher. Tinha como que uns ímpetos de chegar junto dela e de dizer-lhe:

– Olha bem para mim! sou eu a mãe daquele a quem amas, daquele a quem sacrificaste a honra do teu marido, a tua dignidade de esposa e a tua dignidade de mãe!... dá-me um abraço, porque valem tanto uma como outra!

Era uma coisa inexplicável. Queria vê-la mais de perto, encará-la mesmo, fitá-la bem de face, meter-se por assim dizer pelos seus olhos adentro, obrigá-la a dar-lhe atenção, a perguntar-lhe quem era, a interessar-se por ela; fazer enfim qualquer coisa que

parecesse significar que a mãe sabia dos segredos do filho e que se pudesse traduzir nestas palavras:

– Sei todo o teu segredo e tenho a tua vida em minhas mãos.

E estabelecer por esse meio entre a fidalga e ela um cordão de intimidade, um pacto de cumplicidade, um laço qualquer de união que as nivelasse, pelo menos moralmente; que estabelecesse entre elas uma comunidade de interesses e, portanto, as pusesse no mesmo pé de igualdade. Isto quanto a Celeste.

Quanto a Clotilde, outros sentimentos a animavam. Subitamente despertado o seu orgulho de mãe, e a sua veia interesseira, pela observação judiciosa do seu Antônio, Calu olhava para a rapariga com uma ternura desmedida. Longe de descobrir-se, quisera poder eclipsar-se completamente, a fim de com a sua presença não transtornar um plano tão bem combinado e um casamento tão vantajoso. Em sua imaginação, pelo que se vê, já ela percorrera todos os trâmites da hipótese do português, e dava como provável, senão provado, o consórcio de Leandro com Clotilde.

Conquanto, no seu orgulho de baiana, se julgasse tão boa como a filha do negociante – talvez melhor, baiano é capaz de tudo! – contudo compreendia que o conhecimento de seu parentesco poderia prejudicar qualquer pretensão do filho e malograr os seus desejos. Era por efeito desse raciocínio justíssimo, que ela não desejaria descobrir-se para a filha de Jaime, senão quando, depois de consumado o ato, a sua aparição já não o pudesse transtornar. Ia longe a ambição e ainda mais longe a fantasia da baiana.

Vendo passar Celeste e as outras senhoras em demanda do beco, sentiu a Calu ferir-lhe o cérebro a ponta da asa de uma ideia fugitiva e repentina. Amaria Clotilde a algum rapaz e por isso Leandro não a teria requestado até então... Era preciso averiguar o caso e já agora ela não abandonaria aquele negócio. Tomou portanto a resolução de seguir o grupo e de ver para onde ia e o que com ele se passasse.

– Vamos, Marocas! – disse ela de repente.

– Oh gentes, para onde mamãe? – inquiriu a rapariga admirada e cheia de terror, pois o barulho não havia cessado.

– Quero ver para onde vai aquela gente. Vamos.

A Marocas deu um muxoxo, mas não teve outro remédio senão seguir sua mãe. O mesmo fizeram os dois chichisbéus e todos quatro seguiram no encalço de Celeste e de Clotilde. Vendo as senhoras entrar em casa de Padre do Poço tiveram elas de parar no meio da rua.

– Está! – resmungou Marocas de mau modo – está o que viemos fazer; dar com as ventas na porta de uma casa.

– E que tem isso? – perguntou a velha, um pouco azeda.

– Vá atrás delas agora! – retrucou a Marocas.

– Não vou porque não quero! – retorquiu-lhe a Calu. – Se eu entrasse ali, não era Padre do Poço, quem me botava para fora!

– Decerto! – disse um capadócio que ia passando e ouvira a presunçosa exclamação – seriam os criados dele.

A Calu quis responder, mas a intervenção dos dois portugueses conseguiu que ela se acalmasse e evitou assim uma reprodução das cenas que se passavam no largo. Ao mesmo tempo assomavam à janela as figuras de Josefina e da filha, e projetava-se na parede fronteira a sombra de Leandro.

– Oh gentes! lá está meu irmão! – exclamou Marocas de repente.

– Estás vendo! – observou Calu com satisfação – Bem vêes que não perdemos o tempo. Daqui mesmo vejo tudo quanto quero.

As duas mulheres e os dois homens então foram postar-se na calçada fronteira ao oitão da igreja, ao correr de um muro velho e muito alto, que naquele tempo aí existia fechando o fundo dos quintais de algumas casas da rua do rio, e no qual se descortinava um portãozinho de madeira. No batente desse portão assentou-se ao prazer de espionar e de analisar o que se passava na casa iluminada.

O barulho parecia ter cessado no largo ou pelo menos ir-se extinguindo. Embora soasse ainda de vez em quando o trilar dos

apitos lá para as bandas do rio ou da estrada de Casa Forte, o largo já estava deserto e poucas pessoas se conservavam no beco. Restabelecida pois a calma, Calu e os seus companheiros encetaram uma conversação suculenta e apimentada acerca dos amores de Leandro e da pessoa de Celeste. Daí passaram a Clotilde e a toda a sua família, e vieram à baila os esclarecimentos, que o Sr. Antônio se ofereceu para dar alegando conhecer toda aquela gente desde o avô, o Comendador Braga, até o negociante, o Jaime Favais. Só Marocas não tomara parte na conversa e parecia embebida a contemplar o que se passava na sala.

Acabava o Sr. Antônio de dar umas informações sobre Clotilde, quando a Calu o interpelou:

– Josefina Favais, antes de casar, era muito conhecida pela Braguinha. Foi justamente nesta ocasião que o negociante, tendo se despedido de Hermínio ia tomar a direção da casa iluminada, a cuja janela vislumbrava sua mulher e sua filha e um pouco para um lado a figura risonha de Leandro. Ouvindo pronunciar o nome da mulher, parou e procurou prestar toda a atenção. O vendilhão acrescentou ainda alguns esclarecimentos sobre o dote que ela havia levado por ocasião de casar-se e outras coisas, aliás, sem grande importância.

Já o negociante ia dar-se por satisfeito e acusava de inútil a sua curiosidade, bem como de tola a sua desconfiança resolvendo prosseguir no seu caminho, quando Marocas interveio na conversação, desviando-lhe o curso, e fazendo com que o nosso Comendador se estacasse de novo e abençoasse o momento em que parara.

Foi o caso que Josefina e Clotilde se retiraram da janela e tomaram, na sala, uma direção oblíqua, como de quem fosse para o sofá ou para os assentos do mesmo lado. Todo esse lado, visível para Marocas e o seu grupo, não podia entretanto ser descoberto por Jaime, que estava quase no meio do beco, por causa da parede que ficava entre as duas janelas e que entaipava completamente aquela parte da sala. Ao entrarem Clotilde e Josefina, Leandro

abandonou também o seu posto e dirigiu-se para o mesmo lado, onde, aliás, se achava Celeste.

Foi então que Marocas interveio na conversação dirigindo-se mais diretamente a seu Manuel.

– Olhe: lá vai ele ter com a amante – disse ela.

Todos os olhares se dirigiram imediatamente para a casa iluminada, inclusive os de Jaime. Seu Manuel inclinou-se um pouco para a rapariga e murmurou em forma de elogio:

– Também aquele Leandro é um felizardo!

Ouvindo pronunciar aquele nome, Jaime estremeceu sem saber por que e como que sentindo uma revelação iluminar-se todo o cérebro. Quis atirar-se para aquele grupo e perguntar quem era a amante do rapaz, mas o Manuel preveniu-lhe a pergunta. Não conhecendo Celeste, apenas terminou o lacônico panegírico, voltou-se de novo para a rapariga e interpelou-a.

– Qual é ela?

– Oh, homem! não vê? – respondeu Marocas um pouco impaciente – é aquela com quem ele está conversando!

– É um peixão! – exclamou o Manuel estalando a língua, e espichando mais o pescoço para ver.

Jaime, do lugar em que estava, não podia distinguir logo quem era a pessoa a quem a rapariga se referia. Esporeado pela curiosidade ou pela desconfiança, espicaçado mesmo pelo ciúme, não quis saber de nada, precipitou-se para a casa, saltou como um raio o espaço que o separava do portão, entrou por ele com a rapidez do relâmpago e atirou-se para a sala.

No limiar da porta, porém, parou de súbito e levou as mãos ao coração como se se sentisse fulminado.

Sentado no sofá, ao lado de Celeste, estava Leandro conversando com Josefina.

## **XXVI Tanto vai o cântaro à fonte...**

Não é fácil descrever o que se passou com o negociante. Num momento acabaram de ter explicação todos pontos até então obscuros e inexplicáveis do comportamento e da conduta conjugal de Josefina. Tomava corpo a sua desconfiança, e o que até aquele instante era vago e indeciso, tornou-se bruscamente positivo, decisivo, brutal, de uma verdade clara e incontestável.

Era horrível e acremente satisfatório o que com ele acabava de passar-se. Tinha todas as satisfações de uma descoberta final, trabalhosa e pacientemente esperada, e toda a acrimônia, toda a crueldade de uma desilusão inesperada e acabrunhadora. O ciúme, a raiva, o ódio, de mistura com a vergonha e com o despeito, invadiam-lhe o coração com a arrogância e a impetuosidade das enchentes invasoras e aí tumultuavam e revolviam toda a vasa, como exatamente fazem as marés tempestuosas e cheias demais. Vinham do fundo à flor d'água todas as impurezas daquela índole mal educada e mal dirigida, todas as fezes daquela alma, fezes e impurezas que jaziam acumuladas de há muito, e que haviam adormecido apenas sob a calma aparente do viver tranquilo e feliz do negociante.

Soprara, porém, um vento súbito de tempestade, e cavaram-se desde logo os abismos insondáveis daquele mar e toldou-se a limpidez, desapareceu a tranquilidade, fugiu a ventura de toda a sua existência. A sua alma despertara e com ela acordaram todos os sentimentos inconfessáveis, todos os instintos maus que formavam como que o fundo do seu caráter.

Jaime sentiu passar-lhe pelos olhos uma nuvem rubra de sangue e ouviu rugir-lhe no coração, ferido mortalmente, o leão indomável da vingança. Aquilo tudo era a sua vergonha; a sua vergonha já era pública e notória, tão notória e tão pública que andava servindo já de pasto à maledicência e à grosseira análise de umas mulheres de rua. Talvez já se rissem da sua posição ridícula

de marido infeliz, ou o apontassem até como capaz de vergonhosas condescendências ou de miserável e infame cumplicidade.

Não! ele não seria um Menelau sem pudor e sem desforço. Fosse qual fosse o resultado, era-lhe indispensável lavar a sua dignidade ultrajada, vingar a afronta que infligiam à sua honra de marido, de pai e de homem.

Tudo isto assomou rápido como uma aparição fantástica, ao espírito atônito e surpreendido do Comendador. Tinha diante dos olhos a evidência... Mas seria a evidência, com efeito? Cumpria-lhe averiguar com toda a presteza e verificar com toda a precisão. O seu primeiro impulso, portanto, foi o de retroceder e de ir ter com aquelas mulheres que falavam na calçada, mas deteve-o uma reflexão judiciosa. Pelo que ouvira, era assaz conhecido por um dos homens do grupo, e, apenas o vissem, remeter-se-iam ao silêncio desesperador que cerca, como um círculo impossível, a todo interessado e a toda vítima de semelhante infelicidade conjugal, ou negar-lhe-iam abertamente a verdade.

Ser-lhe-ia mais fácil então desprezar qualquer auxílio estranho e conseguir por si mesmo e de sua própria vigilância o que tanto procurava descobrir. O acaso ou Deus que o protegera até ali e lhe guiara os passos para aquela primeira descoberta, levaria a sua condescendência ou a sua cumplicidade maliciosa até o fim. Revestiu imediatamente a máscara de gelo do indiferentismo, e atravessando a sala foi direito ao sofá, onde se achava sua mulher. Recebeu-o Leandro com um sorriso de franqueza lhana e amistosa.

– Já nos causava cuidado a sua demora – disse ele – Neste momento mesmo, expunha d. Josefina as suas apreensões a esse respeito e pedia-me para ir procurá-lo.

Jaime sentiu passar-lhe pelos lábios, um pouco descorados, um sorriso rápido e fugitivo, antes um ligeiro tremor nervoso, prenhe de ódios abafados. Contudo respondeu com igual amabilidade.

- Felizmente não foi preciso o amigo incomodar-se.
- E já acabou o barulho? – perguntou Josefina.
- De todo! – assegurou o negociante.

E acrescentou logo, curvando-se um pouco:

– Agora podemos retirar, não acha?

– Retirar-se?! – exclamou uma voz alegre por detrás dele – isso é que eu não consinto!

O negociante voltou-se rapidamente. Fora o Padre do Poço quem o interpelara com aquela franqueza e sem cerimônia que o caracterizavam, principalmente em sua casa e para com os seus hóspedes.

– Perdão! – sorriu o negociante, estendendo-lhe a mão com lealdade e espontâneo movimento – devo antes, é verdade, agradecer-lhe o abrigo que concedeu à minha mulher e à minha filha.

– Qual agradecer, qual nada!... Venha daí tomar um copo de cerveja e preparar-se para dançar uma quadrilha.

E dirigindo-se diretamente a Josefina, que juntamente com a filha se havia erguido para sair, segundo o convite do negociante e antes mesmo que este lhe pudesse objetar qualquer coisa, foi dizendo:

– Vossa Excelência dança comigo a primeira quadrilha não é, minha senhora? Josefina sorriu e respondeu-lhe apenas com um movimento de ombros.

– Está vendo? – concluiu o Aristides – agora estamos ambos comprometidos e o Sr. não pode nem deve querer fazer o papel de desmancha prazeres.

Enfiou então familiarmente o braço pelo do negociante e arrastou-o consigo para uma sala onde se achava o *buffet*.

Foi assim que a família do negociante ficou para a *soirée*, e que ele próprio teve ocasião de alargar o campo de suas observações e de adquirir mais algumas convicções robustas de que não era falsa a alegação, nem caluniosa a afirmativa da rapariga da calçada. Quando assim não fosse, bastar-lhe-ia o ciúme para fazer avultarem as coisas mais insignificantes e, qual uma lente de aumento, dar proporções gigantescas aos atos mais pequenos e tornar criminosas as mais inocentes intenções.

Josefina, por sua vez, parece que desprezou todas as cautelas e, levada ora pelo prazer de estar junto do amante, ora pela necessidade de trocar com ele as mais íntimas confidências e de assentar num plano futuro de proceder, plano que tinha por fim tornar mais fáceis e frequentes os seus encontros, deixou-se arrastar pelo ardor demasiado de sua natureza e cometeu algumas imprudências.

Jaime não deixou escapar a mínima circunstância: afrouxou de propósito a vigilância excessiva com que a cercara até então, e obteve com esse stratagem o mais pleno e satisfatório resultado.

Havia, ao lado esquerdo da casa um alpendre que dava para um pequeno jardim, embastido de arvoredos e por isso mesmo sombrio e misterioso, próprio para uma entrevista amorosa ou para a continuação de alguma conversação mais animada depois de uma quadrilha ou de uma valsa ofegante e provocadora. Pois bem: em uma ocasião, Jaime chegara a surpreender um fragmento de conversação íntima de sua mulher e de Leandro, em passeio por uma das ruas sombrias do jardim. Parecera-lhe até ter ouvido o ruído indefinível de um beijo rápido e medroso.

Fora seu primeiro movimento precipitar-se sobre os dois e fulminá-los com a sua presença, quando não esmagá-los com a sua agressão. Mas contivera-se a tempo de evitar o escândalo e com isto recrudescera mais o ódio que já sentia e aumentara a sede de vingança.

Dava-se com ele um fenómeno curioso. Agora que tinha adquirido a certeza da sua desgraça, queria esmerilhar miudamente todos os escaninhos do abismo em que caíra; desejava ser testemunha de todos os atos de sua mulher para por eles avaliar bem a extensão de sua infâmia e o grau da sua miséria.

Parecia até sentir com isto algum prazer: era a voluptuosidade da dor em toda a sua extravagância estoica. Uma a uma arquitetava as cenas do perjúrio, os momentos libidinosos e lascivos da infidelidade e, revolvendo assim ele próprio o punhal dentro da ferida, parecia que tirava daí novos alentos para a raiva e robustecia mais a resolução que havia tomado.

Josefina, essa nem sequer suspeitava do perigo que a ameaçava, e não se apercebera ainda da presença do tigre iracundo e exacerbado que ao pé dela sopitava os rugidos, que a poderiam prevenir, mas que entretanto afiava as garras que deviam afogá-la e lacerar-lhe o coração e a alma.

Às duas horas da madrugada, estava a *soirée* no seu maior esplendor; chegara a esse período, em que já todos se conhecem e as cerimônias e etiquetas começam a ser um pouco desprezadas; em que as danças têm mais desenvoltura, os ademanos mais graça e mais familiaridade, os ditos mais espírito e mais espontaneidade e finalmente o prazer maior realce e mais furor.

Nesse momento, porém, requintara-se também o sofrimento moral do Comendador, e presa de um cansaço e ao mesmo tempo de um assomo de raiva e de dignidade mais intenso, interpôs a sua autoridade, pretextou incômodos repentinos e exigiu a retirada da filha e da mulher. Por mais objeções que estas apresentassem, e por maiores insistências que fizessem o dono da casa e sua família, a nada cedeu ele e, abreviando as despedidas, tomou com elas a direção do Monteiro.

Parecia que o negociante ou tinha repentinamente abandonado o seu plano de conduta, ou estava já satisfeito e plenamente convencido. Em qualquer dos casos, conhecia-se que tinha pressa em ausentar-se daquela casa e em chegar à sua própria habitação.

Durante o trajeto do Poço ao Monteiro, não trocaram os três uma palavra. Josefina surdamente irritada com o proceder do marido, lastimava essa partida forçada que a arrebatara tão depressa do enlevo do seu amor. Clotilde recordava, no segredo do seu coração, a felicidade daquelas horas, em que embebera sua alma na contemplação daquele que representava para ela a vida presente e a futura; e Jaime tragava todos os venenos mortais, que, gota a gota ao princípio e a largos cântaros agora, derramava em sua alma a certeza da traição de sua mulher.

Ao chegarem em casa, retirou-se cada um para o seu quarto. Tinham todos pressa em se acharem isolados, como que consigo sós, para melhor se entregar egoisticamente ao mundo de seus

próprios pensamentos. Para o negociante, esse isolamento foi um acréscimo de martírio e, face a face de si mesmo, deixou fazer explosão toda a dor que o consumia, e entregou-se de corpo e alma ao furor da sua vergonha.

Atirando-se a uma cadeira, fechou os punhos nos olhos, como a querer arrancar daí uma visão perseguidora, e chorou de desespero, mordendo por vezes o lenço para abafar os soluços que lhe sublevaram o peito com um ansiar tormentoso e formidável.

Era doloroso ver aquilo!... devia ser atroz o sofrimento daquele homem! De repente, as lágrimas secaram-se como por encanto; houve em todo ele uma espécie de reação repentina e poderosa. Jaime levantou-se de um salto e correu a um canto do seu quarto. Agarrou com mão frenética, porém firme, em uma bengala, que estava encostada à parede, e puxou um estoque de lâmina fina e triangular.

Tomou uma larga respiração e dirigiu-se para o quarto da mulher.

Josefina dormia já, envolta nos seus lençóis e com a cabeça pousada na graciosa curva do braço carnudo e bem torneado. Destacavam-se perfeitamente da alvura das fronhas e do lençol o moreno aveludado e quente da sua cútis e o negro ondeado e brilhante dos seus cabelos opulentos. A luz de uma lamparina, colocada sobre uma cômoda, dava-lhe à fisionomia uns tons esbraseados e envolvia-a numa penumbra vacilante e poética.

Reinava em todo o quarto uma atmosfera tépida e suave, impregnada de perfumes, desse perfume especial e afrodisíaco que se exala dos corpos femininos elegantes, quando eles no conchego do leito e na penumbra transparente das roupagens mais excitam os sentidos e predispõem para o amor.

Tudo isto pareceu atuar com estranha ferocidade no espírito de Jaime. Chisparam-lhe os olhos com uns lampejos odientos e ele, com a mão esquerda fechada numa contração nervosa e a direita a segurar a arma homicida, atravessou cautelosamente o espaço que separava a porta do quarto das bordas do leito.

Aí chegando, fitou os olhos no colo da mulher, naquele colo onde ele repousara tantas vezes a sua cabeça, ébrio de amor e de legítimas volúpias, mas agora poluído ao contato de um amante, e, parecendo escolher o lugar, em que sentia, pelo arfar, que se abrigava o coração, debruçou-se para ela e ergueu o punhal.

## **XXVII Entra em cena o Zarolho**

Assim como, às vezes, a mais ligeira interrupção nos faz fugir a ideia, ou nos quebra inteiramente o fio de um pensamento que se ia naturalmente desenvolvendo, também o fato mais insignificante e intempestivo, e até absolutamente alheio aos nossos intuitos, nos desperta a razão adormecida ou obliterada e tem o condão de desviar o curso de uma resolução, que nos parecia muitas vezes inabalável, legítima e necessária.

Foi o que se deu com o negociante naquele momento terrível, em que, alucinado pela vergonha e pelo desespero, erguera o punhal para a mulher e ia feri-la, vingando com sua morte a sua desonra. A vida de Josefina estava dependente de um movimento de rapidez, maior ou menor do braço do seu marido, da resolução, do complemento do seu gesto homicida e violento.

Mais um segundo, menos uma polegada de distância entre a ponta do punhal e a epiderme do seu colo, e o anjo da morte estenderia sobre ela as suas asas, colheria em seu seio a sua alma descuidada, e entregaria ao nada a matéria formosíssima do seu corpo.

Ia já o negociante consumir o seu propósito, quando soaram na estrada umas gargalhadas alegres e, quase à sua porta, repercutiu a voz sonora de Celeste, que voltava da soirée.

– Já dormes, Josefina? – perguntava gritando a sua amiga.

Jaime estremeceu, como se alguém lhe acabasse de tocar no ombro ou lhe perguntasse ao ouvido o que fazia. A moça, como se tivesse percebido a interpelação, fez um ligeiro movimento, mas sem despertar e como que tomando uma respiração mais farta, voltou o corpo para o outro lado do leito com uma ondulação lenta e graciosa. Desfizeram-se bruscamente as dobras do lençol, que velavam o seu colo, e, das ondas de alvura daqueles linhos, emergiu o seio moreno e de uma formosura e perfeição incomparáveis. Ao mesmo tempo, resvalava para o lado, completamente livre das roupagens, a perna de um contorno

puríssimo e de uma rigidez de mármore. Vista assim nesse desalinho ocasional, na meia-tinta de um quarto mal iluminado, tão perto da morte e descuidada, Josefina adquiria não sei que encanto irresistível, e parecia cercada de uma magia imponente e tentadora.

Tanto bastou para que mudasse completamente a sua sorte. O negociante sentiu o deslumbramento inevitável da beleza, a fascinação irresistível de uma sensualidade diabólica. Um aluvião enorme de pensamentos lhe invadiu o cérebro, com a rapidez sucessiva dos jatos vulcânicos, e lhe suspendeu o braço prestes a ferir. O coração subitamente tocado pela ebriedade sensual da formosura, lembrado dos delírios e prazeres materiais que lhe proporcionara aquele corpo, como que se deixou fascinar por aquela visão e pareceu exclamar-lhe cheio de susto:

– Se ferires, amanhã não gozarás mais das venturas desse corpo!

A razão – despertada de repente pelas gargalhadas e pela voz inesperada de Celeste – bradava-lhe aos ouvidos:

– Se ferires, amanhã não gozarás mais do prestígio e do conceito com que te cercam.

O negociante recuou, como que assombrado do que ia fazer e guardando o punhal no bolso com um gesto brusco de despeito, voltou imediatamente para o seu quarto. Aí chegando, deixou-se cair sentado na mesma cadeira, de onde, há pouco, se levantara e, afogando a cabeça nas mãos, entregou-se aos seus novos pensamentos.

– Não! – murmurava ele no seu íntimo e pouco a pouco se acalmando ou antes se entregando ao império frio do raciocínio: – Não! não a matarei... para quê?... em que é que isto me vingaria do ultraje e a puniria do delito? Amanhã encontrariam o seu cadáver... achariam o estoque da minha bengala... prender-me-iam e, apontando-me todos como um miserável assassino porque ninguém saberia dos motivos reais do meu crime, marcar-me-iam com o ferrete da ignomínia, como um miserável já me marcou com o selo do ridículo, e em torno de mim far-se-ia o vácuo do desprezo

público, ou cercar-me-ia essa atmosfera pesada e atrofiante do desconceito, da condenação e do infortúnio. Eu seria o grilheta da infâmia, o réu sem consciência, o horror da sociedade, o tigre, a hiena, o chacal, o escândalo e o monstro enfim, ao passo que o miserável que feriu-me o coração, que me abalou a razão, que me conspurcou a honra, que me cuspiu às faces, que me aniquilou a felicidade, que me reduziu o lar doméstico a um alcouce, esse continuaria a viver tranquilo e festejado, cercado pelo respeito e pela amizade, ébrio de amor e de todas as venturas que podem dar uma consciência pura e um corpo são.

Não. Não mataria sua mulher. Afinal de contas quem teria de sofrer mais seria ele. Ela só perderia a vida, ele, porém, perderia tudo, tudo quanto adquirira e ganhara até então a tanto custo, com tanto suor do rosto e com tanto sacrifício da alma. Não! a morte dela não o vingaria de sobra. Era preciso feri-la, mas feri-la de forma que ela o sentisse e que a fizesse sofrer. Feri-la-ia, portanto, no coração, como tinha ela feito com ele, sem piedade e de improviso.

Se cometesse naquele momento o assassinato de sua mulher, seria preso, processado, condenado, e Leandro iria ao júri assistir aos debates do seu processo, como se fosse a um espetáculo aplaudir as cenas comoventes de uma tragédia ou rir-se com as facécias e os quiproquós de uma comédia.

Não! não seria assim! de que valeria então a sua vingança? que vingança era essa que abrangia em suas malhas a vítima e o algoz ao mesmo tempo? que em vez de satisfação íntima e tranquila de um anelo realizado se transformava em novas tribulações materiais bem mais cruéis talvez do que as outras?

Procederia, pois, de uma outra forma; nem por isso a sua vingança seria menos completa. Ao contrário, seria muito mais eficaz, mais proveitosa até à sociedade. Satisfá-lo-ia plenamente, tanto mais, quanto executada ela, nada viria perturbar a sua tranquilidade nem o sossego habitual de seu viver: nada viria afetar os seus créditos de homem de bem, nem abalar o seu conceito de negociante pacífico e honrado. Vingava-se e não comprometia os

seus créditos de comerciante, de marido, de pai e nem de homem. Isto sim! isto é que seria uma vingança completa e verdadeira.

Chegando a essa conclusão final e tranquilizadora, o Comendador estava outro. Voltara-lhe ao rosto a serenidade habitual e o seu todo reassumira aquele ar bonacheirão de burguês enriquecido, de que por um momento se esquecera, levado pela cegueira da paixão e pela violência de seu gênio. Agora, porém, não: estava calmo, sossegado. De toda a cena anterior, da luta íntima que nele se travara, só restavam uns sintomas: a ruga profunda que se cavara entre os sobrolhos e a palidez biliosa que se derramava em suas faces.

Jaime ergueu-se então da cadeira, e pôs o punhal na sua bainha de cana da Índia, despiu-se com todo o vagar e deitou-se no seu leito. Todos os seus movimentos tinham a calma de quem acaba de tomar uma resolução e tem ao mesmo tempo certeza do bom êxito do que intenta. Todavia não dormiu: levou o resto da noite a pensar nos elementos necessários à execução da ideia que adotara, a calcular todas as probabilidades e a resolver os últimos empecilhos do seu novo projeto e novo plano de vingança.

Ao amanhecer, estava tudo calculado, combinado e resolvido. Jaime tinha necessidade de alguém que o auxiliasse na execução do seu plano, e imediatamente havia lançado as suas vistas para aquele indivíduo, a quem encontrara e que lhe fizera os maiores oferecimentos. Parecia-lhe, a julgar pelo seu aspecto, que era ele justamente o auxiliar que lhe convinha. Como, porém, as aparências iludem, precisava primeiramente verificar se seriam ou não exatas as suas suposições. À hora do costume, pois, sem que tivesse dado à família a mínima prova do que se havia passado na sua alma durante aquela terrível noite de ciúmes e de ódios, partiu para o Recife e apenas aí chegou, foi de rota batida ao beco das Barreiras.

Era aí que morava o Hermínio, por alcunha o Zanolho, graças à facilidade com que metia os olhos um pelo outro, de forma a aparentar o mais completo estrabismo convergente, que é possível imaginar-se, vantagem essa de que ele, aliás, usava

frequentemente, com o duplo fim de disfarçar a expressão da fisionomia e de evitar que, pela inspeção do olhar, se pudesse avaliar ou conhecer o que lhe ia lá pela alma, – se é que tinha alma esse indivíduo!

No tempo em que se passava esse verídico episódio, era o beco das barreiras uma viela estreita e lamacenta, que ia da Rua do Cotovelo, hoje Visconde de Goiana, para um braço do Rio Capibaribe, que serve de caminho marítimo a umas Olarias, e para uns terrenos pantanosos e alagados, cobertos de mangues, que davam para os fundos do Hospital Pedro II. Era um lugar de má fama e de perigosíssima abordagem, onde se abarracava essa população heterogênea, formada de mulheres de soldado, de maridos de prostituta, de ladrões noturnos e de indivíduos de todas as espécies e profissões inconfessáveis.

Esse lugar prestava, no Bairro da Boa Vista, os mesmos serviços que prestavam, no do Recife, – Fora de Portas, e em S. José, – a Cabanga. Era um viveiro de capangas e de malfeitores, e só tinha nisto uma rival: a Rua do Cisco, lá para as bandas do Campo Verde, entre a Soledade e os fundos da antiga Faculdade de Direito, à Rua do Hospício.

Apenas aproximou-se da casa indicada pelo Hermínio, impressionou o Comendador o aspecto miserável e sórdido da habitação. Excessivamente baixa e acanhada, suja, e coberta por uma crosta de poeira e de lama, com as portas e janelas desconjuntadas, parecia a casa mais uma pocilga deletéria e imunda de cães do que morada de criaturas humanas. Se ao aspecto da casa correspondessem a índole e a alma do indivíduo que a ocupava, estava o negociante como queria. Tinha posto a mão justamente naquele de quem precisava, e a sua tarefa limitar-se-ia a muito pouco, além de custar-lhe à bolsa muito menos do que ele supunha despende.

Foi por consequência, esperançado e bem disposto, que bateu à rótula, que servia de porta da rua e respondeu ao sacramental – quem é –, com o não menos sacramental:

– É de paz.

Abriu-se a rótula, depois de pequena demora, e veio recebê-lo uma criatura, cuja classificação sexual seria difícil, se, para acentuá-la, não se deparassem ao Comendador dois indícios: cabelos compridos e uma criança ao colo. Extraordinariamente magra e ossuda, a mulher, que viera abrir a porta, tinha os olhos enterrados no fundo das órbitas cavadas, as faces lívidas e chupadas de forma a contornar perfeitamente a caveira, coberta apenas da pele enrugada e seca, e trajava umas roupas sem cor, que haviam sido um vestido de chita, mas que eram agora verdadeiros andrajos, suspensos aos ombros por um milagre de equilíbrio. A criança, esquelética e esfomeada, dependurava-se-lhe ao pescoço com esse ar assustado dos animais indomesticáveis e resingava uns sons inarticulados, porém dolorosos e aflitivos. Mulher e criança apresentavam ambas o melhor e mais verdadeiro atestado de miséria.

De um relance o Comendador conheceu tudo isto, e, embora a repugnância que causava o aspecto daquela criatura e do interior da casa, que ele vislumbrava, imundo e sórdido, foi com uma satisfação íntima e interesseira que ele perguntou:

– Não é aqui que mora o Sr. Hermínio?

Antes de responder, a mulher olhou-o com uma certa curiosidade desconfiada, como a querer adivinhar o que poderia querer aquele homem tão decente e tão limpo com o seu caseiro ou o seu marido. Por fim, resolveu-se a falar.

– Vosmecê queria alguma coisa com ele?

– Desejava falar-lhe.

– Ele não está em casa, não senhor – respondeu lentamente a mulher e como se quisesse calcular o efeito de suas palavras.

Foi visível a contrariedade do negociante.

– Ora esta! – não pôde ele coibir-se de exclamar – isto é uma dos diabos!

– É negócio dele ou de vosmecê? – inquiriu a criatura achando meio de satisfazer a curiosidade, que lhe avivava o olhar amortecido e lhe dava sobressaltos ao coração.

– Meu e dele! – respondeu o negociante. E acrescentou logo:

- A que horas estará em casa?
- Não sei, ele não tem horas certas para vir. Se vosmecê quiser, quando ele vier, eu digo a ele para ir a casa de vosmecê?
- Não! não! não é preciso! – interrompeu prontamente o Comendador – eu mesmo voltarei cá.
- Então, se quiser deixar algum recado...
- Sim, senhora; vosmecê dir-lhe-á que preciso muito falar-lhe e que amanhã por estas horas voltarei cá.
- Sim, senhor, mas quem é que eu hei de dizer que o procurou?
- Diga-lhe que... que foi o homem que o livrou da polícia no Poço da Panela.

Apenas ouviu estas palavras, os olhos da mulher iluminaram-se com um raio súbito de alegria e de agradecimento:

- Ah! vosmecê é que é o Sr. Comendador Favais?

O negociante levantou vivamente a cabeça no auge da surpresa. Conheciam-no naquela casa! A mulher sorria, na sua hediondez de caveira cheia de vida, e acrescentou como dando a explicação do estranho fato.

- Seu Hermínio contou-me tudo. Ele conhece muito seu Comendador.

E levada logo por esse instinto ou impulso natural que faz com que a mulher, qualquer que seja a sua posição ou a sua miséria, se torne afável e cheia de obséquios para quem seja credora de alguma gratidão, abriu a porta e convidou o negociante para entrar.

- Vosmecê não quer descansar um pouco? Entre; a casa é pobre, mas... Jaime não a deixou concluir. Havia tomado sua resolução:

- Não! – interrompeu-a ele – entrarei amanhã. Peço-lhe unicamente que dê o meu recado e que influa seu marido... é seu marido, não é?

A rapariga pareceu corar e ficou um pouco embaraçada, porém respondeu, não obstante o acanhamento:

- É... sim, senhor.

– Pois bem; influa seu marido para que ele se encarregue do negócio que eu lhe venho propor.

– E qual é ele?

– Por ora basta isto.

E Jaime, a fim de por sua vez angariar a proteção e a aliança da mulher, fez umas festinhas à criança.

– É seu filho? – perguntou em seguida, como tomado de interesse e fingindo um ar de simpatia.

– Sim, senhor – respondeu prontamente a pobre mãe, lisonjeada e orgulhosa – os outros seis estão brincando no quintal à beira da maré. Este é o mais moço.

O negociante tirou do bolso duas moedas de prata e, pondo-as na mão da criancinha, acrescentou com bondade e esboçando os lábios de um sorriso:

– Tome, iôô, para comprar uns bolinhos.

A criancinha fechou a mão, levando as moedas à boca e a mulher, a mulher imunda e miserável, sentiu inundar-lhe de júbilo o seu coração de mãe. Nem sequer achou palavras com que agradecer ao Comendador a sua esmola: tinha, porém, os olhos marejados de lágrimas.

– Dê o meu recado e até amanhã! – disse o negociante.

E rapidamente se afastou daquela rua e voltou para sua casa, com a certeza de que faria do Zanolho tudo quanto ele quisesse.

## XXVIII Precipitam-se os acontecimentos

Pouco depois de ter chegado o negociante à Rua Nova, apresentou-se o Hermínio em sua loja. Tendo voltado à casa inesperadamente e minutos apenas após a estada do Comendador, recebera o recado que este lhe deixara, bem como tivera notícia da sua impaciência e contrariedade por não tê-lo encontrado imediatamente. Esperto e ladino, como era, farejou logo algum negócio rendoso e pouco lícito. Ninguém o procurava para outros. Caía-lhe a coisa justamente ao pintar da faneca<sup>28</sup>, pois desde a véspera que estava a tinir por ter perdido ao jogo tudo quanto possuía.

Por que, portanto, esperar até o dia seguinte para tratar de um negócio de que o Comendador parecia ter pressa e de cujos lucros, ele, Hermínio, tinha incontestável necessidade? Nada! Talvez que a demora influísse de alguma sorte no ânimo e na resolução do seu cliente e urgia aproveitar-lhe a disposição e a oportunidade. Se o Jaime dormisse sobre o caso, talvez mudasse de resolução. O Hermínio, por isso, não perdeu o tempo, e correu pressuroso até à Rua Nova.

– O Sr. Comendador? – perguntou ele a um dos caixeiros.

– Subiu lá para o sobrado – respondeu-lhe o rapazola de mau modo, e olhando-o de revés.

O Zarolho não fez caso daqueles modos insolentes, que já estava habituado a provocar pelos seus trajes sebentos e trapilhos aos caixeirinhos sem educação, e dando as costas ao balcão, enfiou pela porta do lado e subiu de dois em dois os degraus da escada da casa do negociante. Bateu apressadamente à porta, e, apenas esta se abriu, entrou com toda a importância de um personagem que é esperado com ansiedade e que julga vir salvar uma situação.

Recebeu-o o próprio negociante, que ao vê-lo, não pôde reter uma exclamação de espanto e ao mesmo tempo de alegria. O Hermínio aproveitou o ensejo para burilar nos lábios o mais amável e obsequioso dos seus sorrisos.

– O Sr. Comendador incomodou-se em ir à nossa humilde choupana – disse ele aparentando uma humildade, que era o forte da sua hipocrisia, e com uns modos servis de pessoa, há muito habituada aos misteres menos honestos e mais torpes.

– Entre! entre! – interrompeu o negociante, fazendo-o passar à sala e dando volta à chave da porta da escada, a fim de ficar a sós com a sua visita e ter a certeza de que ninguém os poderia interromper.

O Hermínio entrou, torcendo o chapéu de pêlo lúcido e pisando como se temesse manchar o soalho ou como se lhe tolhesse os passos o acanhamento mais natural do mundo. Entretanto ia dizendo ao negociante:

– Recebi o recado de Vossa Senhoria e achei melhor vir logo hoje.

– Fez bem, meu amigo, fez bem – respondia-lhe o negociante, ao passo que o encaminhava para o sofá e o cercava de umas certas atenções a que o capadócio, aliás, estava pouco acostumado.

O Hermínio ria-se interiormente de tudo aquilo, tomava nota das menores circunstâncias e murmurava consigo mesmo:

– Cautela, Zanolho!... ou tens aqui a tua fortuna feita ou as aparências enganam muito. Em todo caso não te deixes roubar!

Metia, por isso, cada vez mais os olhos um pelo outro, provocava a tosse e com ela o pigarro que lhe era de tão útil auxílio nas ocasiões difíceis, e, apenas sentou-se, atacou logo a questão:

– Estou às suas ordens, Sr. Comendador.

Jaime Favais tinha acertado: logo do primeiro relance conhecera o homem e tinha-o seguro. Sabia já por onde atacá-lo e por que meios reduzi-lo à condição de instrumento cego, porém inteligente e ativo. Era questão de dinheiro. Encetou, portanto, familiarmente o assunto e expôs ao miserável, não os detalhes, mas o fim geral do plano que havia concebido durante a madrugada e da vingança que queria executar, sem, contudo, declarar a causa que o levava àquele extremo.

O Hermínio, ou porque soubesse já dessa causa ou porque adivinhasse ou mesmo porque não lhe fosse isso necessário, não se deu por achado por essa falta de confiança e levou a sua delicadeza ao ponto de não interrogar o Comendador a esse respeito, nem de impor-lhe como condição do negócio o pleno conhecimento do seu segredo.

Para ele a máxima questão a resolver era a do preço da sua cooperação, dos seu honorários, – era assim que ele chamava – pelo trabalho que ia ter; para o negociante era a do seu não comprometimento pessoal em todo o negócio, e a da realização final da sua vingança. O Zarolho prometeu dirigir por si mesmo toda a campanha e fazer as coisas de forma que o Comendador nunca se teria de incomodar por elas e este, em troca, acedeu a todas as exigências do seu cúmplice. Entenderam-se os dois perfeitamente: e resolvida assim essa preliminar, entraram ambos em plena combinação, na discussão franca, leal e clara dos melhores meios a pôr em prática para levar a cabo a ideia do negociante e realizar a sua vingança.

No fim de algumas horas, estava tudo assentado entre os dois e o Zarolho, despedindo-se do Comendador, com o bolso bem recheado, tomava a direção da Rua da Conceição, na Boa Vista, e lépido e apressado entrava no Armazém do Sal, onde habitualmente se encontrava o Bigode de Arame, ora ensinando, ora vendendo ou comprando cavalos, mas sempre traficando, sempre pronto para meter-se em alguma rixa, e para fazer algum biscate.

O Zarolho e ele se encontraram sem dificuldade e com menos dificuldade ainda se entenderam. Do resultado de todas essas conferências teremos notícias muito breve. Por ora voltemos ao negociante e veremos desenvolver-se o plano traçado pelo Hermínio, que se tornou desde logo a alma danada de Jaime, o executor de todas as suas ordens, e a falar verdade, o coordenador de todos os detalhes, o provocador, o criador de todas as circunstâncias, o diretor de toda a estratégia e de toda a campanha.

Às horas do costume voltou o negociante para o Monteiro. Embora fosse apreensivo, aparentava um ar mais prazenteiro do que nunca. Essa alegria iludiu a todos e Josefina nem sequer suspeitou que seu marido estivesse senhor de todo o seu segredo. Este, aliás, a fim de não despertar essas suspeitas e nem outras, em nada alterou o seu modo de viver e continuou como até ali. Apenas, à mesa do jantar se deu um incidente, que quase o ia fazendo perder a calma, mas, que, cortado a tempo, só teve um resultado imediato: aumentar a rispidez com que tratava Josefina e agravar a ojeriza que esta por ele sentia. Comentava-se a *soirée* da véspera e o português achou meios e ocasião de censurar com acrimônia a franqueza e facilidade com que a nossa sociedade acolhe certos tipos e lhes dispensa obséquios e consideração. Referia-se visivelmente a Leandro. Clotilde defendera a sociedade, desculpando-a com as qualidades brilhantes que ornavam aqueles seus hóspedes, a que o pai chamava injustamente de tipos.

O negociante, exaltado pela discussão, retrucava com mais azedume e citou então como indigno de frequentar as salas e de merecer a amizade dos homens de bem, entre outros sujeitos, Leandro. Clotilde calou-se de súbito, presa de uma comoção, que felizmente passou despercebida, mas Josefina, ferida no objeto do seu amor adúltero, insultada assim de recochete, tomou imprudentemente a defesa do rapaz. O negociante cortou então a discussão e desta data em diante acentuou-se mais a frieza entre eles dois e maior vulto tomou a desunião moral que os separava já.

Contudo Jaime levou a sua hipocrisia ao ponto de em nada alterar o tratamento que dava ao seu rival. Se alguém se pusesse a observá-lo e pudesse apanhar, na sua passagem, o fuzil rápido do olhar do negociante, quando este encontrava Leandro ou o via aparecer em qualquer parte, então, sim, estranharia a expressão de ódio e de raiva que o lampejo dos olhos encerrava. Mas essa manifestação era rápida e ninguém, ninguém a tinha notado ainda: e a pouca lhaneza, aliás, habitual e antiga, com que tratava o mancebo, era atribuída a pouca simpatia, ao seu gênio esquisito e concentrado.

A vigilância do negociante em nada afrouxou, antes aumentou mais, de sorte que mais difíceis senão impossíveis se tornaram as entrevistas de sua mulher e de Leandro e por isso mesmo maior soma de desejos, maior sofreguidão e anelos de amor se foram acumulando no coração deles dois. Em Josefina, essa superabundância de anelos e essa falta absoluta de sensações tocavam já as raias do histerismo. Em Leandro, tais dificuldades lhe irritavam o coração, o faziam quase tocar as raias do amor.

Não obstante, a vida dissoluta do mancebo não sofria modificação alguma, e, se lhe faltavam os encontros com Josefina, sucediam-se as entrevistas com Clotilde, à sombra espessa da latada e sob a proteção e guarda da escrava e confidente.

Passou-se assim o tempo das novenas do Poço, e chegou o dia da festa. O sofrimento de Josefina chegava já ao desespero. Nesse dia, portanto, esqueceu-se tanto das conveniências, que seu marido declarou positivamente que dava por terminado o passadio da festa e que no dia seguinte se retiraria para o Recife.

– Como, meu pai?! – exclamou Clotilde – não espera pela festa do Monteiro?

– Não! – respondeu ele rispidamente – não vivi de festas, nem estou para fazer papéis ridículos.

E no dia seguinte, não obstante as instâncias e as censuras dos seus amigos, notavelmente Cavalcanti e a mulher, Jaime fez a mudança e a família instalou-se de novo na casa da Rua Nova.

A cólera e a tristeza presidiram a essa mudança. Eram agora duas a sofrer pela mesma causa, a mãe e a filha e sem que uma soubesse do sofrimento da outra, sem que ambas se pudessem mutuamente consolar. Se até então fora difícil a Josefina encontrar-se com o amante, daí em diante era-lhe completamente impossível. O seu coração deveria contentar-se, quando muito, com algumas rápidas e insignificantes conversações em casa de alguma amiga. Isto, porém, não lhe bastava: o seu amor – criminoso e sem direito a esperanças legítimas – não era desses que se contentam com o platonismo dos olhares, dos suspiros, dos apertos furtivos de mão e dos protestos e troca de juramentos em conversações líricas e

piegas. Quem morde uma vez o fruto proibido, não pode mais contentar-se unicamente com o aroma que ele exala.

Josefina estava neste caso e para ver, para falar, para estar uma hora em contato com o amante, seria capaz de todas as imprudências, capaz de todas as loucuras. Concorria ainda mais para isto o tratamento que o marido agora lhe infligia. Longe das visitas dos seus amigos, fora daquele meio alegre, civilizador e francamente expansivo do Monteiro, Jaime sentira-se completamente senhor de si, não se coagia mais e dava plena expansão a seus agravos. O seu lar doméstico tornara-se um verdadeiro inferno e raro era o dia em que não tivessem lugar uma nova discussão, um novo aperreamento por parte do negociante e alguma nova desfeita, algum novo insulto por parte de sua mulher.

Tornava-se intolerável aquele viver, e Josefina concebeu a ideia de fugir. Iludia-se a si própria. Não era o sofrimento causado pelos maus-tratos do marido que fizera nascer aquela ideia e lhe apresentava a loucura de um mau passo como único salvatério: era a neurose, causada pela separação involuntária do amante. Não era a dignidade de esposa ofendida que atuava em seu espírito; era sim a loucura do amor da mulher criminosa, cuja sensualidade oblitera a razão e perverte o sentimento.

Chegadas as coisas a este ponto, Josefina tomou uma resolução impensada, porém cheia de energia, e escreveu uma longa carta ao seu amante. Não quis confiar a pessoa alguma de casa e encarregou sua entrega ao boleeiro de seu avô. Jaime Favais, porém, que já andava de alcateia, e cujas desconfianças tinham sido despertadas por dois ou três passeios que vira Leandro dar pela rua, como procurando descortinar alguém nas suas janelas, foi ao encalço de Pedro e interceptou a carta.

Tinha agora uma prova material e palpável da infidelidade e da infâmia de sua mulher. Em ocasião oportuna havia de fazê-la valer, e então, ai de Josefina!

## **XXIX As combinações do Zanolho**

Passaram-se alguns dias depois disto. Definia-se e acentuava-se cada vez mais a situação embaraçada e embaraçosa das diversas pessoas que compunham a família do negociante. Neste a raiva, o ódio, e a conseqüente sede de vingança assumiam proporções inverossímeis, ao ponto de transformarem-no naquilo que vimos por ocasião de abrir as primeiras páginas deste episódio. A impaciência chegava ao seu auge e tardava-lhe já o momento, em que se visse para sempre desembaraçado do homem cuja vida e cuja presença na terra se tinham tornado incompatíveis com a sua existência e com a existência da sua honra.

Do seu lado o Zanolho não estivera inativo e conquanto nenhuma aparência tivesse dado de vida, ocupava-se inteligente e diligentemente com os negócios do seu novo amigo e só esperava para satisfazer os seus compromissos, de uma ocasião oportuna. A coisa, entretanto, não era tão fácil como ao princípio lhe parecera. Ele havia se comprometido solenemente a levar a cabo a vingança do Comendador, sem que este, em coisa alguma fosse incomodado, sem que sobre ele recaísse nem sequer suspeita alguma. Era nisto que estava a verdadeira máxima dificuldade.

O Hermínio, apenas deixara o Comendador e logo depois o Bigode de Arame, dirigiu-se ao Monteiro, não só para conhecer de perto e pessoalmente o indivíduo que estava recomendado à sua benevolência como também para pôr-se, de ciência própria, a par de todos os seus hábitos e costumes. Soube ali, entre a sua gente e a gente da sua espécie, que os amores da mulher do negociante e de Leandro não eram segredo para ninguém. Ora, a vista disto, a supressão repentina e violenta do rapaz por força que seria atribuída àquela causa e, portanto, as suspeitas teriam de recair no marido da sua amante. O Hermínio não queria isto. Aquele tratante tinha a honradez do crime. Comprometera-se a pôr o negociante a salvo de quaisquer suspeitas; havia de cumprir a sua palavra, custasse o que custasse. Era necessário descobrir um meio de

realizar assim a sua promessa, de aliar o seu interesse com o do seu cliente e ele havia de achá-lo.

Os dias que se seguiram à sua primeira entrevista com o Comendador, gastou-os ele em esmerilhar toda a vida de Leandro de forma a ficar completamente senhor dela. A sua filiação, a sua posição verdadeira na sociedade, as viagens frequentes à Bahia, a existência de sua família à Rua dos Martírios, tudo enfim que lhe dizia respeito foi descoberto, sondado, explorado e sabido pelo Hermínio. Quando chegou a esse resultado, inteiramente orgulhoso de sua inteligência e de suas aptidões para sabujo policial, o Zarolho tinha um plano completo e só esperava, para pô-lo em prática, oportunidade e consenso do seu ilustre cliente. O consenso era indispensável, por causa do dinheiro que se fazia mister despende.

Com essas indagações, aliás, trabalhosas, havia decorrido tempo e estava-se a 15 de fevereiro. Neste dia havia tido lugar uma cena tempestuosa em casa do negociante. Não tendo Josefina obtido resposta à sua carta, não obstante afirmar o boleeiro que a havia entregue em mão própria, e não conseguindo ela por mais tempo soffrear os estorvos do seu coração apaixonado e cheio de desesperos, resolveu ir ao Monteiro à casa de Celeste. Anunciou, portanto, essa resolução, ao marido, confiada em que nenhum empecilho encontraria da sua parte.

Enganava-se redondamente. Apenas recebeu essa notícia, Jaime empalideceu ainda mais do que já andava, e de repente se tornou rubro como se lhe estivesse iminente uma apoplexia. Subiu-lhe às faces a vergonha e injetou-lhe os olhos a raiva, que estuava lá dentro do seu peito como um tigre hidrófobo e impotente. Veio-lhe à ideia imediatamente o motivo de semelhante passeio, e foi com uma voz concentrada e um aspecto até então desconhecido que ele, à proposta, respondeu com laconismo:

– Não.

– Como, não? – insistiu Josefina – quer proibir-me de ir à casa de Celeste, de uma amiga de colégio, da mulher de um homem de quem o senhor é amigo também?

– Sem dúvida – confirmou o negociante irritado, porém com polidez.

– Por quê?... com que direito – inquiriu Josefina ainda mais irritada e com essa altivez e arrogância das mulheres que trouxeram a riqueza para o casal e se supõem, por isso com o direito de dominarem a seu bel-prazer.

– O porquê... dir-lhe-ei mais tarde – respondeu friamente o negociante. Estavam à mesa do almoço.

– Com que direito?... com o de seu marido – concluiu ele seriamente.

– Dir-me-á mais tarde o porquê? – insistiu a mulher – e por que não diz agora mesmo?

– Porque...

O Comendador fitou os olhos nela e em Clotilde. Pareceu-lhe ver espelhar-se nos olhos da filha a pureza de sua alma e temeu, desvendando brutalmente as causas da sua recusa, manchar a limpidez daquele foro íntimo, a serenidade do coração, que ele julgava ingênuo, da moça. Concluiu a frase portanto:

– Porque não posso.

Apenas, porém, terminou o almoço, levando-a para o seu gabinete, e, longe das vistas curiosas da filha, atirou grosseiramente sua mulher sobre o sofá a bradou-lhe com voz sufocada e como que arrancada pela dor:

– Sabe porque não quero que a senhora vá ao Monteiro?

– Não! por quê?

– Porque não quero que vá encontrar-se com o seu amante!

Josefina ergueu-se lívida e hirta como uma estátua de alabastro. Seu marido sabia tudo! Entretanto negou.

– É falso! – bradou ela com terror.

– Falso – repetiu ele a tremer e com uma ironia acerba, lacerante.

E, abrindo diante dos olhos atônitos da mulher a carta que ela escrevera e que fora subtraída, perguntou-lhe com uma zombaria

cruel e acerada como a ponta de uma lanceta:

– Conhece a sua letra, miserável?

Josefina sentiu passar-lhe pelos olhos uma nuvem negra, cambaleou como se lhe faltasse o ar e caiu no chão completamente desmaiada.

Quando tornou a si, tinha a seu lado Clotilde, que a acariciava e lhe prestava os socorros necessários. Debalde, porém, a filha indagou do que se havia passado entre ela e seu pai: debalde procurou saber da causa daquele desmaio extemporâneo. Josefina conservava-se muda a esse respeito e não dava à sua filha uma só explicação satisfatória. A seu pai, não iria Clotilde interrogar; e quando mesmo quisesse, não o poderia fazer. Jaime havia saído. Apenas sua mulher desmaiara e ele a contemplava pálida e inanimada a seus pés, à mercê do seu ódio e da sua raiva, que a podiam estrangular, naquele momento bateram à porta da escada e trouxeram-lhe depois uma carta com a nota de urgentíssima, escrita à margem do endereço. O negociante abriu-a com sofreguidão e leu-a de um só fôlego.

Dizia o seguinte:

“Sr. Comendador,

Venha com toda a urgência à nossa casa.

De V. Sa.

cr.<sup>o</sup>, att.<sup>o</sup>. e ven.<sup>o</sup>r.,

Hermínio”.

Jaime, sem se importar mais com sua mulher, que continuava sempre desmaiada, tomou a sobrecasaca e desceu as escadas apressado, relendo ainda o bilhete do seu cúmplice e como que procurando adivinhar o motivo que o havia ditado e o segredo que poderiam encerrar as suas palavras.

Vinte minutos depois entrava naquela casa baixa e imunda, de que já falamos, no beco das Barreiras, e encontrava o Hermínio e o

Bigode de Arame. Ao encarar este último, o negociante o reconheceu logo, e teve uma espécie de sobressalto, que o fez estacar à porta, e instintivamente pensar na retirada. Bernardino reconheceu-o também e adivinhou, ou antes, avaliou o que se passava no ânimo do negociante, porque adiantou-se para ele, cumprimentou-o com um sorriso afável e foi-lhe dizendo a modo de introdução.

– Antes de tudo, devo pedir ao Sr. Comendador desculpa por aquilo que se passou entre nós na noite da bandeira.

Jaime tranquilizou-se logo.

– Ora! – murmurou ele sorrindo e em forma de desculpa.

– Eu estava exaltado – prosseguiu o Bigode de Arame – mas aquilo não era diretamente para Vossa Senhoria.

– Eu sei! eu sei!

E o negociante estendeu a sua mão alva e macia e apertou a mão calorosa, áspera, avermelhada e grosseira do bandido. Depois, voltando-se para o Hermínio, perguntou o motivo do bilhete.

– Vossa Senhoria sente-se, que precisamos conversar – disse o Zarolho com deferência, oferecendo-lhe o sofá desconjuntado, mas assim mesmo único assento de palhinha que ali havia.

Jaime franziu a testa e sentiu apertar-se-lhe o coração. Sem dúvida, os dois tratantes queriam explorá-lo e o haviam mandado chamar para extorquir-lhe mais dinheiro. Paciência! desde que estava à mercê daqueles indivíduos, trataria de defender o mais possível a sua bolsa, sem contudo comprometer a sua pessoa. Estava quase arrependido de ter confiado a tais mãos o seu negócio.

Sentou-se, entretanto, e logo depois, sentaram-se os outros dois.

– É um negócio muito sério, Sr. Comendador – disse o Hermínio, puxando pelo pigarro e metendo furiosamente o olho direito pelo esquerdo. Trata-se de adotar um plano definitivo e precisamos de consentimento de Vossa Senhoria.

O negociante respirou.

- Já lhe dei carta branca! – respondeu ele.
- Embora – prosseguiu o Zanolho, metendo o olho esquerdo pelo direito – mas como se trata de um acréscimo de despesa...
- Ah!... – murmurou o Comendador.
- Bem vê Vossa Senhoria...
- Bem!... bem! quanto devo dar mais? – inquiriu Jaime com uma certa impaciência.
- A nós?... nada! – respondeu o Hermínio com uma dignidade afetada de homem de bem.
- Neste caso... a quem é então?
- Para o Sr. Comendador poder sabê-lo é indispensável ouvir o meu plano que, aliás, é infalível e, se pode custar um pouco mais carinho, tem o mérito e a vantagem de pôr Vossa Senhoria completamente a coberto de quaisquer suspeitas!
- É justamente isto o que eu quero: nada de comprometimentos.

– Ouça, Vossa Senhoria.

O Hermínio e o Bigode de Arame puxaram mais as cadeiras para junto do sofá e entre eles e o negociante começou uma troca interminável de confidências e de explicações. Quem falava mais era o Hermínio. Sem dúvida o que ele dizia era tão razoável, que o negociante de vez em quando dava com a cabeça em sinal de assentimento, e tão bem combinado que por vezes pelos olhos de Jaime passaram uns lampejos de admiração. Ao concluir, o Hermínio perguntou, cheio de si e como de antemão senhor da resposta:

– Então, que acha, Sr. Comendador?

– É uma combinação excelente! – concordou este.

Porém, como se lhe sobreviesse de repente uma objeção, observou:

– Resta somente uma dúvida.

– Qual? – perguntou o Zanolho.

– Saber se o homem aceita a proposta.

– Porque não!... Se ele está morto de fome. A questão é Vossa Senhoria oferecer-lhe logo quantia suficiente.

– Por isto não será a dúvida.

– Então, Sr. Comendador, não deixemos para amanhã o que se pode fazer hoje. Quer ir à casa do homem?

– Vamos.

O negociante e o Zanolho tomaram os chapéus e saíram.

– Precisam de mim? – perguntou o Bigode de Arame.

– Não – respondeu o Hermínio –, mas espere sempre para saber do resultado.

E, voltando-se para Jaime, disse com toda a franqueza, mas sempre com o pigarro:

– Não é bom que nos vejam juntos. O Sr. Comendador vá por um lado, que eu vou pelo outro. Vossa Senhoria sabe a casa: o que chegar primeiro, espera pelo outro.

Separaram-se os dois e, cada um por um caminho, dirigiram-se ambos para o Bairro do Recife.

## XXX O Alabama

Ao chegar ao Recife, Jaime Favais dirigiu-se imediatamente e sem hesitação alguma para o Hotel d'Europa, e, subindo ao primeiro andar, sentou-se a uma mesa, dispondo-se a esperar. Para entreter o tempo, mandou vir cerveja, que começou a tomar aos golinhos, e o *Diario de Pernambuco*, que se pôs a ler com toda atenção na parte comercial, principalmente no ponto em que anuncia a saída de vapores e navios para o sul. Era, com efeito, com interesse visível e extraordinário que ele se entregava a essa leitura, e quem o observasse atentamente, convencer-se-ia de que não era o simples desejo de matar o tempo ou de disfarçar a impaciência que o levava a escolher aquela distração.

Deixemo-lo, porém, no seu posto de espera, e vamos ao encontro do Zanolho, que deixamos ao separar-se do Comendador à porta de casa. O Hermínio não perdera o tempo e, por um caminho mais comprido, dirigira-se também para o Hotel d'Europa. Ia apressado, porém não deixava de observar de um lado e do outro, como se procurasse vislumbrar alguma pessoa que desejasse encontrar. Ao chegar à esquina da Rua do Cabugá e da Rua larga do Rosário, enfiou resolutamente por esta, cortou a rua estreita, entranhou-se pelo bequinho do Rosário, atravessou a Rua do Fogo em toda a sua extensão e foi sair no pátio de S. Pedro. Aí chegando, dobrou à direita e entrou pela porta de um sobrado e enfiou pelo corredor adentro, com a presteza e a resolução de quem já conhece o caminho e todos os mais recantos da casa. Ao deparar-se-lhe a escada, subiu-a de dois em dois degraus, como quem tem pressa, e chegou assim até o segundo andar. Bateu à porta de uma certa forma cabalística e ela imediatamente se abriu.

O Hermínio entrou, como em sua própria casa, sem cerimônia e de chapéu na cabeça e foi direto à sala de jantar. Era curioso o aspecto que ela apresentava. De paredes caiadas, porém sujas por imensas e repetidas dedadas, o seu aspecto era o de uma casa habitada pelo desleixo e pela incúria. A primeira impressão que

causava era incômoda e opressiva. A luz entrava em abundância por três janelas de parapeito, mas era coada através de vidros empoeirados e tinha não sei que laivos de lividez e de tristeza. A atmosfera era carregada e nevoenta, pela muita fumaça de cigarros e cachimbos, e o ar ambiente, que se respirava, nauseabundo e enjoativo, como que formado de exalações abafadas, de transpirações azedas e de hálitos alcoolizados.

Havia no centro da sala uma grande mesa de pinho ou de louro, mas suja e envernizada pelo contato constante e nunca interrompido das mãos, e ao redor dela sentavam-se diversas pessoas de condição, classe, cor, idade, vestuário e fisionomias diferentes. Tinham defronte de si diversos cartões de loto ou víspora e marcavam com caroços de milho os números que saíam, à proporção que um sujeito velho e corado, que estava à cabeceira, os extraía de um saco e os ia contando com voz monótona e fanhosa. Para um lado, junto a uma outra mesa, menor do que a primeira, agrupavam-se alguns indivíduos e jogava-se o lansquenet ou o pacau. Era uma casa de jogo e reinava naquele recinto não só a maior confusão de atividade, como também a maior igualdade e liberdade do vício.

Não havia distinção de classe, e perante a paixão que os dominava, eram todos da mesma condição. O nível da miséria passara por sobre eles e os reduzira ao mesmo tamanho moral.

Ninguém prestou atenção ao novo hóspede, aliás, frequentador assíduo de semelhante espelunca, mas o Hermínio, ao penetrar na sala, percorreu-a toda de relance e foi direto a um dos grupos dos jogadores de lansquenet. Aí chegando, pôs a mão no ombro de um indivíduo que, com as mãos nos bolsos, parecia seguir com toda a sofreguidão e ansiedade as peripécias do jogo e chamou assim a sua atenção, ao passo que acompanhava o gesto com o pigarro.

O indivíduo assim interpelado, nem sequer se moveu. Tinha toda a atenção concentrada nas duas cartas que estavam sobre a banca, uma à direita e outra à esquerda do banqueiro e fitava com avidez a porção do baralho que este tinha entre as mãos e de onde ia virando as cartas com uma rapidez vertiginosa e que denotava

longa prática. Era uma partida interessante e estava já um pouco demorada. Um rei contra uma dama. As apostas cruzavam-se e as respirações se suspendiam. De repente caiu sobre a mesa um rei de paus.

– Ganhei! – proclamou friamente o banqueiro, arrecadando o dinheiro.

– *Sacré nom de Dieu!* – exclamou o indivíduo, em cujo ombro o Hermínio pousara a mão.

E voltou-se bruscamente para o Zarolho, só então dando fé do seu gesto e sentindo a pressão dos seus dedos.

– Oh! é o senhor?... perdi tudo!... tudo! – acrescentou ele com um sotaque estrangeiro bem pronunciado e um certo ar de melancolia triste e não obstante resignada – agora é que fico mesmo a pedir esmolas.

– Qual! – murmurou o Hermínio, puxando-o suavemente para fora do círculo dos jogadores – agora é que lhe vai chegar a fortuna.

– Você empresta-me algum dinheiro?

– Agora, não.

– Só dois mil réis.

– Não. Temos coisa melhor e de mais interesse para o senhor. Venha comigo.

– Para onde?

– Vou apresentá-lo a um amigo que o deseja conhecer pessoalmente e que tem um negócio muito sério e muito vantajoso a lhe propor.

O indivíduo sorriu e fez um gesto expressivo e acanhado de *voyou* parisiense.

– E rende? – perguntou ele esfregando o polegar no indicador com o sinal usual que significa dinheiro.

– *Beaucoup! beaucoup!*... – respondeu o Zarolho, estragando de uma vez tudo quanto sabia do francês.

E enfiando o braço pelo do seu interlocutor, arrastou-o para a porta e desceu com ele as escadas daquela casa de jogo, onde ficava o último ceitel do companheiro, e onde pela primeira vez talvez ele próprio havia deixado de tentar a fortuna e de arriscar o seu cobrinho. Ao chegar à porta da rua, o indivíduo estrangeiro perguntou:

– Para onde vamos?

– Ao Hotel da Europa! – respondeu o Zanolho – vamos depressa, que o senhor não se arrependará.

Seguiram ambos para o Recife. O companheiro do Hermínio era um rapaz de seus trinta e tantos anos; alvo e de fisionomia inteligente e agradável. Os olhos de um azul cendrado e profundo tinham, quando se aumentavam, um brilho penetrante e, quando tranquilos, uma expressão de melancolia doce e sofredora. Bem construído e ereto de corpo, possuía no todo, quer andando, quer gesticulando, uma certa distinção natural que o tornava simpático. Além disso, era em extremo delicado e denotava ter recebido uma educação esmerada e cuidadosa. Falava diversas línguas com igual perfeição e, quando estava de maré, contava interessantes episódios de viagem e não menos interessantes peripécias de amor.

Essas qualidades brilhantes eram, entretanto, senão ofuscadas, pelo menos, muito modificadas pelos vícios, a que ele habitualmente se entregava: o jogo e a embriaguez. Usava de um nome, que naturalmente não era verdadeiro e contava a sua vida de forma tão romântica e aventureira que a tornava inverossímil. Dizia-se americano confederado e dava-se por oficial do vapor Alabama. Entretanto, todos o julgavam polaco e o conheciam como tal.

Tendo chegado ao vapor Madalena, hospedara-se no Hotel d'Europa, e, com esse faro instintivo do jogador, aumentado ainda mais pela circunstância de falar bem o português, procurou desde logo onde cevar a sua paixão predominante e essencial. Levava-o a isto também o desejo ou a esperança, que acompanhava todo o jogador, de restaurar as suas finanças e recuperar a sua fortuna. Caíra desde logo no covil da Rua de São Pedro e aí travara

conhecimento com o Zanolho, sem contudo esse conhecimento tornar-se íntimo ou familiar, nem tão pouco transformar-se em amizade.

Durante o trajeto, o Zanolho foi pouco mais ou menos pondo o polaco ao fato do negócio que lhe iam propor, ora exaltando-lhe as vantagens, ora excitando-lhe a cobiça, de forma que ao chegar ao Recife já ele estava meio convencido e via o futuro por um prisma cor de rosa. Chegaram assim ao Hotel d'Europa e o Hermínio conduziu-o logo ao primeiro andar, onde os esperava o Comendador. Apenas o encontrou, apresentou-o com toda cortesia e correção:

– O Sr. Oscar Pallet.

O negociante estendeu-lhe a mão amigavelmente e contemplou-o por algum tempo.

– Conheço-o de vista – disse ele por fim – não é ao senhor que chamam vulgarmente o Alabama?

– Sou eu mesmo! – respondeu o estrangeiro – é isso devido a ter sido eu oficial desse vaso de guerra: o meu verdadeiro nome, porém, é Oscar Luiz Pallet de Roshklave.

– Folgo muito em conhecê-lo pessoalmente. Sei das suas condições precárias, das suas circunstâncias difíceis.

– Oh! senhor! – interrompeu o polaco com um gesto de perfeita sociedade.

– Nada de preâmbulos inúteis nem de tempo perdido entre nós! – retrucou o negociante – o nosso amigo, o Sr. Hermínio, deve ter-lhe dito já do que se trata.

– Por alto.

– Pois bem, ele mesmo lhe explicará tudo por miúdo. A mim cumpre-me unicamente facilitar-lhe os meios de sair desta cidade, de voltar para a sua pátria ou de ir para onde quiser.

– Prefiro ir para o Rio Grande do Sul.

– Por quê?

– Tenho ali dois amigos, com quem travei conhecimento em viagem de Hamburgo para o Brasil, os Srs. Adolpho Weber e David Hay, e desejo muito tornar a vê-los.

– Pois bem, irá para onde quiser. Justamente, parte amanhã ou depois um patacho para o Rio Grande do Sul e convém que o senhor o aproveite.

– Bem! senhor! mas que interesse tem em que eu faça esta viagem?

O negociante não lhe respondeu logo: sorriu, porém, com finura e convidou-o a subir para o outro andar.

– Vamos ao seu quarto. O senhor é bastante inteligente para compreender que o interesse, qualquer que ele seja, é absolutamente meu e que eu não posso nem devo confiar-lhe. Como, porém, o senhor, sem mesmo o pensar nem o saber, vai prestar-me um serviço importantíssimo, eu o quero remunerar por isso.

O negociante tomou então o braço do polaco e se foi encaminhando com ele para o segundo andar, ao passo que lhe ia acrescentando em tom de confiança:

– Resta somente que o senhor fixe a quantia dessa remuneração e se comprometa, sob juramento, a executar fiel e exatamente as minhas instruções, isto é, todas as instruções que lhe forem transmitidas.

Haviam chegado ao quarto. Oscar respondeu depois de pensar por algum tempo.

– Farei o que me ordenarem, contanto que não exijam de mim crime nenhum.

– De acordo. O senhor, em nossas mãos, será um instrumento puramente passivo. Não cometerá crime algum não comprometerá nem a sua vida, nem a sua liberdade, nem a sua pessoa... nada.

– Sendo assim...

– Aceita?

O polaco abaixou a cabeça como a meditar. Estava sem recursos, devia ao hotel: não tinha amigos nem interesses que o

prendessem aqui. Aparecia uma oportunidade de sair de Pernambuco, oferecia-se uma ocasião de obter recursos e isto mesmo sem trabalho; parecia que a fortuna o tinha vindo procurar. Seria loucura deixá-la fugir. De mais a mais era tão pouco o que lhe pediam, o que exigiam dele... Ergueu por fim a cabeça vivamente e perguntou com o desprante e a resolução de quem adota um alvitre e aceita uma proposta:

– Quanto me dá o senhor?

– Fixe o senhor mesmo a quantia.

– Quinze mil francos! – respondeu o polaco.

– Isto é: seis contos de réis! – retorquiu o negociante empalidecendo.

– Justamente, considerando o câmbio ao par – respondeu o polaco friamente.

– Não acha um pouco exorbitante essa quantia?

O polaco sorriu com ironia, e encostando-se a uma cômoda, replicou-lhe com toda a franqueza:

– O senhor fez-me, há pouco, o obséquio de julgar-me inteligente. Eu o sou realmente, e compreendo que só um grande interesse o pode ter levado a vir propor-me o negócio de que se trata, e do qual já ali o senhor (e apontava para o Hermínio) me pôs pouco mais ou menos ao fato. Ora, o senhor compreende que me tornei uma criatura necessária, uma mola essencial ao mecanismo do seu... negócio; enfim um comparsa indispensável. É justo, portanto, que eu avalie os meus serviços, não pelo seu valor real para mim, mas pela importância que adquirem para o senhor. Qualquer que seja o fato, para cuja realização se precisa de mim, compreende o senhor que desde já me tornei seu cúmplice. Ora, a cumplicidade paga-se. Além disso, a quantia em que fixo a minha retirada daqui, paga também o meu silêncio.

O polaco calou-se e o negociante pareceu absorver-se num trabalho mental dificultoso. Custava-lhe muito resolver, realmente. Supusera fazer as coisas aí por uns trezentos a quinhentos mil réis e

pediam-lhe doze vezes mais! Era salgada a quantia. O Hermínio aproximou-se dele, e murmurou-lhe ao ouvido:

– Então, Sr. Comendador? É preciso decidir isto.

– Mas...

– Lembre-se que agora, se não fecharmos o negócio, ficaremos à mercê desse tratante.

– Ele não me conhece.

– Basta-lhe perguntar aí na Praça quem é Vossa Senhoria. Demais, por seis contos, vinga-se Vossa Senhoria, e fica coberto de qualquer suspeita. Esse meio é o único que eu tenho para executar as suas ordens.

Era verdade. O negociante arrancou do fundo do peito um suspiro de agonia e de resignação ao mesmo tempo e dirigiu-se ao polaco, que esperava pacientemente encostado à cômoda.

Bem Sr. Oscar – disse Jaime – está feito o nosso negócio.

## XXXI A armadilha

Ouvindo aquela frase resoluta e concludente que punha termo a todas as suas hesitações e dúvidas, o polaco curvou-se graciosamente com uma elegância fidalga e disse com toda a franqueza e lisura de um negociante honrado que ultima uma transação comercial das mais usuais e honestas:

– Neste caso, meu caro senhor, resta apenas convencionar a forma desse pagamento.

– Será como o senhor quiser – observou o negociante sorrindo agora com toda a amabilidade de quem acaba de fazer um bom negócio.

– Bem! Uma vez que tenho de embarcar para o Rio Grande do Sul, convinha-me que Vossa Senhoria me desse um saque para o Rio de Janeiro.

– Fá-lo-ia com muito gosto, mas há um inconveniente.

– Qual?

– Seria preciso publicar aqui o seu nome: saber-se-ia então que o senhor tinha esse dinheiro.

– E que tem isso?

O negociante sorriu-se.

– É preciso que todo mundo o julgue sem recursos – disse ele.

– Entretanto preciso de algum dinheiro para despesas pessoais.

– Contanto que não faça despesa alguma com objetos e preparativos de viagem.

– Como?

– É necessário, absolutamente necessário que ninguém o veja tratar de coisas que indiquem ou denunciem que o senhor pretende embarcar.

Oscar franziu um pouco a testa e fitou o negociante.

– Mas isso é quase uma coisa impraticável. Hão de ver, – pelo menos o dono do hotel o verá – hão de ver sair daqui a minha

mala.

– O senhor não tirará nada daqui – observou friamente o Comendador, enquanto o Hermínio o apoiava com a cabeça.

O polaco ficou realmente admirado e começou a volver olhares curiosos de um para o outro dos seus hóspedes, como a lhes pedir a explicação daquele mistério impenetrável para ele.

O negociante compreendeu sem dúvida a expressão desses gestos repetidos e ansiosos, porque apressou-se em lembrar-lhe uma condição do seu ajuste.

– O Sr. Oscar parece esquecer-se de que se comprometeu a seguir à risca as instruções que receber? – disse ele.

– Ah! – suspirou o estrangeiro, como caindo em si – é verdade.

– Bem vê – aditou timidamente o Hermínio temperando a goela com o clássico pigarro das grandes ocasiões.

– Mas – continuou o polaco – eu não hei de embarcar sem roupa.

– Encontrará no seu beliche o que for necessário para a viagem.

– Seja: em todo caso preciso de dinheiro para pagar o hotel.

– Também não pagará o hotel. O polaco deu um salto.

– Homessa! – exclamou ele – Neste caso o francês é capaz de impedir o meu embarque.

– Ninguém saberá que o senhor embarca.

– Esta agora é melhor.

– É até essencial.

– Desisto de querer compreender.

– Compreenderá finalmente, apenas lhe dissermos a última palavra do enigma.

– Então, venha ela.

O negociante formalizou-se um pouco, e falou-lhe então num tom de estranha solenidade:

– Sr. Oscar, comprometi-me a fornecer-lhe a quantia em que arbitrou a sua cooperação inconsciente e passiva em uma obra para mim justa e meritória, e, além disso, comprometo-me a facilitar-lhe os meios de sair daqui. Não é verdade?

– É.

– Exijo em troca a sua palavra de honra, ou o juramento que para o senhor tiver mais valor, de que levará a cabo aquilo a que se comprometeu comigo.

Oscar estendeu imediatamente a mão para o negociante e disse com a maior simplicidade e segurança:

– Dou-lhe a minha palavra de honra, senhor, e se esta não lhe bastar, porque sou para si um desconhecido, juro-o por minha mãe!

Ao pronunciar esta última palavra, os olhos do estrangeiro umedeceram-se e passou pelo seu rosto uma ligeira crispação de dor e de saudade.

– Bem! – disse Jaime – Agora vou dizer-lhe o quanto baste para guiá-lo no desempenho do seu papel.

Agruparam-se os três no vão da janela e o negociante começou a falar animadamente, apenas interrompido de vez em quando pelo Hermínio que dava um aparte necessário, ou entrava em alguma explicação útil, ou desenvolvia alguma proposição menos compreensível. Ao terminar a conversação íntima e sempre a meia-voz, o polaco voltou-se para o negociante e observou-lhe com o olhar cintilante de inteligência e de compreensão:

– Compreendo! compreendo! – perguntou logo – Agora que me resta fazer?

– Pura e simplesmente ficar à disposição aqui do senhor – respondeu o negociante e ao mesmo tempo apontando para o Hermínio.

– E embarco?

– Amanhã! só pode ser amanhã! – apressou-se a retrucar o Zanolho.

– E daqui até lá não te perco de vista.

– Bem! – concluiu o polaco – quando receberei a quantia estipulada?

– A bordo ou na ocasião do embarque.

– De acordo.

– O Sr. Hermínio ou qualquer outro encarregar-se-á de lha entregar. Para não deixá-lo daqui até lá completamente desprevenido, faço-lhe um pequeno adiantamento e peço-lhe que o aceite sem vexame.

Assim dizendo, o negociante apertou-lhe a mão, onde deixou uma cédula de dez mil réis e despediu-se com toda a cordialidade e alegria. O Hermínio acompanhou-o até o corredor e aí se demorou algum tempo ultimando as combinações ou mesmo transmitindo instruções de responsabilidade e necessárias. Ao despedir-se o negociante, o Zanolho repetiu-lhe:

– Não se esqueça: ao meio-dia.

– Não faltarei – respondeu Jaime.

E desceu à rua com toda a presteza, tomando em seguida a direção de casa, onde, ao chegar, se trancou no quarto, e sentando-se em frente à escrivaninha, estendeu diante de si a carta que a mulher escrevera a Leandro, e, procurando imitar-lhe a letra, começou por sua vez a acrescentar um pós-escrito com toda a cautela e paciência.

Entretanto o Zanolho voltava para o quarto e, cheio de admiração e de pasmo, viu o polaco entregar-se a um trabalho original e extravagante. Oscar destruía cuidadosamente um a um todos os vestígios que pudessem comprovar a sua identidade. Não podendo tirar do quarto coisa alguma de grande volume, cortava meticulosamente a marca das camisas e das outras peças de roupa e raspava as dedicatórias que estavam escritas nas costas de algumas fotografias, que lhe tinham sido oferecidas. Quanto aos papéis, reuniu todos e guardou-os no bolso do paletó. Juntamente com eles, ia guardar um revólver, quando o Hermínio, segurando-o pelo braço, exclamou olhando para a arma:

– Bonito revólver!

– Comprei-o no Rio de Janeiro na casa Laport & Irmão. Hermínio tomou a arma e examinou-a lentamente.

– É bem bonita!

E acrescentou suspirando:

– Sempre tive vontade de possuir um revólver e nunca pude. Custa tão caro!

– Tome este! – disse o polaco com toda a naturalidade.

– Ora...

– Faça-lhe presente dele, será uma lembrança minha.

– Mas privar-se assim de uma arma tão...

– Ora! eu vou para o Rio e, com dinheiro, comprarei outro lá.

– Bem, aceito! Tem as balas?

– Tenho.

E Oscar entregou ao Hermínio uma caixinha de cápsulas, que este guardou cuidadosamente com o revólver.

Corriam as horas e aproximava-se aquela que ele havia marcado ao negociante. Urgia, portanto, sair. Chamou o polaco, insistindo pela necessidade de ir encontrar o amigo, e afinal arrancou-o daquela tarefa cautelosa que o Hermínio achava completamente inútil e até mesmo pueril. Desceram os dois, e apenas chegaram à rua, o Zanolho disse ao polaco:

– Você não volta mais aqui; fique sabendo. Embarca amanhã ou depois, e até lá, vai para longe da cidade.

– Estou por tudo que quiserem – respondeu o polaco com certa resignação melancólica – dei a minha palavra e jurei por minha mãe.

– Isso é que é ser homem de bem!

Seguiram os dois para o Bairro de Santo Antônio, indo o Hermínio por todo o caminho dando instruções ao companheiro, mas ao chegarem à Rua do Queimado, separaram-se. Oscar tomou a direção da Rua do Livramento, e o Zanolho desceu para a Rua Nova. Ao meio-dia estava em casa e logo depois o procurava o

negociante. Encontrou-o em conferência com o Bigode de Arame, que o estivera esperando até então.

– Trouxe? – perguntou o Zanolho apenas viu entrar o seu cliente.

– Aqui está – respondeu Jaime.

E ao mesmo tempo entregava ao Hermínio um envelope catita, de papel cor de rosa e fechado com obreia de cola. O Zanolho pegou no papel e mirou-o por todos os lados, depois, sorrindo, fez uma observação maliciosa.

– Parece carta de mulher.

O negociante sentiu-se corar até as orelhas. Ignorava absolutamente que Hermínio estivesse a par dos seus segredos de família; contudo doeu-lhe aquela observação. Felizmente o Hermínio acrescentou logo:

– Tem esperança de que com esta carta ele caia no laço?

– Tenho certeza.

– Bem! então tudo vai bem.

E voltando para o Bigode de Arame, o Zanolho continuou, entregando-lhe a cartinha:

– Toma, isto agora é contigo. É preciso fazer chegar esta carta ao seu destino hoje mesmo.

O Bernardino tomou-a e meteu-a no bolso.

– O menino leva – disse ele.

E assim dizendo tomou o chapéu. Antes de sair, porém, perguntou:

– Então é sempre amanhã?

– Se Deus quiser! – respondeu o Zanolho.

– Bem! lá estarei!

O Bigode de Arame despediu-se do Hermínio, apertou a mão do Comendador e saiu tomando imediatamente a direção de sua casa. Aí chegando, chamou o filho, um rapazote de doze a treze anos, esperto e já cheio de vícios – o mesmo que mais tarde teria de assentar praça na companhia de cavalaria e pouco depois morrer

de uma facada em consequência de uma rixa inglória e desasada, e montando a cavalo com ele, seguiu para o Monteiro. Apenas neste arrabalde, deu a carta ao filho e mandou-o, a pé, entregá-la ao seu destino. Para boa execução do recado deu-lhe instruções e recomendou-lhe discrição. Ora a criança era esperta, e além de esperta, tinha-se já formado naquela escola da dissimulação e da velhacaria. Saiu-se perfeitamente da comissão.

Minutos depois de deixar ele o pai, que o ficou esperando no Cabocó em casa de um conhecido, recebia Leandro o bilhete e caía das nuvens, ébrio de felicidades, verificando a assinatura adorada de Josefina.

Com efeito!... uma carta de sua amante era, naquela ocasião, um acontecimento. Com a impossibilidade até de vê-la, pois os seus passeios pela Rua Nova haviam sido infrutíferos, a paixão do rapaz recrudescera, e ele daria tudo para poder estar junto dela um instante que fosse. Eis que lhe vinha uma carta sua. Era para endoidecer de alegria! Leandro levou-a aos lábios mesmo diante do portador, e leu de um fôlego o que a carta lhe dizia. Era um grito de paixão e de loucura, escrito todo numa letra trêmula e vacilante que revelava a comoção do medo e do amor. Era dela, não havia dúvida! O rapaz sentia a sua alma através daquelas linhas, e, além disso, no alto do papel estava o anagrama do negociante – uma correia formando um quadro oval e no centro em letras salientes o seu nome – Jaime Favais. Josefina escrevera numa folha de papel de seu marido.

De toda carta, porém uma coisa causou-lhe impressão maior e encheu-o mais de alegria: foi o sobrescrito. Abaixo da assinatura de Josefina, lia-se o seguinte com letra ainda mais trêmula e vacilante:

“Amanhã vou a Jaboação ver uma casa que meu marido quer por força alugar talvez para nos separar ainda mais. Eu vou só com Clotilde e meu sobrinho.

Vai a Jaboação: eu te espero sem falta. Só assim te poderei ver e estar junto de ti alguns momentos.

Manda-me dizer se vais.

Assim que chegares, toma o hotel, eu te mandarei dizer lá onde estou. Vai!, vai! eu te espero e te amo!”

Leandro devorou estas linhas com o coração a nadar de júbilo. O que poderia ele querer mais? Prometiam-lhe um dia de felicidade e o que é mais, em toda a segurança e livre de sobressaltos e de receios. Iria pois. Tomou portanto a pena e escreveu numa pequena folha de papel poucas palavras:

“Meu amor, irei. Espera-me e guarda-me todos os beijos que tiveres”.

Deu essa resposta ao menino, que ficava à espera, recompensou-o generosamente e entregou-se desde logo à prelibação da felicidade que o esperava.

Às cinco horas da tarde, recebia o nosso negociante um bilhete do Hermínio, capeando a resposta de Leandro. Foi com uma sofreguidão diabólica que ele abriu o bilhete do mancebo e com uma alegria feroz que leu as poucas palavras que continha. Vingara o seu estratagema. Minutos depois, o mesmo portador, que era o filho do Bernardino, entregou ao Zanolho, o seguinte bilhete sem assinatura, porém do seu amigo o Comendador:

O homem vai. Até amanhã”.

## **XXXII A vingança do marido**

O aviso do negociante foi imediatamente transmitido ao Bigode de Arame e em consequência dele resolveram os dois agentes transportar-se sem demora a Jaboaão, de forma que no dia seguinte lá estivessem com todas as coisas preparadas e tomadas todas as providências a fim de representar-se infalivelmente a última peripécia do drama sombrio, de cujo desenlace se tinham eles encarregado.

Conversaram, pois, os dois amigos, assentaram nas últimas medidas a tomar, e depois partiram ambos para o mesmo destino, porém de modo diverso e em horas diferentes. O Bigode de Arame seguiu caminho a cavalo e levando o filho em sua companhia; e o Zarolho, por não saber montar, nem querer gastar dinheiro em outro qualquer gênero de locomoção, atirou-se à estrada mesmo a pé. De meia-noite para uma hora, pouco mais ou menos, batia ele à porta da venda do velho José Romão, que já o esperava e onde há muito ressonava o Bernardino.

O velho caboclo estava já mais ou menos a par do negócio que chamava aqueles hóspedes à sua vila, e por isso poucas palavras bastaram ao Zarolho para lhe explicar a parte que ele tinha de desempenhar.

José Romão era um desses entes aptos para todos os misteres, contanto que deles possam auferir qualquer lucro, e por isso sempre prontos a jogar com qualquer sentimento, desde o mais honesto até o mais torpe, desde o mais sublime até o mais miserável. Sem ideia alguma de moral, – nem da moral absoluta que é de uma compreensão difícilíssima senão quase impossível, nem dessa moral convencional e mentirosa das sociedades que se dizem civilizadas – o único móvel que o guiava na vida, o único princípio que lhe determinava as ações, era o interesse, mas o interesse material e sórdido, que quase sempre começava na cobiça e terminava na avareza. Por dinheiro seria capaz de vender o pai ou de matar um filho.

Era amicíssimo do Bigode de Arame e íntimo do Zanolho. Praticara com eles mais de uma gentileza que os poderia encabeçar em qualquer dos artigos do Código Criminal, e entrara de meia em mais de uma façanha criminosa, notavelmente furtos de cavalos e outros dos quais ele se tornara acoitador e agente principal. À vista disto, portanto, não era difícil entenderem-se os dois, e uma vez fixada a sua porcentagem, ficou ele inteiramente acorde e à disposição do Hermínio.

Às duas horas, pois, dormia este a sono solto, e, refazendo-se assim das fadigas da viagem, esperava pelo amanhecer do dia seguinte. Com efeito, ao despontar do sol já ele estava de pé e juntamente o Bernardino. Passando a estrada real por defronte da venda, e ficando esta quase que no centro da vila, pelo menos no local mais povoado, era impossível deixar de passar por ali quem quer que demandasse Jaboatão. O caboclo, portanto, foi posto de alcateia e teve, por então, a missão de espionar a estrada e dar parte de quanto por ela sucedesse de suspeito ou de previsto; isto enquanto os dois amigos e o menino, filho de Bigode de Arame, almoçavam fartamente e esperavam pelo momento de agir, segundo o papel de cada um e conforme se haviam comprometido.

Com pouco ouviu-se o tilintar das campainhas de um carro, e José Romão assinalou a passagem de uma berlinda, com as vidraças fechadas e corridas as cortinas.

– Chegou o Comendador! – murmurou o Zanolho ao ouvido do Bernardino – Leva o menino para o ponto e vamos nós para o nosso posto.

Assim fizeram. Bigode de Arame conduziu o filho para a primeira ponte e, postando-o aí, recomendou-lhe toda a atenção.

– Assim que ele chegar, ensina-lhe o caminho. Se ele vier a cavalo, leva o animal para a casa do seu José Romão; e se vier a carro, manda-o apear no largo e leva-o até à ponte.

O menino ouvia com uma atenção religiosa.

– Sim, senhor – disse ele finalmente.

– Sabe bem onde é? – perguntou o Zanolho.

– Ora se sei! – respondeu o menino – é a primeira vez que venho a Jaboaão?... eu conheço isto aqui a palmos.

– Bem! fica no teu posto e tem cuidado.

– Vosmecê vá descansado. Mas antes de ir, dê-me o fogo.

O menino tirou do bolso um maço de cigarros e escolheu um que começou a preparar. O pai esperou que ele terminasse, e depois apresentou-lhe o fogo com a naturalidade maior deste mundo. Era esta a educação que ele lhe dava.

– Esse tratante irá longe! – disse ele revendo-se no filho.

E assim dizendo, deu-lhe as costas e com o Zarolho tornou a tomar a direção do largo. Seguiram subindo a estrada, até que encontraram o carro, assinalado pelo caboclo, estacionado em frente de uma casa que tinha escritos nas vidraças, e cujas portas, entretanto, estavam abertas.

– Siga você para o seu posto, compadre, – aconselhou o Hermínio ao companheiro – eu entro aqui para levar o Comendador.

– Mas não se demorem.

– Sim.

O Bernardino seguiu em frente e o Zarolho entrou na casa, onde achou o negociante de olhar carregado e extremamente pálido.

É que Jaime havia passado uma dessas noites que deixam vestígios indeléveis e cuja recordação tem a propriedade de encher-nos de terror. Ia vingar-se, é verdade, mas a ideia de que se vai cometer um crime deve por força abalar o espírito mais forte e a constituição mais robusta. Contudo, não se arrependeu nem fraquejou um só momento. Era homem de ferro e a mágoa que o pungia era muito forte; a dor e a vergonha que o guiavam, muito grande; e o ódio que o animava muito legítimo. Pela madrugada, vestira-se com toda a fleugma e resolução; não abriu as vidraças da sala, calculando que Leandro poderia passar pela sua casa antes de ir para Jaboaão, e as janelas fechadas confirmar-lhe-iam o pós-escrito da carta de sua mulher: trancou a porta da sala, e guardou a chave no bolso, a fim de a família não contrariar as suas

disposições e foi tomar o carro, que já havia anteriormente encomendado e que acabava de estacionar defronte daquela casa vazia. Ainda isto fora um rasgo de precaução por parte do negociante. Ao entrar em Jaboaão, indagara do primeiro morador da vila se havia alguma casa para alugar e conforme a indicação que lhe haviam dado fora para defronte dela e obtivera para corrê-la a chave, que estava em mão do vizinho, segundo entre nós é costume inveterado.

Apenas avistou o Hermínio, o negociante perguntou-lhe:

– Já veio o polaco?

– Não o vi ainda – respondeu o Zarolho –, mas também não deve tardar por aí. Que chegue agora ou mais tarde, para nós é indiferente.

– Sem dúvida. Onde está o seu companheiro?

– Seguiu para o lugar.

– Então vamos nós também.

Saíram os dois, mandando o negociante ao boleeiro do carro que o esperasse por ali e seguiram o mesmo caminho que o Bigode de Arame havia tomado. Ao enfrentarem com o lugar onde o rio, sombreado pelo arvoredado basto que o circunda, forma umas ligeiras cascatinhas, – pouco mais ou menos onde hoje está o banheiro do Vasconcelos – deparou-se-lhes o Oscar, que sobraçando uma quartinha e uma garrafa de genebra se dirigia para o banho.

– Oh! – exclamaram os três ao se reconhecerem.

Com efeito, o consciencioso polaco, seguindo a risca as instruções do Hermínio, tomara resolutamente a estrada dos Afogados e, perguntando a todos o caminho, chegara a Jaboaão, tendo passado, na véspera pela povoação do Peres e tendo dormido num rancho um pouco adiante de Tejipió, quase ao chegar à porteira do Engenho Santana.

Ao chegar a Jaboaão, e não encontrando o Hermínio, conforme este o prometera, ficou um pouco enleado, e, como estava cansado da caminhada e coberto de poeira, apeteceu mergulhar nas águas do rio que parecia convidá-lo com o seu

murmúrio suave e a sua limpidez fresca e cristalina. Entrou, portanto, na venda do José Romão onde comprou uma garrafa de genebra, e onde pediu que lhe ensinassem o caminho do banho. A compra da quartinha, – o que seria uma extravagância, aliás, justificada pelo gênio aventureiro do polaco – foi, entretanto, devido à insistência de um matuto que estava na taberna vendendo louça e quis por força que ele lhe comprasse alguma coisa.

O polaco contou tudo isto com grandes risadas de contentamento e terminou por perguntar que extravagância mais lhe importiam como condição para obter a quantia que lhe havia sido oferecida.

– Muito pouco – respondeu-lhe o Comendador – Depois do banho, o Sr. volte pelo mesmo caminho por onde veio, e ao encontrar um carro parado à porta de uma casa, entre nela e me espere.

– Só?

– Só!

Oscar cumprimentou-o sorrindo; desceu por um carreiro sinuoso e pouco íngreme que conduz ao lugar do banho, e o Zarolho, em companhia do negociante, atravessaram a ponte e tomaram a estrada que conduz a Suaçuna, e pela qual, em pouco, se perderam de vista.

Deixemo-los por ora e vamos ao encontro de um outro personagem, por cuja sorte o leitor se deve ter interessado. Queremos falar de Leandro.

A carta de Josefina fora para ele um acontecimento digno de júbilos e prometedora de delícias inefáveis. Leu-a e releu-a ele inúmeras vezes, cada vez mais alegre e mais satisfeito. À noite, em casa de Celeste, onde ele apareceu, a sua distração tornou-se notada e era, com efeito, tão grande que nem sequer deu atenção à grave novidade da noite e à notícia que lhe dava a dona da casa de que estava terminada a festa para ela e que, portanto, regressaria no dia seguinte para a Passagem da Madalena.

Em outra qualquer ocasião, seria esta uma boa notícia para o rapaz, naquele momento, porém, nem sequer ouviu o que lhe dizia a sua antiga amante, e muito menos se impressionou com o olhar expressivo e ciumento com que ela o envolvia. Estava longe o pensamento do rapaz. Atravessava os espaços, precedia o tempo, e via-se já em Jaboatão, em algum dos seus recantos pitorescos, à sombra das suas árvores frondosas, talvez à margem amena do seu rio.

Recolheu-se cedo o mancebo e a noite passou-se toda para ele num sono nervoso e interrompido, ora pelos sonhos mais fagueiros, ora pela vigília forçada, mas cheia de castelos azuis de uma fantasia exaltadíssima, e embalado sempre pelas esperanças mais inefáveis e pela satisfação mais completa e mais legítima.

No primeiro ônibus que partiu do Monteiro, – e que era então a condução habitual daquele arrabalde para a cidade – embarcou Leandro para o Recife. Ia cheio de impaciência e de agradável comoção. Nunca estivera assim. Parecia que tudo lhe sorria e que a vida tinha para ele encantos até então desconhecidos, ou pelo menos nunca experimentados.

Apenas chegou à cidade, correu a uma cocheira à Rua da Roda e alugou um cavalo. Não escolheu um animal bonito nem de andares, coisas essas que sempre recomendava e de que era exigente. Pediu um cavalo que corresse. Pretendia fazer toda a viagem a galope. Tinha pressa de chegar a Jaboatão. Impelia-o o amor, atraía-o o destino – se é que haja destino neste mundo.

Apenas cavalgou, fez o seu itinerário pela Rua Nova e foi passar pela casa do negociante. As vidraças e portas das janelas estavam hermeticamente fechadas. Olhou para a loja e só viu os caixeirinhos.

– Já foram! – murmurou consigo mesmo, cheio de uma nunca experimentada comoção.

E, cravando as esporas no cavalo, deitou-o a todo o galope. Começou a devorar o espaço e sem parar, quase de um só fôlego, venceu as quatro léguas que separam o Recife de Jaboatão. Foi uma corrida vertiginosa e fantástica. De vez em quando levava a

mão ao coração, não para conter-lhe as pulsações desordenadas, mas para apalpar a carta de sua amante que ele guardava no bolso como um talismã de felicidade.

Ao atravessar a primeira ponte da vila, sempre a galope, ouviu uns psius repetidos e distintamente o seu nome pronunciado por uma voz ofegante e insistente. Parou o cavalo e voltou-se no selim. O filho do Bigode de Arame corria para ele, sorrindo e dando-lhe com as mãos. Leandro reconheceu-o logo.

– Oh! Você por aqui?

– Eu vim com minha ama – disse ele com toda a naturalidade – e estava aqui à espera de vosmecê.

Leandro apertou o seio e sentiu-se ainda mais comovido.

– Ela já veio?

– Já sim, senhor.

– Desde que horas?

– Nós chegamos aqui às 9 horas.

Leandro consultou o relógio: eram mais de 11 horas. Josefina devia estar impaciente.

– E onde está ela? – perguntou o rapaz.

– Eu vou ensinar a vosmecê – respondeu o rapazinho.

E assim dizendo deu a andar em direção ao largo, e foi direto à taverna do José Romão.

– Vosmecê deixe o cavalo aqui – disse ele – vamos mesmo a pé.

Leandro apeou-se e entregou o cavalo ao velho caboclo. Achava tudo aquilo natural, e só de uma coisa se preocupava – chegar onde estava a sua amante. Seguiu, portanto, o rapazinho, absorvido em seus pensamentos e prelibando o gozo infinito que ia ter. Ao passar pela casa com escritos, viu o carro parado à porta e a figura aloirada do polaco passeando pela sala.

– É aquela a casa – pensou ele, sentindo como que o choque de uma pilha – e aquele sujeito é sem dúvida o senhorio. Perguntou então ao seu guia:

– É ali que ela está?

– Não, senhor – respondeu ele, sempre sorrindo – vosmecê já chega. Continuaram a seguir pela estrada, até que chegaram à ponte que une o caminho de Santo Antão ao caminho de Suaçuna. O menino então parou.

– É aqui? – inquiriu Leandro admirado, volvendo os olhos ao redor.

– Qual aqui! – retrucou-lhe o rapazinho – Vosmecê atravesse a ponte e siga em frente por aquela estrada a fora.

– E ela está lá?

– Está, sim, senhor.

– E foi só?

– Sozinha. Vosmecê, assim que dobrar aquele cotovelo, a encontra, porque ela está lá esperando desde as dez horas.

Leandro sorriu-se com alegria; gratificou o rapazinho, e dobrando o passo com ligeireza e impaciência, seguiu as instruções que lhe acabavam de dar. Com pouco dobrou o cotovelo do caminho e alongou a vista para a frente. Não viu ninguém. A paisagem que se estendia a seu lado era árida e tostada pelo sol; grandes capoeiras marginavam a estrada. Apenas ao longe, e um pouco para o lado, descobria o rapaz uma palhoça.

– Talvez seja ali que ela me espera – pensou ele.

E imediatamente, obliquando o caminho, dirigiu-se para lá com toda a sofreguidão e confiança. Tinha dado, porém, alguns passos por uma picada, quando estacou violentamente, empalidecendo e abafando um grito de terror. Saltara de uma das moitas do caminho e erguera-se diante dele o vulto aterrador do negociante. Jaime Favais estava fulo de raiva e o ódio incendiava-lhe os olhos com lampejos fulminantes.

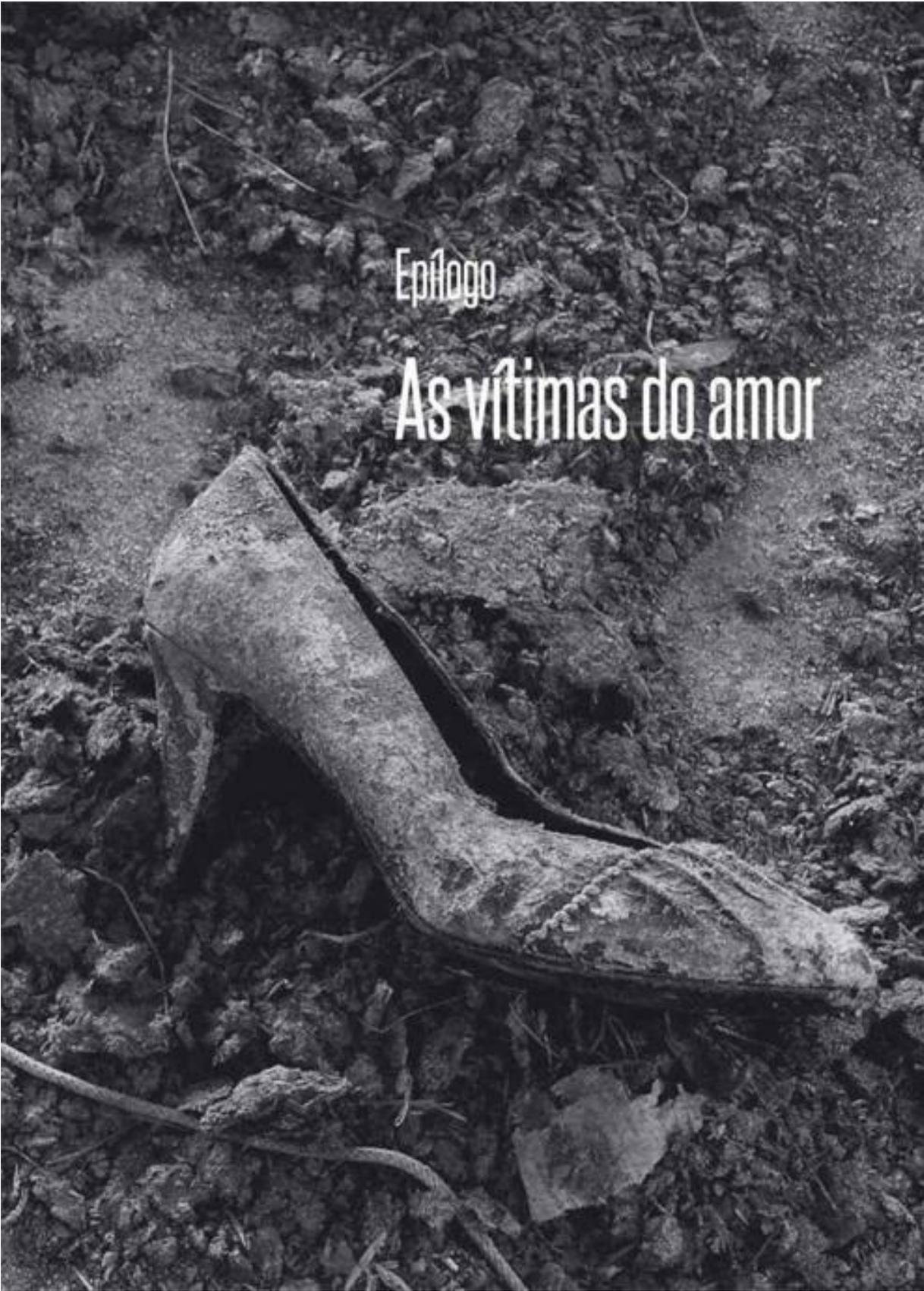
– Ah! – rugiu ele com os dentes cerrados, e com os lábios arregaçados num rítus de fera – Ah! miserável!

E ao mesmo tempo, caindo sobre Leandro, com uma cólera cega, esbofeteou-o em ambas as faces e procurou agarrá-lo pelo pescoço. Exaltava-o o furor e era sua intenção estrangular o

mancebo com as suas próprias mãos. Leandro, porém, passado o primeiro estupor, conheceu o laço em que caíra, o perigo que corria, e repeliu energicamente a agressão procurando agredir por sua vez.

Abotoou rapidamente o paletó, como para oferecer menos presa e dar mais elasticidade ao corpo e precipitou-se sobre o negociante, resolvido a vender caro a sua vida. Jaime, com os olhos injetados e a ranger os dentes como um tigre enraivecido, recuou precipitado como a querer aparar-lhe o ímpeto. Leandro caiu sobre ele e ia atingi-lo, quando se sentiu violentamente agarrado pelos cabelos e empuxado para trás. Eram o Bigode de Arame e o Zanolho que vinham em socorro do negociante. Leandro, por efeito do choque, dobrou os joelhos e levantou a cabeça para trás descobrindo todo o queixo. O Hermínio aproveitou ardeiramente a posição e disparou-lhe à queima-roupa o revólver que, na véspera, o Oscar lhe havia dado.

Leandro caiu instantaneamente, banhado em sangue. A bala despedaçara-lhe a maxila, e seguindo uma direção completamente reta, fora sair no alto da cabeça, bem no centro da calota. Estava morto.



Epílogo

# As vítimas do amor

## I Recapitulação necessária

Chegamos à ultima parte deste romance que, aliás, é um dos muitos episódios verdadeiros e misteriosos da história secreta da nossa província, e, para inteira compreensão do leitor, é indispensável uma ligeira recapitulação, ou antes, avivamento da memória com relação aos pontos que não foram explicados ou que lhe pareçam obscuros.

Antes, porém, e para terminar por uma vez com o episódio que fecha a segunda parte, dir-lhe-emos sucintamente o quanto baste para esclarecer o caso, e que é justamente o que sucedeu depois de consumado o assassinato de Leandro.

Estava satisfeita a vingança do negociante. Jazia a seus pés o cadáver daquele que o havia ofendido não só na sua honra de esposo, como também na sua felicidade de homem. Roubara-lhe o baiano o que ele tinha de mais caro na terra – o amor de sua mulher; destruíra o que ele possuía de mais estável e seguro; – a tranquilidade do seu lar; mas pagara com a vida aquele roubo da felicidade alheia.

Jaime estava satisfeito. Nem por isso, porém, amortecera o seu ódio. Como o Kaiyd de Chantaryn de que fala a lenda de Alexandre Herculano, o negociante chorou com a morte rápida do rapaz; chorou, porém, por não poder vingar-se mais ainda. Mil vidas que ele tivesse, e seriam poucas para satisfazer a sua sede de castigo, para nelas o negociante cevar o seu ódio insaciável e infinito. Contemplou, portanto, o cadáver do baiano durante alguns minutos, e depois, afastando-o com a ponta do pé, não para poder passar, mas antes para ter o gozo feroz de tocá-lo com este último gesto de desprezo, voltou-se para os seus dois cúmplices e disse-lhes:

– O resto é com os senhores.

E afastou-se daquele lugar a passos lentos e com os sobrolhos contraídos. Ao chegar à casa a cuja porta estacionara o carro, fechou-a, entregou a chave ao vizinho, pedindo desculpa pelo incômodo e declarando ter encontrado outra melhor. Então

embarcando o Oscar, tomou o caminho do Recife. Foi ele próprio quem entregou ao polaco a quantia estipulada, e providenciou tudo quanto lhe era necessário para a viagem. Com efeito, nesta mesma tarde seguiu o seu cúmplice passivo para o sul num patacho inglês, e se inscrevera a bordo sob o nome de Leandro Dantas. Fora feita a substituição, e estava preparado o álibi que deveria pôr o Comendador e os seus verdadeiros cúmplices a coberto de qualquer suspeita e de qualquer acusação.

De algumas coisas que faltavam para completar as aparências de um suicídio e para justificar a falsa identidade, que foi mais tarde averiguada e comprovada, incumbiram-se os dois agentes subalternos, os dois cúmplices ativos. O Zarolho e o Bigode de Arame não haviam ficado inativos nas capoeiras de Suaçuna. Colocaram o cadáver na posição, em que mais tarde foi encontrado e reuniram ao redor dele todos aqueles elementos que foram achados e serviram para comprovar que o suicida era o polaco. Entre esse elementos figuravam o revólver, e, como objetos de primeira necessidade e mais robustas provas de convicção, a quartinha e a garrafa de genebra, que o Hermínio fora procurar e que encontrara abandonadas no local dos banhos, justamente no emaranhado que formam as raízes de uma árvore frondosa que sobre o rio se debruça.

Tomadas todas essas medidas, afastaram-se os dois amigos do lugar do crime, com a consciência tranquila de quem acaba de consumir um ato meritório, e certos de que ninguém os incomodaria, caso fosse o cadáver descoberto.

Não foram incomodados, é certo, mas raspam o seu susto e viram-se, por esse crime, envolvidos em outros, que os obrigaram a esconder-se. O Hermínio havia-se esquecido de revisar um dos bolsos do casaco de Leandro e deixara aí – nem tudo lembra após um ato como aquele – a carta de Josefina. Ao ser o cadáver descoberto pelos urubus e mais tarde pela polícia, foi encontrada essa carta, e ao ser noticiado o fato pelo *Jornal do Recife* e pelo *Diário*, foi essa circunstância a que mais impressionou o Zarolho e o fez correr apressado e cheio de susto à casa do Comendador.

O que resultou dessa visita foi o objeto da primeira parte deste episódio, e consta das diversas peripécias de que o leitor deve lembrar-se. Eis aqui quais eram as respectivas posições dos diversos personagens que figuram nesta história, quando fomos obrigados a interromper o fio da nossa narrativa, para contar as ocorrências anteriores e apresentar as causas primárias e influências dos fatos lógicos e por consequência fatais que estavam passando com o Comendador e sua família.

O Jereba, o nosso simpático e pândego investigador, depois de reconhecer o cadáver do amigo, e por querer divulgar a sua descoberta, lá ficou ferido em Jaboaão e, por consequência, impossibilitado de trazer ao comitente e amigo, o caixeiro João Favais, a notícia e o resultado das investigações de que fora encarregado. O Hermínio e o Bigode de Arame haviam se sumido, após a interrupção do baile de Sinhá Nenê, e depois do rapto do Jereba pelos braços robustos e misteriosos que tão a tempo o tinham vindo salvar, e com ele se perderam nas sombras da noite e na distância do caminho.

Quanto à família do negociante, a situação era mais grave e também muito mais incompreensível. Em um quarto da casa de Celeste, deixamos Josefina em completo delírio febril, seu pai em extremo surpreendido, cheio de dor e indignado com as confissões escandalosas, embora incoerentes, da moça e Clotilde a seus pés, completamente desmaiada, após a luta que com ele travara para afastá-lo e principalmente depois de ter ouvido a estranha e criminosa revelação de sua mãe.

Tal era a situação das duas senhoras. Quanto ao próprio Comendador, andava nesse momento por Jaboaão e na sua volta, o leitor deve lembrar-se de que encontrara a casa completamente vazia e como que abandonada. Ignorando as causas verdadeiras daquele abandono, mas atribuindo-o à realização da ameaça que a mulher lhe fizera de retirar-se para a casa de seu pai, não se abalara muito com isto e tratara de outras coisas que julgava mais urgentes e de tomar medidas que lhe pareciam mais necessárias.

Havia acompanhado o inquérito procedido em Jaboaão, e sentando-se em frente da secretária, escrevera cuidadosamente uma carta, disfarçando a letra o mais possível, fechara-a depois com uma fotografia, endereçando tudo ao chefe de polícia. Era a fotografia um retrato do polaco que ele havia subtraído quando estivera no seu quarto e uma carta anônima remetendo-a ao seu destino. Era, na sua opinião, um golpe de mestre, golpe que, junto ao inquérito procedido sob as suas vistas, deveria cortar de todo a questão. Estava tão convencido desta verdade, que, ao terminar a sua tarefa, exclamara triunfante:

– Depois disto, veremos se haverá ainda alguma dúvida a respeito da identidade do cadáver!

Ao que lhe respondera da porta uma voz severa e trêmula, porém cheia de ironia. Tal era a cena que se passou à volta do negociante e com a qual fechamos a primeira parte desta história.

Ao ouvir a interrupção intempestiva e inesperada, o Comendador ergueu-se de um salto, assombrado, com os cabelos eriçados, e, voltando-se rapidamente para a porta, lançou mão de um revólver. Não fez uso dele, porém; e recuara imediatamente dando um grito rouco e estrangulado como se estivesse diante de uma aparição fantástica e medonha. É que havia dado com o rosto severo e o olhar cheio de cólera do seu sogro, o venerando Comendador Antônio Braga.

Reatemos agora o fio interrompido da nossa narrativa, e expliquemos o aparecimento do velho Comendador em casa do seu genro.

Para isto, porém, faz-se mister voltarmos ao quarto de Celeste e retomar a narrativa do ponto em que a interrompemos com o grito desesperado, enorme e dilacerante de Clotilde.

## II Como se descobrem as coisas

Ao dar aquele grito estrídulo, tradutor de uma dor enorme e cruciante, Clotilde perdera os sentidos e estendera-se no chão como uma massa inerte. O avô precipitou-se imediatamente para ela e erguendo-a, em seus braços robustos, como se o fizesse a uma criança, foi depô-la na própria cama, onde Josefina tornara a cair, inanimada e extenuada pelo esforço que fizera para pronunciar as funestas palavras que haviam causado tanto espanto.

Ao mesmo tempo entrava no quarto a mulher de Cavalcanti, acompanhada pelo médico, que mandara chamar, e corria pressurosa em socorro de sua amiga. Diante dela, porém, ergueu-se a figura veneranda, e naquele momento decomposta pela agonia e pelo desespero, do Comendador, e empolgando-a violentamente pelo pulso, como se quisesse arrastá-la consigo, murmurou com voz sufocada e estrangulada:

– Uma palavra, minha senhora!

Celeste recuou aterrada ante aquele insólito tratamento, e, mal erguendo os olhos para o velho, perguntou trêmula e medrosa:

– Que me quer, Sr. Comendador?

– Uma palavra! apenas uma palavra! – respondeu ele como se não pudesse dizer outra coisa.

Ao mesmo tempo, o médico indagava do que tinha acontecido, e da causa por que o haviam mandado chamar. Celeste explicou-lho em rápidas palavras e o Comendador acrescentou em tom breve e sacudido:

– É um desmaio em minha neta.

E voltando-se para Celeste, cujo pulso não largara, continuou no mesmo tom:

– Vamos, minha senhora, preciso falar-lhe. O médico dirigia-se para a cama.

– Estou às suas ordens – respondeu a moça ao pai de sua amiga, reassumindo um pouco o sangue frio – porém, por enquanto

sou necessária aqui para esclarecer o doutor e para prestar-lhe qualquer auxílio no cumprimento do seu dever.

Antônio Braga caiu em si e abriu os dedos, que se haviam crispado e apertavam o braço da moça como se fossem molas de aço. Celeste, solta então, correu ao leito onde jaziam as duas senhoras. Clotilde fizera alguns movimentos, e apresentava os sintomas de uma crise nervosa violentíssima, de um ataque histérico formidável. Com pouco os seus gritos agudos e extraordinários repercutiam por toda a casa, e os seus movimentos se tornavam sacudidos, convulsos, violentos, como o distender de molas metálicas.

O médico correu a socorrê-la, e, para dirigir-lhe os movimentos, e evitar que ela se ferisse, segurou-lhe naturalmente nos pulsos. Celeste, por sua vez socorreu-a com os antiespasmódicos de uso e quase sempre familiares a todas as senhoras.

A crise percorreu todos os seus trâmites naturais, e daí a meia-hora, pouco mais ou menos, após um ligeiro coma seguido de uns trismos sem consequência, começou Clotilde a tornar a si, como quem desperta de um sono magnético.

O médico, que durante todo o último período do ataque, consultara silenciosa e insistentemente o pulso de Clotilde, dirigiu-se sorrindo para Celeste e para o Comendador ao mesmo tempo, e disse com esse ar tranquilizador que os médicos sabem tomar quando conhecem que um doente não tem perigo:

– Não foi nada. Podem dizer ao marido dessa senhora que por ora não tem nada a recear. Mas é prudente que ela evite as comoções fortes, ao contrário pode abortar.

O Comendador estremeceu insensivelmente e sentiu-se empalidecer. Passou-lhe pelo espírito, rápida como a faísca do raio assolador, a lembrança das revelações custosas que a neta lhe começara a fazer pela manhã e que fora obrigada a interromper pela notícia do perigo em que se achava sua mãe e o consequente chamado de Celeste. A mulher de Cavalcanti, porém, recebeu as palavras do médico com uma espontânea e estridente gargalhada:

– Ora, doutor! – exclamou ela, com malícia e zombaria – Clotilde é solteira.

– Ah! – murmurou o médico, compreendendo imediatamente a situação, e lançando de soslaio os olhos para o velho Comendador.

Depois, com certa gravidade, tornou a consultar o pulso da moça, e, sorrindo com fingido ar de franqueza, disse para Celeste:

– Que quer Vossa Excelência?... a ciência não é infalível e o médico muito menos. Com efeito, enganei-me!

E acrescentou logo, afastando-se de Clotilde.

– Ei-la que volta a si, completamente. É bom usar de banhos salgados. Seria conveniente ir para Olinda ou para a Boa Viagem.

Josefina fazia também alguns movimentos, e as atenções do médico se voltaram para ela.

Celeste teve de repetir-lhe a história do incômodo de sua amiga – fora ele quem viera vê-la a primeira vez e a receitara – e Antônio Braga foi obrigado a narrar o delírio e mais causas que haviam motivado o segundo chamado, sem, contudo, já se vê, pô-lo ao fato das estranhas revelações escandalosas, que importavam na confissão de um crime e de uma vergonha.

O médico declarou a recaída perigosa e depois de ensopar-lhe a cabeça com panos de linho embebidos em água sedativa, de queimar-lhe os pés com sinapismos de mostarda, e de ameaçá-la com bichas atrás da orelha, sais de Epsom, bromureto de potássio e não sei que mais, levantou-se para sair e recomendou para a doente um repouso absoluto e um tratamento antiflogístico, hipnótico, diaforético e febrífugo!

– É possível transportá-la para a sua casa? – perguntou o Comendador.

– De forma alguma! – atalhou o digno esculápio – Por hoje é absolutamente impossível.

E depois de uma grande e incompreensível dissertação sobre os inconvenientes e sobre o abalo de um transporte em tal estado, o doutor saiu, prometendo voltar se o caso se tornasse renitente ou se aos seus amigos aprovesse mandá-lo de novo chamar.

Josefina melhorava a olhos vistos, e ao exaltamento febril que lhe produzira o delírio, sucedera um estado de prostração, ou antes, de calma, uma tranquilidade aparente e, para o pai e amiga, completamente animadora. Clotilde havia-se sentado e completamente muda, fitava sua mãe com uma persistência hiperbólica e uma expressão indefinível de estupidez e de despeito.

Ficando sós, Celeste e o Comendador se fitaram mutuamente. O velho caminhou para ela com toda a majestade de sua velhice, e falou-lhe com um estranho acento de solenidade intimativa:

– Creio, minha senhora, que é indispensável haver entre nós uma explicação.

– Explicação de quê?

– Das causas daquele incômodo de Josefina.

– Não lhas disse já?

– Mas eu não acreditei nelas, minha senhora. Há entre Vossa Excelência e minha filha segredos que eu preciso saber, segredos que ela mais ou menos revelou no seu delírio, mas cuja confirmação ou negação necessito ouvir de seus lábios a fim de poder saber toda a verdade e avaliar a extensão da vergonha de minha família e da desgraça de minha velhice.

– E o que foi que Josefina revelou?

– Infâmias! Misérias!

Antônio Braga narrou toda a cena do delírio, sem omitir a mínima circunstância. Celeste estava aterrada, e de vez em quando cobria o rosto com as mãos como se a vergonha avivasse aí as rosas do pudor. Por fim ergueu a cabeça.

– E se eu não quiser dizer-lhe coisa alguma? Se recusar falar?

O Comendador cresceu para ela, e fulminando-a com um olhar severo e cheio de ameaças, lhe disse fria e lentamente:

– Em tal caso eu iria perguntá-lo a seu marido.

Celeste deu um salto, como tocada pelo choque de uma pilha, e pelo seu rosto estampou-se uma contração pálida e horrível de terror.

– Ah!... não! não! – gritou ela, quase a tremer. – Ele seria capaz de matar-me.

– Neste caso...

– Eu lhe conto tudo, eu lhe conto tudo!

O velho inclinou-se com aquiescência, e foi buscar uma cadeira.

– Aqui, não! – observou Celeste, submissa – Passemos à minha sala onde estarei em mais liberdade e onde só o senhor me poderá ouvir.

O Comendador curvou-se novamente, e seguiu a mulher de Cavalcanti, sem pronunciar uma palavra. Ia com o coração oprimido e a fronte contraída. Celeste, essa o guiava resignada, mas de vez em quando a estremecer com contrações nervosas e violentas.

Apenas, porém, os dois deixaram o quarto, Clotilde pareceu desperta da espécie de letargo estúpido, em que estava, e acompanhou-os com o olhar. Ao mesmo tempo errava pelos seus lábios um sorriso mau e cheio de ironia. Os olhos despediam centelhas de ódio, e os músculos do rosto contraíam-se dando-lhe à fisionomia uma expressão de dureza e de energia até então desconhecidas.

Deixou passar alguns segundos e depois desceu da cama e pé ante pé tomou a mesma direção que Celeste e seu avô haviam tomado. Era manifesta a sua intenção: queria ouvir também o que a moça ia contar.

Ao atravessar a sala de visitas, viu por uma das janelas Cavalcanti, que entrava no jardim. Um fulgor diabólico passou-lhe pelos olhos e o seu riso mau acentuou-se de uma forma ainda pior. Dirigiu-se então ao pequeno terraço da entrada, e no alto da escada esperou pelo senhor de engenho.

– Oh! minha Senhora! – exclamou este apenas a viu.

– Não fale! – murmurou Clotilde levando o dedo aos lábios.

Cavalcanti parou de súbito, e enleado fitou nos olhos dela os seus olhos curiosos e interrogativos.

– Foi Deus quem o trouxe neste momento – disse a moça, abaixando a voz e empregando um tom solene e cheio de mistérios.

Temos muito que conversar, ou antes, muito que ouvir.

– Que ouvir? – perguntou maquinalmente o senhor de engenho, sem compreender coisa alguma.

– É verdade – confirmou ela – mas nem um gesto, nem uma palavra! Não faça a menor bulha.

Assim dizendo, Clotilde segurou Cavalcanti pelo braço e fê-lo entrar com cautela e sem barulho.

– Mas não me dirá Vossa Excelência..? – começou ele a perguntar.

Terá a explicação de tudo depois! – sussurrou a moça aos seus ouvidos. E com pés de lã, mas com incrível rapidez, guiou o seu companheiro até a porta da sala de Celeste, e fazendo-o espreitar pelo buraco da fechadura, o obrigou a ouvir tudo quanto se dizia.

### III As ideias do Sr. Antônio

A parte da casa a que Celeste chamava pretensiosamente – minha sala – era um gabinete de costura que ficava colocado entre a sala de visitas e o quarto de dormir, comunicando com ambos por duas portas fronteiras. Meio *toilette* e meio saleta, estava mobiliada com uma rara e bem combinada elegância, que atestava o bom gosto e a riqueza de sua proprietária. Era aí que a formosa quartã costumava receber as suas amigas mais íntimas e isolar-se quando queria entregar-se aos seus pensamentos inconfessáveis, sem que a presença do marido a fosse interromper, ou perturbar.

Foi para aí, portanto, que conduziu ela o velho Comendador, como o lugar mais apto e mais seguro para a extraordinária conferência que lhe era imposta por um modo tão violento e intempestivo. Apenas entraram, o Comendador, a convite de Celeste, sentou-se gravemente em uma poltrona, e a moça ocupou um sofá, a cujo lado ela ficava. Estava visivelmente contrariada, e conhecia-se que era à força e sob uma pressão dominadora de medo e de despeito que ia entrar em explicações e que se sujeitava à imposição do pai de sua amiga.

Por um momento conservou os olhos baixos, como se temesse fitar o semblante severo e ríspido do seu interlocutor, mas vencendo por fim o seu enleio e fazendo sobre si mesma um esforço extraordinário, encarou o velho capitalista e falou-lhe desta forma:

– Sr. Comendador, compreende perfeitamente o sentimento a que sou forçada a ceder e que me obriga a contar-lhe coisas que deveriam para sempre ficar sepultadas no segredo mais absoluto e impenetrável. Confio, entretanto, que o senhor seja bastante discreto, e sobretudo bastante homem de bem para não abusar do que vai saber, que é segredo de uma mulher, segredo do seu coração, segredo da sua alma, único mistério da sua existência, que, se no silêncio da ignorância pode apenas torturar a sua vida e enchê-la de remorsos, desde que for divulgado, acarretará talvez a sua morte, e, o que é mais, a maldição do seu passado e a

vergonha do seu filho. Espero, portanto, de sua lealdade, que o que Vossa Senhoria vai ouvir e exigiu que eu lhe contasse, não passe daqui nem chegue aos ouvidos de meu marido.

– Minha senhora, o único interesse que me guia é saber a verdade acerca de minha filha. Com os seus segredos diretamente nada tenho, e deixá-los-ia em paz, como os deixarei, se Vossa Excelência julga que pode prescindir deles para esclarecer os fatos que desejo saber e que, tendo levado minha filha àquele estado, são os únicos que me interessam. Peço, portanto, a Vossa Excelência pura e simplesmente contar-me o que se passou de verdadeiro entre ela e Vossa Excelência, sem que precise para isto desvendar os mistérios de sua alma e abrir de par em par as portas secretas do seu coração.

– Mas para narrar-lhe o que se passou entre nós, para que Vossa Senhoria o compreenda, é necessário, é indispensável entrar nessas explicações de que o senhor quer prescindir.

– Neste caso, minha senhora, pior para Vossa Excelência, mas não se aflija, nem se atemorize; o seu segredo, por mais terrível que seja, ficará sepultado no meu peito, como um túmulo lacrado, e sob a guarda da minha honra. Agora, suponho que não demorará por mais tempo as explicações que solicito.

Assim dizendo, o velho inclinou-se um pouco para Celeste e tomou uma posição de quem espera e se prepara para ouvir com toda a atenção.

Havia reinado em todo esse diálogo um tom de tanta cerimônia, de tão mútuo e nobre respeito que a moça se sentiu coacta e não sabia bem como encetar a sua narrativa, ou antes, a sua confissão. Era, porém, forçoso sair de semelhante situação, que, a prolongar-se, se tornaria ridícula, e Celeste, exalando um profundo e prolongado suspiro, resolveu-se a encetar a narração exigida, e começou a falar com dificuldade, reticências, hesitações e um acanhamento compreensível e, aliás, justificado.

A revelação, pois, feita por Celeste, se pôde satisfazer a expectativa e a impaciência do capitalista, é contudo deficiente para o leitor, se por nossa vez não procurarmos completá-la.

Portanto, pedimos-lhe licença para tomar a palavra e substituir a nossa prosa à narrativa incompleta da moça. Precisamos assim retroceder alguns dias e ir ao encontro dos personagens que deixamos, na noite fatal da bandeira do Poço, estáticos e indiscretos defronte da casa onde havia uma partida.

Calu, Marocas e os seus dois acólitos só se retiraram do seu posto de observação, quando soou a última nota da orquestra, e depois que viram retirar-se Leandro e Celeste, a quem muito naturalmente o rapaz acompanhara. Aquela contemplação de uma *soirée* e principalmente de uma mulher, assim ao relento e durante toda uma noite, adubada de mais a mais pelas judiciosas observações da inveja de uma, dos cálculos de outra, e do espírito de todos, fez nascer no bestunto de seu Antônio, ou melhor, fez tomarem mais vulto e mais consistência umas ideias que, a propósito do namoro do filho da sua amásia com a mulher do senhor de engenho, já lhe haviam despertado os instintos sórdidos de especulação e de interesse.

Durante a volta e ainda mais pelo correr dos dias seguintes foi amadurecendo a concepção e acabou por formular nitidamente um plano, digno de seu gênio financeiro e de sua alma de ganhador. Para realizá-lo, esperava só por ocasião oportuna, e esta não se fez esperar.

Uma manhã, abrindo o *Diario de Pernambuco*, de que era assinante – o *Diario* é o jornal predileto do comércio –, deparou-se-lhe o nome de Leandro Dantas como passageiro de um patacho inglês que seguia para o Sul. Se a sua surpresa foi grande, foi ainda maior a sua alegria. A ausência do rapaz auxiliava extraordinariamente a realização do seu plano de ganância e lhe ofereceu a oportunidade desejada. Restava-lhe somente uma coisa: resolver Calu a cooperar com ele na realização da sua ideia grandiosa. Isso, porém, ser-lhe-ia fácil, e para arrancar o consentimento e obter a cumplicidade da amiga não recuaria diante de meio algum, fosse qual fosse. Meteu, portanto, o *Diario* debaixo do braço e correu à casa da Rua do Martírios.

– Olhe! leia! – foi exclamando esbaforido e metendo a folha pelos olhos da Calu – o belo do seu filho raspou-se sem tir-te nem guar-te, à laia de quem foge! Nem sequer despediu-se de você!

– O quê, seu Antônio!

– Veja! ande! aquilo é um ingrato, e não fez isto senão por causa daquela desavergonhada, mulher do tal figurão da Passagem da Madalena.

A Calu lembrou-se da conversação que tivera com o filho, e na qual ele lhe manifestava a apreensão de um perigo que o ameaçava e que talvez o obrigasse a fugir para a Bahia, e murmurou, cheia de indignação e de raiva:

– É isto! Descobriu-se a patifaria e o rapaz foi forçado a pôr-se a panos. Esses Cavalcantis sempre tiveram fama de assassinos!<sup>29</sup>

– Qual Cavalcanti, qual nada! Quem tem culpa de tudo é a mulher, e era essa uma boa ocasião de você não só vingar-se dela como também de tirar o seu ventre de misérias – aconselhou arteiramente o vendilhão, tocando na fibra mais sensível da baiana.

– Ah! se eu pudesse! – exclamou a Calu com expressão de ódio e a fulgurarem-lhe os olhos com a perspectiva de uma vingança que humilhasse aquela fidalga, que tinha a desfaçatez e a prosápia de querer valer e de realmente valer mais do que ela, unicamente porque era rica, e aristocrata, ao passo que, pelo proceder e pela infâmia, lhe ficava muito abaixo.

– Pode! pode! – afirmou seu Antônio – porque não há de poder?

– E como, homem de Deus?

– Como?!... eu lhe explico.

E o português, aproximando-se mais dela, encetou a exposição minuciosa do seu plano, e atacou a lista das vantagens e proventos que a sua ideia lhes daria. Era com efeito grandioso o projeto do tendeiro, grandioso e digno de um tratante. O Hermínio, – o famigerado Zarolho – em circunstâncias idênticas não seria capaz de concebê-lo tão completo.

Enquanto falava o português e expunha com franqueza os meios de que se poderia lançar mão para obter um resultado favorável e infalível, os olhos da Calu brilhavam de cobiça e satisfação. Com efeito, tinha o projeto do seu amigo dois proveitos: proporcionar-lhe uma vingança e fornecer o seu mealheiro. Ao terminar seu Antônio, estava a amásia completamente convencida, e foi resolvido que ela entraria em campanha, logo na semana seguinte. A demora de alguns dias era necessária não só para a astuta baiana preparar o ânimo e familiarizar-se com o papel que tinha de desempenhar, como também para verificar-se de certas coisas necessárias acerca dos hábitos de Celeste, de seu marido e dos costumes de sua casa.

Conseguido tudo isto, chegou o dia aprazado para a realização da ideia do Sr. Antônio, e a Calu, vestindo-se do modo mais adequado à situação que ia criar, e ao papel que tinha estudado, tomou a direção da Passagem da Madalena e foi bater ao portão da chácara de Cavalcanti. Passava-se isto na terça-feira, 23 de fevereiro, justamente no dia em que os jornais da cidade noticiavam o descobrimento do cadáver de Suaçuna.

Cavalcanti havia saído muito cedo para o escritório, conforme era seu costume, e a Calu não ignorava essa circunstância. Ao abrirem-lhe o portão não disse quem era e entrou alegando pura e simplesmente urgente necessidade de falar com a mulher do senhor de engenho sobre assunto muito grave e que muito de perto a interessava. A baiana usou dessa linguagem misteriosa e insinuante de propósito, para exaltar a curiosidade e, como se diz, pôr uma pedrinha no sapato de Celeste.

– Assim ela me recebe mais depressa – pensou a arteira e velha raposa e acrescentou em forma explicativa – quem anda aos porcos, em toda a parte eles roncam.

Com efeito! A Calu tinha razão. Foi imediatamente introduzida e, ao chegar na sala, já achou a rapariga à sua espera. Curiosa e mais do que curiosa, sobressaltada com o recado intimativo que recebera, Celeste estava um pouco pálida. Verdade é que não era isto devido unicamente àquele encontro, cujos motivos ela

ignorava, e cujos resultados, aliás, não podia prever. Outras coisas concorriam para pô-la naquele estado, e a Calu ia encontrá-la numa situação deplorável de sobreexcitação e de agonia. Há sete dias que havia regressado do Monteiro, e desde então não vira o amante uma só vez, não tivera nem sequer notícias dele.

Com muita dificuldade, conseguira mandar saber ao Monteiro o fim que ele havia levado, e ali também não o tinham visto senão até o dia 16 pela manhã, quando embarcava no ônibus. Não tendo Leandro se despedido, nem manifestado nunca a intenção de ausentar-se para qualquer viagem, não passou pelo espírito da rapariga ler a lista dos passageiros, saídos naqueles dias, principalmente dos passageiros de um patacho, e de mais a mais quando ela andava ocupada com as arrumações inevitáveis depois de uma mudança, arrumações essas que são feitas sempre sob as vistas imediatas de qualquer dona de casa brasileira.

Ignorava, portanto, a causa da ausência do seu amante e entregava-se à melancolia e ao desespero que lhe causavam a ignorância do seu destino e a incerteza dos motivos que o afastavam dela. O ciúme acordava violento e a insônia, a palidez e a sobreexcitação nervosa eram o resultado disto tudo.

Tal era o estado em que a Calu encontrava a mulher de Cavalcanti.

## IV Ou dente ou queixo

As duas mulheres contemplaram-se mutuamente durante alguns segundos. Parecia que se estudavam ou que mediam as próprias forças antes de se empenharem numa luta imprevista e desigual. Depois, a Calu, desviando lentamente o olhar dos olhos da mulher do senhor de engenho, voltou-o com toda a curiosidade ao redor de si, e deteve-o em cada objeto que a cercava como se procurasse fazer inventário de tudo e avaliar com exatidão o preço de todas aquelas riquezas e de tantas coisas supérfluas do luxo e da elegância. Dominava-a um certo ar de cobiça e a inveja transparecia da expressão de sua estranha fisionomia.

Com efeito, o português a havia prevenido do valor monetário da família Cavalcanti, e do tratamento que mantinha, mas o que a baiana estava vendo excedia à sua expectativa e ia muito além do que ela poderia imaginar. Certas minudências, certos requintes do luxo e da elegância aristocrática eram coisas completamente ignoradas por ela, cujos conhecimentos técnicos nunca ultrapassam os limites da sua sala da Rua do Rosário, e cujo senso estético só ia até a gravura do Senhor do Bonfim.

Celeste foi quem primeiro rompeu o silêncio.

– O criado disse-me que a senhora desejava falar-me com urgência sobre um negócio grave que me interessava pessoalmente – começou ela sentando-se no sofá, e fazendo a Calu um gesto de quem lhe indica uma cadeira.

A Calu sentou-se numa cadeira de braço e respondeu prontamente num tom que indicava firmeza de ânimo e energia de resolução:

– Sim, senhora. Trata-se de um negócio de interesse para nós duas, porém de extraordinária gravidade somente para a senhora.

– Para mim?

– É verdade. O que faz que o interesse seja mais seu do que meu.

– Não posso saber do que se trata.

– Eu vou lhe dizer. Antes porém, é preciso que a senhora saiba com quem está falando.

Celeste sorriu-se.

– Devia ter-me dito isto desde o princípio – disse ela com simplicidade.

– Digo-o agora – retrucou a baiana, não sem um pequeno assomo de despeito pela observação judiciosa e de alguma sorte censuradora. Primeiro ou depois, no fim dá certo. Chamo-me Carolina Dantas...

– Dantas? – não pôde Celeste coibir-se de repetir, com um certo sobressalto, ao ouvir o sobrenome do amante.

– Eu sou a mãe de Leandro – concluiu a baiana com toda a lentidão. Celeste ergueu-se de um salto, em extremo comovida, e como se aquela revelação lhe fosse direta ao coração. De repente, porém, lembrou-se de tudo quanto o mancebo lhe dissera acerca de sua família e sentou-se de novo, dando uma gargalhada de incredulidade.

É impossível! – disse depois tranquilamente – esse moço não tem família aqui.

– Eu sei que ele faz correr esse boato, e eu mesma não tenho querido aparecer para que ele pudesse ir desfrutando a sua vida de rapaz solteiro nas casas dos fidalgos e nos braços das fidalgas – retrucou a Calu, apoiando nas últimas palavras com intenção maliciosa e direta. Pretendia, procedendo desta forma, concorrer para que ele arranjasse afinal um casamento vantajoso.

Celeste tinha readquirido o seu sangue frio, e interrompeu a sua visita:

– Mas que a senhora seja ou não seja mãe desse moço nada tenho com isso; e não vejo em que me possa interessar.

– Ah! não sabes?! é que a senhora veio transtornar todos os meus cálculos.

– Eu?!

A Calu deitou para trás o xale que a envolvia, num gesto de impaciência, e replicou quase de mau modo:

– Ora, minha senhora, deixemo-nos de comédias e de perder tempo. Eu não viria aqui, se não soubesse de tudo.

Celeste estremeceu violentamente e fitou os olhos na sua interlocutora. Já não tinha vontade de rir-se.

– A senhora foi e é ainda amante de meu filho. A moça ergueu-se de chofre, lívida e indignada:

– Senhora! – bradou ela – isto é uma insolência de sua parte!

– Qual insolência, qual nada, minha senhora, é a pura verdade!

– É uma calúnia atroz!

– Escusa de se zangar comigo! Eu sou mulher como a senhora e sei como essas coisas são. Começa-se por um olhar sem intenção e acaba-se depois por convidar os rapazes para cear. A ceia é um pretexto. Depois da ceia vêm os abraços, os beijos... a gente fica excitada e zás! sacode às urtigas a virtude e viva a pândega! Não foi assim que se passou com a senhora?

Celeste estava atônita: não sabia o que pensar, nem tampouco o que resolver. Não acreditava na alegação da maternidade oposta por aquela mulher, mas também não compreendia como nem com que fim estava ela ali e lhe falava naquela linguagem reles e torpe de uma mulher de baixa esfera. A indignação sublevava-lhe o coração, mas, a falar a verdade, ela não tinha ânimo de mandar pôr fora violentamente aquela mulher. Soubesse ou não realmente de tudo ou de qualquer coisa, podia sair por aí a clamar, a esbravejar, a desacreditá-la. O melhor era temporizar, indagar do fim da sua visita. Daí, talvez que tudo aquilo fosse um meio de que ela lançasse mão para amedrontá-la, para obter mais facilmente o que queria. Sem dúvida o tal negócio urgente era alguma precisão ou exigência de dinheiro. Sentou-se, portanto, de novo, aparentando uma calma digna e uma dignidade imponente:

– Não compreendo o que a senhora diz, e peço-lhe que declare o motivo e o fim que a trazem aqui.

– Vou dizer tudo em duas palavras – falou a Calu. Leandro fugiu para o sul sem me dizer nada, e fugiu por sua causa.

O golpe era rude e foi direito ao coração da mísera mulher. Celeste não esperava por semelhante notícia, e dando-lha a Calu parecia ter adivinhado todas as suas angústias de há oito dias e responder-lhe daquela sorte. Ouvindo aquelas palavras, perdeu toda a calma, e o grito que deu foi uma traição a si mesma, uma confissão indefinível do seu amor e do seu crime.

– Fugiu? – bradou ela assombrada e inconscientemente – é impossível! A Calu tirou do bolso o *Diario de Pernambuco*, e apresentou-o aberto no ponto necessário ante os olhos atônitos da moça.

– Veja aí – disse ela simplesmente.

Celeste leu a notícia, isto é, leu o nome do seu amante na lista, aliás, curtíssima, dos passageiros que haviam seguido para o sul em um patacho inglês que saíra no dia 16, e, sentindo um aperto enorme no coração, pendeu a cabeça para o seio, com as lágrimas a marejarem-lhe dos olhos e a dor a transformar-se em soluços inevitáveis e sufocantes. Era verdade! Leandro tinha partido, havia fugido, e nem sequer lhe dissera uma palavra, um simples adeus. O ingrato e o mau! Era por isso que ela não o vira desde aquele dia e que ninguém lhe sabia dar notícias dele. Mas também por que fugira ele? Teria seu próprio marido desconfiado de alguma coisa e o ameaçado de qualquer forma? Por que não lhe havia ele mesmo participado a viagem do rapaz? Cavalcanti devia-o saber. Se nada lhe disse, pois, se tudo lhe havia ocultado, então foi de propósito. Era isto! Sabia-se tudo já. Assim como aquela mulher o sabia, seu marido também não ignorava mais nada. Não lhe falara ainda, nem ela mesma sabia porque. Talvez quisesse primeiro coligir provas positivas, provas materiais, para então e só então acusá-la com toda a razão e pedir-lhe contas da sua honra, da honra do seu nome que ele lhe havia confiado.

Era terrível a situação da moça e todas essas ideias, que rapidamente lhe ocorreram ao espírito e o povoaram num momento, encheram-na de terror e acobardaram-na de um modo

extraordinário. É que fugindo-lhe o amante, faltava-lhe um ponto de apoio e ela ficava à mercê da vindita do marido, e sem que as suas agonias tivessem a recompensa do amor ou sequer as esperanças de uma compensação. De repente, porém, lembrou-se de que, partindo, Leandro levava consigo as cartas que a podiam comprometer, e que, portanto, era impossível a seu marido munir-se das provas materiais e incontestáveis que a fariam calar e a esmagariam com a verdade brutal e palpável. Tranquilizou-se um pouco, pois, e pensou consigo que, qualquer que fosse a acusação do marido e o momento que ele escolhesse para formulá-la, lhe era lícito e fácil negar tudo.

Passou o lenço então pelos olhos a enxugar as lágrimas, que não haviam cessado de correr, e fitou os olhos em Calu, como a querer ler-lhe na fisionomia a verdade de tudo quanto lhe dissera.

Coisa rara e fenômeno extraordinário! Celeste acreditava agora na maternidade da Calu, e, longe de repeli-la, sentia-se atraída para ela. A comunidade da dor fazia-a inclinar para a simpatia. Compreendia e admirava o sacrifício que aquela mãe se impusera, ocultando-se na sombra e recalcando no fundo do coração o orgulho de proclamar-se mãe de um homem como Leandro, pura e unicamente para não cortar a carreira do seu filho e para vê-lo feliz na sociedade. A origem comum das duas criaturas atuava inconscientemente no espírito de Celeste, e nem poderiam separá-las completamente a aristocracia de uma e o plebeísmo da outra, porque a fidalguia de Celeste era toda de ocasião, e não se transmitira de geração em geração, encadeando assim, e por hereditariedade, os preconceitos e a educação que formam o orgulho de raça, e fazem que ele se torne um sentimento completamente inato.

A Calu deixou passar a primeira expansão da dor, e quando viu a amante de seu filho mais tranquila e a fitá-la por aquela forma acariciadora e, contudo, curiosa, dirigiu-lhe de novo a palavra, aproveitando o momento como o mais próprio.

– Agora, minha senhora, vou dizer-lhe o motivo e o fim da minha visita. Celeste, por única resposta, pareceu abrir mais os

olhos, num movimento de admiração e de dúvida. O que poderia dizer-lhe aquela mulher que tivesse mais importância para ela? A Calu aproximou um pouco mais a sua cadeira do sofá, e inclinándose para a moça continuou a falar, desta vez, porém, com os olhos baixos e com certa hesitação. É que há coisas que se não pode dizer sem se corar ou fazer sem que a vergonha nos obrigue a curvar a cabeça e esconder o rosto.

O fim da visita da Calu era uma dessas.

– Leandro foi-se embora, – disse ela – fugiu, como a senhora acaba de ver e é provável que nunca mais volte por cá, tanto mais quanto vai endinheirado. Antes de ir, porém, mesmo muito antes, entregou-me todas as cartas da senhora.

Celeste sobressaltou-se de novo e de novo lhe vieram ao espírito todas as ideias sinistras de há momentos. As suas cartas não estavam com Leandro!

– É impossível! – murmurou ela querendo duvidar e agarrándose a essa última tábua de salvação.

A Calu riu-se com certo ar de superioridade, e respondeu-lhe:

– Eu já contava com a sua incredulidade, e por isso trago-lhe uma prova do que disse.

E assim dizendo, tirou do seio um papel e entregou-o à pobre moça. Celeste agarrou-o com toda a sofreguidão e o abriu com as mãos trêmulas e os lábios entreabertos, para deixar passar a respiração ofegante e sufocada. O papel caiu-lhe no colo. Era, com efeito uma das suas cartas.

A Calu apressou-se em apanhá-la e em guardá-la novamente. Celeste fitou então os olhos no rosto da mulata e sorriu-lhe com meiguice. Tinha tido uma ideia que lhe parecera a única razoável e possível. Dali por diante era desnecessário negar os seus amores com Leandro; por isso, pondo de parte qualquer artifício para encobrir o estado da sua alma ou mascarar o seu interesse, sorriu para a Calu e falou-lhe desta forma:

– Já sei que seu filho a encarregou de entregar-me estas cartas.

– Qual! – respondeu a baiana com ironia – se ele nem se despediu de mim!

– Bem! – neste caso a senhora vem fazê-lo por si mesma, não é?

A Calu ergueu a cabeça rapidamente, como se ouvisse uma proposição sem senso comum, um desses dislates que assombram todo mundo.

– Eu?! – exclamou ela com um espanto verdadeiro e sincero – Não estamos nesse tempo, minha senhora, e amigos, negócios à parte. O meu fim é outro.

– Qual então? – inquiriu a moça, tornando-se séria e instintivamente assustada, sem contudo saber ainda porque.

– Resgatá-las – respondeu a Calu, estalando a palavra como se fosse uma cápsula de espingarda.

– Resgatá-las?... como?

A Calu reclinou-se na cadeira e tomou uma atitude decisiva e ameaçadora.

– Minha senhora, cartas na mesa e jogo franco. Deixemo-nos de meias-palavras e de diplomacia: vamos logo ao caso.

– É melhor.

– Todas as suas cartas estão em meu poder, e eu preciso de dinheiro. Eu sou uma pobre viúva, tenho uma filha solteira que está nas minhas costas, e a senhora é uma fidalga, muito rica e muito bem aparentada.

Celeste havia se erguido, pálida e a tremer.

– Que quer dizer com isto? – perguntou ela, ainda ignorante, ou melhor, a duvidar.

– É claro como água: quero vender-lhe as tais cartinhas.

Celeste deu dois passos pela sala. Parou junto à jardineira, a cujo mármore se apoiou. É perfeitamente compreensível o que se passava em sua alma.

E quanto quer por elas? – perguntou por fim a pobre moça.

– Quatro contos de réis – respondeu a Calu peremptoriamente.

– Quatro contos! – exclamou Celeste sentindo-se cambaleiar de espanto e talvez que de terror.

– Nem mais nem menos! – retrucou-lhe à mulata no mesmo tom. E olhe que não é muito. Enquanto avalia a senhora a sua tranquilidade? Quanto vale a sua honra? Para a senhora essas coisas devem ter um preço incalculável. Pois bem! eu as avalio apenas em quatro contos, e não peço mais nenhum vintém. Bem vê que sou razoável. E note-se uma circunstância, peço só isto por ser a senhora uma mulher como eu; porque se eu fosse propor ou fazer esse negócio com um homem... Então o caso seria outro.

Celeste compreendia perfeitamente o alcance destas palavras e tremia como varas verdes.

– Oh! meu Deus! mas onde vou eu buscar essa quantia? – suspirou ela.

– Ora onde? – atalhou a Calu com ar de zombaria irônica e insolente. – E falta-lhe aonde, a senhora tão rica, tão bonita, dona de engenho, fidalga?

Celeste apertava o seio com as mãos e encostava-se à jardineira para não cair. Era atroz o seu suplício.

– Mas... – murmurou ela com voz submissa e lacrimosa – mas... eu não tenho essa quantia, não posso obtê-la! É uma coisa impossível.

A Calu não podia acreditar na realidade dessa afirmativa: supôs que era uma artimanha da mulher do Cavalcanti. Levantou-se, portanto, de sopetão, e trançando o xale sobre o largo peito volumoso, encaminhou-se para a porta, dizendo com mau modo:

– Isto são cantigas!

– Senhora! – bradou ainda Celeste, como a repreendê-la e a repelir aquele insulto.

A Calu voltou-se um pouco:

– Quer ou não quer dar os quatro contos?

– Mas se eu não os tenho, minha senhora!

– Neste caso, adeus! vou procurar seu marido.

Celeste deu um grito estrídulo de terror, e precipitou-se para a mulata em cujos pulsos agarrou, impedindo-lhe a saída.

## V O único recurso

– Não! não vá! – gritou Celeste, como uma louca, segurando-se à baiana e embargando-lhe a passagem.

A Calu procurou desvencilhar-se dela e depois perguntou com toda a calma e com a mais fria crueldade:

– A senhora dá a quantia que eu lhe peço?

Celeste não podia responder-lhe: não tinha semelhante soma em sua mão. Debalde procurou enternecer o coração da baiana, debalde suplicou-lhe, chorou quase a seus pés, humilhou-se, e nada. A Calu não cedia a coisa alguma. Persistia no pedido e insistia na quantia. Era com efeito em quatro contos que o astuto Sr. Antônio havia arbitrado o resgate das cartas comprometedoras de Celeste. Foram dele não só a lembrança como também as combinações daquele negócio. A fim de levá-lo a cabo com toda a segurança e torná-lo infalível em seus resultados, havia ele previsto todos os casos e hipóteses. Assim, ao dar as últimas instruções à sua amásia, lhe dissera:

– Se ela não quiser dar tudo ou se só puder dar a metade, também você só lhe dará uma metade das cartas. A outra ficará para nova transação.

Calu, portanto, não cederia a pedido algum: nem rogos, nem lágrimas, nem súplicas seriam suficientes para embrandecer a rijeza do seu coração petrificado pelo interesse sórdido, avivado pelas razões capciosas de um vendilhão velhaco e astucioso. Ainda mais: soara para ela a hora da desforra, dessa desforra com que sonha todo anjo decaído e, espezinhando, torturando, vingando-se de Celeste, Calu supunha exercer a sua vindita sobre uma parte da sociedade, da sociedade que não tinha nem tem culpa do procedimento de ninguém, mas a quem todo mundo atribui as suas quedas e os seus males, sem contudo lhe conceder a mínima parcela de intervenção na soma das felicidades e da fortuna.

Instigava-a de mais a mais um ódio latente, originário da inveja, comum a todas as prostitutas de profissão e de rua, e que

faz cair todas as cóleras e vinditas sobre as suas coirmãs, as prostitutas de salão, essas que, tendo a mesma alma, o mesmo coração, a mesma índole, e os mesmos vícios, são entretanto acatadas, respeitadas, bajuladas, porque possuem para protegê-las ou cobri-las, o nome de um marido, o brasão nobilíssimo de uma família, ou a proteção poderosa dos amantes. Humilhando uma dessas, a Calu naquele momento sentia a satisfação íntima de quem tira uma desforra.

Não cedeu a coisa alguma, portanto, e a tudo quanto Celeste lembrava para abrandá-la e comovê-la, respondia com a impassível e fulminante ameaça de ir vender as cartas ao marido. Era para a moça uma horrível colisão. Chegou a oferecer-lhe as suas joias, que talvez chegassem àquela quantia, mas a baiana não só esperta e ladina, mas também industriada pelo vendilhão, que tudo previra, recusou abertamente.

– Mais valem isto! – insistiu a moça.

– Pode ser! – respondeu a Calu: – Em todo caso, para reduzi-las a dinheiro, será preciso vendê-las, e nesse momento podem ser apreendidas como roubo.

– Que!... pois supõe?

– É, minha cara! a gente vê cara e não vê coração. A senhora é rica e poderosa, já estaria com as cartinhas que a comprometem, e era uma coisa mesmo ao pintar! Três proveitos num saco: as cartas, as joias, e a Calu em Fernando de Noronha. Nada, minha senhora, guarde as suas joias. A mim, só me serve dinheiro. Quero fazer um dotezinho para a minha filha!

Celeste resignou-se a mais aquela humilhação, e por fim, sem saber propriamente o que fazia, para ganhar tempo unicamente, pediu e obteve da baiana uma espera de três dias.

– Não faça coisa alguma – disse ela lacrimosa e resignada até a dor – volte daqui a três dias, vou empregar todos os meios ao meu alcance para conseguir a quantia que a senhora pede, que exige de mim.

A Calu cedeu, não sem primeiramente fazer-se rogar muito, para encarecer o favor e saiu, deixando ameaça formal de voltar findos os três dias. Celeste acompanhou-a até à porta, e apenas ela sumiu-se na estrada, correu para o seu quarto e caiu sobre a cama, a soluçar como uma louca.

Era demais! Estava perdida! Cedo começava a sentir as consequências do seu erro e a sofrer as amarguras inerentes à sua falta. Se as torturas morais, por que passara, não eram espontâneas, nem lhe haviam aparecido sob a forma um pouco mística e metafísica dos preconizados remorsos, mas sim, tinham surgido em seu espírito, e esmagavam a sua alma em virtude de uma pressão material estranha à sua vontade e independente dos raciocínios de sua consciência, nem por isto lhe doíam menos, nem por isto lhe incitavam menos desespero e a enchiam de raiva impotente e lancinante, e provocavam-lhe cóleras surdas e biliosas que se traduziam por gritos frenéticos e por gestos desordenados de excessivo desespero.

Sofria muito Celeste. Aquela mulher, miserável e torpemente especuladora, era inexorável e parecia surgir-lhe em seu caminho como um fantasma destinado ao seu castigo. Educada em um colégio, regido por beatas e por padres, Celeste acreditava em todas as abusões com que o catolicismo do beatério alimenta os terrores humanos e explora as credices das almas ignorantes e fanáticas. Para ela, o céu e o assento nobre à direita do Deus Padre representavam o seu papel importante: eram o final da criatura beatificada, da mesma maneira que as caldeiras de Pedro Botelho serviam de corretivo aos transvios deste mundo e de castigo às almas pouco sérias e pecantes.

Acreditou piamente, portanto, que tudo aquilo lhe acontecia como um castigo do céu, em punição do crime de enganar seu marido. Entretanto não se arrependia de ter amado o amante; arrependia-se, sim, de ter-lhe escrito aquelas cartas. Não era o crime que a punia e amedrontava: era a imprudência. Se houvesse de recomeçar, não escreveria mais a ninguém. Entretanto, não era disso que se tratava. Urgia por então aparar o golpe que estava

iminente, e desviar o perigo que ameaçava engolir a sua felicidade e talvez que com ela a sua própria vida.

Mas como? Para ficar a coberto das ameaças da mãe de Leandro e completamente livre daquele perigo, era preciso resgatar quanto antes as suas cartas, destruir aquelas armas. Mas como poderia ela encontrar a quantia avultada em que a Calu arbitrava o seu resgate? Não poderia pedi-la a seu marido, sem dar uma razão para exigência; e um motivo, que justificasse a necessidade e o emprego de uma quantia dessas por parte de uma mulher, não era coisa que se improvisasse assim do pé para mão. Poderia mandar vender as suas joias, resgatar com o seu produto as cartas, e depois, quando o marido notasse ou descobrisse a sua falta, ela dar-se-ia como roubada. Mas a quem encarregaria dessa venda? Seria necessária uma pessoa não só de bastante critério e discrição, como também de uma dedicação absoluta, de uma inteira confiança. Em todo o caso vir-se-ia a saber sempre da venda e, aos olhos do marido, ela ficaria da mesma maneira comprometida.

Que fazer, pois, em semelhante conjuntura? O seu desespero era enorme, e era em altos brados que ela pedia a Deus uma ideia que a salvasse, um recurso que a tirasse daqueles apuros momentâneos. De repente, ou porque Deus não tivesse muito que fazer naquele instante e lhe houvesse prestado atenção, ou porque o seu próprio espírito, de ideia em ideia, de raciocínio em raciocínio, se houvesse tornado mais lúcido, ocorreu-lhe uma lembrança inesperada e realmente salvadora. Celeste agarrou-se a ela como a um último recurso. Ergueu-se do leito, onde se extorcia cheia de desespero e banhada em lágrimas, e correndo à mesa, escreveu a Josefina aquela carta que vimos receber depois do almoço, e na qual a mulher do senhor de engenho, convidando-a para jantar, lhe pedia que fosse à sua casa e lhe recomendava a maior cautela e discrição.

Josefina, como vimos, havia corrido ao apelo de sua amiga, mas quando chegara à Passagem da Madalena, já o Cavalcanti havia tomado casa, e dessa forma as duas só tinham podido entrar em explicações à tarde, depois do jantar, quando o marido de

Celeste, obtida a licença de sua visita, a quem aliás, desde o Monteiro, tratava como pessoas da família e com quem não fazia cerimônia, tomou o chapéu e foi dar pelos arredores o seu passeio higiênico do costume.

Vendo-se sós então, as duas moças enlaçaram as cinturas mutuamente e, aconchegadas como duas irmãs, se dispuseram a atacar o assunto grave e sério que as havia reunido.

– Ora, graças! – exclamara Josefina vendo sumir-se no portão o vulto de Cavalcanti. Estamos sós! Se esses maridos adivinhassem como às vezes são importunos e aborrecidos!

– Insuportáveis! – confirmou Celeste.

– Mas finalmente se foi! – continuou a mulher do negociante, sorrindo-se com malícia e com alegria. Vamos nós agora ao nosso negócio. Que queres de mim? Estou impaciente por saber!

– E eu impaciente por dizer-te.

Houve uma pausa, durante a qual as duas amigas se entreolharam. Josefina estava altamente curiosa e Celeste não podia furtar-se a um enleio invasor, para a amiga, completamente incompreensível.

A hesitação era natural. Pela primeira vez Celeste ia ocupar a sua amiga em negócio de alta monta, e não tinha para justificar o passo que ia dar outra razão se não a verdade. Ora, a verdade era a confissão solene da sua falta, o descobrimento do seu amor. Celeste sentia-se, pois, vacilar: um resto de pudor opunha-se a que ela desvendasse os segredos do seu íntimo. A situação prolongava-se, porém, e Josefina insistiu:

– Fala, Celeste! anda.

– Mandeí chamar-te porque só tu me podes salvar dos apuros em que me acho – começou Celeste, enchendo-se de ânimo.

– Mas que apuros são estes?

– Questão de dinheiro, minha amiga.

Celeste expôs então a Josefina a necessidade urgente que tinha da quantia avultada que lhe fora exigida pela mãe de seu

amante. Ao espanto natural e justificado, que causou esse pedido à mulher do negociante, seguiu-se uma pergunta inevitável.

– Oh! filha, mas que é que faz que precisas de tanto dinheiro?

– Dir-te-ei mais tarde – respondeu a aflita moça – por ora tratemos dos meios de obter essa quantia.

– Eu também não a tenho – replicou Josefina.

– Mas podes obtê-la facilmente – retrucou-lhe a amiga. Além de teu marido que pode socorrer-me a teu pedido.

Josefina sorriu-se com amargura:

– Ah! minha amiga, eu já não tenho marido!

– Como?!

– A nossa mútua amizade está morta, o nosso lar está deserto de afeição e de confiança. Meu marido não me atenderia mais.

– Por que, meu Deus?!

– É uma história muito longa e muito triste que não te posso contar hoje. Vamos ao que te importa.

– Sim. Se teu marido não te atendesse ou se não pudesse emprestar-me essa quantia, tu a poderias obter de teu pai.

Ao narrar esta parte da conversação, Celeste sentiu aumentar-se o seu acanhamento e o velho Comendador que até então a escutara fria e impassível, sem dizer-lhe a mínima palavra, não pôde deixar de sorrir.

– Continue, minha senhora – disse ele com certo tom de benevolência. Com efeito, a piedade começava a invadir o coração do velho honrado, embora achasse censurável todo o procedimento de Celeste. Avaliara, porém, as suas torturas, as agonias porque passara e estava passando, e não se julgava com o direito nem de repeli-la nem de atirar-lhe a primeira pedra.

Celeste continuou um pouco mais animada.

– Era o meu único recurso, Sr. Comendador. Se este me falhasse, eu estaria de todo perdida. Insisti nele, portanto, e, conquanto me promettesse obter do senhor a quantia que poderia salvar-me, Josefina exigiu contudo que eu fosse sincera, que

completasse a confiança e lhe patenteasse inteiramente os íntimos recessos de meu coração. Comecei então a contar-lhe toda a história daquela paixão invencível e fatal, que me havia conduzido ao mísero estado em que me achava então, sem contudo dizer-lhe o nome e o homem por quem eu havia esquecido os meus deveres. Desde o princípio desta confiança, que Josefina começou a mostrar-se incomodada.

Era verdade. Logo às primeiras palavras de Celeste, sua amiga, por uma intuição vulgar, por um pressentimento natural ao coração da mulher apaixonada e que sente um amor violento e verdadeiro começara a desconfiar do resultado da confissão e como que a adivinhar o golpe que a havia de ferir. O ciúme despertara pouco a pouco e com ele sublevava-se a sua alma em assomos de despeito e afogava-se em ondas tumultuosas de dor e desespero. Ela não fora mais do que um joguete de libertinagem, um objeto de desejos lascivos e vulgares. Enquanto dava o seu coração e a sua alma, renegava o seu passado de honradez e virtude e entregava-se aos beijos do amante com o egoísmo da posse e com a certeza de ser a única criatura a gozar aquela felicidade, ele a enganava trivial e torpemente e fruía os mesmos prazeres, barateava os mesmos carinhos nos braços de uma outra. E essa outra era Celeste, a sua amiga íntima, a sua quase irmã pela amizade e pela confiança. Tão infame era um como era a outra! Era rude o golpe e mais rude ainda a desilusão. Avultavam, e requintavam de força todos esses sentimentos pelo estado nervosamente excitado, em que a moça se achava não só pelas contrariedades anteriores como também pelas cenas violentas daquele próprio dia. Em uma das ocasiões em que Celeste lhe falava com mais fogo e mais eloquência dos momentos felizes que tivera, Josefina erguera-se, com os olhos chispando brasas e exclamara com violência:

- E esse homem? Quem é esse homem?
- Não adivinhas?
- Adivinhe ou não, quero que tu mesma digas o seu nome.
- Ele já não está no Recife.
- Como?... que dizes?

Celeste contou a fuga do rapaz, como lhe havia sido participada pela Calu. Josefina ignorava essa circunstância e isto deu-lhe uma inesperada e pálida esperança. Se não fosse ele? Se ela se tivesse até então enganado nos seus pressentimentos?

– Mas o seu nome? – insistiu ela – o nome desse homem, Celeste?

– É Leandro.

– Leandro! Ah! o miserável!

Foi imenso e estrangulado o grito que Josefina deixou escapar dos lábios trêmulos e subitamente arroxeados. Conquanto, desde o princípio, esperasse ouvir aquela revelação, foi extraordinário o abalo que lhe produziram o nome do mancebo e com ele a certeza da traição do seu amante. Josefina, com o semblante afogueado, rubra, sem consciência do que fazia, deu dois passos para a amiga erguendo os braços para o ar, mas, girando sobre si mesma, com os olhos esbugalhados e vítreos, caiu redondamente no chão.

– Fi-la transportar imediatamente para a minha própria cama e mandei chamar um médico – acrescentou Celeste, mal podendo encarar o Comendador. Foi então que lhe escrevi aquela carta, pedindo-lhe que viesse até a nossa casa e trouxesse Clotilde consigo.

O Comendador fitou-a em silêncio e pareceu contemplá-la com piedade.

– O resto já o senhor o sabe – concluiu a moça com tristeza.

E, pousando a cabeça sobre a mão, desatou a chorar presa da mais viva dor e do mais justificado desespero.

O velho Comendador pareceu compreender o que se passava na sua alma. Segurou-lhe nas mãos com essa meiguice e essa liberdade que só assentam bem nos velhos e lhe disse, cheio de seriedade sincera:

– Não chore, minha senhora, nem se entregue ao desespero. Se Josefina não lhe pôde acudir no vexame e no aperto em que se acha, eu prometo fazer as suas vezes. Amanhã Vossa Excelência receberá a quantia que precisa.

Celeste ergueu os olhos para o seu generoso interlocutor e abafou um grito de alegria. Era com efeito a salvação. Espontaneamente, e sem mesmo poder explicar o movimento, agarrou as mãos do velho e levou-as ansiosa e agradecidamente aos lábios.

– Ah! Comendador! como o senhor é bom!

Neste momento, porém, abriu-se a porta da sala com violência e assomou no limiar o semblante pálido e severo de Cavalcanti.

## VI Qual será o dever?

Ao ver o marido e sobretudo ao notar a palidez quase cadavérica do seu rosto, Celeste recuou cheia de assombro e sentiu-se vacilar.

Dizia-lhe o coração que ele tinha ouvido tudo e parecia atestá-lo a triste e imponente severidade que revestia não só a sua fisionomia, de ordinário jovial e expansiva, como também todos os seus gestos e movimentos. Reinou de repente em toda a sala um silêncio solene e precursor dos grandes acontecimentos.

Celeste, passado o primeiro movimento de assombro, tornou a aproximar-se do Comendador e instintivamente diligenciou esconder-se atrás dele, como se procurasse a sua proteção, e com um olhar súplice e agoniado implorou toda a clemência para livrá-la da cólera do marido.

Cavalcanti, porém, parecia não tê-la visto. Com lentidão solene e grave, entrou na sala de sua mulher e dirigiu-se ao velho Comendador, que por sua parte se adiantou para ele, disposto a intervir de qualquer sorte e obviar a qualquer explosão de momento, embora justa e legítima.

– Sr. Comendador! – disse Cavalcanti com uma calma extraordinária, mas muito extraordinária para ser verdadeira – agradeço-lhe de todo o coração o generoso oferecimento que acaba de fazer, mas sou eu quem deve pagar as dívidas de minha mulher.

– Mas, meu amigo, – ia dizendo o Comendador, sensibilizado com a frieza proposital daquele agradecimento.

Cavalcanti atalhou-o logo com o gesto e com a palavra:

– É inútil qualquer insistência neste ponto. Ouvi tudo e sei o que me cumpre fazer.

A estas palavras, ditas num tom seguro e, de alguma sorte, cheio de aspereza enérgica e intransigente, correspondeu um grito agudo de Celeste. Seu marido tinha ouvido toda a sua conversação e não ignorava mais coisa alguma do que lhe dizia respeito. Estava

irremediavelmente perdida e não lhe restava mais recurso algum! Ah! como Deus a punia! – pensava ela no seu íntimo de beata. Quando havia encontrado quase que um termo às suas agonias, e, na piedade e no espontâneo oferecimento do velho capitalista, a tábua de salvação a que ia agarrar-se naquele naufrágio de toda a sua vida, eis que de repente se desmoronava todo o castelo de suas esperanças, e seu marido vinha a saber de tudo e, o que mais é, de seus próprios lábios?

Mas como havia aquilo acontecido? Que acaso fatal e diabólico o tinha feito surpreender a sua confissão e o pusera assim ao fato dos seus mais íntimos segredos?

Celeste não o podia adivinhar, nem sequer o suspeitava e portanto atribuíra o fato a esse dedo fatídico e providencial de Deus, dedo que, segundo as crendices católicas e as abusões da ignorância, se intromete em toda a parte como um fura-bolos, e leva o castigo e a punição, onde eles se tornam necessários à moralidade social e convencional do caso.

Mas acaso, providência, ou dedo de Deus, o leitor sabe que a causa da descoberta de Cavalcanti fora pura e simplesmente Clotilde. Com as palavras e revelações de sua mãe, havia compreendido toda a verdade. Também ela fora vítima da influência sedutora do baiano: amara-o com loucura e a certeza de que não fora a única a possuir aquele homem a enchia de desespero e de raiva. Agora, sim, é que percebia os motivos reais daquela esquivança do mancebo. Não era o receio de comprometê-la, nem de cair nas iras de seu pai; não! Era pura e simplesmente a sua dupla paixão por sua mãe e por Celeste. Com efeito! Enquanto ela amava e sofria, enquanto sofria e sacrificava ao seu amor tudo o que possuía de mais caro, sua mãe a atraía e Celeste atraía a ambas. Triste e dolorosa colisão de uma mulher!

Uma dor imensa e indefinível apoderava-se de sua alma e transformava todos os seus sentimentos bons num ódio concentrado e sem limites. Essa nova manifestação da sua desilusão, esse resultado do aniquilamento de suas esperanças, esse ódio enfim abrangia não só a mulher de Cavalcanti como

também a sua própria mãe. Esta estava prostrada no leito do sofrimento e quase sem acordo; a outra, porém, nada sofria, e talvez mesmo que nada viesse a sofrer. Não! não seria assim... Celeste havia de passar pelas mesmas torturas por que ela própria estava passando! Havia de pagar-lhe caro o ter-lhe roubado o amor e a posse do único homem que ela havia amado neste mundo. Como vingar-se, porém? Não o sabia ainda; iria ouvir o que ela ia dizer a seu avô e, depois de senhora dos segredos da mísera mulher, formularia o seu plano de campanha. Ao sair para executar a sua intenção de espionagem, viu pela janela Cavalcanti que chegava, e imediatamente deu corpo à sua ideia. Encontrava à mão o meio de vingar-se e desde já. Não perdeu tempo nem ocasião: segurou o senhor de engenho pelo braço e levou-o à porta que dava para a sala de Celeste.

Cavalcanti havia-se encostado à fresta da porta e ouvira toda a confissão de sua mulher. Não perdera uma só palavra, uma só inflexão de voz, o mínimo som que o pudesse orientar no pleno conhecimento da alma de sua mulher.

Ela já o não amava, fizera mais ainda; amava a outro; cobriro de vergonha e de ridículo. O mísero marido, durante os momentos em que Celeste desenrolou todo o painel das suas infâmias, sofreu torturas sem nome e por mais de uma vez esteve quase a explodir cheio de cólera e de dor. Continha-se, porém, e comprimia o peito com violência. Ao mesmo tempo trabalhava o seu espírito e a sua razão, amadurecida pela idade e na luta pela vida, procurava traçar o seu procedimento, de harmonia não só com a dignidade de seu nome e posição, como também com a honestidade de seu caráter e com a honra de sua família.

A luta foi curta, porém grande. O miserável que o desonrara e poluíra o seu leito casto e honesto havia fugido para o sul e escapava assim à sua vindita e ao castigo merecido: ficava-lhe, pois, sua mulher. Seria sobre ela que faria cair todo o peso de sua cólera e a ela, só a ela, iria pedir contas da honra do seu tálamo, do respeito do seu nome e da herança moral, pura e impoluta, que ela, como mãe e esposa, deveria legar a seu filho.

Quando Celeste disse a última palavra, estava tomada a sua resolução. Foi então que Cavalcanti abriu a porta e entrou na sala.

Ao dizer ao Comendador as palavras, que já referimos, e ao soar o grito agudo de Celeste, o velho capitalista, correu à moça e amparou-a. Conduziu-a para o sofá e enquanto a fazia sentar, murmurou-lhe ao ouvido suavemente:

– Não tenha receio.

Depois, voltando-se para o senhor de engenho fitou nele os seus olhos azuis, límpidos e profundos, parecendo querer mergulhar a vista até ao fundo de sua alma. Cavalcanti sustentou o seu olhar com toda a placidez e segurança. O Comendador encaminhou-se lentamente para ele, deu-lhe o braço e conduziu-o para longe.

– Que tenciona fazer, meu amigo? – perguntou ele gravemente. Cavalcanti, por sua vez, fitou nele o seu olhar enérgico e contudo sossegado.

– O mesmo que o senhor faria, no meu caso! – respondeu com extraordinária lentidão.

– Eu... murmurou o velho sem poder impedir ou disfarçar um ligeiro tremor na voz – eu... perdoava-lhe.

Cavalcanti sorriu-se com amargura. O venerando Comendador começou então a falar com eloquência e convicção: entrou em largas considerações e procurou atenuar o mais possível a rudeza do golpe que ferira o seu amigo e em exagerar o sofrimento moral, as torturas e agonias, por que estava passando aquela a quem ele tanto amara e que, em todo caso, era mãe de seu filho, e se nada mais lhe poderia valer como esposa, muito lhe devia ainda merecer como mãe, e muito lhe deveria ser perdoado como mulher.

Cavalcanti, a todos os argumentos, abalava a cabeça como se concordasse com eles, ou como se, dessa forma, procurasse um meio de evitar discussão e de dar o seu próprio parecer e ao terminar o Comendador estendeu-lhe a mão como para pôr termo à conferência:

– Obrigado, Comendador – disse ele – fizeram-me bem as suas palavras e não me esquecerei delas.

– E não fará violência alguma à sua mulher?

– Descanse! Sei o que devo fazer e creia que cumprirei o meu dever. Volte o senhor para junto de sua filha.

Dizendo isto, Cavalcanti foi conduzindo o Comendador até à porta e fê-lo sair suavemente. Depois fechou-a e começou a passear pela sala a passos lentos e pesados.

Vendo-se a sós com seu marido, Celeste sentiu invadir-lhe o coração um frio gélido e sufocante. Quis gritar e não pôde; parecia que uma garra de ferro lhe apertava a garganta e que lhe davam na cabeça marteladas surdas e repetidas. Chegara ao paroxismo do terror. Cada vez que seu marido, no passeio maquinal que estava dando, se aproximava do sofá, ela estremecia toda como se fosse chegada a sua hora.

Por fim, tomou um pouco de alento e as ideias se lhe foram tornando mais nítidas e menos tenebrosas. Se Cavalcanti pretendesse matá-la, já o teria feito sem dúvida. Perdoar-lhe, ela não acreditaria nunca que ele o fizesse. Conhecendo bastante seu marido para saber que os crimes contra o pudor e contra a honra, tinham grande influência sobre o seu ânimo, e que, em questões de honra, era intransigente e inexorável. Que pena então lhe reservaria ele para punir a sua falta?

A incerteza mantinha ainda o terror da pobre moça: a dúvida fazia-a estremecer e chorar, no coração, lágrimas de sangue e quiçá de arrependimento.

Com o olhar esgazeado e torvo fitava o semblante do marido e seguia-lhe os menores movimentos. De repente começou a erguer-se lenta e sutilmente e como se fosse sonâmbula ou se obedecesse a uma ideia fixa, foi se agarrando pelos móveis até chegar ao meio da sala, na linha traçada pelo passeio do marido. Estava este de costas e quando se voltou deu com ela ajoelhada na humilde e chorosa postura de uma miserável Madalena.

Cavalcanti parou, olhou-a por alguns instantes e perguntou-lhe lentamente:

– Onde mora a mulher que tem as suas cartas?

Celeste como que caiu desfalecida sobre si mesma, deixando pender os braços ao longo das pernas curvadas, mas fazendo um esforço sobrenatural, respondeu com voz sumida e trêmula:

– Não sei.

Pendeu então a cabeça para um lado, e caiu totalmente no chão aos pés do seu marido.

Cavalcanti levantou-a imediatamente nos seus braços robustos e foi deitá-la no sofá. Celeste estava desmaiada, e no seu semblante alvo parecia estampar-se a lividez triste da morte. Era quase noite. Cavalcanti acendeu ele mesmo um lustre de gás, que pendia do teto da saleta, e voltou a contemplar o rosto lívido e imóvel de sua mulher. Parecia morta.

Cavalcanti estremeceu e segurou-lhe as duas mãos: estavam geladas. Comprimiu então com a mão esquerda o próprio seio, como se ele estivesse próximo a estalar, e com a direita apalpou o coração da mísera senhora. Batia ainda. O desgraçado suspirou então, como aliviado de um remorso, e contemplando sempre aquele rosto encantador, apesar da rigidez marmórea que o immobilizara, e da lividez que o decompunha, foi pouco a pouco ajoelhando-se e comovendo-se.

Instantes depois soluçava como um desesperado e com as lágrimas ardentes, que corriam de seus olhos, inundava o colo e o rosto de Celeste, sobre o qual se debruçava como uma criança enlouquecida que vê a morte roubar-lhe a mãe que a alimentava, o ente que era toda a sua vida.

## VII Segredos da polícia

Quando um homem chora é porque a sua dor é tão grande que até a própria vaidade de parecer forte se aniquila.

Foi o que se deu com o desgraçado marido. Apenas se viu sem testemunhas, operou-se nele uma espécie de reação dolorosa e o coração reclamou os seus direitos. Caiu, portanto, ajoelhado, como se o peso da dor o fizesse assim curvar, e naquela postura do desespero e da humildade deu livre curso às lágrimas amargas e abundantes que o sufocavam há muito tempo. Era triste aquele quadro, e quem o presenciasse suporia muito diverso o motivo que dispusera assim os personagens.

Depois de algumas horas, – que tanto durou o delíquio de Celeste – fez esta um movimento lento como de quem está próximo a acordar. Pressentindo-o, Cavalcanti ergueu-se de súbito, como se receasse ser surpreendido ali naquela posição, e, afastando-se com presteza, enxugou as lágrimas que ainda lhe molhavam o semblante. Deu então duas ou três voltas pela sala e aproximou-se de novo da mulher.

Já não tinha a mesma expressão a sua fisionomia. Haviam desaparecido todos os vestígios da comoção anterior, todos os vislumbres daquela ternura exagerada, que tinha explodido de seu coração doente e o fizera curvar-se e chorar como homem fraco ou mesmo indigno, e em seu lugar estampava-se uma máscara fria e impassível em cujos traços era impossível ler os mínimos indícios de piedade, de amor ou de perdão.

Com efeito assim era. Com aquela expansão violenta e rápida, Cavalcanti ficara quite com o seu coração. Agora surgia de novo o homem honrado de rígida severidade e que impusera a si mesmo uma rude tarefa. Já não era o marido amante que chorava; era o marido injuriado que ia vingar-se.

Contemplou ainda por algum tempo a mísera esposa desmaiada e quando ela deu sinais evidentes de que tornava a si, ele saiu prontamente da sala, para evitar quaisquer explicações, e,

chamando uma escrava, mandou-a tomar conta da senhora, dando-lhe ordem de que não o incomodassem fosse lá pelo que fosse.

Naquela casa da Passagem da Madalena passou-se então uma noite impossível de ser classificada. Foi uma verdadeira noite em claro. Ninguém se deitou, ninguém dormiu. Celeste, tendo voltado a si entregue aos cuidados incompletos de uma escrava, sentia um desfalecimento moral extraordinário. Parecia-lhe que se havia feito um vácuo enorme em torno dela e que alguma coisa de necessário e de vital se tinha despedaçado em seu coração.

Queria chorar e não podia; queria pensar, e o espírito divagava sem consistência e como no meio de uma névoa condensada, que obscurecia tudo quanto desejava distinguir.

A muito custo pôde formular uma pergunta:

– Teu senhor onde está?

A escrava respondeu de pronto, mas nesse tom de tristeza que os fâmulos adquirem quando pressentem uma desgraça dentro de casa.

– Senhor trancou-se no quarto, e não quer que ninguém vá incomodá-lo. Celeste suspirou com amargura e, numa resignação aparente ou real, mas em todo caso dolorosa, passou ao quarto em que estava Josefina e foi fazer-lhe companhia.

Graças aos cuidados de seu pai e de sua filha e à aplicação pronta e inteligente dos medicamentos receitados, a mulher do negociante ia melhor. Conquanto não estivesse de todo livre do perigo, contudo o seu estado não inspirava um receio tão grande, como ao chegar o médico.

Junto à cama, sentada em uma cadeira de braço, quedava-se Clotilde, como uma estátua de pedra, tão imóvel se conservava. Se não fosse o brilho fosforescente dos olhos fitos insistentemente em sua mãe, dir-se-ia que ela havia adormecido.

Duas rugas profundas entre os sobrolhos indicavam a concentração do seu espírito e a natureza dolorosa dos pensamentos a que ela se entregava.

Defronte dela, igualmente sentado, com os cabelos alvos a emoldurarem-lhe a fronte como se fosse uma coroa de fios de prata, em que se refletiam os raios amortecidos de uma vela acesa e meio velada por um transparente de porcelana cheio de baixos relevos, seu avô a contemplava com o ar de carinho paternal e só desviava dela os olhos para pousá-los no semblante alterado e inquieto da filha. Reinava entre ambos o mais absoluto silêncio.

A presença de Celeste em nada veio alterar a disposição desse quadro. O silêncio continuou o mesmo, e apenas a envolveram com rapidez os olhares de Clotilde e do Comendador; neste com expressão de tranquilidade e compaixão, naquela com assomo violento de ódio e de despeito.

Celeste rodeou a cama sutilmente e colocando uma cadeira junto dela, sentou-se sem fazer a menor bulha, encostando depois a fronte à cabeceira do leito e fitando os olhos no rosto de sua amiga. Ao menos, enquanto estivesse ali, estava ao abrigo de qualquer violência do marido.

Passou-se assim essa noite, que tantos segredos descobrira e na qual tantas paixões se haviam chocado e produzido os seus tristes resultados. Logo ao amanhecer voltou o médico, e depois de examinar Josefina, declarou-a livre de todo perigo, caso não sobreviesse alguma recaída, e em consequência de insistência deu concessão ao Comendador para transportá-la para sua casa. Celeste opôs-se a esta imprudência, alegando não lhe causar incômodo algum a presença de sua amiga, mas na realidade temendo com essa retirada, ficar só com o marido e à mercê de sua cólera. Clotilde, porém, ardia em desejos de sair daquela casa e fugir da presença da rival, a quem odiava cada vez mais, e por isso insistiu com o avô e quase impôs a sua vontade soberana.

Então Cavalcanti chamou de parte o Comendador e aconselhou-o com franqueza e amizade:

– Fique: não nos incomoda em coisa alguma e, além disso, a sua presença aqui é uma garantia para aquela desgraçada, a quem o terror faz empalidecer a cada momento. Hoje mesmo ou amanhã partimos para o engenho e o Comendador pode ficar ocupando toda

a nossa casa até que D. Josefina se restabeleça de todo ou que, pelo menos possa tomar o carro sem perigo.

O Comendador agradeceu cordialmente o oferecimento cavalheiresco e franco e, pondo a neta ao fato de tudo, procurou fazê-la concordar com aquela combinação. Clotilde, porém, a nada cedeu. Consultada, além disso, a própria doente, manifestou ela o desejo de deixar aquela vivenda e de voltar para o Recife, porém para a casa de seu pai. Antônio Braga não insistiu mais e Josefina foi levada imediatamente para Rua da Aurora.

Aí chegando, lembrara-se então o Comendador de que ninguém se tinha preocupado com participar a seu genro o ocorrido, assim como de que, ao tomar na véspera o carro em companhia de Clotilde, recebera um convite do chefe de polícia para ir à Secretaria. Iria, portanto, àquele chamado misterioso e que tanto o intrigara e, de passagem, ele próprio poria Jaime ao fato do que se tinha passado.

Grande, pois, foi a sua surpresa quando ao chegar à Rua Nova, lhe disse o João que Jaime Favais havia saído desde a véspera pela manhã e que não voltara à casa até àquela hora.

– E sabe para onde foi?

João Favais não tinha razão alguma para ocultar os passos do seu tio. Pelo Jereba, que lhe pusera na pista, sabia para onde ele tinha ido, por isso respondeu sem hesitação:

– Foi a Jaboatão.

– A Jaboatão?... que fazer?

– Isso agora é que eu não sei.

– Pois bem, apenas chegue, diga-lhe que vá à minha casa.

– Sim, Sr. Comendador.

Antônio Braga saiu da loja, intrigado com a ausência do genro, e de mais a mais com a viagem a Jaboatão, cujo motivo lhe era impossível supor ou adivinhar. Lembrou-se logo da ida de sua filha à casa dele, das confidências interrompidas de sua neta, da confissão terrível de que fora testemunha em casa de Cavalcanti, e sentiu-se estremecer interiormente. Saber que Jaime da falta, da infâmia de sua

mulher e tê-la-ia abandonado sem lhe dizer coisa alguma? Não seria aquela ida a Jaboaão um boato adrede preparado para desviar as suspeitas e dar tempo à sua fuga? Era preciso averiguar tudo isto e o pobre velho, cheio de amarguras e de desgostos, estava disposto a entrar desde logo em tais indagações. Pensando, porém, havia chegado até à Rua do Imperador e estava próximo à Secretaria de Polícia, que era então no sobrado, em cujas lojas está hoje o armazém da Companhia do Gás e que tem os números 31 e 32.

Tirou do bolso o cartão do Dr. Bernardes e depois de lê-lo novamente, dirigiu-se à Secretaria, onde entregou ao ordenança o seu cartão de visita.

Foi imediatamente recebido, e apenas o viu, correu o chefe de polícia ao seu encontro com essa lhaneza e deferência que as nossas autoridades essencialmente políticas, costumam dispensar aos amigos e às pessoas de posição e de influência monetária. A todas essas demonstrações de amistosa benevolência, correspondeu o Comendador com a sua gravidade habitual e séria, aumentada ainda mais, naquele momento, pelos extraordinários acontecimentos que se haviam passado e estavam exercendo em seu espírito uma pressão de tristeza e de desgosto.

– O meu amigo, Dr. Bernardes – começou ele apenas se achou em presença do chefe de polícia – mandou-me ontem um cartão, em que me convidava a vir à Secretaria, pois Vossa Senhoria desejava falar-me.

É verdade – respondeu a autoridade.

– Não o procurei imediatamente – continuou o capitalista – não só porque já era um pouco tarde, como também porque, na ocasião, ia acompanhando minha neta e corria em socorro de minha filha.

O chefe de polícia pareceu sorrir com certa malícia.

– Não havia muita pressa – disse ele.

E voltando-se para um indivíduo que se achava na sala, fez-lhe um sinal para que se retirasse e recomendou-lhe ao sair:

– Não deixe entrar pessoa alguma.

Depois, refestelando-se na cadeira, como para tomar uma posição mais cômoda, encetou com o Comendador uma conversação íntima acerca de sua família, de seus negócios, e dos negócios e da família de seu genro. O capitalista e o chefe de polícia conheciam-se de há muito; encontravam-se sempre na sociedade e entretinham entre si essas relações de conveniência e de etiqueta, que costumam manter pessoas bem educadas e de elevada posição social. Não eram propriamente amigos, mas havia entre eles mais ou menos alguma estima, mais ou menos alguma simpatia. No velho Comendador talvez questão de hábito ou de temperamento, que o fazia olhar para todo magistrado como para um homem honrado e justiceiro: na autoridade, defeito ingênito e pressentimento interesseiro, que fazem com que se olhe com respeito e com extraordinária simpatia para quem quer que tenha muito dinheiro e por isso possa, qualquer dia, prestar-nos algum favor.

A justificação de tudo isto era justamente o que se ia dar: era o motivo que atuara no espírito do chefe de polícia para ter mandado chamar o capitalista à sua presença. Depois daquela conversação íntima e cordial, que servia como de introdução e tivera por fim talvez fazer ressaltar a benevolência e amizade pessoal da autoridade, entrou esta em assunto.

Entre os objetos encontrados no cadáver de Suaçuna, que uma orientação falsa e adrede preparada fizera passar pelo do polaco, fora encontrada a carta de Josefina. – Ora, esta carta era um indício robusto e, além disso, desmentia completamente a identidade fictícia do assassinado. O chefe de polícia fixara nela a sua atenção, procedera as indagações necessárias e chegara desde logo ao conhecimento quase pleno da verdade.

Mas essa verdade ia ferir de cheio pessoas solidamente colocadas no comércio e dignamente recebidas na sociedade. Além disso, implicava segredos de família e comprometia a reputação de uma senhora, honrosamente conceituada e de todos benquista e respeitada. Havia-se já formado, a propósito daquele

acontecimento e em torno do assassinado, uma opinião, que seria fácil de destruir, é certo; mas que já estava arraigada e podia muito bem continuar de pé com toda a verossimilhança, e sem que acarretasse consequências perigosas e fatais.

Com efeito, o polaco não tinha ninguém por si, e a sua morte era equivalente à morte de qualquer cão vadio que obstruísse as ruas por aí.

Restabelecendo a verdade, pois, a autoridade ia não só entrar numa luta, como também ferir reputações bem firmadas e incomodar pessoas pertencentes à poderosíssima colônia portuguesa e ao comércio. Para que isso, portanto? Qual o interesse próprio que tirava a autoridade com essa prova de zelo social e autoritário? Indispor-se com alguns poderosos e criar mais alguns inimigos. Ele não fora investido daquele cargo para fazer justiça nem para punir os criminosos, não! Fora-o para fazer política e para servir os amigos. Portanto era inútil, ridículo até, o querer representar de Catão.

Deixou, pois, as coisas como estavam e abafou a carta comprometedor da mulher do negociante. Como era homem, porém, e, além de homem, político, pensou e pensou muito bem que esse documento poderia servir-lhe de instrumento para pôr o comércio a seu serviço. Foi essa a razão por que mandou chamar o Comendador Antônio Braga, de preferência ao próprio negociante. Jaime Favais não tinha a mesma importância nem a mesma influência que seu sogro.

Restituindo-lhe aquela carta e destruindo assim a única prova de criminalidade do genro e da falta da filha, o chefe de polícia, ao passo que lhe dava uma prova exuberante de amizade, segurava a gratidão do velho capitalista e habilitava-se a, em qualquer tempo, poder exigir dele o que fosse conveniente ou necessário. Era o que se chama matar de uma cajadada dois coelhos.

Se tudo isso se houvesse passado na véspera, o golpe recebido pelo velho, à vista da carta de Josefina, teria sido de uma rudeza fatal. Naquele momento, porém, já o achava prevenido, e só teve como resultado imediato, com relação à filha, um acréscimo de

desgosto, e com relação ao genro uma irritação surda e cheia de vergonha.

Acabrunhado e agradecido, portanto, recebeu a carta que o chefe de polícia lhe restituiu, fazendo-a assim desaparecer das peças do processo que, aliás, não devia ter, como realmente não teve, nem andamento nem consequências, e guardando-a lentamente no bolso saiu da Secretaria de Polícia pensativo e cheio de uma cólera surda e formidável. Nunca passara por uma vergonha igual e parecia-lhe que era sobre sua própria honradez que vinham refletir-se a infâmia da filha e o crime do genro.

Apenas chegou em casa, escreveu a Jaime o bilhete, que Pedro lhe foi entregar em Jaboaão, e recomendou ao laçao:

– Apenas ele chegue, venha dizer-me.

Foi em consequência dessa recomendação que, ao atravessar a Rua da Concórdia o carro do negociante, o laçao separou-se dele e, esporeando o cavalo, foi a todo galope em direção à Rua da Aurora e que minutos depois o venerando Comendador aparecia à entrada do quarto do genro e lhe atirava à consciência aquelas palavras, que o fizeram recuar e tremer.

## VIII Novo estado de coisas

Ao reconhecer o sogro, Jaime Favais recuara aterrado e, deixando cair o braço ao longo do corpo, não fez uso do revólver que havia apontado para ele. Como se achava ali o velho Comendador? Que viera fazer à sua casa e apenas acabava ele de chegar da sua misteriosa viagem? Por que razão lhe dissera aquelas palavras, que o haviam assombrado e que pareciam responder exatamente aos seus pensamentos secretos, aos seus íntimos receios?

Tudo isto, que para o leitor já está satisfatoriamente explicado, era, entretanto, um mistério ainda para o negociante e por isso lançava-lhe no cérebro a confusão e o terror.

O velho Comendador encaminhou-se então lentamente para ele com aquela majestade que lhe davam a altura imponente e a brancura dos cabelos e barbas, e parando a poucos passos, estendeu-lhe a carta de Josefina que o chefe de polícia lhe havia dado.

– Guarde-a, ou rasgue-a o senhor mesmo, disse ele.

Havia no tom em que foram ditas estas simples palavras uma dor tão grande, uma amargura tão pronunciada que Jaime ergueu os olhos cheio de espanto e os fitou no semblante de seu sogro. Antônio Braga estava pálido e franzira os sobrolhos num gesto de severidade e de rispidez extraordinárias. O negociante não pôde sustentar por muito tempo o olhar, com que era envolvido, e tomando maquinalmente o papel que ele lhe entregava, abriu-o e colocou-o diante dos olhos. Estremeceu então como se uma pilha elétrica o tocasse: abriu desmesuradamente os olhos e exclamou:

– Como lhe veio esta carta às mãos?

– Por intermédio da polícia – respondeu o velho secamente.

– Da polícia? – retrucou o negociante no auge do assombro. E acrescentou logo como conclusão forçada e lógica:

– Então estou perdido!

– Não! não está! – tranquilizou-o o sogro com amargura ainda maior do que a que suportara até então – não é da polícia que o senhor tem a temer: é de sua própria consciência.

Jaime encostou-se à secretária e sentiu-se completamente acabrunhado. Sabia-se tudo. Quis formular ainda algumas objeções, porém não pôde: balbuciou apenas algumas palavras incompreensíveis, presa da mais extraordinária e invasora comoção. Antônio Braga contemplou-o por algum tempo e pô-lo então ao fato passado na Secretaria de Polícia, e depois começou a narrar-lhe todo o ocorrido com Josefina, na casa de Celeste. Jaime Favais ouviu tudo sem pronunciar a mínima palavra, sem fazer mesmo o menor gesto. No seu íntimo não o aterravam os fatos sucedidos com sua mulher. Julgava tudo aquilo por outro prisma. Não considerava o incômodo de Josefina como uma desgraça, porém sim como um castigo: depois que ela lhe despedaçara a existência com a vergonha e com a infâmia de sua ingratidão e do seu adultério, a sua vida tornara-se-lhe absolutamente indiferente, se é que não se tornara também odiosa.

Que Josefina vivesse ou que morresse, era para ele uma questão secundária e indigna de maior atenção. Com a ingratidão dela, morrera-lhe completamente o amor; com a infâmia, desaparecera-lhe o respeito. Jaime não amava nem respeitava mais sua mulher. Odiava-a e envergonhava-se dela. Os transe por que ela estava passando, portanto, longe de o comoverem e o apiedarem, enchiam-no de satisfação e satisfaziam o seu rancor, e desprezo. Sentia, é verdade, que a comoção cerebral não fosse completa e que aquele incômodo inesperado e violento da mulher não tivesse produzido todos os seus resultados fatais e decisivos. A desgraça imerecida, os desgostos, a vergonha, tudo quanto sucedera até então, haviam tornado mau muito mau o coração do negociante.

Não obstante, depois de ouvir tudo e de pôr-se ao fato de todas as circunstâncias e minudências, coisas em que insistia com certo prazer feroz, com certa voluptuosidade da vingança, o negociante resolveu-se a acompanhar o sogro e foi ter com sua

mulher. Josefina achava-se melhor, e sentada já no leito, ou antes recostada a uma pilha enorme de travesseiros, contemplava o semblante pálido e desfeito de Clotilde. Entre elas tinha havido uma ligeira explicação. Josefina exigira saber de tudo quanto se passara durante o seu estado perigoso e principalmente do que dissera em seu delírio. Clotilde foi sincera e franca: não lhe ocultou coisa alguma, nem as revelações nem as suas consequências. Josefina, então, sob a impressão justa de uma vergonha sem limites, cobrira o rosto com as mãos e chorara lágrimas amargas de desespero e, digamos a verdade, de arrependimento. Via-se na dura necessidade de corar diante de sua filha e não podia conter a sua amargura. Quantos sofrimentos não acarretava a sua falta! Quantos males não provocava um momento de amor ilegítimo e criminoso! Por fim, a mísera mulher reagiu sobre si mesma, e teve a ideia de afastar de si o juízo desfavorável e severo de sua filha. Ao menos aos olhos dela, continuaria a ser a mãe honrada e a esposa honesta; sofreria o desprezo e a censura de todo o mundo, mas não o queria merecer de sua filha. Lembrava-se de tudo isto um pouco tarde, é certo; mas lembrava-se. Faria, portanto, todo o possível para justificar-se e para continuar a ser aos olhos de Clotilde o que fora sempre até então – o modelo das esposas e das mães.

Lançou, pois, tudo quanto havia dito à conta do delírio e protestou a sua inocência e honestidade.

– Porventura, acreditasse naquelas palavras loucas e filhas apenas da febre e do delírio? – perguntou ela à sua filha, ao terminar a sua exposição, justificativa e, para si mesma, convincente.

Clotilde tranquilizou-a com uma negativa: porém foi tão seca em sua resposta, absteve-se tanto daqueles carinhos de que era sempre pródiga com sua mãe que ela não ficou de todo satisfeita e conheceu que no espírito da filha ficava a dúvida, ou pior ainda a certeza da verdade. Resignou-se, porém, e apelando para o futuro, no qual prometia a si mesma dar provas de sua virtude, começou a contemplar a moça com esse olhar doloroso e triste dos doentes.

Nessas condições o aparecimento de Jaime foi um choque terrível para ela. Depois da silenciosa acusação, representada pela figura triste, abatida e aparentemente resignada de sua filha, surgia-lhe de repente a outra, a mais terrível: a acusação justa e legítima. Josefina, ao encarar seu marido, fechara os olhos e levava as mãos ao seio como para conter-lhe as palpitações violentas e sufocantes. Depois de alguns minutos, em que a comoção foi se acalmando, abriu de novo os olhos, e pelas faces correram-lhe duas longas lágrimas silenciosas. A dor moral, que a torturava, era visível. Quis estender a mão a seu marido, porém não se atreveu. Também o aspecto deste não era animador. Jaime contemplava-a com a impassibilidade da indiferença, e nem no gesto, nem no olhar demonstrava a mínima parcela de piedade ou de perdão.

Ao entrar, o seu primeiro pensamento, – o seu primeiro impulso – fora aproximar-se de sua mulher e dar-lhe de chofre a notícia brutal da morte do amante. Talvez que o choque produzisse o seu efeito e, no estado em que ela estava, sobreviesse a morte instantânea e vingadora. Jaime, porém, pensara melhor e coibira aquele impulso. Estava em companhia do sogro e teve medo de proceder de uma forma tão precipitada e tão cruel. Calou-se, portanto, e entrou no quarto, onde estava Josefina e aproximou-se dela unicamente com a curiosidade de quem desejava avaliar os estragos que produziu uma moléstia e calcular assim a robustez da força vital existente e as probabilidades de um aniquilamento próximo ou remoto.

Depois de contemplar Josefina por algum tempo, sempre impassível e com aquele olhar gelado que transia de medo a pobre mulher, o negociante afastou-se do leito, e saiu do quarto, dizendo ao sogro:

– Creio que ela já pode ir para casa.

Ao mesmo tempo, Josefina, cruzando as mãos sobre o seio ofegante, murmurava dolorosa e tristemente:

– Ele nunca me perdoará!

E entregava-se a uma dor surda e acabrunhadora.

Nada mais se passou de notável no seio daquela família, cuja felicidade estava para sempre destruída e parecia que as coisas iam entrar no seu curso natural. Josefina demorou-se ainda alguns dias em casa de seu pai, e durante este tempo Jaime absteve-se o mais possível de lhe aparecer, conservando-se sempre em sua loja ou encerrado no andar superior entregue ao exame de seus livros e papéis. A carta que ele escrevera à polícia, bem como a fotografia do polaco haviam seguido o seu destino não obstante as seguranças do velho Comendador, e muito concorreram para o bom e favorável resultado das pesquisas policiais. Os jornais tinham publicado aquele esclarecedor artigo, que transcrevemos no capítulo segundo da primeira parte, e estava definitivamente terminado aquele incidente curioso nos anais da criminalidade. Jaime Favais estava tranquilo e nada mais tinha a temer da justiça dos homens.

Tinham-se passado os dias, e sua família voltara para a casa. Josefina ficara restabelecida de todo, mas notável mudança se havia operado em toda ela. Já não era a mesma senhora de gênio petulante e alegre, em cujos lábios errava sempre um sorriso faceiro de felicidade e de cujos olhos brotavam aos feixes os lampejos de uma alegria contínua e nunca perturbada. Não. Agora, era a mulher taciturna e acabrunhada, cuja vida deslizava entre as lágrimas do remorso e as esperanças do arrependimento, entre a dor de haver pecado e a súplica de ser perdoada. Tornara-se para o marido de uma docilidade imperturbável e quase subserviente: tornara-se para sua filha de uma desconfiança incômoda, e quase que de uma humildade imprópria. Dir-se-ia temer escandalizá-la a qualquer passo e ter de ouvir alguma indireta ou alusão à sua falta.

A sua timidez era visível, e tão exagerada que até influiu no tratamento que sempre dera ao primeiro caixeiro, sobrinho do marido, e até nos sentimentos que ele lhe inspirara. Tudo isto demonstrava um estado mórbido permanente e atestava que a comoção cerebral, por que passara, lhe havia deixado no cérebro lesões enormes e profundas. A par de um acabrunhamento físico e notável, de uma fraqueza progressiva de membros, de um gradual

aniquilamento de vida física, notavam-se também verdadeiros sintomas de enfraquecimento moral. Não é impunemente que se passa por uma crise tão forte, nem se sofre uma dor tão aguda!

Clotilde passara também por uma transformação extraordinária e digna de nota. Conservava ainda no olhar imperioso e brilhante aquelas cintilações coruscantes de energia e de força de vontade, mas havia banido dos lábios a expressão habitual da alegria. Descorava a olhos vistos e cavavam-se-lhe as faces em rugas profundas, sulcadas muitas vezes pelas lágrimas. Não modificara em coisa alguma a maneira por que tratara seu pai ultimamente, antes recrudescera de frieza e para com sua mãe mantinha-se numa reserva impassível e silenciosa. Dava-lhe todo o respeito possível, mas negava-lhe a ternura antiga, a antiga e cordial confiança, que faziam que elas parecessem mais duas irmãs do que uma filha e uma mãe. O seu maior cuidado, agora, era isolar-se o mais possível e concentrar os pensamentos. Passava os dias trancada no seu quarto, a pensar, e às vezes, a chorar.

Havia uma grande mágoa que a prostrava e ia minando assim a sua vida, mágoa que ela não se atrevia a confessar, mas que mais tarde ou mais cedo tinha de tornar-se conhecida. Supondo, como todo mundo, que Leandro havia partido para o Sul, conservava sempre a esperança de vê-lo voltar e de poder então pedir-lhe estreitas contas, do seu procedimento para com ela, e obrigá-lo, não obstante a sua cumplicidade com sua mãe e com Celeste a restituir-lhe aquilo que lhe havia roubado num momento de loucura e de abandono.

Com efeito. O médico não se havia enganado em casa de Celeste. Clotilde, naquela noite fatal, em que fora ao encontro do baiano, não tivera bastante energia para impor silêncio aos impulsos apaixonados de sua própria carne, aos extravios sensuais do seu amor, por tanto tempo comprimido e sufocado. Sucumbira, e sucumbira inconsciente, maquinal, alegremente. Reincidira na culpa, tornara-se a amante do libertino enamorado e a consequência não se fizera esperar. O médico falara a verdade, mas a moça ignorava ainda toda a gravidade do seu estado, e atribuía

todos aqueles sintomas fisiológicos ao desgosto que tinha sofrido com as revelações de sua mãe, e mais ainda às saudades que lhe causava a ausência do amante.

Indignara-se com o procedimento, mas não perdera o amor que lhe dedicava. A raiva natural e ciumenta de vê-lo amar a outras, não o fazia condenar, nem recaía sobre ele, não! Fora, porém, refletir nas rivais e empregara-se em sua mãe e em Celeste. Daí aquela concentração de espírito, e aquele isolamento voluntário, a que ela se entregava de contínuo.

Tal era o estado a que havia chegado a família do negociante, e tais os pródromos do novo drama, ainda mais terrível, que tem de desenvolver-se aos olhos do leitor.

## IX Reaparece o Jereba

Todas essas mudanças e modificações não haviam passado despercebidas a João Favais, mas o caixeiro não sabia ao que atribuí-las e debalde se perdia nas mais absurdas conjecturas. Quisera um dia gracejar com a prima a propósito de sua tristeza, e ver se por esse meio indireto entrava na confiança do que se estava passando, mas o olhar com que a moça o fulminara foi tão terrível e eloquente que ele tomou imediatamente a escada e foi encafuar-se no balcão.

Uma outra circunstância lhe dava que pensar e lhe fazia sofrer todas as torturas da incerteza: era o desaparecimento do Jereba. Não sabia como explicá-lo, nem a que atribuí-lo. Ao princípio supusera que o rapaz, pândego como era, tivesse demorado por Jaboaão e só viesse depois de acabado o dinheiro que levava.

– Em todo caso – pensava ele – uma vez que foi atrás do tio, e este já tinha voltado, devia ter-me, pelo menos, mandado dizer o resultado da sua comissão.

E esperava, mas os dias iam-se passando e o Jereba não aparecia. O que o incomodava, não era propriamente o rapaz. Que o levasse o diabo, para o João era o mesmo. O que o torturava, era o não poder satisfazer a sua curiosidade com relação aos passos e aos negócios do tio, negócios e passos que lhe pareciam envolver grave mistério, e sobre os quais, o leitor estará lembrado, o primeiro caixeiro fundava grandes esperanças para chegar ao seu *desideratum*.

Impacientava-se, portanto, e dava aos diabos o Jereba e a hora, em que se lembrara de ocupá-lo com semelhante incumbência.

– E de mais a mais, dei-lhe dinheiro – resmungava o zangado português. É bem feito que isto me aconteça, para que eu não tenha confiança em malandro daquela ordem.

Depois pensava de novo:

– O valdevinos é capaz até de nem ter ido atrás do tio. Quem sabe mesmo se é verdade tudo quanto ele contou-me?

Aproveitou então uma folga e foi até à casa que o Jereba ocupava em companhia de alguns caixeiros. Não havia aparecido ainda e ninguém sabia dar-lhe notícias dele. João voltou para a loja desapontado e deu largas ao seu furor numa dessas imprecações indecentes, de que era pródiga a sua raiva, e que se tornam habituais em todo aquele que não tomou chá em pequeno.

Estavam as coisas nesse ponto, quando, uma manhã, por volta das onze horas, procurou-o um indivíduo e lhe entregou uma carta, cuidadosamente lacrada e com a cláusula de – em mão própria. O caixeiro abriu-a com sofreguidão e curiosidade e, apenas viu a assinatura, deu um grito de alegria. Era uma cartinha do Jereba. Noticiava-lhe que tinha voltado de Jaboaão e pedia-lhe insistentemente que o fosse ver à sua casa.

– Quando chegou ele? – perguntou o caixeiro ao portador:

– Chegou hoje mesmo por volta das oito horas – respondeu o rapaz que perguntou por sua vez – tem resposta?

– Sim; diga-lhe que, assim que puder sair, lá irei.

– Sim, senhor.

O caixeiro não cabia em si de contente e relia o bilhete do amigo como se ele lhe pudesse satisfazer a curiosidade ou apressar a hora da entrevista.

– Aquilo é que é amigo! – exclamava agora o João Favais, cheio de satisfações e antevendo o resultado da excursão – aquilo é que é amigo! não parece brasileiro!

Só à tarde, pôde ele desvencilhar-se do serviço e correr ao Recife, à casa do amigo. Entrou como um raio, e abrindo os braços, num assomo de amizade excessiva e de entusiasmo extemporâneo.

– Venha de lá um abraço! – bradou ele.

– Devagar! devagar! – respondeu-lhe uma voz fraca.

E ao mesmo tempo o Jereba estendeu-lhe a mão, do fundo de uma espreguiçadeira; não o Jereba robusto e corado que

conhecíamos, mas sim o Jereba pálido, enfraquecido e com a cabeça amarrada com um lenço.

João Favais, recuou ao vê-lo assim, e, segurando-lhe maquinalmente na mão, exclamou cheio de espanto:

– Que diabo foi isto?

– Isso? – retrucou o Jereba, no seu tom habitual de troça e de pilhéria – isso?... isso foi o resultado de andar metendo o nariz nos negócios alheios.

– Hein?...

– Se não fosse tu, eu não estaria neste estado. O caixeiro sentou-se, intrigado em alto grau.

– Se não fosse eu? – disse ele perguntando.

– Ou se não fosse teu tio – emendou o Jereba.

– Mas que diabo! cada vez te entendo menos. Conta tudo de uma vez e acabemos com isto. O que foi que te aconteceu?

– Quase morro... ou antes, quase me matam!

– Por quê, homem?

– Ora, por quê?... por causa do diabo de uma mulatinha... As mulheres foram sempre a causa dos meus males!

Exclamou o Jereba com certa convicção e acrescentou filosoficamente:

– Eu ainda hei de morrer por causa de uma mulher! E voltando-se, logo para o amigo, foi dizendo:

– E tudo por causa de teu tio! se eu não fosse atrás dele, não tinha tido ocasião de ir àquele samba de todos os diabos!

– Ó homem! – exclamou o João – não vês que me estás impacientando de maneira horrorosa? Conta logo o que te sucedeu e deixa-te de mais palavras.

– Pois vá lá. Vou pôr-te ao fato de tudo, tim-tim por tim-tim. Mas prepara-te!... vais ouvir umas coisas de arrepiar os cabelos e saber de outras... Aquele teu tio sempre me saiu um tratante!

– Que dizes?!

– Ouve.

O Jereba recostou-se ao espaldar da cadeira, tomando uma posição mais cômoda e deu princípio à narração de suas aventuras, a começar do momento em que deixara o caixeiro e seguira no encalço do negociante. Não omitiu circunstância alguma, nem mesmo a série de pensamentos e de suposições a que se entregara após a descoberta que fizera da verdadeira identidade do cadáver.

João Favais estava assombrado e tomava nota circunstanciada de tudo, não sabendo ainda o uso que faria daquelas informações, mas com o pressentimento de que lhe poderiam servir algum dia de muito. Em todo caso, eram armas contra o tio, e por consequência contra Josefina e Clotilde. Quem sabe se o casamento não seria ainda o preço do seu silêncio.

Na descrição fiel e exata das aventuras do Jereba, cujo estilo pitoresco e divagador não acompanharemos para não alongar a nossa narrativa, chegou ele ao ponto em que, depois de sentir o pardavasco irmão de Marocas esmigalhar-lhe na cabeça um castiçal de vidro, sentira igualmente que lhe rasgavam as carnes do lado direito e perdia os sentidos. Dali em diante tinha apenas uma reminiscência vaga e confusa de tudo quanto se havia passado; os fatos e acontecimentos debuxavam-lhe no espírito como em um sonho pouco nítido e apareciam-lhe como que envolvidos numa bruma espessa e condensada. Lembrava-se que fora arrebatado, suspenso do solo, e que depois sentira no rosto uma lavagem fria e agradável, como se o tivessem exposto à ação direta do ar da noite. Quando tornara a si do desmaio, estava deitado em uma cama da casa de José Romão, e vira sentados ao pé dele a robusta lavadeira e o velho taberneiro. Ao primeiro movimento que fez, a mulata acudiu de pronto, e recomendou-lhe com a voz carinhosa e cheia de cuidados:

- Não se mexa que pode fazer-lhe mal.
- Que foi? – perguntou o Jereba, sentindo uma dor aguda no lado direito e uma extraordinária fraqueza em todo o corpo.
- Não fale! – retrucou-lhe a Marocas – logo lhe digo tudo. Agora, durma. E assim dizendo, voltava-se para o velho José Romão e pedia-lhe com voz imperiosa e intimativa:

– Ande, homem; traga daí a beberagem.

Ao que o velho caboclo obedeceu imediatamente, dando-lhe uma xícara cheia de um líquido que derramou de um pequeno bule que estava em cima de uma cômoda. Marocas fez com que o Jereba esgotasse todo o líquido, e depois ajeitou-lhe a cabeça nos travesseiros e o acomodou como se tratasse de um filho ou de um amante estremeado. O rapaz ou por efeito da poção calmante, ou em consequência do próprio incômodo, recostou a cabeça para um lado e fechando os olhos, adormeceu suavemente. A cabocla contemplou-o por algum tempo, abanando as moscas com a mão, e quando se convenceu de que era verdadeiro e profundo o seu sono, afastou-se lentamente na ponta dos pés e foi sentar-se à pequena distância.

Fora Marocas quem invadira o baile de sinhá Nenê muito a tempo de salvar o rapaz e o arrebatara à fúria homicida de seus gratuitos inimigos. Tendo assistido no quintal de sua casa, ao conluio do Zanolho e do Bigode de Arame, estava senhora de todo o segredo e protestara livrar o simpático mancebo das mãos daqueles sicários. Foi por isso que, apenas soubera da sua ida para o baile, adivinhara a traição que lhe armavam e o perigo que ele corria e por sua vez, tomando o xale, se dirigira para a casa do largo da matriz.

Chegara a tempo de ver seu próprio irmão esmigalhar o castiçal de vidro na cabeça do mancebo, e tomando-o então nos seus braços robustos, habituados a pesos ainda maiores, levantara-o no ar, e fugira com ele para casa. Aí chegando examinara os ferimentos do Jereba e tratara-o com todo o carinho e com todo o zelo. Os ferimentos da cabeça eram insignificantes e não passavam do couro cabeludo. Mais sério, porém, era o causado pela facada, embora também não aparentasse gravidade. A faca, manejada de baixo para cima, encontra uma costela e não pudera por isso aprofundar o golpe e torná-lo mortal. Não tinha havido derramamento algum interno e a ferida nada oferecia de extraordinário e de perigoso. A grande fraqueza do Jereba era

devido à perda do sangue e ao abalo que sofrera com o gênero de transporte a que o tinham sujeitado.

Logo depois da cabocla, chegara à casa o José Romão, e ambos haviam pensado o rapaz procedendo aos curativos necessários, senão científicos e completos, pelo menos apropriados e eficazes. O Jereba estava definitivamente salvo, graças à dedicação e à ternura de Marocas, cujas ideias eróticas ele havia provocado e de cuja simpatia se tornara credor. Apenas tornou de todo a si, quis mandar chamar a autoridade policial e dar queixa do que lhe havia acontecido. A mulata, porém, declarou o parentesco que a ligava ao pardavasco, que o agredira e a quem ele atribuía todos os seus ferimentos, e o Jereba, por gratidão, desistiu de qualquer procedimento. Além disso contara-lhe ela todo o ocorrido em sua própria casa entre os dois sequazes do negociante e essas notícias puseram no espírito do mancebo a dúvida acerca de quem o havia ferido.

Como estava muito fraco e, os ferimentos precisavam de curativo cuidadoso, demorou-se ele todos aqueles dias em Jaboação quase que oculto em casa do José Romão e segregado egoisticamente pela cabocla, que o não deixava um só momento e que cada vez sentia mais inclinação e simpatia por ele. Foi por isso que o João Favais não teve notícia alguma do Jereba nem este teve pressa de pô-lo ao fato de quanto se havia passado com o seu tio.

Ao terminar a narração, convencidos ambos como estavam da criminalidade do negociante, concordaram em que o Jereba não boqueiasse nada. Era conveniente que só eles soubessem desse segredo e isto para que só eles pudessem fazer qualquer uso e tirar qualquer proveito. Esta última lembrança, pondo os dois amigos de acordo, deixava-lhes entretanto no espírito o germe de novas e futuras combinações.

Jaime havia escapado da polícia, mas era provável que não escapasse do Jereba ou do sobrinho.

## **X Atrás dos apedrejados correm as pedras**

As coisas na Rua Nova pareciam ir entrando nos seus eixos, e, à semelhança dos vulcões, fermentasse latentemente uma explosão terrível de efeitos assombroso reinava, contudo, uma tranquilidade aparente, e a calma tinha vindo substituir, por então, a lufa-lufa desordenada das paixões que se haviam embatido e produzido tantos escândalos e desgostos.

Josefina continuava a apresentar os mais progressivos e inequívocos sintomas de um amolecimento cerebral, e em Clotilde cada vez mais se acentuava a diagnose fisiológica da sua moléstia. Não tinha ela ainda pleno conhecimento do seu estado, mas não estava muito longe de desconfiar dele, já pelos próprios sintomas que nele se reproduziam, e já pelas insinuações maliciosas da escrava, única e real confidente de todos os seus passos e por isso de todas as suas amarguras e receios. Contudo a moça conservava sempre a esperança de um engano e deixava-se embalar descuidadamente por essa ilusão, que a consolava.

Jaime concentrava-se cada vez mais, e, dia a dia, acentuava com mais força o seu afastamento da família. Da mulher não queria absolutamente saber e a sua presença parecia até produzir-lhe um acréscimo enorme de desgostos. A única pessoa que em semelhantes emergências poderia servir-lhe de consolo e amenizar as suas horas de atribulação e dar um lenitivo à dor de ver-se sem amor e com remorsos, era a filha. Essa, porém, desviava-se dele o mais que podia e havia se tornado para ele como que uma acusação muda e rancorosa.

Por todos os lados parecia-lhe que o cercavam suspeitas, e que todos os olhares o designavam como criminoso e todas as conversações secretas ou cautelosas tinham por objeto o seu delito. A sua calma não era senão aparente: a sua tranquilidade uma máscara constante, que ele afivelava ao rosto todos os dias, para poder suportar os olhares investigadores da família, dos caixeiros, dos fregueses, até dos indiferentes. As suas noites eram mal

dormidas e, a mais das vezes, povoadas de sonhos agoniados e, entre uns e outros, de pensamentos lúgubres e medonhos.

Seriam remorsos? Jaime não se arrependia de ter castigado o assassino da sua felicidade. Passava, sim, por uma crise natural e comum. Estava ainda sob um domínio da exaltação psíquica e nervosa que o tinha feito agir daquela forma e tirar aquela vingança. Mais nada. Isso de remorsos e de outras causas semelhantes não passam de invenções metafísicas e rendosas, descobertas muito a propósito para justificar a necessidade de uma das tantas purificações religiosas, que afinal se resumem em mais alguns proventos para os augures modernos, intérpretes das conversas divinas e intermediários entre Deus e o pecador; assim uma espécie de corretores de praça comercial ou de atravessadores de gêneros alimentícios. Também antigamente, além dos remorsos, que eram a especulação com os fatos consumados, havia a invocação da pitonisa, que era a especulação com o fato a consumir-se. Traficava-se com o passado, como se traficava com o futuro. Ainda hoje se faz o mesmo: e tanto assim é, que há missas para curar a alma que já pecou, como há missas para preservar a alma de pecar. O remorso e o medo do inferno são duas grandes fontes de receita, rivalizadas só pelas duas outras: a promessa e a esperança de ir para o céu.

Por essas e outras é que os *condottieri* italianos prometem até o seu padre-nosso e a sua ave-maria se a Santa Madona lhes proporcionar a ocasião de ganharem o seu dinheiro e lhes der vigor ao braço para tornar mortal a facada que venderam. Última expressão e última consequência de uma lógica ingênua e verdadeira!

Praticando um fato, não preocupa mais o nosso espírito, e, se por acaso parece influir nele, é isto devido não ao próprio fato, mas às suas consequências. Todos os atos humanos são outros tantos elos de uma só cadeia e o que hoje influi no nosso espírito e no desenvolvimento moral ou físico de nossa vida, pode ser e é realmente consequência do primeiro passo que demos sob o nosso

próprio influxo, mas não é aquele mesmo passo, nem tampouco a sua recordação agoniada.

Jaime, portanto, não tinha remorsos do que havia praticado: sofria sim, em consequência de tudo quanto lhe havia sucedido e estava ainda sucedendo no seio da família; conhecia-se suspeitado e receava, não pelo passado, porém, pelo futuro. Temia que aparecessem novas complicações que o obrigassem a incomodar-se outra vez. Contudo ia pouco a pouco afazendo-se a esse receio e tranquilizando-se, quando uma manhã recebeu pelo correio uma carta misteriosa e enigmática.

“– Comendador!” – dizia ela: “pessoa que o acompanhou a Jaboaão e que não acredita nas notícias dos jornais, precisa falar-lhe com toda a urgência sobre coisas de interesse.

Previne-o, portanto, de que procura-lo-á qualquer dia destes depois de tomar as devidas cautelas para segurar a sua pele”.

E não tinha assinatura, nem a letra estava disfarçada.

Jaime Favais sentiu-se estremecer violentamente e fechou as mãos num gesto mudo de raiva e de furor. Quem lhe teria escrito aquela carta? Acudiu-lhe logo ao cérebro uma ideia. Era, sem dúvida, alguma nova especulação do Hermínio ou do seu miserável companheiro. Desejava extorquir-lhe mais dinheiro e empregavam aquele meio. Vestiu-se então apressadamente e dirigiu-se à casa do beco das Barreiras. Encontrou felizmente o Hermínio e o Bigode de Arame.

Tendo desaparecido, por cautela, depois do ferimento do Jereba, a quem julgava ter morto, e com o fim de escaparem a qualquer pesquisa policial, os nossos dois heróis haviam imediatamente voltado para o Recife, espalhando então o Bernardino a notícia de que ia para Santo Antão. Uma vez na cidade esperaram pelos acontecimentos e, pouco depois, por intermédio dos jornais, souberam da maneira favorável por que havia terminado todo aquele negócio. Foram-se passando os dias e como o Jereba não aparecesse, o Bigode de Arame, em uma das suas excursões para as bandas de Jaboaão, tirara a seu respeito

esclarecimentos com o próprio José Romão, e soubera de tudo quanto com o rapaz se havia passado. Estavam, portanto, perfeitamente tranquilos quando o negociante lhes apareceu.

– Oh! Vossa Senhoria nesta humilde choupana?! – exclamou o Hermínio, apenas o viu.

– Que há de novo? – declarou o Bernardino, afagando o bigode e talvez pensando em alguma nova empreitada.

O negociante mostrou-lhes a carta e perguntou-lhe se tinha sido algum deles o autor.

– Não! – protestaram ambos a um tempo. – Nós cá não especulamos com ninguém. Ajustado o nosso negócio e pago o nosso serviço, não falamos mais naquilo. Somos tão honrados como Vossa Senhoria, Sr. Comendador!

– Mas então quem poderia ter escrito esta ameaça... porque isto é uma ameaça! – insistiu o negociante, abrindo muito os olhos e a tremer de raiva com a mão que segurava a carta.

– Não sei! – respondeu o Hermínio, pensativo.

– Não posso atinar! – disse também o Bigode de Arame, puxando pelo bestunto.

– Quem foi que me acompanhou a Jaboação? – formulou Jaime, olhando insistente e interrogativamente para os dois.

Houve uma pequena pausa, em que todos três pareciam concentrar-se para achar uma resposta àquela pergunta.

– Ora, esperem! – bradou o Zanolho de repente.

– Quê? – repetiram os outros dois ao mesmo tempo.

– Querem ver que é do Jereba! – concluiu o Hermínio, estrangulando um pigarro formidável e piscando com toda a vivacidade os seus olhinhos de basilisco.

– Como o Jereba? – indagou o negociante admirado – e vocês não o mandaram para o outro mundo?

– Qual! – tomou a palavra o Bigode de Arame – eu bem lhe fiz as diligências, mas aquele patife tem a pele dura e a vida longa. Escapou pelo pau do canto.

O Bernardino então contou ao negociante tudo quanto se havia passado com relação a esse negócio, e ao terminar a narração, durante a qual não faltaram os exageros e as mentiras, a fim de fazer sobressair o seu trabalho e o do companheiro, o Bigode de Arame confirmou a ideia do Zarolho.

– É dele mesmo, não tem que ver. O tratante soube do motivo da armadilha e quer agora tirar a sua desforra. Como não pode conosco... Verdade é que ele pensa que foi ferido pelo irmão da cabocla!... atira-se ao Sr. Comendador.

– Mas que diabo quererá ele? – suspirou pensativo o negociante.

– Isso é que eu não sei! – respondeu o Bernardino.

E acrescentou logo num tom malicioso e fazendo um gesto de capoeira:

– Agora se o Sr. Comendador quer se ver livre dele. O Comendador estremeceu.

– É só dizer! – concluiu o celerado, a sorrir com a amabilidade de quem quer fazer um negócio.

O negociante releu o final da carta e havia refletido.

– Não! – respondeu logo – quero primeiro ver o que ele quer.

Despediu-se então dos seus dois cúmplices e voltou para casa pensativo e abstrato. Mais aquele contratempo! Mais um incômodo e ainda por causa da morte de um miserável!

Quando tudo devia concorrer para recompensá-lo por ter livrado a terra daquela criatura prejudicial e, a sociedade daquele parasita infame, parece justamente que as circunstâncias se acumulavam para castigá-lo, e a cada passo surgiram a seus pés mais desgostos e mais agudos espinhos. Era para fazer desesperar!

Assim pensando, consumira Jaime a distância que vai do beco das Barreiras à Rua Nova, e ao entrar na loja ficou surpreso e admirado ao ver sair do fundo um rapaz alto, um pouco pálido e vestido com toda a elegância de um *dandy* verdadeiro.

Era o Jereba que acabava de ter uma longa conferência com o seu amigo João Favais. Estava completamente restabelecido e o

seu semblante, empalidecendo ainda, adquirira por isso uns tons românticos que lhe iam a matar e que lhe davam à fisionomia um certo cunho de distinção e de simpatia.

O negociante não o conhecia pessoalmente, ignorava as relações de amizade que o ligavam a seu sobrinho e por isso estranhou a liberdade de que ele usava e a franqueza com que saía do interior do seu estabelecimento comercial. Parou, portanto a meio caminho no centro da loja, e olhou interrogativamente para o primeiro caixeiro que seguia o rapaz, a poucos passos de distância. O Jereba apanhou de passagem aquele olhar, compreendeu a mímica, aliás expressiva do negociante, e adiantou-se para ele, com o sorriso nos lábios e o olhar fito nos seus.

– Sr. Comendador, desejo dar-lhe uma palavra – disse ele cortesmente.

O Comendador serenou logo: era um freguês, não tinha dúvida.

– Pois, não! – respondeu ele com toda a lhanza – Vossa Senhoria é?...

– Fortunato Dias, um seu criado! – respondeu o Jereba curvando-se com graça.

O Comendador não ligava o nome à pessoa: não o conhecia. O Jereba continuava a ser para ele o mesmo desconhecido.

– Estou às suas ordens! – retrucou o negociante, encostando-se ao balcão.

– Vossa Senhoria deseja?...

– Perdão! – replicou o rapaz assumindo um ar de seriedade imponente – o que tenho a tratar exige mais reserva.

E, aproximando-se mais do negociante, murmurou-lhe quase ao ouvindo estas palavras:

Sou o autor da carta que Vossa Senhoria recebeu esta manhã.

## **XI Cartas na mesa e jogo franco!**

O negociante erigiu o corpo de um salto, como se o houvesse mordido uma cobra, e recuou espavorido. Um raio, que tivesse caído a seus pés, não lhe causaria comoção tão grande e tão violenta. Fitou os olhos espantados no mancebo e murmurou a titubear:

– O senhor é?

– O Jereba! – confirmou o rapaz, esboçando um riso de bondade – pode dizê-lo. É a minha alcunha e não me ofendo com ela. Fico até mais a meu gosto quando me tratam assim.

Apresentava um destaque curioso a posição dos dois interlocutores e ainda mais a respectiva expressão das fisionomias. No Comendador uma lividez de terror e uma atitude de humildade forçada, porém cheia de rancores; no mancebo uma ironia dominadora e folgazã, uma atitude tranquila, porém cheia de energias. Não sei porque, mas ao vê-los, vinha ao espírito a cena curiosa do gato que, depois de apanhar o pobre rato, o martiriza a folgar e brinca com ele até matá-lo.

Depois de alguns segundos de silêncio, em que os dois se entreolharam e se mediram, o negociante pareceu tomar uma resolução e dirigiu-se para o rapaz:

– Se quiser subir... – disse ele.

– Com todo o gosto – respondeu o Jereba.

E subiram ambos para o primeiro andar, o rapaz senhor de si e ainda mais da situação, como quem sabe o que pretende e o que quer, e o negociante assustado e apreensivo, como quem aceita uma luta com adversário desconhecido e não sabe o que lhe tem de acontecer. Ao entrarem na sala, sentaram-se logo e o Comendador apressou-se em se pôr à disposição da sua visita.

– Estou às suas ordens, Sr. Dias – disse ele tristemente.

O Jereba curvou-se como a lhe agradecer a amabilidade e começou por estes termos:

– Conheci muito Leandro Dantas, Sr. Comendador, e sei de toda a sua vida.

Jaime estremeceu, mau grado seu. Conjecturava, é certo, alguma coisa de extraordinário, e de terrível para si, mas estava tão longe de esperar aquele intróito, que a declaração brusca do rapaz lhe produziu um efeito indefinível.

Era mais uma pessoa que possuía o seu segredo, e portanto era mais um indivíduo a cujo domínio moral e talvez mesmo que material ele tinha de forçosamente sujeitar-se. Já não lhe bastariam para isto o Hermínio e o Bigode de Arame, seus cúmplices; era ainda preciso que surgisse um novo algoz para o seu sossego e esse mais perigoso do que os outros, porquanto não estava preso por cumplicidade alguma.

Não sabia contudo do que se tratava ainda, mas desconfiava vagamente das pretensões do seu interlocutor e temia interiormente que fossem exorbitantes as suas exigências.

Ditas aquelas palavras, o Jereba prosseguiu:

– Conheço além disso a sua família, com a qual mantenho estreitas relações de amizade...

– Como! conhece a família daquele... miserável?

– Não injurie os mortos, Comendador! – observou-lhe o rapaz com uma segura desesperadora.

O negociante crispou as unhas nas coxas, e mordeu os beiços, como para impedir a passagem de alguma praga enérgica e terrível. O Jereba continuou com o mesmo imperturbável sangue frio.

– Esta família, composta de mãe e de irmã, mas de uma mãe extremosa e capaz de todas as energias e de todas as consequências para vingar a morte de seu filho, mora atualmente na cidade e, felizmente para Vossa Senhoria, ignora o fim trágico e verdadeiro do nosso amigo.

O rapaz apoiou ironicamente aquele nosso com um requinte infernal de crueldade. Jaime estava em torturas.

– Mas afinal de contas – bradou ele impaciente e quase fora de si – a que ponto quer o senhor chegar?

– Dizendo-lhe tudo isto, Comendador, tenho por ora, um único fim: convencê-lo de que não só estou perfeitamente a par do que se passou em Jaboaão, mas também do que se deu anteriormente a esse fato lastimoso com relação a Vossa Senhoria e a sua própria família.

– Como pode saber disso? – interrompeu o negociante quase erguendo-se.

O Jereba sorriu-se com malícia:

– Eu era o confidente de Leandro – disse ele.

Jaime deixou-se cair de novo na cadeira, como se sentisse aniquilado. O Jereba prosseguiu:

– O meu fim, pois, é não só este, como também fazê-lo compreender que possuo todos os elementos, para destruir a falsa apreciação dos jornais, para encaminhar a justiça pública a novas pesquisas mais bem feitas e completas, e finalmente para perdê-lo absoluta e definitivamente.

O negociante fez um gesto de rancor. O Jereba acrescentou logo com uma vivacidade preventiva e zombeteira.

– Acrescento a isto, que não receio nada por mim, nem contra mim. Tomei as minhas medidas de prevenção e de cautela, e no caso de ser exercida contra mim qualquer violência ou de suceder-me qualquer desgraça inesperada, a família do nosso amigo Leandro teria de associar o meu nome ao do desditoso mancebo que foi traiçoeiramente assassinado nas capoeiras do Engenho Suaçuna.

O negociante estava completamente dominado. Encarava a sua visita com os olhos cheios de pasmo e de curiosidade.

– Mas afinal de contas... – ia ele dizendo.

– Tudo isto, Comendador – interrompeu o Jereba – não foi mais do que uma espécie de prólogo ao verdadeiro assunto que me traz à sua casa. Dizendo-lhe o meu nome e dando-lhe a conhecer os recursos de que posso dispor e lançar mão, quis apenas apresentar-

lhe as minhas credenciais e fazê-lo compreender que podemos e devemos nos entender.

– Bem, Sr. Dias. Compreendo perfeitamente o alcance e o sentido oculto de suas palavras – respondeu-lhe o negociante, curioso sempre, porém, mais um pouco tranquilo. Estou, portanto, às suas ordens, como lhe disse desde que entrou, e espero que desta vez não divagará mais e que entrará de frente no negócio que naturalmente vem propor-me.

O Jereba ergueu a cabeça vivamente e o seu semblante esmaltou-se com uma rápida expressão de satisfação e de alegria.

– Vejo que Vossa Senhoria é inteligente – disse ele sorrindo. Vou, portanto, falar-lhe com toda a franqueza e brevidade.

O Jereba fez uma pausa; atirou os cabelos para trás com um gesto que lhe era habitual e que havia adquirido na convivência do poeta Castro Alves, cofiou duas ou três vezes o bigode, e tomando uma posição completamente familiar, atirou às faces do negociante estas palavras de um desbragado cinismo:

– Comendador, somos dois perfeitos tratantes e, por consequência, cartas na mesa e jogo franco!

– É melhor, Sr. Dias – concordou o negociante – deixemo-nos de subterfúgios e vamos diretamente ao que nos importa. Pelo que lhe ouvi, compreendo que se acha senhor dos fatos, que à primeira vista parecem criminosos e que me podem comprometer aos olhos da justiça e do comércio.

– Exatamente.

– E que, usando e abusando da posição em que, portanto, se acha para comigo, quer tirar o maior proveito possível desta situação. Não será verdade?

– O Sr. Comendador acaba de repetir exatamente o mesmo que eu lhe ia dizer. Parece que estava lendo no meu pensamento.

O Comendador não pôde deixar de sorrir palidamente daquele cinismo do Jereba.

– Dir-se-ia – continuou o rapaz com uma ironia pungente e insinuante – que Vossa Senhoria está habituado a fazer dessas

transações.

O negociante mordeu novamente os lábios e substituiu o sorriso por uma expressão de angústia e de seriedade. Decididamente o valdevinos abusava da situação e impunha a sua força.

– Vamos, portanto, ao caso – declarou o Jereba finalmente. Sou moço; tenho disposição para o trabalho, aptidões para o comércio, habilidade, inteligência e coragem.

– Bem se vê! – murmurou o negociante tristemente.

– Mas falta-me uma coisa indispensável para fazer carreira neste nosso mundo. – prosseguiu o rapaz muito naturalmente – Tem-me faltado proteção.

– E o senhor quer que eu me torne o seu protetor no comércio? O Jereba sorriu-se então com certo ar de maliciosa negativa:

– Não. Sr. Comendador. A proteção pressupõe uma superioridade, e eu de forma alguma a aceito de Vossa Senhoria para mim. O meu fito é outro.

– Qual, então?

– Possuir um capital, que me sirva de proteção e que me dispense o incômodo e a subserviência de andar a dever favores aos outros, que talvez valham menos do que eu.

– Portanto?...

– Portanto, – a conclusão é fácil – venho haver do meu amigo, o Sr. Comendador Favais, esse capital de que preciso e atrás do qual tenho andado debalde há tanto tempo.

O Comendador fitou de frente o seu interlocutor, sem que nem por isso ele pestanejasse ou mudasse de atitude. Conhecia que a resolução do Jereba era firme e inabalável. Com efeito, durante a sua convalescença o nosso amigo pensara bastante na sua situação precária e difícil, na nenhuma probabilidade de dar à sua vida um rumo regular e vantajoso. Sabia que era grande a fortuna de Jaime Favais, avaliava a posição falsa em que ele se achava e convenceu-se afinal de que havia tudo a tentar por aquele lado. As últimas palavras do João ao despedir-se dele, logo depois da volta de

Jaboatão, haviam-lhe deixado no espírito o gérmen daquelas ideias de especulação. A sua descoberta do assassinato de Leandro não apresentava ao espírito do rapaz vantagem alguma positiva; não aproveitava diretamente a ninguém; teria como resultado imediato, não um bem para este ou para aquele, mas sim um mal para o Comendador e para os seus cúmplices; entretanto que o seu silêncio podia prestar-lhe serviços mais relevantes e dar-lhe melhores resultados.

O caso era saber aproveitar-se dele e impô-lo como condição para obter o que quisesse. Chegado a essa conclusão, o Jereba formulou logo todo o seu plano e, apenas se viu bom e forte, começou a pô-lo em prática. A visita ao Comendador era o princípio.

Por que razão não exploraria ele aquele homem e não procuraria tirar proveito do segredo de que era senhor, quando essa exploração não prejudicava a ninguém mais senão ao próprio criminoso, e tinha o fim imediato de beneficiá-lo, a ele que andara sempre às cascas e que nunca cometera crime algum? Além disso a sua exigência seria ainda uma punição para o negociante, punição, que não tinha, é certo, a vantagem metafísica de vingar a sociedade, mas que teria o proveito real de fazê-lo gemer na bolsa, ao passo que aproveitava a um indivíduo.

Não se podia ser mais egoísta, mas também não se podia raciocinar com mais segurança e mais certeza!

Depois de uma pequena pausa, o Comendador tomou a palavra.

– Visto isto, Sr. Dias vem exigir de mim, a troco da cumplicidade do seu silêncio, uma determinada quantia, que formará o capital de que precisa?

– Vossa Senhoria fala como um livro: é isto mesmo.

O negociante refletiu por um momento. Se recusasse... aquele patife, aquele especulador cínico e terrível, era capaz de arrastá-lo pela rua da amargura, de pô-lhe no encalço toda a família de Leandro, e, com certeza, a polícia não o queria proteger como até

então. O melhor, pois, era sacrificar mais alguns contos de réis e ver-se livre, por uma vez, de tudo aquilo. Levantou a cabeça e perguntou à queima-roupa:

– Neste caso, quanto quer o senhor?

– Oh! – murmurou o Jereba com inaudita generosidade. – Pretendo mudar de província e meter-me afoitamente no comércio. Vossa Senhoria mesmo arbitrará a quantia.

– Pois bem: dar-lhe-ei... dois contos de réis e... O Jereba deu uma espécie de gargalhada.

– Quanto? – perguntou ele.

– Dois contos de réis! – repetiu o negociante.

O Jereba fitou-o de frente e franzindo a testa fulminou-o com um olhar de desprezo.

– Sr. Comendador – disse ele – eu não sou o Hermínio nem o Bigode de Arame! Para o senhor a vida de um mancebo pode valer essa quantia, mas para mim, a reputação, a honra e a vida de um Comendador como Vossa Senhoria, valem muito mais.

O Jereba, falando assim havia-se erguido, como se a indignação o tivesse obrigado a erigir o corpo. O negociante ergueu-se também.

– Pois bem, Sr. Dias – murmurou ele – dobro-lhe a parada.

O Jereba fulminou-o com um novo olhar de desprezo e de insolência. Ao mesmo tempo segurava o chapéu.

– Mais do que isto, senhor – disse ele – gastará a mãe de Leandro Dantas para levar a Fernando de Noronha o assassino de seu filho.

O Comendador sentiu correr-lhe pela espinha dorsal um calafrio de medo. Deu um passo para o rapaz.

– Espere, meu amigo! – murmurou ele em tom quase suplicante – dobro ainda a parada.

O Jereba parou no meio da sala.

– Desejo retirar-me para o Pará, Sr. Comendador, e essa quantia é muito pequena para um homem estabelecer-se.

– Mas Sr. Dias! – exclamou o negociante fora de si – quanto quer o senhor para calar-se?

– Eu...

– Previno-o entretanto, de que, se for exorbitante no seu pedido, preferirei deixá-lo agir como quiser.

O Jereba fitou repentinamente o negociante. Era tão sincera a expressão de sua fisionomia, e tão enérgica a sua resolução que o rapaz receou que, a custo de muito esticar, a corda se quebrasse, e a presa escapasse-se-lhe das unhas. Aproximou-se então do negociante e lhe disse com um ar e num tom de quem lhe fazia uma concessão:

– Pois bem, Vossa Senhoria porá mais dois contos de réis para arredondar a quantia e está feito o nosso negócio.

E mentalmente acrescentava:

– Uma vez com esses cobres no Pará, saco sobre ti mais outros dez e veremos.

– Seja! – respondeu-lhe o negociante, como aliviado de um grande peso – mas com uma condição.

– Qual?

– A de deixar o Recife imediatamente.

– Já lhe disse que sigo para o Pará. Basta-me que o Sr. Comendador me pague as passagens e me dê o dinheiro em saques para aquela Praça.

Entraram então os dois em conversação mais amistosa e ultimaram definitivamente a transação.

Dois dias depois o Jereba embarcava no Tocantins e seguia para o Pará com um saque de dez contos de réis na algibeira e, em pé no Cais da Lingueta, onde se despedira dele, o negociante soltava um suspiro de alívio e de descanso.

– Graças a Deus estou livre daquele tratante! Agora não haverá mais nada que me incomode.

Enganava-se redondamente o Comendador. Ao voltar para casa, encontrou João Favais que já o esperava.

## **XII Quero porque quero!**

Desde que se achava senhor do segredo de seu tio que João Favais não podia dormir. Trabucava-lhe o espírito de uma maneira extraordinária e o demônio da ambição, que sempre o dominara, fazia-o convencer-se de que havia chegado o momento e de que tinha nas mãos o meio de assentar de uma vez os alicerces de sua felicidade e de sua fortuna.

De posse, como na realidade estava, da honra e da vida do negociante, antolhava-se de grande facilidade o poder exigir dele a mão de sua prima e entrar assim muito naturalmente e, desde logo, na posse do seu dote, enquanto ficava afagando a possibilidade, aliás probabilidade, de meter o dente mais tarde na herança do seu avô, o velho e honrado Comendador Antônio Braga.

Era uma perspectiva deslumbrante e o plano a pôr em prática para obter esse resultado uma coisa insignificante e fácil para o ambicioso português. Chegasse ele a seus fins, que lhe importavam os meios! O que ele pretendia fazer não era lá uma coisa muito bonita, nem muito lícita, é certo; ele mesmo conhecia essa verdade, mas, se não havia outro caminho para chegar ao coração de sua prima e dele fazer escala para alcançar a fortuna, único alvo a que visavam os seus desejos, único ponto a que o levava o seu trabalho? Era pois enveredar por ele de cabeça baixa e não parar senão no fim.

Conquanto tivesse sido sempre batido nas suas pretensões ao amor de sua prima, contudo não desistira nunca do seu propósito nem deixara de insistir. Josefina fora sempre do partido da filha e lhe apresentara continuamente uma oposição tenaz e valiosa. João tinha, porém, agora o meio de desarmar a uma e a outra: possuía o segredo da morte de Leandro, que iria destruir toda e qualquer esperança legítima da moça e possuía igualmente o segredo de sua vida, que, divulgado se tornaria uma pedra de escândalo para a mulher do seu tio. A uma fechava as portas a qualquer amor que

por ventura existisse e a outra impunha, pelo terror de desacreditá-la, a obrigação de protegê-lo.

Além disso, se não lhe bastasse esse emprego da arma que estava em suas mãos, manejá-la-ia de outra forma; voltá-la-ia contra o tio, e da ameaça conseqüente seria impossível não obter um resultado favorável. Para salvar a reputação e a vida do negociante, Clotilde cederia aos seus desejos e Josefina não teria outro remédio senão aceitá-lo para genro. João Favais estava disposto a tudo, contanto que humilhasse o orgulho da prima e obtivesse o seu *desideratum*.

Desde que tivera a primeira entrevista com o Jereba e lhe recomendara segredo absoluto, que essas ideias lhe fermentavam no espírito. Amadureceu-a durante os dias, os meses que seguiram e por fim julgou que havia chegado o momento de operar. Concorrera para isto uma circunstância: João Favais havia notado a mudança quase repentina, porém progressiva que se havia operado na maneira com que a tia o tratava, e, sem que pudesse conhecer verdadeiramente a patologia desse fenômeno, atribuiu-a a uma súbita simpatia inexplicável, mas real.

Além disso, notava a palidez acentuada de Clotilde, a sua costumada e progressiva morbidez, o seu afastamento habitual de todos, um fastio enjoativo e piegas, esse aborrecimento constante, irritável e triste ao mesmo tempo, e, supondo-a doente, começou a temer que fosse aquilo alguma moléstia mortal. Ora, morrendo Clotilde, lá se lhe ia por água abaixo toda a sua esperança de morder a bela herança do capitalista e o arredondado dote da prima... Era necessário, portanto, que ele se apressasse, e efetuasse quanto antes o consórcio projetado.

Naquele dia, pois, apenas seu tio saiu, para assistir ao embarque do Jereba e adquirir assim a certeza de que estava livre daquela testemunha de seu crime, João Favais subiu ao sobrado e mandou dizer à prima que precisava falar-lhe a negócio de interesse e de importância.

A princípio, Clotilde quis recusar-se a esta entrevista, mas por fim decidiu-se, ou porque afagasse esperança de obter alguma

notícia do amante ou porque a mãe lhe aconselhasse a anuência. Foi ao encontro do primo e secamente lhe perguntou o que queria.

João Favais expôs então a sua pretensão e concluiu por pedir-lhe licença para solicitar a sua mão. O mancebo, valha a verdade, foi eloquente e não poupou nenhum recurso que servisse para provar a legitimidade de sua pretensão e as vantagens da aceitação da moça. Clotilde ouviu-o com toda calma, mas, sem interrompê-lo com uma só palavra ou com um só gesto. Ainda que uma cólera surda a minasse interiormente, contudo não fez explosão, como teria sucedido aliás alguns meses antes, se alguns meses antes João Favais lhe falasse a semelhante respeito. Mas a moça estava doente, fatigada, quase entorpecida.

O caixeiro iludiu-se com aquela atitude de abandono e com aquele mutismo fora do natural, e tomou tudo por sintomas de benevolência. Deu alguns passos para a moça e enchendo-se de coragem tomou-lhe entre as suas uma das mãos, e, com toda a ternura de voz e expressão apaixonada de olhares, murmurou:

– Então, prima? posso julgar-me feliz?

Clotilde estremeceu então ao sentir o contato daquela mão e o hálito daqueles lábios assim tão perto dela, e levantou-se de chofre ainda mais pálida.

– Não! – disse ela rudemente. E foi saindo da sala.

João Favais atravessou-lhe na frente. Em uma ocasião idêntica, meses antes, sentira-se vencido e esmagado, fora desfeito e recuara. Agora, porém, estava disposto a arrostar tudo. Sentia-se forte com a posse de uma arma terrível que podia manejar a seu bel-prazer e tinha quase a certeza de que por fim havia de triunfar da mísera moça, aniquilando-lhe a vontade e violentando-lhe o coração.

– Espera! – bradou ele com intimativa.

Clotilde parou admirada, como se lhe parecesse inaudita uma semelhante ação. Olhou para o mancebo, a quem mediu de alto a baixo, e perguntou com toda a calma:

– Que quer?

– Eu ainda não acabei – respondeu o rapaz.

– Ah!

– Não lhe disse tudo – continuou ele com ar resolutivo e decisivo.

– Que falta mais? – inquiriu a moça afetando um sorriso cheio de ironias e de escárnio.

– Falta dizer-lhe que...

Clotilde interrompeu-o logo, dardejando-lhe um daqueles seus olhares olímpicos de orgulho frio e imponente.

– Não se lembra já do que se passou entre nós, nesta mesma sala? Quer que a cena se repita? Devo lembrar-lhe, porém, que nas reincidências os castigos são dobrados.

Deu-lhe de novo as costas e continuou a andar para sair. O primo, porém, travou-lhe do braço grosseiramente e puxou-a até junto do sofá.

– Ouça-me primeiro! – rosnou ele com uma voz à altura da grosseria.

O gesto fora tão violento, tão rápida a ação e tão enérgico o aperto que a moça não pôde impedir que lhe escapasse um grito, motivado pela dor, e foi cair sentada no sofá, lívida de espanto e de raiva e trêmula de comoção repentina e inexplicável.

– Minha prima – dizia João Favais com os olhos incendiados e a voz estrangulada – queira ou não queira, o nosso casamento há de fazer-se!

Mas Clotilde não o ouvia. Sentira um movimento espontâneo no seu seio, movimento característico e único na vida fisiológica da mulher, e, rasgando-se o véu que por ventura lhe encobria ainda o espírito, a verdade apareceu-lhe incontestável e terrível em toda a sua nudez. Não lhe restava mais dúvida alguma. Estava grávida. Ao primeiro grito de dor e de raiva, sucedeu um outro indefinível e complexo: misto de terror e de alegria, estridor de uma vida que morre e vagido de uma vida que se inicia, consciência de uma fraqueza e consciência de uma força, despedaçamento cruel de umas asas de anjo e colocação de uma auréola infinita, grito

incompreensível de uma virgindade que se extinguiu e de uma maternidade que começa.

Clotilde erguera-se de ímpeto. Era outra. Um rubor vivo e afogueado coloria-lhe as duas faces e pelos olhos passavam lampejos de orgulho ilimitado e de energia inquebrantável. Era tal a sua transfiguração que o mancebo recuou.

– Que é que diz? – perguntou ela com arrogância. João Favais repetiu a sua ameaça.

– Agora, Sr. João Favais – disse ela num tom solene e sério, cheio de dignidade imponente – agora, ainda mesmo que eu quisesse, o nosso casamento era impossível.

E tendo dito essas palavras, passou pela sua frente e dirigiu-se para a porta.

– Por quê? – gritou-lhe o rapaz desapontado.

Clotilde voltou-se a meio caminho, e, envolvendo-o num olhar de desprezo e de piedade, dignou-se responder-lhe:

– Porque amo e pertença a outro homem!

João Favais deu um passo para ela e ao mesmo tempo atirou-lhe às faces com uma gargalhada de ironia provocadora e escarninha. Clotilde, ofendida e insultada, voltou-se de todo para ele.

– Minha prima – disse-lhe o caixeiro sempre a rir – se espera pelo seu namorado para casar-se, perde o tempo.

– Miserável! – murmurou a moça, dando um passo para ele e lançando-lhe um olhar terrível de ódio.

– Leandro Dantas morreu! – rosnou o mancebo com seriedade.

A moça não ligou imediatamente a importância devida a estas palavras. Tomou-as num sentindo figurado.

– Embora esteja longe – disse ela com arrogância – amo-o e o meu dever é esperar por ele.

– Esperará debalde! já o disse: Leandro Dantas morreu.

A repetição da mesma notícia e a segurança da voz fizeram Clotilde estremecer.

– Que diz? – perguntou ela vacilante e dirigindo-se para o primo.

– Digo-lhe a verdade, prima! – respondeu João Favais com toda a calma e conseguindo dar à voz um tom de incontestável e verdadeira sinceridade.

– A verdade? – inquiriu a moça sufocada.

– Sim! Leandro Dantas morreu.

– Mas como... se o seu nome está no *Diario* como tendo partido para o sul?... o senhor mente!

– Não! – afirmou o rapaz.

E aproximando-se mais da prima, fitou-lhe bem os olhos e murmurou com intimativa:

– Juro que lhe falo a verdade! Leandro Dantas já não existe e a prima pode dar-me o seu coração e a sua mão sem escrúpulo algum.

– Nunca! – bradou a moça no auge do desespero, e sentindo uma reação terrível abalar-lhe todo o organismo! – nunca! nunca serei sua mulher!... nem sua nem de ninguém mais!

E, sentindo-se invadir-lhe o cérebro uma irritabilidade terrível, atirou-se para o rapaz, impôs-lhe as duas mãos sobre os ombros como querendo acurvá-lo, e achegando o seu rosto ao dele, atirou-lhe às faces estas frases;

– Mas é mentira!... é mentira!

– Morreu! – replicou o caixeiro enraivecido e num tom áspero de furor. Clotilde recuou impressionada:

– Como?

João Favais aproximou-se-lhe do ouvido e murmurou-lhe a meia voz:

– Assassinado.

– Assassi!...

Clotilde não pôde concluir a palavra. Ergueu os braços para o ar, rodou sobre si mesma e caiu sem sentidos no soalho.

Acudiram então as outras pessoas da família e João Favais desceu para a loja, completamente resolvido a empregar o último recurso.

## XIII Golpe mortal

Alguns minutos depois voltava o negociante do embarque do Jereba. Tinha a fisionomia alegre e satisfeita como a de quem tem a consciência plena de haver feito um ótimo negócio.

Com efeito, por uma quantia, – grossa de mais para outros que não estivessem na sua circunstância, porém insignificante para ele, que por intervenção da mulher tinha em perspectiva toda a herança do seu tio e sogro, o velho capitalista – comprara o silêncio de uma testemunha perigosa, vira-se livre de um importuno insaciável e concorrera para a felicidade e talvez para a regeneração de um valdevinos até então incorrigível.

Esta última circunstância era até a que mais influía no seu ânimo para tornar-lhe a fisionomia tão expansiva e satisfeita. O nosso negociante julgava-se já um Marco Aurélio e inscrevia aquele dia como um dos seus dias mais felizes e mais úteis. Nem ao menos se lembrava de que fizera tudo aquilo sob pressão de medo irresistível, e unicamente pelo egoísmo de salvar a sua própria pele ameaçada.

Apenas entrou na loja e foi se encaminhando para porta que comunicava com o corredor da escada do sobrado, João Favais foi ao seu encontro e dirigiu-lhe a palavra com um tremor de voz e uma certa comoção que debalde queria subjugar.

– Meu tio – disse ele – preciso falar-lhe.

O negociante levantou os olhos para ele, não sem algum espanto, e vendo a alteração e a ligeira palidez de sua fisionomia, sentiu aumentar-se-lhe a própria admiração.

– Há alguma coisa de novo? – pergunto ele, preparando-se para receber qualquer notícia má.

– Não, senhor – respondeu logo o rapaz – mas preciso falar-lhe sobre um negócio propriamente meu e queria...

– Bem! – disse o negociante mais tranquilo – vou lá em cima mudar de roupa e volto já.

- Mas eu queria que o tio me ouvisse imediatamente.
- É urgente?
- É, sim senhor.
- Neste caso – anuiu o negociante – estou às tuas ordens.

O caixeiro fez-lhe um gesto, como de quem convida para entrar e indicou ao tio o caminho do seu quarto. Jaime Favais e ele encaminharam-se para o fundo da loja e entraram para o quarto do rapaz.

– Que é que queres? – perguntou-lhe então o tio, sentando-se e fitando-o com um olhar cheio de curiosidades.

– Meu tio – começou João Favais – tenho a falar de assunto que não é novo para vossa mercê, mas que não pode ser adiado como o tem sido até hoje.

– Qual? – inquiriu o negociante, abrindo muito os olhos.

– Trata-se do meu casamento com Clotilde.

– Ah!... Isso não é tão urgente.

– É mais urgente de que vossa mercê pensa. Minha prima está doente, talvez mesmo mais doente do que suponha, e é necessário que este casamento se faça quanto antes, sob pena de não poder realizar-se mais tarde. Vossa mercê bem sabe que estimo Clotilde...

– Sei, sei; mas isto não é razão para apressar o seu casamento ou mesmo para fazê-lo contigo. Sabes igualmente que a rapariga sempre te recusou para marido...

– Mas também vossa mercê sempre insistiu em meu favor.

– É verdade.

– Porque não continuará a insistir ou melhor por que não realizará agora esse fato que sempre foi da sua vontade e ainda mais da minha?

O negociante fitava o sobrinho e achava um pouco estranha a sua linguagem. Era verdade tudo aquilo que ele alegava. Mas, era verdade também que as suas coisas haviam mudado muito desde que se tratara de semelhante arranjo de família. Leandro já não existia e com o seu desaparecimento, desaparecera também o

perigo de Clotilde contrair uma aliança desigual e desvantajosa. Além disso, Jaime estava lembrado de tudo quanto sucedera em consequência da sua primitiva imposição. A filha o havia repellido e ele não queria que se reproduzissem cenas iguais àquelas que o haviam desautorado de sua autoridade de pai. No estado em que as coisas estavam, além de tudo, o negociante recearia empregar a violência, prevendo que a filha recorreria à proteção do avô, e em caso algum Jaime queria arrostar com a presença e com a cólera de seu tio. Contudo não queria enganar de vez o sobrinho, tanto mais quanto não desaprovava as suas pretensões e tinha para si que a realização delas seria o maior prazer que a filha lhe poderia dar. Procurou, portanto, contemporizar.

– É verdade tudo o que dizes, João, mas compreendes também que eu não posso nem devo obrigar a vontade de Clotilde.

– Mas é o seu direito de pai.

– Não tenho razões para obrigá-la a um casamento que ela parece repugnar.

– Tem a sua vontade. Quando uma filha não tem juízo, nem discernimento suficiente para julgar do que lhe fica bem e do que lhe fica mal, o pai tem obrigação de pensar por ela e de levá-la pelo bom caminho.

– Bem sei, mas se estimas realmente tua prima, deves ser o primeiro a respeitar-lhe os escrúpulos do coração e as suas próprias inclinações.

– Que inclinações?

– Talvez que a rapariga goste de alguém.

– Ora, meu tio! – exclamou o rapaz desabridamente – a única pessoa a quem ela amava, ou podia amar, já morreu.

Jaime Favais estremeceu violentamente. Súbita palidez invadiu-lhe as faces e o olhar adquiriu uma fixidez baça e cheia de espantos.

O caixeiro fitou-o então bem de frente, e acrescentou com ar resolutivo e a franzir os lábios num sorriso de ironia acerba:

– Sim! Vossa mercê bem sabe que o Leandro Dantas já não existe!

Jaime Favais quis dar um grito, e não pôde: levou as mãos à gravata como para desatá-la, arrancou-a do pescoço e respirou em largos haustos como quem escapa de ser estrangulado.

– Bem o sabe que foi assassinado! – concluiu o rapaz com todo o sangue frio, mas a dominá-lo com o olhar e com a voz.

O negociante estava aniquilado: tremia todo como tomado por um ataque de maleitas.

– Quem te disse isto? – murmurou ele sufocado.

– Uma testemunha ocular, meu tio – foi o Jereba.

– Ah! o miserável! – gemeu o negociante.

João Favais, porém, aproximou-se dele e pondo-lhe a mão no ombro, lhe falou com certa ternura e amizade:

– Mas descanse, meu tio! sou seu parente e não é de mim que Vossa mercê terá que recear. Basta que nos entendamos e que estreitemos cada vez mais os laços de amizade e de parentesco, que nos unem. É preciso que se faça quanto antes o meu casamento com Clotilde.

– Sim, – murmurou o miserável criminoso – é preciso que este segredo não saia nunca da família. E uma vez que sabes do crime, é preciso que saibas também das suas causas. São a minha justificação e a minha justiça.

– Eu sei de tudo, meu tio.

– Como?... aquele miserável te contou também?

– Tudo, tudo! Há muito que eu desconfiava das intenções daquele baiano, mas atribuía que o objeto dos seus desejos infames fosse minha prima.

– Não! ele era mais infame ainda! Compreendes então a minha vingança, João?

– Compreendo e aprovo-a. No seu caso, eu faria o mesmo. Talvez fizesse mais.

– Como?!

– Talvez punisse ambos os criminosos!

Olharam-se os dois e mudamente se compreenderam. Não eram da mesma família? Não lhes corria na veia o mesmo sangue? Houve então ali um momento solene de silêncio. Por fim o caixeiro interrompeu:

– Portanto, meu tio – disse ele com voz doce mas contudo imperiosa – creio que estamos de acordo, e que hoje mesmo...

– Sim! – murmurou o negociante interrompendo-o e exalando ao mesmo tempo um suspiro de resignação – sim, meu amigo! Hoje mesmo ficará tudo resolvido.

– Bem! – disse-lhe o sobrinho estendendo-lhe a mão familiarmente, e como quem era ali o superior: – espero que o tio não descanse, nem se deixe enternecer.

Jaime levantou-se e, dando com a cabeça um sinal de aprovação, saiu do quarto e lentamente subiu para o sobrado. Ia disposto a ultimar aquele negócio, fosse como fosse, e, desta forma, conseguir o silêncio absoluto do sobrinho. Também ainda que quisesse recuar, agora lhe era impossível. Conhecia de sobra o seu caixeiro e sabia que, uma vez tomada uma resolução, ele não recuava e era capaz de ir até a última extremidade para levá-la a cabo. O melhor que tinha a fazer, portanto, era conformar-se e obedecer, uma vez que ele próprio tinha criado para si aquela situação embaraçosa e anormal.

Obrigando a vontade da filha e impondo-lhe aquele casamento, por mais odioso que ele fosse para o coração da pobre moça, assegurava Jaime o silêncio do sobrinho e de alguma sorte a tranquilidade para si.

Não havia que hesitar, pois; já que havia começado, devia ir até o fim.

Ao chegar à sala mandou imediatamente chamar a filha para dar-lhe parte da sua resolução, e terminar de vez com as pretensões de seu sobrinho.

A ocasião era, porém, mal escolhida. Clotilde, tendo voltado a si da síncope que a acometera, sentia-se dominada pela impressão

terrível que causara a notícia do assassinato do amante. Nada mais lhe restava na vida: desonrada e sentindo os primeiros sintomas de maternidade, toda a sua esperança estava naquele que, tendo despertado e obtido o seu amor, havia se tornado o autor da sua desgraça. Morto este, nada mais lhe restava, além do desespero de ver-se infamada e indigna, desonrada e perdida.

Compreendia toda a extensão do seu infortúnio, e do seu próprio desespero tirava novas forças para resistir, para lutar.

Estava de péssimo humor e a sua irritabilidade natural cada vez mais aumentava.

Foi nestas circunstâncias que foi ao encontro do pai, curiosa e admirada, mas pressentindo o motivo de semelhante entrevista. Também ela conhecia bastante o primo e sabia que ele empregaria junto de seu pai todos os meios para alcançar o que junto dela nunca teria podido obter.

Estava prevenida e resoluta.

Logo às primeiras palavras de seu pai, Clotilde reagiu, e deu-lhe a conhecer o propósito em que estava.

– Já uma vez falamos nisto, meu pai, e eu lhe disse que nunca me casaria com meu primo – observou ela num tom seco, que parecia não admitir explicações nem contrariedades.

– Bem me lembro – retrucou-lhe Jaime. Isto não é razão para não voltar à carga e insistir numa coisa que me parece de utilidade para ti.

– Não vejo essa utilidade.

– Direi até: de necessidade para nós.

– De necessidade... para nós? – repetiu Clotilde, não podendo apanhar o sentido dessa frase.

E ao mesmo tempo fitou no pai um olhar inquisidor e profundo. Jaime não o pôde suportar e pareceu perturbar-se levemente. Essa perturbação não escapou à moça, que se tornou de uma desconfiança vaga e por isso mesmo mais vigilante.

O negociante começou então a enumerar as vantagens desse consórcio e a aglomerar os argumentos que a seu favor lhe

pareciam convincentes. Clotilde, porém, cada vez se tornava mais firme na sua recusa, e menos cedia às pretensões do pai às quais ela chegou a classificar de tirânicas e despóticas.

Vendo-se menoscabado em sua autoridade, Jaime subira ao último grau de furor, e Clotilde, à proporção que sentia estreitar-se o círculo de ferro que a violência apertava ao redor dela, ia também subindo de irritabilidade e de energia.

Sucedeu-se então entre o pai e a filha uma cena violentíssima, em que os epítetos torpes e infamantes não eram poupados, cena repugnante e incrível, própria de pessoas sem educação e que só se torna habitual na última camada da sociedade. Mais um passo, mais um momento, mais uma palavra e Jaime, cego de furor, ébrio de cólera, como um possesso ou um louco, passaria a vias de fato, e praticaria alguma dessas violências que, embora não sejam crime, são contudo vergonha.

Com a alteração das vozes e a exacerbação dos ânimos, acudira toda a família e Josefina quis intervir:

– Jaime! – gritara ela aproximando-se e colocando-se em frente de sua filha, como querendo defendê-la.

– Afaste-se, senhora! – gritou o negociante empurrando-a com toda a grosseria.

E voltando-se para a filha bradou-lhe com voz rancorosa e cheia de autoridade:

– Havemos de ver se posso ou não obrigar a sua vontade.

– Havemos de ver! – repetiu Clotilde com insolência.

Jaime deu um passo para ela:

– Mas, desgraçada! – rugiu ele, como se desse o último grito de razão – que motivo tens tu para recusar o amor de teu primo e por consequência este casamento? fala!

A moça tomou a última resolução que lhe competia. Era preciso acabar com aquela insistência por uma vez.

– Amo a outro homem! – respondeu ela, erguendo a cabeça com orgulho e em sinal de desafio – amo a outro homem e dei-lhe corpo e alma, ouviu?

O negociante abriu os olhos desmesuradamente.

– Então que melhor casamento poderás tu fazer e que marido mais digno e melhor poderás encontrar? – perguntou ele.

– Todos ou nenhum – para mim é o mesmo! – respondeu Clotilde com energia máscula e terrível. Amo outro homem, já lhe disse! amá-lo-ei até além do túmulo. Amo-o e pertenço-lhe, ouviu?... pertenço-lhe de corpo e alma.

– E esse homem? – inquiriu o negociante com os lábios trêmulos e o olhar incandescente.

– É Leandro Dantas! – bradou a moça, como se com aquele nome quisesse pôr termo a todas as insistências.

Foi terrível o efeito produzido. Josefina deu um grito estrídulo, indefinível, horroroso, e, debatendo com as mãos como se lhe faltasse o ar e a estivessem estrangulando, foi cair no sofá com os olhos pasmos e quase a saltarem-lhe das órbitas.

A escrava, que também correrá à sala no princípio da disputa, amparou-a na queda e livrou-a de quebrar a cabeça de encontro à parede, onde ela foi bater com toda a violência.

Jaime tornou-se lívido como um cadáver, e crescendo para a filha repetiu num rítus feroz de ironia e de vingança:

– Leandro Dantas!... mas esse miserável morreu!

– Assassinado! bem sei! – retrucou-lhe Clotilde com desprezo e com ódio concentrado.

– Como! – bradou Jaime recuando de súbito e fitando na filha uns olhos espantados – Pois tu o sabes?!

Há palavras, há frases, há expressões fisionômicas que são verdadeiras revelações, que são confissões completas e absolutas. Era dessas a exclamação repentina do negociante, e mais do que a exclamação, o foi a expressão estranha que revestiu a sua fisionomia como uma máscara terrível e medonha.

Pai e filha se olharam de repente e de repente recuaram mutuamente. Clotilde havia adivinhado no autor de seus dias o assassino de seu amante. Jaime lera nos olhos da filha o pleno conhecimento do seu crime. Com essa certeza sentira assoberbá-lo

a uma onda de vergonha e a sua alma revoltou-se contra a ideia de se ver moralmente à mercê de sua própria filha. Longe, porém, de humilhar-se, cresceu de volume o seu furor, e a sua cólera, que até então lhe ditara as palavras e o procedimento, tornou-se o único motor de suas ações, o único conselheiro de sua alma.

Com o primeiro impulso de vergonha, havia coberto o rosto com as mãos e fechara os olhos como para melhor concentrar os pensamentos. Clotilde aproveitara essa pequena suspensão de hostilidades e aproximando-se da escrava segredara-lhe ao ouvido algumas palavras rápidas e imperiosas.

A escrava correu imediatamente ao corredor, onde chamou o moleque seu parceiro, e transmitiu-lhe sem demora a ordem de Clotilde.

– Corre à casa de Sinhô Velho e diz-lhe que venha depressa.

O moleque não esperou que lhe repetisse estas palavras e saltando os degraus da escada, em poucos minutos se achou à Rua do Aurora, onde transmitiu ao velho Comendador o recado de sua neta e lhe contou pouco mais ou menos tudo quanto ocorrera em casa de seu senhor.

Antônio Braga, altamente agoniado e apreensivo, vestiu-se apressadamente, enquanto se aparelhava o carro, e, metendo-se nele depois, rodou até à Rua Nova, onde a sua presença inesperada devia produzir o efeito da cabeça de Medusa, e onde ia ser testemunha de uma cena terrível e dramática que tinha de ser para ele como um golpe mortal.

## **XIV Cena terrível**

Desde que tivera com o genro a entrevista violenta e terrível na qual se tratara da carta encontrada no bolso do cadáver de Suaçuna, e que fora restituída a seu dono pela própria polícia, nunca mais o velho Comendador voltara à casa de Jaime. Instintiva repugnância desviava-o dali. Parecia que o contato daquele homem manchava a sua vida honrada e respeitável, e que, vendo-o assíduo naquela casa, toda a sociedade o suporia conivente no crime do sobrinho.

Parecia que assim como a polícia conhecia o procedimento irregular e criminoso de Jaime, e por consequência a sua desonra e a vergonha de sua filha, também todo o mundo o devia saber.

Nas raras vezes em que, depois daqueles acontecimentos, saía à rua, em qualquer pessoa que o encarava, ou que lhe sorria, o pobre velho julgava entrever ou uma curiosidade indiscreta ou uma ironia intolerável. Supunha ouvir acusações semelhantes a esta:

– Vês aquele velho, que é um dos principais representantes do comércio, e que até hoje passou sempre por um exemplo de probidade, por um protótipo de respeito à lei, e por consciência pura e honesta?

– Pois bem! aquele homem é o sogro de um assassino... é o pai de uma adúltera!

– E não renegou a filha ingrata, não a cobriu de impropérios e de maldições, nem puniu o sobrinho e genro entregando-o à vindita social, ao braço exemplar da lei!

E o pobre e venerando Comendador, exageradamente crente nessa falsa apreciação, criada unicamente pelo seu espírito senil e fortemente abalado pelas cenas extraordinárias em que se vira figurar tão inexplicavelmente, recolhia-se à solidão do seu lar doméstico, evitava a sociedade e fugia a todo e qualquer comércio, com uma pertinácia sistemática e pirrônica.

Todas essas mudanças da sua vida moral tinham vindo refletir-se, como em um espelho, na sua fisionomia, e o Comendador apresentava um aspecto bem diferente do que sempre tivera.

Emagrecera bastante e com isto parecia que havia crescido. As faces tinha adquirido uma lividez cadavérica. Cavaram-se-lhe as órbitas e os olhos amortecidos, que lá no fundo se revolviam, pareciam despedir centelhas fugazes e cheias de um desespero aterrador. Às vezes adquiriam uma fixidez tão abstrata, que se tornavam incômodos e ninguém os podia suportar.

Durante todos aqueles meses que se haviam passado, não se iludira uma só vez sequer com as aparências de tranquilidade e de paz, que reinavam na sua família e, todos os dias esperava uma catástrofe. Vendo o moleque e ouvindo a narração incompleta que este lhe fizera do que estava ocorrendo em casa de seu genro, recebeu aquela notícia como uma coisa esperada de há muito tempo e para a qual já estava preparado. Contudo não pôde conter o sobressalto que se apoderou dele e foi, cheio de curiosidade febril e colérica, que correu ao chamado de sua neta.

A sua aparição, quase fantástica, completamente imprevista e inesperada na sala de Jaime Favais, produziu um efeito fulminante. Apenas assomou à porta a figura esquelética e cadavérica do Comendador, Jaime sentiu-se empalidecer subitamente e recuou, como se vira surgir diante de si um juiz severo e rigoroso. O aspecto de seu tio revestia tanta majestade, o seu gesto era tão nobre e o cenho contraído apresentava tamanha austeridade que o negociante se sentiu dominado pelo respeito e ficou como que petrificado pelo terror e pela surpresa.

Clotilde, erguendo-se do sofá, onde estava tombada, como impelida pela força de algum choque, atirou-se desesperadamente para ele, como quem encontra enfim o abrigo que buscava, e exclamou com um grito de angústias e de súplica:

– Salve-me, Dindinho, salve-me!

O velho tomou-a nos braços, como se, amparando-a, procurasse protegê-la; avançou depois para o meio da sala com toda a majestade do seu porte elevado, e lançando os olhos em

redor até fixá-los severamente no semblante descomposto de seu genro, perguntou com uma frieza glacial e uma lentidão esmagadora:

– Que novo crime se pretende cometer aqui?

Não obteve resposta. Então, puxando a neta para si, o velho Comendador levou-a para um lado, e sentando-a ao pé de si, exigiu que ela contasse tudo quanto ali se havia passado.

– Ah! meu dindinho! meu dindinho! – chorou a moça escondendo o rosto no seio do avô. Sou muito! muito desgraçada!

O velho passou-lhe a mão pelos cabelos como amimando-a e replicou com voz afável e tristonha:

– Fala, minha filha! fala.

Clotilde enxugou as lágrimas, tomou uma longa respiração e dispôs-se a contar tudo. Eis aqui o que se havia passado e o que dera lugar à cena que o velho Comendador em tão boa hora tinha vindo interromper.

A exclamação traiçoeira do negociante fora como já o dissemos, uma completa revelação. Clotilde sentia que lhe caía dos olhos uma venda, e desde logo esclareceram-se-lhe diversos pontos para ela com relação ao procedimento misterioso e esquisito de seu pai.

Sim, seu primo havia falado a verdade: Leandro tinha sido assassinado e assassinado por seu pai. O que ele sabia ou suspeitava acerca do procedimento irregular e criminoso de sua mãe levava-o sem dúvida à prática daquele ato e tornara-o réu confesso de um crime que a tornava – a ela – a mais infeliz das criaturas. De mais a mais, devia ter havido um cúmplice e esse cúmplice não podia ser outro senão o primeiro caixeiro. Que outro teria interesse em ver desaparecer aquele rival e com ele o obstáculo que se opunha às suas pretensões ambiciosas e por tantas vezes repelidas?

Além disso, se não tivesse tomado parte naquele drama sangrento e covarde, como poderia o João estar a par do fim trágico do seu amante – fim que todos ignoravam e que por cúmulo

de cautela, tinha sido mascarado com a notícia de uma viagem? Para Clotilde, ficou fato averiguado que seu pai fora assassino de Leandro e que seu primo era o cúmplice obrigado e infalível.

Daí uma exacerbação extraordinária no ódio que já votava àquele especulador do seu dote, e um novo sentimento com relação a seu pai. Essa convicção fizera nascer para aquele consórcio um novo impedimento moral e para o qual a moça não daria dispensa alguma, qualquer que fosse a pressão que exercessem sobre ela. Por coisa nenhuma deste mundo Clotilde consentiria em ser a esposa do assassino do homem a quem dera o coração, e, mais do que o coração, a própria honra.

Quanto a seu pai, se até então as suas exigências haviam alienado a sua ternura filial e posto entre ambos uma barreira de frieza e de hostilidade, dali em diante esse estado de coisas recrudescia e, além do ódio profundo, nascia no coração da moça um desprezo sem limites, um asco mesmo pelo autor de seus dias.

Jaime perdera de vez para ela todo o seu prestígio de pai e a seus olhos não passava senão pelo autor da sua desgraça, pelo aniquilador das suas esperanças, pelo verdugo da sua felicidade, pelo algoz, enfim de seu futuro. Chegando a esse resultado e tendo perdido o prestígio e a força moral o negociante tornava-se para a filha um homem como outro qualquer e, portanto, Clotilde julgou-se exonerada de toda e qualquer obediência.

Jaime por sua vez também se achava em posição embaraçosa e difícil. Era réu diante de sua filha. A convicção em que estava de que ela sabia toda a verdade o colocava num terreno escorregadio e o enchia de um pavor sem nome. Não se humilhou porém; revoltou-se. Da própria vergonha extraiu novas forças para a violência e novo alento para a cólera e raiva que já o dominavam em demasia.

Em tais circunstâncias, pois, e nessas condições anormais de dois adversários, tão intimamente ligados e entretanto tão profundamente separados, era fácil prever a atitude de cada um; mas difícil, adivinhar o resultado das hostilidades e ainda mais as peripécias do combate.

Clotilde e Jaime entreolharam-se como dois lutadores que mutuamente supõem ter descoberto a falha na couraça do contrário e que por isso esperavam pelo ataque para se ferirem nesse ponto. Tudo quanto se passava na alma da moça ia estampar-se na sua fisionomia empalidecida, porém, máscula e Jaime, com lucidez extraordinária, parecia seguir a evolução daquele espírito e a progressão dos sentimentos que dominavam sua filha.

De repente o negociante, fitando-a com maior insistência, como se a quisesse dominar pela corrente magnética de sua vontade imperiosa, dirigiu-se para Clotilde. A moça esperou-o a pé firme e a dardejar sobre ele um olhar terrível de desafio. Jaime aproximou-se completamente dela, agarrou-a de repente pelo pulso e impelindo-a até o sofá, fê-la sentar-se com violência.

– Pois bem! – rugiu ele com os dentes cerrados – já sabes que aquele miserável foi assassinado – mas quem te disse?

– Quem?– repetiu-lhe a moça com ironia – o seu sobrinho, o próprio João.

– Ah! foi ele?!

E assim dizendo, o negociante recuou instintivamente, não podendo atinar desde logo com a causa que havia determinado aquela revelação do seu caixeiro. Clotilde aproveitou o movimento para erguer-se, mas Jaime agarrou-a de novo e de novo fê-la sentar-se.

– Pois bem! – disse ele com feroz tranquilidade – bem vêes que desapareceu o único obstáculo que poderia opor-se ao teu consórcio.

– Ao contrário – retrucou a moça – surgiu um ainda maior.

– Qual?

Era preciso ser franca, era necessário acabar com semelhante situação. Clotilde não teve mais meias-medidas e sua raiva explodiu com toda a força. Declarou enérgica e peremptoriamente que não unia o seu destino ao destino de um miserável assassino.

– Assassino?! Como! – exclamou o negociante no auge do espanto.

– Não foi o seu cúmplice? – interrogou Clotilde com um ar cheio de desprezo e com uma voz esmagadora.

Jaime levou as mãos à cabeça num gesto de furor louco e precipitou-se para a filha com as mãos crispadas e os olhos injetados:

– Miserável! – gritou ele, espumando de raiva e lívido de cólera.

– Assassino! – repetiu Clotilde estendendo os braços como para repeli-lo, e sibilando a palavra como se fosse um látego de aço com que estivesse fustigando as faces de seu pai.

Foi nesse momento que assomou à porta como uma aparição fantástica, a figura espectral e imponente do velho Comendador. Era uma tábua de salvação para Clotilde; era o único apoio com que podia contar e em cujo poder realmente confiava. Por isso atirou-se para ele.

Em Jaime o efeito fora contrário: petrificara-o. No tio, ele não enxergara senão mais um juiz e conhecendo a ternura e a amizade que ele tinha pela neta, não só não poderia contar com ele, como também tinha a certeza de encontrar a desaprovação de todos os seus atos de imposição e de violência. Era tanto o respeito que aquele velho inspirara, principalmente depois da ocorrência criminosa que havia arrastado todas aquelas outras que Jaime se sentia sem forças para resistir a sua comoção e acovardara-se de maneira miserável. À pergunta do tio, portanto, nada respondeu e foi, humilhado, não tranquilo, sentar-se no sofá como na expectativa do que pudesse acontecer e, no propósito de fiscalizar a narração que ele exigia que Clotilde lhe fizesse.

A moça, porém, foi de uma fidelidade meticulosa e nada contou que merecesse o mínimo reparo, a mais insignificante contestação. Ao terminar, tinha-se erguido e, no ardor da sua exposição, formulou uma queixa amarga e suplicante.

– Vê, dindinho! – exclamou ela em forma de peroração – matam-me... matam-me desta maneira!... Eu lhe peço que me defenda... que me proteja!

O velho Comendador havia baixado a cabeça e parecia meditar profundamente. Houve um grande silêncio naquela sala. Todos os olhares se fitaram na fronte veneranda daquele velho e pareciam esperar a palavra que sairia dos seus lábios como se fosse a sentença de um oráculo. Afinal o velho Comendador ergueu a fronte onde voavam os cabelos brancos como flocos de algodão e fitando os olhos em Clotilde, ao passo que lhe segurava nas mãos, quebrou o silêncio que reinava e disse com voz de profunda convicção e severa autoridade:

– Fizeste mal, minha filha!... fizeste muito mal.

Um raio que ali houvesse caído não teria produzido o efeito que causaram estas palavras. Foi um golpe terrível para a moça. Clotilde empuxou as mãos violentamente e recuou como assombrada.

– Como!?! – bradou ela, mal acreditando no que ouvia.

O velho prosseguiu com maior austeridade e dando à voz uma expressão autoritária e incontestável:

– Não é aos filhos que compete julgar os pais – disse ele.

– Tem razão, meu tio – interveio o negociante, aproximando-se dele e dando à fisionomia uma aparência de bondade.

– Ah! – rugiu Clotilde, como leoa ferida no âmago do peito –, mas porventura compete aos pais matar as esperanças, a felicidade, aniquilar o futuro das filhas? Que justiça é a sua, meu avô?

– Cala-te, minha filha! – ordenou o Comendador severamente. Ao mesmo tempo Jaime aproximava-se dele e retorquia:

– Clotilde chama matar as suas esperanças e felicidade e aniquilar o seu futuro, o dar-lhe eu o único marido que pode convir-lhe, nas nossas circunstâncias.

– Quanto a isto... – ia o velho começando.

Mas Clotilde o interrompeu no auge do desespero e com energia terminante.

– Não!... nunca!

- Mas por que, desgraçada?
- Já lho disse – é um assassino!
- É falso! – bradou Jaime.
- É falso?

– Sim! juro-o por Deus, mas é forçoso que esse casamento se efetue, do contrário estou perdido, desonrado...

– Ah!... para salvar a sua honra é preciso sacrificar o meu futuro?! O miserável sabe do seu segredo e especula com ele, não é assim? E para faze-lo calar deu-lhe a minha mão, não é verdade?

Jaime curvava a cabeça ante aquelas perguntas irônicas e Antônio Braga franzia as sobrancelhas numa concentração de espírito formidável.

– Pois não será assim! – continuou a moça furiosa. Entre a sua desgraça e a minha, também eu tenho o direito de escolher: escolho a sua! Entre a sua e a minha tranquilidade futura prefiro a minha! Para o egoísmo de um pai, que se tornou criminoso, o egoísmo de uma filha, que se torna agora acusadora!

– Clotilde!.

– Ah! o seu sobrinho quer a minha mão e lhe vende o seu sossego pelo valor do meu dote e talvez que também das minhas heranças? Pois bem! Chegou também a minha vez de impor condições.

Jaime estava aterrado diante de tanta audácia, de tanta resolução. O velho Comendador fitava a cena com curiosidade assustadora. Clotilde deu ainda um passo para o pai e prosseguiu:

– Sim, chegou a minha vez. Também sei o seu segredo e declaro-lhe aqui muito positivamente, ouviu?. Ou vosmecê despede aquele miserável já e já de sua casa ou sou eu quem vai denunciá-lo como o assassino de Leandro.

– Clotilde! – bradou com um grito de repreensão o velho Comendador correndo para ela.

Ao mesmo tempo Jaime Favais precipitava-se para a filha e, pela expressão fula do seu rosto, parecia querer estrangulá-la.

Livrou-a do novo crime a intervenção rápida e enérgica do velho Comendador. Com o corpo cobriu inteiramente a neta, ao mesmo tempo que com o braço direito estendido fazia parar o sobrinho.

– Que vai fazer, desgraçado?! – gritou ele imediatamente.

Jaime estava furioso.

– Pois o senhor não ouviu o que me disse esta miserável? – rugia ele como fera esfaimada a quem lhe furtaram a presa cobiçada.

– E tu não vês que é tua filha? – perguntou por sua vez o velho, erigindo todo o corpo.

– Eu já não tenho filha! – bradou o negociante com um gesto melodramático e terrível.

– Bem como eu já não tenho pai! – retrucou Clotilde, com acento de voz firme e segura.

– Ouve?!... bradou Jaime de novo, e de novo investindo para a filha.

– Para trás! – gritou-lhe o velho tio por sua vez.

– É minha filha! – afirmou Jaime com autoridade feroz e ainda mais feroz volver de olhos.

– E é minha neta! – confirmou o velho com rara e enérgica dignidade.

– O senhor assim desmoraliza-me!

– Ao contrário, salvo-o de uma covardia e talvez de um crime!

– Não, senhor! Estou em minha casa, e em minha casa mando eu.

– Jaime! – gritou o velho repreensivo e admirado ao mesmo tempo por aquele grito de revolta a que não estava acostumado.

Com efeito. Jaime havia chegado a esse paroxismo do furor, em que a razão fica obliterada e o homem, desconhecendo tudo, quase já não tem consciência do que pratica.

– Afaste-se! – gritou ele para o tio – afaste-se porque só vejo sangue diante dos olhos!

Clotilde então atirou-se para o meio da sala e cruzando os braços sobre o seio, que ofegava desesperada e convulsivamente, apresentou-se completa de frente para receber o choque e a fúria de seu pai.

– Mate-me! disse ela com frieza esmagadora e irritante.

E acrescentou logo num tom acerbo de ironia:

– Não será a primeira vítima!

Jaime correu para ela como louco. O velho Comendador, porém, ergueu-se à sua frente como uma muralha, e estendendo a mão para a moça rugiu por sua vez, colérico e imponente:

– Toca!

E agarrando Jaime pelo ombro, fê-lo aproximar-se de si como uma força de que ninguém o julgava capaz e resmungou por entre os dentes cerrados com um acento de resolução enérgica e terrível:

– Se lhes tocares em um só cabelo, sou eu quem te mata.

Jaime fez um movimento de recuo e ia talvez responder ou retrucar quando novo incidente rebentou como catástrofe e veio dar a toda a cena desfecho ainda mais terrível e horroroso.

## **XV Loucura e morte**

Acabava de ecoar pela sala uma gargalhada estrídula e medonha. Uma nova desgraça, talvez mais terrível do que as outras, viera cair naquela casa e trazer ao seio daquela família a desolação e o horror.

Josefina, que, ao ouvir a declaração brusca de Clotilde, fora atacada de repentina sufocação e caíra no sofá, amparada apenas pela escrava, estivera até então numa modorra inquieta, cheia de contrações e por isso alheia a tudo quanto na sala se passava. Naquele momento, porém, acabava de tornar a si, mas o seu despertar era terrífico e doloroso.

A pobre senhora, que tanto havia sofrido naqueles poucos meses e cuja razão, profundamente abalada por efeito da repentina comoção cerebral por que passara em casa de Celeste, ia pouco a pouco se extinguindo como uma luz já fraca que se apaga à minguia de alimento, não pôde resistir ao novo abalo que a veio ferir, perdeu completamente a noção da vida e da existência. Josefina estava louca.

Ao voltar do longo delíquio em que a prostrara a angústia de saber que o seu próprio amante o fora também de sua filha e que, ademais tinha sido assassinado, lançou ao redor de si os olhos pasmos e fitos, de cuja expressão dolorosa e espantada só a loucura tem o segredo, e deu uma gargalhada estridente e indefinível.

Não sabia do que se passara, não reconheceu as figuras que se agitavam diante de seus olhos, mas erguendo-se do sofá dirigiu-se para elas a cambalear como ébria, e ao mesmo tempo a fazer gestos de mímica extravagante. Voltaram-se todos, e a terrível verdade foi imediatamente conhecida.

Dois gritos angustiosos soaram ao mesmo tempo de dois lábios diferentes:

– Minha filha! – bradou o velho Comendador correndo para Josefina.

– Minha mãe! – gritou Clotilde, precipitando-se igualmente para ela e procurando tomá-la nos seus braços.

Josefina, porém, parecia não ouvi-los. Com um gesto hirto e sacudido desviou Clotilde do seu caminho, com outro pôs seu pai para um lado, e com o olhar fixo e brilhante, os lábios secos e os dentes cerrados num trismo tetânico, caminhou rapidamente até junto do marido a quem encarou com modo bisonho e extraordinário.

Jaime sentia os cabelos eriçados e instintivamente recuou. Josefina acompanhou-lhe o movimento, e ao passo que avançava e o ia fazendo recuar, a sua fisionomia ia tomando uma expressão sarcástica, incisiva, diabólica. Jaime tinha medo, reconhecia que sua mulher estava louca e receava que ela fosse capaz de qualquer violência inconsciente e por isso mesmo terrível.

Procurando desviar-se dela, portanto, fora recuando, até que se encostou à parede. Defronte dele erigia-se então a figura pálida e transtornada da mulher, fulminando-o com os olhares esgazeados. Josefina encarou-o então o mais que pôde, aproximando dele o seu rosto lívido e queimando-lhe as faces com seu hálito ardente e sufocante. Depois, afastando-se bruscamente, como se o houvesse reconhecido e o quisesse repelir, deu uma gargalhada estridente, porém enrouquecida e, voltando-se para os espectadores dessa cena estranha e ao mesmo tempo dolorosa, murmurou com voz sibilante:

– É o assassino!

E afastou-se, repetindo monotonamente, como se reproduzisse o estribilho de alguma canção favorita:

– É o assassino!... É o assassino!... É o assassino!...

Antônio Braga e Clotilde foram então ao seu encontro, com os olhos cheios de lágrimas e o coração cheio de amargura. Seguraram-lhe as mãos. Josefina não resistiu, nem correspondeu ao agrado. Parecia um autômato. Olhou para ambos sem reconhecê-los, e sorriu-lhes com esse sorriso sem expressão, espécie de

sorriso mecânico, que franze os lábios dos loucos contemplativos, e repetiu com a mesma monotonia e bisonhice:

– É o assassino!... é o assassino.

– Minha mãe! – soluçou Clotilde atraindo-a para si e apertando-a sobre o peito – minha pobre mãe!

E assim fazendo, sem que Josefina parecesse ligar importância a suas palavras e a esse movimento, como se nada compreendesse, começou a cobrir o rosto de sua mãe de beijos e de lágrimas. Já nem se lembrava da sua rivalidade. Fora-lhe bastante a presença daquela desgraça para que Clotilde perdoasse tudo à mãe e esquecesse de que por algum tempo a havia envolvido nas malhas do seu ódio. Agora, a pobre moça daria tudo, a própria vida, para que sua mãe recuperasse a razão. Na impossibilidade de curá-la, de restituir-lhe esse bem precioso e único que nos distingue do bruto, ou do fanático, Clotilde restituía-lhe a sua ternura e cobria-a de carinhos.

Foi assim conduzindo sua mãe para o sofá, e fazendo-a sentar, obrigou-a docemente a encostar-se ao seu colo. Josefina deixara-se guiar como uma criança, e, enquanto ia obedecendo docemente à vontade de sua filha repetia baixinho e sempre:

– É o assassino!... é o assassino!... é o assassino!...

O velho Comendador, no auge da dor e da exacerbação, dirigiu-se bruscamente para o genro e agarrando-o pelo ombro, exclamou-lhe com rudeza e cólera concentrada:

– Vês, miserável!... vês o estado a que reduziste a tua família?! Vês o que fizeste de tua mulher?

Jaime estava aterrado: ainda mais, estava sucumbido. Aquela última desgraça ia além do que esperava. Diga-se, porém, a verdade: não era o fato em si que atuava de maneira tão esmagadora sobre o seu espírito, não: eram as circunstâncias que o acompanharam e sobretudo o momento em que tinha lugar. Mais do que tudo isto, eram ainda as consequências que podiam advir. Jaime era de natureza resoluta e enérgica, é certo, mas era covarde. Não tinha coragem para encarar qualquer situação de

frente e de assumir abertamente a responsabilidade de qualquer ato seu. Podia ser ladrão, mas nunca seria salteador. O que o acabrunhava, pois, não era a loucura da mulher, com cujas desgraças ele pouco se importava: era, sim, a responsabilidade que daí poderia provir.

Estava portanto, aniquilado. Com tudo ergueu os olhos para o sogro e resmungou com voz odienta:

– Não fui eu, meu tio! Foi Deus.

– Foi Deus o quê?

– Que a puniu pelo seu crime e pela sua infâmia!

– Ao menos agora a respeite! – observou Clotilde do sofá, dando à voz uma expressão de censura acre e de desprezo sem limites.

Jaime cerrou o punho num gesto de furor imponente e lançou à filha um olhar terrível e cheio de ameaças.

– É o assassino!... é o assassino!... murmurou a louca com o seu estribilho monótono e eterno.

Era, pois, completa a desolação e ainda mais completo o aniquilamento daquela família. Urgia tomar uma providência e Antônio Braga resolveu levar a filha e a neta para sua casa, a fim de ter mais liberdade de agir e de, com melhores probabilidades de êxito, tentar a cura de Josefina.

Embora ao princípio encontrasse resistência na vontade de seu genro, conseguiu, porém, o seu intento e na mesma noite daquele dia fatal levou para a Rua da Aurora, Clotilde e sua mãe. Devia ser de curta duração a estada das duas senhoras em casa do Comendador e um novo golpe devia ferir o coração de Clotilde, reduzindo-a quase à impotência de defender-se e de resistir.

Seu avô, velho e alquebrado, havia sofrido muito naqueles últimos tempos. Os dissabores e as amarguras que ultimamente o tinham perseguido e acabrunhado eram muito grandes e tinham produzido nele um abalo maior do que era lícito supor. Antônio Braga era robusto e sanguíneo. Por isso mesmo os abalos do seu

espírito tornavam-se mais perigosos e atuavam no seu organismo com muito mais energia e prontidão do que em outro qualquer.

As comoções violentas, profundas, inesperadas e sucessivas que naquele dia o haviam sacudido e atormentado, acabaram por produzir o resultado que era de esperar. Sem que houvesse ruptura alguma das paredes vasculares, o sangue afluía e se acumulava no cérebro, e manifestara-se imediatamente uma congestão cerebral violentíssima.

Clotilde mandou chamar imediatamente os médicos mais eminentes da cidade e em suas mãos depôs a vida preciosa de seu avô. Foram inúteis, porém, todos os esforços da ciência e da boa vontade. Nem remédios da medicina, nem desvelos da amizade, nada foi capaz de produzir o efeito benéfico, por todos desejado: nada.

Com a notícia da moléstia, rapidamente espalhada e atribuída a excesso de trabalho mental, acorreram à casa do capitalista os seus inúmeros amigos e nem um momento sequer lhe faltaram essas provas de interesse e de cuidado que se costuma dispensar em tais casos, embora sejam elas as mais das vezes pouco sinceras e essencialmente hipócritas.

Desta natureza eram, sem dúvida, as que dava Jaime Favais, que foi o primeiro a correr à cabeceira do leito de seu tio e não era o último em apresentar o espetáculo de dor e de desespero sem limites. Por isso, todos o cercavam e procuravam consolá-lo. Uma única pessoa, avaliando bem a situação e conhecendo assaz o indivíduo, não tomava parte no coro geral: era Clotilde. Em uma das ocasiões até, em que seu pai se aproximara do leito do avô e se debruçara sobre ele, como para inspecionar-lhe a fisionomia, a moça o procurou afastar com certa impaciência e má vontade, ao passo que lhe dizia baixinho:

– Saia daqui! não apresse a sua morte!

Jaime afastou-se, com efeito, mas se Clotilde tivesse visto o olhar com que ele a cobriu e pudesse adivinhar o sentimento que o movera e a expressão que o animara, com certeza teria tido medo.

Com efeito! entre aquelas duas criaturas, pai e filha, estavam completamente rotos os laços de sangue e de afeição.

Dois dias depois das ocorrências passadas em casa de Jaime e que haviam apressado, senão provocado a congestão, faleceu o velho Comendador Antônio Braga.

Jaime Favais na qualidade de sobrinho e genro, assumiu então a direção e o governo da sua casa e tratou de desempenhar as funções de amigo e de único parente. Tomou todas as medidas para que o enterro de seu tio se efetuasse no dia seguinte, e homem prático e previdente, aproveitou a gravidade do fato e a grandeza do infortúnio para dá-los como causas da loucura, incompreensível e até então ainda não divulgada, de sua mulher.

## **XVI Último arranco**

A morte de Antônio Braga foi um golpe terrível e irreparável para Clotilde. Com o desaparecimento do avô, via-se sem o apoio com que contava e a que se socorrera, apoio leal e sincero, verdadeiro e eficaz, não obstante o modo de ver austero e intransigente do velho, e dessa forma ia ficar outra vez à mercê da vontade absoluta de seu pai.

Se até então aquela vontade se lhe antolhara pesada e mal dirigida, dali em diante tornava-se odiosa e assustadora. Só no mundo, sem mãe que a protegesse, sem avô que a amparasse, aí estava ela de novo sujeita às cobiças mal entendidas e persistentes do primo e às imposições pertinazes e violentas do pai.

Para a pobre moça era evidente que seu pai não deixaria passar aquela ocasião para firmar a sua autoridade que fora tão cruelmente desconhecida, e para fazer valer toda a extensão e ponderabilidade de seus direitos. Que fazer, portanto, em semelhante conjuntura? Reagir ainda, continuar a resistência, ou submeter-se?

O dilema era terrível e de qualquer dos lados apresentava a perspectiva de sérias e fatalíssimas consequências. Se se submetesse e portanto anuisse ao reconhecimento da autoridade paterna, a que ela havia renegado, teria de aceitar a proposta do primo e contrair aquela união que seu coração repelia e a que o seu estado punha um obstáculo invencível.

Se persistisse na revolta e continuasse a luta, que a sua indignação iniciara e o seu ódio parecia prolongar, teria então de sofrer toda a sorte de infortúnios. Sabia que seu pai descarregaria sobre ela toda a sua cólera e com ela todas as torturas que pudesse inventar a sua natureza vingativa e odienta, ou que lhe lembrasse a índole perversa do sobrinho, açulado pelo malogro que sofrera e pelo desespero de ver-lhe escapar um dote e uma herança com que sonhava há tanto tempo.

Triste e medonha alternativa! A moça, porém, não hesitou um só momento: preferiu o sofrimento à submissão. Não recuaria, pois, um só passo, seria a mesma sempre. Quando não quisesse assim proceder, parecia-lhe que o seu coração se revoltaria indignado e que a própria vergonha impedir-lhe-ia de tomar tão covarde resolução.

Clotilde era de natureza ardente e áspera, irritadiça e arisca. Levada pelos meios brandos e suaves, cercada de carinhos, era capaz de ceder a todas e quaisquer resoluções que houvesse tomado: tornar-se-ia até branda como o mais dócil cordeirinho. Quem, porém, a tratasse com severidade e aspereza, nada conseguiria dela e torná-la-ia até de irritabilidade intransigente e feroz.

Foi o que se deu por essa ocasião. Jaime Favais, apenas prestou os últimos serviços ao cadáver de seu tio e voltou para casa, dirigiu-se à sala onde Clotilde chorava abraçada à sua mãe, mil vezes mais desgraçada do que ela, e aproveitou o ensejo para firmar a sua autoridade.

– Seu avô morreu – disse ele de mau modo – a senhora deixou portanto, de ter as costas quentes. Fique sabendo, pois, que de hoje em diante entre a minha vontade e a sua execução, entre a minha autoridade e a sua obediência ninguém mais virá se colocar como intruso e como desmoralizador das salutaras práticas da família.

Clotilde ergueu a cabeça como sentindo a ponta de um chicote.

– Refere-se a meu avô? – perguntou ela.

– Decerto! – respondeu o negociante com rancor.

Pelos lábios da moça passou um riso de sarcasmo e de desprezo.

– Isso que está fazendo é uma covardia! – disse ela lentamente e com sangue frio admirável – é mais que covardia, é infâmia.

– Clotilde!

– Só os chacais não respeitam os cadáveres!

– Clotilde!

– Se meu avô ainda estivesse vivo, o senhor não falaria dessa forma.

E voltando-se para sua mãe, Clotilde afetou não dar mais atenção à presença de seu pai. Jaime estava furioso. Encarou-a por muito tempo, envolvendo-a como em uma onda de odienta e feroz contemplação, e por fim quebrou o silêncio, que começava a reinar.

– Eu pretendia poupar-te – disse ele lentamente, mas com voz de que transpareciam a raiva e a violência –, mas vejo que não o merece e que cada vez te tornas mais indigna do meu amor de pai e da minha piedade de homem.

Clotilde deu com os ombros como para indicar a indiferença que estes sentimentos lhe causavam. Jaime prosseguiu, cada vez com mais frieza e também com mais resolução e energia:

– Agora estás à minha mercê, compreendes? Completamente à minha mercê! Ninguém te virá arrebatando das minhas mãos, nem livrar-te da minha raiva!

Clotilde deu um salto, como o tigre a que acabam de ferir:

– Mate-me! – bradou ela com firmeza – Já lhe disse uma vez que me matasse!

– Não! – retrucou o pai com voz repassada de maldade – eu não quero que tu morras. Quero antes que te cases.

– Nunca!

– Agora, veremos! teu avô já não existe para impedir que eu leve avante o meu propósito.

– Como? que diz? – interrogou Clotilde fitando-o bem de frente.

– Que agora o teu casamento com teu primo se fará, quer tu o queiras, quer não queiras.

– O luto de meu avô...

– Não me importa com lutos! Quer queiras, quer não, o casamento há de se fazer!

Eram tão peremptórias essas palavras, tão enérgico o tom de voz com que foram proferidas, e tão acentuada a fisionomia do

negociante que Clotilde teve medo. Quis falar, quis retorquir, mas uma ideia repentina passou-lhe pelo espírito e ela imediatamente mudou de resolução. Calou-se e pareceu resignar-se. Jaime saiu da sala triunfante e encontrando o sobrinho, anunciou-lhe, que, não obstante o luto, seria breve o seu casamento com Clotilde.

Nesta mesma noite voltou a família para a Rua Nova, e começou Clotilde um viver amargo e de verdadeiro desespero, um viver de sobressaltos. Os sintomas de sua gravidez aumentavam e era com terror que ela pensava no dia em que lhe fosse impossível esconder a sua desonra. Afigurava-se desde então a cena que teria de suportar, a cólera que se apoderaria de seu pai e, chorava, chorava de antemão.

E sua mãe estava louca, seu avô estava morto, e seu amante assassinado! Nessas conjunturas chegou o dia que, apertado pelo João, o negociante julgou propício para anunciar à filha a firme resolução em que estava de casá-la com o sobrinho. Clotilde suportou o embate rude e violento dessa notícia com estoicismo de pasmar. Não abandonara a ideia de que já falamos, e julgou chegado o momento oportuno para pô-la em prática. Não respondeu coisa alguma a seu pai, mas declarou que antes de tomar uma resolução definitiva, queria ter uma última entrevista com seu primo.

De boa ou má vontade Jaime anuiu e comunicou ao sobrinho a fantasia extravagante e, aliás, desnecessária da moça. João sorriu-se com toda a fatuidade.

– Dantes era eu quem pedia as entrevistas e era ela quem as negava, agora trocaram-se os papéis: é ela quem as solicita e sou eu quem as concede. Já é um passo para frente.

E assim dizendo, deixou o patrão e subiu ao encontro da rapariga.

– Prima – exclamou ele, apenas entrou na sala e a viu sentada à sua espera – manda quem pode e obedece quem deve. Aqui estou às suas ordens.

– Sente-se – disse Clotilde com tristeza e apontando com a mão para a cadeira que ficava mais próxima de si.

João Favais sentou imediatamente e fitou os olhos em sua prima, estranhando sem dúvida aquele tom de solenidade e de tristeza com que a moça o convidara a tomar lugar assim tão perto. Clotilde estava extremamente abatida: grandes olheiras arroxeadas circundavam os seus olhos e pareciam torná-los mais profundos e brilhantes. Dir-se-ia que simbolizavam perfeitamente a estátua da dor ou do infortúnio.

Clotilde tinha tomado uma resolução enérgica e única talvez na vida da mulher. Estava cansada de reagir, de sofrer os embates furiosos e tremendos de seu pai: sentia-se abatida no moral por aquela sucessão de ocorrências desgraçadas que ultimamente tinham caído no seio de sua família, como uma chuva de maldições, e no físico pelo seu estado melindroso. A continuação da luta atemorizava-a e ela queria pôr um paradeiro à perseguição de que era vítima.

Não podendo conseguir a paz e a tranquilidade pelo lado de seu pai, que lhe impunha esse casamento não já como necessidade, mas sim como castigo ao seu orgulho de mulher e à sua desobediência de filha, resolveu apelar para a generosidade do primo e, se preciso fosse, para o seu brio e o seu pundonor. Tal era a ideia que havia assaltado o seu espírito e que ela procurava pôr em prática. Estava resolvida a tudo para conseguir a desistência do primo e com ela a sua liberdade; a tudo, até a confissão da sua própria desonra.

Era difícil a conversação e foi preciso que o caixeiro a interrogasse três vezes para que Clotilde resolvesse falar. Lembrara-se do modo áspero e brutal por que o tratara e sentia o acanhamento natural de ir agora solicitar um favor de sua generosidade.

– Meu pai comunicou-me a resolução que havia tomado – começou ela lentamente – de efetuar o nosso casamento apesar mesmo da minha má vontade.

– Como, prima?!... continua sempre a repelir as minhas pretensões?

– Sou forçada a isto pelas circunstâncias, meu primo. Guia-me o seu próprio interesse...

– Oh! menos isto!

– E mais do que o interesse, o seu próprio decoro.

– Não compreendo, prima.

– Talvez eu tenha necessidade de explicar-me melhor e neste caso compreender-me-á de sobra.

– Então, fale.

– Responda-me primeiro: não há nada que possa fazer que o primo desista da minha mão?

– Nada!

– Pensa bem antes de responder.

– Já o pensei.

Clotilde pareceu refletir por um momento. Por fim levantou a cabeça e prosseguiu:

– Eu não o amo... nunca o amei.

– Bem sei! – respondeu o rapaz com melancolia e resignação – mas amo-a eu.

– Amei e amo ainda a outro homem.

– Bem sei! – tornou a responder o caixeiro – mas esse homem morreu e eu não tenho ciúmes dos mortos.

Aquela doçura triste e melancólica chocava a paciência de Clotilde.

– Mas eu odeio-o! – bradou ela mal podendo conter a raiva.

– Também o sei! – continuou o rapaz no mesmo tom – mas o que me importa o seu ódio de agora, se ele pode transformar-se em amor para o futuro?

– Nunca! isso nunca! – bradou a moça como se fizesse um juramento.

– Embora! – sorriu o mancebo – quero-a assim mesmo. Ao menos já sei de antemão o sentimento contra o qual tenho de lutar.

– Oh! – rugiu Clotilde no auge do desespero – o senhor é cínico!

– Ao contrário: sou crente. Creio na transformação do seu ódio em amor e espero a posse desse amor.

– Já lhe disse que nunca o terá!

– O futuro a Deus pertence.

– Pois sim, mas o passado pertence a um outro homem, e o presente... esse pertence a mim somente.

João sorriu com bonomia.

– Ou a seu pai – respondeu ele.

Clotilde ergueu-se e deu alguns passos pela sala. Conhecía-se que alguma coisa extraordinária e de difícil execução trabalhava em seu espírito. João acompanhava-a com a vista e devorava-a no silêncio da contemplação e no furor de sua voluptuosidade. Por fim Clotilde parou defronte dele. A sua palidez quase que havia desaparecido e uma onda inesperada de rubor purpureava as suas faces.

– João! – murmurou ela em tom decisivo e cheio de firmeza – o nosso casamento é impossível e você mesmo vai dissolvê-lo.

– Isso é que é impossível, prima.

– Não, você não quererá por mulher uma criatura desonrada.

O mancebo deu um salto, como se uma vespa o houvesse mordido de repente.

– Que diz, prima? – interrogou ele com olhos abertos e espantados.

– A verdade... já que só a verdade livra-me de um casamento odioso e desgraçado! – respondeu Clotilde com acento de raiva e como quem se apresta para arrostar com todos os contratemplos e catástrofes.

– Mas essa verdade... – ia murmurando o mancebo.

– É triste e é dolorosa de confessar-se; mas a sua pertinácia é também sem limites, e obriga-me a desvendar-lhe completa e totalmente o segredo do meu coração e do meu estado. Confio, porém, na sua honra de homem de bem, que afirma ser e na generosidade de parente próximo que é.

– Fale.

– Depois que lhe disser tudo, verá que o nosso casamento é impossível.

E tomando um largo fôlego, como se fizesse um esforço para sacudir de cima de si um peso que a oprimisse, concluiu:

– João: amei loucamente a Leandro Dantas e o resultado desse amor foi uma falta. Sou mãe!

– Mãe! – repetiu como um eco formidável a voz severa e retumbante de Jaime.

O caixeiro e Clotilde voltaram-se de repente, como que aterrados. Em pé na entrada da sala, Jaime Favais, segurando-se à umbreira da porta para não cair, fitava a filha com um olhar fulminante, ao passo que errava em seus lábios um riso mau, precursor de uma explosão de cólera formidável.

## **XVII Entre quatro paredes**

O pedido da entrevista feito por Clotilde deixara o negociante apreensivo e intrigado. Acendendo a ele e enviando o sobrinho ao primeiro andar, tinha a esperança e quase a certeza de que entraria mais tarde na confidência; tendo, porém, notado a demora do rapaz e impacientando-se com ela, subira pé ante pé e fora espreitar o que se passava entre as duas criaturas.

Havia já alguns momentos que ele se achava no corredor da escada, perto da porta da sala e não perdia uma só palavra de tudo quanto se dizia. Durante aqueles curtos instantes, passara por toda a escala dos sentimentos humanos e sofrera todas as torturas que podem esmagar o coração de um pai da natureza e índole daquele.

Quando a filha, pondo de parte toda e qualquer consideração de pudor, desprezando as mais mezinhas conveniências, fez a revelação completa e solene da sua falta e confessou a sua desonra e a sua maternidade, o espanto, a indignação, a cólera, a vergonha não tiveram mais limites no coração do negociante e fizeram daquele homem uma espécie de besta-fera indomável e terrível.

Entrando completamente na sala, como impelido por uma força magnética, e preso da mais extraordinária comoção, não pôde impedir que lhe saísse espontaneamente dos lábios aquele grito que chamara a atenção do sobrinho e de Clotilde, e segurou-se à umbreira da porta para não cair.

Era medonha a expressão de sua fisionomia e sinistro o mundo de pensamentos que fervilhavam no seu cérebro. Tudo estava perdido para ele: era um homem maldito. Fora traído e desonrado por sua mulher e vingara-se. Fora repellido, insultado e era, agora, igualmente desonrado pela filha. Que deveria fazer?

Em outras quaisquer circunstâncias, e sem o concurso das ocorrências que se haviam dado até então, semelhante fato atuaria no seu espírito de uma outra forma e traria, como resultado imediato, a piedade e o emprego dos meios mais rápidos e eficazes para uma reabilitação. Nas condições, porém, em que se achavam,

com os precedentes havidos, as consequências da revelação da moça eram difíceis de prever, tanto mais quanto a sua reabilitação material era impossível.

Ao dar com os olhos em seu pai, Clotilde sentiu percorrer-lhe todo o corpo um calafrio indefinível. Instintivamente procurou um ponto de apoio, e para não cair, arrimou-se à jardineira. Notável e subitâneo abatimento apoderara-se de todo o seu ser. É que Clotilde sentia-se culpada e o que acabava de passar-se operava nela uma revolução completa e radical.

Dias antes, julgara-se forte e lutara, porque todos ignoravam o seu segredo e ela podia impor-se pela sua virtude: agora, porém, que ela própria se confessara criminosa e desonrada, perdera o seu escudo, a sua força, o seu ponto de apoio, e sentia-se covarde. Já não tinha a razão pelo seu lado, nem podia encarar ninguém de frente. Como ré confessa de crime torpe e voluntário, seu orgulho estava abatido e ela entrava na ordem infinita dessas mulheres a quem se respeita porque são mulheres, mas que ninguém solicita porque já não são donzelas.

Passado o primeiro momento de espanto e de vergonha, Jaime fez um esforço sobre si mesmo e caminhou até o meio da sala. Parando então em frente de Clotilde e envolvendo-a com o seu olhar morno e embaciado, deixou cair de seus lábios uma palavra dura como uma acusação e lancinante como uma bofetada:

– Infame! – disse ele com amargura concentrada.

Clotilde estremeceu com violência e procurou erguer os olhos. Em outra ocasião ter-lhe-ia respondido uma inconveniência ou um insulto, agora, porém, ia murmurar uma súplica e impetrar talvez algum perdão.

– Meu pai... – balbuciou ela, trêmula e humilde.

Jaime contemplou-a por alguns segundos, cobrindo-a completamente com um olhar de desprezo e de raiva, e depois, sem dar-lhe a mínima resposta, voltou-se para o sobrinho e acenou-lhe com a mão como chamando-o. O caixeiro abaixou a cabeça e

segiu o tio, sem dizer uma só palavra, talvez mesmo sem poder formular um pensamento.

Chegados à loja, entraram ambos para o quarto do caixeiro, e por momentos reinou entre eles silêncio pesado e doloroso. Por fim, Jaime ergueu a cabeça e fitando os olhos no sobrinho, perguntou com certa hesitação e como quem procura apalpar o terreno em que se embrenha:

– E agora, João?

João Favais levantou a cabeça por sua vez, e cofiando o bigode, inquiriu admirado:

– Agora o quê?

– Que decides? – secundou o negociante fitando-o amorosamente como se solicitasse uma resposta favorável.

– Em que sentido, meu tio, – interpelou o caixeiro, tergiversando para ganhar tempo e procurando assim não dar uma resposta positiva.

Jaime, porém, não se deu por achado, e atacou a questão logo de frente.

– A respeito do teu casamento, rapaz! – exclamou ele franzindo um pouco a testa e fixando no rosto do sobrinho um olhar frio e inquisidor, como a querer descobrir-lhe o pensamento.

E acrescentou com toda franqueza e lealdade:

– Bem sei que as circunstâncias mudaram muito, depois da confissão que Clotilde te fez, mas esse fato mesmo prova muito em favor do seu caráter. Demonstra de sua parte uma lealdade absoluta e de mais a mais uma grande confiança no teu critério e na tua honra. Deves até estar lisonjeado pelo alto juízo que ela revelou fazer de ti.

Pelos lábios do mancebo passou um sorriso de ironia concentrada, mas velhaca.

– É verdade, meu tio – disse ele –, mas compreenda que a minha posição se torna difícil, um pouco ridícula.

– Ridícula? como?!

– Pois então? Que papel represento eu agora?... que papel representarei depois de casado com minha prima e perante ela, que se entregou a outro homem?... que por muito tempo foi seu amante?

– Ora, João! É porque não pertences à alta aristocracia, que me fazes semelhantes perguntas?

Os dois parentes fitaram-se por um momento, admirados ambos dos seus próprios pensamentos, dos seus próprios raciocínios.

– Porventura sabe o público desse segredo de família? – perguntou o negociante.

– Não, mas sei-o eu – respondeu o sobrinho.

– Podes esquecê-lo.

– Perdoá-lo, talvez, esquecê-lo nunca.

– Seria o mesmo, uma vez que o perdão acarretasse o casamento.

– Mas, meu tio: pense bem. Que papel faria eu em relação a essa criança que em breve deve nascer?

– Idiota! – murmurou o negociante a meia-voz e não podendo impedir que um riso de extraordinária e fria perversidade arrepiasse a comissura de seus lábios.

E, aproximando-se do rapaz, achegou-se aos seus ouvidos e ditou esta sentença:

– A criança pode nascer morta.

João Favais estremeceu e voltou-se vivamente para o tio:

– Ainda assim – respondeu ele. O fato não deixaria de subsistir, e a minha posição em relação à minha mulher seria a mesma, se não fosse pior ainda. Se, por acaso, se viesse a divulgar...

– Quê?... o nascimento da criança? Seria fácil fazê-lo passar por um aborto.

– Não é isto. Se se viessem a divulgar as circunstâncias do meu casamento, e por consequência, a desonra de minha prima, a sua

infâmia; apontar-me-iam como miserável, como homem sem brio, como marido ridículo e condescendente.

– Ninguém se atreveria a formar esse conceito, porque o dinheiro legitima e engrandece todas as situações, nobilita todas as ações, enobrece todos os ridículos e faz calar todas as maledicências.

– Mas, com franqueza, meu tio! – exclamou o rapaz, queimando seus navios, – o dote de minha prima é muito pouco para isto.

Jaime sorriu-se. Sem que positivamente comunicassem entre si os pensamentos, aqueles dois se entendiam às léguas. Desde o princípio que caminhavam ambos para o mesmo terreno e para o fim a que tinham chegado agora, e parecendo que cada um quisesse iludir o outro. Depois do que se passara e do que sabia, o ambicioso caixeiro compreendeu logo que poderia utilizar-se da situação precária e difícil da prima e torná-la o mais fecunda possível para os seus interesses e aspirações. Se até ali a prima representava dez, dali em diante deveria representar pelo menos o dobro ou o triplo. João tornara-se o homem necessário. Era chamado a salvar a honra da donzela e a honra da família: esse serviço devia valer muito.

Nesse pressuposto, lançara ele as suas contas e formara o seu plano com toda a segurança e firmeza. Seu tio, por sua vez, pensara pouco mais ou menos da mesma forma. O casamento, que até então só tivera uma razão de ser, tinha agora duas: servir de garantia ao silêncio sobre o assassinato de Leandro e acobertar a desonra de uma moça e a vergonha de uma família. Mas se o primeiro fato era condição para dar ao primeiro caixeiro direitos à imposição, o segundo vinha transtornar, não esse direito, mas talvez a vontade e a resolução do mancebo.

Haviam quase que trocado os papéis. Jaime agora não cedia à violência ou ao império do sobrinho, mas ao impulso de sua própria honra: suplicava. Receava que o João desistisse do seu propósito, e competia-lhe tentar tudo para não fazê-lo demover do seu pedido. Conhecia, porém, o sobrinho bastante para saber que ele se

aproveitaria daquele pretexto, e o único meio que tinha para vencê-lo afinal, era tentá-lo pela ambição, pelo dinheiro. Quem, para vingar um ultraje à sua honra, não recua diante de um crime, muito menos ante o sacrifício de alguns contos de réis para manter ilesa essa mesma honra? Estava, portanto, disposto a comprar um marido para a filha, mas esse marido só podia e só devia ser o seu sobrinho.

Desde o princípio da conversação, estava ele procurando os meios de entrar no verdadeiro caminho das explicações e de patentear completamente a sua ideia e o seu propósito. Felizmente a exclamação franca e sincera do seu sobrinho veio abrir a válvula que ele tanto procurava. Jaime não deixou escapar a ocasião e retorquiu imediatamente:

– Não é por aí que pega o carro! Bem sabes que, com a morte de meu tio e de seu avô, o dote de Clotilde aumentou naturalmente. Além disso, podes contar comigo. Com franqueza, o teu sacrifício vale também algum sacrifício de minha parte.

João Favais mastigava os bigodes, fingindo indecisão, mas realmente a sentir o coração nadar-lhe de júbilo. Adquiriria finalmente aquela fortuna que tanto ambicionava e para cuja obtenção não trepidara, nem trepidaria perante infâmia alguma.

– Então? – insistiu o negociante – que me dizes agora? aceitas?

– Aceito – respondeu laconicamente o primeiro caixeiro.

– Então prepara-te, porque o casamento se fará em poucos dias – observou alegremente o Comendador.

E tomou imediatamente o caminho do sobrado. Ia significar à filha a sua resolução imperiosa, imutável, e a designação do dia do seu consórcio. Pretendia conseguir e conseguiria – o que não se consegue da igreja católica romana por meio do dinheiro? –, pretendia conseguir e conseguiria do bispado todas as dispensas e faria celebrar o casamento à capucha, porém com a maior brevidade, daí a quatro ou cinco dias.

Ao entrar na sala, onde encontrou a filha, a expressão que parecia expandir a sua fisionomia ao sair do quarto do sobrinho

havia completamente desaparecido. Todo o seu rosto apresentava um aspecto de dureza e de crueldade: um ódio sem limites franziu-lhe as sobranças e cerrava-lhe os lábios, dando-lhes um cunho extraordinário de resolução e de energia.

Vendo-o aparecer, Clotilde sentiu-se estremecer e teve como que o pressentimento de uma descarga. Era, porém, digna filha de um tal pai, e preparou-se imediatamente para tudo quanto lhe pudesse acontecer. Jaime dirigiu-se lentamente para ela, e sem olhá-la, como se isto lhe repugnasse, limitou-se a falar-lhe num tom seco e imperativo:

– Não obstante a sua infâmia e a sua desonra, mas para salvá-la da vergonha, seu primo consente ainda em recebê-la por esposa.

Clotilde teve um estremecimento tão violento, que seu pai se voltou para ela.

– Portanto – continuou ele – de hoje a quatro ou cinco dias, deverá realizar-se a cerimônia.

– Ah! de hoje a cinco dias? – repetiu Clotilde com toda a aspereza do sarcasmo, e como se arrancasse as palavras do íntimo do peito.

Jaime mediu-a de alto a baixo, como se pretendesse intimidá-la e concluiu:

– É esta a minha vontade absoluta, e não admito discussão.

E foi saindo com toda a majestade de sua autoridade paterna. Clotilde, porém que estivera sentada até então, levantou-se de súbito, como se a impulsionasse uma mola, e deixou cair estas palavras, também num tom de fria e imutável resolução:

– Pois bem, o Sr. dirá ao seu caixeiro que nem de hoje a cinco dias, nem nunca me casarei com ele!

– Que dizes?

Clotilde sustentou atrevida e insolentemente o seu olhar e respondeu-lhe:

– É esta a minha vontade absoluta e, também eu, não admito discussão! Passou-se então uma coisa horrível. Jaime sentiu queimar-lhe os olhos um relâmpago de sangue e apoderar-se de

todo ele uma ira indescritível e violenta. Deu um grito formidável, como um urro de fera, ferida no covil.

– Miserável!

E atirou-se sobre a filha com a gana selvagem e feroz do homem que perde a razão e quer vingar-se de uma injúria. Agarrou Clotilde pelo pescoço como se quisesse estrangulá-la e abalou-a tão violentamente que parecia querer desarticular-lhe todos os ossos. Era horroroso o seu furor. A moça debatia-se, como nas vascas de um sofrimento atroz, e, mal pôde escapar por um momento às garras que a prendiam, bradou com todas as forças do pulmão:

– Socorro! socorro!

– Cala-te! desgraçada! cala-te!

Resmoneava o negociante cada vez mais enfurecido e procurando com uma das mãos abafar os gritos desesperados da moça, enquanto com a outra a segurava fortemente e a mantinha em posição de poder sobre ela exercer todo o seu furor.

Com os gritos, acudiram as pessoas de casa e a escrava, correndo à loja, foi chamar o João Favais:

– Acuda lá em cima, seu moço João, sinhô está matando sinhazinha.

João Favais correu imediatamente ao sobrado e invadiu a sala precipitando-se para Jaime:

Era tempo. Jaime Favais, no ardor da luta e dispondo de mais força, duplicada agora pela raiva, havia conseguido atirar a filha ao chão e, com o joelho sobre o seu peito para dominá-la completamente, com os cabelos revoltos e os olhos injetados, parecia saborear o prazer feroz de vê-la estortegar-se sob a crisão nervosa de seus dedos e quase nas vascas da agonia.

## **XVIII Para a Europa**

Com algum custo João Favais conseguiu tirar o tio daquela posição e chamá-lo um pouco à razão. Clotilde, quase morta, com um círculo arroxeadado em volta do pescoço e o rosto intumescido pela iminente congestão, foi levada para o seu quarto, onde os prontos socorros administrados pela escrava, conseguiram fazê-la tornar a si, embora se conservasse ela num estado de atonia profunda e perigosa.

O negociante conservava-se sombrio e carrancudo. Ao excesso de violência substituíra um excesso de calma, mil vezes mais aterrador. Deixou passar algum tempo, durante o qual passeou pela sala sem proferir uma só palavra, mas engolfado nos seus lúgubres pensamentos, e depois, dirigindo-se ao quarto da filha, fechou-o por fora e meteu a chave na algibeira. Vestiu-se em seguida e saiu de casa sem proferir palavra.

Como se houvesse tomado alguma resolução ou assentado em algum plano de conduta, dirigiu-se diretamente à Boa Vista e foi ter à casa do Beco das Barreiras. Encontrou o Hermínio e teve com ele uma curta conferência, terminando por tomar algumas notas numa das páginas da carteira.

– É homem perito na sua arte? – havia ele perguntado.

– É – confirmara o Zanolho, socorrendo-se ao eterno pigarro e metendo os olhos um pelo outro – acrescentando logo sem poder conter a curiosidade:

– Vossa Senhora vai fazer obras?

O comendador fez um esforço e sorriu-se.

– Mandar fazer um túmulo para o Leandro Dantas – disse ele por gracejo.

O Hermínio sorriu por sua vez, entre admirado e respeitoso.

– Vossa Senhora é um grande homem! – exclamou ele contemplando-o. Desta forma caso se descubra a troca dos

indivíduos, ninguém acreditará nunca que o assassino do baiano tenha sido o senhor.

– Silêncio! – interrompeu o negociante lançando assustado os olhos em redor. Deve-se pensar em tudo e sobretudo olhar para o futuro.

E o Comendador sorriu outra vez, envolvendo o antigo cúmplice num olhar velhaco de ironia e de sarcasmo. Ao despedir-se, o Hermínio ofereceu-lhe os seus serviços, o que ele agradeceu cordialmente. Em seguida voltou para casa, lépido e fresco como se houvesse tirado de cima um peso enorme, ou se tivesse encontrado solução para qualquer dificuldade.

Apenas entrou na loja, chamou o sobrinho e encerrou-se com ele no seu quarto. Durou a conferência mais de uma hora e, quando saíram, vinham ambos pálidos e notavelmente apreensivos. Subiram para o sobrado e Jaime, chamando a escrava e o moleque, mandou-os que reunissem a sua roupa, e nesse mesmo dia, sem que em nada lhes valessem as súplicas e as lágrimas, foram eles, o moleque e a escrava, levados para a casa de um desses miseráveis que traficam com a carne viva e sangue dos seus semelhantes, com ordem expressa de serem no primeiro vapor embarcados para o sul, onde seriam vendidos para o interior fosse porque preço fosse.

Com efeito, assim se fez e desta forma descartou-se o negociante de duas testemunhas que, se ficassem na cidade ou mesmo na província, poderiam se tornar perigosas. Esta escrava conseguiu libertar-se, depois de algum tempo, e no ano de 1884 foi, na Corte, criada do autor destas linhas. É às suas informações que se deve o conhecimento exato de parte das cenas íntimas e violentas da família Favais.

Apenas os dois míseros escravos haviam partido para a casa do corretor, que seja dito de passagem, tinha o seu viveiro hediondo num terceiro andar da Rua do Imperador, Jaime dirigiu-se ao quarto de sua filha, abriu-o e entrou. O que entre os dois se passou nunca o pudemos averiguar. Só podemos afirmar que ao voltar da Rua do Imperador, o primeiro caixeiro, que fora o portador da escrava e do

moleque, já encontrou Jaime sentado à sua carteira e escrevendo diversas cartas e pondo em ordem alguns papéis.

– Amanhã mesmo Joana e o moleque seguem para o Rio de Janeiro – disse ele, acrescentando logo – E há um vapor para a Europa...

– E nós seguiremos nele! – concluiu o negociante.

Assim dizendo, levantou-se e depois de dar algumas ordens ao sobrinho relativas já à viagem e já à vigilância de sua casa, saiu e dirigiu-se para o Recife, o bairro essencialmente comercial. Foi direito à Associação, onde os colegas o cercaram e ele aproveitou artatamente a ocasião para participar a viagem repentina e incômoda que era obrigado a fazer à Europa, a fim de tentar a cura da mulher e procurar melhoras para a saúde da filha, fortemente abalada com a perda inesperada do avô, a quem ela tanto estimava.

Os amigos concordaram todos em que era um enorme sacrifício, e louvaram a atitude e resolução do Comendador. Ele não fazia mais do que cumprir o seu dever de pai e de marido. Em seguida indagaram da hora do embarque, sem dúvida para o acompanharem a bordo, mas o negociante declarou que dispensava aqueles favores, e que, em atenção à loucura de sua mulher e para evitar qualquer cena que pudesse despertar a atenção, embarcaria muito cedo.

Tendo assim preparado o seu terreno, Jaime voltou para casa e, durante todo o resto do dia, ocupou-se com os preparativos da viagem. O sobrinho, elevado desde logo à categoria de sócio, com o capital equivalente ao seu, ficaria na gerência da casa, até que ele voltasse. João Favais nadava em júbilo com este resultado e suspirava pela hora em que visse o tio pelas costas.

Anoitecera entretanto e parecia que as coisas tinham tomado o seu curso natural, quando, por volta das onze horas, pouco mais ou menos se abriu a porta da rua da casa do negociante e saíram por ela dois vultos que poderiam ser reconhecidos pelos de Jaime e seu sobrinho. Encaminharam-se apressadamente à Rua da Aurora e aí chegando, o negociante abriu a casa do velho Comendador Braga e

dirigiu-se para a cocheira, cuja porta larga abria para a Rua da União. Puseram o carro na rua, e atrelaram-no com presteza e perícia admiráveis. Em seguida, João Favais saltou para a boleia e, tomando as rédeas como emérito cocheiro, voltou-se para o tio:

– Pronto! – exclamou ele.

Jaime tirou a carteira e, à luz dos lampiões do próprio carro, consultou a nota que havia tomado em casa do Hermínio.

– Rua dos Pescadores! – disse ele. E a toda brida, pois não há tempo a perder.

João tocou os cavalos e o carro partiu como um relâmpago.

.....

Soavam as badaladas de meia-noite no relógio do Germano quando o carro parou à porta do negociante e dele se apearam três pessoas, inclusive o boleeiro que apressadamente foi abrir a portinhola. Duas entraram em casa, tendo uma aberto previamente a porta com toda a franqueza e prontidão; e a outra, subindo para o interior do carro, estendeu-se nessa posição cômoda e pitoresca que os boleeiros costumam tomar quando, à porta dos bailes ou dos teatros, esperam indiferentemente os seus fregueses.

Raríssimos eram os transeuntes que passavam e João Favais não receava que o reconhecessem ali dentro. De vez em quando erguia um pouco a cabeça, estirando o pescoço para o lado da casa, com gesto especial de quem procura escutar alguma coisa, mas encontrando unicamente o silêncio e desiludido em sua expectativa, retomara logo a primitiva posição e mastigava o charuto para enganar a impaciência ou entreter as horas que fugiam.

Quando, naquele mesmo relógio do Germano, deram três horas, a porta da rua da casa do Comendador abriu-se de novo e voltaram os dois homens. Retomaram silenciosamente os seus lugares no carro e este partiu a galope para o lugar de onde viera. O silêncio da noite, por um momento interrompido pelo rodar vivíssimo do veículo, de novo se restabeleceu e em toda a rua continuou a reinar a mais completa e favorável solidão.

.....

Às cinco horas da manhã, pouco mais ou menos, mal vinham rompendo as barras da aurora e o sol, imergindo das profundezas do horizonte, mal tingia de nácar e de ouro as ondas do oceano, que se balouçava suavemente arrepiado pela brisa matutina, embarcaram, no cais da Lingueta, o negociante Jaime Favais e sua família e vogaram lentamente em demanda de um vapor inglês, que estava fundeado no Lameirão e que poucas horas depois devia seguir a sua rota para a Europa.

Em pé, no meio da Praça, quase encostado a um dos troncos e abrigado pela ramagem das gameleiras que ali crescem e a sombreiam, João Favais acompanhava seus parentes com um olhar indefinível e dava-lhes com o lenço em sinal de despedida. Só quando o escaler, contornando a tartaruga<sup>30</sup> e rompendo a barra, fez-se ao largo e singrou à força de remos para o vapor, foi que ele exalando profundo suspiro de satisfação ou de saudade, abandonou o seu posto e foi abrir a loja que até então pertencera só a seu tio, mas que dali em diante era tão sua como dele.

## **XIX Último capítulo**

Às onze horas da manhã deste mesmo dia, acabava o chefe de polícia de entrar no seu gabinete de trabalho, quando o secretário o procurou para dizer-lhe que um indivíduo, que lhe era desconhecido, desejava falar-lhe afirmando ter graves revelações a fazer relativamente a um crime horroroso que se havia cometido na noite anterior.

Foi o homem imediatamente introduzido. Era ele um pardo de meia estatura e aparentando ter de trinta e cinco a quarenta anos. Estava visivelmente assustado e trazia estampados no semblante todos os sinais característicos do terror e da loucura. Os olhos excessivamente abertos e espantados, moviam-se para todos os lados com esgares de medo, ao passo que ligeiras e intermitentes crispações nervosas lhe abalavam todo o corpo.

O chefe de polícia, depois de examiná-lo detidamente, trocou com o secretário um olhar de inteligência e de prevenção, e mandou sentar-se o seu tímido e assustado visitante. Começou então a interrogá-lo. O indivíduo declarou que era pedreiro e que morava à Rua dos Pescadores no Bairro de S. José. Disse mais que era solteiro e que habitava em companhia de sua mãe, velha quase cega pela idade, mas não obstante ainda forte e única pessoa que tratava dos arranjos da sua casa, no que era ajudada por ele nas horas que o serviço lhe deixava livre.

Contou que estando na noite anterior, já recolhido, fora de súbito acordado por pancadas violentas e repetidas que davam na porta de sua casa, ao mesmo tempo que o chamavam pelo nome. Saltando da cama e vestindo-se às pressas, correria à porta e abria a rótula para verificar quem o procurava. Apenas, porém, isto fizera, dois homens mascarados, empurrando a porta e abrindo-a violentamente, precipitaram-se sobre ele e o agarraram fortemente, ameaçando-o, um deles de matá-lo com uma punhalada se acaso gritasse ou procurasse fugir.

O medo que então se apoderou do pobre pedreiro foi extraordinário, de forma que ele não só não fez resistência alguma, como também ficou em estado de não poder gritar e pedir socorro, ainda mesmo que quisesse fazê-lo. Um dos indivíduos mascarados declarara-lhe em seguida que não queriam fazer-lhe mal algum, mas unicamente o obrigar a acompanhá-los a fim de executar um trabalho de sua profissão, delicado e melindroso, pelo qual, aliás, lhe dariam boa paga.

O pedreiro, convencido pela força superior a que não podia resistir e, intimidado pelas ameaças que lhe faziam e pelo terror que dele se apoderara, não teve outro remédio senão resignar-se a obedecer cegamente aos seus dois misteriosos interlocutores. Acompanhou, portanto, os dois homens. Ao chegar ao pátio da igreja de S. José de Ribamar, fizeram-no entrar para um carro a toda a brida; o homem que estava com ele, tirou o lenço do bolso e vendou-lhe os olhos com toda a cautela e segurança.

O pobre pedreiro, mais morto do que vivo e encomendando-se a todos os santos e santas do Paraíso, deixou-se vender sem opor a mínima dificuldade ou resistência, com medo talvez de travar conhecimento com a lâmina aguda de um punhal que o seu companheiro ostensivamente fazia cintilar ante seus olhos.

Bem compreendia ele que estava em mãos de homens resolutos e prontos para tudo. Nada fez, portanto, mas redobrou de vigilância e de atenção a fim de ver se poderia atinar com a direção que o carro ia tomando.

– Quando chegamos à Rua Nova, – disse o pedreiro continuando a sua narração ao chefe de polícia – ele parou.

– Perdão! – interrompeu o magistrado e inquiriu-o em seguida – como soube que estava na Rua Nova?

– Porque ouvi dar meia-noite muito perto – respondeu o pedreiro com toda a segurança e convicção – e pelo som das badaladas reconheci ser o relógio do Germano.

– Ah!

O chefe de polícia e o secretário entreolharam-se admirados.

– Continue – disse aquele, sem demora e parecendo interessar-se pela história que o pedreiro lhe contava.

O pobre homem prosseguiu imediatamente.

– Apeamo-nos do carro e senti ranger uma chave numa fechadura. Parecia-me que abriam uma porta. Imediatamente depois entramos em um corredor e subimos por uma escada de dois lanços, tendo cada lanço seis degraus. Ao chegarmos em cima, num lugar que reconheci depois ser uma sala, porque abrindo os braços não pude tocar nas paredes, o homem que me acompanhava ordenou-me que o esperasse exigindo de mim que conservasse a venda, sob pena de morrer se tentasse tirá-la ou se procurasse gritar ou fazer barulho.

O pobre pedreiro sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo, talvez lembrando-se dos riscos que correria, e continuou quase sem tomar fôlego:

“Reinava em redor de nós um silêncio medonho. Resignei-me portanto à minha sorte. Esperei muito tempo. Depois senti pisadas próximas a mim: era o homem que voltava. Pegou-me na mão e fez-me andar pelo sobrado durante algum tempo. Em seguida descemos outra escada também de dois lanços e com a mesma quantidade de degraus, e começamos então a andar por um lugar ladrilhado, por onde passavam baforadas de ar frio. Por fim, paramos, e eu ouvi distintamente gemidos abafados que partiam como de um lugar mais afastado.

– Chegamos! – disse o homem da máscara, e tirou-me a venda dos olhos. Olhei imediatamente ao redor de mim. Estávamos num pequeno quarto ladrilhado, fracamente alumado por um candeeiro de querosene colocado no chão. Havia no fundo um banheiro de tijolo que tomava toda a largura do quarto, indo de uma parede a outra. A um lado estavam encostadas duas tábuas bastante fortes e do outro havia um grande montão de cal amassada e de tijolos de tapamento, encaixados, parecendo terem pertencido a alguma parede recentemente demolida. No interior do banheiro, que poderia ter três palmos de fundura, parecia revolver-se um vulto branco e partiam daí uns gemidos abafados e dolorosos.

– O que o senhor tem de fazer é simples – disse-me então o homem mascarado – aí tem cal já preparada, tijolos, e ferramenta apropriada. O senhor vai levantar uma parede sobre a borda deste banheiro, depois de tapá-lo hermeticamente com estas tábuas e de fazer sobre elas um ladrilho bastante espesso e consistente.

– Quis eximir-me àquele trabalho – prosseguiu o pedreiro – e perguntei se não era melhor deixar o serviço para ser feito com o dia.

– Não! – respondeu o homem num tom colérico e feroz – há de fazer-se já e já. Antes de amanhecer deve tudo estar terminado e o senhor longe daqui.

– Mas faltam-me um servente.

– Eu servirei de servente.

E assim dizendo, o homem mascarado fechou a porta cuja chave guardou no bolso e armando-se de um punhal, colocou-se em minha frente:

– Bem vê que lhe é impossível fugir – disse-me ele com tranquilidade e firmeza – e que o único e melhor recurso que lhe resta é executar o que exijo. Além de que não se arrependerá.

Curvei a cabeça e resignei-me. Desde que eu estava à mercê daquele homem não tinha outra coisa a fazer. Tentar resistir, era impossível, porque não só eu estava desarmado, como também sempre fui avesso às lutas. Confesso que não sou valente e naquele momento o que mais influía em mim era o medo. Dispus-me portanto a obedecer.

– Estou pronto a fazer o que me ordena – respondi-lhe então – mas por onde quer que principie?

Assim dizendo, o homem mascarado segurou na tábua por uma das pontas e eu levantei-a pela outra. Erguemo-la ambos e encaminhando-nos para o banheiro a fim de colocá-la sobre ele, tapando-o, segundo dissera o sujeito, como se ele fosse uma sepultura.

Passou-se então uma coisa horrível e que me fez arrepiar os cabelos da cabeça. Dentro do banheiro estava uma pessoa envolta

num lençol como se fosse numa mortalha, e a debater-se convulsiva e violentamente. Mas pelos movimentos contidos e pouco acentuados, conhecia-se que a pessoa que ali estava tinha os pés amarrados e as mãos atadas por detrás das costas. Ao passo que fazia esforços inauditos para desvencilhar-se das prisões que a retinham e para erguer-se daquele túmulo, onde a iam enterrar ainda viva, soltava uns gemidos surdos e roucos, de quem está amordaçado.

Ao aproximar-me do banheiro e ao deparar-se-me esse espetáculo, recuei instintivamente horrorizado, e a cabeça da tábua escorregou-me das mãos, caindo sobre o ladrilho e produzindo um som lúgubre, que ainda mais me encheu de pavor.

Ao mesmo tempo partia do fundo do banheiro um grito mais agudo e mais doloroso do que os outros. Dir-se-ia que a mordaca havia caído e que a voz pudera sair mais livremente. Imediatamente o homem mascarado largou a tábua e precipitou-se para o banheiro, debruçou-se sobre as suas bordas e agarrando pela cabeça o corpo que se extorcia, recalcou-o no fundo com um movimento de raiva e de furor.

– Não te calarás, miserável criatura?

– Meu pai! – murmurou uma voz suplicante e cheia de soluços.

– Cala-te! – rosnou o homem, continuando a sua faina.

– Perdoe-me! – soluçou mais fraca a mesma voz.

– Tens o que mereces.

– Em nome de meu filho.

– Ah! – rugiu o homem como se a sua raiva se aumentasse, e debruçando-se ainda para dentro do banheiro.

Ouviu-se então um estertor de quem morre asfixiado. O homem levantou-se.

– Não! – bradou ele com um assento de voz terrível e infernal. Eu não quero que morras pelas minhas mãos.

E, correndo à tábua, o homem levantou-a sozinho e colocou-a sobre as bordas do banheiro, como se tivesse pressa em tapar a

boca daquela medonha sepultura. Ao mesmo tempo, soou um grito enorme por debaixo da tábua:

– Assassino!... assassino!

– Vamos, senhor! – gritou-me o homem mascarado, sacudindo-me pelo braço – ladrilhe-me tudo isto o quanto antes.

E ele mesmo agarrou numa grande porção de cal amassada e atirou-a sobre a tábua, colocando em seguida os primeiros tijolos que deviam ocultá-la”.

O pedreiro chegando a este ponto de sua narração, estava pálido e sentia aljofrar-lhe à frente um suor frio e abundante. Tirou o lenço e enxugou-se todo trêmulo e ainda comovido. O chefe de polícia e o secretário olharam-se silenciosos, mas com certo riso de incredulidade a errar-lhes pelos lábios. O pedreiro continuou logo depois:

“Por um momento tive a ideia de intervir em favor daquela desgraçada que ia ser enterrada viva, e comecei a formular uma objeção.

– Cale-se! – bradou o homem no auge do furor. Não quero observações suas! Limite-se a executar o trabalho que lhe compete, ou terá o mesmo destino que vai ter aquela miserável que despertou a sua piedade.

– Mas o Sr. me obriga a cometer um crime.

– Não! – obrigo-o a castigar uma criminosa.

E, armando-se do punhal e encarando-me de frente perguntou:

– Pela última vez, quer ou não quer fazer o seu serviço de pedreiro?

Através da máscara, eu vi cintilar os olhos afogueados do homem enfurecido e de novo tive medo. Quem fazia aquilo com sua filha, que era seu sangue, o que não seria capaz de fazer com um pobre pedreiro, que não era nada seu.

Pedi perdão a Deus da ação que era obrigado a praticar contra a vontade, e peguei na colher e no martelo. Comecei então a trabalhar com toda a gana e ligeireza. Quanto mais depressa acabasse, mais depressa me veria fora daquele lugar tão sinistro e

livre daquele homem tão malvado. O suor corria-me da testa e as pernas tremiam-me como varas verdes.

O homem ajudava-me como um servente adestrado ou desejoso de acertar. Parecia ter tanta pressa como eu. Uma coisa, porém, aterrorizava-me cada vez mais. À proporção que o ladrilho se tornava mais espesso e a parede ia subindo, os gritos da mísera sepultada iam-se tornando mais medonhos e sufocados. Pareciam partir de muito longe. De repente ouvi uma pancada forte e seca. Afigurou-se-me que com os esforços empregados, a desgraçada havia conseguido quebrar o nó que lhe prendia as mãos, e que estava batendo na tábuca que servia de teto a sua medonha sepultura. Quase desfaleço neste momento. Mas o homem obrigou-me a prosseguir. A parede continuou a subir e a tornar-se mais espessa, e os gritos a ficarem mais longínquos e as pancadas mais surdas e quase imperceptíveis. Com pouco, a parede estava totalmente feita e não se percebia mais uma só pancada, nem um só gemido. Reinava silêncio lúgubre e só a luz do candeeiro crepitava, iluminando as nossas duas figuras imóveis e silenciosas.

– Está pronto? – perguntou-me o homem mascarado depois de alguns instantes.

– Vossa Senhoria é quem sabe: – respondi eu.

Examinou então toda a parede minuciosamente, e depois, voltando-se para mim, disse-me o seguinte:

– Estou satisfeito com o senhor. É com efeito perito na sua arte. Resta-me agora fazer-lhe uma única observação. Do que se passou esta noite aqui, deve o senhor guardar o maior e mais absoluto segredo. Uma só palavra sua pode lhe acarretar grande desgraça, ao passo que seu silêncio absoluto talvez lhe dê alguma felicidade.

Depois de falar por este modo, amarrou-me o lenço nos olhos outra vez e segurando-me pela mão conduziu-me para fora do quarto. Dei as mesmas voltas que já havia dado, subi e descii as mesmas escadas com a mesma quantidade de degrau e por fim senti bater-me no rosto o ar frio da noite. Ouvi fechar-se a porta da rua e subimos logo para o carro. Neste momento, deram três horas.

Prestei toda a atenção, e tenho plena certeza de que era o relógio do Germano”.

– E depois? – inquiriu o chefe de polícia.

– Depois – continuou o pobre e assustado pedreiro –, depois o carro partiu em desfilada e só parou no pátio da igreja de S. José de Ribamar. Aí fizeram-me apelar e o homem que fora ao meu lado tirou-me a venda dos olhos e recomendou-me de novo o mais absoluto silêncio, e, antes de retomar o carro, que partiu como viera, pôs-me na mão um pequeno embrulho. Era naturalmente a recompensa que me haviam prometido. Mas eu tinha tanta pressa de ver-me livre daqueles homens que deitei a correr sem mais demora para casa. Quando entrei, dei por falta do embrulho, que sem dúvida me caiu da mão, e fui encontrar minha mãe muito assustada e cheia de cuidados. Conte-ihe então todo o ocorrido e ela aconselhou-me que viesse denunciar o fato a Vossa Senhoria.

O pedreiro calou-se e não obstante ter aliviado a sua consciência do peso daquele segredo e dos consequentes remorsos, não ficou tranquilo. Antes parecia que o seu temor havia redobrado, e que agora era o receio de ter falado, que mais atuava em seu espírito para pô-lo a tremer e fazer esgares de louco escapo de algum hospício. Verdade é que a impressão da cena que ele dizia haver presenciado poderia ter influído por tal forma em todo o seu organismo nervoso que determinasse uma loucura momentânea ou pelo menos um desarranjo qualquer das faculdades mentais.

O chefe de polícia e o secretário conferenciaram durante alguns minutos e por fim despediram o pobre homem. O pedreiro saiu, cada vez mais impressionado; e alucinado, vítima da apreensão de que o iriam perseguir por ter falado, voltou para casa e no mesmo dia mudou-se a toda pressa para lugar desconhecido. Durante muito tempo ninguém o pôde descobrir nesta cidade, e quando apareceu, já o fato estava mais ou menos esquecido.

Ademais a sua denúncia não teve consequências. O pobre pedreiro passou por visionário, e nem o chefe de polícia, nem o seu secretário, nem ninguém acreditou que semelhante crime se tivesse dado numa capital civilizada e em pleno ano de 1864.

Entretanto, no barco que, na manhã daquele mesmo dia levava para bordo do paquete inglês a família Favais, iam apenas dois passageiros: um homem de aspecto sombrio e de fronte horrivelmente contraída e uma mulher de olhar esgazeado e estúpido, completamente envolta nas amplas pregas de um *bournou* escuro e indiferente a tudo quanto se passava.

Eram Jaime e Josefina.

O que era feito de Clotilde?

.....

Talvez o leitor exija que lhe demos notícia exata do fim que tiveram todos os personagens que figuraram neste episódio das tragédias do Recife.

Quando mesmo não fosse impossível semelhante tarefa, seria preciso, para levá-la fielmente ao cabo, escrever um livro ainda maior do que este cujas páginas o ponto final não tarda muito encerrar.

Passou-se, há tanto tempo já, este episódio que os personagens que nele se acharam envolvidos, deixaram na sua maior parte, de existir, e o leitor, benévolo, sem dúvida, dispensar-nos-á da triste missão de transcrever aqui um longo e vulgar obituário ou do esforço imaginativo de inventar fins românticos e comoventes, embora inverossímeis, para os heróis e os comparsas deste drama terrível e real.

De alguns dos personagens, porém, diremos o que se pôde averiguar e verificar com exatidão.

A Calu e a Marocas tiveram o fim racional e lógico, que espera todas as que têm uma vida semelhante ou equivalente. O Sr. Manuel e o Sr. Antônio, ambos portugueses, ambos taverneiros, encarregaram-se de liquidar a hipoteca de Leandro e a pequena fortuna de sua irmã. Poucos anos depois, já as duas, mãe e filha, não possuíam coisa alguma e eram naturalmente abandonadas pelos seus amantes, que foram bater a outra porta e cavar novas ruínas ou fundar outras famílias.

A Calu, velha e imprestável, tornou-se devota e alistou-se como irmã socorrida na Sociedade de S. Vicente de Paulo, que acabava de fundar-se e tinha pressa de angariar associados e prosélitos em todas as classes sociais. Caíra, pois na maior das misérias: na exploração da hipocrisia e na corretagem da religião.

Sua filha, porém, não quis acompanhá-la e começou a descer essa escala fatal e atraente, cujo último degrau vai mergulhar-se nas imundícies aniquiladoras da sífilis e na escuridão moral dos hospitais, entre a falta de caridade do médico materialista e ignorante, e a estúpida carolice da Irmã de Caridade.

O polaco cujo nome serviu de mortalha ao cadáver de Leandro, e que, graças às combinações engenhosas do Zanolho e de Jaime, partiu para o Sul com as algibeiras recheadas, foi procurar os seus amigos, antigos companheiros de viagem no navio hamburguês, e até 1883 fazia parte, como interessado da casa alemã Weber, Hay, Boethgen & Cia., do Rio de Janeiro.

Celeste Cavalcanti... Triste foi o fim dessa formosa pecadora! Do que se passou, porém, depois que o marido surpreendeu a sua confissão, nada podemos adiantar por ora, porque faz parte de outro romance, que não será propriamente continuação deste, mas que com ele tem grandes pontos de contato e relações muito íntimas, formando talvez um episódio à parte, tão interessante como o primeiro.

Resta-nos agora tratar do principal personagem; daquele que foi como o peão em torno do qual giraram todos os acontecimentos, e que por assim dizer os fez nascer e os dirigiu.

Desde que partiu para a Europa até hoje, eis aqui o quanto pudemos averiguar e o que garantimos ser verdade.

Jaime Favais, ao chegar a Portugal, tratou logo de descartar-se da mulher e fê-la recolher-se a Rilhafoles, de onde nunca mais deveria sair senão para o cemitério. Depois abandonando Lisboa sob o falso pretexto de que precisava distrair as mágoas imensas produzidas por aquele desgosto formidável, pôs-se a viajar.

Gastou três anos nesta excursão por quase toda a Europa. Alguns patrícios e alguns brasileiros o encontraram por último em Paris, levando uma vida pródiga e desbragada. Desbaratava às mãos cheias o dinheiro e era conviva obrigado de todos os bailes e reuniões do *demi-monde*.

Divertia-se então, divertia-se com furor, com frenesi. Dir-se-ia que queria achar no fundo das taças e com a última gota de *champagne*, o esquecimento do passado ou a tranquilidade do presente.

Fatigado, enfim, da vida dissoluta que levava; cômico de que a embriaguez dos vinhos e o excesso dos prazeres não dão o sossego do espírito, nem a paz da consciência, nem a felicidade real, mas apenas as aparências disso tudo, voltou para Pernambuco, onde o chamavam os seus negócios, mas onde o aguardava uma triste e cruel decepção.

João Favais, o sobrinho ambicioso e sócio obrigatório, havia, durante aqueles três anos de ausência gerido a sua casa comercial de tal forma que a maior parte da fortuna de Jaime tinha passado para as suas algibeiras. O negociante não podia reagir sob pena de ser vítima de alguma denúncia, e por isso não teve outro remédio senão resignar-se e continuar a ter no seu seio aquela víbora que por tanto tempo aquecera. Quem uma vez pratica um crime, forja os próprios laços que hão de atá-lo toda a vida.

Jaime Favais tinha mudado muito: envelhecera bastante e não podia absolutamente ocupar aquela casa da Rua Nova. Durante as noites, acontecia-lhe acordar sobressaltado como se houvessem soado ao pé de si gemidos lúgubres e abafados. Outras vezes parecia-lhe ver surgir ao seu lado o espectro esquelético e medonho de sua mulher, ou a figura branca e vaporosa de sua filha. Passava noites inteiras acordado, e às vezes se enfurecia contra si mesmo, por sentir-se fraco e impotente para reagir contra todas aquelas aberrações do seu espírito doente e sobretudo por ser obrigado a assistir impassível e humilde a demolição, antes a usurpação de sua fortuna pelo seu sobrinho.

Um dia, porém, reassumiu por um momento a violência do seu caráter e incendiou a casa da Rua Nova. Mudou-se depois para o Recife onde se estabeleceu de novo, mas com outro gênero de negócio. Parecia romper completamente com o passado.

Foi viver só e tornou-se uma espécie de misantropo. Se alguém lhe perguntava pela mulher e pela filha, respondia invariavelmente:

– Josefina... coitada! morreu! e Clotilde... essa casou-se em Portugal.

E ninguém punha em dúvida a sua palavra honrada e nunca desmentida. Ainda hoje existe este miserável e, não há muito tempo, figurava o seu verdadeiro nome entre os membros mais proeminentes da Sociedade Católica.

Acabou justamente onde devia acabar.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Expressão caída em desuso: mais ou menos. (4ª edição)
- <sup>2</sup> Era então chefe de polícia o Dr. Abílio José Tavares da Silva, que em agosto desse mesmo ano deixou a chefatura para assumir o lugar de Juiz de Direito de Olinda. (1ª edição)
- <sup>3</sup> Corvos: influência de leituras europeias. No Brasil não há corvos, mas urubus que são de outra família. As aves que no Brasil correspondem aos corvos são as gralhas. (4ª edição)
- <sup>4</sup> Nicolau Tolentino de Almeida, poeta satírico português contemporâneo de Bocage. (4ª edição)
- <sup>5</sup> Desusado: à boca pequena. (4ª edição)
- <sup>6</sup> Redação ambígua figurando na primeira e repetida na segunda edição do romance. (4ª edição)
- <sup>7</sup> Em 1930 a Prefeitura substituiu o nome do Barão da Vitória pelo de João Pessoa. Mas o povo continuava a chamar Rua Nova. Atendendo a uma recomendação do Instituto Arqueológico, Geográfico e Histórico de Pernambuco no sentido de serem restaurados os nomes das ruas e praças consagrados pelo povo, a Prefeitura da cidade do Recife fez voltar, posteriormente, em definitivo, a denominação de Rua Nova à velhíssima artéria recifense. (4ª edição)
- <sup>8</sup> Referência irônica aos bandos de marginais que, já nos fins do século passado, açoitavam a pacata população recifense. (4ª edição)
- <sup>9</sup> Sapatões de couro cru fabricados em Aracati, Ceará. (4ª edição)

[10](#) O viveiro do Muniz é a atual Praça Siqueira Campos. (2ª edição)

[11](#) Figura insignificante (*apud* Aurélio – v. p. 490, 1ª ed.). Paus é o naipe de menor valia, e dois de paus, a carta de menor valor do baralho. (4ª edição)

[12](#) O mesmo que “tenta vender seu peixe”, isto é, impingir o seu ponto de vista. (4ª edição)

[13](#) Alcoviteiro. (4ª edição)

[14](#) Prostitutas. Exemplo de influência francesa na linguagem popular do Recife do século passado. No caso, reminiscência de heroína de Dumas Filho: a “Dama das Camélias”. (4ª edição)

[15](#) Referência a Acates, amigo e companheiro fiel de Enéas (mitologia greco-latina). (4ª edição)

[16](#) \_Modernamente prevalece, por silepse de gênero, o masculino para a designação do rio pernambucano: Dois Unas. (4ª edição)

[17](#) Figura popular no Recife de outrora? Quem será esse misterioso Batista de que fala C. Vilela? O uso do artigo antes do nome próprio pressupõe uma intimidade com a figura que o romancista dá como conhecida dos seus leitores. (4ª edição)

[18](#) Bico de Bunsen, cuja chama é utilizada nos laboratórios para aquecer as substâncias submetidas a reações químicas. (4ª edição)

[19](#) O Jaboatão é hoje um dos rios mais poluídos de Pernambuco. É curioso descobri-lo, nesta página de Carneiro Vilela, servindo para os banhos matinais da burguesia pernambucana dos fins do século XIX. (4ª edição)

[20](#) Foi restaurado, em 1931, o nome da Rua da Concórdia. (2ª edição)

[21](#) Esse edifício foi demolido em 1910. Era onde está hoje a estátua de Nabuco. (2ª edição)

[22](#) Manifestação do anticlericalismo de Carneiro Vilela. Anticlericalismo, aliás, tão comum nos meios intelectuais recifenses dos fins do século XIX. Essas manifestações são numerosas ao longo de todo o romance e vale a pena lembrar aqui, que, vigoroso jornalista militante, Carneiro Vilela, embora antigo colega de escola de D. Vital, em nenhum momento, durante a Questão Religiosa, tomou da pena para defender o seu antigo condiscípulo. (4ª edição)

[23](#) *Sic* 1ª e 2ª edições. Estável? (4ª edição)

[24](#) Escravaria. (4ª edição)

[25](#) Famosa marca de canhões. (4ª edição)

[26](#) Bengala com o castão esculpido em forma de unicórnio. (4ª edição)

[27](#) “Apaixonado de concha” corresponderia à atual e ingênua expressão “apaixonado arriado”? Ou teria o sentido de “femeiro” ou de “dominado por obsessão sexual”? A assinalar que o termo “concha” tem, popularmente, um sentido chulo (vulva). (4ª edição)

[28](#) No momento exato. (4ª edição)

[29](#) Não se externa aí opinião alguma pessoal do autor, o que seria uma ofensa gratuita e falsa a uma família pernambucana, que merece muito respeito pelos serviços prestados ao país e pelos

homens eminentes que a representam e têm representado. (4ª edição)

Esta frase é apenas a opinião de uma baiana de mau proceder e despeitada por uma falsa orientação. (Nota de 1ª edição). (4ª edição)

<sup>30</sup>Mário Sette, em *Arruar*, se refere à Pedra da Tartaruga, no capítulo dedicado ao Porto do Recife. Ao que tudo indica, foi destruída durante os trabalhos de melhoria do porto realizados nos princípios do século passado, quando foram dinamitadas várias pedras que impediam a passagem dos grandes navios das linhas internacionais.(4ª edição)

*Projeto gráfico e capa*

Luiz Arrais

*Imagem da capa*

SXC

*Adaptação Digital*

Rodolfo Galvão

*Revisão*

Maria Lúcia Teixeira de Melo

**Companhia Editora de Pernambuco - outubro de 2013.**

**CePe**  
EDITORA

[editora.cepe.com.br](http://editora.cepe.com.br)